

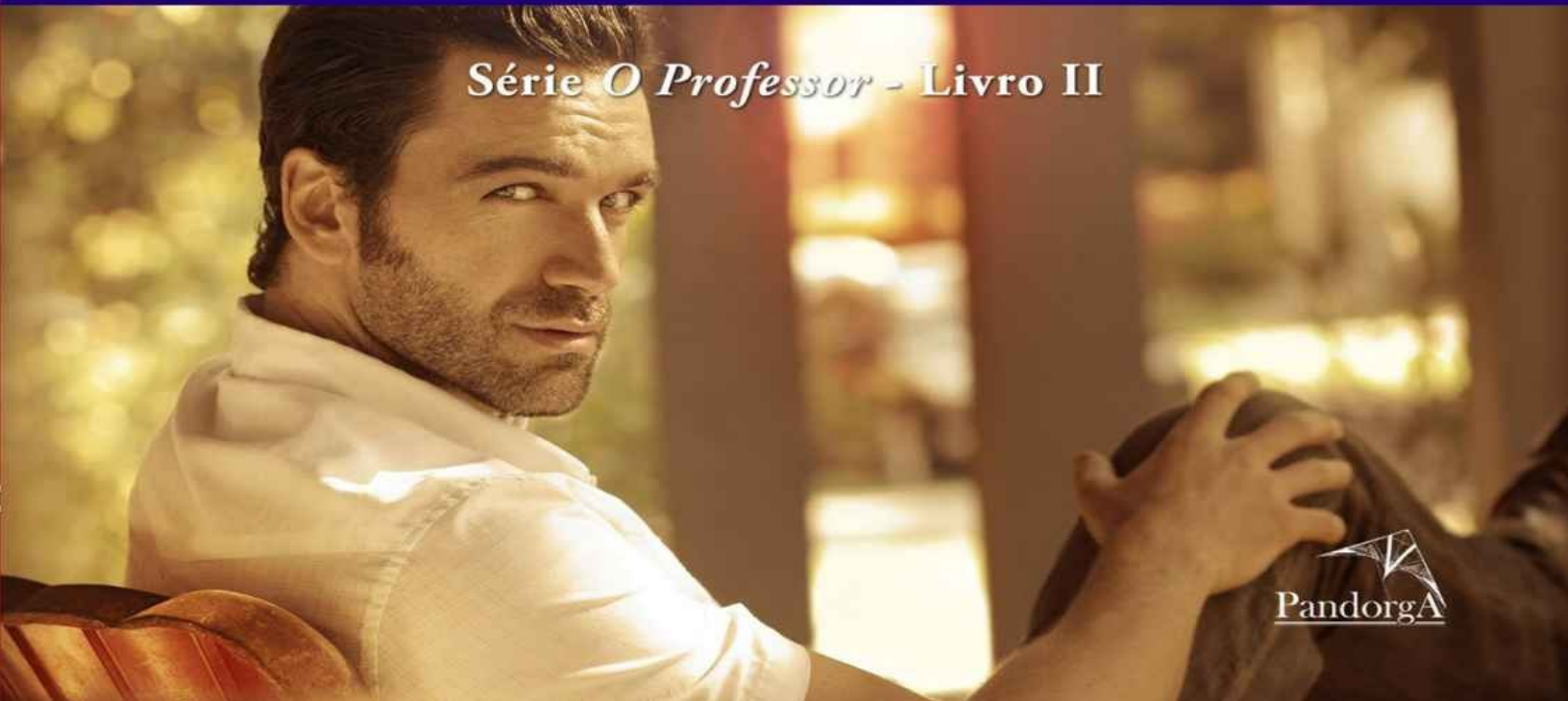


Tatiana Amaral

Autora best-seller da Trilogia “*Função CEO*”

o Professor

As aulas continuam!



Série *O Professor* - Livro II

PandorgA



O professor

As aulas continuam

Livro II

Como não reagir àquela garota? Como não amá-la? Como não desejar a sua inocência ousada? Seu fogo incansável, sua forma única de ser, tão apaixonante e irritante que fazia com que ela fosse ímpar.

Alex Frankli

CAPÍTULO 1

“Quem tem mais culpa? O tentado ou o tentador?”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Andávamos pela mata. A garoa fina ainda descia naquele início de manhã. Alex cuidadosamente me conduzia com uma mão e com a outra, o seu cavalo. O chão encharcado chiava a cada passo, nos lembrando do temporal da noite anterior, assim como os galhos caídos pelo caminho. Um caos do lado de fora e muita tranquilidade do lado de dentro.

A fraca luminosidade me ajudava a enxergar melhor, já que meus óculos estavam em algum lugar daquela mata, perdidos para toda a eternidade. Ajudava não ter luz forte, mas, mesmo assim, era complicado distinguir com nitidez, e eu precisava apertar os olhos se quisesse identificar qualquer figura com mais de dois metros de distância.

Eu não conseguia tirar o largo sorriso do rosto e, aproveitando que “meu noivo” estava de costas, me deixei levar pelas lembranças. Alex era perfeito. Não. Perfeito é pouco para descrever um homem como ele. Alex era inacreditável! E foi tudo tão fantástico que toda hora precisava me convencer de que não era um sonho, que eu não acordaria e me daria conta de que a tempestade continuava.

Quando, em minha sem graça e pacata vida, eu poderia imaginar que me envolveria com um homem como Alex Frankli? Nunca passou pela minha cabeça me jogar sem limites nessa loucura toda e ainda por cima terminar noiva do homem mais incrível que já conheci, na vida e nos sonhos. Sim. Porque nem nos romances que li, e tampouco nas histórias que me arrisquei a escrever, nenhum dos personagens chegava sequer perto dele.

Alex era... algo impossível de descrever!

– Você está bem? – revirei os olhos.

Ele já tinha feito a mesma pergunta quatro vezes desde que descobriu que nossa deliciosa aventura da noite anterior tinha deixado algumas sequelas. Não muito grandes ou graves, na verdade eu imagino que normais para uma primeira noite de prazer intenso.

O que ele queria? Eu era virgem e, apesar disso, sobrevivi a quatro *rounds* de uma luta. Ok. Estava toda orgulhosa de mim e do meu noivo. Merecíamos uma rodada de palmas pelo nosso desempenho, que

não deixava nada a desejar, assim acreditei. O fato foi que fiquei com assaduras e ele descobriu quando tentou me fazer cavalgar.

No cavalo, claro!

– Estou ótima, Alex! Com certeza aguento mais uma rodada – ele sorriu e voltou a olhar para frente, mordendo o lábio como se quisesse esconder o orgulho. – Pare de sorrir como se eu fosse uma aberração. Não tenho culpa se foi muito bom. Maravilhoso! Você poderia ser menos perfeito, facilitaria um pouco.

– Não estou rindo porque você é uma aberração. Na verdade, já esperava por esta reação, Charlotte.

– Sério? – estanquei chocada. Como assim ele já esperava?

– O que você queria? Um belo dia estava eu vivendo tranquilamente a minha vida quando recebo uma proposta indecorosa para te ensinar a fazer sexo. Desde a primeira aula eu tive a certeza de que você seria fogo puro – continuou sorrindo, e eu, mesmo indignada, me derreti por aquele sorriso preguiçoso, torto, cheio de malícia.

Lindo!

– Então por que demorou tanto a se decidir?

Alex se voltou e me puxou para seus braços. Imediatamente meu corpo correspondeu, tanto para o lado bom quanto para o ruim, pois à mínima lembrança e desejo de darmos seguimento aos nossos anseios, também alertava que não estava em meu perfeito estado.

Pensei que meu professor me beijaria, que aproveitaria os minutos que ainda tínhamos escondidos de todos para abusar um pouco mais de mim. Pensei que o chão molhado não faria diferença, ou que o simples fato de estarmos protegidos pelas árvores seria um incentivo impossível de ser ignorado, porém ele apenas acariciou meu rosto. Seus olhos, de um azul profundo, que sugavam tudo o que queriam de mim, atentos aos meus; aquele sorriso que parecia colado no rosto, pois nunca se desfazia, me deslumbrando cada vez mais; os dedos quentes, calmos, percorrendo minha pele enquanto arrumavam meu cabelo para trás da orelha...

Ele me admirou com devoção e eu fiquei ainda mais encantada.

– Não sei – sussurrou muito próximo, sem tirar os dedos do meu rosto. – Hoje estou convicto de que deveria ter deixado acontecer, mas, como dizem por aí: tudo tem o seu tempo e lugar.

– E foi perfeito! – demonstrei minha empolgação envolvendo seu pescoço com meus braços procurando seus lábios. Alex riu e me beijou com doçura. Não foi o que eu esperava, embora tivesse sido bom.

– Realmente. Foi perfeito, apesar de tudo.

Acariciou meus cabelos e minha testa franzida por não entender o seu “apesar de tudo”. Como assim “apesar de tudo”? Foi incrível! Nada nos impediu, eu gostei, foi bem além do que eu esperava para a minha primeira vez. Se ele estava se referindo aos problemas com Tiffany e Anita, na minha cabeça, aquilo já estava muito bem resolvido. Por outro lado, se ele se referia à sua situação profissional, ainda tínhamos muito o que conversar.

– Eu fiquei desesperado quando voltei para casa e descobri que você estava perdida no meio daquela tempestade.

– Eu não estava perdida... – seu indicador me calou. Alex ficou sério, encarando-me com intensidade e eu pude ver o terror que sentiu ao pensar que algo de ruim poderia ter acontecido comigo. Engoli em seco.

– Você estava sozinha no meio de uma tempestade. Eu nunca conseguiria simplesmente sentar e aguardar. Você tem ideia do que foi para mim? Consegue ter alguma noção do tamanho do meu desespero? E se algo tivesse acontecido? Havia raios caindo por todos os lados, o rio transbordou e a força das suas águas varria tudo o que encontrava pela frente, sem contar que as árvores caíram. Você pode pegar uma gripe, até mesmo uma pneumonia – ele se calou, analisando-me com mais urgência.

Alex demonstrava angústia quando relembrava as dificuldades enfrentadas para me resgatar. Foi exatamente por medo daquele tipo de reação que não contei sobre as horas que caminhei na escuridão porque aquele... aquele animal, que ele conduzia como se fosse a criatura mais doce do mundo, se recusou a me carregar e, ainda por cima, abandonou-me no meio do nada, à mercê de toda aquela chuva, raios e trovões.

Quando Alex chegou, eu não quis dar a ele o gostinho da vitória. Estava muito magoada, na

verdade, apavorada, e vê-lo me deixou tão feliz que quase pulei sobre o meu professor, chorando. Graças a Deus consegui me conter. Também não disse nada sobre a dor em minha bunda por causa da queda que aquele animal me fez levar. Com certeza eu estava com um puta hematoma que ele só não percebeu por causa da pouca luz e porque pela manhã dei um jeitinho de esconder.

– Eu não estava em perigo – rebati para evitar que ele ficasse ainda mais angustiado. – Já te disse, consegui achar a casa muito rápido e me protegi. Não precisava ter colocado sua vida em risco. Agora é você que está machucado, ou pensa que não vi o hematoma imenso em suas costas? E os arranhões?

– Eu quase morri afogado – fez um biquinho digno de atenção. Estreitei os olhos e segurei o riso. Alex estava se aproveitando da minha preocupação.

– Coitadinho! – levei a mão ao rosto, lembrando-me imediatamente de que os óculos não estavam lá.

– Quase fui eletrocutado – continuou com a carinha de menino pidão.

– Oh, Deus! Sério? – fui entrando em seu jogo.

– Hum, hum! – ele me olhava atentamente ainda representando o menino perdido. – Também quase fui atropelado pelo meu próprio cavalo, sem contar a queda na frente da cabana e que você não deu a menor importância. Por isso os hematomas.

– E o ferimento em seu ombro? – Mantive a voz preocupada, atenta ao homem que se fazia de menino só para ganhar a minha atenção.

– Foi quando eu quase fui levado pelo rio – olhou para os lados parecendo uma criança inocente. Tive vontade de rir, mas me mantive firme na brincadeira.

– Tudo isso só para conseguir comer a sua aluna? Poxa! Estou orgulhosa! Você é um homem determinado.

Alex me encarou, a princípio surpreso, depois riu alto, jogando a cabeça para trás, deixando-me ainda mais deslumbrada.

– Bem, não estava em meus planos, quer dizer... estava, só que não exatamente do jeito que aconteceu. No fim, foi ainda melhor do que o planejado – voltou a me puxar para perto. Estava mais leve, realizado. Acariciei seu peitoral e deixei que meus braços descansassem em seus ombros.

– Não sei o que você pretendia, porém não troco a minha primeira vez por nada nesse mundo – e beijei seus lábios em um beijo rápido e carinhoso. Alex sorriu com olhos brilhantes e apaixonados, daquele jeito que me fazia esquecer como respirar.

Ah! Alex é tão... Alex!

– É melhor continuarmos antes que seu pai consiga mobilizar o exército.

Meu pai! Imediatamente fiquei tensa. Como ele reagiria? Nós contaríamos? Tornaríamos nosso noivado público ou esconderíamos até bolarmos um plano mirabolante? Puta que pariu, eu já estava tensa! Só de imaginar o tamanho da cena que meu pai protagonizaria era o suficiente para me fazer esquecer qualquer lembrança do que tínhamos feito.

Merda!

Peter mataria Alex. Não. Peter me colocaria em um convento, depois me deserdaria e... Não, mais do que isso: primeiro ele gritaria, depois me colocaria de castigo até o fim dos tempos, em seguida me mandaria para um convento localizado no meio de uma ilha deserta, que ninguém conseguiria chegar sem a ajuda de um GPS... e depois mataria Alex, para mostrar quanto as regras dele deveriam ser seguidas com rigor. Que droga! Eu já tinha vinte e um anos, estava praticamente formada e poderia fazer o que bem quisesse da minha vida. Sim, isso se eu quisesse realmente causar um ataque cardíaco no meu pai, cujo coração pertencia ao século dezoito.

O que fazer?

Primeiro eu precisava, a qualquer custo, mantê-lo longe de Alex. Não podia perder o meu noivo antes mesmo de oficializarmos nosso compromisso. E muito menos depois de tudo o que ele havia feito comigo na noite anterior. Se a primeira vez fora tão intensa eu não poderia sequer imaginar as seguintes. Um milhão de formigas marcharam pelo meu corpo, causando comichão e ardor, afinal de contas não dava para ignorar as consequências das nossas travessuras.

Avesso aos meus pensamentos desorientados, repletos de planos que estavam fadados ao fracasso, Alex continuou caminhando, segurando firme a minha mão e conduzindo o cavalo. Estava relaxado, até acrescentaria... feliz, realizado... e eu, apesar dos meus temores e angústias, estava no paraíso, em êxtase. Todo o meu mundo se resumia àquele homem incrível que me segurava pela mão.

Por ele eu enfrentaria o mundo.

– Como você vai fazer... isso... Quer dizer... o casamento.

Um certo incômodo me acompanhava desde que iniciamos aquele assunto, e eu nem fazia ideia do motivo. Tudo bem que casamento nunca fez parte dos meus planos. Não porque tivesse problemas quanto a isso e sim porque me sentia muito jovem ainda para sequer pensar em viver com alguém. Se bem que com Alex... Sim, eu poderia passar uma eternidade ao seu lado.

Mas não tão rápido. Não sem antes viver tudo o que eu pretendia viver com ele.

– Primeiro terei que falar com seu pai, apenas para seguir a tradição. Você aceitou, então nós vamos nos casar com ou sem o consentimento dele – parei chocada. Alex interrompeu seus passos para virar em minha direção me encarando. – Ele vai concordar. Não se preocupe.

– Mas...

– Eu conto que tirei sua virgindade, aí será ele quem irá me obrigar a casar – sorriu cinicamente.

Os olhos azuis profundos me encarando cheios de promessas. Alex realmente flertava com o perigo.

– Alex!

– Estou brincando. Não quero ser responsável pela morte do seu pai. Este será meu último argumento, caso ele invente um monte de obstáculos para me impedir de ficar com você.

– Dá para parar? Deixe que eu converso com ele. Vai ser melhor do que deixar vocês fazerem uma competição para decidir qual dos dois é o mais macho – ele riu novamente sem dar a devida importância às minhas palavras.

– Não estou competindo com ninguém. Mesmo porque já sei que serei o vencedor – dei um tapa em seu braço bom e ele riu ainda mais.

– Peter vai enlouquecer.

– Peter tem que entender que você já é maior de idade, é madura e pode perfeitamente escolher com quem vai namorar. Não vejo o porquê de isso ser um problema. Nossas famílias estão agindo como se fossem uma só. Miranda e Patrício estão namorando e ninguém se colocou entre eles e eu já deixei bem claro para seus pais que sou uma pessoa responsável.

– Ah, claro! Com duas mulheres disputando a sua cama descaradamente. Anita e Tiffany não

fizeram questão de esconder o que queriam de você e todos naquela casa imaginam que seja um devasso – ele estreitou os olhos e sua boca ficou levemente aberta.

– Eu? Um devasso? Sua mãe certamente não pensa assim – sem largar minha mão, voltou a caminhar, conduzindo-me de volta à casa.

– Minha mãe?

– Sim. Ela já me deu a sua bênção – e eu notei um sorriso presunçoso se abrindo preguiçosamente em seus lábios.

– Minha mãe o quê?

– Ela me abraçou, disse que você me amava e que confiava em mim para salvá-la – falou debochadamente. – Viu? Até sua mãe confia em mim para ser o seu namorado.

– Você não entende – ri sem vontade. – E não acho que o meu pai não vá aceitar, apenas acredito que ele vai enlouquecer antes. Vai dar o maior de todos os espetáculos. Vamos combinar que ele pode ter um ataque cardíaco, e é justamente o que eu quero evitar.

– Peter é um homem forte, não corremos este risco.

– Não se você esconder dele o fato de eu não ser mais virgem, ele pode aguentar – ele me olhou de soslaio. – E já aviso que o máximo que vamos conseguir é um namoro do século quinze.

– Pensei que ele fosse do século dezoito – ele rebateu rindo.

– Mas os costumes são de muito antes. Vamos namorar sempre sob a supervisão de alguém, pegar na mão vai ser um grande avanço, beijos só escondido e transar... – neguei com a cabeça. Alex mordeu o lábio sem interromper a caminhada.

– Eu não acredito que será dessa maneira, até porque nós conseguimos muito mais do que isso antes. E seu pai vai confiar em mim, pode deixar comigo.

– Estou deixando – mentira, eu não estava. Daria um jeito de estar entre eles para evitar um confronto. – Mas não conte que...

– Eu sei exatamente o que fazer, Charlotte – ele me interrompeu falando bruscamente. – O rio ainda está muito cheio – Alex estava preocupado. Atravessar o rio naquelas circunstâncias seria uma grande e arriscada aventura.

– E agora?

– Acho melhor você montar e eu conduzo vocês dois.

– Não vou montar nesse... não vou montar em seu cavalo. Ainda estou dolorida – suavizei um pouco a voz para que ele não desconfiasse da minha antipatia pelo animal.

– Charlotte, eu consigo atravessar. A água não está nem com metade da força de ontem. Já você, não tenho certeza se irá conseguir.

– Posso tentar. Você segura minha mão – ele respirou fundo e, olhando para a água, concordou.

– Tudo bem, mas devo avisar que não será nada agradável. Nesta época do ano a água fica gelada.

– Você consegue mesmo com todos os seus machucados? – ele revirou os olhos desdenhando da minha preocupação.

– Isso não é nada. Nem lembro que estão aí. Vamos, quanto antes começarmos, mais rápido terminaremos. Segure firme em minha mão e tente fazer o mesmo caminho que eu, pisando onde eu pisar.

– Entendido, professor.

Ele me encarou e deu um sorriso leve, depois depositou um beijo casto em meus lábios, para logo em seguida iniciar a nossa travessia.

Começamos a entrar e... argh! Estava gelada demais. Insuportavelmente gelada. Estremeci e Alex percebeu. Claro que ele perceberia. Sem contar que a correnteza estava mesmo muito forte. Batia na lateral das nossas pernas, que pareciam querer ceder a cada investida. Era realmente uma luta. Cada passo tinha que ser muito bem calculado. Quando a água já estava nas minhas coxas eu comecei a tremer e bater o queixo.

Era insuportável.

– Tudo bem, Charlotte. Suba em minhas costas. O seu peso vai me ajudar a ficar mais estável.

Ele parou um pouco, já me posicionando para subir. Aceitei sem questionar, mesmo sabendo dos seus ferimentos. Muito melhor as costas de Alex do que no lombo daquele animal falso e dissimulado. Era incrível como ele fingia ser bem-comportado perto do dono.

Agarrei-me às suas costas e ele continuou a caminhar, com mais cuidado. Livre da água e sentindo sua mão em minha perna, toda a minha atenção foi desviada. Deitei o rosto em seu pescoço e inspirei

aquele aroma fantástico que só Alex conseguia ter. Ele, sutilmente, inclinou a cabeça em minha direção, aceitando o carinho. A garoa molhava o seu rosto.

– Onde estão os seus óculos? – ele perguntou e imediatamente me lembrei da armação perdida em algum lugar entre as árvores. Não tive como evitar levar a mão ao rosto para conferir.

– Perdi ontem.

– Perdeu? Como assim perdeu?

– Ah... – o que eu poderia dizer? O seu precioso cavalo me derrubou e depois eu tive que correr no meio do nada na completa escuridão? – Acho que quando começou a chover muito forte ele escorregou enquanto eu cavalgava. Vou providenciar outro assim que conseguir voltar para casa.

– E vai ficar sem enxergar até lá?

– Uso as lentes. Não gosto muito, mas na falta dos óculos... – dei de ombros e senti uma pontada aguda. Meu pai enlouqueceria quando visse os meus machucados. Era melhor desviar a atenção daquele assunto. – Podemos voltar à cabana um dia?

– Quantas vezes você quiser.

– Podemos passar nossa lua de mel aqui? – ele riu.

– Eu tinha pensado em um lugar especial, Paris por exemplo.

– Você sempre pensa em tudo? Já fui muitas vezes a Paris. Aquela cabana é o lugar mais especial do mundo.

– Tem razão. É que eu penso em tantas coisas para nós dois... viajar, conhecer lugares, revisitar. Fazer amor em vários outros... – não resisti, beijei seu pescoço e corri minha mão por seu peito com paixão. – Assim eu não vou conseguir continuar e nós estamos indo bem até demais, então não vamos abusar da sorte.

Naquele momento ouvimos o barulho de motores. Agucei a vista e logo à frente pude enxergar um jipe, uma moto e alguém a cavalo. Caramba!

– O reforço chegou – dava para perceber a sua falta de entusiasmo.

Com certeza estava tão apreensivo quanto eu. Não sabíamos como agir. O que fazer primeiro? Não podíamos simplesmente anunciar que estávamos juntos. Podíamos? Não. Era necessário passar por um

obstáculo terrivelmente perigoso: meu pai.

Continuamos andando. Ele com passos firmes e cautelosos comigo em suas costas, agora sem me deitar em seu pescoço ou acariciar seu peito. Estava mais para uma mochila.

Patético.

Alcançamos o outro lado, sãos e salvos, quase que no mesmo instante em que eles. João Pedro e Patrício estavam no Jipe, Johnny na moto e meu pai, como não poderia deixar de ser, a cavalo, como um rei procurando sua linda princesa. Não pude deixar de rir. Meu pai era uma figura.

Peter, apesar de toda aquela história sobre virgindade, de querer escolher o meu marido e tudo mais, é a pessoa mais incrível que eu conheço. Um homem de honra, que cresceu com seu próprio esforço, sem nunca ter prejudicado ninguém. Ele é uma pessoa boa. Por detrás daquela máscara de austeridade, existe um homem bom que se preocupa em proporcionar condições dignas de saúde para quem não tem como pagar. Eu me orgulhava muito dele.

Alex parou, ajudou-me a descer e me manteve do seu lado com a mão em minha cintura. Ele não recuou, nem se intimidou sob o olhar atento do meu pai, que aliás, imediatamente percebeu este detalhe. Alex permaneceu ali, deixando clara a sua escolha, a sua posição a respeito do nosso relacionamento, e isso, mesmo me fazendo temer, encheu-me de orgulho.

Ali, sendo analisada detalhadamente por todos, tendo que aceitar os sorrisos sorrateiros, os olhares estreitos que não tornavam nada delicada a nossa situação, eu corei de uma maneira que nunca achei possível, sentindo minha pele esquentar e queimar. Johnny sorriu cúmplice, deixando claro que tinha entendido tudo: eu não era mais virgem.

Porra, eu não era mais virgem! Tive vontade de fazer a dancinha da vitória, mas me contive.

Por que aquilo me deixava tão envergonhada? Todo mundo ali sabia que eu era virgem e que tinha envolvido Alex num plano absurdo e maluco para deixar de ser. Tudo bem que meu pai não sabia, mas os outros, de uma forma ou de outra, acabaram sendo envolvidos pela situação. Então qual o motivo de tanta vergonha? O fato era que eu estava incrivelmente constrangida. Apesar de absurdamente feliz!

– Charlotte, que bom encontrar você inteira sem nenhum pedaço faltando! – Johnny me agarrou, puxando-me para longe de Alex. Tive tempo de perceber seu gesto de reprovação, mas permiti que meu

amigo roubasse a atenção. – Será que está inteira mesmo? Deixe-me observar melhor.

– Idiota! – dei um tapa em seu braço, rindo da sua insinuação.

– Sério, estou feliz por você – a voz baixa e os olhos brilhantes demonstravam a sua real motivação para tanta felicidade.

Não sei por que ele e Miranda estavam tão preocupados com este detalhe. Ser virgem era algo tão assustador a ponto de as pessoas comemorarem só porque deixei de ser?

– Ah, claro! – revirei os olhos. – Vai dizer que não ficou nem um pouco decepcionado por perder a chance de receber a minha herança? – sorriu amplamente, revelando a fileira de dentes perfeitos.

– Esta parte é verdade, mas, ainda assim, é melhor ter você de volta do que aguentar os lamentos do padrinho.

– Posso pegar a minha filha? – meu pai estava logo atrás de mim. – Lottie! – apertou-me em seus braços com força. Dava para sentir o desespero contido. Ah, pai! – Fiquei tão preocupado! Nunca mais faça isso, mocinha! Sua mãe está muito nervosa e não vai sossegar enquanto não colocar os olhos em você – ele lutava contra os olhos marejados.

– Eu estou bem, pai – não pude evitar que meus olhos ficassem úmidos.

– Eu sempre disse a sua mãe que ela te mimava demais – respirei fundo me preparando para o discurso de sempre. – Se ela não fizesse todas as suas vontades, você jamais teria se colocado em risco como fez ontem.

– Eu não estava em risco. Saí para montar, não imaginei que a chuva chegaria com tanta força, nem tão rápido.

– Montar?

– Você sabe que eu adoro cavalos, pai – rebati cansada. Eu não queria ter aquela conversa. Não naquele momento.

– E se embrenhou na floresta mesmo com a ameaça de uma tempestade? Isso foi...

– Pai! – ouvi o risinho abafado que provavelmente partia do Patrício. E eu ainda teria que aguentar aquilo.

– Tá!

Ele respirou fundo, com as mãos em meus ombros. Impedi um gemido de dor por causa da pressão que ele fazia sobre um hematoma que provavelmente me daria trabalho. Seus olhos correram meu corpo em uma análise rápida, típica de médico e pai, os dois misturados em uma figura só.

– Está frio e você molhada. Como foi a noite? Choveu muito. Eu mesmo teria ido, mas Alex... – seus olhos correram para meu namorado e meu coração descompassou.

– Eu estou bem! Ótima! Alex me encontrou na hora certa. Conseguimos acender a lareira e... – suspirei pensando em como tudo deu certo.

– Ela está bem, Peter – meu namorado se aproximou.

Olhei para trás e vi aquele homem seguro, forte e decidido que eu conhecia. Era possível me apaixonar ainda mais por ele? Apesar de o meu pai ter assumido sua postura intimidante habitual, Alex não recuou. Apertaram as mãos sem desviar o olhar.

Ok! Aquilo era mesmo muito estranho.

– Estou vendo – meu pai não largou a mão do meu professor ao falar. Seus olhos astutos liam nas entrelinhas o que havia acontecido.

– Vamos voltar. Vocês devem estar cansados, está muito frio, sem contar que as mulheres estão quase botando um ovo – João Pedro se aproximou e foi repreendido pelo olhar de Alex.

Que história era aquela de botar ovo? Meu Deus! João era muito debochado. Pelo menos serviu para desviar a atenção do meu pai.

– Vamos! – Patrício se intrometeu tentando conter um risinho do tipo “eu sei o que vocês fizeram na noite passada”. Minha vontade era de esmurrá-lo. – Vocês devem estar com fome. Eu estou. Graças a Deus não precisamos ir até a cabana, derrubar a porta, pegá-los de surpresa...

Patrício piscou contendo um riso. Porra, eu queria poder matá-lo! Meu pai voltou a olhar Alex daquele jeito que ele fazia quando deixava claro que me castigaria por quebrar alguma regra.

Merda, e eu quebrei a mais importante de todas!

– Certo. Vá no jipe com eles, filha. Estarei logo atrás, levando os cavalos com Alex.

Puta que pariu! Eu conhecia aquele tom muito bem. Precisava evitar o tal confronto. Alex, mesmo assim, não recuou. Se ele voltasse atrás, eu entenderia. Entenderia até se ele montasse naquele cavalo

dissimulado e fugisse para bem longe. Mas ele não fez isso. Apenas ficou e encarou o meu pai.

E não é que príncipes encantados existem mesmo?

– Eu posso montar, pai – Alex estreitou os olhos em minha direção. Ok! Eu não podia montar sem sentir dor, mas, como era por uma boa causa, então tentaria. – Por que o senhor não vai no jipe e me deixa levar os cavalos com Alex? Seria mais confortável – pela minha visão periférica percebi que Johnny abriu um imenso sorriso e balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Você vai no jipe onde estará segura. Eu chegarei logo em seguida.

Putaquepariu um milhão de vezes!

– Mas, pai...

– Charlotte! Tudo bem, vá no jipe. Faça o que seu pai está pedindo.

Alex interferiu me deixando ainda mais irritada. Como se não bastasse o meu pai decidir sobre a minha vida, eu arranjei um namorado mais do que mandão.

Infelizmente, não havia como argumentar. Com Alex e meu pai me dando ordens ao mesmo tempo, o melhor a fazer era me afastar e deixar as coisas acontecerem. Entrei no carro recebendo um olhar de conforto do João e um afago do Patrício. Só fizeram com que eu me sentisse ainda mais criança. O que eles estavam pensando? Eu não era mais uma menininha. Eu nem era mais virgem.

Foi impossível não sorrir.

CAPÍTULO 2

“Os velhos desconfiam da juventude porque foram jovens.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Ainda estava atordoado quando Charlotte entrou no jipe e partiu. Johnny hesitou, e Peter o dispensou apenas com um olhar. O clima ficou tenso imediatamente. Eu nem sabia como começar a conversa. Porém não demonstrei fraqueza nem fiquei intimidado. Sabia o que queria e não abriria mão. Não voltaria atrás.

O que ele queria? Charlotte era maior de idade. Ele não podia impedir que ela encontrasse alguém por quem sentisse interesse. Aliás, era até anormal ela nunca ter se apaixonado, nunca ter se aventurado em um namoro escondido na escola ou qualquer coisa do tipo. Por isso foi justificável ela ter ficado tão louca quando começamos nossas... aulas.

Que droga! Ele jamais desconfiaria de como foi o início desse relacionamento. Se Peter imaginasse que começamos com aulas de sexo em que eu fiz o que quis com a filha dele, nunca mais permitiria que eu chegasse perto dela outra vez.

Engoli em seco e fiquei aguardando.

Peter não montou como achei que faria. Ele segurou as rédeas e começou a caminhar. Como fez com Johnny, apenas me olhou indicando que deveria acompanhá-lo. Caminhei ao seu lado em silêncio e cada vez mais tenso. Ele permanecia calado. Só olhava para frente e andava a passos lentos. Foram os dez minutos mais longos de toda a minha vida, ouvindo apenas o chiado das suas botas na grama molhada e sentindo a fria chuva fina que continuava caindo.

– Eu a amo, Peter – falei de uma vez só.

Não dava para manter aquele silêncio, nem ficar aguardando a iniciativa dele. Se era para dizer, então que começasse logo. E a melhor forma de fazê-lo entender que eu não desistiria era revelando o que eu sentia. Mesmo assim, receoso sobre a reação dele, deixei que Peter passasse a minha frente e fiquei um passo atrás, preparado para qualquer coisa.

Para minha surpresa, ele não explodiu, não se fez de ofendido, nem mesmo parecia que estava tendo um ataque cardíaco. Apenas sorriu e parou para me olhar. Aqueles olhos de um azul tão claro

quanto os de Charlotte, cheios de interesse e sabedoria, tal como a filha. Ele me avaliou e continuou sorrindo.

– Disso eu já sei – por que ele estava tão relaxado? Eu não me aguentava de nervoso. Preparado para uma batalha. Armado. Pronto. E ele simplesmente reagiu naturalmente.

– Ótimo! – olhei para a frente sem saber como interpretar sua atitude. – Então deve saber que ela me ama também, e que queremos continuar juntos – tentei fazer com que minhas palavras não saíssem como um desafio, como se o estivesse desrespeitando. – Charlotte é adulta, e madura – ele riu desfazendo desta última parte.

Tudo bem que eu também não tinha esta certeza, mas ver o pai da minha namorada deixar claro que maturidade passava longe dela me assustava um pouco.

– Sabe, Alex? – ele começou ainda andando e encarando a paisagem. – Eu sempre fui um pai muito rígido. Acredito que uma família com regras e hierarquia tenha mais chances de sucesso do que estas famílias modernas, em que os filhos fazem tudo e os pais não possuem voz ativa – fez uma pausa, na certa imaginando que eu rebateria, como não o fiz, ele continuou. – As circunstâncias da vida me fizeram estar sempre longe e ausente na maioria do tempo, e pelos mesmos motivos, Mary passou a me acompanhar, deixando três crianças a cargo de empregados, o que você deve concordar que é algo extremamente arriscado, por isso eu tive que ser cada vez mais duro em relação às minhas regras.

Outra vez fez uma pausa. Preferi não falar nada. Quem era eu para questionar qualquer atitude dele como pai? Mesmo achando que suas regras tão rígidas de nada serviram para Miranda e, pelo visto, nem para Johnny. Apenas Charlotte parecia levá-las a sério, pelo menos até antes de começarmos com as aulas.

– É lógico que eu nunca acreditei que eles seguiriam. Miranda é a maior prova disso, apesar de sempre tentar esconder de mim a verdade. E Johnny eu já imaginava, afinal de contas ele é homem, por isso fiz questão de que ficassem em casas separadas, desse modo as meninas não estariam tão envolvidas nos arranjos dele. Agora Charlotte... – puxou o ar enchendo os pulmões. – Charlotte foi uma caixinha de surpresas. Espero que você me compreenda, Alex. Charlotte é minha única filha. Eu sonhei para ela um futuro brilhante. Sacrifiquei a minha vida para que tivesse tudo o que sonhava. Pode não parecer, mas eu,

mesmo contrariado, fiz e continuo fazendo tudo para que ela se realize. Não vou me opor à escolha dela. Apesar de tudo, nunca fiz isso. Ela é como a mãe: sonhadora, porém decidida. Vira o mundo de cabeça para baixo se preciso para conseguir o que quer.

Sorri. Aquela era realmente a Charlotte que eu conhecia. A garota determinada que me cercou totalmente e não me deixou a menor chance de escapar. A mulher da minha vida!

– Você deve conhecer muito bem o gênio dela. É impossível e determinada. Eu confesso que a cada volta para casa eu ficava ainda mais apreensivo. Charlotte nunca fez o estilo que aceitava ser comandada, então, cada vez que abria a porta de casa, esperava encontrar uma garota revoltada, cabelos pintados, maquiagem pesada, roupas esquisitas e rasgadas, sem contar as argolas por todo o corpo – fez uma careta engraçada e eu tive que rir. – Mas não. Ela estava lá. Cada vez mais linda. Um anjo! Comportada, apesar da língua afiada. Nunca se rebelou, exceto quando decidiu ser escritora – outra careta, desta vez ele mesmo riu. – Colocou na cabeça que queria ser escritora. Pode até não parecer, mas eu nunca fui contra. Queria que ela fosse médica, ou administradora, você sabe... os hospitais... Johnny vai cuidar de tudo e isso me deixa mais feliz. Eu quero que ela realize todos os seus sonhos.

– Eu te entendo.

– Nunca imaginei que seria assim – olhou-me por alguns segundos, depois voltou a olhar para frente. – Pensei que quando ela despertasse para o namoro, essas coisas de hormônio... – mais uma careta engraçada e eu me vi rindo, relaxado com aquela conversa. – Pensei que ela me apresentaria um louco, um cara meio alternativo, alguém que estivesse totalmente fora dos meus padrões. Também cheguei a imaginar um desses garotos superinteligentes, como o que apareceu lá no restaurante naquele dia.

Merda! Ele preferia o Henrique. O idiota do Henrique.

– Eu quero que ela tenha o namorado da sua escolha, o que não significa que vou facilitar. Minha filha pode se apaixonar quantas vezes quiser, no entanto, o homem que ficar com ela terá que merecê-la. Precisaré provar sua capacidade de cuidar dela quando eu não estiver mais presente. Espero que compreenda. Um dia você será pai e não poderá colocar sua cabeça no travesseiro e dormir sossegado à noite sabendo que sua filha pode sofrer, ser magoada e ferida. Eu não consigo conviver com esse pensamento.

– Entendo perfeitamente – afirmei apreensivo. Como eu poderia prometer tudo aquilo? Como poderia saber o que a vida reservava para nós dois?

– Vocês passaram a noite juntos.

Engolir passou a ficar mais complicado. Eu nem conseguia mais fixar meus olhos nele. Rapidamente a conversa tranquila tornou-se tensa e eu me senti um garotinho conversando com o pai da sua primeira namorada.

– Foi necessário, não havia outra alternativa... – porra! Por que eu estava tão tenso e inseguro?

– Sim. Eu sei. De qualquer maneira...

– Nós vamos nos casar... quer dizer... eu quero me casar com ela... Eu a pedi em casamento... – puta que pariu! Estava ficando cada vez mais difícil. – Com o seu consentimento, é claro!

Ele parou, respirou profundamente me olhando como se quisesse dizer “você vai casar com minha filha porque comeu ela, seu filho de uma puta!”. E continuou andando. Novamente em silêncio. Mais intermináveis cinco minutos.

– Você é bem mais velho do que ela – disse por fim, como se estivesse falando sobre o tempo.

– E desde quando idade é um problema? – Estava tão tenso que não consegui impedir a rouquidão da voz. E se ele recusasse? Eu diria que ela já era minha mulher?

– Ela é muito mais rica do que você – revirei os olhos.

Nunca tinha parado para pensar sobre este ponto. Aliás, nunca parei para pensar em nós dois de outro modo que não fosse eu o dono da editora e ela a escritora, ou o professor e ela a aluna.

– Para nós não é um problema. A não ser que seja para você – ele negou com a cabeça, olhando sempre para frente.

– Ela é virgem.

Ferrou!

Quase me encolhi. Engoli com muita dificuldade. Puta merda! Puta merda!

– Isto é algo importante, Alex. Você é homem. Experiente. Vivido. Homens têm necessidades... – não dava para encará-lo. Definitivamente não dava. – Quero que permaneça assim. Se você pensa em casamento... se esta for realmente a sua vontade, vai ter que esperar até que ela seja realmente sua

esposa. Não quero que minha filha fique se aventurando por aí. Quero que ela tenha uma vida segura e estável e isso inclui sua vida sexual.

Porra!

O que eu poderia dizer? “Ah, não, Peter! Eu comi sua filha, várias vezes, ontem e hoje. Sinto muito!” Puta que pariu! O que eu poderia dizer?

– Claro, Peter! – ouvi-me concordando com a voz esganiçada. Era aceitar ou me arriscar a perdê-la.

Porra! Como vou sair dessa?

– Eu quero casar o mais rápido possível. Não tenho dúvidas sobre meus sentimentos por Charlotte.

– Por que a pressa? – ele me olhou em dúvida.

E outra vez a acusação estava lá “seu filho da mãe, você comeu a minha garotinha!”. Merda! Engoli em seco tentando encontrar a desculpa perfeita e o tom de voz correto.

– Porque amo a sua filha e quero passar a minha vida ao lado dela. Estou com trinta e cinco anos e não tenho mais tempo a perder. Tenho uma vida confortável, um emprego seguro. Quero e vou me envolver com a carreira dela, além disso, me preocupo com os sentimentos da Charlotte e com a sua segurança, tanto quanto você. Não vejo por que esperar – e claro, eu já transei com ela e não posso deixar você descobrir este “pequeno” detalhe.

Peter não me disse nada. Estávamos próximos da casa. Eu precisava extravasar toda a tensão. Sentia meus ombros rígidos, minhas costas doloridas e a cada respiração minhas lesões protestavam. Meu corpo estava tão atento e na defensiva que podia perceber cada detalhe do seu funcionamento, como se meu sangue estivesse grosso nas veias e forçasse a passagem, meu coração acelerado, meu pulso martelando em meu ouvido, toda a máquina em processo.

Eu merecia “uma bela trepada” para aliviar o meu corpo, embora, pelo visto, isso estivesse fora de cogitação. Pelo menos enquanto estivéssemos sob o olhar vigilante de Peter. Mais do que nunca, casar com Charlotte tornou-se uma prioridade. Eu não conseguiria ficar longe dela, sem a nossa intimidade e sabia que, mesmo com o consentimento do seu pai, aquela seria uma realidade distante. A verdade era que, depois daquela conversa, eu precisava dela em meus braços para ter certeza de que tudo ficaria

bem.

– Certo – ele disse por fim e eu senti cada músculo do meu corpo começar a relaxar. – Ela aceitou?

– Sim.

– Sou pai e, como tal, conheço a minha filha melhor do que ninguém. Sinto-me na obrigação de te avisar: Charlotte é mimada demais. Ela será infantil quando você menos esperar, aliás, você nunca conseguirá esperar nada dela, porque esta é Charlotte, alguém capaz de reagir com maturidade quando você estiver preparado para a terceira guerra mundial, e explodir como uma bomba atômica quando você menos esperar. Ela será capaz de te levar à loucura se for contrariada e te fazer passear no paraíso quando conseguir o que quer de você. Tem certeza de que deseja realmente se casar com ela?

Confesso que fiquei assustado. Bom, eu sabia muito bem do que minha namorada era capaz, mas não foi justamente por causa desse seu jeito que eu me apaixonei? Eu já não tinha provado uma dose cavalgar do quanto Charlotte poderia ser instável e mesmo assim não desisti, nem por um segundo, de tomá-la para mim? Sim, eu tinha certeza e não me importava se passaria longos anos de minha vida lutando contra a infantilidade dela, ou tentando fazê-la corresponder à nossa realidade, tirando-a do “faz-de-conta” em que ela vive. Sim, eu queria me casar com ela.

– Não tenho dúvidas quanto a isso, Peter. Eu amo Charlotte Middleton e vou casar com ela.

– Ótimo! Só mais um aviso – ele me entregou as rédeas do cavalo que levava e limpou as mãos uma na outra. – Não aceito devolução. Não estou disposto a negociar. Se você vai levá-la, tem que saber que é para a vida toda.

Sorri. Que fosse pela eternidade. Nem assim eu recuaria.

– Encontro você na casa.

E ele saiu andando em direção à construção. Eu fui para o estábulo, acomodar os animais. Depois resolvi entrar pelos fundos e ir até o meu quarto. Seria estranho encarar todos quando eu nem sabia o que poderia dizer. E Charlotte? Ela também precisa de um tempo. Eu sabia que ela não estava livre de uma conversa com o pai. O que ele diria?

Era melhor deixar os pensamentos para um outro momento e tratar de trocar as roupas molhadas e de me aquecer. Mas a paz tão almejada não foi alcançada. Tão logo entrei em meu quarto e me senti

protegido do restante do mundo, uma batida em minha porta me deixou em alerta, e eu nem acreditei no que vi.

CHARLOTTE

Chegar foi mais complicado do que imaginei. Primeiro tive que aguentar os risinhos dos rapazes. Era tão constrangedor! Absurdamente embaraçoso.

Depois, precisei acalmar minha mãe. Ela estava muito assustada e queria se certificar de que eu estava realmente bem. Fui inspecionada um milhão de vezes até ela ter certeza de que estava inteira... ou quase. Graças a Deus as roupas escondiam os hematomas, e a felicidade que eu sentia foi encoberta pela alegria de estar de volta.

Miranda e Lana foram mais fáceis. Estavam saltitantes, loucas por alguns minutos a sós comigo para arrancar de mim todas as informações. Elas também sabiam. Poderia ser mais constrangedor?

No entanto, meus pensamentos estavam em Alex e meu pai. Deus! Será que ele contou? E meu pai, será que concordou? Merda de será... Droga! Por que eu não insisti em acompanhá-los? Era melhor estar presente no momento em que Alex contasse, assim poderia impedir meu pai de atirar nele, ou que meu namorado provocasse um ataque cardíaco em meu pai.

Por que demoravam tanto?

Por que ninguém ia atrás deles?

Por que... Merda!

Lana e Miranda insistiam que eu precisava de um banho. Estava frio e eu molhada, mas não queria sair da sala. Não antes de Alex e meu pai chegarem e ver com meus próprios olhos que tudo estava bem. Como a minha vontade nunca prevalecia, elas praticamente me empurraram escada acima e se trancaram comigo no quarto.

– Banho! E desembucha logo tudo – Lana era tão mandona quanto o irmão. Revirei os olhos.

Entrei no banheiro e elas me seguiram.

– Aconteceu? – Miranda não conseguia se conter de tanta curiosidade.

– Como foi? Alex foi um bruto? Pelo amor de Deus, não me diga que ele não aprendeu nada do que eu ensinei... – Lana conseguia me deixar ainda mais sem graça.

– Meninas, eu preciso tomar banho. Vocês poderiam dar o fora?

Eu tinha pressa em voltar para a sala para encontrá-lo. Minha mente não conseguia se desligar. Precisava colocar os olhos no homem que eu amava para ter certeza de que tudo estava bem entre nós dois.

Meu pai não poderia me separar do Alex. Ele não tinha esse direito! Eu estava decidida e iria até o fim para ficar ao lado do homem que escolhi para passar o resto da minha vida. Ele poderia até me deserdar, eu não me importava. Apenas queria o direito de amar o meu professor e de ser amada por ele.

– Tome seu banho, Charlotte! – Lana me olhou sem entender.

– Preciso tirar a roupa.

– Você tem tudo o que eu tenho – ela riu e Miranda a acompanhou. – Não tem nenhuma novidade aí. Ou tem? – arregalou os olhos com ironia, fazendo minha amiga gargalhar.

– Sem chance. Saíam, as duas – onde já se viu! Eu não ia ficar nua na frente delas.

– Eu já te vi nua um monte de vezes, Charlotte. Não tem nada de novo aí, ou tem? – os olhos de Miranda brilharam imitando Lana e ela riu. A irmã do meu professor parecia uma criança de tão alegre.

– Virem de costas! – elas obedeceram, não sem antes revirarem os olhos e fazerem caretas.

— Conta logo. Aconteceu ou não? – não dava para conter Lana.

– Aconteceu.

As duas viraram em minha direção ao mesmo tempo gritando como duas adolescentes. Cobri meu corpo com a primeira toalha que encontrei, Miranda foi mais rápida e viu o hematoma. Rapidamente seu humor mudou e eu pude ver o pânico no rosto da minha amiga.

– O que aconteceu? Charlotte, o que ele te fez?

Lana levou a mão à boca, assustada demais para falar. Olhei para mim conferindo o que havia de tão absurdo. Eram apenas um ou dois hematomas e alguns arranhões. Depois olhei no espelho e quase não acreditei.

Eu tinha um hematoma enorme no braço direito, tomando o cotovelo, descendo até quase o pulso subindo em bolas separadas e arroxeadas. Havia também arranhões. Na minha bunda, como eu já imaginava, um hematoma cobria um lado quase inteiro. Meus joelhos estavam cobertos por arranhões e

duas manchas vermelhas enfeitavam minhas costas. Eu só conseguia me perguntar como tudo aquilo foi parar ali? A única dor que eu sentia, que aliás, nem era dor realmente e sim um leve ardor, estava concentrada no meio das minhas pernas e eu sabia muito bem o motivo.

Ah, como sabia!

Imediatamente voltei a ficar tensa. Alex estava com meu pai, em algum lugar, conversando sobre o nosso futuro. Que droga! Eu precisava sair dali.

– Charlotte, o que ele te fez? – Miranda rosnou já pronta para ter um ataque.

– Não seja ridícula, Miranda. Alex jamais me machucaria. Aliás, ele nem mesmo viu. Deve ter sido por causa da queda.

– Queda? – as duas perguntaram ao mesmo tempo.

– Eu caí do cavalo – elas me olharam sem nada dizer. As duas estavam com expressões tão assustadas que eu tive vontade de rir, mas a vergonha era maior. – E depois escorreguei algumas vezes, sabe como é... estava molhado, lama para todos os lados, e eu não sou muito boa em correr na chuva – elas continuaram me olhando com aquelas caras estranhas. – Por favor, não contem ao Alex. Ele é quase tão paranoico quanto meu pai em relação à minha segurança.

– Como assim ele não viu? – Miranda continuava espantada.

– Sei lá. Eu mesma não tinha visto até agora. Não havia luz e nós estávamos tão envolvidos... não sei, acho que vou ter que usar roupas de frio por um tempo – Lana relaxou e me olhou com carinho.

– Uma queda de cavalo é algo perigoso, Charlotte. Seria bom fazer alguns exames...

– Tenho certeza de que não tem nada de errado, Lana – rebati voltando a afirmar para mim mesma que eu me sentia ótima! Até demais.

– Mesmo assim. Alex não vai gostar nada disso – cruzou os braços na frente do peito, analisando meus ferimentos. – E esses arranhões vão inflamar.

– O padrinho vai ficar louco – Miranda não conseguia tirar os olhos de mim. – Que droga, Charlotte!

– Louca ficarei eu se não descer logo. Eu estou superbem. Tive uma noite maravilhosa e nem me dei conta dos ferimentos. Agora o mais importante é tomar logo este banho e descer. Alex está

conversando com meu pai neste momento, e ele me pediu em casamento, então...

As duas gritaram como doidas, voltando a recuperar a empolgação e se esquecendo rapidamente das minhas lesões. Graças a Deus!

– Meninas! – minha mãe falou de fora. – Posso entrar? – fiquei muito aflita, minha mãe veria os hematomas.

Ela entrou no banheiro e estancou me encarando. Imediatamente lágrimas se formaram em seus olhos. Ela levou a mão a boca sem conseguir esconder o desespero. Tentei ficar o mais natural possível. Eu bem sabia o que era encarar um surto da dona Mary.

– Mãe, não foi nada. Eu caí enquanto procurava abrigo. São somente arranhões. Amanhã já terão desaparecido... estava escuro e chovia muito – uma lágrima escorreu dos olhos dela. – Mãe! Eu costumo cair o tempo todo, esqueceu? É o que sempre acontece com a sua filha descoordenada – ela ensaiou um sorriso, embora o pânico continuasse lá.

– Mary, Alex pediu Charlotte em casamento – Lana, como uma bênção, conseguiu desviar a atenção da minha mãe.

– Casamento? – ela piscou várias vezes, deixando as lágrimas escorrerem livremente. Depois sorriu. – Ah, filha! – e continuou a chorar, agora de felicidade. – Posso te abraçar? – ela se aproximou com cuidado, sem saber se me machucaria ainda mais. Dei risada.

– Não. Todo mundo vai achar que eu sou a filhinha da mamãe – mas sorri e me atirei em seus braços.

– Eu sabia que ele estava doidinho por você – a afirmação da minha mãe fez meu rosto pegar fogo.

– Mãe!

– Mas é verdade! – ela me soltou e olhou para as meninas que confirmaram com a cabeça e com sorrisos imensos. – Você precisava ver quando ele chegou e descobriu que você tinha desaparecido.

– Verdade – Lana corroborou. – Foi logo providenciando tudo para ser o seu salvador.

– E eu nem precisava ser resgatada – resmunguei virando em direção ao chuveiro. Era melhor começar logo aquele banho.

– Não? – elas falaram ao mesmo tempo.

– Claro que não! Onde já se viu isso? Eu não sou nenhuma idiota. Achei logo a cabana e fiquei em segurança.

– Não tanto em segurança – Miranda falou, referindo-se aos hematomas.

– Se eu não tivesse caído, não seria Charlotte Middleton.

– Agora sim você falou uma verdade.

Minha amiga riu e continuou falando sem parar sobre o que Tiffany e Anita tinham feito, o quanto Peter ficou preocupado e tudo o que havia acontecido enquanto eu me perdia nos braços do meu amor.

Após o banho, consegui convencer minha mãe de que eu estava bem e que precisava descer para descobrir o que os dois haviam aprontado. Claro que ela me fez prometer que deixaria meu pai examinar os meus ferimentos para determinar sua gravidade. Era um saco, mas como eu sabia que eles não tinham segredos, logo meu pai ficaria sabendo. Enquanto isso não acontecia, aproveitei o frio e vesti calça jeans, uma camisa de manga comprida e botas. Tudo muito bem escondido.

Procurei Alex e não o encontrei. Sabia que eles já haviam voltado, pois ouvia a voz do meu pai conversando animadamente com o Dr. Frankli. Respirei fundo e resolvi me esgueirar evitando-o. A conversa com o meu pai poderia ficar para depois. Aproveitei e fui até o quarto do meu professor, precisava dele mais do que nunca.

Bati na porta e não ouvi resposta, então arrisquei e abri.

ALEX

– O que faz aqui? – fiquei aturdido. Não sabia o que Anita queria em meu quarto depois de saber toda a verdade.

– Vim saber se você está bem. Charlotte disse que você se machucou – ela mantinha um sorriso leve no rosto e a voz mansa. – Posso entrar?

– É melhor não – mantive a mão na porta para impedi-la.

– Deixe de bobagem, Alex – sorriu dando um passo à frente e forçando a passagem. – Só quero saber como você está.

– Estou ótimo, precisando de um banho quente ou vou acabar doente – pensei que com esta ela desistiria e iria embora, mas ela não foi.

– E a queda?

– Não foi nada – desisti de tentar impedi-la e a deixei entrar, mas mantive a porta aberta. – Escuridão se assustou com a tempestade e eu acabei escorregando, nada grave.

– Que bom! – ela se aproximou ainda mais. – Na verdade eu queria desfazer a imagem que deixei na nossa última conversa.

– Está tudo bem, Anita.

– E Charlotte? Foi fácil encontrá-la?

– Foi – afastei-me outra vez, com isso acabei entrando mais no quarto e ela aproveitou para fechar a porta. – Ela estava na cabana.

– Hum! – entortou a boca me observando. – Também queria dizer que a minha proposta ainda está de pé – deu um passo sedutoramente e passou o dedo em meu peitoral já nu.

– Anita... Nós já conversamos sobre isso.

– Eu não quero casar com você, Alex – ela me alcançou colando o corpo ao meu. Imediatamente fiquei tenso. – Quero só me divertir. É um desperdício saber que você vai ficar preso a outra sem nem me dar uma chance – roçou os lábios em meu rosto. – Eu só quero sexo. Matar a minha curiosidade. Realizar

o desejo de estar em sua cama – correu a mão pelo meu tórax. – Ninguém precisa saber. Pense bem. Você quer casar, vai se prender e nunca mais terá esta oportunidade.

– Não! – fui firme, com certeza não o suficiente para que ela entendesse. Anita sorriu provocante.

– Tem medo de que ela nos surpreenda?

– Tenho, porém este não é o motivo para eu não querer. É melhor você sair do meu quarto, Anita.

Alguém pode aparecer e não vai ser nada legal.

– Entendi – passou a língua nos lábios e, sem que eu esperasse, desceu a mão até alcançar meu pau e, ao mesmo tempo, mordeu meu queixo.

O que havia de errado com aquelas mulheres? Parecia que tinham fixação pelo meu pau. Não podiam encostar em mim sem conferir o material. Porra! Em qualquer outro momento do meu passado eu teria adorado. Teria levado Anita para a cama e aproveitado todo o meu tempo livre com ela. Mas naquele instante eu só pensava em Charlotte e na merda que seria se ela resolvesse me procurar.

Não dava para aceitar que qualquer uma entrasse em meu quarto, passasse a mão em mim e ficasse por isso mesmo. Não depois de ter passado horas incríveis com Charlotte e, principalmente, quando meu corpo rejeitava qualquer outra que não fosse ela.

– Anita, eu já disse – segurei sua mão tentando não ser rude e foi neste exato instante que ouvi uma batida leve na porta.

Meu coração disparou e meus olhos se arregalaram. Anita mordeu o lábio e colocou um dedo em minha boca para me calar. Com um gesto de cabeça indicou o banheiro. Pensei mil vezes. O que poderia fazer? Se fosse Charlotte? Ela nunca entenderia. Porra, ela nunca entenderia.

Pelo que eu conhecia de Charlotte, ela sumiria outra vez e isso seria a maior merda de todas. Por isso, naquele momento, mesmo sabendo que era a decisão errada, fui até o banheiro e me tranquei lá dentro com Anita.

Claro que ela se aproveitaria da situação. Ela me imprensou contra a pia do banheiro. Fiquei tão tenso que pensei que meus nervos não suportariam. Ouvi quando a porta abriu e fechou, depois passos leves, quase inaudíveis. Então a maldita mulher começou a passar as mãos pelo meu corpo, tirando todas as lasquinhas que podia. Tentei impedi-la, porém qualquer reação mais brusca chamaria atenção para nós

dois.

– Alex? – a voz de Charlotte me deixou fodido, no entanto Anita adorou.

Ela colou o corpo ao meu com tanto desejo, correndo as mãos pelas minhas costas, roçando os dentes em meu pescoço. Tive vontade de matá-la. Até que finalmente os passos se distanciaram e ouvimos a porta se fechando.

Afastei Anita desejando manter a maior distância possível dela. Ela riu alto, deliciada com o que tinha acontecido.

– Adoro situações perigosas. Deu o maior tesão. Eu transaria com você aqui mesmo, em pé, enquanto a garotinha aguardava do lado de fora – e riu um pouco mais.

– Você é louca? – esbravejei sem me preocupar em ser rude. – O que deu em você?

– Vai dizer que não gosta de aventuras? Que não adorava uns amassos na sala enquanto a mãe da garota estava na cozinha? Eu amava.

– Olha, Anita... – fechei os olhos e respirei fundo, controlando a minha raiva. – Já deu. Preciso sair.

Passei por ela sem aguardar por mais nada e saí do meu quarto decidido a colocar para fora toda a minha frustração.

CHARLOTTE

Alex não estava no quarto. Tentei no escritório, mas encontrei Miranda com Patrício e quase, quase mesmo, vi mais do que deveria. Arrisquei a sala, mesmo sabendo que poderia encontrar o meu pai e ser interceptada para a tão fatídica conversa, porém, quando estava caminhando em direção às escadas, dei de cara com Tiffany, olhando pela janela imensa que permitia ver a parte de trás da casa. Ela percebeu a minha presença e sorriu. Não consegui retribuir. Era uma reação muito ruim?

– Fico feliz que não tenha sofrido nenhum dano.

– Pois é! – pretendia sair o mais rápido possível, mas ela continuou.

– Alex que não parece bem. Ele está na piscina desde que chegou. Com o frio que está fazendo não consigo imaginar o porquê de ele agir assim. Ainda mais estando machucado.

Oh, merda! O que será que aconteceu? Estava realmente frio. Muito frio. Aproximei-me da janela para olhá-lo. Ele nadava metodicamente, de um lado para o outro, indo e voltando, sem parar. Merda! O que meu pai tinha dito para ele?

– Com licença, Tiffany.

Tentei em vão, mais uma vez, escapar dela e da sua tentativa de me envenenar. Eu já tinha ouvido coisas demais e estava decidida a só tirar qualquer conclusão depois de conversar com o meu namorado... noivo... sei lá!

– Será que ele está se sentindo culpado por alguma coisa? – parei, incapaz de evitar a minha reação. – Eu conheço o Alex há muito tempo, sei que ele não se desestabiliza com facilidade, muito menos se pune da forma como está se punindo naquela água gelada, exaurindo o próprio corpo como se com isso conseguisse expurgar todos os seus pecados.

– Por que você acha que ele se sentiria culpado?

– Não sei, Charlotte – sua voz doce não perdia o tom educado. – Fiquei sabendo que ele pediu demissão da faculdade, e Lana me informou que é a mais nova editora-chefe. Você sabe como é, um homem precisa se sentir seguro, realizado profissionalmente e ele abriu mão de tudo. Simplesmente

porque acredita que deve recompensá-la... – um pequeno, quase imperceptível sorriso brotou em seus lábios.

Pensei em tudo o que gostaria de fazer com ela. Eu poderia dar uma de louca e esmagar a cara dela na janela, só que esta atitude não me ajudaria muito. Também pensei em simplesmente ignorá-la e sair em busca das respostas de que eu tanto precisava, afinal de contas, somente Alex poderia esclarecer qualquer dúvida. Infelizmente, eu era realmente a menina mimada que o meu pai tanto afirmava e, como tal, jamais deixaria de responder a Tiffany, ou a qualquer outra pessoa que tentasse desestabilizar a minha paz, algo que desse a ela o que pensar.

Tiffany era uma idiota, arrogante, infeliz e venenosa, que se disfarçava de boa moça para ganhar a atenção e consideração das pessoas. Todos, todos mesmo, daquela casa poderiam se enganar a respeito dela, com exceção de mim. Eu tinha conhecimento de que ela era esperta o suficiente para encontrar as fragilidades das pessoas e era com isso que jogava.

Ela sabia que colocar em questão a estabilidade profissional do Alex me faria repensar. O que ela não sabia era que eu era infantil, mimada e egoísta o suficiente para querê-lo mesmo assim.

– Ele me contou.

– Contou? – seus olhos me sondaram. Ela entortou a boca e voltou a olhar para o meu namorado que continuava com suas braçadas obstinadas. – Entendo...

– Alex será o meu agente. Vai cuidar da minha carreira – saboreei a reação dela que me olhou espantada, com olhos imensos e a boca levemente aberta.

Peste invejosa e fingida!

– Ah, e vamos nos casar! Ele me pediu ontem e não me deixou recusar. Já fala até em filhos – sorri com a mesma doçura dela. Instantaneamente vi sua máscara se desfazer.

– E você vai arruinar a carreira dele por causa da sua necessidade infantil de responsabilizá-lo pela perda de sua virgindade?

– Não, Tiffany. Eu não responsabilizo Alex. Ele se reencontrou depois que descobriu seu amor por mim e voltou a sentir necessidade de escrever. Você sabe como funciona: a necessidade impulsiva de colocar para fora seus sentimentos. Escrever com a alma, com a segurança de quem conhece o assunto.

Agora ele sabe muito bem como seus personagens se sentem. Alex vai continuar se realizando profissionalmente, a diferença é que agora estarei ao seu lado. Vamos nos casar, nos apoiar, construir a nossa família e seremos felizes, como nunca.

Ela me olhava com raiva e tristeza ao mesmo tempo. Tiffany não rebateria meu argumento. Ela tinha um nível, uma pose de superioridade para manter e não entraria em uma discussão comigo. Pelo menos não naquele momento, nem naquele lugar. Ela reagiria de outra forma e eu já estremecia só de imaginar.

– Charlotte! – meu pai apareceu no alto da escada.

Ele me olhou de uma maneira estranha. Merda! E se ele não aceitou o meu relacionamento com Alex? E se Alex recuou por causa de toda pressão feita pelo meu pai? Fiquei nervosa, mas mantive a postura de tranquilidade para não alertar Tiffany sobre meus medos.

– Pai! – sorri com sinceridade.

– Vou deixá-los a sós – ela se retirou sem olhar para trás. Será que procuraria Alex? Olhei para fora e me certifiquei de que ele continuava lá, no mesmo ritmo incansável. Indo e vindo.

Ah, Alex! O que aconteceu?

Senti os braços fortes do meu pai me envolverem com carinho e a sensação de conforto e segurança foi inevitável. Ficamos abraçados, assistindo meu professor nadar sem parar. Suspirei pesadamente.

– Você tem certeza? – meu pai perguntou atrás de mim. Sorri amavelmente. – Ele é bem mais velho do que você.

– Eu o amo, pai – não tive receio de assumir. Com certeza ele já sabia de tudo.

A questão era: até que ponto? O que eles conversaram que causou aquela reação em Alex? O que tinham definido sem a minha presença ou sem me darem o direito de intervir ou opinar?

– Mesmo? – sua voz parecia surpresa.

Virei-me para encará-lo, deixando as questões que só conseguiria resolver com Alex para depois. Era hora da tão fatídica conversa. Não dava mais para evitar.

– Mesmo! – sorri mordendo o lábio e ele retribuiu. Fiquei tão mais relaxada ao vê-lo sorrindo!

– Você bem que poderia ter procurado algo melhor. Alguém mais de acordo. Por que justamente ele?

Meu pai não entendia que não havia ninguém tão de acordo comigo quanto Alex? Era ele! Ninguém mais.

– Sabe como é: não existem muitos Peter disponíveis. Tive que me contentar com o que havia no mercado.

Meu pai sorriu e seus olhos brilharam. Ele não seria contra o meu envolvimento com Alex, tive certeza naquele momento. Também nunca me senti tão decidida e determinada. Foi mais fácil do que esperava. Constatar tal fato me comoveu. Uma felicidade sem tamanho explodia em meu peito. Eu tinha tudo o que queria. Tinha Alex e o seu amor, e um pai que aceitava a minha escolha.

– Tem razão. Ele é um bom homem e vai cuidar muito bem de você. É o mais importante.

– Achei que o mais importante seria ele me amar – meu pai me olhou com intensidade. Posso até jurar ter visto seus olhos mais brilhantes e um leve sorriso em seus lábios.

– E quem não te amaria, Charlotte?

CAPÍTULO 3

“Aceita o conselho dos outros, mas nunca desistas da tua própria opinião.”

William Shakespeare

ALEX

Com o corpo exausto e já me sentindo menos tenso, resolvi que era a hora de sair da piscina. Assim que saí avistei Tiffany aguardando por mim do lado de dentro da casa. Respirei fundo. Eu não precisava de mais uma conversa sobre meu relacionamento com Charlotte.

Ou ela seria tão doida quanto Anita e tentaria algo ali mesmo?

Caminhei lentamente arrumando o roupão no corpo, mantendo-me atento a tudo o que ela fazia. Estava cansado demais para passar por outros momentos como os que passei com Anita pouco antes. Mal tinha começado o meu relacionamento oficial com Charlotte e já precisava esconder coisas deste tipo. Eu me via constantemente tenso por ter que evitar situações que pudessem desestabilizá-la.

Charlotte surtaria se imaginasse o que aconteceu em meu quarto.

Incomodada com a minha demora, Tiffany tratou de diminuir a distância entre nós dois. Parecia abalada, apesar de manter sua postura superior e educada. Eu sabia que aquela conversa seria mais uma batalha, e não estava muito disposto a travá-la.

– Deve ser um problema muito grande para fazê-lo passar tanto tempo nadando neste frio – tentou sorrir enquanto abraçava o próprio corpo para tentar se aquecer. Eu podia sentir a angústia que emanava dela.

– Na verdade, trata-se de um problema resolvido. Eu precisava liberar a tensão do meu corpo – Tiffany me analisou e sorriu maliciosamente. Não era o seu normal.

– Tensão?

Sim, eu sabia que ela estava levando para o lado sexual, como se estivesse insinuando que Charlotte não era o suficiente para mim. Preferi ignorar e dar a ela as respostas que buscava.

– Pedi Charlotte em casamento. Conversei com Peter e você deve imaginar que não é nada fácil uma situação como esta. Principalmente sendo ele tão comprometido em manter a... segurança da filha – tive a impressão de ver os olhos dela brilharem. Como se esperasse uma confissão.

– Casamento? Não acha que é muito cedo? Vocês mal se conhecem, nem sabem no que vai dar esta

relação – seu rosto entregava o quanto a informação a deixava nervosa.

Ela me encarou e engoliu com dificuldade, como se quisesse ter outra reação, mas estivesse se segurando para se manter serena, amigável.

– Não acho que exista um tempo correto para tomar atitudes como esta. Eu amo a Charlotte e ela me ama, não vejo motivo para esperar.

– Ela ainda é muito nova – suas mãos se fecharam em punho, controlando a raiva. – Você nem... – puxou o ar com força. – Você nem sabe se ela realmente é a mulher que você precisa.

– Por que você e Anita presumem que tudo se resume a sexo? – rebati, perdendo um pouco a paciência.

– Porque eu te conheço, Alex. Sexo é uma parte importante da sua vida. É fundamental.

– Você conhece poucas partes da minha personalidade, Tiffany. Não posso te julgar, o que aconteceu entre a gente realmente foi sexo e apenas isso, além da parte profissional, que não deve nem ser levada em conta em uma conversa como esta – ela recuou visivelmente ofendida. – Isso foi tudo o que eu permiti que você conhecesse a meu respeito. Só para que não restem dúvidas, sexo é realmente importante para mim e é justamente por isso que é maravilhoso com Charlotte. Ela me completa, não apenas na cama, mas em todos os aspectos da minha vida.

– Até ontem ela era virgem – afirmou debochada.

– E mesmo assim conseguiu ser a melhor mulher com quem eu já transei até hoje – eu disse com raiva. Ela me encarou sem acreditar em minha revelação. Puxei o ar com força. – Nem sei por que estou tendo esta conversa com você. Pensei ter deixado clara a nossa situação e imaginei que seria madura o suficiente para entender – vi quando Tiffany recuou com o meu ataque.

– Tudo bem, Alex. Desculpe, eu só... – fez um movimento vago com a mão e soltou o ar dos pulmões com esforço, demonstrando cansaço. – Só tenho medo por você. Não quero que se machuque se jogando de cabeça em um relacionamento que todos conseguem enxergar que não tem chance de dar certo, menos você.

– Tiffany...

– Eu sei. Não vou mais falar sobre esse assunto. Só quero que saiba que estarei aqui, sempre que

precisar.

Droga! Ela realmente acreditava naquilo? Acreditava que um dia eu voltaria para os seus braços por me cansar de Charlotte? O que mais eu poderia fazer para desestimulá-la?

– Eu vou casar com Charlotte e tudo vai dar certo.

– Espero que sim. Ela ainda poderá ter o trabalho de conclusão do curso rejeitado por causa do envolvimento de vocês.

– Não acredito que aconteça.

– Anita me disse que você colocou João para orientar a menina. Tomara que minha prima não apronte. Disse a ela que você tinha o direito de ser feliz, mas...

– Não estou preocupado com o que Anita possa fazer. Nesse momento estou mais interessado em tomar um banho quente, trocar de roupa e procurar pela minha namorada. E espero, sinceramente, que a louca da sua prima já tenha saído do meu quarto – ela me encarou surpresa. – Pois é!

Tiffany ficou em silêncio por alguns segundos, absorvendo o que eu tinha dito e eu nem queria saber que tipo de conclusões tiraria.

– Entendo – Tiffany mordeu o lábio inferior, pensativa, apreensiva. – Você acha que é realmente necessário fazer isso? Abrir mão do seu trabalho, seus sonhos...

– Meus sonhos? – ri sem muita vontade. – Não estou abrindo mão de nada, Tiffany! Estou vivendo o que sempre quis. Charlotte é tudo o que sempre desejei para a minha vida. Além do mais, nada vai mudar, continuo sendo o dono da editora, simplesmente vou me dedicar à empresa de outra forma.

– Sei... – seus olhos não expressavam o mesmo que ela dizia.

– Bom, é melhor eu me apressar ou ficarei doente.

– Certo. Vá.

Afastei-me dela, no entanto não me deixei enganar, Tiffany estava contrariada. Eu entendia o seu lado, embora não pudesse me sentir culpado por seus sentimentos. Nunca menti para ela, além do mais, há muito tempo não rolava nada entre a gente. Eu nunca alimentei qualquer esperança de um futuro para nós dois. Um dia todo mundo acaba encontrando a sua outra metade. Eu encontrei a minha. Ela encontraria a dela.

De volta ao meu quarto, certifiquei-me de que Anita não estava entocada em nenhum lugar. Nem sei o que seria capaz de fazer se ainda a encontrasse por lá. Por sorte o quarto estava vazio e eu pude tomar um longo banho em paz.

Levei um bom tempo inventando coisas para fazer, até resolver que estava na hora de encarar os outros. Precisava procurar Charlotte para dizer que estava tudo bem. Contar a meus pais sobre minha decisão de casar, aguentar as palhaçadas de João e Patrício, as recomendações de Peter... encontrar Charlotte... eu não via a hora.

Bom... voltei a ser adolescente.

Ria sozinho no quarto quando uma batida na porta chamou a minha atenção.

– Entre.

Olhei para a porta enquanto calçava meu tênis e já sentindo a tensão voltar, ao imaginar que poderia ser uma das duas malucas querendo me atormentar. Mas vi meu pai abrindo a porta com cuidado e procurando por mim.

– Pai?

– Oi, filho! Podemos conversar?

– Claro! Entre – ele parecia preocupado.

– E então? Você chegou e não quis falar com ninguém. Vi que estava na piscina. Aconteceu alguma coisa? Nem me deixou verificar os seus machucados.

Ponderei sobre o que dizer. Ele era meu amigo, a pessoa em quem eu mais confiava.

– Não foi nada. Só bati a perna e o ombro, mas estou bem.

– Não quer mesmo que eu dê uma olhada?

– Não é necessário, pai. Nem estou sentindo dor. Vou passar uma pomada apenas por causa do hematoma – ele me sondou e balançou a cabeça concordando.

– E o que está te incomodando tanto a ponto de evitar estar com a sua família? – Adriano me conhecia como ninguém. Ele sabia quando eu precisava estar sozinho e quando estava preparado para uma conversa que só poderia acontecer entre pai e filho.

– Bom... antes de qualquer coisa estou surtando com o assédio da Tiffany e da Anita – ele sorriu

com orgulho. Qual pai não se orgulharia em saber que seu filho era disputado por duas mulheres lindas? Foi impossível não sorrir de volta.

– Imagino que o fato de você ter escolhido Charlotte não foi muito bem aceito por elas – e eu não poderia imaginar que meu pai não perceberia. Era tão nítido o que eu sentia que até os mais desligados entenderiam.

– Isso. Agora eu tenho dois problemas. E elas estão decididas a me fazer desistir.

– Mas você não vai, não é? – neguei com a cabeça, deixando-o mais satisfeito.

– Pedi Charlotte em casamento – meu pai me encarou sério. Provavelmente tentando entender o porquê de um pedido tão repentino.

– Eu já imaginava que o que havia entre vocês era muito mais do que uma relação entre professor e aluna. Parece que nenhum dos dois conseguiu esconder de ninguém no jantar. Apesar disso, não esperava por esta revelação – meu pai sorriu. Um sorriso genuíno de quem não me repreendia e sim estava interessado pelos meus reais motivos. – Aconteceu alguma coisa? Você não... engravidou a menina, não é?

– Não! – naquele momento me senti um garoto de quinze anos. Acredito que nunca fiquei tão encabulado em toda a minha vida.

Adriano é um pai maravilhoso, sempre conversamos sobre tudo, inclusive sexo. Mas, naquele exato momento, descobri que tal assunto não era um tabu entre nós porque eu nunca antes tinha me interessado por uma mulher como me interessei por Charlotte. A partir daí, tornou-se complicado explicar qualquer coisa relacionada à nossa intimidade.

– Mas então por que...

– Porque eu estou apaixonado, pai. Amo Charlotte Middleton! – levantei e caminhei pelo quarto. A minha sensação era de que tinha deixado de ser um homem de trinta e cinco anos e voltado a ter dezoito. – Você há de convir que nossa relação não é algo corriqueiro, aceito com naturalidade.

– Por que não?

– Porque eu sou o professor dela. Sou mais de dez anos mais velho e o responsável pelo seu trabalho de conclusão de curso, que, diga-se de passagem, foi o que nos aproximou. Também existe o fato

de Charlotte estar escrevendo um livro erótico, por sinal maravilhoso! Aliado a tudo isso está o fato de nossa editora ser responsável pelo lançamento do livro que ela está escrevendo e, como sou editor-chefe, nosso envolvimento poderá ser questionado e nosso trabalho desacreditado. Você sabe que nunca investimos em iniciantes. Charlotte sequer publicou algum texto na internet. Nunca se aventurou a testar seu trabalho utilizando uma dessas plataformas da moda. Até isso será questionado.

– Alex, você precisa parar e analisar calmamente os acontecimentos. Antes de começarmos... este casamento repentino é apenas porque você se sente culpado e deseja recompensá-la?

– Não, pai! Eu já falei: amo a Charlotte e não quero ficar longe dela nem por um dia.

– Tudo bem! Então vamos examinar os fatos. Primeiro não existe nenhum problema em você ser mais velho. Sua mãe é mais velha do que eu e ninguém nunca reclamou – sorri. Era verdade, apesar de não aparentar. – Segundo, ser professor da garota pode ser um ponto negativo, mas não será a primeira vez que acontece. Quantos professores você já ouviu falar que se envolveram com uma aluna? – Bom, pensando por este lado, era outra verdade, o que não mudava o fato de ser errado. – Não é o correto no que diz respeito à ética, Alex, mas ela já está se formando. Praticamente terminou o curso, então qual o motivo de tanta preocupação?

– Porque Anita tem muito interesse em fazer todos acreditarem que o trabalho de Charlotte é ruim e que eu o aprovei por ela ser minha namorada.

– Entendo. E você por acaso transou com Anita?

– Não, pai! Pelo amor de Deus!

– Alex, eu só preciso saber. Você transou com muitas mulheres, meu filho, em algum momento tinha que aparecer uma para estragar a sua festa.

– Puta merda!

– João me contou o que você fez. Acredito que esse problema já foi solucionado. Então o que o preocupa?

Encarei-o por alguns segundos. Meu pai tinha razão. Até um dia antes eu não me sentia pressionado. Anita, Tiffany, editora, universidade, tudo tinha ficado para trás. Naquele momento... Peter era o meu maior problema. Ele e a promessa que eu fiz.

– Pai. Eu...

Não sabia nem por onde começar. Merda! Era tão complicado, eu não era uma criança, por que simplesmente não encarava as coisas com maturidade? Até Charlotte eu estava evitando. Por quê?

– Filho, se você não contar, não poderei ajudar – colocou uma mão em meu ombro e me deixei levar pela confiança que tinha nele.

– Conversei com Peter hoje. Disse a ele que amava Charlotte e que queria me casar com ela.

– Ele foi contra?

– Não. Ele falou que respeitaria a decisão dela – meu pai sorriu, parecendo admirado.

– Isso é muito bom!

– Sim, mas... pai, você sabe como Peter é. Ele precisa estar no controle de tudo, inclusive, e principalmente, da filha.

– Sei. Ele a protege muito. Mas se ele não negou...

– Ele quer que ela case virgem – a princípio meu pai apenas me encarou, sem compreender muito bem, à medida que foi entendendo, um sorriso irônico foi tomando conta do seu rosto. Estreitei os olhos e ele gargalhou com vontade.

– Desculpe! Desculpe! E você está incomodado com este fato? Ela quer casar virgem? Por isso que você quer casar logo? – ele não conseguia esconder seu divertimento.

– Pai, eu quero me casar porque amo Charlotte de verdade. Não existe outro motivo – puta merda! Como me expressar sem que ele entendesse tudo errado?

– Então esperar não é exatamente um problema para você.

– Aí está a questão, é exatamente o meu problema.

– Não estou entendendo, Alex. Estou me esforçando, mas não consigo – ele continuava com o sorriso bobo nos lábios, o que me deixava mais ansioso e envergonhado.

– Pai, Peter deixou bem claro que deseja que Charlotte case virgem e isso não estava em nossos planos, eu não podia dizer a ele, então menti e prometi fazer do seu jeito.

– Então vocês têm planos para mudar esta situação.

– Nós transamos ontem – revelei. Era o melhor a ser feito. Meu pai deixou o sorriso bobo e mordeu

os lábios olhando-me atentamente.

– Espero sinceramente que ela não fique grávida. Vai ser ainda mais difícil justificar.

– Ela não vai engravidar, pode ficar tranquilo. Nós já planejávamos há algum tempo e acabou acontecendo ontem – respirou aliviado.

– Ontem – ficou pensativo, olhando para a parede enquanto avaliava a situação.

Ah, merda! Como se não bastasse todos os meus momentos infantis, ainda tinha que me sentir uma criança aguardando pelas instruções do pai. Enquanto ele permanecia calado eu ficava cada vez mais ansioso. Até que Adriano se levantou, colocou as mãos nos bolsos e caminhou pelo quarto.

– Vocês terão que esconder a verdade enquanto o casamento não acontece. É o melhor a ser feito, eu acredito. Não é muito correto, nem combina com você este tipo de atitude, porém, vendo por outro ângulo, Peter não vai ficar muito feliz em saber que você se ofereceu para salvar a filha dele e como pagamento levou embora a sua virgindade – encarei meu pai.

Seu sorriso ridiculamente idiota e irônico estava de volta. Puta merda! Será que ele não entendia o quanto me angustiava mentir?

– Ok, Alex! Ok! Não vejo outra saída. Contar a verdade não vai facilitar as coisas. E já que você pretende mesmo casar, e diz que está amando e tudo o mais, não vejo por que não sustentar esta pequena mentira.

– Vai ser uma merda! – desabei na cama. – Ele já não facilitava antes, quando nem desconfiava do nosso relacionamento, agora que estamos juntos de verdade, tenho certeza de que a marcação será mais acirrada. Para piorar, Charlotte morre de medo de desafiar o pai, o que seria ótimo em outra circunstância, nesta significa que não encostarei um dedo nela enquanto ele estiver por perto. Claro que não teremos Peter o tempo todo conosco, principalmente porque, graças a Deus, ele mora longe! Mas será complicado. Charlotte é... Ela é... – como dizer a meu pai que minha namorada era extremamente fogosa e que conseguia sempre me levar ao limite, obrigando-me a esquecer de todas as regras? – Ela é... difícil. Tenho certeza de que não facilitará minha vida.

– Você está sendo excessivamente rígido. Está parecendo um garoto com sua primeira namorada. Não complique as coisas, filho. Não é tão ruim e muito menos tão desesperador como está tentando fazer

parecer. Peter não pode saber que vocês dois já dormem juntos. Essa é uma regra que todos os homens da minha geração seguiram – ele sorriu torto. O mesmo sorriso que eu dava. Mal de família, como dizia a minha mãe – No entanto, ninguém nunca deixou de transar por isso. Nem me lembro de quantas paredes escalei para chegar aos quartos das minhas namoradas. No final sempre dava tudo certo. Você é um homem, Alex. Já tem uma vida estabilizada e sabe o que quer. Vai tirar isso de letra. Tenho certeza.

Será? Eu queria muito acreditar, mas algo dentro de mim dizia que não seria moleza coisa nenhuma.

CHARLOTTE

Cheguei à piscina tarde demais. Somente Tiffany caminhava pensativa pela borda, como se algo não estivesse alinhado. Fiz a volta assim que a vi. Era melhor evitar mais um confronto. Meu objetivo era encontrar Alex e não suas ex-namoradas inconformadas.

Passei pela sala, onde Lana e João mexiam num *tablet* e riam muito, mais ao fundo, minha mãe e minha futura sogra, conversavam confidentes e, pelo olhar que ela me enviou, entendi que já havia sido informada sobre a novidade. Sorri de volta me sentindo um pouco sem jeito, afinal de contas, eu era a aluna e estaria me casando com seu professor.

Claro que, diante da minha família, este era o menor dos problemas. Teoricamente, para qualquer pessoa normal, eu poderia escolher o namorado que quisesse, mas eu escolhi o Alex, um cara mais velho, que iniciou uma relação acadêmica comigo e acabou me ensinando a arte do sexo. Obviamente este detalhe não precisava ser revelado. O que realmente me incomodava naquela história toda não era assumir um namoro, era ter que encarar um casamento.

Não que eu não quisesse uma vida ao lado dele. Lógico que queria, mas um pedido de casamento não significava que teríamos que casar no dia seguinte, e pelo que estava parecendo era o que todos esperavam de nós dois. Porque se não fosse isso o que aquelas duas pensavam, então qual o motivo daquele olhar brilhante cheio de felicidade, típicos de mães que estavam casando seus filhos?

Será que ninguém achava estranho duas pessoas, que até então eram apenas professor e aluna, assumirem um namoro e imediatamente ficarem noivos? Porque eu estava achando.

Tentei desviar a atenção de todos da minha direção. Não estava pronta para conversar sobre coisas que nem eu sabia como deveria reagir. Nem para ser o centro das atenções, além de precisar urgentemente encontrar o meu professor. Parei um pouco na mesa, conferindo dois livros que estavam lá. Hummm! Interessante. Segurei os dois e os levei comigo escada acima, indo em direção ao quarto que eu ocupava.

Assim que cheguei ao segundo andar, comecei a me sentir mais tranquila, no entanto fui

interceptada pelo Dr. Frankli. Ele também me olhou cúmplice e sorriu da mesma forma que Alex costumava sorrir.

Alex! Eu precisava tanto vê-lo.

– Charlotte!

Surpresa, eu me vi em seus braços como meu pai costumava fazer. Aquilo estava ficando embaraçoso. Uma mistura de Alex com o meu pai não era uma boa coisa. Não naquele momento.

– Ah, oi!

– Alex me falou do casamento.

– Falou? – sentia-me uma idiota sendo tão monossilábica.

A atitude do meu futuro sogro estava me deixando confusa. Não estava acostumada com tanta proximidade, nem esperava que as pessoas reagissem tão bem àquela ideia.

– Sim. Estou neste momento indo conversar com Peter e com minha esposa. Sinto-me muito feliz por estarmos unindo nossas famílias.

Por um segundo imaginei que uma gota de suor escorreria por minha testa. Fiquei tensa. Inexplicavelmente tensa. Já havia conversado com meu pai e tinha sido incrível. Fácil como piscar. Minha mãe nem se fala, mas pensar em toda a família reunida conversando sobre um casamento que eu nem tinha certeza se queria que acontecesse... quer dizer... Claro que queria, por outro lado, não queria que meu desejo se tornasse uma obrigação, com pressão dos amigos, planejamento das famílias... queria um “Sim! Eu te amo! ”, em um futuro ainda um pouco distante, depois correr para a cabana e...

Ah, a cabana! Este desvio de pensamento me fez recordar que eu estava à procura de Alex e porquê.

– Algum problema?

– Não. Estou procurando Alex.

Sorri sentindo minhas bochechas esquentarem. Meus pensamentos foram incrivelmente pecaminosos e deixar que eles se manifestassem na frente do meu futuro sogro não era uma boa ideia.

– Acabei de deixá-lo no quarto – ele me lançou um olhar intrigante. Como se não pudesse ter me fornecido a informação. Não entendi. – Você vai até lá?

– Acho que sim – respondi confusa com sua reação.

– Bom... – coçou a cabeça e olhou para os lados. – Onde Peter está?

Pisquei algumas vezes sem entender, então a ficha caiu. Puta que pariu! Meu rosto foi ficando quente, a vergonha tingia minhas orelhas e descia pelo meu pescoço. Eu mataria Alex!

– Não sei – a voz arranhava minha garganta. Eu mal conseguia falar. – Estive com ele mais cedo...

– É apenas para o caso de ele te procurar e... Não seria legal se... É... – e a vergonha foi inevitável.

– Tudo bem. Você poderia avisar o Alex que eu estou procurando por ele? Eu... vou arrumar um lugar para ler... ler estes livros.

– Ah, os livros... sei... claro! Bons livros... – puta merda! Dava para ser mais constrangedor?

– Ok! Estou indo... – disparei escada abaixo sem olhar para trás. Precisava ter uma conversa séria com Alex o mais rápido possível.

ALEX

Desci pelos fundos esperando encontrar Charlotte em algum lugar distante dos outros ocupantes da casa. Tinha que contar a ela sobre minha conversa com Peter. Ela precisava saber. Quando entrei na sala, Lana brincava com João no sofá, minha mãe e Mary arrumavam um jarro de flores e conversavam como amigas de infância.

Estava quase alcançando a porta quando minha mãe me deteve.

– Filho! – abraçou-me com força, sem nenhum desespero em sua voz ou na atitude. Era seu abraço de mãe, como ela gostava. Retribuí. – Estava agora mesmo pensando que horas você apareceria.

Seus olhos brilhavam e no rosto estampava o mesmo sorriso bobo do meu pai. Ergui uma sobrancelha, certo de que ela já sabia que eu tinha pedido Charlotte em casamento, porém aguardava ansiosamente para que eu mesmo lhe comunicasse minha decisão.

– Mãe, eu estou bem. Estou procurando Charlotte – olhei para Mary, que sorria discretamente.

– Charlotte? – estreitou os olhos e depois deu um de seus risinhos que me faziam voltar à infância.

– Bom... acho que a vi subindo em direção ao quarto com alguns livros nas mãos.

– Certo – olhei para as escadas, sentindo a ansiedade me dominar. No entanto, não poderia simplesmente escapulir e deixá-las sem nenhuma informação. – Mary, eu conversei com Peter mais cedo, não sei se vocês já falaram a respeito ou se Charlotte contou alguma coisa – dei de ombros tentando não parecer grosseiro.

A verdade era que eu estava com pressa e desejava muito encontrar Charlotte, então fingir que não sabia que ela já tinha conhecimento do que estava acontecendo era meio que parecer um imbecil. Mary me olhava atentamente. Seus olhos brilhavam, os da minha mãe também.

– Mary, Charlotte e eu nos amamos – achei que não foi um bom começo, então decidi recomeçar. – Eu e Charlotte... nós... – porque estava sendo tão complicado? – Pode parecer absurdo, mas... – ela me abraçou com força quase ao mesmo tempo que minha mãe. As duas, penduradas em meu pescoço. Eu simplesmente não sabia o que fazer. Realmente não esperava aquela reação.

– O que está acontecendo? – Lana se aproximou e as duas “loucas” finalmente me deixaram, secando as lágrimas dos olhos e rindo como duas crianças.

– Alex e Charlotte vão se casar – minha mãe revelou. Lana riu e eu entendi que ela já sabia. Charlotte contou, com certeza.

– Eu estava falando sobre isso agorinha mesmo com João. Nós estávamos olhando alguns sites escolhendo alguns detalhes.

O quê? Como assim? Charlotte não deveria participar de decisões como aquela? Lana não podia simplesmente assumir as rédeas da situação e ignorar a vontade da pessoa mais interessada. Ou minha namorada teria pedido a ela? Eu precisava falar com Charlotte a respeito. Aliás, precisava encontrá-la. Já sentia falta da sua presença, do seu riso, da sua pele...

– Com licença, pessoas, estou procurando a noiva – tentei encontrar alguma informação no meio daquela confusão, as mulheres olhando o *tablet* na mão de Lana e admirando o que quer que ela estivesse exibindo.

– Ela acabou de passar correndo por aqui. Acho que foi em direção ao escritório – João Pedro respondeu, já que as outras não me deram a menor atenção.

Agradei a meu amigo e segui em direção ao escritório. Só de pensar em Charlotte a saudade se tornou insuportável. Quanto tempo já tinha se passado? Não sabia ao certo, porém eu sentia uma vontade irresistível de beijá-la, tocá-la, sentir o cheiro que pertencia unicamente a ela. E sabendo que nada mais estaria entre a gente, a vontade só aumentava.

Parei em frente à porta do escritório, que estava entreaberta, hesitei. Respirei profundamente e abri, louco para colocar minhas mãos em minha futura esposa.

CHARLOTTE

Minha única vontade era me trancar em algum lugar e ficar por lá escondida de todo mundo. Por que Alex teve que contar ao pai sobre o meu problema em relação a sexo? Aliás, até onde ele contou? O que Adriano sabia para ter me impedido de ir até o quarto do filho?

Porra, e onde Alex estava?

Que saudade!

Tudo bem, eu o perdoaria. Afinal de contas estava morta de vontade de tocá-lo, mesmo ainda machucada e sabendo que meu corpo não suportaria muito naquele momento. Eu sentia a falta dele como se nunca tivéssemos vivenciado algo diferente.

Com os livros ainda em mãos, resolvi me trancar no escritório até que ele me encontrasse ou eu tivesse coragem de sair. No entanto, assim que abri a porta, entrando num rompante, dei de cara com a minha amiga Miranda e seu namorado, Patrício, em uma situação nada fácil, para mim, claro!

Surpreendi os dois no maior amasso sobre a mesa do Dr. Frankli, sem se preocuparem com quem poderia entrar. Na verdade, vi muito mais do que amassos. Vi mãos e boca, que não deveriam estar, ou deveriam, em lugares nada decorosos. Nem preciso dizer que corei absurdamente, sentindo a pele esquentar e queimar o suficiente para que meu rosto, minhas orelhas e pescoço ficassem completamente vermelhos.

Minha reação foi cobrir o rosto e me virar em direção a parede enquanto Miranda emitia gritinhos e tentava se recompor.

– Charlotte! – Patrício exclamou surpreso.

– Ai, meu Deus! – Miranda gritou. – Charlotte, eu... nós...

– Eu só quero chegar até a porta. Por favor, Miranda! Só me diga como eu faço para chegar até a porta – não dava mesmo para olhar para minha amiga e seu namorado naquele momento. O que eu vi foi muito além do que poderia ser compartilhado livremente por aí.

Ela começou a rir histericamente enquanto Patrício não sabia como se desculpar. Eu só queria ter a

certeza de que conseguiria sair dali sem ver mais nada que não deveria.

– Dois passos para a direita, Charlotte – Miranda me orientava rindo.

– Ok! Saindo agora – abri a porta e, sem olhar para trás, saí de lá, rumando para os fundos da casa.

Depois daquela eu só poderia fazer uma coisa. Encontrar Alex independentemente de qualquer outra situação. Decidi subir pelos fundos e procurá-lo no quarto, mesmo que seu pai estivesse na frente da porta dando uma de defensor da minha virgindade. Era só o que me faltava.

ALEX

Abri a porta do escritório e dei de cara com Patrício no meio das pernas de Miranda. Ela deitada sobre a mesa, olhos fechados, o rosto demonstrando sua excitação, ele com uma mão acariciando suas coxas expostas e a outra apalpando um seio, não exposto, graças a Deus, enquanto roçava os lábios no pescoço da garota.

Putaquepariu! O que eles estavam fazendo? E se alguém entrasse? Poderia ser meu pai, minha mãe ou até mesmo Peter, e eu não queria estar na pele do meu irmão se aquilo acontecesse.

O que mais me intrigou foi que eles nem perceberam a minha presença. Continuaram os amassos sem se importarem com quem os observava. Patrício é um perfeito filho da puta! Expondo a garota daquela forma. Por que não procuravam um quarto?

Pigarreei.

– Puta merda, Alex! – ele saiu de cima da garota, que imediatamente tratou de se ajeitar sem coragem de olhar em minha direção.

– Faz algum tempo que estou assistindo à demonstração pública de afeto entre vocês dois.

Estava louco para rir, mas segurei o máximo que pude. Pela primeira vez, Miranda não me olhava com desejo, ou até mesmo desdém ou arrogância, como vinha fazendo desde que eu e Charlotte começamos a nos encontrar. Aliás, ela nem olhava para mim.

– Filho da puta mentiroso! Não faz nem quinze minutos que Charlotte saiu daqui com a cara vermelha que nem um tomate – a menção do nome dela me fez esquecer da brincadeira. – Que casal mais empata-foda! – Miranda deu um tapa no braço do meu irmão, sem se atrever a me encarar.

– Charlotte esteve aqui? Estou procurando por ela.

– Mal começou o relacionamento e já perdeu a garota de vista? – ele balançou a cabeça em reprovação. – Sei não. Alguém precisa ensinar o irmão mais velho a como entreter sua namorada.

– Patrício! – Miranda o repreendeu. Mas meu irmão não se intimidava facilmente e deu uma de suas risadas estrondosas.

– E alguém terá que ensinar o irmão mais novo a correr de bala. Esqueceu que Peter está aqui? Podia ser ele a surpreendê-los. Eu adoraria ver esse seu risinho cínico e petulante diante da arma dele – imediatamente Patrício recuou. – E você, Miranda, não tem medo do que pode acontecer? Não tiveram nem a decência de trancar a porta. Por que não escolheram o quarto, ou a cabana... – Merda! A cabana. Eu precisava encontrar Charlotte.

– Foi mal, mano. Estávamos de bobeira e acabamos nos empolgando... – ele começou a falar já nervoso com a possibilidade. Miranda me olhou furiosa. Bom, ela me detestava e eu nada podia fazer a esse respeito. Nem queria, a garota era intragável.

– Vou procurar Charlotte – saí do escritório indeciso sobre que direção tomar.

Resolvi então ir até o meu quarto buscar meu celular, que estava carregando enquanto me ocupava em encontrar a minha namorada. Ao passar pela sala, avistei o grupo reunido, exceto meu pai e Peter, que provavelmente estavam resolvendo coisas sobre a comemoração do feriado, ou verificando as estradas e os estragos da tempestade.

Tiffany, sentada no sofá, sem prestar muita atenção ao que Lana falava, foi a única a me notar. Ignorei o seu olhar. Eu precisava encontrar Charlotte ou enlouqueceria.

Subi os degraus a passos largos e corri em direção ao meu quarto. Pegaria o celular e ligaria para ela, seria mais fácil e não precisaria ficar rodando pela casa à sua procura. Assim que abri a porta dei de cara com quem nem poderia imaginar.

Charlotte!

Como minutos podem fazer uma diferença tão grande? Eu estive com ela na noite anterior, nos amamos durante a madrugada e, pela manhã, estive ao seu lado quando voltávamos para casa, apesar disso, ficar afastado dela por algum tempo fez meu corpo reagir de uma maneira estranha.

Eu sabia que estava sentindo sua falta, só que não com tanta intensidade. Quando abri a porta e dei de cara com Charlotte, seus lindos olhos claros e sagazes me observaram, a princípio com espanto, em seguida com admiração, amor... devoção. Sua pele branquinha e coberta das pintinhas que eu tanto amava, ficou rosada, dando a minha namorada um ar de inocência que me fez arder de desejo. E eu tinha certeza de que meus olhos estampavam os mesmos sentimentos.

Estávamos a um passo um do outro, para mim parecia haver um precipício entre nós, eu precisava vencê-lo. Precisava tocá-la para ter certeza de que tudo não havia sido um sonho, uma alucinação. Necessitava dela em meus braços.

Quase que no mesmo instante em que pensei em avançar, ela o fez e, em um átimo, estávamos nos braços um do outro. Sentir seu cheiro, sua pele era como respirar depois de passar algum tempo submerso. Sem esperar por mais nada envolvi seu corpo com meus braços e tomei seus lábios, consumido pela saudade que sugava todas as minhas forças para resistir àquela mulher.

Nunca antes tive tanta certeza do que sentia: eu amava Charlotte Middleton e não suportava a sua ausência.

CAPÍTULO 4

“Eu aprendi que tudo o que precisamos é de uma mão para segurar e um coração para nos entender.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Ah, os lábios de Alex!

Como pude ficar tanto tempo sem senti-los? E seu toque? Como sobrevivi?

Suas mãos percorreram minhas costas e meu corpo frio se aqueceu. Tão rápido quanto, minha mente se esqueceu de tudo o que eu queria dizer, de todas as dúvidas e incertezas, da dor que incomodava minhas costelas, dos arranhões que protestavam com o roçar do tecido grosso, dos músculos doloridos... A única coisa que importava era os lábios dele nos meus.

Sua língua pediu passagem, acariciando tudo pelo caminho, seus lábios macios brincavam com os meus num ritmo lento e sensual. Meu íntimo reagiu, deixando-me pronta e ansiosa. Era sempre assim. Alex não precisava mais do que um olhar para me deixar úmida, nada além de um beijo para me deixar entregue e de apenas um toque para me fazer queimar.

– Que saudade! – murmurou em meus lábios sem interromper nosso beijo.

Cambaleantes, demos passos inseguros até que minhas costas encontraram a parede e ele conseguiu colar seu corpo ao meu, tão excitado quanto eu estava. Imediatamente sua mão desceu para minha coxa, levantando-a, deixando nossos sexos mais próximos.

Senti um leve ardor, lembrança meio irritante da nossa noite de amor, porém, nada me impediria de continuar, mesmo que eu ficasse impossibilitada de andar depois. Pensando assim, me agarrei em seus cabelos, exigindo mais. Intensifiquei nosso beijo. Alex gemeu em resposta. Um gemido que eriçou meus pelos, esquentou minha pele, desconectou meus neurônios e formou um turbilhão dentro de mim.

Ah, Alex!

Foi quando ouvimos alguém pigarrear.

Alex se afastou tão rápido que me deixou atordoada. Quase descí escorregando pela parede com a falta do seu corpo. Era como se eu estivesse solta no ar, perdida no espaço. O mundo se tornou tão amplo que me consumiu. A vertigem me atingiu, escurecendo minhas vistas e amolecendo o meu corpo.

Então eu caí, e depois flutuei e nem assim, nem mesmo percebendo que meu corpo havia

evaporado, eu deixei de sentir e desejar o dele. Quando me dei conta, estava nos braços dele novamente. Foi como se tudo voltasse ao seu eixo.

– Charlotte! O que aconteceu? – sua voz preocupada me despertou e eu sorri ainda mole. A sensação era maravilhosa. – O que houve?

– O que ela tem? – oh, merda! Dr. Frankli. Abri os olhos e encarei o rosto do meu futuro sogro. – Charlotte, você está bem?

– Charlotte, fale comigo! – Alex parecia apavorado.

– Estou bem. Eu... acho que... você me soltou rápido demais – meu professor exibiu um sorriso torto, daqueles que faziam tudo dentro de mim tremer e pulsar. Foi discreto, mas lindo! Enquanto seu pai tentava não rir, fracassando descaradamente.

– Tá! Levante-se bem devagar – obedeci sentindo meu rosto esquentar pela vergonha.

– Sua mãe pediu para que eu o avisasse que está tudo pronto. Vamos descer?

Dr. Frankli avisou Alex, mas suas palavras pareciam mais um alerta do que um aviso. Seus olhos, castanhos como os de Patrício, e com a mesma intensidade franca, como os de Lana, mas em nada parecido com Alex, estreitaram-se um pouco, completando a expressão que me deixava irritada, envergonhada e revoltada ao mesmo tempo.

– Vamos.

Alex entendeu o recado e foi obediente. Claro! Não seria o Alex se não reagisse desse jeito. Meu corpo inteiro protestou, dando sinal da urgência que eu tinha de estar com o meu namorado. Havíamos ficado tanto tempo separados e, quando finalmente conseguimos ficar juntos, precisávamos nos afastar outra vez. Era injusto!

Apesar de contrariada, decidi que o melhor a ser feito era segui-los. O que mais eu poderia fazer? Dar uma de garotinha mimada e começar a discutir o meu direito de ficar sozinha com o homem da minha vida? Eu só conseguiria arrumar mais confusão e no final, como sempre acontecia, acabaria cedendo para agradar a alguém.

Uma droga!

No entanto, assim que entendemos que precisávamos sair daquele quarto, Alex segurou a minha

mão. Minha mente fervilhou de ideias e sensações estranhas, deliciosas e desejáveis. Eu conhecia a reação do meu corpo ao ser tocada pelo meu professor, reconhecia o calor que me cercava, o palpitar acelerado do meu coração, a ansiedade crescente, mas nada se comparava a ser tocada daquela simples forma, tão trivial que os casais faziam sem nem mesmo perceber, uma rotina estabelecida, mas que, para mim, fazia toda a diferença.

Aquele toque, o “dar as mãos” era o assinar do contrato, a definição do que éramos. Era assumir e estabelecer aquele relacionamento que até então pertencia somente a nós dois. Por este motivo, a certeza de que teríamos uma plateia me deixou tensa. Claro que todos já sabiam, afinal de contas, a história do pedido de casamento já fora oficializada, mesmo assim, seria a nossa primeira aparição em público, agindo como namorados, sem precisar esconder, nem disfarçar, o que sentíamos.

Andando do meu lado enquanto seguíamos seu pai, ele parecia tão tenso quanto eu, porém em nenhum momento pareceu fazer aquilo por obrigação, ou demonstrou vontade de se desvencilhar de mim. Pelo contrário, à medida que nos aproximávamos da sala, seu polegar passou a fazer uma massagem com movimentos circulares, ajudando-me a relaxar.

Ali, de mãos dadas com o homem com quem eu tinha escolhido viver, o mesmo que havia me amado apaixonadamente pela manhã, nada mais importava. Estávamos juntos, independentemente dos obstáculos que precisaríamos enfrentar.

Descemos as escadas, seguimos em direção à piscina e encontramos o grupo reunido em uma varanda grande. Todos atacavam as comidas que estavam dispostas sobre a mesa, enquanto, do lado de fora, meu pai e Johnny cuidavam do churrasco. Lógico que percebi todos os olhares, mesmo com a tentativa de serem discretos, e os sorrisos que ninguém conseguiu esconder. Em todos eles, reconheci o que gostariam de dizer e não ousavam, saber disso me deixou incrivelmente envergonhada.

Alex apertou um pouco mais a minha mão e então eu percebi que havia parado na porta, sem coragem de me aproximar. O porquê nem eu mesma sei explicar. Quase todos que estavam presentes já sabiam que eu não era mais virgem, um grupo um pouco mais reduzido tinha conhecimento de como aquele relacionamento começou, e todos, com exceção das duas megeras que permaneciam ali sem motivo algum, sorriam animados com tudo o que estava acontecendo.

Claro que notei o olhar ousado de Anita para o meu namorado, além do seu sorriso debochado, e também não deixei de perceber o pesar de Tiffany, que não fazia questão alguma de esconder. Mas Alex não olhou para nenhuma das duas, nem me largou, ele apenas me puxou um pouco e me cercou pela cintura, levando-me em direção ao grupo. Assim que paramos, próximos da cadeira onde estava Lana, ele deu um beijo casto em minha cabeça e me largou para puxar a cadeira para mim. Foi apaixonante, além de muito romântico.

João deu uma risadinha baixa e Lana deu uma piscada, aprovando o nosso comportamento. Minha mãe, sentada um pouco mais à frente, ao lado da mãe do meu namorado, sorria como uma boba e, mesmo tentando arduamente não ficar olhando para tudo o que fazíamos, perdia a batalha e acompanhava cada movimento nosso.

Miranda, que voltava para a mesa segurando um prato com diversos tipos de salada, olhou para mim e sorriu. Não consegui evitar o constrangimento ao recordar a cena entre ela e o namorado.

– O que vai querer? – Alex sussurrou sentando-se ao meu lado.

Olhei rapidamente para a minha mãe, que ainda nos observava com atenção. Ela, discretamente, fez um gesto de aprovação com a cabeça. Sorri sem conseguir evitar a vergonha e olhei para meu namorado.

Ele me encarava, seus olhos azuis profundos, cheios de amor, promessas e admiração, transportavam-me para um mundo só nosso, e eu sabia que me jogar naquele oceano, permitindo que ele realizasse tudo o que me propunha, não era o mais adequado para aquele momento, então desviei minha atenção para minhas mãos e senti minha face esquentar.

Alex tocou meu rosto com a ponta dos dedos, minha pele esquentou um pouco mais. Gentilmente, ele retirou meus cabelos que desciam como uma cortina protetora, escondendo o quanto eu estava envergonhada. Sentindo a ansiedade que crescia a cada toque, mordi o lábio, mantendo os olhos baixos. Por que era tão difícil vivenciar em público o que sentíamos? E por que meu corpo incendiava ignorando as pessoas ao nosso redor?

– Charlotte? – sorri timidamente quando ele inclinou um pouco a cabeça buscando o meu olhar.

– Este não é o meu papel? – falei baixinho, tentando manter aquela conversa apenas entre nós dois.

Ele arqueou uma sobrancelha sem entender o que eu queria dizer. – Não é a esposa que cuida do marido?

– minha voz ficou ainda mais baixa. Ele sorriu amplamente.

– Gosto de cuidar de você – respondeu no mesmo tom e se aproximou, juntando os lábios nos meus, em um beijo casto. O primeiro em público.

E então meu pai apareceu para tornar tudo muito mais difícil.

– Charlotte?

Não sei por que cheguei a acreditar que seria diferente. Que não teríamos problemas, nem a perseguição constante dos nossos familiares, muito menos a obsessão descabida do meu pai pela minha virgindade. Se ele soubesse... o fato é que a nossa realidade estava muito além dos parques segundos que conseguimos como namorados normais.

Aliás, para um relacionamento que começou da maneira nada normal, como o nosso, esperar que finalmente tudo encontrasse o seu rumo e seguisse um caminho seguro era o mesmo que acreditar em gnomos.

Virei na direção do meu pai. Alex se afastou discretamente, o que me deixou mais aborrecida. Peter não olhava para mim, e sim para Alex, em uma advertência, ou acordo silencioso, que rapidamente foi reconhecido pelo meu namorado. O que aqueles dois tinham conversado para que Alex estivesse tão disposto a concordar com todas aquelas regras malucas?

– Vou buscar alguma coisa para você – meu professor se levantou e saiu de perto de mim.

Ao passar por meu pai, ele apenas acenou com a cabeça, como se estivesse reafirmando o que quer que eles tivessem determinado. Confesso que a frustração fazia parte de mim naquele momento. Não era para ser daquele jeito.

Meu pai sentou no lugar antes ocupado por Alex. Tentei não demonstrar aborrecimento, porém ele me conhecia muito bem para saber que eu continuava sendo a mesma menina de sempre, mimada e revoltada, mas que nunca se rebelava.

– Tudo bem? – olhou-me com firmeza.

– Sim.

Fiquei aguardando pelo que ele diria e sabia que não se tratava de uma conversa qualquer, apesar de estarmos na frente de todos. Meu pai respirou com força.

– Sua mãe me disse que você se machucou – olhei na direção da minha mãe sem disfarçar o quanto me sentia traída. Ela deu de ombros e sorriu como se não tivesse feito nada. – Por que não me procurou?

– Não foi nada, pai. Nem estou sentindo dor – menti descaradamente.

Eu conhecia o meu pai e sabia que ele me forçaria a fazer um milhão de exames, tomar remédios controlados e ficar em repouso absoluto. E nada disso estava nos meus planos.

– Eu estou ótima! – sorri animada para que ele entendesse e me deixasse em paz, obviamente não foi o que aconteceu.

– Depois do almoço quero examiná-la. Mary disse que os hematomas estão feios. Uma queda de cavalo não é brincadeira, estou até pensando em pedir...

– Pai! Eu estou bem. Pelo tempo que já passou, se tivesse acontecido qualquer coisa, eu já estaria morta – ele me olhou a princípio assustado, depois estreitou os olhos e fez uma careta típica de quando pretendia me dar uma bronca.

– Não custa nada deixar seu pai te examinar, filha – revirei os olhos e cruzei os braços na frente do peito perdendo completamente a minha postura de pessoa madura. Lana e João riram.

– Charlotte? – minha mãe me repreendeu.

– Tudo bem, mas fique sabendo que não vou me enfiar em um hospital e só sair de lá depois que meu pai tiver certeza de que nem um fio de cabelo meu está quebrado – rebati sem conseguir controlar minha revolta.

– Charlotte sendo tão Charlotte! – Johnny entrou na varanda carregando uma travessa cheia de carnes. Ouvi um sonoro “hummmmm” vindo de todos os lugares.

– Cale a boca, idiota!

– Charlotte! – minha mãe chamou a minha atenção como sempre fazia e Johnny riu alto.

– Qual o problema em ser examinada pelo seu pai, Charlotte? Há algo que queira esconder? – Anita se intrometeu na conversa, juntando-se ao grupo, na mesa.

Olhei para ela e tive a certeza de que queria matá-la. Quem ela pensava que era? Como podia acreditar que tinha permissão para se intrometer em um assunto de família? Nada do que acontecia ali era da conta dela, então por que não calava a boca e se recolhia à sua insignificância?

Claro que não falei nada disso. Eu apenas sorri com inocência e educação.

– Não gosto de hospitais – ela ficou surpresa, arqueando as sobrancelhas.

– Meio estranho isso, não?

– Não – e encarei minha professora disposta a encerrar o assunto.

– O que foi? – ouvi a voz de Alex atrás de mim e pelo tom eu já sabia que ele estava tenso.

– Nada.

Forcei a minha a sair tranquila. Não queria que ele soubesse dos meus machucados, já que, estranhamente, meu namorado possuía a mesma natureza obsessiva pela minha segurança.

– Charlotte se machucou ontem, quando estava perdida na tempestade – meu pai revelou encarando Alex como se ele fosse o culpado pelo ocorrido. Merda!

– Como? – Alex piscou sem compreender.

Claro que ele não compreenderia. Primeiro: ele me viu sem roupas, mas estava escuro e recente demais para notar qualquer machucado, além do mais, no calor dos acontecimentos, ninguém estava mesmo atento a qualquer detalhe. Segundo: pela manhã, ficamos escondidos debaixo do cobertor, já que estava frio demais e logo depois eu fiz questão de esconder meus ferimentos.

E por que eu fiz isso? Porque não queria que ele me cercasse de cuidados, se culpasse e com isso resistisse a qualquer chance de me ensinar mais um pouco sobre as minhas mais recentes descobertas.

– Charlotte está machucada – meu pai repetiu num tom ainda mais ameaçador.

Que inferno!

– Não estou machucada!

– Charlotte! – Mamãe me repreendeu mais uma vez.

– Eu caí só isso. Qual a novidade?

– É. Qual a novidade? – Johnny brincou e começou a rir. Miranda fez o mesmo e os dois não escaparam do meu olhar mortal.

– Vamos combinar que Charlotte é uma desastrada de carteirinha. Milagre mesmo foi ela não ter se afogado, nem caído em um buraco, nem perdido o dente da frente – minha amiga colaborou com a brincadeira. Meu rosto ficou tão quente que eu podia sentir o calor se expandindo até minhas orelhas.

Dava para ser pior?

Dava.

– Você se machucou e não me disse nada?

Alex não entrou no clima de “zoação” dos meus amigos. A voz estava quase tão autoritária quanto a do meu pai.

– Eu apenas caí. Minha pele é muito branca, qualquer quedinha já deixa marcas – olhei para minha mãe em busca de apoio, mas ela não estava disposta a me ajudar. – Alex também se machucou – tentei desviar a atenção de mim. Não deu certo.

– Charlotte, você tinha que me dizer que estava machucada. Você...

Ele parou a tempo de não revelar nada, mas eu sabia o que queria dizer. Eu deixei que transássemos. Droga! Eu podia ter perdido um braço, uma perna, e nem assim abriria mão da nossa primeira noite. Nem que meu pai estivesse do lado de fora, esmurrando e ameaçando derrubar a porta.

Suspirei desistindo de tentar convencê-los.

– Eu estou com fome.

Alex piscou algumas vezes, meio perdido com minha falta de resposta, mesmo assim me passou o prato que estava em sua mão. Olhei sugestivamente para o meu pai, que entendeu o recado.

– Em uma hora, mocinha – ameaçou levantando.

– Alex, não acha estranho Charlotte ter escondido que se machucou? – Anita provocou, deixando-me profundamente irritada.

– Professora Anita, por que você não vai...

– Charlotte! – Alex rosnou baixinho do meu lado, ganhando a minha atenção. Engoli em seco.

– Almoçar – completei olhando diretamente para o meu namorado, que me encarava incomodado. – Se deixar Johnny comer primeiro, corre o risco de não ter o que comer – fiz uma careta na tentativa de sorrir educadamente, o que apenas deixou bem claro o meu sarcasmo.

Ela olhou para Alex, suspirou e levantou. Então soltei o ar que estava preso em meus pulmões. Olhei para o prato e percebi que minha fome tinha ido embora, junto com a minha paciência.

– Está tudo bem, Charlotte?

Aquela voz educada demais, boazinha demais, amiguinha demais... quase me fez explodir. Olhei para o lado e vi Tiffany. Ela não parecia querer me irritar, pelo contrário, demonstrava estar realmente preocupada.

– Tudo sim.

Ela olhou para Alex, que retribuiu o olhar, mas não gostou nenhuma do que conseguiu captar, depois voltou a conversar com Patrício e Miranda.

– O que aconteceu? – ele voltou a sua atenção para mim. Peguei o garfo e fingi escolher o que queria comer.

– Você sinceramente acredita que em uma noite como aquela eu não fosse cair? – Alex me analisou por um tempo, tentando pegar qualquer coisa em meu semblante que me entregasse.

– Seu pai disse...

– Meu pai é exagerado – interrompi-o e coloquei um pouco da salada de maionese na boca. – E minha mãe uma linguaruda – ele fez um muxoxo, contendo um pouco da sua ira.

– Por que não me contou?

– Alex, eu estou bem – encarei meu namorado que nada disse, apenas retribuiu o olhar. – Tome – peguei um pedaço da carne e levantei o garfo em sua direção. – Sua mãe disse que você está muito magro, então coma – ele ficou mais alguns segundos me encarando até que desistiu.

– Minha mãe é exagerada – disse ainda de mau humor, mas comeu a carne que ofereci.

ALEX

Eu continuava irritado com a história dos machucados. Sabia que era muito pior do que ela deixava transparecer. Mas como? Nós transamos. Vi seu corpo e não havia nada! Porra! Estava escuro demais para notar machucados recentes, e pela manhã... Droga! Ela me enrolou, desviou a minha atenção, como deixei passar algo tão óbvio? Como me deixei enganar com tanta facilidade?

Agora Peter jamais confiaria em mim outra vez. Era lógico que ele me acusava, afinal de contas me deu a função de salvar a sua filha e, no final de tudo, eu a trouxe machucada, sem contar que tínhamos transado, contrariando a vontade dele.

Puta que pariu!

– Ela vai te enrolar direitinho – Patrício brincou fazendo João rir.

– Você foi violento com ela? – meu amigo sabia que aquilo jamais aconteceria, por isso apenas olhei para ele, que abriu o maior sorriso. – Só estou eliminando as possibilidades.

– Ela caiu, não a ouviu contar?

– Sim, porém Charlotte está se tornando uma grande mentirosa.

Ouvir aquelas palavras me deixou ainda mais nervoso, simplesmente porque eu sabia que eram verdadeiras. No entanto, tinha consciência da minha parcela de culpa. Eu topei aquela loucura, assumimos juntos a ideia de mentir para poupar a nós dois e com isso nos envolvemos em uma teia de mentiras sem fim. Então, como podia julgá-la por ter me escondido a verdade?

– Não deve ter sido nada de mais, Alex – João empurrou meu ombro. Senti uma fraca dor que ainda incomodava. – Se fosse sério, Charlotte não estaria nem andando, o que dirá transando – Patrício riu alto chamando a atenção da minha namorada.

Nossos olhos se encontraram e eu senti a corrente elétrica que nos ligava. Eu queria estar com ela. Queria poder conversar sem a pressão esmagadora do seu pai. Ter algum momento de paz em que só aproveitaria o fato de estar com a mulher que havia conquistado o meu coração. Era tão mais simples quando ninguém sabia.

Segurei um gemido de lamentação. Quando nos casássemos, seria mais fácil.

Putaquepariu! Aos trinta e cinco anos, eu estava apaixonado por uma menina controlada pelo pai, decidido a aceitar todas as regras dele só para ficar com ela, ansioso para ser merecedor deste amor, da confiança que não apenas o seu pai precisava ter em mim, mas também, e principalmente, a dela.

Lamentei mais uma vez ter que respeitar aquela distância imposta por um pai do século dezoito, que ainda acreditava possuir uma filha virgem e disposto a lutar com todas as suas armas para que aquela situação permanecesse até o dia do nosso casamento. Se ele imaginasse...

Putamerda! Eu não queria que ele sequer imaginasse. Queria que confiasse em mim, que acreditasse que eu era o homem certo para a sua filha. Até porque eu não tinha dúvida nenhuma a este respeito. Eu era o homem certo para Charlotte Middleton. Ninguém mais. E se ele precisava desta pequena mentira para acreditar em uma verdade maior, era assim que seria.

– E aí, como foi? – Patrício se aproximou me entregando uma cerveja e mantendo a voz bem baixa.

– Como foi o quê? – abri a garrafa e dei um longo gole. Meu irmão e João se olharam e sorriram confidentes.

– Como foi... – ele fez um gesto com a mão, tentando ser discreto. João riu e eu fiquei indignado.

– Sério mesmo que você está me perguntando sobre minha vida sexual com a minha namorada?

– Claro que não! – ele se fez de ofendido. – Estou te perguntando sobre a sua quase inexistente vida sexual com a sua namorada. Ou recente e ainda bem distante vida sexual com a sua namorada, já que Peter não vai permitir que você encoste um dedo nela até que finalmente estejam casados – João continuou rindo como se aquele assunto fosse muito divertido. – Putaquepariu, Alex! Se Charlotte não fosse muito rica, eu juraria que este foi o maior golpe da história das mulheres na humanidade.

– Que golpe... – respirei fundo contendo a minha raiva. – Você é um idiota, Patrício! E não vá pensando que vai ser fácil para você, porque não vai. Peter está mais presente e atento, então, vá tratando de garantir que Miranda seja realmente sua alma gêmea ou então compre uma cova – João gargalhou.

– Vocês dois parecem duas garotinhas brigando – ele deu um tapa no peito de cada um de nós, afastando-nos. – Agora parem com isso. Ninguém aqui vai ficar sem sexo. Já deu certo até agora, não é mesmo?

Continuei encarando o meu irmão, que me olhava de forma desafiadora. Um perfeito idiota!

– E então, Alex, esse casamento é para valer?

João tentava amenizar o clima estranho que ficou. Resolvi deixar passar, afinal de contas Patrício não era o único responsável pela minha raiva.

– Espero que sim.

Busquei mais uma vez Charlotte pela sala e ela estava sentada, entre Lana e a mãe, que conversavam animadamente com a minha mãe e Miranda. Ela também me olhou e eu entendi o quanto preferia não estar ali, então ficamos nos olhando, mantendo a ansiedade e a vontade de estarmos juntos. Dei um sorriso para animá-la, ela retribuiu com outro tão sem graça quanto o meu.

– E o cara seguro, cheio de planos para a carreira, que se orgulhava de não precisar se curvar para ninguém, foi fisgado pela garotinha inocente – Patrício provocou outra vez. João disfarçou o riso. Prefери não responder. Charlotte suspirou e voltou a olhar para minha irmã.

– Onde estão aquelas duas doidas? – João perguntou pegando em meu braço.

– Estamos com a casa cheia de doidas, de quais você está falando? – esforcei-me para ficar mais tranquilo.

– Tiffany e Anita. O que elas estarão aprontando?

Olhei ao redor e não as encontrei. Era realmente estranho, mas preferi não averiguar. Toda a minha atenção estava voltada para a mulher incrível, que também suspirava de saudade, e que com certeza estava enlouquecendo no meio de tantas pessoas dispostas a decidirem por ela.

CHARLOTTE

Meu pai me examinava com uma cara terrível!

– Minha pele é muito clara...

– Eu sei! – ele rosnou me calando imediatamente. – Agora me conte direitinho o que aconteceu – respirei fundo, sentindo as costelas protestarem.

Contei a ele a minha história, desde o momento em que resolvi montar até a hora em que a tempestade nos atingiu, impedindo-me de voltar. relatei como caí do cavalo, o sumiço dos meus óculos e das quedas que acabei levando por causa da falta deles, o que explicava os arranhões em meus braços e joelhos. Fiz questão de frisar que tudo, exatamente tudo, aconteceu antes de Alex me encontrar e vi em seus olhos que ele ficou um pouco mais satisfeito com este detalhe.

Também disse que fiz questão de esconder do meu namorado, já que eu sabia que Alex ficaria tão nervoso quanto ele e que, como não estava sentindo nada significativo, preferi manter em segredo.

– Até que nem foi um segredo, já que deixei minha mãe entrar no banheiro e ver como eu estava – dei de ombros enquanto ele ainda me observava.

– São lesões graves – disse secamente. Fiz um esforço imenso para não revirar os olhos. – Vamos precisar de alguns exames.

– E como faremos isso se estamos aqui?

– Vamos para casa amanhã.

– O quê? – não era possível que meu pai estragaria tudo daquela forma. Eu não queria ir embora. Bom... pelo menos não sem Alex.

– Você precisa fazer alguns exames. Tenho certeza de que Alex concorda comigo.

– Pai!

Gemi com a certeza de que Alex me faria entrar no carro e obedecer meu pai. Foi quando alguém bateu na porta. Abaixei a camisa e aguardei. O Dr. Frankli entrou com uma expressão preocupada.

– Adriano – meu pai se adiantou. – Que bom que veio.

– Eu vim saber o que achou – ele disse sem tirar os olhos de mim. – Alex me pediu para verificar – olhou rapidamente para meu pai. – Ele está preocupado – desta vez revirei mesmo os olhos.

– Eu estou bem! Não é possível que ninguém leva em consideração o que eu digo! – o pai do meu professor sorriu e ali estava o sorriso de Alex.

– Posso? – meu pai concordou e ele se aproximou com cuidado. – Onde está machucado?

– Em todos os lugares – Peter respondeu por mim.

– Caí de lado, então estou com um hematoma no braço esquerdo. Os joelhos e algumas partes dos meus braços estão arranhados, nada de absurdo, só pequenos arranhões que, em uma pele tão clara quanto a minha, parecem ferimentos graves.

– Ela está com um hematoma enorme nas costelas, avançando até as costas – ele continuava tentando agravar a situação.

– Dói quando respira? – Dr. Frankli fez a mesma pergunta que meu pai já havia feito. Balancei a cabeça negando. – Sentiu gosto de sangue na boca em algum momento? – continuei respondendo negativamente às perguntas repetitivas. – Deixe eu verificar isso melhor. Pode levantar um pouco a blusa? – olhei para meu pai, que concordou.

A cara do Dr. Frankli não foi muito legal. Imaginei o que ele diria a Alex e quais consequências eu sofreria. Segurei o gemido de protesto com medo de eles o interpretarem como de dor.

– De fato os hematomas estão fortes.

Ele encostou o estetoscópio em minhas costas. Respirei fundo e repeti o processo, facilitando o trabalho dele. Depois senti seus dedos apertando cada costela, buscando por alguma fratura. Doeu, mas não o suficiente para me fazer temer um mal maior.

– Aparentemente não tem costela quebrada, mas precisaremos de alguns exames apenas para confirmar que nenhuma trincou ou algo do tipo – ele disse diretamente para o meu pai, que concordou imediatamente. – Posso ver os machucados do braço? – Puxei a manga e ele olhou os ferimentos de perto. – Com certeza temos alguma coisa para isso. Não parece que vai inflamar, nem que teremos alguma complicação – apalpou meu braço verificando se havia algo errado, nada encontrou além do que eu mesma havia dito.

– Vamos voltar amanhã, Adriano. Prefiro que ela faça logo os exames – meu futuro sogro retirou o estetoscópio do pescoço, demonstrando muita tranquilidade, e colocou uma mão no ombro do meu pai.

– Eu entendo a sua preocupação, se quiser poderemos conseguir uma radiografia por aqui mesmo. Não acredito que seja necessário mais do que isso. Você bateu a cabeça, Charlotte?

– Não – respondi um pouco mais animada.

– Mas senti tontura hoje cedo – ele revelou lembrado do episódio no quarto do Alex.

– Sentiu? – meu pai se aproximou curioso.

– Não exatamente – respondi cautelosa. – Alex me largou quando eu não esperava por isso, então caí – meu pai deu um sorriso inocente e falou:

– Quando isso vai deixar de acontecer? – Dr. Frankli riu com discrição. – Espero que Alex esteja preparado para conviver com a sua falta de coordenação, ou então teremos muitos encontros como este – ele continuou sorrindo, deixando-me cada vez mais sem graça. Por que fazia aquilo comigo na frente do pai do meu namorado? Era demais para mim.

– Agora que já se divertiram o suficiente a minha custa, eu posso sair?

– Onde podemos fazer a radiografia? – meu pai se voltou para o Dr. Frankli, esquecendo-se de mim, aproveitei a deixa e escapuli do quarto.

Estava ansiosa para encontrar Alex e sugerir que escapássemos para algum lugar longe de todos. Da escada pude vê-lo, conversando com o irmão e o cunhado. Avaliei se seria muito ruim interrompê-los, se isso geraria mais olhares debochados, se chamaria atenção demais.

Ao alcançar o último degrau da escada, minha futura sogra me envolveu em seus braços delicados justamente quando eu pensei que finalmente poderia estar um pouco mais com Alex. Eu não queria, mas como era o que normalmente fazia, obedeci, com o coração partido e já sentindo a falta dele.

– Charlotte, temos muito que conversar – ela me conduziu até o sofá onde estavam Lana e minha mãe, além de Miranda, que me aguardava na poltrona ao lado.

Lana me deu um sorriso largo e cheio de promessas que me fez suspirar derrotada. Ela já tinha elaborado um plano mirabolante para o casamento perfeito. Minha mãe e a do meu futuro marido se apressaram em compor aquela equipe decidida a fazer da minha festa um acontecimento. Estavam tão

empolgadas!

Fui obrigada a ouvir pacientemente tudo o que Dandara e minha mãe falaram sobre como deveria ser a tal festa. Elas queriam algo imponente e marcante, enquanto eu preferia simplesmente trocar as alianças e me trancar no quarto com o noivo sem me preocupar com o que meu pai poderia fazer.

Minha mãe falava da importância de ser uma festa grandiosa. Eu deveria imaginar que jamais conseguiria fazer algo simples e discreto, visto que meu pai era um homem influente e eu sua única filha. Teria que ser uma grande festa para mostrar ao mundo o quanto estávamos felizes.

Suspirei resignada.

Nada ali se parecia com o meu desejo de casamento.

Corri os olhos pela sala. Só conseguia ver Alex de longe. Ele ainda conversava com o irmão e o amigo. Às vezes, parecia tenso, mas então nossos olhares se encontravam, e eu conseguia captar que ele também estava com saudade. Mesmo assim, em nenhum momento ele se atreveu a ficar comigo.

Eu estava morta de saudades, louquinha para continuarmos de onde paramos. Elas falavam sem parar, sugerindo coisas, discutindo sobre cores, espaços, igrejas, e eu só conseguia me desligar quando as imagens de Alex fazendo amor comigo preenchiam a minha mente. Então eu me esforçava para não fechar os olhos e suspirar.

Devo confessar que usar jeans não era nada agradável. Eu estava assada e úmida por causa da excitação, e, para minha tristeza, não havia nenhuma possibilidade de trocar por uma saia, já que meus joelhos estavam esfolados e eu desejava escondê-los o máximo possível dos olhos do Alex.

– E então? – Lana colocou uma mão em minha coxa, e eu me vi forçada a deixar as lembranças e voltar à realidade.

– Então o quê? – ela riu parecendo não acreditar.

– Não é possível que não esteja interessada em sua festa de casamento, Charlotte!

– Estou – mas minha falta de empolgação alertou a todas.

– Algum problema, filha?

– Não – minha mãe fez aquela cara que ela sempre fazia quando sabia que não estava nada bem. –

Na verdade... – olhei para Dandara, que aguardava sentada no sofá da frente. – Eu e Alex ainda não

conversamos sobre isso. Eu... não pensei ainda sobre como será.

– Todas as garotas sonham e idealizam o seu casamento antes mesmo de encontrarem o noivo – Dandara brincou. – Como você imaginava que seria? – olhei para Miranda e ela mordeu o lábio entendendo a enrascada em que eu me metera.

– Nunca me imaginei casando – revelei. – Mas ainda temos tempo, não é? – elas se entreolharam. – Quer dizer... o pedido foi feito hoje e, levando-se em consideração que mal começamos a namorar, eu posso esperar um bom tempo para começar a pensar no assunto.

– Ah! Charlotte... – Lana começou. Ela falava com tanto cuidado que fiquei com medo do que viria. – Alex disse que seria logo – encarei minha cunhada absorvendo a informação.

– Mas não um logo imediato – ri tentando desfazer o clima. As caras delas revelavam que não era bem isso o que esperavam.

Putaquepariu! O que estava acontecendo? Eu realmente precisava conseguir falar com Alex, saber o que ele e meu pai conversaram e acertaram e o motivo para ele me manter longe das decisões tomadas. Como assim casaríamos imediatamente? Ele só podia estar brincando.

E se... merda! Alex contou a meu pai. Ele revelou o que aconteceu na cabana e, com certeza, esse foi o motivo para aquela ideia de casamento imediato. Meu pai o estava obrigando a casar, como sempre prometeu fazer.

Merda, merda, merda!

No que eu fui me meter?

CAPÍTULO 5

“Há quem diga que todas as noites são de sonhos. Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão. No fundo, isto não tem muita importância. O que interessa mesmo não é a noite em si, são os sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre, em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

E em meio a tantas dúvidas, às incertezas que habitavam o meu coração, a saudade absurda que eu sentia dele, mesmo sabendo que meu professor estava ali, ao alcance dos meus olhos, a minha imensa necessidade de tomar o controle da minha vida e a inexplicável necessidade que as pessoas tinham de assumirem-na por mim... o dia foi passando.

As pessoas beberam, comeram e, assim que a noite chegou, juntaram-se na área externa aguardando pelos fogos. Alex ficou do meu lado, sem muita intimidade, já que meu pai fazia questão de nos acompanhar de perto, e eu me sentia a garota de quinze anos que apresenta o primeiro namorado aos pais e precisa ser vigiada. Uma droga! O máximo que conseguimos foi trocar alguns olhares saudosos, e ele se atreveu a massagear minha mão enquanto Tiffany puxava conversa. Acho que foi uma forma de me deixar mais segura.

O que eu queria mesmo era o direito de sair dali com ele, de sentar na grama e conversar sobre tudo o que estava me consumindo. Resolver as pendências e organizar aquela bagunça. Não dava para ser da forma como estava sendo. No entanto, eu nada poderia fazer que não fosse me conformar e aceitar, pelo menos naquele momento. Depois eu pensaria em uma maneira de burlar as regras.

Então jogamos conversa fora e rimos muito das bobagens que Johnny contava. Até Anita estava mais receptiva, conversando com Patrício e tentando se enturmar com Lana. O celular do Alex tocou e ele entrou na casa para atendê-lo livre do barulho que fazíamos. Decidi que não suportaria mais nem um segundo. Aquela era a minha chance.

Por isso aguardei alguns minutos, observando meu pai, para me certificar de que ele não estragaria os meus planos e, assim que me senti segura, saí em direção à casa, decidida a encontrar o meu namorado e termos logo aquela conversa. Mas meu amigo conseguiu me interceptar no caminho.

– Todo mundo já sabe sobre a sua vida, menos eu! – jogou os braços em meus ombros e me puxou para si no exato momento em que Alex olhou em nossa direção, do outro lado da sala. Ele não gostou nadinha do que viu.

– Você está muito ocupado babando o ovo do meu pai – apesar de tentar, não conseguia ser dura com Johnny. Amava o meu amigo.

– Alguém tem que cuidar do padrinho para que sua garotinha possa namorar livremente – sorri abraçando sua cintura, permitindo que ele me levasse para longe, na direção da frente da casa.

– Até parece! Não consegui um minuto a sós com Alex. Parece que todo mundo se empenhou na tarefa de atrapalhar o nosso namoro.

– Noivado – ele me corrigiu de maneira debochada. Suspirei.

– Não é exatamente um noivado, e sim a ideia de casamento. Um dia – completei deixando claro que não concordava com aquela urgência toda.

– Não foi o que eu fiquei sabendo. O padrinho não vai ficar satisfeito com um noivado longo. Você sabe como funciona para ele. Além do mais, essa história repentina está deixando-o muito aflito, então eu acho que logo você estará em um altar.

– E eu acho que esta decisão deveria ser exclusivamente minha. No máximo minha e do Alex – rebati furiosa. Estava tão cansada de sempre aceitar o que escolhiam para mim.

– Charlotte, Alex não parece pensar muito diferente disso. Aliás, pelo que soube, pelo próprio padrinho, a ideia de um casamento para ontem foi do seu noivo.

– Isso porque, com certeza, meu pai o aterrorizou. Vou resolver este problema.

– Não quer se casar? Pensei que estivesse apaixonada – abracei Johnny e encostei meu rosto em seu peito.

– Eu quero. Amo o Alex! Nunca imaginei que teríamos um relacionamento, e que ele corresponderia ao meu amor... Só não quero pular todas as etapas e casar assim, sem nem ao menos termos um tempo para namorar, curtir um pouco o nosso relacionamento... Sei lá! Não estou muito confortável com a forma como as pessoas estão encarando esse casamento – ele me olhou fazendo uma careta engraçada.

– Acho que o padrinho não vai aceitar muito bem esse lance de namorar.

– Ele parece ter aceitado bem.

– Só se foi com você! Comigo ele pegou bem pesado. Praticamente me acusou de deixar a filhinha

inocente dele cair nas garras de um homem mais velho, ainda por cima, seu professor. Usou todos os argumentos possíveis, inclusive que isso poderia trazer problemas sérios para os dois – estremei.

– Ele disse isso? – Johnny confirmou, apertando-me com força em seus braços.

– Não se preocupe vai dar tudo certo e em breve eu não poderei mais abraçá-la desse jeito – ele apertou com bastante força me fazendo gritar de dor. – O que foi? – claro que não teria como esconder de Johnny a gravidade dos meus machucados.

– Nada de mais. São os machucados. Ainda doem um pouco, principalmente quando sou agarrada por um urso – tentei sorrir, mas estava doendo para valer. – Está tudo bem, juro! – engoli a dor em minhas costelas tentando não alertar os outros.

– Charlotte, você precisa de cuidados médicos.

– Meu pai e o Dr. Frankli já me examinaram. Vamos fazer alguns exames amanhã.

– Droga! – ele passou a mão pelos cabelos negros. – E mesmo ferida o Alex te comeu?

– Johnny! – dei um tapa no ombro do meu amigo que começou a rir.

– Mas é a pura verdade! Ele poderia ter te liberado, né? Você está machucada.

– Cale a boca! Quem disse que eu queria ser liberada? Quer saber? Vá à merda!

– Ele vai casar com você. Eu nem acredito que em pleno século vinte e um, as pessoas ainda se casam porque comeram alguém. Esse Alex é mesmo um idiota. Primeiro aceita dar aulas de sexo...

– Para, Johnny! – apesar de furiosa foi impossível conter o riso.

– Charlotte, pense um pouco. Ele levou um tempão para se decidir a fazer sexo com você. Finalmente te comeu ontem e já quer casar amanhã? Só pode ser um mané mesmo!

– Você é um mané! E pare de falar assim do meu namorado – ele me puxou com cuidado, abraçando-me sem me apertar.

– Sabe o que significa casamento? É dormir junto sem transar, engordar por causa dos filhos, discutir por causa das mínimas merdas. Caralho! Ele poderia muito bem ficar mais uns dois anos te ensinando a trepar e só depois desse tempo estragar tudo casando.

– Ok! Já deu! Se você continuar, vou pedir ao Alex te dar umas porradas –afastei-me do meu amigo decidida a encerrar a conversa.

– Ah, isso eu pago para ver – ele deu um soco na própria mão rindo ameaçadoramente. – Você pode mandá-lo ter uma conversinha comigo. Quem sabe não consigo ensinar àquele imbecil uma forma mais prazerosa de viver.

– Vou embora. Fui – dei as costas, porém ele me segurou rindo.

– Ok! Ok! Ele te faz feliz, devo admitir. Também foi muito corajoso enfrentando aquele temporal só para te comer – gargalhou.

– Para, Johnny! Ao menos ele foi mais homem do que você.

– Claro, eu não tinha nenhum interesse em...

– Atrapalho?

Alex apareceu do nada pegando-nos de surpresa.

Estávamos na frente da casa, encostados no corrimão da escada que dava acesso à porta principal, e Alex chegou por fora, parando no primeiro degrau. Johnny não se intimidou, enquanto eu fiquei sem reação. Alex estava bem perto de nós. Próximo o suficiente para ouvir a nossa conversa indecorosa. Ele olhava diretamente para meu amigo. Suas mãos estavam no bolso, seu sorriso aparentemente tranquilo, mas eu sabia muito bem que não era a realidade.

– Não! Estou aproveitando da Charlotte enquanto ela ainda não é uma mulher casada.

Johnny me envolveu com seus braços impedindo que Alex me alcançasse. Quase esbofetei meu amigo. Só não o fiz para não chamar a atenção dos outros. Ele não fazia por mal, apenas gostava de irritar o meu namorado e realmente se divertia fazendo isso, porém eu não queria forçar demais, além de não gostar que eles se provocassem.

Era pedir muito que eles fossem amigos?

– Seu tempo realmente é bastante curto, Johnny – meu namorado subiu os poucos degraus que nos separavam. – Eu e Charlotte vamos nos casar o mais rápido possível – sem demonstrar sua raiva, estendeu o braço e me puxou para si. Johnny não se opôs. Ainda bem.

Estar nos braços de Alex era como estar de volta ao meu universo. Encostei meu rosto em seu peito e aspirei seu cheirinho gostoso. Era tão... Alex! Ele beijou o alto da minha cabeça e acariciou minhas costas protetoramente. Rapidamente relaxei, esquecendo a tensão que vivi o dia inteiro.

– Calma porque ela está machucada – puta que pariu! Por que Johnny tinha que abrir sua boca grande?

– Você disse que estava bem – rapidamente Alex mudou de humor, encarando-me com intensidade.

– São só alguns arranhões – olhei sugestivamente para o meu amigo, que não ficou muito satisfeito.

Será que ninguém entendia que eu tinha planos para aquela noite e que não queria abrir mão deles?

– O que realmente aconteceu? Seu pai achou o quê? Meu pai disse que vocês cuidariam disso amanhã, então pensei que não era mesmo nada grave – oh, droga!

– Alex!

– Charlotte! Por que você não me disse? Eu... – ele olhou para Johnny e desistiu de dizer o que pretendia. – Por que não me falou ontem quando eu te achei?

– Não é nada de mais, apenas alguns arranhões! Você homens se assustam com qualquer bobagem.

– Lana disse que não estava nada bonito e você continua insistindo que são “só alguns arranhões” –

Lana era outra linguaruda que estragaria minha noite. – Droga, Charlotte!

– Acho melhor deixar os pombinhos sozinhos porque não quero presenciar uma briga de casal.

Prefiro saborear minha cerveja e assistir aos fogos, com licença – meu amigo sempre se esquivava quando eu precisava dele para desviar a atenção de mim.

– Charlotte...

– Alex, não fique nervoso. Eu estou bem! Seu pai e o meu estão cuidando de mim. Se fosse algo grave eles não me deixariam levantar da cama – abracei-o e desta vez busquei seus lábios. – Senti a sua falta – ele foi relaxando aos poucos. Estava dando certo. Beijeí sua boca devagar permitindo que ele me saboreasse aos poucos. – Queria poder voltar à cabana – sussurrei e mordi seu lábio inferior. Ele gemeu baixinho, um misto de saudade, desejo e angústia, que fez com que minha libido começasse a se manifestar.

– Seu pai não vai tirar os olhos de nós dois – sua mão subiu por minhas costas alcançando minha nuca e me prendendo. Minhas pernas fraquejaram.

– Nós conseguimos burlar a vigilância dele outras vezes. Não será diferente agora – sorri tentando ser convincente. Alex fez uma careta de desgosto.

– É diferente agora, Charlotte! – eu não estava gostando nadinha daquela conversa.

– Não precisa ser – rebati sentindo meu lado mimado e revoltado se manifestar. Alex me afastou um pouco pelos ombros, olhando-me nos olhos para deixar claro o que pensava.

– Preciso que seu pai confie em mim.

Fiz um muxoxo e ele sorriu. Lindo demais! Aqueles lábios se abrindo preguiçosamente, escorrendo para o lado realmente roubavam toda a minha capacidade de raciocínio.

– Não posso simplesmente decidir casar com você, impor a minha presença e quebrar todas as regras. Quero fazer tudo da forma certa.

– O que implica um longo período sem sexo – ele ficou sério, piscou algumas vezes e coçou a testa.

– Não um longo tempo.

– Se seguirmos as regras do meu pai, você não vai conseguir encostar um dedo sequer em mim. E eu quero muito mais do que seus dedos – ele me encarou, mordeu o lábio e depois sorriu.

– Você é minha mulher, Charlotte, e ninguém vai mudar isso. Nem mesmo o seu pai – suas mãos voltaram para a minha cintura, desta vez com uma energia renovada, com uma intensidade diferente e um desejo latente. Senti meu sangue ferver.

– Pensei que eu fosse a sua menina – sussurrei me aproximando mais. Alex umedeceu os lábios, os olhos vidrados em minha boca.

– E você é. A minha menina linda! Deliciosa! – sua voz estava mais grave e nossos corpos mais próximos. – Mas preciso fazer com seu pai confie em mim.

– Não deveria ser problema estar com o meu professor – provoquei colando meu corpo ao dele, sentindo o seu calor. – Ou você não é mais meu professor? – aticei. Alex puxou minha cabeça para trás e mordiscou meu pescoço.

– Ah, Charlotte! Claro que sou! Ainda tenho tantas coisas para te ensinar.

– E eu quero muito aprender – fechei os olhos me entregando ao momento.

– Sim. Você é uma aluna aplicada, vai aprender direitinho tudo o que eu ainda quero te mostrar.

– Tudinho – provoquei.

– Tudinho – ele repetiu com um gemido delicioso. – Não vou deixar passar nada.

- E eu vou aproveitar muito – todas as minhas células se agitavam, ferviam e pulsavam.
- Tenho certeza de que teremos aproveitamento máximo. Você é excelente. Minha melhor aluna!
- Melhor e a mais ansiosa por novas aulas – ele me beijou com prazer.

Pela forma como seus lábios se moviam nos meus, pelo avanço da sua língua em minha boca, assim como a avidez de suas mãos em meu corpo, eu podia sentir que Alex ardia de desejo. E eu? Ah! Eu nem sabia descrever o que estava sentindo depois de ouvir tantas promessas.

– Vamos soltar os fogos – a voz de meu pai quase me fez gritar. Alex se afastou, mas desta vez me manteve em seus braços. O que foi ótimo, pois, do contrário, eu realmente teria caído.

– Peter! – Alex pigarreou tentando melhorar a voz.

– Vocês poderiam ser mais discretos. Além do mais, não acho correto... – ele olhava de maneira dura para Alex. Merda!

– Pai...

– Nós vamos nos casar, Peter. Que mal há em nos abraçarmos?

– Era bem mais do que um abraço – meu pai não levantava a voz, nem demonstrava abertamente a raiva que era perceptível na maneira como repreendia Alex, que por sua vez queria rebater, porém acabava concordando com as babaquices dele.

– Somos namorados, Peter, como quer que nos comportemos? Casais se beijam, se abraçam... – ele se perdeu na continuação. Foi neste instante que entendi que havia algo mais naquela história toda. – Compreendo a sua preocupação, no entanto nós não estávamos fazendo nada de mais. Estamos em um local aberto, disponível para todos, pelo amor de Deus!

– Eu não entendo – rebati. – Estamos no século vinte e um, pai. Pare de ser tão antiquado. Além do mais, Alex tem razão, se nós vamos nos casar, não há necessidade de uma marcação tão cerrada.

Encarei meu pai, que me encarou de volta. Eu nem tinha certeza de que deveria usar o casamento como argumento, visto que não estava de acordo com os termos. No entanto, apesar da sua irritação, ele me fitou por algum tempo, depois suspirou derrotado.

– Eu ainda não me adaptei ao século vinte e um, e preciso me acostumar a vocês dois. Enquanto isso não acontece, evitem este tipo de demonstração desnecessária – olhou diretamente para Alex, que

concordou e beijou o alto da minha cabeça.

– Pai!

– Estou concordando com tudo, Charlotte. Fazendo todas as suas vontades. Não force a barra senão eu a tranco num convento e você só sai de lá no dia do casamento.

Ai, que ódio! Precisava ser tão cabeça dura, um ogro do século passado?

– Vamos ver os fogos – Alex não queria prolongar o confronto e por isso me indicou o caminho sem se encostar muito. Merda!

– Não entendo por que fogos – eu disse tentando não pensar na raiva que estava sentindo.

– Porque nós gostamos – Alex falou com a voz mansa, como se quisesse me tranquilizar. – Quando éramos pequenos, amávamos o fim do ano porque podíamos ver os fogos, então meus pais criaram mais uma data para soltá-los.

– Você tem bons pais, Alex – meu pai participou da conversa. Olhei para ele, que entrou na sala visivelmente mais relaxado. – Bons pais criam bons filhos – Alex sorriu. Era tudo o que ele queria, ganhar a confiança do meu pai.

– Nem sempre – eu disse com má vontade e meu pai, ao invés de ficar irritado, deu risada.

– Apesar de concordar, não vou dar o seu exemplo, Charlotte. Você só é mimada, e isso é culpa da sua mãe – Alex riu.

– Pai! – eles riram e eu detestei.

O restante da noite foi relativamente tranquilo. Correu tudo bem tirando o fato de meu pai realmente nos vigiar de perto e de Alex cumprir sua promessa de que pegaria leve, ou não pegaria, já que nem encostava em mim, apesar de permanecer do meu lado.

O único problema era justamente o que eu imaginava. Eu precisava de Alex. Precisava de seu toque, seus beijos e todas as promessas que ele havia feito antes de meu pai estragar tudo. Sem contar que ainda precisávamos ter a tal conversa que definiria o rumo de nossas vidas.

No quarto, após me certificar de que meu pai realmente fora dormir e implorar a minha mãe para que conversasse com ele sobre os limites rígidos impostos, sentei para conversar com Miranda, embora ainda me sentisse péssima por ter dado aquele flagra.

– Preciso dar um jeito de passar a noite com Patrício – ela tirava da mala um conjunto de calcinha e sutiã absurdamente sexy. Meu rosto esquentou na mesma hora e eu sabia que atingira o limite máximo do constrangimento. – O que acha?

– Tudo fica bem em você, Miranda – deitei na cama e olhei para o teto.

O que eu faria? Como conseguiria sobreviver a um namoro com o homem da minha vida, tendo que enfrentar a vigilância do meu pai? Logo quando eu finalmente tinha alcançado o que tanto desejava, as coisas pareciam dar errado. Era uma grande droga! Se eu soubesse, teria mantido tudo em segredo. Esconderia de tudo e de todos o meu relacionamento com Alex, pelo menos teria mais algumas aulas e desfrutaria um pouco mais do que ele tinha para me ensinar.

– Patrício gosta de lingerie pequena. Quero satisfazer todas as suas vontades hoje – meu rosto continuava vermelho e quente, tal como a calcinha que ela levantava para me mostrar. Só de me lembrar daqueles dois... Precisava ser algo tão explícito?

– Como você vai fazer para escapar? Meu pai tá insuportável com toda aquela cobrança e perseguição.

– Sim. Em cima de você. Graças a Deus!

– Que horror, Miranda! – ela riu.

– Charlotte, o padrinho tem um sono de pedra. Nem vai perceber que não dormimos no quarto. É só você esperar o momento certo e correr para o quarto do seu professor. Ou ele vir para cá.

Imediatamente levantei o corpo, ficando sentada na cama e encarando a minha amiga. Valeria a pena arriscar? Mordi os lábios sentindo a dúvida me invadir e a hesitação diminuir a cada segundo. A vontade de ficar com Alex era mais forte do que qualquer outro sentimento.

– Vá se arrumando enquanto não chega a hora, boba! – ela piscou e entrou no banheiro.

Demorei alguns segundos sentada, ponderando e pensando que, se meu pai realmente resolvesse me procurar, pelo menos colocaria um fim naquela idiotice de guardar a minha virgindade. Já que ela nem existia mais. Ele ficaria nervoso, faria um terrível escândalo, mas no final de tudo, entenderia que eu amava Alex, apesar de eu ter certeza de que ele me faria casar no dia seguinte.

E estávamos nós de volta ao mesmo ponto: o casamento.

Quando Miranda saiu do banho, eu já estava com o meu plano todo arquitetado, a lingerie mínima sobre a cama além de um roupão gigante que me ajudaria a esconder os hematomas. Era só pedir para Alex manter a luz apagada por causa do meu pai e pronto, eu teria uma noite incrível nos braços dele.

ALEX

Após o banho vesti uma calça de moletom e uma camisa de algodão. A noite estava incrivelmente fria. Desforrei a cama, deitei e apaguei o abajur que ficava ao lado. Olhei a janela, salpicada pelas gotas da chuva que havia voltado a cair sem a mesma força da noite anterior.

Então meu pensamento vagou para a mulher que me consumia diariamente: Charlotte. Suspirei pesadamente. O que eu faria com Charlotte? Como conseguiria equilibrar o fogo dela, o meu desejo e as regras de Peter? Ficar longe estava fora de questão. Era inadmissível! Eu a amava, queria casar com ela, queria uma vida ao seu lado, só que, para alcançar tudo isso, precisava ganhar a confiança do pai dela antes.

Claro que não poderia ficar sem tocá-la, sem sentir seu gosto, seu cheiro, sem tê-la em minha cama, no entanto, precisávamos ser extremamente cuidadosos. Eu não podia vacilar com Peter, ou ele nunca mais confiaria em mim.

Eu tinha três opções: viver perigosamente, tendo Charlotte apenas quando conseguíssemos uma brecha na vigilância do pai, o que me fazia pensar no quão desgastante seria, sem contar que era impossível prever quanto tempo teríamos disponível. É... esta não era uma boa opção.

A segunda seria aceitar realmente as regras do Peter e manter Charlotte sob controle, sem intencional levá-la para cama, pelo menos não enquanto não estivéssemos casados. Esta era realmente a opção mais sem noção. Impossível não ceder aos encantos da minha namorada. Seria o inferno não poder transar e assisti-la corar da forma como fazia, me olhar com tanto desejo que chegava a me deixar sem ar, beijá-la sentindo o seu corpo entregue. Não. Não havia como aceitar esta opção.

A terceira era a mais coerente. Precisávamos casar logo. Quando Charlotte se tornasse minha mulher, ninguém mais poderia controlar as nossas ações. Seríamos livres. Poderíamos nos beijar sem Peter achar que era demais para a sua mente antiquada, poderia tirar minha esposa da sala e levá-la para o quarto sem que para isso tivéssemos que arquitetar um plano mirabolante. Eu teria Charlotte todos os dias, em meus braços, em minha cama. Poderia fazer amor com ela quando bem quisesse. E seria o

paraíso.

Sorri feito um adolescente apaixonado. Porra! Quando poderia imaginar que desejaria tão desesperadamente estar casado com alguém? Quando em minha vida eu pensei que namoraria uma fedelha controlada por um pai linha dura do século dezoito? E quando foi que imaginei que poderia viver sem ela?

Ouvi uma batida tímida na porta e fiquei em alerta. Pensei em ignorar. Muito provavelmente era Tiffany, ou Anita e, com certeza, isso me renderia muitos problemas. Aquelas duas eram um pesadelo. E eu ainda precisava dar um jeito na perseguição da minha ex-colega de trabalho.

No entanto a pessoa do lado de fora foi mais ousada e abriu a porta. Arrependi-me no mesmo instante de não tê-la trancado. O que eu estava pensando quando imaginei que seria melhor assim, para caso Charlotte ousasse aparecer. Caralho! Sentei na cama pronto para expulsá-la do meu quarto.

Ouvi o barulho da chave trancando e imediatamente fiquei tenso. Então ela surgiu. Estava escuro e a princípio não a reconheci, mas era impossível confundi-la com outra pessoa. Seu corpo magro e delicado, seu jeitinho peculiar, seus passos leves. Era ela.

– Charlotte? – sussurrei para o espectro parado diante da cama.

– Oi – sua voz confirmou. – Não esperava por mim?

Engoli em seco. Lógico que eu esperava por ela, mesmo sem acreditar que tivesse coragem. Eu ansiava por ela, mataria e morreria por ela, só não imaginava que Charlotte derrubaria realmente a barreira construída por seu pai e fosse tão ousada. Pelo menos quando ele estava em um quarto próximo ao meu.

– Não está feliz em me ver? – ela avançou. A luz da noite clareou seu corpo. Cabelos claros descendo pelo roupão de seda branco. Ela estava perfeita.

– Claro que estou, mas...

– Mas? – Charlotte deu mais um passo em minha direção e retirou o roupão.

Eu conseguia ver apenas suas formas insinuadas pela pouca luminosidade. Estava quase que completamente exposta. Meu pau se manifestou no mesmo instante. Minha namorada era deliciosa! O corpo magro e pequeno, com tudo no seu devido lugar.

– Seu pai, Charlotte. Ele não vai gostar nadinha.

Putaquepariu! Eu estava deliciosamente excitado. Queria poder senti-la nem que fosse mais uma vez. Escorregar para dentro das suas paredes apertadas e fazê-la gozar pulsando em meu pau. O proibido definitivamente era mais gostoso. Em se tratando de Charlotte, incrivelmente estimulante.

– Ele está dormindo, Alex. Se preferir eu posso ir embora – fez menção de se afastar.

Uma porra que eu permitiria que ela fosse! Não naquele momento. Nem naquela hora. Eu precisava dela em meus braços, de momentos só nossos. Passei o dia ansiando por isso, e correria todos os riscos para tê-la ali, naquele instante. Levantei, puxando-a pelo braço e jogando-a em minha cama.

Instantaneamente ela gemeu. Um gemido de dor, não de prazer, o que me fez recuar no mesmo segundo. Charlotte arfou um pouco e tentou disfarçar procurando meus lábios. Para azar dela, o estrago já estava feito, eu teria que descobrir a extensão dos seus ferimentos.

Alcansei o abajur antes que ela conseguisse me impedir e acendi a luz. Fechei os olhos quando vi o que procurava. Ela estava muito ferida. Hematomas arroxeados se espalhavam em seu braço e se estendiam pelas costelas. Chequei suas pernas e vi os joelhos arranhados. Sentei na cama e respirei fundo.

– O que aconteceu com você? – as palavras saíram por entre os dentes. Não dava para disfarçar minha irritação.

– Você já sabe: caí do cavalo, também escorreguei algumas vezes, e... – olhei em seus olhos com mágoa. Como não reparei antes? Como ela conseguiu esconder?

– E?

– Acho que... – Charlotte desviou os olhos. – Acho que o chão também machucou um pouco as minhas costas, não sei... Alex...

– Droga, Charlotte! Você estava muito machucada e eu... nós...

– Alex, por favor! Sem dramalhões. Não foi nada de mais. Eu sou muito branca, um beliscão de nada me deixa marcada, imagine uma queda, mas amor... – nossos olhos se encontraram. Eu me sentia magoado, não com ela, mas com a situação e a minha falta de sensibilidade.

– Você está muito ferida. Eu...

– Alex, pare! Você não teve culpa de nada, meu amor. Por favor, vamos esquecer isso e continuar! –

Charlotte me segurou em seus braços e eu ri sarcástico.

– Continuar, Charlotte? Você está... você está péssima, dolorida, com hematomas por todo o corpo... e eu estou me sentindo culpado pela metade dos seus ferimentos.

– Pare com isso, Alex! Eu cá! Estava chovendo e aquele... aquele animal que você tanto ama me derrubou no chão e depois foi embora sem esperar por mim – voltei a rir ainda muito irritado.

– Você caiu do cavalo, Charlotte. Poderia estar seriamente ferida. Pode ser que suas lesões sejam...

– Pare! – ela apagou a luz e me olhou. – Pronto. Acabou. O que os olhos não veem o coração não sente, não é o que diz o ditado popular? – ri, desta vez, realmente achando graça.

– Deixe de bobagens. Meu pai não me disse que era tão grave assim. Droga, Charlotte! Por que seu pai não a levou imediatamente ao hospital.

– Porque não são realmente graves. São apenas machucados feios, mas se apagarmos as luzes... – sua voz ficou um pouco embargada e eu me perguntei se ele choraria por causa da minha recusa. Puxei o ar me preparando para o confronto. – Não quero médico, quero ficar com você. Sinto sua falta. Preciso de você.

– Não. Você está machucada, Charlotte.

Ela avançou, sentando em meu colo, colando sua pele na minha, se movimentando e arrancando toda a minha capacidade de raciocínio. Um gemido escapou de meus lábios. Claro que a desejava! Como não desejar? Quantas vezes eu pedi por aquele momento? Quantas noites passei sonhando com o dia em que finalmente ela seria minha? E ela estava ali, em minha cama, prontinha para mim. Mas... droga! Eu nem sabia onde poderia tocá-la sem machucá-la ainda mais.

– Charlotte, não. Pare!

– Por favor! Eu preciso de você, Alex. E você prometeu.

– Prometi o quê? – ela roçou os lábios nos meus ao mesmo tempo que seu sexo roçava meu pau, que já implorava por alívio. Droga! Eu queria. Muito. Mas como?

– Continuar sendo o meu professor. Continuar me ensinando – suas mãos corriam por baixo da minha camisa, arranhando minha pele e me estimulando ainda mais.

– Outro dia. Prometo.

Tentei me afastar da tentação, mas ela não deixou, protestando. Resolvi que tirá-la do meu colo e deixá-la na cama seria uma atitude mais eficaz. Charlotte não se deu por vencida prendendo as pernas em minha cintura.

– Alex, por favor! Eu estou aqui agora.

– Toda arrebitada – rosnei sentindo raiva ao lembrar dos machucados ainda tão vivos.

– E excitada – ela rebateu me surpreendendo.

Eu podia ver aquele seu sorrisinho safado se prolongar no rosto perfeito. Lógico que eu sabia que Charlotte estava excitada! Como mais, uma garota tão fogosa quanto ela, poderia estar? Jamais poderia ser diferente e este fato já era o suficiente para me deixar louco. Para me fazer perder a razão.

Tentei negar. Tentei a todo custo me convencer de que eu só pioraria as coisas. Mas suas pernas estavam em minha cintura, seus quadris dançando uma música lenta e excitante, eram um convite real para a perdição. Ela sorria e mordia os lábios. A escuridão não me deixava confirmar, no entanto eu tinha certeza de que seu rosto estava corado... e lindo!

E... merda! Eu estava louco por ela.

– Excitada? – puta merda! Como eu podia ser tão ordinário a ponto de desejar uma garota coberta de hematomas?

– Hum, hum! Muito! – Charlotte levantou os quadris, rebolando em meu sexo. Porra! Ela era muito safada. E gostosa!

– Não, Charlotte – gemi tentando esconder o quanto estava gostando, mas meu inconsciente já estava totalmente no modo “sim”.

– Eu quero tanto – beijou meus lábios com tanta doçura e sensualidade que senti meu membro latejar.

– Porra, Charlotte! Não! Eu vou deixá-la mais machucada.

– Vai, é? – o sorriso travesso e malicioso estava lá. Ah, eu poderia fazer tantas coisas com aquela boca.

– Vou. E se você continuar me provocando será pior.

– Será?

Ela levantou minha camisa. Naquele momento eu me dei conta de que o quarto estava quente.

Abafado. Deixei que a camisa caísse no chão sem sair de cima dela. Era pedir demais.

– Escute, Charlotte, não acho que seja uma boa ideia. Eu nem sei onde posso te tocar.

– Em todos os lugares. Eu sou todinha sua – a diaba continuava se movimentando, esfregando-se no meu pau, ronronando como uma gatinha manhosa implorando por carinho. Como resistir?

– Ah! Charlotte, não faz assim, eu... Ah, Charlotte!

Era impossível não gemer sentindo aquele corpo quente, gostoso e sensual se esfregar em mim. E, verdade seja dita, eu estava doido para me enterrar nela.

– Alex! Estou pegando fogo! – suas palavras saíram como uma deliciosa tortura.

– Eu vou te machucar – puta que pariu! Eu não conseguiria resistir.

– Não vai. É só fazer bem devagarzinho – ela se movimentou com cuidado, insinuando o que estava sugerindo.

– Devagar?

Entrei em seu jogo, aceitando e retribuindo os seus movimentos. Incapaz de lutar contra, beijei seu pescoço suavemente e segurei no travesseiro em vez de em qualquer lugar do seu corpo.

– Ah! Sim, Alex. Bem devagar.

CAPÍTULO 6

“O inferno está vazio e todos os demônios estão aqui.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Pensei que Alex não me daria o que eu desejava. Podia até sentir o gosto amargo da rejeição, então, surpreendentemente, ele concordou e rapidamente caiu no meu jogo. Ele me tocou apenas com os lábios e foi tão gostoso que meu sangue ferveu. Era demasiadamente sensual saber que ele me desejava, mas freava seus instintos.

A intensidade dos seus lábios permitia que eu tivesse noção do quanto ele me queria, pois sua pele tocava a minha, em um beijo molhado e demorado, lento e tenso, como se o esforço para se conter exigisse muito dele. Como se fosse impossível resistir a mim.

Tentei ficar bem quieta, apenas sentindo e aproveitando, permitindo que ele tivesse aquele momento, que me saboreasse sem nenhum impedimento. Sua boca desceu lentamente pelo meu pescoço, o hálito quente marcando o caminho, queimando a pele e me fazendo gemer baixinho com a ansiedade e expectativa que a sua lentidão me causava. Ele se alojou em meus seios, provocando-me.

Com os dentes afastou o sutiã, revelando meus seios e liberando-os para sua apreciação. Eu estava completamente úmida, excitada e ansiosa. Queria descobrir um pouco mais do que Alex tinha para me oferecer. Ir além das brincadeiras e da nossa iniciação. Queria conhecer o sexo em toda sua plenitude e queria naquele momento.

Alex cumpria sua palavra. Estava sendo lento e cauteloso. Angustiosamente lento. Deliciosamente lento. Com os dentes, apoderou-se de um mamilo e puxou ligeiramente. Arrepiei por completo em sua boca. Mantendo-os ali, roçou a ponta do bico com a língua, umedecendo-o. Gemi. Era impossível ficar indiferente.

Repetiu no outro seio e depois alternou, um de cada vez, sugando, lambendo, mordendo e me enlouquecendo até o limite. Como era possível que ele conseguisse me deixar quase no ápice apenas com sua boca em meus seios?

Lento, porém implacável, Alex os abandonou, depositando um beijo suave em cada bico já sensível e intumescido, seguiu descendo por minha barriga, seu hálito queimando minha pele, marcando-me em

seu percurso de luxúria e prazer, prolongando-se em meu ventre e alcançando... ah! Ele chegou lá. Entre as minhas pernas.

A princípio apenas me acariciou com a face. Roçou a barba baixa, de um dia, na junção entre minhas coxas e meu centro de prazer, depositou beijos suaves pela sua extensão, fazendo-me pensar que o mundo não mais existia. Tudo havia evaporado, desaparecido, ficando apenas eu, Alex e a cama. Afastou a calcinha e então sua língua macia tocou meu sexo suavemente.

Involuntariamente inclinei meu corpo em sua direção. Eu não controlava os meus gestos, não tinha domínio sobre meus atos. Apenas o queria e faria o impossível para tê-lo. Agarrei seus cabelos, suplicando por mais, mais carícias, mais de seus lábios, da sua língua incansável... mais dele. Muito mais.

Decidido a me matar de ansiedade, Alex se afastou, beijando e mordendo minhas coxas. Contorci-me prendendo seus cabelos entre meus dedos.

– Alex!

– Você está muito ansiosa, amor. Preciso ser cuidadoso ou vou te machucar. Controle-se!

– Não quero me controlar. Quero que você perca o controle – explodi em um ataque de desejo e infantilidade.

Ele riu, deixando-me frustrada, e continuou a morder minhas coxas, traçando um caminho tortuosamente demorado. Contorci-me gemendo baixinho toda a minha ansiedade. Tinha certeza de que Alex me olhava, que me torturava ciente de que estava me empurrando ao limite, e se deliciava com sua capacidade de me enlouquecer.

– Quieta, Charlotte! – ordenou com a voz rouca. O rosto ainda entre as minhas pernas, seu hálito chegando até o meu sexo, deixando por lá uma promessa que me atordoava. Gemi baixinho.

Putá merda! Era excitante demais quando ele falava comigo com autoridade. Como se estivesse pedindo que meu corpo incendiasse. E era o que acontecia. Não consegui me controlar e me contorci toda ao senti-lo se aproximando cada vez mais.

– Quietinha! – sussurrou já muito próximo do meu ponto de prazer.

Eu me sentia incapaz de acalmar o meu corpo. Não havia como impedi-lo. Era humanamente

impossível.

Alex levantou um pouco, colocou os antebraços em cada uma das minhas coxas, abrindo-as até que eu estivesse completamente exposta, segurou minha cintura com suas mãos e me imobilizou.

Puta. Que. Pariu!

Era estranho, constrangedor, íntimo e... puta merda! Eu estava em chamas.

– Assim está bem melhor.

Não tive tempo de responder, pois naquele mesmo instante, naquela fração de segundo em que eu procurava algum argumento, seus lábios afoitos tocaram meu sexo úmido. Arfei, sentindo-me deliciosamente impotente em sua boca e mãos.

Alex sabia o que fazia. Movimentava-se como um mestre, um conhecedor do assunto, um verdadeiro professor. Seus lábios se abriam e fechavam em sincronia, beijando e chupando de forma inegavelmente perfeita, até para uma quase leiga, como eu.

– Ah, Alex!

De olhos fechados, permiti-me ser apenas sensações. Sentia seus lábios, sua língua ousada e insistente, seus dentes provocadores pressionando minhas terminações nervosas. Ah!... eu não queria gozar daquela maneira. Não depois de ter experimentado a maravilhosa sensação de tê-lo dentro de mim.

Nossas brincadeiras eram ótimas. Esplêndidas. No entanto, eu não queria me satisfazer com elas. Queria ele, todo e completamente cravado dentro de mim. Queria as mesmas sensações da noite anterior. De ser invadida, tocada por todos os lados. Senti-lo se movimentando com determinação. Avançando e recuando sem cessar, indo muito mais além do que sua língua era capaz.

– Alex, não! Pare! Assim não... ah, assim não, amor – eu não conseguia parar de gemer.

Como evitar o prazer que se espalhava em seu corpo? Como desistir de algo tão gostoso e latejante que avança por suas veias, causando alvoroço em suas células? Como se desfazer de um prazer quente que lambe sua pele se apossando de tudo? Como parar a sensação daquela boca habilidosa e incansável?

– Alex, eu quero você, eu quero...

– Goze, Charlotte!

Seu hálito quente foi o sopro que faltava para que meu barco ficasse à deriva. E eu me perdi em

gozo, sonhos, sensações e sentimentos, ainda sentindo seus lábios se fechando em meu clitóris e sugando bem devagar, acompanhando meus espasmos.

Um orgasmo, até onde eu entendia, era algo que, apesar de durar poucos segundos, equivalia a um dia inteiro. Uma sensação de satisfação, um formigamento, que podia ser lento ou intenso, geralmente centralizado na região onde ele foi provocado, que normalmente era no sexo. Como enquadrar este conhecimento ao que eu sentia quando Alex me lançava no espaço com suas carícias?

Não havia comparação entre esta definição e o que eu sentia. O meu prazer não era algo concentrado, ou localizado. A bem da verdade, tudo começava no meu sexo, mas era como uma bomba atômica. Todo meu corpo sentia os efeitos. Iniciava naquela região e em seguida todas as células ficavam em alerta máximo. Um tumulto geral e então explodia. Explodia realmente, com chamas que lambiam cada parte da minha pele, explorando todas as terminações nervosas, arrancando de mim qualquer coerência, qualquer equilíbrio, atirando-me no vazio, no nada. Eu sentia um formigamento intenso. Flutuava sentindo o prazer se estender por meu ventre, meus seios, minha garganta. Cegava meus olhos, tampava meus ouvidos, imobilizava minhas pernas e braços, deixando-me completamente entregue.

Esta era a sensação de um orgasmo com Alex.

Nem tive tempo de me recuperar.

Quando abri os olhos encontrei os dele, pairando acima de mim, encarando, aguardando. Delicadamente, ele se curvou ao meu encontro e, quando seus lábios encontraram os meus, senti seu membro pedindo passagem. Eu ainda estava recuperando o controle do meu corpo, as células ainda se reagrupando, a mente desanuviando quando o mar de sensações voltou a me atingir. Bastou entender que ele me invadiria, para que me contorcesse toda. Eu era normal? Não tenho ideia. Só sei que a excitação voltou como uma onda gigantesca afogando qualquer resquício de cansaço.

Ah, Alex!

Retribuí o beijo e permiti que ele entrasse em meu corpo úmido pelo gozo e pela excitação. A calcinha puxada para o lado deixava tudo muito mais excitante. Alex gemeu ao adentrar as minhas paredes apertadas, mesmo com a lubrificação extra. Seus movimentos eram lentos e contidos, o que não me deixou frustrada. Eu precisava desse tempo de recuperação, gemi em resposta a suas investidas, cada

vez mais intensas, profundas e gostosas.

Ele se ajeitou entre minhas pernas e se afundou um pouco mais. Gemi alto e me segurei em suas costas, deixando minhas unhas brincarem com sua pele. Ele buscava meus lábios, provava-os, afastava-se e se aprofundava, entrava, parava um pouco buscando minha aceitação e movimentava os quadris num rebolado sensual, depois saía até quase o seu limite, para logo depois reiniciar.

Surpreendentemente, meu corpo reagia como se não tivesse acabado de ter um orgasmo. Ele simplesmente se preparava para mais um, com a mesma intensidade e desejo de minutos antes. Foi estranho, assustador e, ao mesmo tempo, delicioso descobrir esta capacidade peculiar.

Alex continuou se movimentando lentamente, uma deliciosa e atormentadora lentidão. Cada estocada demorava o tempo exato para que cada parte do meu íntimo fosse tocada por seu pênis, que roçava as minhas paredes, encaixando-se com precisão e causando formigamento por todo o meu ventre. Ele gemia baixinho de forma perfeita, fazendo minha mente reagir.

As mãos espalmadas de cada lado do meu corpo, seu quadril indo de encontro ao meu, forçando-me e abandonando-me sem piedade. Ele me excitava não apenas com o seu sexo, mas com seus lábios, que buscavam os meus em beijos sensuais, provocantes, com seus dentes que pressionavam a minha carne, submetendo-me a suas vontades, com sua língua, que me explorava sem compaixão.

E então cada ação se tornou um todo tão completo e prazeroso que roubava de mim qualquer capacidade de concentração. Meu corpo ganhou vida. Meu juízo, ou a falta dele, levava-me a gemer, a implorar por mais, sem me importar com as consequências daquele ato. Eu apenas o queria cada vez mais, profundamente.

Sem pensar duas vezes, quando Alex saiu quase que completamente de dentro de mim e iniciou lentamente sua volta, movimente-me em sua direção, forçando-o a entrar com vontade e se apossar de mim com mais determinação. Ele segurou na cama com força, impedindo que seu corpo caísse sobre o meu e parou ofegante.

– Porra, Charlotte! – rosnou sensualmente. Meu corpo vibrou.

Nossos olhos se encontraram. Eu queria me afundar naquele azul profundo que me chamava, me dominava e me puxava cada vez mais para o fundo. Para a imensidão do seu mundo, onde só existia o

amor, o prazer e o gozo. Sorri provocando, ciente de que o abalava. Alex piscou, ainda imóvel, sua boca entreaberta, a respiração ofegante, as veias dos braços se destacando pelo esforço de manter-se suspenso. Ele era lindo!

Aproveitei sua fragilidade e rebolei. Ok. Era muito cedo para saber a forma exata de dar prazer a um homem experiente como Alex. Precisaria de muitas aulas ainda e esperava que fossem muitas mesmo, mas eu já havia tido experiência de sobra com ele para saber que rebolar era uma maneira de desarmá-lo, torná-lo vulnerável, por isso, com seu sexo dentro de mim, eu me movi e, sem que ele se mexesse, comecei a rebolar de forma a recebê-lo e expulsá-lo.

– Oh, droga! – ele gemeu com força. Vacilando um pouco. – Calma, amor, assim você...

Levantou o corpo, ficando sobre os joelhos, entre as minhas pernas abertas. Suas coxas dobradas passavam por baixo das minhas, levantando meu quadril e escorregando um pouco mais para dentro de mim.

Bem devagar rebolei mais uma vez, sentindo-o forçar meu interior em busca de mais espaço. Suas mãos esqueceram o medo e logo estavam em minha cintura, sem apertar, apenas como um auxílio.

– Ah!... Charlotte, eu não quero te machucar, devagar!

Arqueou as costas em minha direção, curvando-se sobre mim, mas sem me tirar do seu colo. Ele gemia e me deixava agir, com a testa em meu pescoço, os lábios roçando minha pele e as mãos, antes cautelosas, apertando minha cintura para acentuar os movimentos.

– Amor, assim você vai me deixar louco.

E eu me movia forçando sua entrada, rebolando quando nossos corpos se juntavam, deixando que as suas mãos me conduzissem no ritmo desejado. Ele acariciou minha barriga, as pontas dos dedos deslizando em minha pele com cuidado causavam-me espasmos. Fechei os olhos e gemi saboreando a sensação deliciosa. Então senti o caminho que percorriam e arfei em expectativa até que encontraram meu clitóris. A carícia lenta e com a pressão exata para me enlouquecer me fez intensificar o rebolado. Alex se inclinou outra vez, buscando meus lábios.

– Ah, Charlotte! Sua doidinha. Desse jeito eu vou te machucar – passou uma mão por meu pescoço, segurando meu rosto em direção ao seu e me beijou intensamente.

Um beijo feroz, carregado de paixão, que atçou mais fogo ao meu corpo. Então se deitou sobre mim, seu peso limitava meus movimentos impedindo-me de continuar com a mesma velocidade. O beijo foi perdendo a força e acabou. Ele logo recomeçou, lento e angustiante.

– Eu disse devagar, Charlotte. Não quero piorar seus ferimentos. Seja boazinha e colabore – enquanto falava, distribuía beijos em meu busto e acariciava minha pele, dos seios à cintura, descendo ao quadril e refazendo o percurso. Nossa! Eu estava em brasas.

Tentei desobedecer e forcei meu quadril para cima, ele me segurou com força, limitando meus movimentos. Tudo bem, eu estava sendo uma garota rebelde e no fundo Alex tinha razão, lento também era gostoso e ele já tinha saciado parte do meu desejo, então por que não fazer como ele pedia? Permiti que ele me dominasse e então, satisfeito com a minha submissão, recomeçamos.

– Isso, Charlotte! É assim que eu quero você – sussurrou e se perdeu em mim.

Com movimentos controlados, o corpo deitado sobre o meu, ele me invadia com cuidado, acariciava-me, brincava com meus seios e me deixava em êxtase.

Todas as vezes que avançava, eu o sentia me tocando em todos os pontos, invadindo, forçando e simultaneamente friccionando meu pontinho de prazer que se manifestava, causando a mesma sensação maravilhosa. Em pouco tempo, eu estava pronta. Prestes a me entregar a mais um orgasmo.

Alex continuava lento, gemendo, baixinho como se estivesse saboreando cada segundo. Seus lábios me tocavam, roçavam minha pele, me exploravam. Suas mãos me apertavam, tomavam e dominavam ditando as regras. Seu quadril rebolava num movimento pertencente apenas a Alex, deixando-me mais sensível a cada investida.

Senti-o estremecer, mas tentando se controlar. Eu não queria mais o controle, queria me perder, afundar-me naquele mar de sensações, terminar com aquela tortura.

– Vamos lá – ele sussurrou em meu ouvido, cravando os dentes em meu lóbulo. – Goze comigo! – Como não obedecer?

Alex tinha o controle remoto da minha mente. Bastava uma ordem, um pedido e o meu corpo obedecia. Ele disse: goze comigo. E foi o que eu fiz. Estremecendo e em convulsão nos seus braços, sentindo-o se entregar e me inundar com seu gozo.

– Eu amo você! – ouvi-o dizer, com a voz rouca e apaixonada entrecortada pelo prazer.

– Eu também amo você, Alex! – meu corpo já estava nas nuvens e nem tenho certeza se ele me ouviu dizer ou até mesmo se as palavras realmente saíram de meus lábios.

Estávamos deitados na cama dele. Eu, atravessada em seu peito, o rosto colado em seu tórax, ouvindo seus batimentos cardíacos e recebendo as carícias que as pontas dos seus dedos faziam em meus cabelos e costas. Uma das minhas pernas estava sobre suas coxas entrelaçando nossos corpos nus sem nenhum pudor. Ele, deitado de costas, olhos fechados, os braços me envolvendo, os dedos brincando em minha pele e um sorriso enorme nos lábios.

– Você é mesmo maluca, Charlotte Middleton – encolhi-me em seu peito e depositei um beijo em sua pele, invadida por um enorme sentimento de realização.

– Não conseguiria passar esta noite longe de você – murmurei saboreando o gosto da madrugada e os seus encantos. Ele beijou o topo da minha cabeça.

– Vamos passar todas as noites juntos. Não precisava se arriscar tanto, não quero provocar atritos com o seu pai.

– Alex Frankli, eu nunca pensei que você teria tanto medo de alguém! – levantei o rosto para encarar seus olhos, apesar de saber que a escuridão não me permitiria ver muito.

– Não se trata de medo e sim de respeito – ele me encarou sério. – De verdade, Charlotte. No momento não precisamos de mais problemas.

Não foram suas palavras, mas a maneira de dizê-las. Ter conhecimento dos fatos era simples, encarar a realidade olhando em seus olhos era mais complicado. Com aquelas palavras ele me fez enxergar algo que havia muito além daquele quarto ou do nosso amor. Para ficar comigo, Alex assumiu todo o peso das minhas escolhas. Ainda não tinha conseguido digerir todos os acontecimentos, porém sabia que ele não se esquecia deles.

– Desculpe, Alex! Eu nunca imaginei que lhe causaria tantos problemas ao fazer aquela proposta –

ele relaxou visivelmente.

– Você não me fez uma proposta, Charlotte, simplesmente me obrigou a aceitar suas condições – ele sorria daquela maneira majestosa que derretia meus ossos e me desequilibrava.

– Eu não te obriguei a nada! Você que me impediu de agir.

– Eu jamais permitiria que você saísse transando com qualquer um que aparecesse pela frente. Que absurdo! – retirou a mão de minhas costas e jogou-a para trás da cabeça. Seus olhos perderam o brilho e meu namorado assumiu uma postura defensiva.

– Graças a Deus! – abracei-o sentindo falta dos seus carinhos. Eu necessitava de Alex, sempre necessitaria. – Pelo menos minhas loucuras serviram para convencê-lo a ficar comigo. Se eu não tivesse agido assim, provavelmente não estaríamos juntos.

Alex voltou a me abraçar, percorrendo minha pele com sua mão espalmada e quente. Era difícil entender como ele conseguia me deixar tão entregue com toques tão simples. Meu desejo era tão forte que muitas vezes nem me deixava raciocinar direito, como estava acontecendo naquele momento.

– Charlotte – seu tom de voz mudou me deixando em estado de alerta. – Eu não aceitei participar disso porque você agiu como uma desequilibrada. Claro que não poderia permitir que fizesse o que pretendia, embora não tenha sido este o meu principal motivo.

– Não? Então...

– Lembra-se daquela noite na boate, quando você bebeu muito e acabou dormindo na minha casa? – afirmei sem emitir nenhum som. Ele continuou me acariciando. – Naquela noite, eu me senti perdido, sem saber o que fazer para você desistir de sua ideia maluca. Nós tínhamos nos beijado e aquele beijo mexeu bastante comigo. Apesar de todos os meus medos e da minha convicção do quão absurdo seria um relacionamento entre nós, eu me peguei pensando naquele beijo durante vários momentos do meu dia – sorri me encolhendo em seus braços. – Naquela noite, você tinha bebido demais, então achei por bem deixá-la dormir em minha casa. Pelo menos teria a certeza de que não sairia aprontando. Você apagou em meus braços e eu a carreguei para meu quarto, aliviado por não precisar pensar mais em toda aquela confusão e, quando estava deitando você na cama, certo de que estava dormindo, eu me deparei com seus olhos abertos me encarando. Nossos rostos estavam muito próximos, seus braços em meu pescoço e você

me apertava com força me envolvendo ainda mais...

Ai, droga! O que eu tinha aprontado? Alex passou os dedos em meus cabelos, intensificando a carícia em minha nuca. Na certa, percebeu minha tensão. Ele respirou fundo.

– Você olhava fixamente. A sensação era de que estava desvendando minha alma através dos meus olhos. Então você falou: Alex faça amor comigo! – puta que pariu! – Disse essas palavras sussurrando em meus lábios e sem desviar os olhos dos meus. Foi quando entendi que não teria como escapar, seu pedido foi como um comando para a minha alma, depois daquilo eu não consegui mais me manter afastado. Sabia que não devia e, ao mesmo tempo, tinha certeza de que não conseguiria fugir. Por causa disso inventei aquela história de ajudá-la com algumas aulas e tudo o que você já sabe. No fundo, acredito que tentei me convencer a desistir.

– Por que nunca me falou?

Não conseguia acreditar naquela confissão. Ele nunca me deu nenhuma dica do que realmente tinha se passado pela sua cabeça.

– Charlotte – gemeu incomodado. – Eu menti para você.

– Mentiu?

– Sim. Eu disse que não sabia como você acabou nua, a verdade foi que você se despiu na minha frente, me beijando e implorando para fazermos amor. Puta que pariu, Charlotte! Não tem ideia do quanto precisei me segurar até você finalmente tirar toda a roupa me abraçar e dormir em meus braços.

Se fosse possível cavar um buraco e enfiar minha cara nele e nunca mais sair, eu o faria. Que porra foi aquela? Que droga! Deve ter sido uma cena patética: eu, bêbada, tirando a roupa e implorando para ele me comer. Ai, meu Deus! Por que não fui fulminada por um raio?

– Não fique constrangida porque sua imaginação não será capaz de chegar nem perto do que ocorreu realmente aquela noite – eu queria morrer! – Foi... lindo! Você parecia sóbria e segura do que queria, estava tão... sensual. Linda! Como sempre foi.

– Ah, Deus! Isso é tão embaraçoso, Alex! Por que nunca me contou? Eu fugiria no dia seguinte.

– Exatamente por isso – ele riu – Eu não queria que você fugisse.

Senti a maciez dos seus lábios em meu pescoço. Fiquei confusa. Eu estava sonhando ou acordada? Suas mãos quentes desceram em minha barriga me puxando de encontro a sua ereção. Abri os olhos e a claridade ofuscou o quarto. Alex, colado às minhas costas continuava com seus toques e beijos leves.

– Bom dia! – murmurou muito próximo ao meu ouvido com voz rouca de sono e tesão. – Acorde!

– Não quero – sorri. Dormir com Alex era o mesmo que dormir no paraíso.

Ele mordeu levemente meu pescoço e roçou seu membro em minha bunda, revelando suas intenções. Permaneci quieta, sem me mover ou reagir a suas carícias.

– Acorde, linda!

Eu estava deitada sobre um de seus braços, enquanto o outro me envolvia pela cintura explorando meu ventre.

– Não! – repeti manhosa. Ele riu baixinho.

– Não quer acordar? – depositou um beijo cálido em meu ombro, subindo os lábios sedentos até minha orelha. – Ou não quer fazer amor?

Fazer amor. Ah, como essas duas palavrinhas me deixavam em chamas!

– Hum! – gemi sonolenta fingindo me espreguiçar, roçando minha bunda na sua ereção. A mão de Alex se fechou em minha cintura com um pouco mais de pressão e seu corpo se projetou de encontro ao meu.

– “Hum” quer dizer sim?

Esfreguei-me um pouco mais em meu namorado-noivo-futuro marido, o que ainda me deixava tensa, ao sentir sua mão alcançar meu seio se apossando dele. Gemi baixinho.

– Acho que devo encarar este gemido como um sim – sorri largamente. Aquela voz de “Alex louco por uma foda” era simplesmente deliciosa.

– Hum, hum!

– Duas vezes sim? Estou ficando cada vez melhor nisso – mordiscou minha orelha no mesmo instante em que seus dedos tocaram levemente meu sexo. Meu corpo respondeu imediatamente.

– Ah! – gemi mais ousada.

– “Ah” é um “eu adoro isso, Alex”? – ri da forma debochada como ele interpretava minhas reações.

– “Ah” é um “Alex, faça amor comigo!”.

Joguei para ele as mesmas palavras que o fizeram decidir embarcar naquela loucura toda. Alex puxou o ar com força e instantaneamente senti toda a atmosfera mudar.

– Com o maior prazer, aluna! – seus dedos me invadiram testando e estimulando.

Perdi toda a capacidade de brincar. Fiquei entregue, ansiosa e submissa, implorando por mais. Ele beijava e mordida minhas costas, acariciava meus seios e investia seus longos dedos, enquanto roçava sua rigidez em minha bunda incitando a minha imaginação.

Ah, Deus! Eu poderia passar minha vida inteira daquele jeito.

– Quero que me diga se eu te machucar, ok? – falou um pouco mais sério, no entanto seus dedos não abandonaram meu sexo, roçando a minha carne. Era delicioso!

– Alex...

– Apenas diga, Charlotte! Você está coberta de hematomas, então se sentir dor me avise.

– Certo. Tudo o que quiser – gemi sentindo seus dedos me acariciando de uma maneira maravilhosa.

Alex não perdeu muito tempo me estimulando. Já estava totalmente úmida e preparada. Ele abandonou minha intimidade, correndo seus dedos pela minha lubrificação e pegou minha coxa puxando-a para cima do seu quadril. Fiquei totalmente exposta e a sua disposição.

Então ele me penetrou. Ele me invadiu sem força, também sem calma, apenas foi adentrando sem aguardar meu consentimento, roçando minha bunda e escorrendo até a minha feminilidade. Sua mão se fechou com força em meu quadril me posicionando no ângulo desejado.

Ah! Eu podia senti-lo como nunca, minhas paredes se apertaram ao redor do homem que eu amava, desfrutando do seu avanço.

Já totalmente dentro de mim, Alex levantou-se um pouco, ajustando o braço que estava debaixo de mim, para me dar mais equilíbrio. Passou a mão por meu pescoço e puxou meu rosto de encontro ao seu.

Não me beijou, seus lábios entreabertos estavam a menos de um centímetro dos meus.

Sua mão livre avançou, percorrendo-me enquanto capturava meus olhos com os seus, sem me permitir desviá-los, como se quisesse me dizer que eu era dele e que faria o que quisesse comigo.

Puta. Que. Pariu!

Eu realmente queria que ele fizesse o que bem entendesse com o meu corpo.

Quando seus dedos chegaram ao meu ponto de prazer, diminuiu o ritmo, acariciando-me lenta e cuidadosamente. Fechei os olhos perdida nas sensações. Alex estava imóvel, todinho dentro de mim me estimulando apenas com os dedos. Uma situação como aquela era de enlouquecer qualquer pessoa.

– Pronta para a sua primeira aula?

Abri os olhos, despertando do meu transe, seus dedos continuavam me acariciando, experimentando, provocando como só ele sabia fazer. Não encontrei as palavras, consegui apenas mover a cabeça, mesmo com ele segurando meu rosto, indicando que sim.

– Ótimo! – Seus lábios exigiram os meus num beijo forte, quente e rápido.

– Primeira regra. Você pode se entregar aos prazeres, mas nunca fique desatenta, este é um jogo para dois, o que você quer eu também quero. Temos um único objetivo, Charlotte, e trabalharemos juntos para alcançá-lo. Certo?

Pisquei várias vezes, confusa com a mudança dos últimos segundos.

– Certo, Charlotte?

– Ce... certo! – Consegui responder e ele sorriu me atirando no purgatório. Puta merda! Por que ele tinha que sorrir daquele jeito tão sexy?

– Então... eu me enfio em você – lentamente ele saiu de mim e entrou novamente, sem tirar os dedos do meu clitóris. Gemi voltando a fechar os olhos. – Não se perca – advertiu. Oh, droga! – É para viver intensamente a sensação – continuou saindo e entrando sem aumentar o ritmo. – Sem me deixar agir sozinho.

– Alex...

Toda aquela conversa estava me deixando enlouquecida de tanto tesão. Eu não queria nenhuma aula, só queria que ele aumentasse a intensidade de suas investidas e aliviasse o latejar entre minhas

pernas.

– Não, Charlotte – falou como um professor. Um legítimo professor de sexo ou fodas extremamente prazerosas. – Agora... todo homem gosta de foder a sua companheira. De investir nela e submetê-la a suas vontades. É gostoso, mas não é tudo. Por isso você precisa saber quando deve e quando não deve agir.

– É muita informação para o meu segundo dia de sexo – ele mordeu meu ombro me fazendo gemer.

– Você quer ou não aprender, gostosinha?

– Gostosinha? – ri sem conseguir me controlar.

Alex estava quase fora de mim quando falei e como reprimenda ele voltou com força total. Gemi ensandecida, de prazer e de dor. Ok, mais de prazer do que de dor. Ou quase nada de dor. Eu estava me acostumando.

– Deliciosa! Gostosa! Fodidamente excitante! O que você quiser, Charlotte Middleton. Fique calada e se concentre em me dar prazer.

– Quanto machismo! – retruquei. Eu estava tão deliciada que desejava que ele concentrasse toda a sua raiva em estocadas iguais a de pouco antes.

– Cala a boca! – e me tomou para um beijo apaixonante. Seus dedos fazendo mais pressão no meio das minhas pernas. – Pronta? – abandonou meus lábios me deixando tonta. – Agora... – reiniciou suas investidas lentas e deliciosas. – Quando eu disser, você ficará quietinha, porque será o que estarei precisando no momento. Também vai rebolar esta bunda gostosa na hora em que eu mandar, entendeu?

– Hum! – gemi deixando-o me dominar com suas regras e ordens quando eu queria apenas que me fizesse gozar.

– Vamos recomeçar – aumentou o ritmo das estocadas. – Fique bem quietinha.

Esforcei-me o máximo possível para me manter imóvel. Alex segurava meu quadril, me mantendo parada, enquanto pegava o compasso adequado, entrando e saindo sem me deixar contestar.

Putá merda! Era muito bom! Tudo bem que rebolar de encontro a ele era uma delícia, mas ficar quieta, enquanto ele me tocava e estocava em seu próprio momento, era de acabar com qualquer resquício de sanidade. Gemi entregue a seus desejos.

– Ah, Charlotte! – ele gemeu em minhas costas. Aquele gemido extasiante, de puro prazer, fez com que todos os pelos do meu corpo se eriçassem.

Ele continuou me levando ao limite por um tempo imensurável enquanto eu lutava para manter meu foco. Era complicado, cansativo e, acima de tudo, revelador e prazeroso. Enquanto eu lutava com todas as forças para me manter focada no que fazíamos, minha mente registrava cada acontecimento, cada sensação, cada toque, cada roçar de seu membro em meu sexo. Eu estava desperta para tudo e cada mínimo detalhe ganhava uma proporção gigantesca. Como sempre Alex estava certo.

Diminuí o ritmo, suas mãos se tornaram mais urgentes, puxando-me de encontro ao seu corpo. Era a minha deixa. Este é o momento para confessar: eu não tinha ideia do que fazer. Poxa! Eu tinha mesmo pouca, muito pouca, experiência. Sabia a respeito das coisas que já tínhamos feito, porém nem imaginava como fazer para rebolar em uma ereção quando a pessoa estava às minhas costas.

Sim. Eu assisti a inúmeros filmes pornográficos, até porque precisava saber como era o sexo. Depois de Alex, entendi que desperdicei meu tempo. Aquilo não era sexo, pelo menos não um sexo bem feito. O que eu estava fazendo naquele momento com meu namorado era sexo de verdade, e com qualidade.

Respirei fundo sem ter ideia de como agir. Alex, com a mão em minha cintura percebeu minha indecisão e, no mesmo instante, começou a me guiar.

– Para frente e para trás, bem lentamente para que eu não saia de dentro de você – obedeci imediatamente. – Isso! – repeti o movimento duas, três... várias vezes enquanto ele ficava parado atrás de mim, apenas me guiando com as mãos e me assistindo forçar a sua entrada e saída. – Ah, Charlotte! Você é maravilhosa! – e como eu gostava que ele me visse assim. – Agora, amor, para frente movimentando os quadris. Como você faz quando estou em cima. Você vai para frente movimenta só um pouco... Ah, Charlotte! – ele travou os dentes e gemeu me apertando com força. Bom... não precisa de muito para saber como rebolar. Ele falou e eu obedeci. Não tenho culpa se rapidamente aprendi a fazer direitinho. – Puta que pariu! – segurou-me, forçando-me a parar.

– Mas você disse...

– Eu sei. Eu sei – respirou fundo. – Vamos com calma ou termino rápido demais – beijou minhas

costas e reiniciou as carícias atordoantes no meio das minhas pernas. – Vamos recomeçar.

As estocadas lentas e profundas me invadiam causando formigamento em meu ventre. Alex beijou meu ombro, meu pescoço e deixou seus dedos brincarem em meus seios. Rapidamente me senti de volta à luta que era tentar me manter atenta ao que fazíamos. Eu queria simplesmente fechar os olhos e deixá-lo me conduzir ao paraíso. No entanto era necessário estar presente de corpo, alma, pensamentos, movimentos, gestos, sentimentos...

Ah, Alex! Quando você vai parar de me deslumbrar?

À medida que ele diminuía suas investidas eu aumentava as minhas, até que meu namorado, mais uma vez, parou para me observar. Fiz o meu melhor e acredito que agradei, pois ele gemia gostosamente, incentivando-me a continuar.

Finalmente conseguimos trabalhar juntos, eu rebolando e ele entrando e saindo, roçando minhas paredes, tocando meus pontos sensíveis e me deixando no auge da excitação. Passei minha mão em suas costas desajeitadamente, já que ele estava atrás de mim. Alex aprovou meu gesto, então desci alcançando seu quadril, sentindo em minha mão o seu movimento de vai e vem.

Quando ele novamente entrou com força, sem hesitação segurei em sua bunda, guiando o meu homem, fazendo-o entrar no ritmo que eu desejava. Alex gemeu forte e se entregou, estocando profundamente e com mais força. Eu estava no meu limite. Ele estava no limite dele, empurrando-me para a beira do abismo, onde eu desejava cair, me jogar.

– Hum, delícia! – sua voz era absurdamente sexy. Como se estivesse no auge do prazer. – Puta que pariu, amor! Você pulsa forte quando está para gozar – oh, Deus! Eu estava à beira do orgasmo, ainda mais depois de ouvi-lo falar daquele jeito. – É tão... ah, amor! Agora...

Então estremeceu deixando-se levar, empurrando-me com ele para o nosso lugar comum, único e soberano, onde o nada existia em perfeita harmonia com o tudo. Onde nada fazia sentido e ao mesmo tempo era completamente lógico. Onde eu me sentia desconectada, solta, flutuando e também perfeitamente abrigada nos braços do homem que eu amava.

O prazer chegou como fogo. Como uma bomba que ao ser acionada explodia entre as minhas pernas, suas chamas atingindo pontos impossíveis de serem alcançados. Eu podia sentir cada célula do

meu corpo vibrar no momento em que minha pele era lambida, da maneira mais prazerosa possível, pelo calor.

Alex ainda gemia se espremendo em mim nos últimos segundos do seu orgasmo. Suas mãos ficaram menos urgentes e sua respiração mais pesada. Ele beijou minhas costas, meus ombros. Acariciou meus braços, seios, pernas e bunda. Por fim, saiu de dentro de mim, deixando um imenso vazio.

– Desta vez, você vai ter um problemão. Da forma como gemeu nesses últimos segundos, com certeza seu pai ouviu. Vamos aguardar só o tempo necessário para ele arrombar a porta e atirar em mim.

Virei-me para meu namorado apavorada com suas palavras. Eu tinha feito aquilo mesmo? Quando? Onde? Como? Ele sorriu daquele jeito que... puta merda! Como conseguia?

– Você tentou se manter concentrada, mas falhou nos últimos momentos – encolhi-me envergonhada e ainda assustada.

– Desculpe! Eu...

– Você foi perfeita! – acariciou meus cabelos diminuindo o tom de sua voz e depositando um beijo casto em meus lábios. – Eu te amo! – outro beijo e mais um pouco daquela voz rouca e incrivelmente sexy. – E amo fazer amor com você, até mesmo quando perde o foco – aquele sorriso fazia com que tudo abaixo do meu umbigo formigasse.

– Alex! Eu não perco o foco, eu...

– Perde sim. E fica deliciosa quando acontece. Você me deixa louco de tesão – ele me abraçou passando suas mãos quentes por minhas costas e beijando meu pescoço.

– Amo você, aluna!

– Amo você, professor!

CAPÍTULO 7

“O amor só é amor se não se dobra a obstáculos e não se curva às vicissitudes... é uma marca eterna... que sofre tempestades sem nunca se abalar.”

William Shakespeare

ALEX

Charlotte saiu do banho e eu fiquei mais alguns minutos no chuveiro. Depois da nossa brincadeira, voltei a pensar em seus machucados. Não estavam mais tão assustadores, mesmo assim, eu continuava querendo ter certeza de que ela estava bem, apesar de demonstrar não sentir dor, e que fizesse os tais exames sugeridos pelos nossos pais. Charlotte era teimosa e tinha batido o pé dizendo não ser necessário, mas eu sabia o que ficou acordado, e ela, querendo ou não, passaria parte daquela manhã no hospital.

Fechei os olhos e deixei meus pensamentos seguirem outro curso. Iríamos embora no dia seguinte e eu precisava reorganizar minha vida. Teria um tempo extra, o que não seria problema, já que estava ansioso para escrever, além disso, precisava cuidar da carreira da minha futura esposa, organizar a sua vida, cuidar dos detalhes finais e também acertar tudo referente à editora com Lana. Teríamos uma semana cheia.

Quando saí, encontrei Charlotte já arrumada, ela havia levado roupas para o quarto, assim não chamaríamos a atenção de ninguém, exceto pelos cabelos molhados. Minha namorada estava sentada na cama olhando para todos os lugares, menos para mim. Eu conhecia muito bem aquele seu jeito. Ela queria me perguntar algo e não sabia como fazer.

– O que foi? – passei a toalha no cabelo e andei em direção ao *closet*.

– Por quê? – ela me acompanhou, andando com os pés arrastados, como uma criança que esconde um segredo.

– Por que, o quê? – virei na direção dela, que encarou meu peito com a boca semiaberta. Charlotte era mesmo uma tarada. – Charlotte? Vai ficar me devorando com os olhos? – sorri encantado com seu jeito único. Charlotte corou deliciosamente, depois sorriu.

– Não consigo fazer diferente – resmungou revirando os olhos.

– Não sei aonde iremos parar se continuarmos assim – retirei a toalha presa em minha cintura, dando-lhe as costas, e procurei por uma cueca.

– Gosto da sua bunda – tive que rir. Charlotte era incrível. Uma hora corava totalmente

envergonhada e na outra era a mulher mais ousada que já conheci.

– Eu também gosto muito da sua – coloquei a cueca e me virei de volta a tempo de ver seu rosto rosado. – O que você queria me dizer mesmo? – não conseguia parar de sorrir para ela e toda aquela imensidão que era a sua presença.

– Eu? Nada – desconversou. – Por quê? – andei até as calças e escolhi um jeans claro, meio desbotado.

– Porque eu conheço esta cara, Srta. Charlotte Middleton, e sei que esta cabecinha está repleta de pensamentos absurdos.

– Sexo é algo absurdo? – fez cara de paisagem me fazendo rir. Andei até minha aluna parando diante dela.

– Você não está pensando em sexo – ela arqueou uma sobrancelha sem quebrar o contato do nosso olhar. – Tudo bem! Pelo menos não era o que estava pensando antes de começarmos esta conversa – beijei seus lábios e ela me envolveu com os braços frágeis.

– Mas estou pensando agora.

– E seu pai, com certeza, está preocupado com o sumiço da filhinha – desfiz o aperto e voltei para pegar uma camisa que tinha deixado sobre a poltrona.

– Frouxo!

– Ninfomaniaca!

– Eu? Eu... Alex! Que horror! Como pode falar isso de mim?

– Acredite. Eu posso – coloquei a camisa e abracei minha namorada com cuidado enterrando meu rosto em seus cabelos.

– A culpa é sua, não minha – ri deixando-a sozinha indo pegar meus tênis. Sentei na poltrona e ela cruzou os braços me observando.

– Charlotte, pergunta logo de uma vez – nem me dei ao trabalho de olhá-la para saber que estava explodindo por dentro.

– Não tenho nada a perguntar.

– Ok! Então vamos. As pessoas já devem estar dando por nossa falta.

Saímos do quarto de mãos dadas, depois de me certificar de que não encontraríamos Peter no corredor. Caminhei praticamente puxando-a pelo braço, eu tinha pressa. Não queria que meu futuro sogro desconfiasse de nada, apesar de que... era melhor não pensar na possibilidade. Ouvíamos o barulho dos outros, provavelmente já desfrutando do café da manhã. Então ela soltou a bomba.

– Eu não quero casar – paralisei imediatamente. Foi como se tivesse sido atingido por um raio.

Estávamos na saída do corredor. Podíamos ser vistos, mas não ouvidos. Virei para ela e encontrei seus olhos. Estavam fixos em mim, imensos e desesperados.

– Charlotte?

– Alex, eu... não é o que está pensando – ela falava baixo sem querer chamar a atenção dos outros.

– Então o que é? – permaneceu calada me encarando e mordendo os lábios. – Charlotte?

– Não acho que deva ser tão rápido – estava visivelmente nervosa. – Nós mal começamos a namorar. Estamos nos conhecendo. Nossa vida sexual está no início. Não precisamos de um casamento agora. Eu... – ela parou quando entendeu que seus argumentos não estavam ajudando.

– Alex? – minha mãe chamou, porém eu não tinha mais cabeça para nada.

Não podia simplesmente deixar aquele assunto em suspenso para ser retomado em outro momento. Sem pensar duas vezes, peguei Charlotte pelo braço e a reboquei em direção à saída da casa.

– Agora não, mãe! – foi só o que consegui dizer.

Passei pela porta de casa sem olhar para trás, sabendo que tinha dado algo para todos pensarem. Eu estava com um problema muito maior e o segurava pela mão. Charlotte tentava acompanhar meus passos. Não protestava nem reclamava, apenas me seguia. Quando já estávamos bem afastados, na campina um pouco antes do lago, parei.

Virei de frente para ela, encarando-a. Charlotte parecia assustada. Foi o suficiente para me desarmar. Sentei na grama puxando-a para os meus braços.

– O que aconteceu? Eu pensei...

– Nada aconteceu, Alex. Só acho que estamos indo rápido demais.

– Você não tem certeza dos seus sentimentos?

– Não! Quer dizer... tenho. Eu te amo! Não tenho nenhuma dúvida. Eu te amo! – relaxei

visivelmente.

– Por que não quer casar? Eu pensei que você também quisesse. Aliás... você disse sim.

– Alex... – ela gemeu em desagrado. – Eu disse sim. Eu concordei, apenas não quero que seja tão rápido!

– Eu não estou entendendo. Não tenho dúvidas quanto ao que sinto e estou certo que serei completamente feliz ao seu lado. Você está me deixando frustrado, confuso e...

– Alex! – ela segurou meu rosto em suas mãos capturando meus olhos. – Eu. Amo. Você! – sorriu docemente. – Eu. Amo. Você! Quero passar a minha vida inteira ao seu lado. Cada minuto, cada segundo dela. Não existe a menor possibilidade de isso não acontecer. Deixe-me tentar explicar, comecei a viver muito tarde, estive presa a um único objetivo e acabei negligenciando o restante. Todas as experiências que deveria viver. Tenho tanta coisa pela frente...

– Você quer... – engoli em seco – ... viver novas experiências? Conhecer outras pessoas?

– Amor, não pense besteiras! Eu já disse: eu te amo. Muito! Tanto que não sei como poderia viver sem você, mas olha só... – abriu os braços mostrando ela própria. – Veja a confusão que fiz com nossas vidas, apenas porque nunca quis ser uma pessoa normal. E agora... – beijou meus lábios rapidamente – ... agora tenho você. Mal comecei a aprender a ser namorada e já tenho que aprender como ser atraente, sexualmente falando – sorriu me fazendo sorrir de volta. – Eu não conheço nada. Tenho muito a aprender e estou me segurando para não surtar. Não tenho a menor condição de encarar uma formatura, uma vida profissional e um casamento ao mesmo tempo. Por favor, por favor, por favor!

– Casar não vai modificar em nada nossos planos.

– É claro que vai! Eu nem sei como me comportar como sua namorada, imagine como esposa.

– Charlotte...

– Vamos viver uma coisa de cada vez – Charlotte sentou em meu colo, cruzando as pernas e me puxando de encontro a ela. – Vamos ser namorados, trocar mensagens, esperar ansiosos pelo horário do nosso encontro, passar noites inteiras nos braços um do outro... – beijou meus lábios com amor. – Vamos enrolar meu pai e rir das nossas travessuras, vamos viajar pelo mundo, escrever juntos...

– Poderemos fazer tudo isso depois de casados.

– Alex! – falou dengosa. – Eu nunca tive um namorado – mais uma vez me beijou, sendo um pouco mais ousada. – Deixe-me aproveitar a sensação. Deixe-me primeiro ser a sua namorada, depois serei sua esposa com tudo o que tenho direito. Quero ser sua, apenas sua, porém sem queimar etapas – eu já estava completamente entregue a seus encantos.

Como resistir a Charlotte Middleton quando a tinha em meu colo, falando com seu jeito manhoso, beijando-me e grudando-se ao meu corpo como uma felina louca por carinho, afirmando o seu amor e me pedindo para concordar com seus argumentos?

– Charlotte, eu quero me casar com você. Quero passar todas as noites ao seu lado. Quero acordar e fazer amor com a minha esposa. Quero você comigo em todos os momentos.

Ela me olhou um pouco desanimada, então me dei conta de que não poderia forçá-la. Não podia obrigá-la a se casar apenas para satisfazer minha vontade, esquecendo-me das necessidades dela. Eu amava o suficiente para saber que precisava ceder.

– Tudo bem – falamos ao mesmo tempo e ambos de maneira resignada.

Eu sorri ao perceber que ela estava cedendo por mim, assim como eu estava cedendo por ela. Então rimos saboreando a nossa descoberta.

– Eu amo você, Charlotte! – toquei seu rosto e admirei a sua beleza, sentindo sua pele macia.

– Eu amo você, Alex!

– Seis meses é tempo suficiente? – beijei seus lábios, seu pescoço e coloquei seu cabelo atrás da orelha. Ela se encolheu como uma gatinha manhosa.

– Um ano.

– Um ano? – ela riu.

– Seis meses como sua namorada e seis como sua noiva, depois poderemos ser marido e mulher. Fechado?

– Vou pensar no seu caso.

– Alex! – ri e ela corou daquela forma deliciosa.

– Adoro poder ficar assim com você, sem medo, sem precisar me esconder... – outra vez juntei seu cabelo colocando-o atrás da orelha. Ela mordeu o lábio.

– Eu também adoro. É por isso que quero prorrogar o máximo possível – suspirei.

Eu não queria um ano de namoro, sofrendo a perseguição de Peter, precisando estar longe e aceitando que ela não estivesse comigo. Mas como contestar sabendo das suas necessidades?

– Casados também namoram – sussurrei. Ela sorriu e levantou a cabeça, fechando os olhos para sentir um pouco do sol fraco daquela manhã.

– Eu sei. Meus pais parecem dois adolescentes.

– Os meus também – ela me olhou de soslaio. – Não tenha medo, Charlotte! – vi quando ela mordeu o lábio e evitou me olhar diretamente. – Casados fazem mais sexo do que namorados – ela riu alto.

– Que mentiroso! – e me empurrou com o ombro.

– No seu caso, sim – ri acompanhando o seu riso inocente e infantil. – Seu pai vai pegar no nosso pé – beijei seu pescoço. Ela se encolheu, ficando tensa.

– Vou resolver isso – garantiu como uma menina rebelde.

– Não. Não quero me indispor com Peter – provoqueei.

– Frouxo!

– Vou passar o resto da vida ao seu lado, tenho que ter uma boa convivência com os seus pais – continuei despreocupado. Sabia que aquela era uma questão forte que talvez a fizesse repensar.

– Frouxo! – repetiu rindo. – Meu Deus! Eu pensei que me casaria com um homem.

– É só se casar para saber – continuei provocando.

– Esperei vinte e um anos para perder a virgindade, Alex. Posso esperar mais um sem muito sofrimento – encarou-me desafiadoramente. Levantei a mão e toquei seu rosto com carinho e fitei seus olhos.

– Duvido muito, Charlotte!

Ela abriu a boca para rebater, fechando-a logo em seguida, ciente de que não tinha argumentos.

CHARLOTTE

Assim que entramos na casa, percebi meu pai andando de um lado para o outro da sala e minha mãe olhando para ele sem saber ao certo o que fazer. Quando me avistaram, sua atitude se modificou. Ele parecia tenso e minha mãe aliviada.

– Onde estavam? – perguntou com a voz aparentemente calma, porém eu sabia que lutava para se controlar.

– Caminhando. Caminhando e conversando – eu disse, impedindo Alex de começar a se explicar.

– Conversando? – ele olhou para Alex com uma expressão estranha.

– Isso – continuei firme. Ele olhou de mim para Alex e depois voltou a me olhar.

– Esqueceu da nossa ida ao hospital?

– Não. Estou pronta – segurei a mão do meu namorado, não permitindo que ele a soltasse. Meu pai precisava entender.

– E vai sair sem comer nada? – minha mãe interferiu. – Ela não pode sair sem comer nada.

– Podemos comer alguma coisa antes de sair. Vai ser rápido – Alex falou por fim. Agradei por ele não recuar pela presença do futuro sogro, como vinha fazendo.

– Você vai? – ele olhou surpreso para Alex, o que me deixou um pouco aborrecida. O que tinha de estranho com o fato de o meu namorado me acompanhar?

– Sim. Quero ter certeza de que está tudo certo com Charlotte – Alex manteve a segurança na voz.

– Claro! – Peter recuou um pouco. Algo fora do normal para quem passou a vida ameaçando matar qualquer um que se aproximasse. – Claro que você tem direito de acompanhar a sua noiva, afinal de contas é do seu interesse que ela esteja inteira.

– Por falar nisso... – comecei sem saber ao certo como dizer. Alex apertou minha mão e me interrompeu.

– Se ficarmos conversando iremos nos atrasar. Vamos comer alguma coisa – acabei concordando apenas porque ele tinha razão quanto ao atraso e eu conhecia muito bem o Peter para saber o quanto isso

o incomodava.

Alimentados e prontos, aguardamos pelos nossos pais na entrada de casa. Alex estava muito calado, as mãos nos bolsos da calça, balançando o corpo para frente e para trás, e vez ou outra me olhando pelo canto dos olhos. Fiquei incomodada. Era estranho demais assistir meu professor com atitudes tão adolescentes. Alguma coisa o angustiava, e eu sabia que estava diretamente ligada a mim, no entanto, continuei calada.

Meu pai apareceu saindo da garagem, acompanhado por Johnny. Eles conversavam seriamente, o que me deixou em alerta. Ele só falava tão sério com meu amigo quando o assunto era relacionado a mim, o que era uma droga!

– Vamos? – Dr. Frankli apareceu atrás da gente, pegando-nos de surpresa. – Como está se sentindo, Charlotte? – Alex se moveu, visivelmente incomodado.

– Bem, obrigada!

– Sentiu alguma coisa durante a noite?

Porra, eu havia sentido muitas coisas durante a noite, mas nenhuma delas estava ligada aos meus ferimentos e definitivamente não me causaram dores.

– Nadinha – senti meu rosto esquentando e tive que desviar o olhar e me proteger cobrindo a face com o cabelo.

– Ótimo! De qualquer forma, os exames vão nos deixar mais seguros. Você vai, filho? – graças a Deus ele voltou a sua atenção para Alex, e eu pude levantar o rosto e observar suas atitudes.

– Sim – meu namorado se moveu incomodado, retirando as mãos dos bolsos e cruzando-as no peito. Fez uma careta estranha. – Não posso ficar aqui aguardando para saber se está tudo bem com ela – Dr. Frankli sorriu, aprovando a atitude do filho.

– Então vamos. Parece que vamos ter uma comemoração esta noite, e Lana já avisou para não demorarmos.

– Uma comemoração? – senti Alex segurar minha mão para me conduzir até a garagem.

– Sim – meu futuro sogro me olhou com curiosidade e depois para Alex. – Você não está sabendo? – olhou outra vez para o filho, que suspirou retribuindo o olhar, em uma conversa muda. Aquilo foi

estranho. Muito estranho.

– Bom... pelo que eu soube alguém te pediu em casamento – ele disse com um tom divertido.

– E? – tentei não ficar tensa, mas minha nuca já pinicava.

– Precisamos comemorar – ele me olhou outra vez, e não parecia mais se divertir, muito pelo

contrário. Voltou a procurar pelo olhar do filho, que ficou visivelmente desconcertado.

– Sêrio? – minha voz saiu esganiçada. – Vamos comemorar um pedido de casamento?

– Hum!

Alex puxou o ar com força e parou de andar. Fiquei em alerta. Ele olhou para o pai, que entendeu e continuou andando.

– O que está acontecendo?

– Primeiro: eu disse a seu pai que queria casar com você e que seria logo – puta merda! Aquilo não era nada bom.

– Nós combinamos...

– Eu sei, só que ele não. Aliás, ninguém além de nós dois. Seu pai quer um casamento para ontem.

– O quê? – falei alto demais e Alex ficou incomodado.

– Ninguém vai te obrigar a casar, Charlotte! Relaxe – sua voz saiu seca demonstrando sua desaprovação.

– Então por que vamos comemorar?

– Porque ninguém sabe que você é esta pessoa inconstante – rebateu aborrecido. Recuei sentindo as suas palavras. – Desculpe! – passou a mão no cabelo e depois na testa, fechando os olhos para recuperar a calma. – Você conhece o seu pai. Ele quer que case virgem...

– Impossível! – ele me olhou por um tempo e depois sorriu de leve, sem muito efeito.

– Eu sei, mas ele não. Então... – puxou o ar outra vez. – Ele quer garantias de que aconteceria.

– Ele disse isso?

– Não! Não exatamente. Disse que você era virgem e que ele queria que fosse assim até o dia do casamento. Eu concordei.

– Como você pôde concordar se sabia que eu não era mais...

– Fale baixo! – só então percebi que estava falando alto demais. – Merda! O que queria que eu dissesse? É o seu pai!

– Droga!

– Ele só quer comemorar o noivado! Apenas isso!

– Alex!

– Que diferença poderá fazer, Charlotte? Parece que para você isso é uma tortura. Não vê o que está fazendo comigo quando se recusa desta forma a casar?

– Pensei que você tivesse entendido – eu não tinha mais vontade de argumentar.

Não queria machucá-lo, apenas não queria casar como se o mundo fosse terminar no dia seguinte. Era tão difícil de entender? Por que era tão importante concordar com um casamento feito às pressas? O normal não era esperar? Aquilo tudo estava me cansando demais.

– Eu entendi, e respeito a sua vontade. De verdade! – intensificou seu olhar no meu. – Mas não custa nada atendermos um desejo dos nossos pais. É só um noivado, Charlotte! Não vamos nos casar amanhã.

Encarei meu namorado e percebi que para ele era difícil demais, só não entendi o porquê. Não havia motivo para aquela ansiedade toda. Eu o amava! Nada mudaria se esperássemos pelo menos um ano.

– Tá! Desculpe! É que isso tudo é novo para mim. Eu... não entendo essa urgência.

– É novo para mim também – ele me abraçou pela cintura. – Posso ser mais velho, mas não sou o mais experiente neste quesito. Quando você reluta tanto fico pensando: o que tem de errado? Porque, se dependesse de mim, casaríamos hoje. Eu te amo! Quero que fique comigo para sempre. Não tenho vontade de deixá-la ir e é o que vai acontecer. Amanhã você vai voltar para a sua casa, seremos fiscalizados de perto pelo seu pai e eu não sei até quando isso será suportável – segurou meu rosto com as duas mãos exigindo o meu olhar. – Não queria passar mais nenhum dia sem você.

– Ah, Alex! – suspirei fechando os olhos. O amor que ele descrevia era o mesmo que eu sentia e me emocionava vê-lo expressando tanto sentimento. – Não tenha medo – foi a minha vez de fazer este pedido. – Eu te amo, e não tenho dúvida disso. Só preciso de um tempo.

– Pelo menos que seja um tempo curto – suplicou tocando os lábios em minha testa. Estremeci.

– Vocês estão comprando um problema – Johnny passou por nós dois e riu. – O padrinho mandou vocês andarem mais rápido. É melhor obedecer – Alex se distanciou e fez uma careta de desagrado. Johnny piscou para mim e saiu dando um tapinha no braço do meu namorado.

– É disso que estou falando – rosnou se afastando ainda mais. – Vamos.

Alex segurou em meu braço como se eu fosse uma criança e começou a me levar em direção à garagem. O Dr. Frankli já nos aguardava em seu carro, e meu pai estava do lado de fora, olhando-nos atentamente.

– Algum problema? – Peter olhou diretamente para Alex.

– Alguns – Alex suspirou longamente ao falar. – É melhor seguimos ou não vamos terminar tão cedo os exames.

– É algo que eu deva saber? – meu pai insistiu.

– Com certeza sim, Peter – ele abriu a porta dando-me passagem. Olhei para meu namorado sem acreditar que ele teria coragem de contar ao futuro sogro sobre a nossa conversa. – Mas vamos aguardar até que tenhamos uma oportunidade melhor.

– Alex, eu...

– Estamos atrasados – gritei de dentro do carro para que eles encerrassem aquela conversa.

– Tudo bem! – imediatamente senti minha tensão aliviar. – Mas nós vamos ter esta conversa – disse ameaçadoramente para Alex. Revirei os olhos.

Meu namorado entrou, sentando ao meu lado, enquanto Peter se acomodava ao lado do Dr. Frankli, que dirigiria. Assim que o carro ganhou movimento, meu namorado me olhou com um misto de apreensão e cansaço, fazendo-me estremecer. Ele não estava nada satisfeito.

Que droga!

ALEX

Fiquei do lado de fora da sala, aguardando por eles. Charlotte estava estranha, parecia assustada, como se não estivesse satisfeita com o que estava acontecendo. Eu tinha certeza de que não era nada relacionado ao fato de estar em um hospital, mesmo sabendo que ela detestava. Dentro de mim, um incômodo insuportável deixava claro que o problema da minha futura noiva era justamente este fato, o noivado rápido demais e a promessa de um casamento mais rápido ainda.

Gemi insatisfeito. Onde eu estava com a cabeça? Não era natural, em pleno século vinte e um, um casamento relâmpago como o nosso seria. Por outro lado, todos os dias, casais apaixonados juntavam suas vidas dividindo um apartamento, e isso era perfeitamente aceitável.

Bom... aceitável para qualquer pessoa deste século, mas jamais para uma do século dezoito, como Peter.

Claro que o fato de ele ser turrão, exigente, de pegar no meu pé, mesmo sendo eu um homem de trinta e cinco anos, de não aceitar que as mulheres de vinte e um sejam independentes e já transem, jamais me obrigaria a casar. Não. Eu nunca me casaria por obrigação. Nunca!

Era por amor. Porra, era por amor! E eu não conseguiria aceitar que fosse de forma diferente. Mesmo que Peter facilitasse, que não se importasse, que nada exigisse, eu casaria com ela.

Existia em mim uma necessidade profunda de ter Charlotte sempre ao alcance das minhas vistas. De poder colocar as mãos nela sempre que me desse vontade. Existia uma ânsia por mais, muito mais do que estávamos vivendo e que, com certeza, não viveríamos caso ela insistisse em levar um ano de namoro.

Por que Charlotte não entendia que eu queria apenas ser dela, e que ela fosse minha? Sem interrupções, sem despedidas, sem medos... Eu queria fazê-la feliz e sabia que era capaz disso, só precisava que ela dissesse sim. Não um “sim, quem sabe um dia”, mas um “sim”, forte, decidido, sem espera. Eu queria um “sim” para ontem e não ficar aguardando até que ela cansasse de brincar de ser a namoradinha.

Porra! Charlotte estava fodendo com o meu juízo!

– Oi!

Ela estava parada na minha frente. No auge do meu devaneio, deixei de enxergar tudo ao meu redor e me perdi em pensamentos. Quando fui arrancado de lá pela sua voz tímida e receosa, eu me dei conta de que estava encostado na janela, as mãos segurando o parapeito tão forte que parecia que, se eu o soltasse, desabaria de vez.

– Como foi? – minha voz saiu rouca, com resquícios da raiva que sentia por não conseguir entender aquela garota.

– Bem! – ela deu de ombros, abraçando o casaco dobrado como se ele fosse a sua proteção contra a minha fúria. – Levando-se em conta que eu não fui furada, acho que devo dizer que estou no lucro – sorriu um pouco, como se quisesse quebrar o gelo.

– E meu pai?

– Está lá dentro. Disse que acompanharia os resultados.

– E o seu pai? – Charlotte desviou o olhar e roçou um pé no chão, igual a uma criança.

– Vai acompanhar o seu. Disse que poderíamos aguardar aqui, ou no carro, como você preferir – soltei o ar que estava preso nos pulmões. Este pesava que nem pedra.

– O que quer fazer enquanto aguardamos? – tentei relaxar, mas era praticamente impossível. A resistência de Charlotte estava minando as minhas forças.

– Acho que... – outra vez desviou o olhar. Ela corou um pouco, sorriu com muita timidez e mordeu o lábio. – Não podemos fazer o que eu gostaria – disse, por fim, voltando a me olhar.

O ar entrou em meu corpo dando vida a cada célula. Meus olhos ficaram presos em Charlotte, em sua boca carnuda e rosada, em suas bochechas quentes, afogueadas pela ousadia, seus olhos atentos e brilhantes, sua pele clara, cheia de pintinhas lindas que me faziam ter vontade de beijá-las, uma a uma.

Como não reagir àquela garota? Como não amá-la? Como não desejar a sua inocência ousada? Seu fogo incansável, sua forma única de ser, tão apaixonante e irritante que fazia com que ela fosse ímpar.

Levantei a mão e toquei seu rosto. Desci meu polegar até seus lábios, acariciando-os. Como os desejava! Eu queria beijar Charlotte lentamente, saborear sua boca, sua língua, mantê-la presa neste

encanto enquanto, seguindo o mesmo ritmo, retiro suas roupas, toco com todo cuidado a sua pele. Queria deixá-la nua, beijar cada detalhe do seu corpo e fazê-la se perder em seu próprio desejo, como sempre acontecia.

Eu podia roubá-la, nem que fosse por só alguns minutos. Podia levá-la para um passeio e então encontrar algum lugar, um motel, uma pousada, qualquer lugar onde eu pudesse me enterrar nela tão profundamente que meus neurônios entrassem em parafuso, impedindo-me de pensar em qualquer problema.

Também poderia fazer Charlotte gozar inúmeras vezes, tantas e tão imediatamente, que a faria entender que não podíamos aguardar tanto tempo, que o nosso amor exigia a urgência que nos cercava. E que pouco importa o que manda a etiqueta, as regras sociais, o parecer da vizinha, nós casaríamos quando o sol nascesse e daríamos paz aos nossos corações.

Era um bom plano, mas depois lembrei que Peter estava logo ali, na sala ao lado, cobrando de mim que eu fizesse de tudo para merecer aquela menina que ele tinha mimado e resguardado do mundo. Uma joia escondida. Só a possuiria aquele que merecesse.

E era o que eu queria fazer.

Ganhar a confiança do meu futuro sogro era fundamental. Mesmo que Charlotte não entendesse a minha posição, eu me conhecia, e sabia que se não fosse desta maneira, se não tivesse a aprovação do pai dela, não seria completo.

E então me dei conta: eu também era um cara “à moda antiga”.

– O que foi? – ela me tirou daquele devaneio. Balancei a cabeça e fiz uma careta que não passou despercebida pela minha namorada.

– Nada. Podemos ir à lanchonete – ela não se animou com a proposta. Tudo bem, eu não tinha fome, pelo menos não de comida. – Tem uma livraria bem pertinho daqui, podemos passar lá e ver as novidades – ela entortou a boca, desaprovando minha escolha. – Não podemos transar, Charlotte – desisti de tentar persuadi-la. Ela sabia o que queria, infelizmente eu não poderia ajudá-la. Minha namorada arqueou uma sobrancelha, observando-me com atenção.

– É lógico que não podemos transar, Alex. Estamos em um hospital! – continuou me encarando.

– Existe uma pousadinha ótima a poucos metros daqui – tive vontade de rir da cara que ela fez.

Charlotte abriu a boca, fechou, olhou para os lados, abriu outra vez, sem encontrar palavras, então fechou, engoliu em seco e aguardou. – Então, o que quer fazer?

– Aguardar pelos resultados –afastou-se demonstrando má vontade, sentou-se em uma das poltronas e ficou olhando para a porta da sala.

– Aqui? – concordou com a cabeça. – O que foi? Ficou aborrecida comigo?

– Tirando o fato de eu ter certeza de que sua imensa necessidade de agradar o meu pai vai me impedir de estar tão cedo em sua cama, não. Estou ótima! Superfeliz com o cara que me prometeu um mundo de prazer, o mesmo que quer a todo custo me convencer de que um casamento às pressas não será algo precipitado, mas para quê? Para continuar seguindo as ordens do meu pai?

Suspirei pesadamente. Eu estava entre a cruz e a espada. Não dava para ceder para Charlotte quando precisava ceder para o pai dela. Eram dois extremos impossíveis de conciliar. Abaixei-me diante dela. Charlotte desviou o olhar e começou a coçar as bordas dos olhos. Estavam vermelhos, começando a ficar irritados.

– Não coloque a mão suja nos olhos, Charlotte – ela revirou os olhos com impaciência.

– Tudo bem, mãe – rebateu como uma menina rebelde.

– É sério. Está irritando. Já está começando a ficar vermelho – ela coçou mais uma vez. – Charlotte!

– Está incomodando! – foi brusca. – As lentes incomodam depois de um tempo – oh, droga!

– Você dormiu com elas? – afirmou com um aceno de cabeça, voltando a colocar o dedo do olho. – Não passe a mão – segurei seu dedo impedindo-a. – Não sabe que não pode dormir com as lentes?

– Eu durmo às vezes, mas nunca fiquei tanto tempo com elas.

– Por que não tirou? – Charlotte me encarou por alguns segundos, logo em seguida seu rosto ficou tão vermelho que me deixou ansioso. O que ela havia aprontado. – Esqueceu o soro, não foi? – Mordeu o lábio e concordou. – Merda, Charlotte!

– Não sabia que perderia os óculos. Trouxe as lentes apenas como precaução, não gosto delas, então não pretendia usá-las.

– E acha mesmo que vai conseguir ficar com elas até amanhã? Como pode ser tão negligente com você mesma? – ela recuou um pouco, arqueando o corpo, abalada com a minha acusação.

– Aconteceu alguma coisa? – Peter apareceu bem na hora em que eu ia começar uma bronca.

– Charlotte... – levantei encarando meu futuro sogro. – Ela esqueceu o soro para as lentes e seus olhos estão começando a irritar – ele olhou para a filha, segurando o queixo dela para analisar seus olhos.

– Lottie, você sabe que não consegue ficar tanto tempo com as lentes, por que não as retirou? – outra vez ela ficou corada.

– E o que eu faria com elas? Não posso guardá-las sem o soro.

– Mas pode com água – me intrometi. Ela fez um muxoxo, desvencilhando-se do pai.

– Não quero ficar sem enxergar nada – disse por fim com a voz bem fraquinha. Meu coração compadeceu.

– Podemos providenciar óculos novos – sugeri, e Peter concordou, ainda analisando a filha.

– Isso – ele disse por fim. – Vão. Saiam e providenciem os óculos. Vamos demorar um pouco – voltou-se para mim, colocando uma mão em meu ombro. – Consegue resolver isso?

– Claro! – ele sorriu e eu sorri de volta.

– Então vão, mas fiquem atentos aos celulares. Ligaremos quando estivermos com tudo pronto.

Saí de lá satisfeito comigo mesmo. Peter tinha confiado em mim para cuidar da filha dele, era tudo o que eu queria. Entrei no carro, depois de acomodar minha namorada no banco do carona. Só quando dei partida percebi que ela estava séria e calada demais. Não era uma birra, mais uma demonstração da sua personalidade mimada e infantil, por isso senti meu coração acelerar. Havia mesmo um problema.

– O que foi? Não quer comprar óculos novos?

– Quero sim, obrigada! – sua atitude educada não demonstrava se ela estava ou não feliz.

– Qual é o problema, Charlotte? – ela suspirou, parecia querer falar, mas nada disse. – Amor, o que foi? Continua aborrecida com aquela história de não transarmos? – brinquei na esperança de que ela risse, ou que rebatesse com rebeldia, como sempre fazia. Charlotte me olhou aflita, depois voltou a olhar para frente. – Ei! – desliguei o carro e segurei seu rosto, puxando-a para mim. – O que foi?

– Você.

– Eu? O que eu fiz?

– Alex, você está parecendo o meu pai. Sabe o quanto eu detesto esta superproteção, esta mania que ele tem de resolver tudo por mim, de querer estar sempre no comando, sem se importar com o que eu quero... – olhou-me aflita e com mágoa. – Eu entendo que se preocupe, e sou grata por isso, mas, Alex... – fitou-me com intensidade. – Eu não preciso de mais um pai.

Putá que pariu! O que eu estava fazendo?

CAPÍTULO 8

“Sabemos o que somos, mas não sabemos o que poderemos ser.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Encontramos a franquia da ótica que eu costumava comprar meus óculos e lentes. Eu sabia que nela tinha o arquivo da minha última receita, então não precisaria fazer outro exame, já que ainda estava no prazo.

Alex ficou carrancudo o tempo todo. Eu tinha certeza de que era pelo que eu tinha dito, no entanto não estava arrependida, era melhor que tivesse sido assim antes que o mal fosse instalado. Precisava fazê-lo entender que não precisava assumir a posição do meu pai para ser alguém digno do meu amor. Essas bobagens só serviam mesmo para que Peter acreditasse que tinha o controle da minha vida.

Alex era o meu amor, independentemente dos seus cuidados exagerados, das suas ideias absurdas e da sua pressa descabida. Eu o amava e ponto final. Sem vírgulas, travessões, aspas ou qualquer outra coisa que colocasse em dúvida o que eu sentia.

– O que achou? – perguntei pela milionésima vez em mais uma tentativa de fazê-lo relaxar.

– Ficou lindo – sua voz não tinha muito entusiasmo. – Gosto de você de óculos – não consegui esconder o meu espanto. – Gosto quando você fica parecendo uma *nerd* – ele falou por fim, deixando um sorriso, o primeiro desde que chegamos, se apresentar.

– Você é estranho, professor Frankli – ri sem graça.

– Porque te acho linda independente de como esteja? – tocou o meu rosto com a ponta dos dedos. – Eu sou um homem apaixonado, Charlotte! – meu rosto queimou ao constatar duas vendedoras nos olhando e sorrindo, como se estivessem assistindo a um capítulo de novela e torcendo pelo casal principal.

– Então, eu... – olhei sem graça para a vendedora que estava me atendendo – ... vou ficar com este – entreguei a armação para ela, que sorria educadamente.

– Adicione um kit de soro para lentes de contato – ele disse, não para a vendedora, mas para mim, como se estivesse me lembrando e não exigindo. Sorri. Alex era incrível.

– Um kit? – não desviei o meu olhar do dele e apenas balancei a cabeça, concordando. Ela saiu, deixando-nos sozinhos.

– Quer fazer mais alguma coisa? Olhar algumas vitrines, comprar alguma outra coisa... temos uma hora inteirinha pela frente – mordeu o lábio sentindo a angústia que sempre se apossava de mim quando Alex me perguntava o que eu queria fazer.

– Aqui está.

A vendedora me entregou uma nota para que eu pudesse pagar no caixa. Vi quando Alex levantou a mão para pegá-la, então fui mais rápida, retirando-a das mãos da mulher e escondendo onde ele não conseguisse alcançar. Meu namorado me olhou aborrecido, rapidamente desistiu sem nem lutar, suspirando e levantando da cadeira.

– Peter pediu para que eu cuidasse disso – argumentou caminhando ao meu lado até o caixa da loja.

– Para cuidar disso, o que significa me trazer, me auxiliar e garantir a minha segurança, mas não pagar as minhas contas – ele me olhou outra vez com aquela expressão de choque. Reconheci em seu rosto o quanto aquilo tudo era complicado para o meu namorado.

– Vou ser o seu marido, Charlotte! – virei em sua direção antes de chegarmos à atendente.

– Alex, você será o meu marido, não o meu provedor.

– Charl...

– Não há necessidade – rebati com firmeza.

– Mas...

– Não – ele desistiu com uma careta que deixava claro que apenas não continuaríamos com aquela discussão em um local público.

Ok! Tenho sérios problemas com alguns assuntos. Dinheiro era um deles. Não contestava o fato de o meu pai me sustentar, eu era filha única, sua herdeira, apesar de saber que Miranda e Johnny dividiriam a herança comigo, ainda assim, continuaria sendo rica. Muito rica.

É natural os filhos dependerem dos pais durante uma fase da sua vida e eu não podia ignorar que o que ele construiu ficaria comigo e com mais algumas gerações, então gastar o dinheiro que ele me dava não me atormentava tanto quanto imaginar qualquer outra pessoa pagando minhas contas.

Talvez seja natural para algumas mulheres aceitar dinheiro dos seus maridos. Existe todo tipo de relacionamento e de necessidade, eu não estava sendo contra este fato. Apesar de Alex ter uma vida

confortável, eu sempre teria mais do que ele, desta forma, não era nem justo nem necessário que ele pagasse qualquer conta minha.

Entreguei o cartão de débito para a atendente, que sorriu com educação, sem deixar transparecer que ela esperava que Alex pagasse. Claro! As pessoas românticas sonhavam com o homem fantástico, rico, apaixonado, e que, principalmente, pagasse toda e qualquer compra que ela fizesse. Não por interesse, ou em alguns casos, sim, apenas por interesse, mas pela ideia fantasiosa descrita em alguns livros.

Bom, eu nunca desejei alguém que saldasse minhas contas e este pensamento pode ser pelo fato de nunca ter precisado disso. O que eu sempre quis era que um dia alguém aparecesse e me tirasse daquele mundo em que eu vivia, que me mostrasse uma vida diferente, e que nunca, nunca mesmo, tomasse decisões por mim. Isso eu já tinha demais em minha vida, todos aqueles que eu amava faziam desta forma, o que me fazia desejar o contrário.

– Obrigada! – a atendente me devolveu um papel.

Guardei-o na pequena bolsa que levava comigo e voltei a olhar o meu namorado. Ele fez cara de desagrado e segurou a minha mão, tirando-me de lá.

Saímos para a rua fria e molhada. A fraca chuva continuava caindo, sem nos incomodar. Alex permanecia calado, a mão na minha ainda firme, até que alcançou o carro, estacionado embaixo de uma árvore grande. Ele não abriu a porta, nem mesmo destrancou o carro, apenas se encostou nele, cruzou os braços e me encarou.

Pensei mil vezes em como fugir daquela conversa, no entanto sabia a importância de definirmos alguns limites e, finalmente, ajustarmos os nossos interesses, afinal de contas, ficaríamos noivos naquela noite e, se Alex conseguisse o que todos sempre conseguiam de mim, nós nos casaríamos antes mesmo que eu me acostumasse com a ideia.

– Olha, eu não queria te aborrecer, é só que...

– Tudo bem, Charlotte – ele me sondou com atenção. – Eu entendo a sua posição e aceito, mas existem alguns pontos que precisamos acertar, já que vamos dividir uma vida – estremei com a ideia.

Casar para mim era algo tão sério que me fazia temer. Eu sabia e, provavelmente Alex também, que

eu não estava preparada. Não era madura o suficiente para assumir algo tão importante. Mesmo reconhecendo esta fraqueza, não me sentia nada confortável tendo que aceitar que minha infantilidade me faria recuar, quando a única certeza de que eu tinha era a de que queria passar cada segundo da minha vida ao lado daquele homem.

– Não tenho problemas com o fato de você ser rica – desviei o olhar.

Nunca consegui entender muito bem o motivo de eu me sentir culpada quando minha fortuna era assunto de debate, como se eu devesse me desculpar pela minha riqueza. Como se ser rica, ou absurdamente rica, fosse um fato desonroso. E eu sabia que não podia me sentir assim, afinal de contas, eu gostava de ter dinheiro.

– Mas gostaria que entendesse que não sou mais nenhum garoto. Eu tenho uma vida tranquila, confortável, construí a minha segurança financeira e me orgulho muito disso. Nunca irei te proibir de continuar usufruindo o que seu pai lhe oferece, no entanto, quero preservar a minha independência. Eu respeito o seu pai e todas as inseguranças dele em relação a você, o que não significa que permitirei que interfira na administração da minha casa, muito menos da minha vida.

Alex falava com muita tranquilidade, não deixando dúvidas quanto a sua posição em relação à utilização do dinheiro do meu pai em nosso relacionamento. Claro que eu sempre soube que ele nunca seria capaz de usufruir e aproveitar da minha posição financeira.

Meu namorado era um homem que valorizava cada degrau que precisou subir e gostava de gozar do que havia conseguido na vida. Porém, ouvindo-o falar daquela forma, parecia que aquele ponto o incomodava mais do que deveria. Era como se o ofendesse, e não havia motivos para ele pensar assim.

– E o que exatamente isso significa? – notei a cautela da minha voz, percebendo o medo que me atingia sem nem ao menos saber o porquê.

– Que sou perfeitamente capaz de sustentar você e a nossa casa – ele respondeu prontamente, sem pestanejar e um frio capaz de gelar meu sangue me atingiu. Respirei profundamente sem saber como conduzir a situação.

– Não tenho nenhuma dúvida a respeito da sua capacidade, Alex – ele me encarou, relaxando um pouco os ombros. – Da mesma forma que você quer que eu respeite a sua posição, preciso que

compreenda que vivo do que meu pai deixará para mim um dia, porém não apenas disso. Quando completei dezoito anos recebi de presente algumas ações e, todos os anos, este fato tem se repetido. Sei que não contribuí em nada para a construção deste patrimônio, mas ele me pertence e não temos como fugir disso – vi meu namorado ficar cada vez mais tenso.

– Puta merda! – resmungou sozinho e manteve uma careta sofrida no rosto.

– Eu vou lançar meu livro – suavizei a voz para que ele não continuasse tão incomodado. – E se der certo? Você também terá objeções em relação ao dinheiro que vou ganhar com o meu próprio trabalho? – fez um muxoxo, soltando os braços, colocando as mãos nos bolsos da calça.

– Não. Eu não vou implicar em momento nenhum, Charlotte. Só não quero que nossa casa seja sustentada pelo dinheiro do seu pai.

– É o meu dinheiro também – rebati impaciente. – Não sei o que você espera de mim, não sei em que mundo acha que vivo, o que acredita que eu sou, mas isso tudo só está deixando bem claro o quanto você não me conhece. Jamais me permitiria ser sustentada pelo marido, ou por qualquer outra pessoa. E esta confusão toda só me faz acreditar que realmente precisamos cumprir todas as etapas, Alex – ele ficou espantado com a minha reação. Não recuei. Precisava continuar. – Não temos nem uma semana de namoro e já entramos numa discussão absurda sobre dinheiro, um fator que nem eu nem você precisamos nos preocupar. E o que importa se será você ou eu a pagar uma conta, a comprar um móvel? Esta não é a minha ideia de amor. Era para sermos um só, mas parece que somos apenas você.

– O casamento faz de duas pessoas uma só, difícil é determinar qual será – ele sussurrou me encarando. Estremeci.

– William Shakespeare – minha voz ficou fraca.

Era muita coincidência Alex citar justamente o autor que eu tinha como referência de vida? Coincidência ou conhecimento? Não. Não havia forma de ele saber que eu venerava meu conterrâneo, e que seus textos me inspiravam a ponto de muitas vezes servirem de guia para a minha própria vida. Ou havia?

E existia alguma maneira de eu ir contra a sua citação? Não quando eu sabia, dentro de mim, no fundo de toda a minha consciência, que Shakespeare estava certo. Ele sempre estava.

Alex parecia assustado demais. Ele me olhava sem reprovação, mas como se minhas palavras o ferissem e causassem dor. Apesar de eu ver o quanto estava atordoado, não tive vontade de confortá-lo. Não achava correto, nem digno. Ele não precisava que eu cedesse, nenhum relacionamento sobrevive à anulação de um dos lados e o orgulho dele não poderia ditar as regras.

Naquele momento eu percebi o quanto estava cansada de ter a minha vida escrita pelas mãos de outras pessoas. Era sempre assim. Meu pai, minha mãe, meus amigos, eu estava sempre fazendo o que eles queriam e abnegando da minha própria vontade. Poucas vezes lutei pelo que eu queria e, quando isso acontecia, tornava-se uma obsessão tamanha que eu não conseguia fazer mais nada que não fosse me dedicar àquela vitória, como quando precisei ir contra todos para ser escritora, quando precisei colocar Alex naquela loucura de relacionamento para conseguir a sua aprovação.

Eu o amava, mas não precisava abrir mão do que eu era para que este amor fosse verdadeiro ou possível. Bastava apenas que Alex me amasse sem que quisesse me modificar, porque eu jamais seria capaz de mudar qualquer detalhe de quem ele era.

– Você também tem dúvidas – continuei e ele negou com a cabeça, mordendo o lábio. – Não precisamos fazer isso para agradar ninguém, Alex. Não deixe meu pai te intimidar.

– Não é nada disso – sua voz estava fraca, como se ele precisasse fazer esforço para que ela saísse.

– Não pode casar comigo só porque ele quer assim – ele gemeu em protesto, negando com a cabeça tudo o que eu dizia. – Como pode querer se casar comigo quando não consegue me aceitar do jeito que sou? Como pode me amar se não aceita a vida que eu tenho? Nenhuma pessoa é apenas o seu corpo e a sua mente, todas levam consigo uma bagagem, umas são mais leves que outras, mas sempre, sempre, precisamos carregá-las. A minha bagagem é pesada demais para você...

– Não é isso, Charlotte!

Ele me puxou com força, pegando-me de surpresa e me apertando de encontro a seu corpo. Seu rosto muito próximo ao meu, os olhos sofridos em uma súplica muda. Uma mão acariciou o meu rosto, enquanto ele decorava cada parte da minha face. Pensei que me beijaria. Desejei que o fizesse, mas Alex apenas me abraçou e enterrou sua cabeça em meu pescoço, suspirando pesadamente.

– Desculpe! – sussurrou. – Não sei o que acontece comigo quando estou com você. Tenho necessidade de ser tudo o que você precisa e medo de não conseguir ser o suficiente.

Dei um meio sorriso, não de felicidade e sim de desânimo. Alex não conseguia entender que bastava ele estar comigo? Que sempre seria suficiente, porque ele era tudo o que eu mais queria.

– Você não entende, Charlotte! – voltou a me encarar, sem me segurar com a força de antes. – Eu me sinto tão perdido! Olho para mim e não me reconheço, sinto-me um idiota, um adolescente imaturo, agindo por impulso. Não consigo controlar minhas atitudes quando estas estão relacionadas a você, a nós dois. É como se cada experiência vivida por mim, cada detalhe da minha vida, tivesse se apagado, porque eu não consigo encontrar nada que me coloque de volta no meu mundo. E não quero o meu mundo de volta se não puder estar com você.

– Você não precisa abrir mão de nada – tentei ser mais racional, mas estava abalada e emocionada com as suas palavras.

– Claro que tenho, e você também. Não sou o mais experiente quando o assunto é amor, não entendo nada sobre estar apaixonado e por isso estou metendo os pés pelas mãos, mas de uma coisa eu tenho certeza: o amor é feito de renúncias, Charlotte.

– E o que quer que eu faça, que diga a meu pai que não vou aceitar mais nada que venha dele? Que não adiantou toda a sua luta, tudo o que precisou sacrificar para garantir minha segurança financeira? Essa sou eu, Alex! Sou o que ele criou para mim e não posso simplesmente ser ingrata quando me orgulho do que ele é, do que conseguiu.

– Charlotte! – ele aumentou a voz, segurando-me pela nuca e fazendo-me calar. – Eu só não quero que isso se transforme em um obstáculo entre nós. É pedir demais?

Olhei seus olhos sofridos, meu coração acelerado machucava o peito, e um desejo de chorar lutava contra a minha vontade de permanecer firme. Fechei os olhos, forçando-me a engolir as lágrimas. Alex respirou fundo e me puxou para um beijo. Não foi como sempre. Apenas colou os lábios nos meus com força e depois soltou o ar que prendia. Fiz o mesmo.

– Vai ser sempre complicado assim? – senti o medo do que seríamos me dominar.

– Não, não vai – ele foi apaziguador, correndo seus dedos pelas minhas costas. Senti frio, mas não

era por causa da temperatura e sim os meus medos me cercando como fantasmas.

– Ainda quer noivar esta noite? – prendi o ar ao fazer esta pergunta. Ele me segurou pelos ombros e olhou firme em meus olhos.

– Quero sim, mas não vou forçar você a nada – eu podia ver o seu medo. Estava estampado em seus olhos. Chegava a ser estranho ver um homem como Alex tão vulnerável. – O que você quer, Charlotte? – Sorri desejando que aqueles problemas nunca mais voltassem a nos atingir.

– Quero nossa bolha de volta – ele mordeu o lábio e me abraçou com cuidado, deitando minha cabeça em seu peito.

– Acho que estamos colocando peso demais em tudo – falou baixinho. Eu concordei com a cabeça. – Eu também quero a nossa bolha de volta – beijou meu cabelo. – Mas tenho motivos reais para acreditar que ela só voltará quando estivermos casados – gemi sem conseguir esconder meu desagrado com aquele assunto. Não éramos obrigados a nada. – Charlotte... – ele segurou meu rosto para que eu o olhasse. – Não me importa o que os outros querem, somente o que nós dois queremos. Eu quero que você seja minha, sem que ninguém precise opinar, ou se meter entre nós dois. Quero poder voltar para casa e me fechar em nosso mundo, ter tudo de volta e com você.

De repente a ideia me pareceu tentadora. Ter Alex de volta, apenas para mim, em um lugar onde ninguém nos alcançasse ou pudesse nos impedir de estarmos juntos. Onde pudéssemos curtir um ao outro, sem reservas ou regras, sem os medos que nos cercavam, ou as diferenças que podiam nos distanciar. Eu queria nossas tardes quentes, poder ficar em seus braços, permitir-me ser amada sem interrupções. Eu queria que o nosso amor fosse livre. Sorri sentindo a tranquilidade voltar ao meu corpo.

– Tudo bem. Vamos encarar este noivado – ele entrelaçou os nossos dedos e sorriu de volta.

– Tem certeza? – seus olhos brilharam com a expectativa.

– Como nunca tive antes – e então eu vi o que buscava. Um Alex, forte, seguro, decidido. O homem que eu amava e que me amava sem limites.

CAPÍTULO 9

“Em tempo algum teve um tranquilo curso o verdadeiro amor.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

– Charlotte! Até que enfim vocês voltaram – Lana entrou na sala como sempre fazia, atropelando tudo e todos sem se preocupar se estava sendo indelicada ou não. – Passei a manhã inteira esperando o seu retorno. Vi uns vestidos perfeitos. Você nem vai acreditar, consegui um exclusivo. Mal acredito que tenha conseguido um feito destes tão em cima da hora. Pensei que teríamos que escolher algo pronto, ou aceitar qualquer costureira menos que perfeita...

– Não precisa desta pressa toda, Lana – Alex anunciou calando a irmã e chamando a atenção das outras pessoas presentes na sala que fizeram silêncio para ouvir. – Não sabemos ainda quando vamos casar e, com certeza, não será tão cedo.

– Como assim? – meu pai deu um passo em direção a Alex.

– Charlotte não quer casar, Peter – Alex respondeu antes que meu pai o matasse, dando de ombros. Quase ri. Quase, porque precisei me colocar entre os dois e segurar Peter que já estava ficando meio roxo. – Pelo menos não por agora.

– Pai, não! Pare com isso! – minha mãe se colocou do meu lado. – Eu disse que não queria casar. Quer dizer... – recuei diante do seu olhar assassino. – Nós vamos nos casar, não vamos, Alex? – fui covarde o suficiente para procurar apoio em meu namorado.

– Vamos sim, amor – era impressão minha ou Alex parecia se divertir com a situação? – Assim que você decidir quando. Eu continuarei esperando. Por mim seria amanhã mesmo – porra!

Ele jogou toda a responsabilidade em minhas mãos. Fiz uma careta que não passou despercebida. Alex mordeu o lábio para não rir e colocou as mãos nos bolsos, sem nada acrescentar.

– Charlotte Middleton, o que você está aprontando dessa vez? Está vendo, Mary? Eu disse que ela estava sendo muito mimada. Eu avisei para não dar a ela tanta liberdade, ninguém me ouviu. Concordei com tudo e agora a sua filha está dizendo que não quer mais casar, depois de me convencer de que tinha encontrado o homem da vida dela.

– Pai! – meu rosto queimava de vergonha, tendo a minha vida sendo discutida abertamente diante

de todos. E Alex nada fazia para me ajudar.

– Peter, não seja melodramático – minha mãe nem se importava mais com as acusações dele. Só ela para abstrair tudo o que havia de ruim no marido. – Ela está dizendo que vai casar, só que não será agora. Não é isso, Charlotte? – assenti com a cabeça. – Acalme-se e ouça o que a nossa filha tem a dizer.

– Espero que tenha um ótimo argumento ou a levarei hoje mesmo para um convento, Charlotte. E eu nunca falei tão sério em toda a minha vida. Era só o que me faltava. Eu concordo e ela desiste. Só pode ser implicância de adolescente. Só pode.

– Eu não sou mais uma adolescente, e minha decisão não tem nada a ver com você, pai. Que droga! – explodi fazendo-o recuar surpreso. Estava cansada de ter todas as minhas escolhas contestadas, ignoradas ou ridicularizadas. – Sou maior de idade. Sou uma mulher. Sei o que é melhor para mim e assumo todas as consequências das minhas decisões. Não preciso de ninguém para me guiar, tá legal? – ele permaneceu calado me ouvindo.

Alex se postou atrás de mim, colocando a mão em meu ombro. Não sei se para me conter ou me apoiar, mas de uma coisa estava certa: o sacana me colocou naquela situação.

– Eu decidi que não quero me casar por enquanto. Apesar de ter certeza do meu amor pelo Alex e de querer passar o resto da minha vida com ele, optei por não queimar etapas. Eu, como adulta que sou, conversei com Alex, o outro principal interessado, e, juntos, decidimos que podemos esperar algum tempo. Não quero me casar como se o mundo fosse acabar amanhã. Nem quero o casamento do século. Também não quero ninguém me dizendo como será a minha festa ou o meu vestido.

Percebi que Lana não tinha gostado desta parte, por outro lado, eu estava, pela primeira vez na vida, colocando a minha vontade acima da de todos os outros e não voltaria atrás. Minha cunhada precisaria entender e aceitar.

– Estamos apenas comunicando a vocês que este casamento vai demorar um pouco mais para acontecer, e que, quando estivermos prontos, voltaremos a discutir o assunto.

Dei como encerrado, cruzando os braços na frente do peito e encarando meus pais que me olhavam aturdidos. Ouvi o riso nada discreto do Patrício e podia jurar que, mesmo tentando esconder, Johnny sorria. Quebrar as amarras que me prendiam era o seu maior desejo. Ele também não concordava com a

forma sufocante que meu pai conduzia minha vida.

– Olha como ela está falando, Mary. Como se nossa opinião não valesse de nada nas decisões da sua vida. Veja...

– Peter – minha mãe segurou meu pai pelos ombros. – Nossa menina está nos mostrando que cresceu. Não era o que queríamos? – ela sorria e mantinha-se tranquila, apesar de eu ter percebido que algo não estava em seu devido lugar.

– Mas, você...

– Peter, nós precisávamos disso.

Alguma coisa na forma como se olhavam me fez estremecer. Por uma fração de segundo, algo tão mínimo que passaria despercebido para qualquer um, eu vi o medo refletido no olhar do meu pai.

Não era algo que os pais precisassem decidir juntos no que se refere ao futuro dos filhos. Pareciam compartilhar um segredo. Como se meu pai estivesse assustado e soubesse que minha decisão traria uma consequência grave. Involuntariamente, senti-me sufocada. Entrei em pânico. O que poderia acontecer só porque decidi adiar o casamento? O que aquela decisão tinha a ver com a nossa vida?

– E você? – ele praticamente sussurrou.

– Eu vou ficar bem. E feliz! – ela sorriu com os olhos levemente umedecidos.

Eu quis reagir e perguntar o que estava acontecendo, no entanto, esta situação durou apenas alguns segundos e ficou tão íntima que as pessoas não se importaram com o momento e passaram a conversar sobre seus próprios problemas. Eu estava atenta e chocada, porque tinha a certeza de que aquela conversa, apesar de expressar a sua cumplicidade, ao mesmo tempo não expressava o amor deles e sim um desespero. Algo ruim.

– Pelo visto não vou poder te ajudar com a festa – Lana estava ao meu lado reclamando como se nada estivesse acontecendo. Ela me olhava com mágoa. Tive vontade de revirar os olhos.

– Você vai – respondi sem muita convicção, sem realmente prestar atenção ao que ela dizia.

– E o noivado? – Dana se aproximou de Alex, que permanecia com as mãos em meus ombros, pressionando os polegares em minhas costas, massageando-as. – Devemos continuar com os preparativos?

– Sim – Alex respondeu certo de que aquela era a minha escolha também. – Nós vamos continuar com o planejado – falou um pouco mais alto, voltando a ganhar a atenção do meu pai e de mais alguns curiosos que se aproximaram. – Eu e Charlotte precisamos de um tempo para definir como será. Um casamento não pode acontecer do dia para a noite e eu quero que seja tudo como ela deseja, então vamos dar este tempo, organizar nossas vidas, e aos poucos a cerimônia vai ganhar corpo e alma. Sei que vocês estão felizes – mesmo tendo meu namorado às minhas costas, eu podia jurar que ele sorria. – Nós também estamos, e temos certeza de que estamos fazendo a coisa certa.

– Isso – colaborei tentando manter minha voz firme, mas falhei totalmente ao encontrar os olhos do meu pai.

– Agora eu preciso realmente descansar e me preparar, pois preciso ir a uma festa de um noivado esta noite.

Um murmurinho ganhou o ambiente. Dandara e Lana conversaram sobre os preparativos, Dr. Frankli conseguiu fazer meu pai sair daquele clima pesado, Miranda e Patrício sussurravam e riam, presos em seu próprio mundo. Eu apenas segui minha mãe com os olhos. Ela saiu sozinha, com um ar estranho, que fez meu coração acelerar.

– Então, Charlotte, precisamos encontrar um vestido perfeito para você usar hoje à noite. Não sei por que tenho a certeza de que em sua mala só encontraremos calça jeans, camisas xadrez e tênis – Lana me cercou pela cintura, tentando me envolver no clima festivo do noivado.

– Agora não – recuei sem conseguir desviar a minha atenção da porta por onde minha mãe havia saído.

– Mas... – ela tentou sem sucesso.

Alex apertou meu ombro, sem entender. Olhei para ele, no entanto não precisei nem de um segundo para que meu eterno professor entendesse que eu precisava daquele tempo.

– Deixe Charlotte respirar, Lana – minha cunhada fez cara feia para o irmão, que não cedeu nem um centímetro.

– Tudo bem, mas depois não quero ninguém lamentando o fato de ter usado roupas casuais quando estiver olhando as fotos do próprio noivado. Eu estou fazendo a minha parte... – levantou as mãos se

rendendo. Suspirei resignada.

– Com certeza tenho um vestido adequado entre as minhas roupas – tentei ser menos broxante para a irmã do meu futuro marido. – Posso te mostrar, mas não agora – ela abriu a boca para protestar, porém consegui impedi-la. – E você tem todo o direito de trocá-lo se não gostar do modelo. Só me dê um tempo – ela soltou o ar e colocou as mãos na cintura.

– Tá certo, Charlotte. Vou verificar o que ficou decidido sobre o menu. Não demore uma eternidade para me mostrar o tal vestido.

– Lana! – Alex a advertiu e ela arqueou uma sobrancelha desafiando-o.

– Nós teremos muito tempo. Com licença! – disparei em busca da minha mãe.

– Alex! – ouvi Peter chamando meu namorado de longe, mas não dei importância ao fato.

Não me preocupei com Alex. Ele saberia como lidar com a sua família. Naquele momento eu precisava entender o que acabara de presenciar. O que havia de errado e o que significava aquela conversa.

Encontrei minha mãe parada no jardim do qual Dana tanto se orgulhava. Ela, muito discretamente, enxugava uma lágrima. De longe era possível acreditar que retirava um cisco do olho, porém, eu conhecia minha mãe como ninguém e sabia que aquele gesto era exatamente o que eu estava pensando. Ela estava chorando.

– Mãe?

– Charlotte! – tentou disfarçar. – Filha o que faz aqui? Lana precisa de você para...

– O que está acontecendo? O que foi aquela conversa estranha? O que...

– Do que você está falando? – Sorriu. Seus olhos brilhavam como só minha mãe podia fazer.

– Da conversa lá dentro.

– Alguém tinha que conter seu pai. Você sabe como ele é com toda esta mania de controle – fez um gesto vago com as mãos. – Tenho certeza de que você consegue entender o seu pai, assim como ele a entende – fez uma careta. – Não de imediato, mas ele entende. Acredite em mim – segurou minhas mãos com força. – Agora me conte tudo. Por que esta decisão tão repentina? Quer dizer... na verdade tudo aconteceu tão rápido que ainda não consegui acompanhar – sua risada genuína soou e eu me senti em

casa. Verdadeiramente em casa!

– Ah, mãe!

E começamos uma conversa cheia de confidências, confissões e ensinamentos como sempre deve ser entre mãe e filha. Eu e minha mãe sempre tivemos sintonia e amizade suficiente para nos proporcionar momentos como aquele. Deitei em seu ombro e falei sobre Alex, sobre meu livro, sobre a minha vontade de namorar e, aos poucos, conhecer o meu futuro marido. Ela foi incrível! Dizendo as palavras certas nas horas certas.

No final daquele dia, eu estava convicta de que nenhuma das minhas atitudes tinha sido um erro e que as minhas decisões foram as mais corretas possíveis.

ALEX

Vi Charlotte saindo da casa à procura da mãe e não quis atrapalhar a conversa delas. Eu acreditava que apenas Mary poderia aconselhá-la corretamente. Assim como sabia que ela nunca seria contra a vontade da filha de aguardar, mas, mesmo consciente de que aquela era a decisão mais adequada, afinal de contas, fora minha a louca ideia de não querer aguardar mais do que o necessário para tê-la só para mim, e também entender esta como sendo a única solução para me livrar da perseguição do Peter, eu ainda estava incomodado, mais até do que deveria, por ter concordado que assim fosse.

Tive que aguentar um interrogatório interminável da minha família, além do sorriso absurdamente esperançoso de Tiffany. Perdi a conta de quantas vezes precisei repetir que estava tudo bem entre nós dois. Que nada havia acontecido e que apenas respeitei a vontade dela de vivermos cada uma das fases do nosso relacionamento.

Ao que parece não fui muito convincente.

A pior parte foi quando, muito disfarçadamente, observava Charlotte e a mãe conversarem caminhando pelo jardim, ora parando em um ponto, ora caminhando por outro e fui abordado por Tiffany. Não me sentia confortável para ter qualquer conversa com ela, infelizmente éramos obrigados a ter, no mínimo, uma relação profissional, por causa disso eu me via preso àquela convenção social.

Sorri educadamente disfarçando meu aborrecimento.

– A menina é cheia de vontades, não é? – ela se acercou de mim com intimidade. – Ontem tinha certeza de que queria casar e hoje já não quer mais – riu tentando parecer inocente, embora ela não me enganasse mais.

– Eu e Charlotte conversamos e decidimos. Não se trata de indecisão ou infantilidade. E ela tem razão, por que um casamento às pressas se podemos esperar e fazer tudo da forma convencional? – até eu mesmo podia sentir que não soava confiante, apenas tentava parecer ser, e isso me envergonhou.

– Eu sei. Desculpe! – passou a mão em meu braço. – Sei o quanto está sendo difícil para você, afinal de contas foram muitas decisões e obstáculos. Você abriu mão de tantas coisas... Desculpe,

novamente! Não quero me meter em sua vida. É que... eu não queria vê-lo envolvido neste turbilhão de acontecimentos. Apenas isso.

– Tiffany, eu não abri mão de nada por causa da Charlotte. Tudo o que fiz foi por mim. Porque acreditava e ainda acredito que era o certo. Estou fazendo o que deveria ter feito há muito tempo. Charlotte foi apenas o catalisador. E eu quero ficar com ela independentemente de qualquer coisa. Vamos ser namorados, depois noivos e, finalmente, marido e mulher, vamos viver isso juntos e nos amando – era como se eu estivesse dizendo aquilo para me convencer e não para persuadi-la.

– Eu sei. Eu sei – seus olhos marejaram, porém sua postura de superioridade não permitiria nunca que demonstrasse como realmente estava se sentindo. – De qualquer maneira precisamos entender: Charlotte é jovem, ainda tem muito o que aprender e está cheia de energia para sair em busca de novas experiências. Já tivemos a idade dela e sabemos perfeitamente bem como víamos o mundo naquela época. Tudo é novo e mágico, além de estimulante.

Não era para me sentir assim, até porque aos trinta e cinco anos já possuía maturidade suficiente para não me abalar com inseguranças de adolescente, mesmo assim as palavras de Tiffany conseguiram me desestabilizar. Realmente, Charlotte era jovem e havia acabado de se descobrir. Pela primeira vez se permitia viver.

Merda! Eu estava completamente inseguro. E se ela quisesse realmente aproveitar a vida? Conhecer outras pessoas? Não. Ela já disse que não. Mas e... Não. Eu precisava estar mais centrado e manter a minha posição.

– Charlotte sabe o que quer. Assim como eu.

– Como pode ter tanta certeza?

Olhei para Tiffany disposto a rebater seus argumentos, então Peter se aproximou, com uma cara péssima, e meu único pensamento foi “não podia ficar pior”.

CHARLOTTE

– Não sei se a cor é a mais adequada.

Lana me observava sem demonstrar se tinha gostado ou não do vestido. Enquanto isso, Miranda se decidia entre usar uma calça preta combinando com um suéter gola alta verde bem claro ou arriscar o frio e colocar um vestido azul que fica lindo nela.

– Não existe uma cor adequada para um noivado, não que eu saiba – rebati sem conseguir me empolgar com aquela festa.

– E não há – Miranda disse sem tirar os olhos das peças espalhadas sobre a cama.

– Precisamos pelo menos não deixar que pareça tanto com algo improvisado. É o seu noivado, tem que sair perfeito! – ela me olhava com a emoção que eu deveria sentir.

Não conseguia entender. Eu estava certa de que queria me casar com Alex? Sim, estava. Não havia dúvida em relação a esta decisão. Então por que aquele noivado ainda me incomodava tanto? Por que eu simplesmente não relaxava e me deixava envolver pela atmosfera festiva?

– Mas o vestido é lindo! Veja como ficou perfeito nela – minha amiga finalmente resolveu esquecer suas roupas e prestar atenção em mim.

Ela sorriu ao me encarar. Seus olhos brilharam de contentamento e eu sorri de volta. Finalmente comecei a me sentir melhor, como se encontrar o carinho em seu rosto e a certeza de que ela também estava de acordo, ajudasse-me a relaxar. Era disso que eu precisava, de me sentir de volta ao eixo, entre pessoas que eu amava. Claro que esta parte excluía Tiffany e Anita, para meu azar elas eram convidadas e eu nada podia fazer além de ignorá-las.

– Não vamos ter discursos, apresentações e blábláblá, não é? – Lana riu da minha rebeldia e não se intimidou.

– Alex pediu para que fosse apenas uma singela comemoração. Deixou claro como você se sentia sendo o centro das atenções e determinou que eu não ultrapassasse os seus limites, então, não. Vamos apenas conversar, brindar e comer.

– Graças a Deus – suspirei aliviada, fazendo uma nota mental para agradecer ao meu noivo por ser tão atencioso.

– E também vamos dar um jeito de impedir que o padrinho pegue tanto no seu pé – minha amiga piscou para Lana que riu baixinho.

– Charlotte, eu tenho que admitir que finalmente consegui a minha vingança contra Alex e toda a sua perseguição na época em que eu namorava com o João – ela ria, mas eu fechei a cara sem querer pensar naquele problema enquanto pudesse evitá-lo.

– Posso tirar o vestido? – ela me analisou um pouco mais, depois, com um saltinho e palminhas, sorriu feito uma criança diante de uma torta de chocolate. – Acho que o preto não vai contar tanto. E se colocarmos uma sandália que eu tenho, com alguns acessórios ficará perfeito.

Revirei os olhos ciente de que não conseguiria ter paz enquanto não estivesse completamente do agrado da minha cunhada.

ALEX

Caminhei com Peter sem um rumo certo. Percebi que ele queria estar longe do tumulto com os preparativos para a festa. A casa estava agitada e, pelo que entendi, ele queria um lugar reservado. Já podia até imaginar o teor daquela conversa, e, sinceramente, estava de saco cheio. Era uma merda voltar a ser tratado como um adolescente, não ter domínio da situação, ser forçado a concordar, a aceitar... era mesmo uma merda!

– O que deu nela? – suspirei. Que comece o *show*!

– Não sei, Peter. Aliás, não sei o porquê do espanto. É natural que um casamento aconteça dentro de um tempo razoável...

– Em um tempo razoável, Alex. Não indefinido – olhei para o meu futuro sogro sem saber o que responder.

O que ele queria? Que eu ignorasse as razões de Charlotte e simplesmente agisse como um homem das cavernas, levando-a a força para o altar? Até parece que ele não conhecia muito bem a filha que tinha.

– Charlotte quer apenas curtir um pouco a relação – falei cansado. – Ela é muito jovem, Peter. Não adianta nada ficar pressionando a garota. Eu bem queria que fosse feita a minha vontade, mas...

– Então faça acontecer – ele retrucou mais exaltado do que deveria.

– Não posso forçá-la a se casar! – acabei me exaltando também. Ele se afastou visivelmente incomodado.

– Eu pensei que era você quem ela queria – ele resmungou e as suas palavras me feriram. Claro que eu era quem ela queria. Não era? – Charlotte adora fazer isso. Adora me contrariar. Eu deveria saber desde o começo que se trata do que ela quer.

– Não é nada do que você está falando. Eu e Charlotte temos certeza do nosso amor – ele riu cinicamente, sem me olhar nos olhos, o que me deixou ainda mais irritado. – O que você quer que eu faça? Charlotte é maior de idade. É uma garota cheia de vontade, força a barra até conseguir o que quer,

e, se você que é o pai não conseguiu dobrá-la até hoje, não serei eu a conseguir.

Peter se virou para mim, encarando-me firmemente. Pensei que iniciariamos uma briga ou qualquer coisa parecida, mas ele concordou com a cabeça e voltou a ficar agitado. Alguma coisa estava errada naquela reação.

– Você a ama de verdade?

– Lógico que sim, Peter! – foi a minha vez de me afastar. Corri minha mão pelo meu cabelo, descendo pela nuca e pressionando o local. Acho que nunca antes me senti tão tenso. – Claro que eu a amo. Se não a amasse não... – pensei no que poderia falar. Merda! – Não estaríamos juntos – suspirei me encostando à cerca. Tínhamos caminhado até o celeiro. – Charlotte é o tipo de problema que eu me manteria o mais longe possível. Ela é minha aluna, será uma das minhas escritoras e é bem mais nova do que eu, sem contar que o nível de inexperiência de Charlotte aumenta a diferença entre nós dois. Mas eu a amo, Peter! E não posso nem quero ficar longe dela. Se dependesse exclusivamente de mim, casariamos hoje mesmo, infelizmente não depende. Eu tenho que levar em consideração a vontade dela. Tenho que respeitar o que Charlotte quer.

Peter me encarava sério. Ele me observava e analisava como se quisesse encontrar em mim alguma saída. Puta que pariu! Eu nem conseguia acreditar que toda aquela pressão era simplesmente para manter a virgindade da filha. Aquilo era loucura demais até mesmo para ele!

– Olha, Peter, eu sei que você fica preocupado, entendo todos os seus motivos, mas Charlotte já é adulta, eu também. Não estamos brincando um com o outro, estamos apaixonados. Ajudaria muito se você confiasse em mim e nos desse mais espaço.

– Você não entende – ele disse assumindo uma posição que não combinava nada com o Peter de outrora. Parecia cansado, triste e confuso. Ele encostou-se na cerca e olhou para longe, perdendo-se na paisagem. – Você não entende, Alex!

– Eu entendo que você queira protegê-la, que está tentando cumprir o seu papel de pai, eu até consigo ver sentido nisso tudo...

– Vai muito além do que você pode imaginar – ele me olhou outra vez me avaliando, como se lutasse para conseguir dizer o que realmente queria.

Eu via em seus olhos um sofrimento escondido por baixo de toda aquela pose, regras... Peter estava apavorado com alguma coisa, e algo em sua postura me levava a crer que estava diretamente ligado a Charlotte. Meu coração disparou, e minhas mãos ficaram suadas. O que havia de errado com ela? O que estava acontecendo para que Peter precisasse agir tão estranhamente?

– Qual é o problema, Peter?

– Bom... – ele correu os olhos pelo ambiente, certificando-se de que estávamos realmente sozinhos.

– Primeiro eu preciso saber se você é capaz de guardar um segredo.

Putá merda!

CAPÍTULO 10

“Tarde demais o conheci, por fim; cedo demais, sem conhecê-lo, amei-o.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Depois que consegui me livrar de Lana, que estava ansiosa com a demora de João Pedro que havia saído com Patrício para buscar as flores as quais ela encomendara, decidi procurar por Alex.

Ainda estava abalada com a nossa conversa, com a rapidez das coisas e com o noivado que, mesmo com tão poucos convidados, parecia ser uma cerimônia real. Minha mãe e Dana estavam na sala principal escolhendo o jogo de mesa. Evitei me aproximar. Eu bem sabia o que aquelas duas fariam comigo caso eu resolvesse apenas dizer um “oi” e eu não estava nem um pouco a fim de ouvir uma discussão profunda sobre a prataria.

Saí para a área da piscina e encontrei Johnny conversando com a professora Anita. Ela sorria e parecia estar interessada no que ele dizia. Revirei os olhos. Eu conhecia a capacidade do meu amigo de jogar charme e encantar as pessoas mais improváveis.

Tudo bem que ter a professora Anita como nova conquista do meu melhor amigo não era algo agradável, no entanto, era muito melhor do que ter que me preocupar com ela tentando colocar suas garras em meu namorado... noivo...

E ele não estava em lugar nenhum.

Claro que eu era insegura o suficiente para notar a ausência de Tiffany e formular um monte de teorias absurdas em minha mente infantil. Mesmo assim senti minhas pernas tremerem e meu coração disparar. Depois de toda briga que tivemos desde que eu resolvi revelar o que achava a respeito daquela pressa toda para casarmos, Alex poderia facilmente desistir de mim e entender que minha rival era muito menos complicada, além de estar totalmente disponível para um casamento à velocidade da luz.

– Charlotte! – a voz suave e segura do meu futuro sogro me pegou de surpresa, fazendo-me estremecer. – Tudo bem?

– Oi! – falei sobressaltada. – Tudo. Eu estou... – olhei ao redor sem conseguir me concentrar em nada.

– Procurando Alex – ele afirmou quando deveria ser uma pergunta.

Eu não podia culpá-lo. Desde que coloquei meus pés naquela casa, apenas o meu professor tinha conseguido o meu total interesse.

– Isso – coloquei as mãos por dentro dos bolsos do jeans e não consegui conter minhas pernas, que balançavam meu corpo de um lado para o outro. Dr. Adriano sorriu compreensivamente.

– Eu o vi caminhando com Peter em direção ao celeiro.

Merda! O que meu pai estava fazendo? Com certeza aterrorizando Alex com aquela porcaria de conversa sobre casamento e virgindade... Merda um milhão de vezes. Eu precisava fazer meu pai entender que não casaríamos apenas por causa de sua fixação absurda pela minha pureza.

– Posso fazer uma pergunta sem que você ache que estou me intrometendo demais?

Olhei para o Dr. Adriano sentindo meu corpo gelar. Que tipo de assunto ele teria para tratar comigo? Se ele estava salientando que eu não deveria achar que ele estava se intrometendo, era porque ele realmente se intrometeria em algum assunto que não era da sua conta. E eu sabia muito bem de que merda de assunto ele queria tratar.

– Claro! – meu futuro sogro sorriu gentilmente, pegou minha mão, cruzando-a em seu braço e começou a caminhar lentamente comigo.

– Que você e Alex estão realmente apaixonados, eu não tenho dúvida.

Tentei prestar atenção em meus passos e respirar ao mesmo tempo. A tensão era algo que conseguia me travar e causar um pequeno acidente, fazendo-me tropeçar em alguma raiz, ou qualquer saliência no solo, o que não seria uma grande surpresa no que diz respeito a alguém como eu. Levei a mão livre ao rosto, ajustando a nova armação dos óculos. No entanto, nada falei. Não havia o que dizer já que o meu amor pelo filho dele não estava sendo colocado em questão. Mas então o quê?

– E eu sei que Alex espera um pouco mais deste relacionamento do que você está disposta a dar – seu tom de voz não parecia acusador, mas era.

– Como assim? Eu...

– Charlotte, Alex está ansioso demais, e eu bem posso entender os seus motivos – ofereceu-me um sorriso de conforto que me fez corar. Minha pele esquentou e cada centímetro alcançado pelo rubor era sentido com bastante intensidade. – Não sei se posso repreendê-lo, quando conheci Dana parecia que

meu mundo tinha deixado de girar em meu eixo e passou a girar no dela, então eu posso dizer que entendo as atitudes do meu filho – sorri sentindo-me mais segura em relação aos sentimentos de Alex por mim.

– Eu sei que parece estranho eu reagir da forma como venho reagindo – falei por fim e ele concordou com um gesto de cabeça, fazendo-me continuar. – Eu amo Alex, Dr. Adriano.

– Apenas Adriano.

– Adriano.

Sorri recebendo um sorriso de volta. Era fácil e leve conversar com o pai do meu futuro marido. Ele me conduzia tornando a conversa mais proveitosa, fluía, e eu me sentia à vontade para falar.

– Eu amo Alex – reafirmei. – Apesar de estarmos neste...

Pensei sobre como classificar tudo o que eu já tinha vivido com Alex, mas não encontrei nada que pudesse nomear o nosso envolvimento, então escolhi o termo que seria aceito com mais facilidade, sem maiores explicações.

– ... Apesar de já estarmos neste relacionamento há um pouco mais de tempo do que vocês têm conhecimento, ainda acho cedo para um casamento.

– Mesmo assim você aceitou se casar com ele.

– Aceitei. Eu aceitei, só não sabia que seria um casamento relâmpago – Adriano entortou a cabeça para o lado e estreitou os olhos. – Eu pensei que passaríamos por todas as etapas, não imaginei que meu pai faria esta confusão pressionando Alex.

– Não, Charlotte – ele me interrompeu. – Isso não tem nada a ver com a pressão do seu pai, e eu sei que Peter é linha dura, mas nem isso faria com que Alex agisse como um adolescente inseguro, como vem agindo. Ele quer casar porque te ama e porque, assim como você, demorou demais para viver algo deste tipo. Alex está amando e não sabe o que fazer com o que está sentindo. Eu o entendo – apesar de todo o medo que eu sentia quando o assunto era a urgência do meu namorado, consegui me sentir confortável com aquelas palavras.

– E eu vou me casar com ele, Adriano.

– Então... – ele se virou para mim, recolhendo a mecha que descia em meu rosto e colocando-a atrás da minha orelha, assim como o filho fazia. – Permita-se ser amada. O que ele está sentindo é forte

demais e, quando você cria uma barreira, como vem fazendo, faz com que ele se sinta ainda mais perdido e desesperado. Você ama Alex, hoje é o seu noivado, encare tudo com este amor que vocês sentem um pelo outro e esqueça o que existe do lado de fora. Apenas aproveite!

Senti toda a emoção daquelas palavras percorrer minhas veias. Adriano tinha razão, eu estava dificultando as coisas para Alex, sem que houvesse um motivo real para tudo isso. Era o nosso noivado e eu queria aquilo. Naquela noite, Alex reafirmaria o seu amor por mim, deixaria claro que era meu, assim como eu era dele. Por que não?

– Ali está ele – Adriano apontou para o lado, mostrando-me onde meu namorado e meu pai estavam.

– Obrigada! – ele sorriu outra vez, com doçura e confiança e eu não sentia mais nenhum ponto de tensão.

ALEX

Ele ainda me olhava como se dependesse da minha resposta para continuar respirando. Eu me sentia confuso. Confuso demais para dizer a verdade. Minha cabeça não conseguia se situar, não formava uma resposta coerente. O que inferno estava acontecendo com Charlotte para que ele precisasse da minha palavra de que manteria tudo em segredo? E que merda era tão importante a ponto de ele praticamente me implorar para arrastar sua filha para o altar?

Se eu transformasse meu romance com Charlotte em um livro, as pessoas diriam que só na ficção algo assim poderia acontecer, porque era tudo extremamente duvidoso. Fantasioso demais e irreal ao extremo para se tratar da vida real.

Há uma semana, eu nunca conseguiria imaginar que chegaríamos a este ponto. Aliás, eu nem me imaginaria casando, quem dirá implorando a uma fedelha para casar comigo. Ri sozinho imaginando a comédia da vida. Seria um romance erótico, com certeza, a bem da verdade seria o romance erótico mais engraçado e dramático que já existiu na história dos livros.

– E então? – ele falou impaciente.

– E então o quê? – cruzei os braços na frente do peito e encarei o pai da minha namorada. – O que quer que eu diga? Lógico que eu sei guardar um segredo, desde que não prejudique ninguém.

– Não. Eu jamais faria algo assim.

– É alguma coisa com Charlotte?

– Indiretamente, sim.

– Tem a ver com os hospitais, algum problema financeiro? Porque...

– Não. Não. Acontece que...

– Oi!

Viramos os dois ao mesmo tempo em direção a Charlotte que se aproximava a passos lentos, com bastante cautela, conferindo o clima da conversa e completamente insegura, além de nervosa.

– Lottie – Peter voltou à sua postura autoritária e segura. Em nada se parecia o homem que estava

diante de mim segundos antes de sermos interrompidos. – Como está sua mãe?

Charlotte franziu as sobrancelhas e, sem entender o porquê da pergunta, levantou os ombros delicadamente.

– Bem – ela disse ainda analisando o pai. – Vocês estavam conversando? Eu...

– Não, não – meu futuro sogro a interrompeu. – Estávamos apenas jogando conversa fora, acertando alguns pontos – engrossou um pouco a voz e arqueou a coluna. Charlotte revirou os olhos e eu tive vontade de rir daquele pequeno gesto de rebeldia. – Eu vou entrar agora, Alex – ele se virou para mim me encarando firmemente. – Em breve terminaremos esta conversa.

– Claro.

Respondi ainda incomodado com o tal segredo que envolvia indiretamente a mulher com quem eu queria passar o resto da minha vida. E se fosse algo que nos limitasse? Balancei a cabeça tentando expulsar todas as perguntas sem respostas que me ocorriam.

Peter saiu deixando-me sozinho com Charlotte, o que também era estranho. Assim que me vi longe da sua presença, soltei o ar dos pulmões, sentindo meus ombros tensos e doloridos. Movimentei a cabeça tentando relaxar um pouco e levei a mão até minha nuca pressionando o local.

– Ele pegou muito pesado?

Charlotte estava parada na minha frente, no entanto, mantinha uma distância segura. O receio dela parecia levantar uma parede entre nós dois. Uma barreira que eu não queria que existisse, principalmente depois daquela conversa maluca. Estiquei o braço e puxei para mim a garota que eu tanto desejava, cercando-a e colando meu corpo ao dela. Beijeí seu rosto, aspirando seu aroma tão familiar e reconfortante. Ela relaxou em meus braços.

– Oi! – deixei-me envolver pela imensidão que era Charlotte. Minha voz baixa e rouca demonstrando o quanto eu sentia sua falta. – Parece que tem um ano que não te vejo – sussurrei. Ela fechou os olhos e deitou a cabeça em meu peito.

– Parece que tem um ano que você me tocou uma última vez – ela disse utilizando o mesmo tom, baixo, cansado e saudoso.

– Por onde você andou nos últimos dez anos, menina? – estreitei meu abraço.

– Provavelmente no jardim da infância.

Rimos juntos, e o clima ficou suave instantaneamente. Afrouxei o aperto, e ela levantou o rosto para me olhar. Acariciei seu rosto ainda com traços infantis, correndo as pontas dos dedos pela sua pele alva, contornando seus lábios cheios.

– Pensei que Lamara não te deixaria em paz.

– Ela tentou, mas não conseguiu.

– Então acredito que ainda teremos mais algum tempo para aproveitar.

Beijei Charlotte com uma saudade que nem eu sabia sentir. Os lábios doces e saborosos se renderam aos meus em uma dança lenta e sensual. Primeiro nos provando, saboreando o momento, até que passei minha língua em busca da dela e o beijo ganhou mais corpo, mais avidez.

Sentindo Charlotte se aproximar, se é que era possível, descansei uma mão na base da coluna dela, puxando-a para mim, enquanto as mãos delicadas da minha namorada roçavam meu peitoral. Minha outra mão subiu lentamente pelas costas dela, acariciando aquele corpo maravilhoso até encontrar a nuca, aprofundando o beijo.

Eu amava beijar Charlotte Middleton!

Então senti que as coisas estavam esquentando além do que poderíamos aguentar, ou que ficariam impróprias para o local. Pensando nisso, afastei meus lábios dos dela, mas me permiti um pouco mais daquele doce sabor, descendo a boca e, por vezes, a língua pelo seu pescoço até chegar ao ombro.

– Alex! – ela sussurrou cheia de desejo.

Minhas mãos não conseguiam ficar longe. Ansiavam por toques mais ousados, por lugares não permitidos, pena que eu precisava me limitar ao seu tronco. Era uma tortura!

– Casa comigo! – sussurrei minha súplica ainda em seu pescoço.

Era uma necessidade que ultrapassava os limites do meu corpo. Eu a queria, e queria completamente. Sem limitações, sem pudores, sem bloqueios. Charlotte riu baixinho, encolhendo-se com o toque dos meus lábios em sua pele.

– Eu já disse que sim – afastou-se outra vez para me olhar nos olhos. Ela sorria, e estava linda.

No mesmo instante a conversa estranha com Peter me atordoou. E se fosse algo com Charlotte? E

se alguma coisa de muito ruim fosse acontecer e eu acabasse perdendo-a? Droga! Fechei os olhos e coleí minha testa a dela.

– Case comigo amanhã – supliquei e sorri para a loucura que tinha acabado de dizer. Ela riu.

– Em um ano.

Suspirei abrindo os olhos e me sentindo incomodado com sua recusa. Voltei a olhá-la, analisando cada detalhe, pensando em todas as alternativas, tentando encontrar os argumentos corretos. Ela sorriu, retribuindo o olhar.

– Tem certeza de que quer abrir mão de tudo o que fizemos até agora? – ela fez uma expressão divertida. – Você sabe que não vamos ter sossego.

– Alex...

– Eu vou esperar, Charlotte. Vou aguardar todo o tempo de que você precisar – tentei parecer relaxado, como se o assunto não me incomodasse. – Mas não sei se você conseguirá ficar um ano sem sexo – ela deixou de sorrir.

Segurei firme na cintura dela, afastando-a lentamente. Charlotte resmungou desgostosa. Sorri sentindo o quanto adorava saber que ela me desejava como antes. Nada havia mudado.

– Não vamos ficar sem sexo. Meus pais viajam a maior parte do tempo – continuei sorrindo e mantendo minha postura relaxada. – Pare de tentar me aterrorizar, Alex!

Ri com vontade. Charlotte era inacreditável.

– Eu só estou me certificando.

– Para!

Ela me deu um tapa leve no braço, mas, mesmo assim, encolhi-me, rindo do seu rosto vermelho. Em um movimento rápido, agarrei Charlotte com força, prendendo-a junto a mim e comecei a fazer cócegas. Ela soltou um gritinho e se debateu rindo sem parar.

– Charlotte!

Ouvi Lana gritando e deixei que minha namorada se afastasse. Ela ria e limpava as lágrimas que escorreram por causa dos seus risos. Então, sem pretender assustá-la, voltei a puxá-la, envolvendo seu corpo com meus braços, deixando-a de costas para mim. Eu sabia que a minha irmã levaria Charlotte

para longe de mim, por isso enfiei meu rosto em seus cabelos desgrenhados e aspirei seu cheiro, como um viciado.

Eu era viciado em Charlotte Middleton.

– Eu sabia que era por pouco tempo – resmunguei em seu ouvido, observando minha irmã se aproximar. Charlotte gemeu descontente. – Não vá! – brinquei travesso e ela riu.

– Não me deixe ir – pediu antes que Lana nos alcançasse.

Apertei meus braços em volta dela e beijei seu pescoço com vontade.

– Pode parar com isso, Alex! – minha irmã nos alcançou sem se sentir intimidada por perturbar um casal apaixonado. – Eu preciso levar Charlotte ou não conseguirei deixá-la pronta tão cedo.

– Você sabia que 34% dos divórcios são motivados pelas cunhadas? – ela me olhou sem se alterar, aguardando que eu largasse minha namorada.

– É sério isso? – Charlotte ficou assustada. Eu ri.

– É claro que não – Lana riu também. – Mas 73% dos divórcios acontecem porque o noivo estragou o momento da noiva na produção para o noivado.

– Tá de sacanagem comigo! – Charlotte deu um gritinho infantil, entrando na onda da minha irmã.

– Contra fatos não há argumentos – soltei minha namorada, a contragosto, é bem verdade. Ela aceitou a mão de Lamara e virou-se para me olhar.

– Vejo você depois? – seus olhos tristes quase me fizeram recuperá-la das mãos da minha irmã.

– E por que não?

– Não sei. Meu pai e as suas conversas misteriosas – levei mais tempo do que o necessário para responder.

– Nem se ele estivesse realmente armado – sorri, apesar de não me sentir realmente alegre.

CHARLOTTE

– Sem base – rosnei para Lana que me olhava sem acreditar no que eu dizia.

– Todas as mulheres naquela sala estarão com a pele mais bonita do que a sua. Já pensou nisso?

– Não estou me importando. É um noivado simples, não preciso reconstruir o meu rosto com esta infinidade de maquiagem.

– Use esta aqui – Miranda entrou no banheiro como a senhora da situação. Minha amiga me conhecia muito bem. – É bem leve e fininha, ela nem vai sentir.

– Hum! – Lana avaliou o pequeno pote em sua mão. – Importada?

– Com certeza! – ela saiu do banheiro deixando-me outra vez nas mãos da minha cunhada.

– Tudo bem! Vou tentar fazer o meu melhor. Esse lance de maquiagem nunca foi o meu forte, apesar de eu adorar. Como não tivemos tempo de organizar um noivado como deveria ser, ou seja, não temos um profissional para cuidar da sua pele e cabelo, vou usar tudo o que consegui aprender nos infinitos tutoriais que assisti, para deixá-la pelo menos aceitável.

Ri da minha cunhada. Por que ninguém naquela casa conseguia encarar aquele noivado como algo simples? Era tão difícil entender que o que aconteceria ali seria apenas a formalização de algo de que tanto eu quanto Alex já tínhamos certeza? Esta festa servia apenas para alimentar o ego dos nossos pais permitindo que eles participassem da comemoração de algo que só dizia respeito a nós dois.

Mas se era assim que eles queriam, eu faria, até porque não era nenhum sacrifício. Aliás, com Alex nada era. Ficava até mais fácil aceitar o casamento quando eu pensava que o noivo, ou o prêmio, era ele. Que depois do fatídico “sim” eu teria uma longa vida adulta e madura ao lado do homem que eu amava e desejava loucamente.

Adulta e madura.

Putá que pariu!

Puxei o ar com força sentindo a familiar ansiedade guerrilhar bravamente para ganhar mais espaço no meu estado quase fragilizado de paz. Levar uma vida adulta e madura poderia ser algo normal e

corriqueiro para a maioria das pessoas que já haviam cruzado o meu caminho, ao passo que, para mim, era o meu principal obstáculo.

Não que eu não fosse madura, eu era. Bem... digamos que algumas vezes sim.

Tá legal! Eu vivi quase que 99,9% da minha vida em um mundo criado exclusivamente para mim, meus sonhos e minhas vontades. Não vou negar esta realidade. Não vou mesmo. Minha vida se dividia a antes de Alex e depois de Alex, e posso jurar que na primeira parte eu vivi em um mundo fictício, longe de qualquer realidade. Eu era a garotinha rica que, apesar de não ser uma patricinha, permitiu-se viver afastada do mundo real.

Até a chegada de Alex.

– Se continuar enrugando o rosto vai ficar com uma maquiagem digna de filme de terror.

– Desculpe – puxei o ar tentando não me deixar impactar pelos pensamentos.

Eu sabia, tinha certeza, que estragaria tudo. Pelo amor de Deus! Alex era um homem! Um homem maduro, experiente, seguro... merda! Eu não deveria pensar assim. Não deveria ser tão insegura, tão infantil...

– Charlotte! – Lana me repreendeu.

– Desculpe, Lana!

– O que foi? – ela me encarou pelo espelho. – Você está hiperventilando. É um ataque de ansiedade?

– Não. Eu... é só... nossa! Não sei dizer – ela me encarou por mais alguns segundos. Depois fechou o frasco da base, segurou um pincel grosso e sorriu.

– Feche os olhos – obedeci imediatamente. – Relaxe. Eu sei que não deve ser fácil.

– Não é – suspirei mais uma vez.

– Mas com certeza é muito melhor casar logo do que sofrer a perseguição das pessoas que só pensam em sabotar os amassos que todos os namorados merecem dar – ri com gosto.

– Eu vou ter todos os amassos que puder. Meus pais ficam a maior parte tempo fora do país, ou seja, teremos uma longa temporada de adaptação – meu corpo conseguiu relaxar um pouco com a possibilidade.

– Vocês já estão totalmente adaptados. Vá por mim. Basta olhá-los para perceber o quanto estão na mesma sintonia. Alex está tão... não sei se posso falar sobre isso sem a autorização dele – ela riu diabolicamente. – Pensando bem vou falar mesmo assim. Ele está apaixonado. Bobamente apaixonado, eu posso dizer. Está do tipo que não enxerga mais nada quando você está presente e não faz questão de esconder de ninguém, para o desespero da oferecida da Anita.

– E da Tiffany também – Lana parou por alguns segundos e eu percebi que Tiffany era um assunto delicado.

– Tiffany tem motivos para se sentir assim, Charlotte! Não pense nela como alguém que não mereça a sua consideração. Ela só está... – ouvi o seu suspiro e me senti incomodada. – Ela tinha esperança que Alex voltasse, afinal de contas eles tinham uma boa química, não como é com você, claro! – acrescentou rapidamente. – Era como se eles formassem uma dupla de sucesso, algo acima do que sentiam um pelo outro, porque eu sempre soube que Alex não amava Tiffany, mas eles se davam bem. Não foi surpresa quando Alex pôs um fim na situação, pelo menos não para mim, eu sabia que nenhum relacionamento funciona da forma como eles estavam fazendo e ela estava cada dia mais envolvida, porém foi um choque para ela. Tiffany foi embora do país, talvez acreditando que ele se arrependeria ou sentiria a sua falta, só que isso não aconteceu, e a partir daí eu passei a tomar conta dos negócios dela dentro da nossa editora e Alex foi se distanciando como pôde.

Fiquei em silêncio absorvendo o que ela tinha dito. Alex e Tiffany tinham uma ótima química. Aquilo era uma merda! Bom, pelo menos ele nunca a amou e afirmava me amar. Era melhor não seguir este rumo de pensamento ou então eu ficaria cheia de rugas. No entanto, seria importante uma conversa com o meu futuro marido sobre o que foi o relacionamento dele com a sua querida escritora. Que ódio!

ALEX

Fechei os últimos botões da camisa, a única social que havia levado. Ainda bem que eu sempre procurei estar preparado para todas as ocasiões. Olhei para o espelho alisando o tecido e sentindo o quanto o meu corpo estava tenso.

– É apenas um noivado, Alex. E com a mulher que você ama – disse a mim mesmo. Ainda assim eu continuava nervoso.

A conversa com Peter me incomodava mais do que deveria, e eu nem sabia do que se tratava, poderia até mesmo ser qualquer bobagem tipo “como manter a virgindade da filha já desvirginada”. Ri sozinho. E então ouvi a batida leve na porta.

Depois de tudo o que havia passado com Anita, era melhor não abusar da sorte, por isso caminhei até a porta.

– Quem é?

– Tiffany – ela disse mantendo a voz baixa.

Suspirei pesadamente encostando a testa na porta, guerreando contra a vontade de mandá-la embora.

– Só quero conversar, Alex. Lá embaixo será impossível – abri a porta ainda com receio, mas infelizmente não podia me recusar a conversar com ela.

– Sobre o que deseja conversar? – não lhe dei passagem.

Vi o quando Tiffany ficou decepcionada com a minha atitude e me senti miseravelmente canalha por tratá-la daquela forma. Ela usava um vestido prata muito bonito, embora inadequado para uma noite fria e chuvosa. Não pude deixar de notar o decote aprofundado revelando seios fartos e incrivelmente firmes. Os bicos estavam rígidos e, mesmo eu sabendo que era uma reação ao clima, foi inevitável não apreciar.

Porra! O que eu estava fazendo?

– Não posso mais entrar em seu quarto?

Seus olhos brilhantes pelas lágrimas que ela tentava conter me fizeram recuar. Saí da frente

deixando que ela passasse e roguei a Deus para que Charlotte não resolvesse me procurar. Pensando nisso, resolvi trancar a porta evitando maiores problemas.

– Desculpe, Tiffany! É que...

– Charlotte não compreenderia. Eu sei – ela abraçava o próprio corpo como se tal atitude pudesse mantê-la firme. – Não podemos exigir muito da garota.

– Eu não gosto que fale de Charlotte como se ela não fosse madura o suficiente para entender qualquer situação. Além do mais, nenhuma mulher compreenderia se encontrasse seu noivo no quarto com a ex dele, não concorda? – ela mordeu o lábio inferior e eu tive a impressão de que evitava um sorriso.

– É verdade.

Caminhou até a cama e sentou-se nela, correndo os olhos pelo quarto. Eu sabia o que ela pensava e me senti péssimo por também lembrar. Em seguida, deixou a mão alisar a cama e fechou os olhos se permitindo vivenciar as lembranças do que já havíamos feito nela. No movimento, o vestido desceu um pouco pelo braço, revelando mais de seus seios, e as pernas trabalhadas ficaram mais expostas. Percebi que ela estava maquiada, sem exageros, mas de uma maneira sedutora.

Engoli com dificuldade. Tiffany era elegante e sensual e eu me lembrava do quanto ela era boa de cama, o único lugar onde se permitia perder a compostura.

– Nós éramos bons, não éramos?

– Éramos.

Não sei por que não evitei a resposta. Apenas sentia que não seria justo com Tiffany renegar o que havíamos vivido, no entanto, a sensação de que estava traindo Charlotte, permitindo-me ter aquela conversa, atormentava-me.

– Olha, Tiffany...

– Eu só queria dizer que não vou desistir – ela me encarou com firmeza. – Eu não vou desistir, Alex. Não vou jogar sujo, não vou agir como uma sem classe, nem vou fazer nada para destruir o que você quer viver com a menina – sorriu ao se referir a Charlotte de uma maneira infantil. – Apenas não vou desistir e vou lutar com todas as minhas armas. Eu sei o que vivemos, sei o que era forte em nosso relacionamento – mais uma vez as lembranças alcançaram minha mente e a reação irracional do meu

corpo me incomodou.

Tive vontade de me bater. Por que homens são sempre tão irracionais? Por que bastava uma mulher ser gostosa e se oferecer para que, mesmo que fosse uma parcela mínima do seu cérebro, pensar na possibilidade? Cara, eu tenho que ser honesto comigo mesmo e não ficar tentando sustentar uma imagem que não existe, porque nenhum homem da face da terra passaria incólume por uma mulher como Tiffany, principalmente tendo conhecimento de todas as possibilidades.

Ao mesmo tempo que eu pensava o quanto senti tesão... tudo bem que não era aquele tesão incontrolável que me faria perder a cabeça, mas era uma sensação que me incomodava e alertava... ao mesmo tempo que tudo aquilo me atingia, eu pensava no quanto o meu amor por Charlotte era verdadeiro.

Sim, era um amor verdadeiro, e tal constatação aqueceu meu corpo eliminando qualquer vestígio de Tiffany. Era apenas tesão, algo irracional e sem força alguma. A leve sensação de sentir a boca salivar ao lembrar do sabor de uma comida, sem desejar voltar a comê-la. Já Charlotte... Ah, Charlotte! Ela era tão adequada para mim, tão na medida certa, exatamente o que eu necessitava, o que eu ansiava... ela era o que eu desejava, na cama ou fora dela.

Quis sorrir ao me dar conta da sensação gostosa que aquele amor me fazia sentir. No entanto, eu não o fiz. Não poderia dar a Tiffany qualquer incentivo para toda aquela loucura.

– Não vai dizer nada?

Olhei para aquela mulher linda, sentada em minha cama e não sabia o que dizer além de tudo o que já tinha dito. Coloquei a mão no bolso, encostando-me na parede e respirei profundamente tentando aliviar um pouco a tensão.

– O que eu posso te dizer? Você é livre, é maior de idade, é decidida. Além do mais, tenho certeza de que nada do que eu diga, ou faça, vai mudar a sua decisão. Eu só... – pensei em uma maneira de me expressar que não a machucasse – ... lamento por ser assim.

– Lamenta? – seu tom de voz me deixou alerta. – O que você lamenta?

– Que você prefira me afastar em vez de superar isso e ser minha amiga. Nós costumávamos conversar sobre nossas carreiras, eu gostava da forma como você conduzia a sua e adorava participar de cada conquista. Tudo bem que somos muito diferentes em diversos aspectos e pensamentos e, apesar

deste ser um empecilho para qualquer coisa que pudesse acontecer entre a gente, eu nunca a olhei de uma maneira ruim.

– Eu não quero ser sua amiga, Alex! Não quero restos. Não quero ter que me contentar em assistir a sua felicidade, até porque eu sei que você nunca vai ser feliz com aquela... aquela... garotinha! Pelo amor de Deus! O que está acontecendo com você? Eu sei que a fantasia pode durar até mais tempo do que podemos imaginar, mas coloque a sua cabeça no lugar. Você está abandonando tudo, está desistindo, e tudo porque ela era virgem! O que é isso? Ficou fascinado por pessoas sem experiências? Pelo que me lembro essa nunca foi uma marca sua.

– Fale baixo! – rosnei para contê-la.

Tiffany saiu do controle como poucas vezes eu tinha visto. Foram tão poucas que eu podia contar em apenas uma mão e quase todas estavam ligadas a meu relacionamento com Charlotte.

– E se fosse o contrário? Se você caísse fora do relacionamento me deixando apaixonado? Se você se apaixonasse por um rapaz mais novo, ou mais velho? E se eu te amasse como você diz me amar, o que você faria? Gostaria de sofrer toda esta perseguição? De ser acuada sempre que estivesse sozinha? De ser desrespeitada com um assédio tão explícito?

Ela recuou se dando conta do quanto estava sendo ridícula. Seus olhos foram para o chão e seu corpo perdeu a postura sensual.

– E você desistiria? – sua voz saiu tão fraca que foi quase um sussurro. – Desistiria de um amor só porque não é correspondido? – pensei imediatamente em Charlotte e soube a resposta.

Puta que pariu!

– Só que você não me ama – mantive a voz calma e baixa. – Pode achar isso hoje, pode continuar acreditando amanhã, só que quando se der conta da verdade, vai se sentir patética – outra vez ela demonstrou sentir vergonha pelas minhas palavras.

– Assim como você não ama Charlotte, e ela não te ama.

– Não fale o que não sabe.

– Eu casaria com você no mesmo segundo do pedido – puta merda! Ela soube me dar a rasteira certa.

– Isso não quer dizer nada.

– Quer dizer muita coisa, Alex, é uma pena que esteja deslumbrado demais para perceber a verdade.

– Tiffany...

Alguém bateu na porta fazendo-me estremecer. Rapidamente me dei conta de que ela estava trancada e respirei aliviado. Tiffany levantou da cama expressando o mesmo temor que eu. Levei o dedo aos lábios pedindo para ela fazer silêncio. Outra batida e depois a pessoa tentou abrir a porta.

– É ela? – Tiffany sussurrou. Eu dei de ombros sem nada dizer e então ela sorriu. – Está com medo?

– Tiffany, por favor... – sussurrei me afastando ainda mais da porta. O que aquela louca estava pensando em fazer?

– Alex? – Ouvi a voz da minha noiva e tive vontade de xingar alto. Duas vezes. Duas vezes no mesmo dia aquela merda acontecia comigo.

Eu não entendia por que era tão castigado por Deus. Por que eu precisava passar por toda aquela tensão, tantas e tantas vezes, como se não tivesse direito a paz. E paz era a única coisa que eu queria naquele momento.

– Abra a porta, Alex – Tiffany me desafiou mantendo a voz baixa.

– Está maluca? – quase rosnei.

– Se ela te ama realmente, vai entender – ela se aproximou da porta e sorriu.

– Não se atreva!

Minha mente dava giros, um carrossel de pensamentos e possibilidades. Foi quando Tiffany se atirou em meus braços nos jogando contra a parede. Ela riu e eu tive vontade de matá-la.

– Isso é um mal de família? Puta que pariu! – fiz muito esforço para controlar a minha voz.

– Charlotte! O que faz aqui? – ouvi a voz de Mary um pouco mais distante. – Ainda não está pronta? Todos estão esperando. Onde está Alex? – Tiffany me encarou e sorriu largamente.

– Um beijo pelo segredo – ela sussurrou em meu ouvido.

– Pare com isso! – tentei afastá-la, mas estávamos muito próximos e eu morrendo de medo de ela

fazer alguma loucura.

– Só um beijo – implorou manhosa se enroscando em mim. Senti o cheiro do álcool que exalava dos seus lábios. Puta merda! Como não percebi antes?

– Você bebeu? Perdeu o juízo?

– Um beijo e eu não conto nada. Juro!

– Não seja ridícula!

– Eu pensei que ele ainda estivesse aqui. Queria só... – Charlotte fez silêncio e meu coração quase parou. Os lábios de Tiffany alcançaram os meus. Eu estava petrificado, os olhos colados na porta.

– Alex!

A maluca sussurrou roçando os lábios nos meus. Não reagi. Não consegui reagir nem para afastá-la, nem para dar logo aquele maldito beijo que a manteria quieta. Eu apenas aguardei, sem nem mesmo respirar, tal era o meu pânico.

– Pensei ter ouvido algo. A porta está trancada – ela tentou novamente.

– Charlotte! – Mary, agora mais perto da porta, recriminou a filha. – Que coisa mais feia! Não pode entrar no quarto de um rapaz assim.

– Eu vou casar com ele, então, teoricamente, eu posso sim – ela tentou mais uma vez.

Porra! Que merda era aquela? O universo decidiu conspirar contra mim?

– Alex deve estar no banho e você precisa colocar logo aquele vestido. Vamos – tive certeza de que Charlotte hesitou, mas finalmente ouvi os passos se afastando até desaparecerem.

Então respirei aliviado sentindo tudo girar. Sem pensar duas vezes, segurei Tiffany pelo braço e a joguei sobre a cama, para longe de mim. Ela riu, mas eu vi o quanto ficou ofendida ao me ver limpar a boca horrorizado com o que ela tinha feito.

– Eu quero você longe da minha casa – falei com firmeza sem gritar. Eu ainda tinha receio. – Quero você e a sua prima louca longe da minha casa e da minha vida.

– Alex! – ela arfou vendo-me tão decidido e ofendido.

– Vá. Embora!

– E o que você vai dizer a sua noivinha? O que vai dizer aos pais dela quando eu tiver que partir.

Merda! Merda! Merda!

– Puta que pariu, Tiffany! Você enlouqueceu?

– Desculpe-me! – falou chorosa, como se tivesse acabado de se dar conta do que havia feito. –

Meu Deus, desculpe-me! Eu... – olhou para si mesma horrorizada. – Alex, perdoe-me, eu não devia ter bebido, não devia ter vindo aqui, eu... – e começou a chorar.

Era só o que me faltava!

– Porra! – falei um pouco mais alto, esfregando o rosto tentando encontrar um jeito de acabar logo com aquilo.

– O que Anita fez? – ele me olhou suplicante, envergonhada.

– Basicamente o mesmo que você. O que eu vou precisar fazer para que vocês entendam que eu...

– Eu entendi – ela levantou rapidamente, visivelmente constrangida. O que estava acontecendo com Tiffany? – Eu entendi. Perdoe-me! Não sei o que me deu. Eu vou... – ela foi em direção à porta, mas voltou. – Pode verificar se tem alguém no corredor?

Fiquei tão confuso que não consegui nem retrucar. Havia algo de muito errado com aquela mulher. Mesmo assim fui até a porta, abri e olhei o corredor me certificando de que ninguém veria Tiffany sair do meu quarto. Apenas lhe dei passagem e ela praticamente correu para fora, sumindo da minha vista sem ao menos se despedir.

Fechei a porta, andei até a cama e me atirei nela desejando poder voltar logo para a minha casa.

As mulheres, definitivamente, eram loucas.

CAPÍTULO 11

“Ninguém admira a pressa, a não ser o negligente.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Puxei o ar sentindo-me sufocar. Era uma merda tudo o que estava acontecendo. Primeiro Anita, com aquela oferta ridícula, aproveitando-se de uma situação delicada, depois, como ironia do destino, Tiffany com a sua ameaça e então tudo outra vez. O que mais faltava acontecer?

Não. Eu não queria nem pensar que algo mais poderia acontecer.

Era o meu noivado, porra!

Como se não bastasse o noivado por si só já ser uma situação complicada. Com um rompante levantei da cama e segui para o espelho do *closet*, conferindo minha imagem. Fora a camisa levemente amassada, tudo estava no lugar. Nada me entregaria. Mesmo assim fui ao banheiro e escovei os dentes. Jamais beijaria Charlotte tendo beijado, mesmo que forçadamente, e não tendo sido um beijo real, outra mulher.

Conferi de novo a imagem no espelho e ouvi alguém batendo na porta. Revirei os olhos. Definitivamente eu não teria paz enquanto não estivesse em casa. A pessoa abriu a porta e eu pude ouvir o som dos saltos se chocando contra o chão. Estava preparado para mais uma rodada de confusão quando vi a imagem da minha mãe surgir no espelho. Confesso que soltei o ar e fechei os olhos, completamente agradecido.

– Alex? Algum problema? – ela entrou no banheiro parecendo preocupada. Sorri aliviado

– Tirando o fato de ter duas loucas me cercando, não, mãe, está tudo certo – ela franziu o cenho e eu virei para encará-la.

– Isso é realmente estranho – ela me encarou séria. – Você não está...

– Não, mãe! – passei a mão no rosto e deixei meus dedos bagunçarem meu cabelo. – Eu amo a Charlotte! Jamais faria qualquer coisa para magoá-la – vi minha mãe relaxar e sorrir contente com a minha afirmação.

– Ótimo! Porque não quero enfrentar todo este processo de noivado às pressas para saber que você vai desistir.

– Eu não vou. Pode ficar tranquila.

– E Charlotte é uma ótima menina – ela continuou sendo firme, mas não estava zangada.

– Eu também acho – cruzei os braços no peito encostando-me na bancada e aguardei até que ela completasse o seu discurso.

– E o pai dela é uma fera – sorri. – Eu estou falando sério, Alex! – Ri e ela me abraçou. – Vocês estão atrasados. Todo mundo aguardando por vocês e até agora nenhum dos noivos apareceu.

– Eu estava só escovando os dentes e já ia descer.

– Mas foi bom te encontrar aqui – seus olhos ficaram marejados, uma emoção típica das mães que viam seus filhos darem passos importantes.

– Você não vai chorar, não é? – brinquei e ela riu já deixando claro que choraria. – O que foi?

– Eu conversei com Lana e juntas decidimos uma coisa muito importante – aguardei enquanto ela tentava segurar a emoção. – Peter e Mary são milionários e nós sabemos que eles vão assumir este casamento sem aceitar a nossa ajuda.

– Não vai ser assim – tentei falar, mas ela me impediu.

– Não estamos preocupados com isso. O importante é que dê tudo certo, então... – ela hesitou puxando o ar como um adolescente. Minha mãe era linda! Seu sorriso era capaz de contagiar o mundo. – Como eu ia dizendo, eu e Lana conversamos. Este noivado aconteceu de forma inesperada, acredito que nem você poderia imaginar que ele acontecesse – concordei com a cabeça sem interrompê-la – Por isso não comprou nenhum anel para a Charlotte, estou certa?

– Está, mas não acredito que ela vá se importar com isso. Amanhã mesmo eu posso providenciar um.

– Você sabe que o meu anel de noivado estava na família do seu pai por muitas gerações.

– Mãe... – eu não acreditava que ela seria capaz daquilo. Não comigo – Lana herdou ele, foi o anel do noivado dela e será o da filha que ela tiver ou da noiva do filho dela – minha mãe sorriu e revelou o anel em sua mão. – Mãe, eu não sou...

– Não faça isso, Alex.

Ela me interrompeu antes que eu pudesse falar sobre aquele assunto que tanto evitávamos. Uma

volta ao meu passado que não levava paz a nenhum de nós. Eu não podia acreditar que Lana abriu mão do anel. Não podia acreditar que teria direito, ou mereceria ter.

– O anel vai continuar na família – ela disse com a voz embargada. – E será da primeira neta que casar, e depois vai para o dedo da próxima e eu espero realmente que isso nunca se torne uma confusão – riu ao deixar uma lágrima cair. – Seu pai está de acordo – ela sussurrou.

– E também estou orgulhoso em saber que você esperou até encontrar a garota certa para recebê-lo – meu pai entrou no banheiro pegando-nos de surpresa. – O anel é seu também, filho – o bolo em minha garganta não me deixou responder.

Eu estava tão grato e emocionado que não conseguiria dizer nada. Minha mãe esfregou a mão em meu peito me confortando, depois me abraçou bem forte. Assim que ela me largou, foi a vez do meu pai.

– Obrigado! – sussurrei sem conseguir conter a emoção. – Obrigado, pai!

– Agora vamos, antes que Charlotte pense que você desistiu – minha mãe brincou. Meu pai riu, dando tapinhas nas minhas costas, e juntos saímos do meu quarto, deixando todos os problemas para trás.

CHARLOTTE

Abri a porta do quarto ansiosa demais. Eu queria ver Alex, sentir a sua pele, provar seus lábios e ter a certeza de que aquilo tudo era real, mas Lana demorou tempo demais me maquiando. Meu cabelo não queria ficar de uma forma bonita, nem ao menos apresentável, era sempre aquela mesmice lisa, sem nenhuma volta, que me irritava profundamente e, para piorar, minha mãe ficou na minha cola sempre repetindo que eu precisava ter bons modos, que não era de bom tom ir ao quarto de um homem, que quando eu descesse deveria me comportar educadamente com todos... eu queria poder gritar que não tinha mais seis anos.

– Alex já deve estar lá embaixo – eu disse passando para o estreito corredor, ainda olhando para a minha mãe. Ela parou, olhou para além de mim e sorriu.

– Parece que vocês possuem o “*timing*” perfeito – virei rapidamente na direção em que ela olhava e vi meu namorado.

Ele estava lindo! Não que ele não estivesse antes. Alex é lindo com qualquer roupa e especialmente sem elas, porém ele estava realmente lindo, parecia um anjo brilhante, e o seu sorriso... ah, aquele sorriso! Seus olhos me tocaram como se fossem as suas mãos e eu me vi prendendo a respiração.

Espere um instante! Se ele estava ali, com os pais, saindo do seu quarto, porque não abriu quando o chamei? Minha mãe havia dito que ele ainda não tinha aparecido e se não estava no quarto onde mais poderia estar?

Então me vi andando decidida em sua direção e tinha certeza de que não estava com uma expressão tão agradável quanto deveria estar.

– Charlotte!

– Onde você estava?

Alex me encarou com os olhos imensos. Ele desviou o olhar por uma fração de segundo, o que me levou a acreditar que tentava formular a desculpa perfeita. Meu sangue ferveu, embora eu não soubesse

muito bem o motivo de estar tão aborrecida. Ou sabia? A falta que eu sentia dele seria capaz de me fazer sentir algo tão violento? Não. Havia algo estranho naquela história.

– Eu...

– Eu estive aqui. Seu quarto estava trancado. Eu bati e você não me atendeu.

– Charlotte! – minha mãe sussurrou tentando manter a calma, mas deixando claro que me recriminava.

Juro que por um segundo, apenas um segundo, eu vi o rosto de Alex, sempre bronzeado pelo sol, empalidecer. Podia ser loucura, mas eu percebi que Alex ficou pálido, como se tivesse sido pego fazendo algo muito errado. Mas que merda de erro ele teria cometido?

Eu tinha um sério problema de comportamento. Quando alguma coisa me intrigava, eu simplesmente me esquecia de onde estava, com quem e por quê. Eu apenas queria entender e sabia que não sossearia até encontrar uma resposta justificável. Mesmo assim senti meu rosto esquentar absurdamente quando ouvi a risada do meu futuro sogro, acompanhada de uma mais fraca da minha futura sogra.

– Onde você estava? – cobreí sem a mesma brutalidade de antes.

– Aqui – ele respondeu endurecendo as feições. Seus olhos profundamente azuis me queimaram. Ele tentava me intimidar.

– Charlotte, pelo amor de Deus! – minha mãe se posicionou do meu lado e só então me dei conta de que estava praticamente colada em Alex. – Não seja grosseira.

– Não estou sendo – recuei sem deixar de encará-lo. – Eu queria te ver.

Continuei buscando nele sinais e vi quando meu namorado engoliu com o maxilar trincado. Alex me escondia alguma coisa. Definitivamente era isso o que acontecia. Suas mãos nos bolsos da calça me alertavam para este detalhe. Era assim que ele se posicionava quando precisava conter uma situação.

– Eu estava aqui mesmo, Charlotte – piscou voltando a engolir apreensivo. – Qual o problema?

– Nenhum – minha mãe se intrometeu. – Charlotte só é ansiosa demais, e acredita que pode ter tudo no tempo dela – esta última parte ela praticamente rosnou me encarando com olhos duros. – E eu acredito que deixar as pessoas esperando por tanto tempo é algo grosseiro demais.

– Vocês... – Alex hesitou, fechando os olhos um pouco, e ainda sem tirar as mãos dos bolsos. –

Vocês poderiam nos dar alguns minutos?

Vi Dana acariciar o ombro do filho, como se estivesse desejando “boa sorte” a ele. Adriano estava com um sorriso irônico no rosto, que não se apagou nem quando eu fiz cara feia. Minha mãe, claro, reclamou coisas que eu não consegui me concentrar direito para compreender, principalmente porque ela falava em inglês e muito baixo, mas captei algo como “pode ser que Peter tenha razão” e “eu mimei demais esta menina”, e até mesmo “quem vai te suportar sendo tão infantil assim”, mas esta parte eu preferi ignorar.

Também não posso dizer que ter agido daquela forma não me incomodava. Incomodava, e muito! No entanto eu preferia deixar para pensar no assunto em outro momento. Se Alex estava pedindo para que todos nos deixassem a sós, era porque ele tinha mesmo algo para me contar e seria algo que eu não gostaria de ouvir.

– Nós vamos mesmo começar esta noite brigando? – ele disse assim que nossos pais sumiram de nossas vistas.

– Depende do que você está me escondendo.

– Como pode saber que eu estou escondendo alguma coisa? – falou um pouco mais alto, no entanto tudo em seu corpo gritava que ele estava tenso por ter sido pego. – Como pode saber? – definitivamente ele havia sido descoberto.

– Você está me dizendo.

– Eu? – seu nervosismo deixava isso muito claro.

– Você ficou tenso no momento em que perguntei onde estava. Sua pele ficou levemente mais clara, suas mãos estão nos bolsos, você teve dificuldade para engolir, havia suor em seu rosto, e você sabe que hoje está realmente frio, além disso, sua mandíbula rígida, em um aperto mais do que desnecessário, é apenas mais um indicativo de que existe um segredo em seu sumiço.

– Eu não sumi. Estive no quarto o tempo todo – ele parecia assustado com o que eu disse. – Como você pode ter notado isso tudo em mim em tão pouco tempo?

– Porque eu estou te olhando. Cada segundo, cada momento ao seu lado, eu estou te olhando. Eu sei

que você reage assim quando fica nervoso, mas não nervoso por ter sido ameaçado ou desagradado. É um nervoso que indica medo. Medo de algo que fez, ou que deixou acontecer e que não quer que seja descoberto porque tem medo das consequências.

Ele respirou fundo sem tirar os olhos de mim. Por um motivo inexplicável, meus olhos ficaram úmidos. Eu não tinha mais certeza se queria saber o que ele havia feito. Alex deu um passo a frente e me abraçou. Seu abraço foi tão forte, como um pedido de desculpas, que fez meu coração acelerar.

– O que você fez? – sussurrei. Seus braços me apertaram ainda mais.

– Nada. Mesmo assim preciso que você acredite em mim – fechei os olhos ponderando.

Eu poderia confiar em Alex? Eu poderia superar qualquer coisa que ele me contasse? Eu não tinha esta certeza, apesar de confiar plenamente nele, não sabia se seria capaz de superar. Apesar desse pensamento me vi subindo as mãos em suas costas, acariciando-as, confortando-o. Alex me soltou voltando a me encarar, seus olhos eram uma súplica. Ele engoliu em seco antes de começar.

– Hoje pela manhã, Anita esteve em meu quarto – minhas pernas vacilaram, mas me mantive firme. Eu tinha começado, então iria até o final. – Você sabe o que ela queria, então nem vou explicar. Também não preciso te dizer que nada aconteceu. Quando você entrou no quarto, eu me desesperei, porque não sabia como te explicar o que ela fazia ali, por isso me tranquei com ela no banheiro e a maluca se aproveitou da situação.

– Se aproveitou? – ele continuou firme me encarando. Não mais com medo, e sim com determinação.

– Sim. Não como provavelmente você deve estar pensando, mas o fato de eu precisar contê-la sem chamar a sua atenção deu a ela muitos trunfos – respirei fundo sem querer entrar em pânico antes de ele contar toda a história, porque eu sabia que não acabava ali. – Agora há pouco, Tiffany também esteve em meu quarto, e pode parecer loucura, porém, o simples fato de você ter aparecido deu a ela a liberdade para agir como a prima e... puta que pariu, Charlotte! Eu nem sei como lidar com isso tudo. As duas estão loucas, e eu...

– A porta estava trancada – eu afirmei ainda sem saber o que dizer.

– Estava. Eu não queria que acontecesse outra vez. Não queria ter que me trancar no banheiro com

Tiffany, nem sabia como explicar a você aquela situação, então tranquei a porta acreditando que Tiffany não desceria tão baixo. Deu tudo errado – ele bagunçou o cabelo ficando ainda mais bonito.

Nós nos encaramos por um tempo indeterminado. Eu não sabia o que dizer. Acreditava em Alex. Porra, eu acreditava nele. Confiava cegamente naquele homem à minha frente e, se estava me contando aquela história daquele jeito, era porque foi o que aconteceu. E eu não tinha o direito de duvidar.

– Fale alguma coisa, pelo amor de Deus, Charlotte!

Pisquei, como se estivesse voltando a enxergar. Ele estava parado, seus olhos em súplica, aguardando por mim. Eu sorri. Alex era um homem forte, inteligente e maduro. Maduro demais para entrar em desespero por não saber lidar com alguém como eu e isso era muito engraçado. Então eu ri. Eu sabia que não deveria, não era apropriado e, definitivamente, a situação não pedia algo como a gargalhada que eu estava dando.

Eu sentia medo, raiva, desespero, decepção... queria matar Tiffany e Anita por terem se atrevido a colocar as mãos no homem que era meu. E pensar nisso me deu alívio, porque eu sabia que Alex era meu, meu e de mais ninguém.

– Charlotte? – ele parecia bastante confuso com a minha reação.

– Alex... – tentei conter o riso que subia desesperador por minha garganta. – Da próxima vez que isso acontecer...

E então eu fiquei séria. Não sentia mais a graça da história, apenas entendia a gravidade da situação. Eu entendia, e ele precisava entender também.

– Não vai haver...

– Da próxima vez – eu continuei –, não tranque a porta.

Ele me encarou, e então sorriu. Foi um sorriso verdadeiro, com a certeza de que finalmente tinha entendido. Um aceno leve de cabeça confirmou o que eu pensava.

– Vamos. Nós temos um noivado para encarar – segurei a sua mão e caminhei sem medo.

ALEX

Encarar o noivado foi muito fácil depois da minha conversa com Charlotte. Juro que nunca antes uma pessoa definiu tão bem aquela garota quanto o pai dela na nossa primeira conversa. Ele disse “ela será infantil quando você menos esperar, aliás, você nunca conseguirá esperar nada dela, porque esta é Charlotte, uma pessoa capaz de reagir com maturidade quando você estiver preparado para a terceira guerra mundial, e explodir uma bomba atômica quando você menos esperar.”.

Sim, ele disse que Charlotte agiria com maturidade quando o mais provável seria ela dar uma de louca e fugir de casa, era realmente possível. E eu me vi sorrindo para a loucura que era aceitar aquela menina em minha vida, e o quanto eu estava convicto de que nunca mais teria tranquilidade. Mesmo assim, eu nunca desejei tanto uma tempestade quanto passei a desejar desde que me dei conta de que amava Charlotte Middleton.

Ela me olhava com carinho enquanto eu colocava o anel, o mesmo que pertencia a família de Adriano e que passava de geração em geração. Ficou meio folgado, mas isso poderia ser resolvido facilmente. O importante era o ato de poder colocar um anel em seu dedo e deixar claro para todos que ela era minha.

Aquele foi o passo mais seguro que dei em minha vida.

Depois um beijo suave, porque Peter estava lá e eu não queria abusar da sorte, então todos começaram a nos abraçar. Todos mesmo. Sim, Anita e Tiffany me abraçaram. Foi mais como uma provocação, porém eu fingi não perceber e interpretei o papel de bom moço agradecendo.

O melhor daquela noite foi quando elas foram felicitar Charlotte. Minha noiva sorriu amplamente, agradeceu, e depois acrescentou bem baixinho, de maneira que só as duas mulheres ouvissem, mas eu também ouvi, e adorei. Ela disse: “se encostarem um dedo sequer em meu homem novamente, eu mato as duas. Não duvidem disso” e sorriu com uma inocência genuína.

Putaquepariu! Charlotte era uma caixinha de surpresas.

Tiffany simplesmente deixou o local, enquanto Anita deu um sorriso debochado. Passei a mão pela

cintura da minha noiva, puxando-a para mim. Se Charlotte foi capaz de falar o que falou para aquelas duas malucas, sabe Deus o que mais ela poderia fazer.

- Vamos jantar? – sussurrei em seu ouvido, fazendo-a andar na minha frente, agarrada a mim.
- Sua mãe chorou – ela brincou, sem demonstrar qualquer aborrecimento pelos fatos anteriores.
- Eu sei. A sua também. Se no noivado elas já choraram, imagine no casamento?

Peter passou por nós dois e apenas sorriu, dando um tapinha em meu ombro. Achei estranha aquela reação, porém não parei para pensar no assunto por muito tempo. Charlotte brincou chamando a minha atenção, e eu logo me perdi nela.

- Vai servir sua futura esposa?
- Este é um papel da esposa. Eu sou servido e você me serve.
- Muito sugestivo, Professor Frankli – ela girou em meus braços, jogando os dela em volta do meu pescoço e capturando o meu olhar.

Observei seu rosto. Ela era tão linda! Parecia uma boneca de porcelana, com pintinhas que a maquiagem não conseguiu esconder, e eu estava realmente agradecido por isso. Seus olhos de um azul claro como um dia de sol me davam vontade de não fazer mais nada além de olhá-los. Seus cabelos emolduravam seu rosto perfeito, mesmo com traços ainda infantis, desciam pelo ombro como uma cortina de mel. Seus lábios fartos estavam pintados de um rosa simples, como era a minha Charlotte, e eu me perguntei quando antes eles foram tão desejáveis quanto naquela noite?

- O que foi? – ela disse num sussurro que impedia que o meu encantamento acabasse.
- Você.
- Eu? – foi inevitável sorrir diante da confusão nos olhos dela.
- O que está fazendo comigo?
- Nada, Alex! Mas vou fazer.

O rosto dela corou levemente enquanto ela se aproximava para um beijo casto.

CHARLOTTE

– Eu?

Perguntei sem entender e sentindo um leve aperto no estômago. Eu tentei ser discreta quando ameacei as duas doidas que tentavam roubar o meu futuro marido de mim, mas tive a certeza de que Alex ouvira e ele não deixaria passar batido. Meu noivo era um homem que gostava de ser discreto, não tolerava certos posicionamentos e realmente curti mulheres que mantinham a compostura. O que eu fiz não se assemelhava a nada disso.

Mas ele sorriu. Não simplesmente sorriu, mas daquele jeito que me tirava o ar. Era aquele sorriso que puxava seus lábios para o lado de uma forma preguiçosa, tornando o mundo um lugar muito mais bonito.

– O que está fazendo comigo?

Sua voz rouca insinuava o quanto ele estava entregue às suas emoções. Aquelas palavras mexeram comigo de uma forma absurda e eu imaginei um mundo de possibilidades. Tudo o que eu poderia fazer com ele e que ele poderia fazer comigo. Então me vi ansiando por isso.

– Nada, Alex! – notei minha voz tão rouca e baixa quanto a dele. – Mas vou fazer.

Eu vi a pontinha da língua do meu eterno professor umedecer o lábio inferior. Foi algo impensado, mais animal do que racional. E seus olhos. Meu Deus, aqueles olhos ficaram mais escuros. Repletos de todos aqueles pensamentos impróprios e promessas luxuriosas. Notei que nossa respiração estava mais pesada. Ambos respirávamos no mesmo ritmo, deixando o ar mais denso, isolando-nos do mundo ao nosso redor.

– Alex! – ouvi Dana chamando. Alex virou lentamente na direção da mãe, não antes de fazer uma careta, como se tal atitude lhe causasse dor. Bom... causava em mim. – Venha, Lana precisa de algumas fotos – outra careta e eu ri.

– Fotos? – fiquei espantada, mas não quis chamar a atenção de ninguém, então apenas falei baixinho para o meu noivo.

– É melhor não contrariá-las – e ele me conduziu com a mão na base da minha coluna, lembrando-me a todo instante de que ele estava ali, bem pertinho e todinho para mim.

Tiramos todas as fotos que Lana quis. As primeiras foram sérias, aquelas que serviriam para o álbum do noivado, e depois começou a virar uma bagunça. João Pedro agarrava o Alex na hora do “clic”, Patrício fazia pose de fisiculturista, Johnny se tornou o apoio dos outros dois palhações que tentavam destruir a seriedade da foto e inclusive teve uma em que todos os homens saíram fazendo careta, menos meu pai, que nem sabia o que estava acontecendo, mas o Dr. Frankli, mesmo não querendo, acabou saindo com uma careta também, pois fez uma cara engraçada quando percebeu o que os outros faziam.

Depois do jantar fomos para o sofá com nossas sobremesas nas mãos. Eu queria simplesmente sentar com as pernas por cima das do Alex, falar bobagens, rir das besteiras que Johnny sempre fazia e não me preocupar em estar me expondo demais ao admirar o homem com quem um dia eu me casaria.

No entanto, não foi bem isso o que aconteceu. Primeiro estávamos sob a vigilância, mesmo que discreta, mas constante, do meu pai, e eu podia jurar que o Dr. Frankli concordava com aquilo tudo e colaborava revezando com o obstinado Peter. Segundo que, se eu simplesmente sentasse esparramada e jogasse minhas pernas sobre as do Alex, minha mãe teria um ataque cardíaco.

Por isso eu estava sentada comportadamente, com a coluna reta e as pernas cruzadas, mantendo a postura da menina bem-educada. Às vezes, eu pegava um risinho debochado de Alex ao meu lado, principalmente quando o flagrava me observando como quem quisesse dizer “eu sei que você não é assim”. Apesar disso, meu noivo estava educadamente sentado, com uma postura e graciosidade reservada para poucos. Era incrível como ele conseguia ficar ainda mais sexy quando assumia toda a sua máscara de dono do pedaço.

Existia também um terceiro motivo para que eu não estivesse totalmente relaxada e entregue à felicidade do momento. E esse motivo se dividia em dois, ou em duas: Anita e Tiffany. Claro que eu agradeci por Alex ter optado por me contar a verdade. Eu odiava quando as pessoas escondiam a verdade de mim como se eu fosse um monstro incompreensivo, porém, saber que aquelas duas... melhor não usar termos pejorativos, mas aquelas duas tinham tentando tirar o homem que eu amava de mim e ainda tinham a cara de pau de ficarem perambulando entre as nossas famílias como se fossem realmente

desejadas ali, estava me tirando do sério.

Tiffany, por exemplo, dedicou a sua noite a conversar com minha mãe e Dana. Eu tinha até medo de imaginar o que ela estava planejando. E ainda peguei Alex olhando-as intrigado. Pelo visto, ele também tinha medo.

Já Anita ficou a maior parte do tempo conversando com Johnny, rindo de tudo o que ele dizia e fazendo comentários que deixavam bem claro o que ela achava do meu amigo: que ele era uma criança. Eu fiquei imaginando se ela não fazia aquilo para mostrar alguma coisa a Alex, ou para captar a sua atenção.

– Você gosta de chocolate.

Ele disse, tocando bem levemente na base da minha coluna. Esse mínimo toque já me deixava ansiosa e, aos poucos, eu percebi que quase nunca conseguia esconder dele o meu desejo. Alex sorriu daquela forma única e eu me vi presa ao seu sorriso encantador.

– E quem não gosta?

Levei mais uma colherada do pavê a boca, sem deixar de olhá-lo. Alex acompanhou o meu gesto, como se o contato dos meus lábios com a colher fosse algo absurdamente sexy. Ele deixou os olhos correrem pela sala, buscando por possíveis testemunhas e então voltou para mim, aproximando-se um pouco mais.

– Posso fazer coisas incríveis com você e este pavê.

Assim.

Ele simplesmente falou estas palavras como se estivesse comentado sobre a música que tocava ao fundo. A colher ainda estava em minha boca e eu tive certeza de que meu rosto estava tão vermelho que eu poderia ser diagnosticada com insolação. O calor descia pelas minhas orelhas e pescoço enquanto ele acompanhava a minha reação com uma atenção especial. E meu rosto não foi o único lugar do meu corpo que ficou quente.

Instantaneamente eu passei a desejar que aquela reunião acabasse.

– Posso roubá-la por alguns minutos? – a voz do meu pai me fez piscar repetidas vezes e eu senti mais vergonha do que já estava sentindo por estar excitada na sua presença.

– Claro, Peter.

Alex acariciou minha mão, tirando-me do transe e sorriu. Existia muito mais do que deboche naquele sorriso sacana. Existia uma promessa avassaladora e um desejo capaz de me fazer querer que o tempo passasse mais rapidamente. Ele disfarçava muito bem seus sentimentos aparentando calma e indiferença, enquanto eu ficava úmida, com a respiração acelerada, os olhos brilhantes e o rosto pegando fogo. Era tão injusto.

Ele me ajudou a levantar, pegando a vasilha da minha mão e me apoiando. Senti seus dedos nos meus, solidários, entendendo que eu não tinha nenhuma vontade de deixar aquele sofá. Rapidamente a mão do meu pai substituiu a do meu noivo, tirando-me da nossa bolha.

– Vejo você depois – Alex ainda disse antes de o meu pai me arrastar para longe.

– E eu estou perdendo a minha filha muito rápido – Peter resmungou.

– Pai!

Ele deu dois tapinhas em minha mão e continuou andando até que estivéssemos do lado de fora da casa. Estava frio, e o céu carregado prometendo um pouco mais de chuva. Meu vestido não me manteria aquecida, mesmo assim eu continuei, até porque eu sabia que meu pai jamais me levaria para um lugar longe de todos se não tivesse realmente algo importante para me dizer.

– O que aconteceu? – perguntei sem estar de fato preocupada. Não havia nada de errado com as nossas vidas, salvo pela sua obsessão em controlar tudo.

– Nada. Não posso querer conversar com a minha filha sem ser interrompido a cada segundo, ou ter a atenção dela roubada por um certo professor? – sorri e ele retribuiu.

– O senhor já está acostumado a ficar muito tempo longe de mim, não vai morrer por causa de uma ou duas noites – foi uma brincadeira, porém eu percebi um brilho triste em seus olhos e me arrependi de imediato. – Sobre o que quer conversar?

– Você está feliz? – fui pega de surpresa pela pergunta e acabei atrasando em alguns segundos a minha resposta.

– Sim. Estou – e ri sem saber ao certo se de nervosismo ou de felicidade.

– Isso é bom – ele olhou para frente, como se buscasse uma forma de introduzir o que realmente

queria dizer. – Eu gosto do Alex.

– Eu também – meu pai me deu um olhar que me fez rir.

– Ele vai cuidar bem de você.

– Eu não preciso de mais um pai. Chega dessa ditadura – ele me olhou novamente, dessa vez eu não ri, apenas recuei. – Eu sei me cuidar, então quero apenas que Alex me respeite e me ame. É o suficiente.

– E se você o ama com tanta coragem a ponto de me desafiar, se tem tanta certeza do que quer e sabe o quanto ele te ama, por que está fazendo questão de adiar o casamento?

– Eu não estou adiando o casamento. Estou seguindo o curso normal das coisas. Não preciso começar a namorar e casar no dia seguinte – não deveria me exaltar, mas aquele assunto realmente estava me enchendo o saco.

– Isso era perfeitamente normal há alguns anos. Continua sendo em alguns países e é o certo para algumas religiões.

– Pai... – respirei fundo não querendo transformar aquele momento em uma briga. – Eu preciso de um tempo.

– Por quê?

– Porque sim! Porque tenho que me adaptar a Alex... não sei... não que eu não tenha certeza... eu apenas... puta merda!

– Charlotte!

– Desculpe!

– Você não me parece assim tão certa – encarei meu pai sem vontade de prolongar aquela história.

– E não é justo com Alex.

– Ele entendeu.

– Não, ele apenas aceitou a sua vontade, como sempre acontece, Lottie. As pessoas vivem se desdobrando para fazer o que você quer e com Alex não é diferente. Seria ótimo, já que você diz amá-lo, que não pensasse apenas em você neste momento.

– Eu não o entendo. Passou a vida inteira me amedrontando, cuidando para que nenhum homem encostasse em mim e agora quer me forçar a casar como se o mundo fosse acabar amanhã.

– Talvez acabe – seu olhar triste me fez prender a respiração. – Quem sabe o que poderá acontecer amanhã?

Não consegui continuar falando. Havia algo de sinistro nas palavras do meu pai. Algo que me fez temer.

– E pelo que tenho notado você não é a única na fila do Alex.

– Como assim?

– Anita e Tiffany – seu olhar parecia o de um gavião pronto para atacar. – Elas também querem este anel – senti a raiva subindo pela minha garganta. – Mas você que sabe. Alex já é homem, você é apenas uma menina, muito mimada, diga-se de passagem.

– Não pense que vai me intimidar com estes argumentos – retruquei, mas ele já tinha alcançado seu objetivo. – Eu confio no Alex.

– Eu também – respondeu despreocupadamente.

– Eu vou entrar pai – não consegui esconder a minha ansiedade em me certificar de que as duas mulheres em questão estavam longe do meu noivo.

– Ah, esqueci de dizer. Eu e sua mãe conversamos e decidimos que vamos passar mais tempo em casa, cuidando de vocês.

E o recado estava dado. Ele não facilitaria em nada. Minha vida seria um inferno dali em diante.

CAPÍTULO 12

“Tenho medo é do seu medo. ”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Charlotte ficou estranha desde que voltou da conversa com seu pai. Não foi como se estivesse aborrecida. Aparentemente ela não estava, pelo menos não comigo. Mas ela estava pensativa e, vez ou outra, eu a pegava suspirando, como um lamento ou uma impotência para mudar algo. Fiquei preocupado, mesmo sabendo que ela me contaria na primeira oportunidade que tivéssemos.

Por isso encerrar a comemoração do noivado e voltar para o meu quarto me deixou mais aliviado. Deixei a porta destrancada, como havia prometido, com certeza ela apareceria a qualquer momento. Não tive medo de Anita ou Tiffany aparecerem, apesar de ter quase certeza de que elas não apareceriam. Eu não tinha mais nada a esconder de Charlotte, o que me tranquilizava.

Tomei um banho rápido, coloquei uma calça de pijama e uma camisa de manga comprida. A noite estava ainda mais fria. Escovei os dentes e sentei na cama, ligando a TV enquanto minha noiva não chegava.

Não ouvi quando ela girou a maçaneta, mas o movimento da porta chamou a minha atenção. Meus olhos ficaram presos ali até que ela apareceu. De cabeça baixa, Charlotte deslizou para dentro do quarto e, cuidadosamente, fechou a porta, evitando fazer barulho. Ela estava com um robe leve e curto, parecia ser claro, mas a cor eu não soube definir por causa da escuridão do quarto. Com certeza não era a roupa mais adequada para uma noite fria, mesmo assim eu gostei do que via.

Sua cintura fina, definida pela tira de seda, as pernas expostas, os pés protegidos apenas por uma sandália, o corpo sensualmente envolvido pelo pouco pano e os cabelos longos completando a imagem. Foi impossível não pensar em como eu queria tirar aquela roupa e em tudo o que queria fazer com aquele corpo.

Sorri quando vi que ela havia trancado a porta, então se virou em minha direção. Uma mão escondida o tempo todo atrás do corpo, o que me deixou intrigado. Charlotte se aproximou e deu um sorrisinho safado e, ao mesmo tempo, envergonhado. Depois mordeu seu lábio inferior e desviou os olhos dos meus, observando a TV ligada iluminando a cama.

– O que está aprontando, menina? – não me movi nem um centímetro. Tive medo de estragar o que ela pretendia fazer, e o que eu queria que ela fizesse.

Charlotte parecia hesitar. A sua confiança e determinação não estavam presentes. Apesar da pouca luminosidade, eu tive a certeza de que ela corava deliciosamente. Com calma, eu me levantei, sentando-me na cama, de frente para ela, que recuou ligeiramente.

– O que tem aí? – ela sorriu outra vez. Havia inocência e malícia naquele sorriso. Eu me vi cada vez mais ansioso. – Não vai me mostrar?

Charlotte balançava levemente o corpo, girando-o em torno de si mesmo. Uma atitude meio infantil, típica de crianças travessas. E ela parecia não perceber que agia assim. Olhei seu rosto pensando no quanto ainda era jovem e na forma como a sua vida contribuiu para que ela fosse ainda mais infantil do que a sua idade permitia. Aquela era a minha garota, confusa, egoísta algumas vezes, mimada quase sempre, cheia de determinação e boa vontade. Eu a amava.

Ela deixou que a mão escondida se revelasse. No primeiro momento, não tive ideia do que se tratava, logo em seguida me dei conta. Ela trazia um pouco do pavê da sobremesa. Rapidamente minha mente foi invadida por imagens, desejos e luxúria. Meu corpo correspondeu imediatamente.

– Eu fiquei curiosa – ela disse ainda sustentando a sua inocência.

– Curiosa?

Observei-a morder o lábio inferior e balançar a cabeça, sem conseguir manter os olhos nos meus. Levantei da cama parando em frente à minha noiva. Fiquei deliciado quando a vi umedecer os lábios e me vi repetindo o gesto.

– Você disse que poderia fazer muitas coisas comigo e o pavê – ficou de repente mais corajosa.

– Sim, eu disse.

Nossos olhos se conectaram. O que eu sentia era algo tão gostoso e envolvente que eu não tive pressa de saciar a fome que eu sentia dela. Eu queria saborear cada detalhe. Queria prolongar o momento, deixar-nos envolver cada vez mais. Cada segundo de expectativa contava com o mesmo valor de cada olhar, cada respiração e o toque que desejávamos e não acontecia.

Ao mesmo tempo, eu tinha consciência de que não seria possível. Era arriscado, além de corrermos

o risco de que alguém descobrisse que ela esteve em meu quarto naquela noite. O pavê seria a prova. Ou o que restasse dele nos lençóis e fronhas.

Era frustrante e instigante. O proibido era definitivamente mais gostoso.

Peguei a colher, que estava no doce, retirando um pouco. Ela me observou sem nada acrescentar. Em um segundo, pensei um milhão de possibilidades, uma infinidade de desculpas para continuarmos, fui derrotado pela consciência. Eu não podia expô-la. Não podia dar a Peter um motivo para não confiar em mim.

– Eu vou te ensinar o que podemos fazer com isso.

Levei a colher a sua boca. Charlotte recebeu o doce sem protestar e até o movimento dos seus lábios recolhendo o pavê me deixou excitado. Bom, não podíamos fornecer provas, mas podíamos fazer amor, sem provas, só nós dois.

– Mas hoje ele será apreciado somente desse jeito – sorri enquanto pegava o pote de sua mão e buscava um pouco do doce para mim.

Charlotte não entendeu logo de cara. À medida que ela foi se dando conta da minha recusa, seu semblante foi ficando mais ameaçador. Foi hilário, e eu ri recebendo um tapa no braço.

– Idiota! – continuei rindo cada vez mais. – Você é um idiota, Alex Frankli! Um completo idiota!

– Eu sou o único adulto neste quarto – rebati sem conseguir parar de rir. – Sou o único que pensa antes de agir.

– Imbecil! – ela ia virar para sair do quarto, eu a impedi, segurando-a pela cintura. Coloquei o pote sobre o criado-mudo, segurando minha noiva com mais vigor.

– Você fica ainda mais linda quando está com raiva – enfiei meu rosto em seu cabelo sentindo aquele cheiro familiar que tanto me agradava.

– Me deixe, Alex – ela se debateu. Eu não conseguia deixar de rir e me divertir com toda aquela reação. – Eu sou o seu divertimento. A palhaça.

– Com certeza você é o meu divertimento – mordisquei seu pescoço sentindo-a ceder um pouco. – Uma deliciosa diversão.

– Você me enganou! – fingiu indignação.

– Não enganei – virei Charlotte para deixá-la de frente para mim. – Mas se eu me atrever a colocar aquele doce em qualquer parte do seu corpo, amanhã todo mundo vai saber o que aconteceu aqui – ela me encarou conscientizando-se aos poucos. Vi quando minha noiva engoliu em seco sem querer se dar por vencida.

– Frouxo – ri de novo, desta vez com menos intensidade. Charlotte era inacreditável.

– Lençóis brancos, amor. O pavê estará por todos os lugares – ela olhou pelo quarto à procura de uma alternativa e seus olhos se demoraram no chão. – E eu não vou fazer nenhuma sacanagem com você no chão. Pode tirar esta ideia da cabeça. Você ainda está machucada – ela ia contestar, mas eu a impedi. – Eu vou te mostrar tudo, Charlotte, não hoje. Em casa – voltei a me aproximar, puxando-a pela cintura. – Com calma – beijei seu pescoço e ele se encolheu com o contato. – Quando eu puder aproveitar toda a doçura – segui até os seus lábios. – Do pavê e do seu corpo.

Beijei minha noiva sem encontrar nenhuma resistência. Fechando meus braços em torno da sua cintura fina e deliciosa. O gosto do pavê misturado ao gosto de Charlotte era algo estimulante. O roçar da seda cedendo em minhas mãos e acariciando o corpo dela me deixava cada vez mais excitado. Gemi involuntariamente e ela estremeceu.

– Quero tirar sua roupa.

Rosnei com os lábios presos ao pescoço dela. Minha mão já subia pela barra do robe, levantando o tecido e desfrutando da pele delicada. Eu queria muito poder tocar todo o seu corpo. Charlotte para mim era como a mais pura droga e eu era completamente viciado nela. Queria o seu efeito, queria tudo o que ela me proporcionava, mas sem pressa, sem a ânsia dos apaixonados.

Com poucos passos, alcançamos a cama. Charlotte estava tão entregue! Ela deitou, subindo até que seu corpo estivesse todo sobre o colchão, os cotovelos erguendo o tronco, ela me encarou com a mais pura lascívia. Por um segundo, eu me senti perdido, sem saber ao certo o que fazer ou o que fazer primeiro.

– Menina! – ouvi minha voz carregada de desejo. – Não me olhe assim.

– Por quê?

Ela inclinou a cabeça para o lado, fitando-me com mais intensidade. Mesmo com pouca clareza

eu vi seus olhos varrerem meu corpo. Ainda sem conseguir agir, acompanhei sua mão abrir o roupão, mostrando-me uma calcinha pequena, em um tom claro e um sutiã que cobria parcialmente os seios que eu tanto adorava. Ela, parecendo não perceber o que fazia, roçou as pontas dos dedos por entre os seios, descendo até quase o limite da calcinha.

– Porque eu vou te comer, Charlotte – senti toda a ferocidade da minha voz revelando o quanto eu estava excitado.

– Vai? – ela sorriu diabolicamente.

Um convite ao inferno.

CHARLOTTE

Eu sorri sentindo o meu corpo inteiro esquentar. De repente, não havia mais nenhum resquício da noite fria dentro daquele quarto. Eu podia sentir a fonte de calor que iniciava no centro das minhas pernas e se espalhava como fogo, correndo pelas minhas veias e se instalando em cada parte do meu corpo.

Alex segurou em meu pé esquerdo. Suas mãos eram decididas. Fiquei extremamente surpresa quando ele levou meu pé à boca, lambendo e mordiscando minha pele. Nunca imaginei que um ato como aquele fosse algo tão sexy, mas era. Muito!

Gemi me contorcendo de prazer enquanto ele me olhava atentamente. Era impossível não reagir a tudo o que Alex fazia. Uma delícia! Ele colocou meu dedão na boca, chupando-o e... porra, aquilo foi demais! Ainda sem tirar os olhos de mim, e eu senti que quase explodiria com tão pouco que ele me dava, meu professor acariciou minha panturrilha. Dedos experientes tocavam e apertavam minha carne com conhecimento e propriedade.

Eu não queria fechar os olhos. Não queria perder nada do que ele faria comigo. Por isso não apenas senti sua mão se aprofundando em mim, mas as assisti com a expectativa de uma criança em uma noite de Natal. Eu ansiava para que ele me encontrasse, para que me tocasse exatamente onde eu queria. Alex não pretendia me torturar, ele queria me dar tudo o que eu desejava e eu podia ter esta certeza apenas observando seus gestos, seu toque descendo, explorando-me.

E então eu vi o quarto girar. Alex, usando de toda sua técnica, virou-me de costas para ele, deixando-me de encontro ao colchão. Eu não esperava por isso, no entanto em vez de ficar assustada, de me desestimular por estar impedida de vê-lo, eu me vi ainda mais excitada.

Rapidamente senti o peso extra no colchão indicando que meu noivo havia subido, e quase no mesmo instante suas mãos me acariciando, uma em cada perna, percorrendo toda a minha pele até encontrar a minha bunda. O robe subia com o movimento, deixando-me exposta.

Ele se deteve ali. Cada mão explorando e massageando uma parte da minha bunda. Seus dedos me buscando, puxando a calcinha para o lado e se aventurando por ali. Eu podia jurar que estava com o rosto

vermelho e agradei por não precisar olhá-lo. Era difícil, quase imoral, admitir que gostava de ser tocada naquela região. Um lugar ainda tão pouco explorado e que sempre era tratado em todos os romances como um tabu.

Mordi os lábios para não gemer, porém meu corpo tinha vontade própria. Alex não me tocava de fato, apenas chegava perto, sem se permitir avançar, ou apenas buscando uma forma de me fazer implorar. Eu jamais imploraria. Não?

Quando seu dedo passou por cima da entrada, tocando levemente, ele gemeu de uma forma animal, e meu corpo imediatamente correspondeu. Minha bunda empinou um pouco, como se fosse um convite. Envergonhada escondi meu rosto entre os cabelos, a testa colada na cama. Ele roçou outra vez, um toque quase irreal, logo em seguida, afastou-se.

Quase não consegui reprimir meu suspiro de decepção. Não tive nem tempo para deixá-lo escapar. Então senti aqueles mesmos dedos que seguravam minha calcinha retirando-a. Depois seus lábios acariciando minha bunda com beijos leves à medida que o pequeno tecido me deixava.

Eu o sentia respirar. Sentia seu hálito me aquecer ainda mais. Todo o meu corpo se arrepiou e eu não consegui deter o gemido quando sua língua pediu passagem, entre a minha carne, quase me tocando... ali.

Putá que pariu!

Como eu poderia ansiar tanto por algo como aquilo? Como eu poderia estar tão absurdamente excitada só de imaginar que seus lábios me tocariam naquele ponto? Minha respiração irregular entregou meu nervosismo e ansiedade quando Alex me tocou com mãos, lábios, língua e dentes.

Ele me abriu... sim ele me abriu mesmo. Puxou minha carne deixando-me exposta. Os polegares bem perto de onde eu miseravelmente queria ser tocada. Os lábios seguindo o caminho, deixando a língua e os dentes brincarem com o meu juízo.

Ele chegaria lá. Eu sabia. E queria. Porra, eu queria! Meu corpo parecia uma bomba, pronta para explodir, vendo a chama bem perto, aproximando-se para acioná-la. Cada centímetro vencido era como uma chuva de fogos de artifícios em mim. Então me vi me empinando, oferecendo-me.

Mordi o lençol sem conseguir me conter. Eu queria esfregar minhas pernas. Queria poder me tocar

e encontrar alívio antes que precisasse me submeter. Porque aquela entrega me parecia algo alucinante, completamente desejável e, ao mesmo tempo, humilhante.

Não que considerasse uma humilhação ser beijada ali. Só... não sei. Era como quebrar as regras. Como se estivesse cometendo um ato ilícito. Como se precisasse me esgueirar para o escuro, longe de todos os olhares da sociedade. Por isso me senti uma hipócrita.

Era sexo. Sexo como todas as outras coisas que me permiti viver com Alex. Era apenas sexo, sem reservas ou pudores. E então me dei conta de que eu poderia gritar que queria sim. Eu queria ser beijada ali. Queria senti-lo naquele local e que se fodesse a sociedade e todos os que me apontariam como uma aberração.

Foi quando ele parou. Aguardei pelo que aconteceria, mas nada aconteceu. Nem suas mãos estavam mais em mim. Ansiosa demais, tentei me virar quando ele me segurou na cama sussurrando em meu ouvido.

– Shiiiu! Fique quieta.

Ele falava bem baixo. Não havia tesão em sua voz nem nada que pudesse me indicar que continuaríamos. Muito pelo contrário. Alex estava tenso e eu também fiquei.

– Tem alguém na porta – ele disse baixinho.

Levei uma fração de segundo para assimilar o perigo de que ele me alertava. Merda! Meu corpo inteiro enrijeceu. Nada em mim lembrava a garota a ponto de explodir de tanto prazer, segundos atrás. Meus olhos fixaram na porta, e o silêncio imperou no quarto ficando apenas o ruído baixo da TV, até ouvirmos a batida decidida.

– Alex? – era meu pai.

Put. Merda!

Como assim era meu pai? Ele tinha descoberto que eu estava lá. Merda! Ele me mataria, mataria Alex, mataria todos naquela casa. Ele me pegaria, e não havia palavras nem argumentos que me livrassem daquilo. Que porra!

– Calma!

Alex tentava me levantar da cama. Eu estava tão nervosa que não reparei que ofegava, buscando o

ar desesperadamente. Senti seus dedos em meus cabelos, mas eu não conseguia deixar de fitar a porta. Não conseguia deixar de imaginar a arma do meu pai atirando contra Alex. No escândalo, na loucura que seria e, principalmente, na vergonha que eu sentiria.

– Alex? – outra batida mais forte.

Merda! Merda! Merda!

Alex me levantou com cuidado. As mãos decididas em meus braços, mantendo-me firme. Ele também estava nervoso, mesmo assim conseguiu fechar meu robe, depois, levantando meu queixo encontrando meus olhos.

– O que quer fazer? – sussurrou para mim com determinação.

– Não posso, Alex – choraminguei tentando controlar a voz. – Não posso confrontar meu pai agora – ele me avaliou por um instante, depois concordou.

Segurando minha mão, ele me conduziu ao banheiro. Sem trocarmos uma palavra, nós nos beijamos rapidamente, então ele se foi. Fechando a porta e me deixando na escuridão. De repente, o espaço parecia pequeno demais. O silêncio do lado de fora só contribuía para aumentar meu desespero. Merda! Eu era muito covarde. Como pude me esconder e deixar que Alex o enfrentasse sozinho?

Como minhas pernas não me obedeciam, sentei contra a porta, aguardando o que aconteceria. Ouvi Alex desligar a TV. Vi quando a luz fraca conseguiu passar por baixo da porta e os passos do meu noivo.

– Peter? – ele disse fingindo surpresa.

– Está sozinho? – a voz do meu pai preencheu o ambiente.

– Claro! Com quem mais eu estaria?

Um pouco mais de silêncio. Meu pai não respondeu e eu ouvi apenas mais alguns passos me dando a ideia de que os dois estavam dentro do quarto.

– Aconteceu alguma coisa? – Alex falou com a voz calma. Como ele conseguia?

– Eu gostaria de continuar aquela conversa – desta vez, foi meu pai. Sua voz parecia desconfiada.

– Agora?

– Sim. Se estiver tudo bem para você – um pouco mais de silêncio, então ouvi Alex responder.

– Por mim tudo bem. Vamos descer.

– Por que não aqui? – claro que meu pai desconfiaria. Alex não conhecia o pai que eu tinha.

– Não sei. Talvez pelas coisas que aconteceram nas últimas horas.

– E o que aconteceu?

– É uma longa história, Peter, mas se quer mesmo conversar comigo sem sermos interrompidos, é melhor irmos para o escritório.

Houve mais silêncio, e depois o som de pés e da porta se fechando. Ainda fiquei sentada no chão, sem conseguir me mover ou acreditar que não fomos descobertos. Depois, o alívio me inundou, quase me sufocando. O que foi aquilo tudo?

Abri a porta do banheiro e me deixei cair na cama, rezando para que os dois não voltassem.

ALEX

– Não sei como fazer isso, Peter!

Encostei-me à janela deixando que meus braços suportassem o peso do meu corpo. Naquele momento, minha cabeça fervilhava. O que meu futuro sogro me pedia, além do que acabara de revelar, tinha me tirado o chão.

– Você é o único capaz de convencê-la.

Olhei para Peter. Nenhum vestígio daquele homem seguro e confiante. Diante de mim estava um pai sofrido e desesperado. E esse segredo... eu não conseguiria suportar tanto peso.

– Eu concordei com os argumentos da Charlotte. Não posso simplesmente voltar atrás. E eu acabei de concordar...

– É para o bem dela, Alex. Pense em como será quando ela descobrir que não pôde fazer nada. Que por causa de uma birra...

– Eu sei. Eu sei! – caminhei pelo curto espaço do escritório do meu pai.

Estava me sentindo sufocado com a revelação. Minha única vontade naquele momento, ao ver o sofrimento daquele homem e a enormidade da situação, era abraçar a mulher da minha vida e não a deixar sair dos meus braços nunca mais. Seria tão... difícil.

– Só você pode resolver isso – trocamos um olhar que resumia tudo.

Peter dependia de mim para amenizar seu sofrimento e eu sabia, embora preferisse não abusar da sua boa vontade, que todas as cartas estavam sobre a mesa e eu poderia utilizar a que melhor coubesse à situação. Eu sentia em cada cantinho da minha consciência que precisava mudar a opinião de Charlotte, ou, pelo menos, parte dela.

Rapidamente, um plano se formou em minha mente.

– Certo – puxei o ar com força tentando me concentrar. – Vou precisar de um tempo sozinho com Charlotte.

– Um tempo?

Ele me encarou com o olhar triste de quem entendia o que eu queria dizer nas entrelinhas. Por alguns segundos eu vi toda sua angústia através daquele olhar.

– Um tempo... E...

Não havia escolha. Teria que ser daquele jeito. Não apenas porque o fato de eu ceder suavizaria a dor da minha namorada e da sua família, mas principalmente e, neste ponto confesso todo o meu egoísmo, porque colocar em prática o que eu planejava amenizaria a minha própria dor. Descobrir o segredo que Peter tanto escondia tinha despertado meus temores mais íntimos.

– Preciso fazer com que ela veja que o casamento é a única solução, para isso preciso fazê-la entender o porquê – Peter não estava em posição de exigir nada, mesmo confiando que eu não abusaria da sua boa vontade.

– Por quê?

– Não vamos entrar neste mérito, Peter. A casa está repleta de pessoas cujo passatempo predileto é procurar formas de interferir em minha vida com Charlotte. Se você quer mesmo que eu a convença, tem que deixar que eu resolva à minha maneira – ele desviou o olhar e encarou a chuva fina que caía do lado de fora.

– Certo.

Ele estava me dando carta branca. Estava abrindo mão de tudo o que mais preservou na vida, simplesmente porque não podia fazer nada para mudar o destino. Pensar nisso fez meu coração afundar. Eu não sabia se estava preparado para encarar o que viria, só sabia que precisaria ser forte... por Charlotte.

– Vou precisar da sua ajuda – sim, Peter seria fundamental para o plano.

– O que precisa que eu faça?

– Apenas seja você mesmo – nós nos encaramos até que Peter compreendesse o meu pedido.

– Tudo bem, Alex – ele ergueu os ombros, como quem não teme a luta e me encarou. – Faça o que for necessário.

Ele saiu do escritório deixando-me sozinho. E foi naquele instante que me dei conta da grandiosidade do peso que eu estava assumindo. Puta merda! Aquilo era... aquilo era uma grande merda!

Pensei mil vezes no que eu deveria fazer a partir dali. O que poderia dizer a Charlotte, se eu conseguiria atingir meu objetivo a tempo, se ela entenderia os meus motivos para mentir. Eram muitas indagações e poucas respostas. Respirei com dificuldade, como se o mundo estivesse me sufocando.

Eu sabia que precisava seguir adiante com o combinado, assim como entendia que seria uma luta ferrenha, porém naquele momento eu não queria mais pensar no que viria pela frente. Naquele momento, o meu desespero era tanto que eu pensava apenas em estar nos braços dela, em encontrar uma maneira de fazer o mundo parar, um jeito de impedir que acontecesse, infelizmente eu sabia que era impossível.

Saí do escritório para uma casa escura e vazia. Todos dormiam. Eu não tinha condições de voltar ao quarto, por isso fui em direção à piscina, parando na marquise para me proteger da chuva. Meus pensamentos estavam todos nela.

Merda, Charlotte! Como fazer? Como isso foi acontecer? Por que agora? Por que justamente quando eu apenas desejava te fazer feliz?

Sem conseguir pensar, dei o primeiro passo para a chuva, depois outro e outro mais. Senti meu corpo começando a ficar molhado. Não entendia o motivo daquela reação, nem a minha necessidade de estar ali, no meio da chuva, permitindo que ela me banhasse e quem sabe “lavasse” minha tensão. Apenas sabia que alguma coisa teria que acontecer para me tirar daquela angústia mortal.

Eu tinha vontade de gritar, de quebrar alguma coisa. Queria correr até que meus pulmões não conseguissem mais segurar o ar, até minhas pernas me derrubarem, então eu apenas me virei em direção à casa e paralisei.

Ela estava lá. Charlotte estava parada exatamente onde eu estava pouco antes. A escuridão da casa não me permitia vê-la com todos os detalhes, mas eu podia ver seus braços na frente do corpo, como se estivesse se protegendo do frio. O robe leve jamais seria capaz de protegê-la.

E a necessidade que senti dela foi anormal. Respirei fundo, implorando. Suplicando, pedindo forças para seguir com o plano.

Como se pudesse sentir a necessidade que eu tinha dela naquele momento, vi a minha noiva dar um passo em minha direção. Ela caminhou na chuva, com passos firmes e decididos, sem se importar com o frio, com nada. Ela veio e, quando chegou, sem que eu precisasse pedir, envolveu-me em seus braços,

elevou o corpo ficando na ponta dos pés e me beijou.

Ah, Charlotte!

Eu a amava tanto! Cerquei seu corpo com meus braços, apertando-a junto a mim. Queria nunca mais deixá-la partir, porém eu sabia que não seria desta forma.

– Alex! – sussurrou.

Disse como se quisesse me dizer que estava ali por mim, mesmo sem entender, sem saber o que me angustiava, ela estaria lá. Desci a testa encostando na dela sem conseguir dizer nada. As palavras embolavam em minha garganta formando um nó.

– Está tudo bem – ela afirmou enfiando os dedos delicados em meu cabelo.

– Está sim – eu me vi mentindo. Era a única forma de despistá-la, de não a envolver antes que fosse necessário. – Eu amo você, Charlotte! – e outra vez me vi impossibilitado de continuar. Agradei à chuva que escorria pelo meu rosto. Ela riu baixinho.

– Eu também – seus dedos se fecharam mais fortes em meu cabelo. – Ele pegou muito pesado?

Cada palavra inocente dela era uma carícia em meu coração. Forcei um sorriso levantando o rosto para encará-la. A água escorria pelo seu rosto, ensopando seu cabelo, ainda assim ela era a criatura mais bonita que eu já tinha visto na face da Terra.

– Peter só se preocupa com você.

– É desnecessário – ela falava com suavidade, sem a birra infantil, apenas procurando me acalmar. Seus dedos não interrompiam a carícia em minha cabeça.

– Ele é pai. Um dia você vai entender – a veracidade das minhas palavras fez meu coração sangrar. Ela precisaria entender, um dia.

– Você precisa definir de que lado está, amor! – brincou com voz divertida. – Não pode tender para o lado dele todas as vezes que meu pai o intimidar. Nós somos uma equipe, esqueceu?

Meu Deus, Charlotte era uma menina e, ao mesmo tempo, conseguia ser tão mulher que me assustava. Ela estava tão perto, tão enroscada em mim, seus olhos fixos nos meus. E sabia que eu sofria, e eu sabia que isso a angustiava, mesmo assim ela estava ali, sorrindo e brincando, tentando amenizar a tensão.

Como fazer Charlotte entender que teríamos que esquecer a conversa que tivemos? Como convencê-la sem precisar contar toda a verdade? Dei um passo para trás. Ela entortou um pouco a cabeça para o lado, perscrutando-me.

– Case comigo, Charlotte! Não em um ano, mas amanhã, o mais rápido possível, só não me deixe voltar para casa sem você.

Charlotte me olhou com mais atenção. Seu rosto perdendo o brilho, o sorriso se desfazendo. Merda! Meu coração estava acelerado, e ela, com uma mão sobre o meu peito, não pôde deixar de perceber.

– Tem mais coisa do que a simples pressão do meu pai, não é? – meu corpo gelou e nada tinha a ver com a temperatura. – O que está acontecendo? – ela segurou meu rosto com suas mãos pequenas, procurando por meus olhos. – Por favor! Estou ficando assustada.

Sorri sentindo meu coração afundar no peito.

– Por quê? – sussurrei.

– Porque você está estranho.

– Estranho porque falei que a amo?

Era muita infantilidade tentar protelar a conversa? Sim. Era. Eu devo admitir que estava com medo de forçar demais.

– Não por dizer, mas pela maneira como está dizendo.

– E como estou dizendo?

– Como se estivesse sofrendo. Como se lutasse contra algo.

Encarei os olhos suplicantes naquele rosto angelical. Precisava dar o primeiro passo. Puxei Charlotte para mais um beijo intenso e rápido. Suas mãos acariciaram suavemente meu peito. Minha namorada se movimentou aproximando nossos corpos. Eu não podia deixar que seguissemos por aquele caminho.

– Estou me sentindo inseguro – revelei desfazendo o beijo. – Sei que não deveria. Na verdade, entendi tudo o que conversamos e concordo com você. Eu a entendo... – engoli com dificuldade, pois Charlotte estava com uma expressão triste no rosto. O que partia o meu coração. – Amor, eu sei que está

acontecendo rápido demais para você, mas tente ver o meu lado. Você é jovem ainda, eu nem tanto – ela sorriu. – Está apenas começando sua vida amorosa e eu venho esperando-a há muitos anos. Para você pode parecer muito cedo, para mim, cada segundo longe é como se estivesse perdendo um tempo precioso, perdendo coisas que quero viver com você, apenas com você.

– Um ano faria tanta diferença?

Odiei-me por passar por cima da sua vontade, por outro lado, eu sabia que era extremamente necessário.

– Um ano para você é uma eternidade para mim – Charlotte suspirou e deixou seu olhar cair.

– Você...

– Tantas coisas podem acontecer em um ano, um mês, um dia, uma hora... eu não quero perder nada do que podemos viver juntos.

– Nós precisamos de espaço. Precisamos nos adaptar a um casamento, nos conhecer melhor. Tenho medo! Casamento é uma coisa muito séria, não é algo que deva ser decidido rapidamente. Até pouco tempo atrás, nem passava pela sua cabeça transar comigo...

– Passava – ela sorriu e mordeu o lábio inferior. Acariciei seu rosto, fazendo-a me encarar.

– Você vai enjoar de mim. Não vai conseguir conviver com minhas besteiras e inseguranças...

– Eu amo você!

– Mas amor pode não ser o suficiente – sua voz fraquejou, despedaçando o meu coração. – Eu não sei como agir ao seu lado. E você? Vai se acostumar facilmente com outra pessoa em sua casa todos os dias? Nós vamos morar juntos, trabalhar juntos...

– Eu amo você!

– Alex! – soluçou e deitou a cabeça em meu peito. – Por favor! Eu estou com medo.

– Medo de casar comigo? – apertei minha namorada em meus braços, massageando a sua nuca. Era a minha vez de acalmá-la.

– Medo de acordar um dia e descobrir que você não me ama mais. De que minha TPM destrua o nosso relacionamento. De ser uma porcaria de esposa e nunca conseguir ser o bastante para você – ela chorava assustada. Apesar da chuva eu podia ver as suas lágrimas.

Suspirei. Eu amava Charlotte e não havia dúvidas. Queria poder atender a todos os seus desejos, queria protegê-la de toda dor, todo sofrimento e sabia que recuar, permitindo que ela aguardasse a faria sofrer no futuro.

– Você sempre será o bastante para mim, porque simplesmente passei a minha vida inteira te esperando. Se eu tivesse que me apaixonar, casar, ter filhos e os conflitos do casamento com outra pessoa, isso já teria acontecido, no entanto aqui estou, praticamente implorando para você casar comigo. Para ser minha esposa e a mãe dos meus filhos... Charlotte? – puxei seu rosto para que nossos olhos se encontrassem. – Nada vai conseguir diminuir nem acabar com meu amor. Case-se comigo e permita que eu possa reafirmar este sentimento todos os dias. Prometo que vou fazer o máximo possível para tornar a sua vida o romance mais bonito que alguém já viveu. Como os romances dos livros.

– Por que isso agora?

– Porque eu também estou com medo! – foi a minha vez de externar o que sentia.

– Medo de quê?

– De perder você – ficamos nos encarando, um buscando respostas no outro. – Tiffany incutiu em mim todos os temores capazes de enlouquecer um homem – revelei baixinho, sentindo-me envergonhado pelas minhas palavras. – Tenho medo de que um dia você acorde e descubra que seu colega de mestrado é mais interessante do que eu, ou que deveria viver novas experiências, ou que na verdade eu não era nada do que você esperava. Eu estou inseguro e com medo, Charlotte. Desesperado!

Passei a mão em meus cabelos e respirei fundo. O dia tinha sido difícil, a conversa estava sendo complicada e eu precisava chegar a um denominador comum para acalmar o coração de Peter.

– Só pense no assunto. Não precisa me responder agora – era necessário dar um passo para trás, só assim conseguiria dar dois para frente.

Ela engoliu com dificuldade, afirmando que sim com a cabeça. Pelo menos pensaria no assunto e, se Peter fizesse como combinamos, alcançaríamos o nosso objetivo. Era só uma questão de tempo. De pouco tempo. Assim eu esperava.

– Agora vamos sair dessa chuva – ela estava séria, pensativa, mas concordou sendo a primeira a caminhar.

Confesso que senti medo de perdê-la por precisar pressionar tanto. Tive medo de assustá-la demais e que ela decidisse fugir de mim. Mas seus dedos ainda estavam entrelaçados nos meus, mesmo que seus olhos estivessem distantes.

Ela caminhou do meu lado, entrando na casa, até que chegamos à minha porta. Só naquele instante nossos olhos se encontraram. Ela estava triste, confusa, e eu ansioso, desesperado.

Abri a porta sem saber se ela me acompanharia. Sem dizer uma palavra, minha noiva passou por mim e entrou em meu quarto. Suspirei e prometi a mim mesmo que assim que aquela porta se fechasse atrás de nós dois, eu esqueceria, e faria Charlotte esquecer, todos os problemas. Foram muitos e nós não precisávamos de mais. Então deixei para o dia seguinte o plano, a tristeza, a angústia, os medos... apenas me permiti amar aquela linda mulher.

CAPÍTULO 13

“Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

O sol finalmente tinha voltado. Não da forma como ele costumava ser, mas, pelo menos, a chuva tinha cessado e com o ela o frio castigante. Embora a tempestade tivesse ido embora, parecia continuar dentro de mim. Eu estava inquieta. A noite anterior tinha me deixado angustiada e confusa.

Quando voltamos para o quarto, Alex tentou agir como se tudo estivesse bem, mas eu sabia que não estava. Era nítido em todos os seus gestos, em cada palavra, cada toque... eu jamais estranharia ser amada da maneira como ele me amou naquela noite, se não tivesse a certeza de que ele agia daquele jeito por estar tão apreensivo e angustiado quanto eu.

Não que tenha sido ruim. Não foi. Jamais seria. No entanto, sentir o medo que ele sentia, enquanto estava em seus braços, tendo a certeza de que ele me buscava como se algo fosse me tirar dali a qualquer instante, contribuiu para aumentar o meu desespero. E eu me entreguei como se não houvesse o amanhã.

Mas havia, só que Alex parecia não ver isso. Eu deixei o seu quarto com o céu ainda escuro. Preferia evitar o pânico de encontrar meu pai mais uma vez. Porém, sair e deixar meu noivo para trás foi mais difícil do que eu poderia imaginar. Nós voltaríamos para casa naquela manhã. Nós nos separaríamos.

Isso pode ser normal para muitos casais e deveria ser para nós dois também, mas não era. O fato de irmos cada um para a sua casa nos machucava muito mais do que podíamos prever. E a ideia do casamento martelava em minha cabeça.

Ele não tinha voltado a insistir. Na verdade, nem tocamos mais no assunto. No entanto, eu não podia ignorar a súplica existente em seu olhar, incutida em seus toques, em seus lábios. Respirei profundamente me forçando a continuar arrumando a mala.

– Você parece que está indo para um enterro – Miranda falou ao meu lado. Eu tinha me perdido tanto em pensamentos que até me esqueci da presença dela. – Vocês dois já tinham um relacionamento antes do feriado. As coisas só vão voltar ao normal.

Suspirei mais uma vez. Eu sabia que nada voltaria ao normal, a não ser que eu cedesse.

– O que você acha desse casamento? Digo... O que pensa sobre esta pressão toda para que aconteça rápido? – ela me olhou de uma forma divertida, fechou a mala, sentou-se na cama e sorriu.

– Casamento sempre será uma loucura – ela encarou a janela e fez uma expressão confusa. – Não sei se eu aceitaria algo tão rápido com o Patrício, mas o seu caso é muito diferente do meu. O padrinho vai realmente pegar no seu pé. Alex não parece ser alguém com tanta paciência, apesar de eu achar que para ficar com você ele vai realmente precisar disso – revirei os olhos e ela riu. – Também não sei se estou totalmente de acordo com você casar com o primeiro homem com quem foi para cama. Isso é... no mínimo estranho! – fez uma careta. – Entretanto, Charlotte – minha amiga levantou e me segurou pelos ombros. – Esse é o seu faz de conta. Se fosse comigo, estaria tudo errado, mas, como é com você, não poderia ser mais adequado. Casar hoje, amanhã ou em um ano não vai fazer diferença. Alex é quem você quer, e você é tudo o que ele mais sonhou. Ficar namorando só porque você acha estranho casar de repente vai ser uma tortura. Para os dois – ressaltou.

– Não sei, mas não posso simplesmente casar e ir morar com ele. Existem tantas coisas que ainda precisam acontecer, coisas às quais precisamos nos adaptar. Intimidades que não trocamos ainda.

– Eu sei. Existe um milhão de casos de pessoas que se conhecem em um dia e no outro já moram juntos. Não vai ser estranho. Veja bem, Charlotte, todo relacionamento se desgasta com o tempo. Hoje em dia se desgasta até mais rápido, pois não existe o mesmo comprometimento de antes, então, se é para desgastar, case antes que isso aconteça e aproveite a parte boa enquanto pode.

– Que coisa horrível, Miranda! Esse foi o pior conselho que já recebi até agora – ela riu, voltando a sentar-se na cama.

– Vai dar tudo certo, basta você querer. Só não case porque é o que todos querem. Não é justo com você.

– Alex está triste – e eu também, mas não queria colocar os meus sentimentos em jogo. – E meu pai acha que estou fazendo isso para desafiá-lo. Ninguém entende o meu lado.

– Porra, Alex tem trinta e cinco anos, garota. E nunca se envolveu sentimentalmente com alguém, então é normal ele estar triste por descobrir que a ama, querer casar com você e ter que encarar a sua recusa.

– Eu não estou recusando, estou só pedindo um tempo! – exaltei-me. – Até porque precisamos de tempo para organizar tudo, definir onde vamos morar, estabelecer algumas regras – ela ergueu uma sobrancelha desdenhando de todas as minhas justificativas. – Como eu posso me enfiar de cabeça em um casamento se até agora eu não soube ser nem uma namorada que valesse a pena? – ela ficou séria e eu notei que tinha falado demais.

– Não faça isso com você – disse com raiva. – Você é o maior prêmio desta história, e Alex tem que se esforçar muito para merecê-la. Ele tem que ser um bom namorado, noivo, marido, o que for! Você é incrível, Charlotte! É uma pessoa forte, determinada, gentil, carinhosa, educada, simples, humilde até demais para alguém em sua posição. Você tem uma alma pura, transparente, é definitivamente alguém que vale a pena. Talvez seja a única pessoa desta casa toda que valha a pena, e se ele não consegue entender isso é porque não a merece.

– A única pessoa? – brinquei para amenizar o clima. – E Patrício? – ela se jogou para trás caindo teatralmente sobre o colchão e encarou o teto.

– Patrício é... sinceramente, não sei se ele é realmente alguém que valha a pena.

– Como assim? Até alguns dias atrás ele era o príncipe encantado, o melhor homem da sua vida...

– Eu sei, eu sei. É que ele... como posso explicar? Patrício não parece querer levar a relação a sério.

– Então aquela conversa toda com o meu pai sobre ter passado a vida te esperando era tudo balela?

– vi que minha amiga ficou um pouco triste e me senti péssima por ter abordado aquele assunto.

– Não sei se é, ou era. Eu pensei que estávamos vivendo algo legal.

– Eu também. Vocês vivem pelos cantos, aproveitando todos os momentos a sós – ela sorriu.

– Sexualmente somos perfeitos. Só que ele anda estranho. Eu fico tão irritada com algumas colocações que ele faz que às vezes tenho vontade de acertá-lo com um soco – ri alto.

– Não faça isso. O que ela anda dizendo para te irritar tanto assim?

– Ficar o tempo todo dizendo que Alex está louco, que se deixou enlaçar pela sua carinha de anjo e que agora ele está fodido, e isso tudo sem parecer se importar com como eu vou me sentir com o que ele está dizendo. Ele não percebe que sou eu ali e não um colega de bar. E ainda diz que jamais seria tão

otário a ponto de casar com alguém só porque tirou a virgindade dela.

Não era para eu me deixar abalar, mas saber que alguém da família do Alex não estava totalmente de acordo com o casamento me deixava triste. Piorava muito quando minha virgindade era colocada como motivo para nossas decisões.

– Talvez você devesse realmente acertá-lo com um soco – Miranda me olhou e sorriu largamente.

– Vou pensar no assunto.

ALEX

Meus pais ficariam até depois do almoço, mas Peter tinha decidido ir logo pela manhã, pois teria compromissos à tarde. Eu ainda não sabia o que fazer. Não queria ficar depois da partida dela, nem queria sair sem ficar um pouco mais com a minha família. Mesmo assim levei meus pertences até o carro e deixei tudo pronto para quando tomasse a minha decisão.

Charlotte não tinha conversado nada comigo durante a madrugada. Ela simplesmente foi embora, como se aquele fosse um dia comum, como todos os outros, mas eu sabia que não era. Nunca mais seria. Parei do lado de fora, sentindo o sol, ainda fraco, aquecer-me. Aparentemente a chuva não nos castigaria mais.

– Já estamos indo.

Ouvi Anita muito perto e abri os olhos para encontrá-la. Não tínhamos nos falado direito desde o episódio no meu quarto, assim como não tínhamos ficado sozinhos desde então. Fiquei incomodado. Ela sorria naturalmente, sem demonstrar qualquer traço de sua loucura.

– Vejo você hoje? – olhei para ela sem entender. – Reunião de professores do último ano, Alex. Será hoje à tarde.

Eu havia esquecido completamente. Na verdade, não sabia como estava a minha situação com a faculdade. Apesar de eu ter pedido demissão, mas somente naquele dia saberia como seria o meu desligamento.

– Não sei ainda. Preciso conversar primeiro com o Carvalho, saber como poderemos definir a minha saída.

– Então é sério mesmo? Vai deixar a faculdade por causa da Charlotte?

– É o mais adequado.

– Realmente. Transar com uma aluna é algo grave. As pessoas pensam que a liberdade sexual derrubou todas as barreiras, mas algumas situações são imutáveis. Professor e aluno, por exemplo, continua sendo uma relação proibida independentemente da situação.

– Colegas de trabalho também – ela me olhou sem jeito, depois sorriu e passou uma mão no meu braço, demorando-se em meus músculos.

– Neste caso, já que você insiste em deixar o quadro de funcionários da UERJ... – deixou o restante da frase no ar.

– Não vai acontecer, Anita. Desista.

– Ah, Alex. Eu realmente não sou uma mulher de desistir. Vejo você em breve.

E ela partiu deixando a promessa de mais confusão.

CHARLOTTE

– Onde está a sua mala?

Meu pai me perguntou assim que eu cheguei ao carro. Ele não estava muito atento a mim, apenas se concentrava em organizar tudo para a nossa partida.

– Onde está Johnny?

Eu praticamente quicava angustiada com a possível reação que ele teria quando eu anunciasse que não iria em seu carro. Em minha cabeça, tudo já estava esquematizado, bastava convencê-lo. Eu diria que, já que estávamos noivos, eu poderia ir no carro de Alex, então eles partiriam na frente. Depois diria a Alex para irmos antes do almoço e para meu pai, que ficamos para o almoço, como ele tinha compromisso pela tarde, ganharíamos tempo. Seria perfeito!

– Não sei – resmunguei querendo ganhar a sua atenção.

– Acho que ele foi ajudar a professora Bezerra a colocar a mala no carro.

Miranda disse deixando a mala dela ao lado do carro. Antes de sair, ela me olhou e piscou. Nós duas havíamos bolado aquele plano, bastava agora colocá-lo em prática.

– Aonde você vai? – meu pai a chamou de volta, mas ela fingiu não ouvir, andando decidida em direção à casa. – E você, Lottie, onde está a sua mala?

– Ah... hum... – meu rosto esquentou consideravelmente. Eu não sabia como comunicar que iria com Alex.

– Algum problema? – ele parou tudo para me olhar com atenção.

– Não, é que... – ajustei mecanicamente os meus óculos, incapaz de manter as mãos quietas. – Eu pensei e gostaria de ficar mais um pouco. Eu e Lana mal conversamos sobre o livro e Dana ficou de me passar uma receita, então...

Eu era mesmo muito covarde. Por que simplesmente não dizia que ficaria para voltar com Alex? Por que eu deixava que meu pai me intimidasse tanto? Mesmo com toda revolta dentro de mim, eu não conseguia agir diferente. Estava acostumada a ter a minha vida guiada pelas decisões dos outros. Era uma

merda mesmo!

– Não.

Assim. Simplesmente não e acabou. Ele nem esperou minha reação, nem aguardou pelos meus argumentos. Meu pai disse não e pronto. Ficou definido. Eu podia sentir a raiva crescendo dentro de mim e subindo pela minha garganta. O calor do meu rosto ardia minha pele. Olhei para os lados evitando um problema maior.

– Por que não?

– Porque não – ele continuou tentando arrumar uma forma de colocar tudo na mala do carro. E nem eram tantas coisas, mas Peter gostava de tudo milimetricamente em ordem.

– Pai!

– Olha, Charlotte – ele levantou me encarando daquele jeito que deixava claro quem tomava as decisões naquela família. – Você quis ser escritora, eu aceitei, quis um namorado e eu tive que aceitar, depois decidi casar, e para mim esta foi a sua melhor decisão até agora, depois voltou atrás e resolveu esperar... quanto tempo mesmo? Ah, um ano! Um ano! Eu não vou te pegar pelo braço e arrastar para a igreja forçando este casamento, mas se você quer saber como é ser namorada de alguém, eu vou ajudá-la com isso. Então não tem essa de ficar para voltar mais tarde com o Alex.

– O quê? – arfei sem conseguir acreditar.

– Exatamente o que você ouviu. Estou fazendo a sua vontade. Na minha época...

– Não estamos na sua época – o movimento brusco me forçou a levantar os óculos para ajustá-los melhor em meu nariz.

– Não importa. Minha época valeu muito mais do que a sua, então na minha casa, e com a minha família, será isso o que vai contar. Agora vá buscar a sua mala porque eu não posso me atrasar.

– Isso não é justo! – protestei me sentindo uma idiota. Uma criança de seis anos que precisava ser conduzida pelos pais.

– Sim, claro! É melhor começar a se adaptar, ou vou aproveitar que suas aulas estão acabando e levá-la para a Inglaterra, assim terei a certeza de que as minhas ordens não serão desobedecidas, mocinha. E você sabe que eu consigo enfiar você naquele avião, então, não me provoque mais do que já

provocou nos últimos dias – ele voltou para pegar a mala de Miranda resmungando coisas como “era só o que me faltava” e “onde já se viu uma coisa como esta?”.

Senti muita raiva. Eu sabia que, se meu pai quisesse, realmente encontraria uma forma de me levar para Londres e só me deixar voltar um dia antes do casamento. Merda! Eu estava com uma imensa vontade de gritar e xingar... contive-me a duras penas. O que eu menos precisava naquele instante era de uma demonstração pura e viva da minha capacidade de ser infantil.

Por isso virei em direção à casa, decidida a pegar a porcaria da mala. Eu não engoliria aquela conversa com tanta facilidade, mas ali não era a hora, muito menos o lugar para iniciar uma briga com o meu pai. Isso só pioraria as coisas. Estava tão nervosa que quase ia passando por Alex sem notá-lo. Precisou que ele me segurasse pelo braço para me deter.

– Ei, o que houve? – olhei para cima encarando seus olhos azuis, de uma escuridão anormal, e de uma profundidade que facilmente me consumia. – Charlotte?

– Alex! – deixei o ar escapar dos meus pulmões e tentei me acalmar. – Desculpe! Eu não te vi.

– Deu para perceber. E o que aconteceu para que ficasse tão transtornada? – ele me encarava com preocupação, mas eu fiquei envergonhada. Era ridículo o que tinha acontecido. – O que foi amor? Você vai chorar?

Por que os homens sempre entram em pânico quando uma mulher ameaça chorar? Alex especialmente. Ele sempre se assustava quando eu chorava. Ficava sem saber o que fazer para evitar. Respirei fundo impedindo que as lágrimas caíssem e mexi nos meus óculos como uma distração.

– Meu pai, às vezes, me tira do sério.

Vi meu noivo relaxar completamente. Ele me olhou com conforto. Era como se estivesse me dizendo que tentou me avisar e que eu não quis saber.

– O que ele fez?

– Eu falei que poderia voltar com você mais tarde. O que tem de mal nisso? Nós somos noivos, não somos? Para que aceitar um passo tão importante quanto este se não posso nem ficar mais um pouco com você? Mas não. Ele tem que sustentar a sua posição de homem das cavernas e me impedir.

– Eu acho que os homens das cavernas aceitavam com mais facilidade os relacionamentos das

filhas. Além do mais, bastava uma porrada na cabeça da escolhida e estava feito, eles estavam casados – ele sorriu despreocupado para mim e cruzou os braços no peito, recostando-se na parede. Revirei os olhos.

– Que seja, Alex. Você entendeu o que eu quis dizer – ele riu baixinho.

O silêncio que se seguiu após esta conversa me deixou incomodada. Alex me olhava com atenção, sem nada dizer. Eu precisava buscar minha mala, mas não queria me despedir. Dei um passo diminuindo a distância entre nós dois. Ele não se moveu, apenas aguardou.

– Você vai ficar?

– Só mais um pouco – sua calma e aceitação estavam me deixando louca.

– Por que você não conversa com meu pai e...

– Charlotte, eu não vou questionar o Peter sobre uma determinação dele. Não pedi você em casamento para tirar dele a autoridade de pai.

– Mas você é meu noivo! – eu odiava aquela resignação, a forma como Alex simplesmente aceitava.

– E você disse que não precisava de um segundo pai. Eu não vou exercer este papel, prefiro ser seu namorado. Não era o que você queria?

– É o que eu quero, o que não significa que eu tenha que viver um namoro do século dezoito.

– Para o seu pai significa sim e nós já sabíamos disso.

– Merda, Alex! Como você pode ser tão frouxo?

Ele riu. Puta que pariu! Alex riu. Achou graça daquela situação. Achou graça de sermos impedidos de ficar juntos. Eu juro que poderia matá-lo.

– Isso não é engraçado! É desesperador.

Ele continuou rindo e me puxou para seus braços. Desviei o rosto na hora em que me beijaria. Estava muito furiosa para beijá-lo. Estava mais do que furiosa, porque me dei conta de que Alex estava adorando aquilo tudo, simplesmente porque acreditava que assim eu cederia mais fácil.

Merda!

– Deixe de bobagem, Charlotte – mordiscou meu pescoço como reprimenda por eu não o deixar me

beijar. – Pelo que conheço do seu pai, vai demorar um pouco até que possamos nos beijar com liberdade outra vez – gemi um protesto que me sufocava.

– E você está adorando isso – acusei empurrando-o pelo peito. Alex sorria como se aquele fosse o seu dia. – Não pense que conseguirá me convencer a aceitar...

– Eu não penso em nada, amor – voltou a tentar me beijar e eu recuei. – Aliás, eu penso em uma coisa. Penso muito em uma coisa.

Não sei por que, mas aquelas palavras fizeram minhas pernas fraquejarem e instantaneamente eu desisti de lutar. Seus olhos lindos estavam fixos em meus lábios. Involuntariamente passei a língua por cima, umedecendo-os e Alex mordeu o dele. Porra, como eu podia me render tão fácil?

– E no que você pensa tanto? – eu me odiei pela voz fraca que revelava o quanto eu estava entregue.

– Quando poderei ter você outra vez em minha cama.

Prendi o ar me dando conta do quanto eu ansiava pelo mesmo. Era o meu plano, poder ficar mais um pouco com ele, sem mais ninguém, como fazíamos quando ainda éramos apenas professor e aluna. Aparentemente Alex parecia querer cooperar para que tudo desse errado.

– Quando poderei te tocar outra vez sem medo de que alguém esteja olhando.

– Poderia ser hoje mesmo, mas... – desafiei meu noivo, encarando-o com a sobrancelha erguida.

– Mas você escolheu ser a minha namorada – ele rebateu sem se abalar. – Poderia ser diferente se...

Era realmente difícil lutar contra Alex. Ele sabia o que dizer, o que fazer, para vencer aquela guerra, enquanto eu só podia usar a minha decisão como arma. Todos estavam loucos. Não havia outra explicação. Ninguém em sã consciência casa em tão pouco tempo. Eu até esperava isso do meu pai, afinal de contas, toda a sua perseguição já deixava claro a sua insanidade, mas nunca de Alex.

Para falar a verdade eu nunca esperei que ele um dia me quisesse, quem dirá que desejasse com tanto afinho se casar comigo.

Enquanto eu pensava em tudo o que podia utilizar para conseguir persuadi-lo, senti seus lábios nos meus e então me esqueci de tudo. Não havia argumento que impedisse aquele beijo, nenhuma resistência,

nenhuma barreira, porque eu já sentia a falta dele antes mesmo de viver a sua ausência. Só então me dei conta de que seria realmente uma tortura, e a ideia do casamento já não era mais tão estranha.

Ah, Alex! Por que tudo tem que ser tão complicado?

Quando éramos apenas nós dois, quando ninguém sabia o que fazíamos, era muito mais fácil. Definitivamente mais fácil. Porém, ali em seus braços, deixando-me levar pela delícia que era beijá-lo, eu entendia que nunca mais seria como antes.

– Case comigo – ele repetiu pela milionésima vez.

A voz rouca e sofrida, sem fôlego e em dor por ter que afastar os lábios dos meus. Antes que eu conseguisse parar para pensar em seu sofrimento, ele sorriu, quebrando todas as minhas dúvidas. Ele sorria daquela forma única, daquele jeito que conseguia me derreter. Seu sorriso era tão adequado aos seus olhos, era tão harmônico! Alex era a sensação de leveza, de simplicidade, de facilidade e eu me sentia flutuar em um céu azul e calmo, quando ele me olhava daquele jeito e sorria.

– Convença meu pai a me deixar ficar – seu sorriso se ampliou e ele me largou sem deixar de me olhar.

– É uma condição?

Eu sabia que aquele caminho era arriscado. Não poderia aceitar aquela loucura apenas para conseguir mais algumas horas ao seu lado. E se eu dissesse “sim”, não haveria mais volta. Nunca poderia iludi-lo a tal ponto e voltar atrás depois de conseguir o meu intento. Eu jamais jogaria tão sujo com Alex. Ele entendeu a minha resposta antes mesmo de eu dizê-la.

– Então quando você estiver pronta, conversaremos – respirei fundo me conformando com a situação. – Vamos, vou te ajudar com suas coisas – ele me conduziu pela porta da casa, a mão em minhas costas, mas sem se aproximar demais.

– Todos vocês são loucos – ajustei meus óculos tentando me adaptar à nova armação e me dando conta, pela primeira vez, de que preferia a antiga.

– Eu sei que estou – ele me olhou pelo canto dos olhos e ampliou o sorriso. – Você está realmente me enlouquecendo.

E seus dedos se cercaram da minha cintura levando-me para mais perto.

ALEX

Charlotte entrou no quarto, deixando a porta aberta em um convite explícito. Respirei fundo antes de entrar, sabendo que ali ela conseguiria ser muito mais persuasiva e eu era um fraco assumido.

Para ser sincero eu adorava ser o fraco naquela história se ela continuasse sendo a razão. Eu nunca cansaria de ceder aos encantos daquela menina.

Porém eu sabia que precisa arrumar motivos fortes para mantê-la afastada por um tempo. Fazia parte do plano e se eu queria que Charlotte aceitasse casar comigo o quanto antes, a distância era a minha melhor arma.

– Eu te vejo ainda hoje? – ela parou hesitante, ao lado da cama. A mala estava no chão, bem próxima ao pé da minha noiva. – Quer dizer, o feriado acabou e hoje é um dia normal para todos que trabalham, então acredito que funcione da mesma forma para você – deu de ombros. Imaginei se ela estava tentando não me pressionar.

– Eu queria mesmo conversar sobre isso com você, Charlotte – sentei na cama, dando dois tapinhas do lado para que ela fizesse o mesmo. – Hoje eu tenho duas reuniões importantes, uma relacionada à editora, inclusive Patrício está indo embora antes, para organizar tudo, e a outra é na faculdade, que vai me tomar a maior parte do tempo.

– Então você não irá me ver mais tarde – ela afirmou tentando esconder a decepção.

– Eu preciso cuidar de algumas coisas que vão demandar muito tempo. Não será fácil nem simples passar o cargo para Lana, também tenho compromissos agendados que precisam ser cumpridos.

– E onde exatamente você quer chegar, Alex? – ela me encarava já incomodada com a conversa. Puxei o ar decidido a dizer logo tudo de uma vez por todas.

– Na sua paciência – ela franziu o cenho, e eu alisei seu cabelo, consciente de que aquele afastamento seria terrível. – Preciso que você seja paciente comigo, Charlotte. Não será fácil ficar longe. Se seu pai não fosse tão intransigente, eu te levaria comigo, mas ele...

– Me levaria? – minha noiva ficou na defensiva.

– Vou precisar passar alguns dias em São Paulo – ela abriu a boca para responder, mas fechou logo em seguida, absorvendo o que eu dizia.

– Você vai viajar?

– Sim. Tenho compromissos importantes e você precisa estudar para as últimas provas...

– Quantos dias?

– Acredito que cinco, mas pode ser que eu precise ficar um pouco mais.

– Cinco dias? – ela praticamente gritou.

– Compromissos, Charlotte. Não tem como cancelar, nem eu quero fazer isso. É o meu trabalho.

– Quando você viaja?

– Amanhã – ela saiu e caminhou até a cama.

Não consegui evitar o sorriso, aproveitando que ela estava de costas para mim. Eu estava jogando da forma certa, usando as armas corretas e já me sentia vitorioso.

– Quase uma semana sem ver você – ela resmungou.

– Antes você não se incomodava em ficar alguns dias sem me ver. Quando Peter chegou na cidade...

– Era diferente, Alex – ela voltou a olhar para mim e eu tive que recompor minhas feições para não estragar tudo.

– Vem aqui – levantei a mão para ela, que obedeceu imediatamente. Coloquei minha noiva em meu colo. – Eu também vou sentir a sua falta – acariciei seu rosto com cuidado. – Está vendo? É por isso que eu quero tanto este casamento.

– Daria no mesmo – ela rebateu levantando do meu colo. – Primeiro: não estaríamos casados amanhã, então você viajaria sozinho da mesma forma. Segundo: eu preciso fazer as provas, ou seja, daria no mesmo.

Charlotte estava aborrecida, no entanto não foi como eu esperava. Ela compreendeu rápido demais, da mesma forma como também arrumou as desculpas exatas para rebater o meu argumento.

– Eu terei outras viagens e você continuará não podendo me acompanhar – ela mordeu as bochechas e desviou os olhos dos meus.

– Vou dar um jeito – ri. Charlotte era incrível!

– Ah, vai?

– Vou. Eu vou. Pode ter certeza. Pelo visto, se depender de você eu volto a ser virgem – ri sem vontade de rebater. Era melhor deixá-la com todos os seus planos. Os meus já me dariam trabalho suficiente. – Vai me ajudar com a mala? Vamos logo antes que meu pai fique louco de vez.

– Não – levantei puxando-a para mim. – Eu vou te beijar logo, porque isso sim pode enlouquecer o seu pai, então...

Colei meus lábios nos dela e não encontrei nenhuma resistência. Charlotte amoleceu em meus braços, a boca entregue ao beijo, aceitando minha ansiedade e retribuindo com toda a saudade que já previa sentir. Sua língua tocou a minha e eu gemi faminto pelo seu gosto. Sem me controlar, colei o corpo dela ao meu, aproveitando cada centímetro.

Minha mão alcançou sua nuca, prendendo-se aos fios sedosos e mantendo sua boca onde eu queria. Foi a vez de Charlotte gemer em meus lábios. Eu sentia meu corpo começar a reagir, o desejo fluindo em minhas veias. Suas mãos pequenas passearam pelas minhas costas com posse, como se quisesse levar daquele momento o máximo possível de recordações.

Charlotte ficou nas pontas dos pés, tentando igualar as nossas alturas e se prendeu em mim assim que sentiu meu pau pronto para satisfazê-la. Como uma gatinha manhosa, ela se enroscou em meu corpo, roçando levemente, o atrito de nossos jeans impedindo o contato e, ao mesmo tempo, possibilitando um roçar mais intenso.

Desci uma mão até a sua bunda e a puxei para que fosse mais concreto, fazendo-a sentir o quanto eu estava excitado. Minha mão estava exatamente no centro da sua bunda, espalmada, buscando o máximo dela. Os dedos apertando a carne macia e tocando os pontos protegidos, da maneira como eu sabia que a enlouqueceria.

E claro, enlouquecia-me na mesma proporção.

Eu realmente passava da medida quando percebia Charlotte tão entregue a ponto de esquecer onde estava e tudo o que poderia acontecer. Ela era exatamente assim, brincava com fogo, arriscava-se, e nunca de maneira intencional, era apenas a sua incapacidade de se conter, de impedir que o desejo

ditasse seus passos e assumisse as rédeas da situação. Ela simplesmente fechava os olhos e se entregava.

Então cabia a mim tomar aquela decisão. Era inevitável parar. Era necessário. Charlotte gemeu desgostosa e eu me impedi de fazer o mesmo. Tirá-la dos meus braços foi uma tortura, no entanto, continuar era impossível.

– Perdeu a noção do perigo? – sussurrei enquanto a afastava, mantendo-a distante por um braço.

– Eu não me importo – ela tentou avançar outra vez e eu não permiti.

– Eu sei que não – sorri saboreando aquelas bochechas rosadas, o descer e subir dos seus seios demonstrando a respiração irregular. – Mas eu sim. Não quero que seu pai nos surpreenda em uma situação tão delicada.

– Pro inferno!

Charlotte se atirou em meus braços voltando a colar seus lábios nos meus. Aproveitei mais alguns segundos daquele sabor inconfundível e incomparável, antecipando a saudade que certamente sentiria, até que se tornou necessário afastá-la novamente.

– Alex! – ela gemeu em súplica.

– Não faça isso comigo, menina!

– Vá me ver hoje – suas palavras saíram com uma urgência que quase me fez desistir.

Ah, Charlotte, eu seria capaz de tudo para atender a um pedido seu, mas havia a minha promessa e a decisão de ajudar Peter em algo tão importante. Eu precisava me afastar.

– Não posso, amor.

Ela gemeu outra vez, mordendo os lábios com tristeza e angústia. Acariciei seu rosto, sem ousar me aproximar. Minha noiva passou a mão pelo cabelo, o rosto demonstrando sua apreensão. Ela puxou o ar com força e me encarou.

– Diga que isso não é um plano para me fazer aceitar, Alex. Jure que não está forçando a barra.

Senti meu rosto empalidecer. O que eu poderia dizer? Não tinha como contar a verdade, pelo menos não o motivo mais forte para eu ter topado participar daquele jogo.

– Eu não disse que facilitaria, Charlotte – tentei ser verdadeiro até onde poderia ser. Não era uma mentira, era apenas uma meia verdade. – Eu não estou fingindo um afastamento. Preciso mesmo trabalhar,

dar o máximo possível para que esta transição não traga prejuízos para a empresa, além de me dedicar enquanto posso.

Ela voltou para os meus braços, agora sem o fogo de antes, havia apenas os seus medos e dúvidas. Charlotte deitou a cabeça em meu peito e eu afaguei seu cabelo.

- Vamos, seu pai deve estar irritado.
- Problema dele – rebateu ao afundar o rosto em meu peito. Ri constatando como ela, às vezes, parecia ser ainda mais jovem do que era.
- Não seja infantil, Charlotte.
- É só o que eu sei ser. E estou no meu direito.
- Está? – ela levantou o rosto, encarando-me de baixo.
- Estou. Vou passar uma semana sem você, então tenho direito de mandar qualquer um para o inferno – ri e beijei aquela menina que conseguia tirar todo o meu juízo, para o bem e para o mal.

CAPÍTULO 14

“Se você ama algo ou alguém, deixa que parta. Se for seu, voltará; se não, é porque jamais seria.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

– Então, eu estava pensando em irmos todos juntos à igreja hoje à noite. O que me dizem?

Johnny abaixou a cabeça e virou o rosto em minha direção com um sorriso imenso. Depois colocou a língua para fora e rolou os olhos, fingindo que morria. Eu ri, escondendo do meu pai o que estava fazendo.

– Eu acho uma ótima ideia – minha mãe falou por nós todos.

Miranda continuou calada. Ela não tinha dito nada desde a hora em que Patrício entrou no carro e partiu, alguns minutos antes da gente. Pelo visto as coisas não estavam nada boas entre eles.

– Eu tenho uma aula importante no final da tarde – Johnny falou com toda seriedade que um rapaz responsável poderia incutir em sua voz. Meu pai o buscou pelo retrovisor.

– Uma aula no final da tarde?

– Sim, padrinho. Para fechar o semestre. E amanhã tenho duas provas – vi meu pai concordar e deixar para lá.

– E você, Charlotte?

Bom, eu não estava muito certa se queria ir à igreja. Primeiro, porque nos últimos tempos eu me sentia a pior de todas as pecadoras, mesmo tendo consciência de que sexo não era pecado. Segundo, porque meus pensamentos estavam todos em Alex e na falta que eu já sentia dele, além do medo de como seria essa semana afastados.

Olhando para o relacionamento de Miranda e Patrício, vendo o quanto eles estavam estranhos, mesmo depois daquela demonstração toda de amor eterno, eu me sentia temerosa. Será que Alex seria tão fugaz quanto o irmão? Pelo visto, Patrício estava assustado com a possibilidade de um relacionamento sério, principalmente depois do que eu e Alex assumimos.

– Charlotte?

– Ah, eu tenho duas provas amanhã também, pai. Poderíamos ir no final de semana.

– Alex gosta de ir à missa? Tem alguma religião?

Fiquei alguns minutos pensando no assunto. Eu não sabia a resposta. Aliás, eu pouco sabia da vida do meu noivo e pensar nisso me deixou incomodada. Eu desconhecia o que Alex gostava, a sua cor preferida, qual era a sua rotina, se ele tinha um grupo de amigos de infância, onde tinha estudado... Eu não sabia nada. E ele também não sabia nada a meu respeito. Mesmo assim, estávamos noivos.

Eu só podia estar louca.

– Não sei, pai – admiti.

– E Patrício, Miranda? – minha amiga parecia ter acabado de despertar de um sonho. Ela piscou, olhando-me sem entender. – Ele frequenta a igreja?

– Ah, não. Eu acho que não – disse mecanicamente.

– Você também tem prova amanhã? – meu pai perguntou com um pouco mais de interesse.

– Sim, padrinho – e ela respondeu sem emoção, o que me deixou bastante preocupada.

Olhei para o celular ansiosa por uma mensagem de Alex, algum indício de que quisesse conversar, qualquer coisa que me levasse a nossa bolha, mas o sinal estava horrível. Então acoplei os fones no monitor e me concentrei no filme que estava passando.

ALEX

Eu aguardava pelo Professor Carvalho na linha telefônica. Ele estava saindo de outra reunião e ainda estava se despedindo de alguns professores, então a sua secretária me deixou esperando. Depois de alguns minutos, ele me atendeu.

– Alex! – Sua voz estava preocupada. – Pensei que não conseguiria conversar com você antes da reunião.

– Como vai, Arthur?

– Sentido com a mensagem que recebi. O que aconteceu?

– É uma situação um pouco delicada e eu gostaria de conversar pessoalmente sobre o assunto.

– Entendo. Então acho que vou aguardar até que você possa me explicar, só depois encaminharei seu pedido de exoneração.

– Mas, Arthur...

– Tenho que entender, Alex. Eu sei que a decisão final será sua, mas eu preciso ter a certeza de que realmente não há nada que possa fazer para impedi-lo. Fui informado na secretaria que João Pedro assumiu o trabalho final de Charlotte Middleton e que assinou a aprovação do projeto, sustentando a sua avaliação. Devo imaginar que este fato esteja diretamente ligado à sua solicitação de desligamento? – respirei fundo passando a mão no rosto para clarear as ideias.

– Sim. Está sim. Mesmo assim eu prefiro me justificar pessoalmente.

– Tudo bem. Encontro você hoje? Como ainda não foi exonerado, acredito que deva comparecer à reunião.

– Se você achar necessário... Só não poderei me prolongar, pois tenho outros compromissos agendados – ele riu um pouco.

– Claro. Gostaria de te pedir para agendar um dia para a nossa conversa.

– Faça isso assim que chegar.

– Vejo você mais tarde.

– Até lá.

Ele desligou e eu continuei onde estava, analisando toda a situação e de que forma poderia expô-la sem prejudicar Charlotte, ou a minha carreira. Aquele era mais um problema que eu precisava resolver, e o quanto antes, pois Anita com certeza tentaria estragar tudo.

– Você vem? – Lana colocou a cabeça para dentro do quarto, do jeito que fazia quando éramos crianças.

– Vou sim. Estava só organizando algumas coisas.

– E mandando mensagens para Charlotte. Ela mal foi embora e você já está ansioso para colocar suas mãos na garota – ri guardando o celular no bolso.

– Não, eu estava mesmo trabalhando. Resolvendo algumas coisas da faculdade. Tenho reunião no *campus* hoje.

– Ah! – ela me avaliou por um tempo. – Está tudo bem?

– Sim. Carvalho está um pouco relutante em me liberar, ele ainda não sabe os motivos, então preciso aguardar.

– Vai mesmo se demitir?

– Vou. Quer dizer... – saí de perto da janela sem saber ao certo o que eu sentia quando o assunto era parar de dar aulas. – É o mais certo a ser feito, não é?

– Não. Relacionamentos entre professores e alunos é mais comum do que você imagina. E Charlotte não é mais nenhuma menina indefesa. Ela sabia muito bem o que estava fazendo. Sem contar que vocês vão se casar.

– Anita vai fazer questão de deixar esta história o mais feio e sujo que puder.

– Ela pode tentar, mas não vai conseguir – eu não tinha tanta certeza a este respeito, por via das dúvidas pedi internamente para que fosse verdade. – Já falou com a Simone? – pisquei confuso com a mudança repentina de assunto.

– Sim. Ela confirmou as reuniões de hoje e a viagem de amanhã.

– E posso saber por que tantos dias em São Paulo? – Lana não estava mesmo disposta a facilitar para mim. Ela cruzou os braços na frente do corpo, demonstrando que não aceitaria qualquer resposta.

– Porque é necessário – ela fez um muxoxo, revirando os olhos. – Preciso realmente acompanhar a Cibele, não nos vemos desde o lançamento do livro dela e pouco conversamos desde então. Sem contar que o José Márcilio pediu uma reunião, e tem aquele encontro literário da Ammy Stuart com alguns dos nossos melhores autores...

– Que você combinou que a Catarina poderia acompanhar. Nós só faríamos parte do encontro do Rio.

– Sim, mas já que estarei por lá... – dei de ombros sem querer confessar que buscava motivos para ficar longe.

– Alex... – ela andou em minha direção parando à um passo de mim. – E Charlotte?

– O que tem ela?

– Vai ficar tanto tempo sem você?

– Uma semana, Lana! – ri desconfortável com a forma como ela me encarava.

– Sei – minha irmã entortou a boca, depois desistiu.

– Então, já que você está decidido...

– Podemos descer? Eu estou faminto – menti para tirá-la do meu encalço.

– Claro! – ela segurou em meu braço e me guiou para fora do quarto. – Mamãe disse que você está muito magro...

E começou a falar uma infinidade de assuntos, emendando um no outro, enquanto minha cabeça estava em um único lugar: Charlotte.

CHARLOTTE

Desliguei a luz do abajur e me acomodei melhor na cama. Não havia posição que me deixasse mais confortável. Alex não tinha ligado, apenas enviado uma mensagem avisando que precisaria deixar o celular mudo, pois entraria em reunião, caso eu precisasse, poderia entrar em contato com a Simone, a sua secretária, que ela daria um jeito de avisá-lo.

Lógico que eu não ligaria. Tinha consciência de que era absurdo ligar apenas para dizer que sentia falta dele, mas eu estava angustiada. Mensagens tornavam tudo tão frio e impessoal! Eu sabia que já havíamos nos comunicado daquela maneira, mas foi antes, não depois de... um calor familiar aqueceu o meu coração.

Porra, nós tínhamos transado! Não apenas uma vez, foram muitas vezes e cada uma delas de formas diferentes, despertando sentimentos estranhos e sensações desconhecidas. E foi incrível! Todas foram incríveis, e em todas Alex foi um homem diferente.

Mordi o lábio. Eu sentia a falta dele de todas as formas possíveis. Era péssimo voltar para a minha cama vazia depois de algumas noites na cama do meu noivo. Talvez Alex tivesse razão. Talvez o casamento fosse a única alternativa de aplacar todas as minhas vontades.

Como me casar, se eu nem sabia se ele acreditava em Deus? Se eu nem tinha ideia de para qual time ele torcia, qual era a sua comida predileta e quantas vezes na semana ele costumava visitar a mãe? Essas eram coisas que uma boa esposa deveria saber, não? Eram, no mínimo, coisas que uma mulher deveria saber a respeito do homem com quem se casaria.

Não que fosse mudar alguma coisa em nossas vidas, mas certamente acrescentaria. Eu não sabia nada sobre ele, e mesmo assim o amava com tamanha intensidade que estava à beira de me jogar naquela loucura de casamento só para poder estar ao seu lado sempre que tivesse vontade. Tantas e tantas vezes que Alex enjoaria de mim.

Alex enjoaria de mim.

Putá merda!

Quantos casais apaixonados você conheceu, que juraram amor eterno e se separaram dois meses depois por causa da incompatibilidade de gênios, objetivos, ideias e até mesmo agendas? Quantas vezes você testemunhou casais casados há muitos anos que mais pareciam dois estranhos do que pessoas que se amavam a ponto de se suportarem por tanto tempo?

Virei para o outro lado e puxei o cobertor até os ombros. Não era para ser assim. Não mesmo! Com certeza, meu pai estava enlouquecendo Alex, cobrando o casamento, fazendo ameaças e sabe Deus mais o que ele era capaz de fazer para garantir a minha virgindade até eu subir no altar.

Que tolo!

Ri sozinha. Se ele soubesse o que eu andava fazendo com o meu professor. Se imaginasse as coisas que Alex tinha me ensinado... outra vez o calor familiar voltou a me aquecer.

Na escuridão do quarto, a luz do meu celular chamou imediatamente a minha atenção. Quase pulei da cama, pegando o aparelho ansiosa para saber o que Alex havia enviado. Mas, para minha decepção, não havia mensagem do meu noivo e sim uma mensagem ridícula do Johnny.

“Aposto que pensou que era o seu professor kkkkk”.

Fechei os olhos contendo a minha raiva. Johnny era mesmo um cretino, um imbecil! Digitei imediatamente uma mensagem.

“Idiota!”

“Posso até imaginar o seu rosto ao ver a minha mensagem”.

“Por que você não vai para o inferno?”

Deixei o celular de lado e deitei novamente. Ainda vi a luz acender algumas vezes e tentei ignorá-la. Cansada de ficar apreensiva, já que Alex poderia realmente me enviar uma mensagem, peguei o aparelho outra vez. Três mensagens do Johnny. Revirei os olhos conferindo-as.

“Eu quero te contar uma coisa”. “Lottie, é sério!”. “Você ainda está aí? ”

Ri digitando uma mensagem.

“Não. Estou dormindo e você está me atrapalhando. Não quero saber da sua vida sexual. Boa noite!”

Ele demorou um pouco a responder, mas finalizou com um “boa noite, gostosa” que eu nem me dei

ao trabalho de responder. Virei para o lado e me perdi em pensamentos com o meu futuro marido, preferindo ignorar por completo a luz que continuava acendendo alertando-me de novas mensagens.

ALEX

Entreguei minha habilitação à atendente, que sorriu para mim como se eu fosse algo comestível. Vi seu rosto corando à medida que ela tentava se concentrar no seu trabalho e ao mesmo tempo encontrar algo de interessante para falar comigo.

– Só esta bagagem, senhor?

– Sim.

Só porque ela estava visivelmente constrangida, continuei olhando-a fixamente, e me diverti vendo-a se atrapalhar com as mãos na hora de colocar a etiqueta na minha mala. Ela me olhou ligeiramente e sorriu, mordiscando o lábio inferior. Este gesto me fez lembrar de Charlotte e na minha frustração por não ter conseguido falar com ela antes da viagem.

– Destino São Paulo, aeroporto de Congonhas, confirma?

Arqueei a sobrancelha confirmando apenas com a cabeça. Ela sorriu demonstrando timidez e voltando sua atenção para a tela. Eu já tinha desistido de brincar com a garota, todos os meus pensamentos estavam voltados para Charlotte e a vontade que eu tinha de largar tudo para ficar apenas em seus braços.

– Embarque em trinta minutos. Mais alguma coisa? – seu olhar esperançoso me fez rir. Se fosse em outra época, no mínimo eu pegaria o telefone dela, e no máximo... Como eu disse: em outra época.

– Não.

– Boa viagem! – ela falou desanimada, entregando-me a minha liberação. Sorri educadamente.

– Obrigado!

Passei pelo portão de embarque sem querer aguardar pelo tempo que ainda me restava. Com o celular na mão, eu me forcei a não conferir a cada minuto se ela tinha enviado alguma mensagem. No que eu havia me transformado? Um adolescente apaixonado aos trinta e cinco anos.

– Relógio, corrente, cinto, a pasta...

O segurança à minha frente indicava tudo o que eu deveria colocar na bandeja e eu o fiz

automaticamente, ficando longe do celular pela primeira vez desde que eu tinha acordado. A mulher do outro lado do detector de metais também me olhou com um pouco mais de atenção quando tive que levantar a camisa para ajustar o cinto.

Sorri ao pegar o celular. Era divertido observar quantas mulheres ficavam encantadas comigo durante o dia. Esta nada falou, nem tentou chamar a minha atenção, apenas observou o que eu fazia.

Caminhei até a sala de embarque, sentei em uma das cadeiras enquanto aguardava a chamada para o meu voo e peguei meu celular para ler as notícias do dia. Foi quando ela me ligou. Meu coração ainda teve tempo para atrasar alguns milésimos de segundos antes de bater aceleradamente. É, eu realmente era um adolescente apaixonado.

– Oi! – senti-me um idiota fazendo aquela voz melosa, mas era como eu estava me sentindo, então apenas agradei por não ter ninguém ao lado.

– Bom dia! – sua voz de sono me fez ter vontade de abraçá-la. – Não vi sua mensagem ontem, desculpe. Onde você está?

– No aeroporto. Embarco em poucos minutos – ela soltou um gemido de desgosto e eu sorri. – Você tem prova hoje?

– Tenho sim. Duas – bocejou parecendo uma criança.

– E estudou? – ela riu baixinho.

– Sim, professor Frankli – eu podia ver Charlotte revirando os olhos para mim. – Na verdade, tenho que tomar um banho agora mesmo se não quiser me atrasar – sem perceber, umedei o lábio inferior por causa da imagem de Charlotte tomando banho que se projetou em minha cabeça.

– Eu adoraria poder te ajudar – ouvi alguns barulhos que pareciam ser dela levantando da cama. Minha noiva riu baixinho e, quando falou novamente, sua voz ecoava de leve, dando a ideia de que ela já estava no banheiro.

– Seria um prazer. Aliás, já que está tão preocupado com os meus estudos, vou aproveitar para avisar que farei o meu dever de casa enquanto você estiver tão longe.

– Como assim? – ri observando uma fila se formar um pouco mais adiante para a entrada no avião.

– Esqueceu que quando começamos a... hum... nos relacionar, você me deu uma tarefa para casa?

Pensei no assunto, a princípio sem saber do que ela falava. Rapidamente entendi e... Puta que pariu! No mesmo momento, minha garganta inchou me impedindo de engolir direito e meu pau começou a reagir.

– Você vai... – tive cuidado em manter a voz baixa.

– Hum, hum – aquele som demonstrava o quanto ela era uma menina travessa, que faria qualquer coisa para tirar o meu juízo. Puxei o ar com força e de maneira ruidosa.

– Puta merda, Charlotte! Tem noção do que está fazendo comigo?

– Não. Mas tenho ideia do que pensar em você faz comigo.

As imagens daquela tarde em que Charlotte, ainda apenas minha aluna, aprendendo a conhecer o próprio corpo, masturbou-se para mim, em meu sofá, desfilavam em minha mente me fazendo perder completamente o foco. Agradei pela calça jeans que impedia que meu pau tivesse maior liberdade para se expandir. Até o incômodo do aperto do material era bem-vindo para me distrair.

Olhei para frente me certificando de que ninguém prestava atenção em mim. Era justamente nessas horas que deslumbrar as mulheres não ajudava muito. Como a que estava na fila me encarando sem nenhum pudor e comentando com a amiga coisas que eu nem queria imaginar.

– Alex?

Pigarreei tentando melhorar a minha voz.

– Oi, amor – falei tão baixo que fiquei em dúvida se Charlotte tinha ouvido. – Eu realmente queria saber o que pensar em mim causa em você, só gostaria de estar presente para me certificar pessoalmente.

– Eu posso narrar para você – ela provocou e eu não pude evitar a onda de desejo que varreu o meu corpo.

– Menina! – adverti, embora deva confessar que estava gostando do que ela sugeria. – Tem muitas pessoas perto de mim.

– Eu sei.

Eu podia imaginar com perfeição aquele rosto lindo, corado, salientando suas sardas maravilhosas. Seus dentes mordendo o lábio inferior e seus olhos tímidos desviando dos meus, demonstrando o quanto ela estava sem graça, e, ao mesmo tempo, sem recuar nem um centímetro daquela decisão.

– Isso é provocação demais, Charlotte.

Inclinei-me para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Minha mão correu minha nuca e eu estava completamente perdido entre aceitar aquele jogo ou impedi-la de continuar.

– Exatamente, professor Frankli.

Olhei outra vez para frente, conferindo o número de testemunhas possíveis. Meu sorriso foi inevitável. Eu estava excitado demais para voltar atrás.

– Tudo bem.

– Tudo bem? – ela falou surpresa e eu ri baixinho.

– Que foi? Tá com medo? Não tem ninguém te olhando, amor.

– Em compensação tem muitas pessoas perto de você – ela parecia achar engraçado, mas a sua voz entregava que também estava excitada com a nossa travessura.

– Eu sei – inverti nossas posições devolvendo a ela a mesma resposta que me deu. – Vai amarelar?

– Isso é provocação demais, professor.

– Exatamente, aluna.

Ela ficou calada. Respeitei o seu silêncio. Apesar da ansiedade que aquela brincadeira me causava, eu estava com receio do que poderia acontecer. Eu tinha consciência de que qualquer pessoa que ouvisse a nossa conversa poderia me processar por atentado ao pudor.

– Charlotte?

– Estou aqui.

Percebi a mudança em sua voz. Era sutil, porém impossível de ser ignorada. Sua respiração estava mais presente e rápida, a voz ligeiramente rouca, hesitante, mas decidida.

– E então?

– Onde quer que eu toque? – demorei dois segundos para digerir a pergunta.

Eu podia pensar em muitos lugares onde ela poderia se tocar exclusivamente para mim. Muitos lugares onde eu adoraria vê-la escorregando a mão, buscando o seu próprio prazer, só que jamais poderia dizer aquilo em público e em voz alta.

– Onde você está?

– Na minha cama.

– Eu não posso falar como quero. Vou acabar chamando atenção e a proposta foi você narrar o que faria e não obedecer ao meu comando – provoquei. Ela ficou mais um pouco em silêncio, até que o quebrou decidida.

– Esta noite eu dormi só de calcinha – começou deixando-me mudo só de imaginar seu corpo alvo e maravilhoso apenas com uma pequena peça. – E acordei pensando em você, em como me toca, me beija – ela falava com voz mansa, meiga e manhosa, tudo o que me deixava alucinado. – Você sabe como eu fico quando penso nessas coisas.

– Fale para mim.

– Molhada... e... quente.

Respirei fundo me ajeitando melhor na cadeira desconfortável. Eu estava tão duro que poderia ter um orgasmo se apenas passasse minha mão em meu pau. Pensar em Charlotte quente e molhada me fazia ter vontade de tocá-la. De deslizar minhas mãos pelo seu corpo delicioso.

– E você gosta disso – ela me provocou.

– Eu adoro!

Tentei não parecer tão desesperado, quando a verdade era que eu estava a ponto de desistir da viagem, arrombar a porta da casa dela e sequestrá-la.

– Então... o lençol fica roçando meus seios e eles estão... rígidos.

Percebi que ela tentava esconder a vontade de gemer e me peguei imaginando se ela estaria mesmo se tocando.

– E é bom? – eu precisava focar em algo, não deixar que aquela brincadeira me desestruturasse.

– Muito! – Charlotte gemeu e fiquei louco.

– Ah, amor! Vamos parar com esta brincadeira.

Ela gemeu com dengo, e em seguida me presenteou com um leve sussurro que escapava involuntariamente dos seus lábios. Porra, por que provoquei a menina? Eu sabia que Charlotte jamais recuaria, que seria capaz de tudo para me enlouquecer.

– Gosto de tocar os meus seios – ela continuou. – Se eu fechar os olhos consigo fingir que é você.

– Ah, Deus! E você faz isso com frequência? – como um miserável, eu me vi investir no jogo.

– Hum, hum!

Eu podia jurar que aquele som escapou dos seus dentes quando eles morderam seus lábios. Podia ver Charlotte de olhos fechados, os dedos finos e pequenos tocando os seios fartos e saborosos.

– Gosto de me masturbar pensando em você.

Put. Que. Pariu!

– Ah, Charlotte! Vamos parar por aqui. Eu me rendo. Não tenho condições de seguir com a brincadeira.

– Não quer saber o que estou fazendo agora?

Olhei ao meu redor. Eu parecia um viciado ansioso por mais uma dose. Só mais uma. Sabia que não poderia ir até o final. Era perigoso demais. Mas eu podia dar mais um passo, não poderia? Só mais um.

– Quero – mantive os olhos fixos na fila que só aumentava.

– Meus dedos estão dentro da minha calcinha – oh, droga! – Alex!

Meu nome foi dito com uma reverência capaz de enlouquecer qualquer homem. Ela sussurrou “Alex”, não para que eu tivesse consciência da nossa conversa, e sim porque estava entregue demais para perceber o que estava dizendo.

– Amor, não faça isso comigo – supliquei desesperado.

Eu estava com uma puta ereção e nem poderia me masturbar para aliviar a tensão. Porra!

– Alex! – desta vez foi mais urgente e eu me vi colado ao telefone, aguardando por mais um pouco. Só mais um pouco.

– Estou aqui.

– Não – ela disse um pouco mais alto, me alarmando. – Você está aqui, entre as minhas pernas.

– Porra, Charlotte!

– Hum! – um gemido genuíno, de puro prazer. – Gosto de me acariciar imaginando ser a sua língua – droga! Eu não aguentava mais.

– Chega, Charlotte! – rosnei.

– Ah, Alex! Isso é... isso é... Oh, Deus!

Eu não conseguia desligar. Não conseguia me desvincular daquela loucura. Estava ali, ao telefone, ouvindo a minha namorada gozar enquanto chamava por mim, imaginando cada detalhe do que ela fazia. Meus dedos firmes em meu cabelo, na nuca, como se quisesse me lembrar de que eu não podia gemer, não podia participar, e aquilo era o inferno.

– Alex, eu... eu... – a fila começou a andar e eu não conseguia levantar daquela cadeira. – Oh, Alex!

Charlotte gemeu mais forte e ficou ofegante. Ela tinha gozado. Porra, ela tinha gozado para mim e eu estava fodido, porque nada mais ocupava os meus pensamentos. Eu precisava de uma boa foda. Precisa da minha noiva.

– Meu Deus, menina! – Falei ao me dar conta de que ela não emitia mais nenhum som.

A fila estava cada vez mais curta, mas eu não podia levantar sem denunciar a minha ereção. Principalmente por saber que muitos olhares femininos seriam lançados em minha direção.

– Já embarcou? – ela se espreguiçou e reiniciou a conversa como se nada tivesse acontecido.

– Não – somente seis pessoas aguardavam para embarcar e eu ainda não estava em condições de levantar.

– Então boa viagem, amor! Vou sentir a sua falta.

Fechei os olhos lutando para recuperar o controle do meu corpo.

– E eu a sua. Depois dessa, então... – ela riu do outro lado. O som infantil que eu tanto gostava. – Você é uma diabinha, Charlotte.

– Boa viagem!

– Boa prova!

Ela desligou no momento em que a última pessoa embarcou. A comissária me olhou curiosa e eu precisei levantar um dedo pedindo a ela um pouco mais de tempo. Aquilo era humilhante e frustrante.

CHARLOTTE

Desliguei o telefone, deixando-o na pia. Olhei minha imagem no espelho rindo livremente. Alex era bobo demais para acreditar que eu me masturbaria mesmo apenas para provocá-lo.

Não que eu não estivesse com vontade, mas a ideia de ter meus pais no quarto ao lado me travava completamente. Sem contar que era necessária muita coragem para um ato como este. Apesar de estar sozinha em meu quarto, eu poderia me deixar levar e alguém acabar me ouvindo.

Mas não tive como evitar a brincadeira. Não mesmo! Eu ainda não tinha certeza se ele havia planejado aquela viagem apenas para me convencer a casar, no entanto, se esta era a estratégia dele, eu precisava estar equipada com as armas certas, e sexo sempre seria a carta perfeita para vencer aquele jogo.

Então dei a Alex muito o que pensar. E com todos os motivos para abreviar aquela viagem.

Tirei a camisola e entrei para o banho, ainda rindo.

Dois podem jogar este jogo, Alex. Aguarde-me.

CAPÍTULO 15

“Se sempre contrariados foram todos os amantes sinceros, é que o próprio destino o determina desse modo. Que nos ensine, pois, a ser pacientes a nossa provação, já que é desdita fatal dos namorados, como os sonhos, pensamentos, suspiros, dores, lágrimas, do pobre amor são companheiros certos.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Desci as escadas ainda com o sorriso travesso nos lábios. O que Alex falaria se descobrisse que foi tudo uma brincadeira? Como ele reagiria ao saber que o deixei extremamente excitado, em um local público, apenas por um capricho, uma birra de menina mimada? Era impossível não rir.

Meu pai estava sentado à mesa, lendo o seu jornal matinal, como sempre fazia. Ele era um cara moderno, pelo menos no que dizia respeito à tecnologia. Usufruía de tudo o que era novidade deste ramo, mas nunca se acostumou a ler jornal pelo *tablet*, celular, ou qualquer outro dispositivo. Ele gostava mesmo era de folhear as páginas, dobrá-las para facilitar a leitura. Mais ou menos como um mantra, repetido todas as manhãs para se certificar de que tudo continuava como ele havia determinado.

Miranda segurava uma xícara de café e olhava através da porta da varanda. Os olhos perdidos em alguma coisa que não parecia ser muito agradável. Eu sabia que ela e Patrício não estavam em uma boa fase, o que machucava a minha amiga mais do que ela se permitia demonstrar.

Era péssimo assistir seu sofrimento sabendo que eu nada poderia fazer para mudar a sua situação. Principalmente porque Miranda nunca me permitiria ver o seu lado mais frágil. Ela era a descolada, a que assumia a queda, sem nunca permanecer no chão. Pelo visto tudo seria diferente daquela vez.

– Bom dia, meu anjo! – meu pai dobrou o jornal e o deixou sobre a mesa. – Preparada para a prova?

– Eu acho que sim – sorri, no entanto, minha atenção estava voltada para Miranda.

– Johnny vai com vocês hoje?

Servi café ao mesmo tempo que tentava tirar uma fatia do bolo de limão que parecia delicioso. Reparei que mesmo segurando uma xícara, Miranda não comia nem bebia nada.

– Hum, não sei, pai. Provavelmente não.

– E Alex? – puxei o ar com força. Eu sentia falta do meu professor.

– Viajou hoje cedo para São Paulo.

Vislumbrei uma insinuação de sorriso no rosto do meu pai. Lógico que ele ficaria feliz com o

afastamento de Alex, seria muito mais fácil para ele lidar com um relacionamento à distância, mesmo que fosse por pouco tempo. Tentando disfarçar meu aborrecimento por tal constatação, servi-me de mais uma torrada banhada em geleia.

Alex tinha razão, eu precisava me exercitar. Nos últimos tempos, meu apetite estava devastador. Logo eu seria uma garota baixinha e redonda, enquanto meu noivo continuaria sendo o gato surfista, deliciosamente bronzeado e sarado. É, eu realmente deveria me exercitar mais.

– Miranda? – meu pai chamou a atenção da minha amiga, que pareceu ter acabado de acordar. Ela piscou e olhou para nós dois como se fôssemos dois ETs. – E Patrício?

Notei que sua pele morena ficou um tom mais claro. Eu sei que isso pode parecer impossível para muitas pessoas, mas acreditem, quando Miranda empalidece, eu noto, até porque não é algo que acontece com muita frequência.

– Eu realmente não sei, padrinho. Não costumo acompanhar a agenda diária do Patrício – confesso que minha boca abriu com sua resposta tão agressiva, porém meu pai apenas riu.

– Não sei qual das duas é a mais complicada – ele brincou.

– Ela – eu e Miranda falamos ao mesmo tempo, apontando uma para a outra. Depois nos encaramos e começamos a rir. Meu pai nos acompanhou, quebrando o clima.

– E ele disse o motivo de ter desmarcado?

Eu dirigia enquanto Miranda me contava o que estava acontecendo. Ela falou sobre o encontro marcado para o fim do dia que Patrício desmarcou logo cedo, pelo *WhatsApp*. Muita consideração!

Patrício era um babaca.

– Disse apenas que esqueceu de seu compromisso com alguns amigos – ri de maneira irônica.

– Ele é um imbecil.

– Exatamente!

Ela estava sorrindo quando a olhei rapidamente, porém eu sabia que colocar um sorriso imenso no

rosto era sua melhor arma para ocultar seu aborrecimento.

– Nós podemos sair, jantar... sei lá! Qualquer coisa. O que acha?

– Não, Charlotte – suspirou desanimada. – Temos provas amanhã, vamos continuar focadas em não sermos reprovadas no último semestre – foi a minha vez de sorrir.

Justamente por não querer ser reprovada eu me envolvi nessa deliciosa loucura com o meu professor.

– Então podemos pedir comida japonesa e esticar cadernos e livros no chão. Johnny pode nos acompanhar, assim poderemos pelo menos rir das besteiras que ele, com certeza, vai dizer.

– E Alex? Não é estranho esta viagem tão repentina?

– Não. E eu não quero pensar nisso minutos antes de encarar duas provas decisivas.

– Nunca serão decisivas para você, Srta. Eu Sou Uma *Nerd*.

– Vá se foder – ela riu e relaxou no banco.

ALEX

– Então, eu estava pensando em...

José Marcílio falava sem parar, sugerindo ações, tentando encontrar uma forma de conseguir mais destaque. Ele realmente precisava contratar um agente e se dedicar exclusivamente aos livros. O cara era bom, mas queria abraçar o mundo e, definitivamente, isso era um tiro no pé para qualquer autor.

Enquanto ele falava, eu tentava me concentrar, contudo minha mente era traiçoeira e em quase todo o momento eu me pegava pensando em Charlotte e na sua... na sua traquinagem do dia anterior.

Já estávamos separados por tempo demais. Pelo menos tempo demais para um homem apaixonado como eu. E eu estava morto de saudade e desejo daquela pele alva, cheia de pequenas sardas. Daquele sorriso travesso, o corpo pequeno e delicioso. Da sua determinação, do seu fogo...

– O que me diz?

José me puxou de volta à realidade. Por poucos segundos me vi perdido, sem saber do que falávamos. Diante dos seus olhos ansiosos por uma resposta, eu não tinha outra saída, precisava da desculpa tradicional e perfeita.

– Vou te colocar em contato direto com a Catarina ela, com certeza, saberá a melhor forma de resolvermos isso.

– Perfeito!

Ele sorriu satisfeito e eu me senti aliviado. Era uma droga não me concentrar no trabalho simplesmente porque não conseguia ficar longe da fedelha da minha noiva, principalmente depois da sua façanha.

– Vamos nos falando então. Qualquer dúvida, você tem os meus contatos – chamei o garçom, indicando, com um gesto, que queria a conta. Fui prontamente atendido.

– Certo. Vejo você na bienal do livro de São Paulo?

Hum, a bienal. Faltava pouco tempo. Eu precisava realmente me concentrar no trabalho. Precisava passar minha agenda para Lamara, organizar tudo para que nada fosse esquecido no processo de mudança

de cargo, redefinir as minhas atividades, dar continuidade ao meu projeto, no entanto todos os meus pensamentos estavam em um único lugar: Rio de Janeiro. Mais precisamente, Charlotte Middleton.

– Com certeza. Será um evento e tanto. Teremos nossos melhores autores em nosso estande.

– E eu estou entre eles – José Marcílio riu um pouco sem graça por ter se colocado entre os melhores. Ele não estava sendo arrogante, escrever era algo que realmente sabia fazer.

Paguei a conta e nos despedimos. Eu ainda tinha mais um compromisso, um encontro com Cibele Babosa, uma autora nova e esplêndida. Sua escrita sutil e clássica nos arremetia aos bons tempos literários.

Como ainda tinha tempo, preferi voltar ao hotel. Eu havia falado rapidamente com Charlotte no início da manhã, mas ela estava com pressa, por causa das provas e eu preferi não provocá-la, apesar de saber que seria bem merecido.

Porra! Eu estava ávido por aquela menina. Estava ansioso demais, entregue demais. E foi justamente por me sentir assim que preferi me afastar. Foi um tiro no pé. Lana tinha razão, Catarina poderia cuidar de tudo, a minha presença era desnecessária, então eu permanecia em São Paulo, sozinho, tentando concluir as atividades que defini para minha estadia e pensando nela como se não me restasse outra opção.

Assim que cheguei a minha suíte peguei o computador decidido a ligar para Charlotte. Reverenciei o *Skype* por me permitir vê-la e não apenas ouvi-la, como vínhamos fazendo. Se tudo o que eu imaginava conhecer de Charlotte estivesse correto, àquela hora ela estava em casa estudando ou escrevendo.

Sorri ao me pegar ansiando para que ela estivesse pensando em mim, da mesma forma e com a mesma intensidade com que pensei nela durante todo o meu dia. Realmente eu estava me comportando como um adolescente.

A ligação encerrou sem que ela me atendesse, o que me deixou profundamente decepcionado. Poderia ligar, enviar uma mensagem ou até mesmo chamá-la pelo *facetime*, mas não era o que eu queria. Era uma droga ficar segurando o celular, sem conseguir me movimentar direito e me contentar em vê-la em uma tela pequena.

E por que droga ela não estava na frente do computador como deveria estar?

Senti meu coração apertado com todas as possibilidades que, impossíveis de serem freadas, formavam-se em minha cabeça. Merda! Eu não podia ser tão inseguro. Não deveria, eu era um homem adulto e maduro, porém era inevitável, por todos os motivos justificáveis existente no mundo.

Acessei minha conta de e-mail e tratei de colocar a cabeça no trabalho. Duas aprovações de capas, várias mensagens de autores, o contrato para a Feira de Frankfurt, o parecer de Catarina, um e-mail de Patrício, outro de João Pedro e muitos, muitos mesmo, de Lamara.

Suspirei.

Hora de ser adulto, Alex. Vá trabalhar!

CHARLOTTE

Minha mãe ficou radiante com a minha disposição para fazer compras, apesar de não precisar realmente de nada. Não entendia o que acontecia com as mulheres para desejarem sempre mais, mesmo já tendo mais do que o suficiente. Miranda e Mary eram exatamente assim. Viviam a filosofia: se tem dinheiro, gaste-o.

No entanto, eu não estava em posição de me negar. Precisa recuperar o ânimo de Miranda, fazê-la esquecer por algumas horas o seu problema com o meu futuro cunhado. O babaca desmarcara outra vez, com outra desculpa esfarrapada. Idiota!

A minha tentativa de animá-la me rendeu dor nos pés, um cansaço absurdo e, principalmente, uma tarde inteira sem notícias do Alex. Aliás, eu evitei falar dele durante todo o nosso período juntas, já que uma coisa leva a outra.

Dois dias sem o meu professor. Era tempo demais!

Tomei um banho, coloquei uma camisa imensa e peguei o computador apenas para não me sentir muito culpada por não dar a devida atenção ao meu livro. Eu precisava escrever, porém não conseguia.

Deitei na cama apoiando o computador entre minha barriga e minhas pernas. Antes conferi o celular e fiquei decepcionada ao constatar que não havia mensagens dele. Alex estava estranho, distante, um tanto quanto frio, o que me fazia temer pelo nosso relacionamento.

Quem sabe, longe do calor dos nossos sentimentos, ele tivesse repensado e desistido de casar. Um incômodo me deixou enjoada e eu sabia que esta sensação não tinha relação nenhuma com o tanto de *sushi*, *nigiri* e *gunkan* que ingeri no jantar.

Eu estava incomodada porque não queria que ele desistisse de mim. Eu não queria casar tão rapidamente, o que não significava que não queria casar com Alex. Eu queria, e muito, só que no tempo certo. A ideia de que ele poderia desistir me deixava tão atordoada que me levava a pensar que eu deveria concordar com toda aquela loucura.

Uma pequena bolinha piscando no canto da tela chamou a minha atenção. Era do *Skype*, indicando

uma chamada perdida. Quase ninguém conversava comigo pelo *Skype*, no geral era sempre Miranda quando estava com preguiça de caminhar até o meu quarto, mas, desde a invenção do *WhatsApp*, ela havia aposentado o outro recurso.

Meu pai também me ligava quando estava fora do país, o que não correspondia à ocasião.

Olhei intrigada para o ícone e cliquei. Fiquei surpresa ao ver que havia uma ligação perdida do Alex. Tão surpresa que imediatamente retornei à ligação. Em poucos sinais sonoros eu pude ouvir a voz do meu noivo antes mesmo que a sua imagem aparecesse em minha tela.

Puxei o ar, ansiando pelo seu rosto, mesmo que fosse por uma tela de computador.

– Oi! – ele disse sem muita emoção. Meu coração acelerou.

– Oi – sussurrei de volta. – Um minuto, vou pegar meu fone.

– Ok! Já está deitada?

Debrucei-me sobre o criado-mudo e puxei o *headfone*. Quando retornei à posição inicial, pude vê-lo. Não compreendia o que estava sentindo. Era uma emoção misturada com saudade e ao mesmo tempo uma calma, como se eu estivesse de volta à minha casa, um lugar comum e familiar. Seus olhos azuis me encaravam sem deixar transparecer nada.

– Estou. Você consegue me ver? O quarto está um pouco escuro.

– Perfeitamente, Charlotte! Posso ver todas as pintinhas do seu rosto.

Aquele sorriso bizarro, repuxado apenas para um lado dos seus lábios, apresentou-se tirando o meu ar. Mordi o lábio inferior me sentindo envergonhada e precisei recorrer ao meu tique nervoso, ajeitar os óculos, para não corar absurdamente.

– Você sabe que gosto delas – sua voz ficou um pouco mais apaziguadora, eu podia até me arriscar a dizer que havia um tom de saudade no seu timbre.

– Você gosta de tudo em mim, Alex – arrisquei sorrindo de leve. Ele retribui o sorriso.

– Esta é a mais pura verdade. O que fez o dia todo?

– Pensei em você – menti.

Ele respirou fundo, passou a mão pelo cabelo, depois puxou a gravata que só então me dei conta de que estava usando.

– Vai sair, ou está chegando? – minha voz vacilou.

Tive medo de Alex solto na noite tão atrativa de São Paulo. Tudo bem que era infantilidade, afinal de contas eu já tivera todas as provas do seu amor por mim, mesmo assim vacilei e temi. Não havia como impedir este sentimento. Ele estava distante e frio.

– Estou chegando – disse ao se desfazer da gravata. – Onde estava quando te liguei?

Onde estava a esta hora? Tive vontade de rebater, rapidamente me contive. Não seria nada bom ser infantil com ele em outro estado.

– Acompanhei Miranda e minha mãe em uma tarde de tortura – ele arqueou a sobrancelha. – Compras – Alex sorriu, relaxando completamente.

– Não tem prova amanhã? – espreguicei-me sentindo a deliciosa sensação de estar em minha cama, com o meu noivo, mesmo que à distância.

– Não. Tenho uma reunião de equipe para finalizarmos um trabalho que precisamos entregar na próxima semana. Também tenho uma aula de reposição, só para cumprir a grade.

– Você parece cansada – observou com atenção enquanto falava.

– Estou com saudade – comovi-me com a enorme verdade daquelas palavras. Falar em voz alta como estava me sentindo amplificava a sensação. Meus olhos ficaram marejados.

– Eu também.

– Precisa mesmo continuar aí? Digo... não tem como antecipar a sua volta?

Percebi o quanto Alex relutava contra a própria vontade e isso me deixou um pouco mais feliz. Talvez a distância que eu imaginava nos separar não fosse tão grande assim.

– Preciso sim – ele desviou o olhar como se estivesse me escondendo algo.

– Trabalhou muito hoje? – sua resposta foi apenas um aceno de cabeça. – Está cansado?

– Acabei de chegar de um jantar longo, mas interessante e agradável.

– Foi? – por que eu estava tão intrigada?

– Hum, hum! – sua mão passou pelo pescoço e ele voltou a me encarar. – Você sempre dorme com roupas largas? – seu sorriso debochado estava outra vez em seus lábios.

– Só quando não tenho a quem impressionar – ele riu.

– E, quando tem, normalmente não usa nada – provocou. – Espero ser o único a ser impressionado.

– Espero ser a única a não usar nada em sua cama, professor.

Ouvi sua respiração ficar um pouco mais pesada. Mordi os lábios sentindo o clima mudar repentinamente. Eu podia vislumbrar o escurecer das suas pupilas, e sua língua umedecer levemente o lábio inferior. Merda! Eu o queria em minha cama naquele exato momento. Ajustei os óculos me sentindo ridícula por não saber lidar com tanto desejo.

– O que foi isso? – ele sorriu me tirando do devaneio.

– Isso o quê?

– Essa eletricidade capaz de ultrapassar os estados.

Sua voz rouca repercutiu em minha pele, percorrendo meu corpo e se concentrando exatamente no centro entre as minhas pernas. Movimentei-me levemente incapaz de conter a ansiedade que ameaçava me dominar.

– Se estivéssemos em mundos diferentes, seria do mesmo jeito, Alex.

Ele fechou os olhos por alguns segundos, suspirando. Quando os abriu, eu me senti atraída por aquela tela, como se eu fosse capaz de ultrapassá-la apenas para alcançá-lo.

– Estou ávido por você, menina – revelou me pegando de surpresa.

Ah, Alex! Se você imaginasse como estou neste momento...

– Não tem nenhuma brincadeira para hoje? – aproximou-se da tela do computador sem desfazer o nosso contato visual.

– Brincadeira? – minha boca ficou seca e meu coração acelerado. Ele sorriu de maneira sacana, revelando o que realmente desejava dizer. – Ah!

– Não acho que seria apropriado – percebi minha voz fraca e mansa.

– Por que não?

– Porque meus pais estão acordados – ele riu.

– Isso não a impediu de me provocar há dois dias.

– Não – e temi por ter mentido. – Não me impediu.

– E então?

Ele me aguardou, cruzando as mãos na frente do corpo, e apoiando os cotovelos no que imaginei ser uma mesa. Olhei para a porta e depois de volta para a tela do computador.

– Isso não deveria acontecer, professor. Todos os dias temos notícias de imagens vazadas na internet.

– Só aconteceria se eu ou você estivéssemos gravando, o que não é o caso.

– Existem pessoas que invadem os computadores de outras e conseguem gravar pela *webcam*.

– Vai brincar ou não? – rebateu impaciente.

Olhei outra vez para a porta. Existia em mim uma mistura de receio, medo, desejo e ansiedade. Brincar com Alex era algo que realmente mexia comigo. Saber que pequenos gestos ou palavras poderiam levar aquele homem tão perfeito à loucura me causava um *frisson* que repercutia em meu sexo.

– Só um minuto.

Deixei o computador sobre a cama e levantei para conferir a casa. Abri a porta me deparando com um corredor escuro e o silêncio. Provavelmente todos estavam dormindo, então fechei, trancando-a e liguei o som, colocando uma música suave, mantendo o volume baixo para não chamar a atenção de ninguém.

Minha intenção era abafar qualquer gemido ou palavra dita por nós dois no calor da nossa “brincadeira”. Antes de subir na cama novamente, respirei fundo, tomando coragem para continuar. Meu sorriso era um indicador de que eu não recuaria. Brincaria com Alex, faria o que fosse possível para mostrar a ele que o seu lugar era ali, comigo, para sempre.

Acomodei-me no colchão e coloquei o computador no colo. Não sabia o que faríamos, nem como, mas tinha uma vaga ideia de onde chegaríamos.

– Pensei que você não voltaria mais – ele disse baixinho.

Notei três botões desabotoados na sua camisa, dando-me uma visão, uma pequena parcela do que era o seu corpo. E era meu. Todo meu. Puxei o ar e rocei uma perna na outra, tentando controlar o desejo que me impelia a avançar.

– O senhor está muito ansioso, professor.

Ajustei minha coluna colocando um travesseiro na parte de trás. Ele riu e sacudiu a cabeça

negando.

– Não quero você sentada com o computador no colo. Quero ver o seu corpo. Todo – esta última palavra fez o centro do meu corpo vibrar.

– Quer que eu tire a roupa? – ele acenou com a cabeça e ampliou o sorriso. – Quer que eu fique nua? Aqui?

– Você está repetitiva.

– Porque não consigo encontrar motivos para fazer isso, professor Frankli – ele riu um pouco mais.

– Para me agradar, aluna.

– E o que você vai fazer para me agradar? – arqueou a sobrancelha me encarando com uma expressão divertida.

– Quer que eu tire a roupa? Aqui? – brincou comigo.

– Exatamente – morde o lábio, desejosa.

Como eu o queria!

– E o que vou ganhar com isso?

– Bom, professor... acho que chegamos a um impasse – ele coçou a cabeça e desceu seus dedos, que me faziam lembrar de muitos momentos indecorosos, até chegar ao queixo.

– Vamos fazer o seguinte: você faz um pequeno espetáculo para mim e depois eu faço um para você – ri debochada.

– Um espetáculo? Quer dizer eu dançando para você enquanto tiro a roupa? – ele concordou com aquele sorriso presunçoso que tanto me tirava do eixo. – Alex, definitivamente você não me conhece – ri sem graça. – Uma pessoa praticamente sem coordenação motora não pode se arriscar a fazer algo assim – foi a sua vez de rir.

– Você consegue.

– Definitivamente, não.

Foi péssimo ver o desapontamento em seu olhar, mas o que eu poderia fazer? Dançar não era muito a minha praia. Piorava e muito quando eu sabia que seria o centro da atenção dele e que precisaria tentar ser sensual. Só de pensar, meu rosto esquentava consideravelmente.

Retirei os óculos, limpei as lentes evitando olhá-lo enquanto me sentisse tão mal por me negar a atender um pedido dele. Quando voltei a enxergar normalmente ele me encarava com atenção.

– Sabe que é extremamente excitante imaginar você só com esses óculos? – engoli em seco.

– Só... com os óculos? – mais uma vez ele concordou apenas com um aceno de cabeça. – Taí uma fantasia que eu posso realizar, professor – vi o brilho voltar aos seus olhos e me animei. – Preparado?

– Sempre, Charlotte! – ele se recostou na cadeira.

Mordi o lábio pensando em fazer daquele momento algo especial. Como eu faria? Não seria suficiente somente tirar a roupa e mostrar o meu corpo. Seria sem graça. Mas...

– Deixa eu posicionar melhor o computador.

Levantei levando a máquina para a minha escrivaninha. Não dava para colocar o *headfone* e fazer o que eu pretendia. Por isso voltei para a tela, ao fundo dava para ver uma boa parte do meu quarto.

– Vou ter que tirar os fones, então comporte-se – seus olhos se estreitaram e ele umedeceu o lábio.

Aquilo foi sexy. Muito sexy!

Eu estava ciente de que a música ao fundo podia ser ouvida por Alex, mas ela era um adicional, e contribuiria para o meu desempenho. Não dançaria. Não, não correria este risco. Jamais me arriscaria a cair na frente do homem da minha vida enquanto tentava seduzi-lo. Seria patético demais.

No entanto, tirar a roupa não exige muito equilíbrio. Não muito. Apenas o suficiente para não me atrapalhar com as calças. Bom, eu não estava com calças, apenas uma camisa grande e folgada, uma calcinha que poderia facilmente ser descartada e os óculos.

Era impossível apaziguar minhas células. Elas vibravam e se debatiam freneticamente no meu interior. Meu sangue corria com mais força, meu coração estava acelerado e a expectativa era enorme. Eu estava ofegante, com as mãos suadas e presa àquele olhar cheio de promessas que eu sabia que tão cedo não seriam cumpridas.

– Estou aguardando – ele disse.

Sua voz ecoou pelo quarto, nada que chamasse atenção das outras pessoas da casa. Baixei o olhar, sorrindo levemente, depois levei o dedo indicador aos lábios, fazendo biquinho para pedir silêncio. Eu me sentia ridícula na tentativa de seduzir alguém, não levava jeito para isso, porém, como não poderia

voltar atrás, encarei como mais uma travessura, só que dessa vez com plateia.

Alex apoiou o rosto nas mãos e os cotovelos na mesa e ficou me aguardando. Aproveitei o ritmo de *Dark Horse*, sem me atrever a fazer movimentos bruscos. Os olhos dele me desconcertavam. Alex estava muito atento e eu envergonhada.

Virei de costas e arrisquei um olhar discreto por cima dos ombros, apenas para confirmar se ele ainda me olhava com a mesma intensidade. Ao constatar que sim, sorri, baixando o olhar e, tomando coragem, segurei na barra da camisa puxando-a em um ritmo lento, até que estivesse fora do meu corpo.

Mais uma vez olhei para trás e o encontrei petrificado me olhando como se pudesse me alcançar a qualquer momento. Quando nossos olhos se encontraram, ele sorriu daquela forma desconcertante. Um sorriso cheio de malícia, que escorregava em seu rosto de maneira indecorosa e que causava tumulto entre as minhas células.

Como se apenas o seu sorriso não fosse o suficiente, seus olhos profundos estavam em fendas, tornando sua expressão incrivelmente sexy e, para finalizar, com um gesto de mão, pediu-me para virar de frente, o que obedeci prontamente.

Com o cabelo repartido, caindo de forma a cobrir meus seios, virei em sua direção. Depois de conectar o nosso olhar, bem lentamente, coloquei o cabelo para trás, revelando o objeto de seu interesse. Alex respirou fundo e arqueou o corpo, recostando-se na cadeira.

Lógico que seus olhos desviaram dos meus e foram diretamente para os meus seios, o que me fez sorrir um pouco, além de morder o lábio em um misto de satisfação e vergonha. Eu me sentia quente sob aquele olhar. Era como se o meu corpo fosse a oitava maravilha do mundo, como se não existisse nada mais perfeito. Não era somente um olhar de cobiça, mas também havia admiração. Um olhar que dizia muito mais do que qualquer palavra, e eu entendia tudo o que ele queria dizer.

E foi por isso, exatamente por isso que, sem hesitar, deslizei a calcinha pelos quadris até que ela estivesse no chão, onde, com uma delicadeza que até então eu desconhecia, consegui retirar os meus pés e afastá-la para o lado.

Ele me lambeu com os olhos, passando por cada parte, cada detalhe, até que estivessem de volta aos meus olhos. Um sorriso travesso brincou em meus lábios e foi correspondido com o dele.

– Cumpri a minha parte da promessa, professor – ele arqueou a sobrancelha, sem parecer disposto a recuar.

– Ok!

– Com direito a *strip tease* – ressaltei e ele deu uma risadinha que mexeu comigo, repercutindo no centro entre as minhas pernas.

– Com tudo o que você quiser – levantou e ajeitou o computador para que eu pudesse ter uma melhor visão do quarto.

Peguei o computador e pulei de volta para a cama. Antes, tomei o cuidado de me cobrir, mesmo que parcialmente, com um lençol fino. Vi Alex sair de cena, ajustei o *headfone* e aguardei.

Foi quando uma música agitada, estilo balada, alcançou os meus ouvidos. Achei estranho e até engraçado. Alex voltou para o centro do quarto. Ele sorria e movimentava o corpo conforme a música. Não estava nem um pouco incomodado ou preocupado com a minha presença. Ele simplesmente queria fazer aquilo.

Fiquei encantada com a facilidade e naturalidade dos seus movimentos. Seu corpo seguia o ritmo com harmonia e sensualidade. Ele olhava provocantemente para a tela, deixando-me ainda mais sem ar. Eu estava paralisada, presa àquela imagem maravilhosa do meu professor dançando como se nada mais importasse.

Muito à vontade, ele retirou os sapatos e as meias, sem precisar de nenhum floreio. Parecia fazer algo da sua rotina, algo que já estivesse tão acostumado a fazer que fluía naturalmente. Movimentando-se em uma dança sensual, soltou a camisa da calça, ficando mais despojado. Depois abriu o frigobar e se serviu de uma bebida. Imaginei ser uísque, mas pelo ângulo não dava para saber ao certo. Voltando para perto da tela, ele bebeu um gole mantendo os olhos nos meus e até aquele mínimo movimento me deixou ansiosa.

Seus olhos azuis estavam incrivelmente selvagens. Alex sabia que estava mexendo comigo e demonstrava sentir muito prazer em fazer tal coisa. Meu sexo correspondia a cada balanço dos seus quadris, como se estes movimentos fossem em mim, como se eu pudesse senti-lo roçando meu corpo e me levando naquela dança erótica.

Senti vontade de me tocar, de pressionar meu sexo apenas para que o latejar cessasse, mas eu não podia. Primeiro eu me encontrava tão conectada aos seus movimentos que me sentia impossibilitada de reagir sem que ele me ordenasse, e segundo porque eu me sentia constrangida por desejar meu professor de forma tão avassaladora vendo-o dançar para mim. Sim, lógico, ele tiraria a roupa e tudo o mais, porém, até aquele momento, era somente uma dança e eu já estava hiperventilando.

Alex girou o corpo com graciosidade, ficando de costas e, pelos seus movimentos, imaginei que estava desabotoando cada botão da camisa de maneira tão lenta que me deixou impaciente. Apesar de estar adorando ver a sua bunda mexendo de um lado para o outro, eu queria ver a sua pele, a sua carne, seu peitoral definido e bronzeado. Era quase uma necessidade animal, irracional e irrefreável.

Depois do que me pareceu um ano de tortura, ele se virou de frente para a tela, revelando a camisa aberta, sem se importar comigo, voltou a pegar o copo, bebeu mais um pouco da sua bebida e continuou dançando, rebolando os quadris e acabando com o meu juízo.

Quando finalmente resolveu se despir, olhou-me com uma força que me prendeu sem me dar qualquer chance de escapar. Eu tinha consciência de que a minha cara devia estar ridícula, afinal de contas eu estava praticamente babando, arqueada sobre a tela do computador assistindo à sua performance.

Ele retirou a camisa bem lentamente, passando pelos ombros largos e descendo pelos braços fortes que eu tanto ansiava que estivessem ao meu redor. Porra, eu o queria! Estava enlouquecendo. Nunca imaginei que uma simples brincadeira poderia tirar o meu juízo daquela maneira.

Eu queria que Alex me envolvesse em seus braços e me levasse naquela dança cheia de luxúria. Queria poder tocá-lo enquanto ele rebolava, sentir seus lábios em minha pele enquanto ele roçava em mim insinuando o que eu tanto almejava. Droga!

Seu sorriso sacana estava lá apenas para comprovar sua capacidade de me enlouquecer. Desabotoando os punhos, muito naturalmente, deixou a camisa caída ao chão e voltou a beber acompanhando o ritmo da música sensual e envolvente. Alex se mexia me deixando literalmente com água na boca.

Seu tórax definido, contraindo-se a cada movimento me dava vontade de lambê-lo e eu sabia que

este pensamento me deixava mais corada do que eu já estava, só de me imaginar passando a língua naquela barriga enquanto ele me segurava pelos cabelos e me guiava na direção ao objeto do meu desejo.

E só de me imaginar de joelhos diante dele, com ele a minha frente, me segurando pelos cabelos e me mostrando o caminho da perdição, meu sexo ficou tão molhado que tive medo de ter um orgasmo sem sequer me tocar.

Ah, eu o receberia em minha boca sem contestar! Acataria a qualquer ordem, apenas para sentir o seu gosto mais uma vez.

Sem pensar no que estava fazendo, umedeci o lábio e depois o mordi com força, como se tal gesto fosse capaz de impedir o meu corpo de reagir de maneira tão absurda. Alex sorriu, deixando-me ciente de que ele sabia o efeito que causava em mim e o quanto isso o agradava.

Ele abriu o botão da calça, sem desviar os olhos da tela e, enquanto descia o zíper, fez o mesmo que eu, umedeceu o lábio e o mordeu. Porra! Meu último fio de sanidade foi por água abaixo. Impulsivamente arqueei ainda mais o corpo e aguardei na expectativa de vê-lo mais plenamente. Sem conseguir frear qualquer movimento meu, deixei que uma mão vagasse pela minha pele, tocando-me devagar e com leveza, o que atiçava ainda mais o meu desejo.

Ele desceu a peça, ficando apenas de cueca e seu corpo esplendoroso preencheu a minha mente de imagens indecorosas. Eu queria muitas coisas, tantas que era impossível organizar as ideias, definir uma prioridade, estabelecer qualquer limite.

Sua ereção ganhou a minha atenção como se fosse um troféu, o prêmio maior. Ele brincou um pouco, alisando o tecido da cueca por cima do sexo rígido e meus olhos acompanharam cada movimento com tanta cobiça que me assustou.

Fechei os olhos e descobri que nem assim eu seria capaz de refrear o meu desejo. Não era mais algo formulado pela visão, era algo físico, algo que estava dentro de mim, que partia de dentro para fora e me dominava a cada segundo. Roci uma perna na outra querendo encontrar qualquer espécie de alívio, no entanto meu corpo estava em chamas e mais nada poderia ser feito que não fosse satisfazê-lo.

Alex brincou com a cueca, abaixando-a ligeiramente, dando-me um vislumbre do local em que a pele bronzeada e exposta cedia lugar para a pele branquinha, reservada para mim. Era justamente ali que

eu queria que meus dedos e língua estivessem. Queria percorrer aquela linha apenas para provar que tal intimidade pertencia a mim e a mais ninguém.

Suas mãos seguravam cada lado da cueca baixando-a lentamente. Sua ereção começou a se libertar e a cada centímetro revelado tornava-se mais difícil respirar. Até que Alex desistiu de me matar em doses homeopáticas e se livrou de uma vez por todas do pedaço de pano que me impedia de vê-lo completamente.

Como se soubesse que naquele ponto eu nada mais era, que todas as minhas forças haviam se esgotado e que eu estava ciente de que de nada adiantaria negar ou fugir, sua mão segurou seu pênis e o manipulou. Foi lindo! Lindo e sexy!

Alex estava nu, com seu pau na mão em movimentos de masturbação lentos e calculados e, mesmo assim, ainda movimentava o corpo naquela dança que derretia meu cérebro, jogando os quadris de um lado para o outro lascivamente. Não me contive e deixei que meus dedos encontrassem o centro entre as minhas pernas.

Foi muito, muito mais forte do que eu. Juro! Nunca, em nenhum estágio de consciência, eu me masturbaria em frente a uma câmera somente porque um homem se revelou para mim. Mas, porra, não era qualquer homem, era Alex, aquele ser incomum, tão perfeito que me fazia imaginar ser um sonho tão sensual que me impelia a reagir a seus movimentos, e, como se nada mais fosse suficiente para explicar, tão forte em mim que, mesmo sem precisar de palavras, guiava-me para atender a todos os seus desejos.

Era o que ele queria e, definitivamente, era o que eu ansiava.

– Ah, Alex! – gemi sem me importar com mais nada.

De olhos fechados, deixei-me cair no colchão. Minhas mãos, as duas, estavam em meu sexo, tocando-me, possuindo-me. Eu queria tanto e tudo ao mesmo tempo. Queria ter a sua língua me explorando, sua pele me aquecendo, seu membro me tomando e, no entanto, eu estava ali, gemendo sem pudor, sentindo meus dedos como se fossem os dedos dele.

Não havia mais volta, nem tempo. Minha pele esquentou de tal forma que me imaginei pegando fogo. As chamas me lambiam espalhando prazer, fazendo-me explodir. Meu quadril arqueava e meus dedos se aprofundavam em minha carne enquanto eu remexia os quadris em busca de alívio.

Até que o encontrei.

Explodi em um orgasmo tão intenso que por alguns segundos perdi a noção da realidade. Meu êxtase me atingiu com tamanha força que me fez esquecer o quarto, meus pais, o computador e até mesmo o meu professor do outro lado da tela. Eu simplesmente me tornei apenas prazer e me desfiz nele.

Com um sorriso glorioso nos lábios fui voltando à realidade e... Puta merda, o que eu fiz? Meu corpo já estava quente, mas as minhas bochechas estavam em chamas. Sem graça olhei timidamente para a tela do computador desejando que por algum milagre a bateria tivesse acabado e que Alex não tivesse me assistido fazer aquilo, mas ele continuava lá, agora sentado, os olhos fixos na tela e o pau ainda na mão, seguindo o mesmo ritmo, um leve subir e descer.

Ele me olhou e sorriu. Não aquele sorriso sacana, mas um sorriso de satisfação que me fez esquecer a vergonha de segundos antes. Seus olhos quentes aprovavam a minha reação enquanto seu corpo aproveitava o espetáculo.

– Porra, Charlotte! Você é mesmo muito intensa – disse com a voz rouca, carregada de desejo.

Involuntariamente me espreguicei na cama, deixando o meu corpo mais à mostra, ele umedeceu o lábio e continuou se masturbando, lento e constante. Ele estava sentado, ainda assim eu tinha uma visão ampla do seu pênis duro. As pernas abertas me permitiam ver ser saco, um pouco mais recolhido por causa do tesão, e aquela imagem era um incentivo, uma força extra para me aticar.

Como podia?

– Precisa de ajuda? – ronronei sabendo que poderia desestabilizá-lo. Alex estava por um fio.

Sem nenhum pudor, retirei o lençol, descobrindo meu corpo inteiramente para a sua visão. Alex deixou de sorrir e assumiu uma expressão mais dura, mais intensa e incrivelmente sensual. Ele estava louco de desejo, assim como eu estive momentos antes. Sorri e deslizei minha mão até meus seios, brincando com minha carne, provocando-o.

– Fica quieta, menina! – rosnou em advertência fazendo meu corpo vibrar.

– Goze para mim, Alex – supliquei quase num sussurro.

E ele explodiu.

Jogando a cabeça para trás, o corpo arqueando em direção a sua mão, com os quadris

movimentando-se mais bruscamente, Alex se permitiu gozar, jorrando seu gozo em sua mão e deixando-o escorrer pelo abdome. Era uma visão e tanto. Eu o ouvia gemer alto, sem se importar com mais nada, e seu saco se contraindo, seu pau lubrificado e em sua mão, que o segurava com força. Foi uma delícia!

Alex era uma maravilhosos e eu não tinha nenhuma dúvida a este respeito.

Faltava apenas saber quando ele finalmente me daria o prazer de tê-lo de verdade, mais uma vez e repetidas vezes.

CAPÍTULO 16

“Meus olhos viraram pintores, e com isso esboçaram a beleza de tuas formas nas telas do meu coração.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Ela estava deitada, parcialmente coberta pelo lençol que revelava seus braços. O colo, salpicado por pintinhas que roubavam a minha atenção, estava exposto e a imagem muito me agradava.

Charlotte, com os cabelos claros jogados sobre o travesseiro, fazendo um leque de fios sedosos e lisos, encarava-me com seus olhos de um azul límpido, tão perfeito que me faziam querer admirá-los por horas a fio. Seu rosto de traços infantis estava relaxado. Ela sorria saciada e aos poucos se entregava ao sono.

– Amor, desligue o computador e tire-o da cama – ela sorriu de olhos fechados.

– Já quer se livrar de mim?

– Não. Só estou com medo de você pegar no sono.

– Seria bom dormir com você, mesmo que separados por um computador.

– Estamos ligados por um computador – ela sorriu ainda mais e se espreguiçou.

Eu amava quando Charlotte ficava daquela forma, tão manhosa que parecia uma gatinha buscando carinho. Ela abriu os olhos e se arrumou na cama, deixando os dedos correrem pelos fios espalhados pelo travesseiro.

– Se você dormir com o computador na cama, pode acontecer uma tragédia – ela riu baixinho. – É sério, Charlotte – vi minha noiva suspirar e levantar-se e apoiando a cabeça na mão.

– Não quero ficar sem você.

E eu não queria ficar sem ela.

– Mas você está com sono.

– E você pelo visto está ansioso para se livrar de mim – Charlotte se jogou no colchão desviando o olhar do meu. Suspirei. Ela realmente sabia ser infantil quando queria.

– Eu acabei de dedicar todo o meu tempo livre a você, além de todo o meu prazer, é claro – vi quando ela sorriu, ainda assim sem me olhar. Ela encarava o teto. – Com quem vai se reunir amanhã?

– Algumas colegas.

– Só mulheres?

– Está com ciúmes, professor Frankli?

– Estou apenas cuidando do que é meu – ela riu e a noite ficou muito mais leve.

Charlotte era linda de diversas maneiras. Era linda quando estava concentrada, linda quando tentava disfarçar o seu nervosismo ajeitando os óculos, linda quando ficava excitada, linda quando ficava aborrecida, mas não existia momento mais bonito daquela garota do que quando ela ria baixinho e daquele jeito infantil. Era como se o mundo ganhasse novas cores.

A ansiedade vibrava na ponta dos meus dedos, tamanha era minha vontade de afagar aquelas bochechas esticadas pelo largo sorriso. Porra, eu sentia falta dela!

– Somente garotas. Vamos fazer uma festa do pijama – umedeceu o lábio e voltou a sorrir.

– Eu prefiro uma festa só com você e de preferência sem pijama – provoqueei.

– O senhor não está aqui, professor, e algo me diz que, mesmo quando estiver, uma festa com apenas nós dois, em que nenhuma peça de roupa esteja envolvida, será uma situação impossível.

– Existe uma forma de torná-la absolutamente possível – Charlotte estava de lado, e mesmo no escuro eu pude vê-la revirar os olhos.

– Acho que chegou a hora de dar boa noite – anunciou sem se mover um centímetro.

– Só por que eu disse que o casamento resolveria o nosso problema?

– Não. Porque você com certeza está cansado e não está conseguindo raciocinar direito – foi a minha vez de rir. Charlotte se virou para a tela e voltou a me olhar. – Vou sentir saudade – revelou com uma voz mansa que repercutiu em meu corpo.

– Eu também.

Continuamos nos olhando sem coragem para pôr fim naquela conversa. Eu não estava preparado para assistir a sua imagem desaparecer, no entanto sabia que era necessário. Era isso ou correr o risco de Charlotte incendiar a cama por ter deixado o computador ligado e em cima dela a noite toda.

– Durma bem... Descanse bastante... Sonhe comigo... Eu amo você!

– Eu quero dormir pouco, ficar cansada, ter você em minha cama e me certificar a cada segundo da veracidade deste amor – ela disse com certa birra e no final bocejou revelando o seu desgaste.

– Tudo no seu tempo, Charlotte. Agora coloque o computador na escrivaninha.

– Você é um chato, mandão!

– Quero me certificar de que o computador esteja fora da cama, então levante este corpo delicioso e faça o que eu estou mandando.

– Se eu não obedecer, você promete que me dá uns tapas na bunda?

Seu sorriso travesso causou uma reação absurda em meu corpo, pois, assim que ela sugeriu a ideia, eu me vi em muitas situações que gostaria de dividir com a minha garota. Caralho, Charlotte sabia ser quente!

– Não, mas se você não obedecer, eu juro que passo mais tempo do que o necessário aqui em São Paulo.

– Chato!

Mesmo contrariada, ela levantou. Propositalmente, ou esta foi a forma que eu encontrei para justificar a sua atitude, Charlotte deixou o lençol deslizar pelo seu corpo e caminhou nua, com o computador na mão, até a escrivaninha que ficava próxima da cama e o depositou lá. Ela sorriu ao morder o lábio e se abaixou para me olhar nos olhos.

– Boa noite, meu professor – sussurrou me acendendo totalmente.

– Boa noite, minha aluna.

Com o mesmo sorriso, ela desfez a ligação, e eu ainda fiquei um tempo encarando a tela escura, fascinado com a ousadia daquela menina e com a sua capacidade de me enlouquecer.

Olhei a coberta em meu corpo revelando minha ereção. Sem pensar, deixei que minha mão vagasse para o meu pau, acariciando-o. Em minha mente, todas as ideias que apenas Charlotte conseguia incutir em mim, o seu sorriso sensual, seu jeito inocente e, ao mesmo tempo, *sexy*, seu corpo impecável nu, à mostra, seus seios firmes, sua pele alva...

– É companheiro, pelo visto teremos mais um *round*.

CHARLOTTE

Precisei de todo o meu esforço para fingir estar calma e tranquila, porém dentro de mim existia um poço de tristeza e saudade. Eu não queria demonstrar o que estava sentindo, principalmente para Miranda em sua fase “foda-se o Patrício”. A revolta dela estava atingindo todos os níveis e ângulos da nossa vida, manter Alex longe da sua mira de ataque era a melhor estratégia.

– A Margarete é muito louca – ela riu ao falar, enquanto caminhávamos pelo corredor da faculdade.
– Se ela ficar vacilando com o Fábio, eu serei a primeira da fila.

Não sei por que não senti muita firmeza nas suas palavras. Miranda tentava ser forte, só que eu sabia que toda e qualquer atitude dela naquele momento era apenas sua forma de se defender da dor que sentia.

– O Fábio é um *nerd*, do tipo que você sempre descartou – passamos em frente à sala onde eu tinha aulas com Alex e meu coração disparou.

Três dias sem o meu noivo, já estávamos caminhando para o quarto e ele ainda não tinha confirmado quando conseguiria voltar.

– Sério? Não acredito que já descartei o Fábio algum dia da minha vida.

– E o Patrício? Alguma novidade?

– Hum... – torceu a boca antes de falar. – Ele mandou algumas mensagens, como eu estou ignorando-o não li nenhuma delas.

– Como você quer saber o que ele pretende com tudo isso se nem lê as mensagens dele? – ri desgostosa com o rumo daquele relacionamento.

– Para mim já deu, Charlotte. Patrício teve todas as chances. Se ele quer assim, então que seja. Exatamente aquela história do “*band-aid*”. – O celular dela começou a tocar. Minha amiga tirou o aparelho do bolso de trás da calça, olhou o visor e não atendeu. Riu na tentativa de esconder sua ansiedade.

– E ele já ligou outras vezes, mas eu não atendi.

– Era o Patrício?

– Era – ela continuou andando como se não estivesse nem um pouco abalada.

– Por que não atendeu?

– Para quê? Para ouvir mais uma das suas desculpas esfarrapadas? Quando ele quer desmarcar,

manda mensagens e quando quer ter acesso livre a tudo isso aqui – mostrou o próprio corpo com a mão – pode ligar? Nem morta!

O telefone dela voltou a tocar.

– Isso é ridículo, mas se vocês querem assim...

Parei de falar quando meus olhos avistaram aquela figura imensa, encostada em um carro verde tão grande e familiar quanto ele. Patrício estava no estacionamento da faculdade, ele ainda insistiu na ligação, então virou em nossa direção e desligou o aparelho. Cruzou os braços no peito, estava usando óculos escuros e roupas elegantes, apesar de simples. Todo o seu corpo indicava o quanto estava tenso. Olhei para Miranda, que sorria e acenava para dois rapazes que estavam do outro lado.

– Miranda?

– Hum?

– É para manter a política do “*band-aid*”?

– Sempre. É muito mais fácil.

– Então eu acho que você está com um problemão.

Ela virou rapidamente para mim e depois para onde eu estava olhando e interrompeu os seus passos.

– Puta merda!

– É. Puta merda! E aí?

– Será que ele já me viu?

– Ah! Com certeza?!

Aquele era um problema que apenas ela poderia resolver, por isso parei de andar, deixando um espaço confortável para que ela pudesse decidir.

– O que faço?

Por um segundo Miranda deixou de ser aquela garota segura, independente, senhora de si, passando a ser apenas a menina apaixonada, que estava sofrendo com o afastamento e não sabia o que fazer para reverter a situação.

– Você tem duas escolhas: vai até ele e resolve de uma vez ou vai embora e deixa tudo como está.

Ela me olhou, respirou fundo, endireitou a coluna e tomou a decisão.

– Você tem razão. Já que ele está aqui não custa nada conversar, não é?

– É sim. Boa sorte!

Ela fez uma careta e saiu em direção ao namorado... ou ex-namorado.

Virei em direção ao outro prédio onde eu tinha deixado o carro quando fui interceptada por mãos fortes.

– Aonde vai com tanta pressa?

Henrique conseguiu me segurar antes que eu sumisse do campo de visão do meu cunhado. Ele mantinha as mãos em meus ombros e me olhava com atenção. Sorri sem graça, com medo de Patrício interpretar tudo errado e acabar causando um problema no meu relacionamento. A julgar pelo seu comportamento imaturo com Miranda, eu nem sabia o que poderia esperar dele.

– Oi! – ajeitei meus óculos apenas por não saber o que fazer com a mão.

– Já está indo para casa?

Rapidamente ele conseguiu retirar meus cadernos dos meus braços e, juntando com os livros que ele já carregava, equilibrou tudo em apenas um braço.

– Já... já sim. Não precisa...

Olhei para trás enquanto tentava não chamar atenção, no entanto algo me dizia que Patrício já tinha nos visto e formulado toda uma teoria conspiratória. Henrique não se importou com a minha tentativa de impedi-lo e começou a me acompanhar pelo estacionamento. Uma mão, claro, conduzia-me pelo ombro, colando nossos corpos.

Porra!

– Ansiosa para acabar?

– Você nem imagina o quanto – e eu queria dizer muito mais do que isso.

Ele era um cara legal, bonito, educado, amigo, o que não significava que podia simplesmente se apossar dos meus cadernos e passar o braço pelos meus ombros como se eu fosse a sua garota. Era ridículo!

– Está bem quente hoje – falei encontrando a desculpa perfeita para me esquivar dele, mesmo que meu colega ainda carregasse os meus cadernos.

– Não muito – ele riu sem graça. – Mas eu imagino que para você qualquer sol um pouco mais forte seja uma tortura.

– E é – olhei para os lados procurando por Patrício, mas ele não estava mais lá.

Merda!

– Ansiosa para a formatura? – sorri mantendo uma distância segura.

– Não propriamente ansiosa para a formatura, mas, sim, para finalizar esta etapa da minha vida.

E ele nem imaginava que etapa que estava louca para deixar para trás e a qual eu não via a hora de começar.

– O que fez no feriado?

Engoli em seco sem saber até que ponto poderia revelar. Se bem que... Alex e eu estávamos noivos, logo o nosso relacionamento não deveria ser um segredo, afinal de contas ele nem pretendia continuar trabalhando na faculdade, porém era estranho e complicado explicar um relacionamento que nunca existiu para nenhuma das pessoas que conviviam comigo.

– Fomos para Petrópolis com uns amigos do meu pai.

– Ah! – ele me encarou como se estivesse buscando o que falar.

Era notável que Henrique estava desconfortável ou, pelo menos, que não estava muito à vontade para me dizer o que gostaria e este detalhe acabou me deixando um pouco mais tensa.

– Tenho que ir. Obrigada por me acompanhar.

Estendi a mão para pegar meus cadernos, no entanto Henrique não se moveu nem um centímetro e não parecia disposto a me liberar.

– Hum... Charlotte... eu...

Ele olhou para os lados e a sua respiração ficou irregular. Eu não fazia ideia do que estava

acontecendo com Henrique, mas imaginei se ele estava se sentindo mal, sei lá, uma dor de barriga repentina, qualquer coisa constrangedora que o fizesse sofrer para revelar, só podia ser isso, pois ele estava estranho, fazia caretas esquisitas e se preocupava o tempo todo com o local em que estávamos.

– O que foi? Você está bem?

– Sim, estou – limpou a testa com a mão livre e me encarou. Ele estava mesmo se comportando de forma estranha. – Eu estive pensando, formatura é um acontecimento especial, então imaginei se você gostaria de sair... digo, jantar, qualquer noite dessas... apenas para comemorarmos o fim desta etapa, como você mesma falou.

– Jantar? – ele acenou com a cabeça confirmando. Porra! – Eu e... você?

Meu embaraço foi tão perceptível que precisei tirar os óculos, limpar as lentes na minha camisa nada apropriada para isso e me conformar em enxergar de uma forma mais embaçada.

– Hum... sim. Quer dizer... se você quiser convidar mais alguém... é só um jantar para comemorarmos – ele deixou o olhar cair fazendo com que eu me sentisse péssima.

– Vamos ver como será a semana, Henrique. O semestre ainda não acabou e nós temos muitos compromissos, então...

– Certo – ele me passou os cadernos e se afastou um pouco. – Vamos aguardar então.

Entrei rapidamente no carro me amaldiçoando por não ter evitado aquela situação. Como pude ser tão burra? Por que nunca imaginei que o que eu acreditava ser uma paquera sem incentivos poderia se tornar um amor unilateral? Que droga!

ALEX

– Tudo pronto. O que você pretende fazer?

Catarina me encarava aguardando minha decisão. Saíamos da livraria onde o evento havia acontecido e eu me sentia indeciso se deveria propor algum programa para a noite com a Ammy Stuart ou se simplesmente jantava e voltava para o hotel. Na verdade, eu estava louco para voltar ao Rio de Janeiro, ansioso para tocar outra vez a minha namorada e retomar as nossas vidas.

Respirei fundo tendo a certeza de que ter Charlotte em meus braços era uma realidade muito distante. Infelizmente teria que ser assim.

– Podemos jantar em algum lugar – sugeri sem muita vontade.

– Depois poderíamos assistir a uma peça, ou vice-versa, vai depender do que tem em mente.

Olhei para a minha gerente de eventos e ela retribuiu o olhar com muita ansiedade. Eu poderia até jurar que havia mais do que ansiedade naquele olhar.

Tudo bem, eu confesso que flertar com Catarina sempre foi um passatempo divertido, no entanto nunca passamos do simples flertar. Naquela noite, porém, não estava nem um pouco interessado em brincar com a garota. Estar cansado nem era o meu maior empecilho naquele momento, e sim o fato de não querer imaginar que Charlotte poderia fazer a mesma coisa.

Este único pensamento me travou completamente. Não, minha Charlotte jamais permitiria que outro homem tivesse uma relação no limite da intimidade, como foi a minha com a Catarina. Puta que pariu! Ela não deixaria que isso acontecesse. Ela sequer tem alguém que possa brincar desse jeito com ela.

Porra, ela tem sim! Primeiro Johnny, que poderia até ser considerado um irmão, mas estava sempre a chamando de gostosa e insinuando que havia algo entre eles. Senti meu sangue ferver e precisei respirar fundo para impedir o rumo destes pensamentos. Não, Johnny não era uma ameaça e não havia maldade na brincadeira deles.

E o Henrique?

Merda, Henrique sim poderia ser uma ameaça. Ele foi alguém aprovado sem precisar de nenhum

esforço, alguém que conseguiu um convite mesmo sem a permissão de Charlotte. E eles eram amigos, não é? Eram próximos. Quantas vezes os vi juntos? O que conversavam quando ninguém estava prestando atenção?

Putá. Que. Pariu!

É muita ingenuidade acreditar que pelo fato de ser homem todas as atitudes do meu passado eram justificáveis, principalmente quando existia um passado para ela também. Tudo bem que não era um passado muito expressivo, até porque a garota nunca tinha sequer beijado.

Um sorriso presunçoso se apossou dos meus lábios. Foi inevitável. Eu era o primeiro em tudo com aquela menina e isso ninguém poderia mudar. O que não eliminava a chance de ela ter brincadeiras apimentadas com outros rapazes.

Claro que não. Charlotte, apesar da sua incontestável inexperiência, era bem espertinha para uma virgem completa. Ela era rápida nas provocações, sabia o que dizer, como tentar, como agir, como instigar um homem, e isso ninguém aprendia nos livros.

– Alex!

Pisquei soltando o ar. Os pensamentos pesados me dominavam impedindo-me de respirar corretamente. Passei a mão pelos cabelos e sequei minha testa. Merda! O que eu poderia fazer?

– Podemos apenas jantar. Estou exausto!

Meu mau humor não passou despercebido. Ela me encarou meio chocada com a falta de alguma piada ou sugestão mais ousada. Procurei não me importar, nem mudar nada, apesar de me sentir culpado. No momento, eu só imaginava que aquela seria a atitude que eu gostaria que Charlotte tivesse caso o idiota do Henrique resolvesse se aproximar mais.

– Veja uma reserva em um lugar bom, qualquer coisa que mostre à Ammy o quanto ela é valiosa para a editora. Eu ainda preciso dar alguns telefonemas, então... você sabe o que fazer – sorri de leve, apenas para deixar o clima mais ameno.

– Tiffany está na cidade – informou sem nenhum receio. – Ela me pediu para avisar sobre a nossa programação para esta noite.

– Tiffany?

O que aquela louca fazia ali? Porra, não tinha como ficar pior.

– Sim. Ela chegou hoje, mas não quis comparecer ao evento, já que não era autora convidada. Sabe como é, Tiffany tem um ego imenso e jamais aceitaria ser apenas mais uma tiete da Ammy Stuart – desta vez, sorri de verdade. A antipatia entre as duas mulheres nunca foi um segredo.

– E o que ela faz aqui?

– Entrevista para uma rede de televisão. Não estava sabendo? – vasculhei minha mente em busca da informação, mas nada me lembrava daquele compromisso.

– Estava agendado?

– Não. Pelo que sei foi algo de última hora. Uma pauta pertinente e um bom trabalho de assessoria. Em todo caso, será uma ótima exposição para a editora.

– Será sim. Você acha que devemos convidá-la para o jantar? – Catarina sorriu amplamente.

– Não – meu sorriso refletiu o dela. – Mas seria comprar uma briga imensa e desnecessária com uma grande escritora.

– Você tem razão. Então faça a reserva, convide os demais autores, vamos fazer este jantar o menos reservado possível.

– Você é quem manda, Alex!

CHARLOTTE

Alex ligou quando eu estava no banho, depois, quando retornei, ele não me atendeu. No meu *WhatsApp*, havia apenas uma mensagem avisando que precisaria participar de um jantar importante e que, assim que retornasse ao hotel, ele me ligaria.

Logo em seguida, Miranda chegou em casa. Eu esperava que ela chegasse radiante, já que esteve com Patrício por tempo demais para quem apenas pretendia terminar o relacionamento. Mas não foi o que aconteceu. Minha amiga chegou arrasada. Tão arrasada que simplesmente me esqueci de tudo para socorrê-la.

Graças a Deus, meu pai e minha mãe não tinham chegado ainda, e Johnny havia prometido aparecer para o jantar, então a casa era apenas nossa. Miranda não agiu como eu esperava. Ela não tentou ser forte, não fez questão de disfarçar, nem mentiu sobre os fatos. Minha amiga abriu o coração e deixou que seu verdadeiro eu se apresentasse.

– Foi melhor assim, Charlotte – afirmou controlando os soluços e enxugando as lágrimas que caíam livremente. – Não havia como dar certo. Estamos em fases diferentes então o melhor a fazer era terminar.

– Eu sinto muito, Miranda. Nem sei o que te dizer. Só de imaginar você chorando na frente daquele babaca – ela fez um muxoxo que chamou a minha atenção.

– E você acha que eu dei esse gostinho a ele? – riu sem vontade. – Eu não! Quando ele disse que precisava de espaço eu simplesmente concordei, disse que era exatamente o que eu pensava, despedi-me e tratei de ficar bem longe dele.

– Como assim? E o que fez este tempo todo?

– Andei. Caminhei, chorei, tomei um pote de sorvete de chocolate...

Suas expressões indicavam que ficaria tudo bem, o que me deixou mais tranquila. No entanto, ainda havia um problema: Alex. Claro que meu noivo não seria um problema para a minha amiga, mas sim a convivência dela com a família dele. Era tudo uma droga! Eu tinha que ser madura e entender que todos os relacionamentos podem passar pelo mesmo problema e que não devemos nos impedir de viver por

medo do que poderá acontecer no futuro.

Bom... eu queria acreditar nisso.

– E agora? Quer dizer... o que você pretende fazer daqui para frente? Você estava bem envolvida.

– Agora é seguir em frente, Charlotte – ela olhou para a varanda do nosso apartamento. – Eu sei que vou chorar por mais algum tempo, mas não vou morrer porque o Patrício resolveu curtir a vida dele, mesmo depois de tantas promessas.

– Porra, nem me fale nessas promessas! Já imaginou como meu pai vai reagir? – ela jogou o cabelo para trás do ombro e se inclinou para apoiar o rosto nas mãos.

– Não vou ser uma cretina como meu ex-namorado conseguiu ser. Não preciso do padrinho pegando no seu pé ou criando confusão com a sua futura família. Vou assumir a culpa sozinha e encarnar o meu melhor estilo volúvel.

– Isso não é justo, Miranda. Se for apenas para me livrar de um problema...

– Injustiça é você e Alex não terem paz. Você conhece o padrinho, sabe que essa merda toda vai respingar em vocês dois, então aguentar a cara feia dele por dois ou três dias não vai fazer mal a ninguém.

– Tem certeza?

– Tenho.

Ela me olhou pelo canto dos olhos tentando não demonstrar preocupação. Miranda tinha razão. Se papai, com todos os seus pensamentos do século dezoito, soubesse que Patrício foi capaz de terminar depois de ter feito toda aquela encenação, poderia muito bem colocar obstáculos no meu namoro com Alex.

– Bom... rei morto, rei posto. Vamos começar a arquitetar nossa próxima saída.

– Próxima... saída? – o que ela estava aprontando? Pior. O que ela pensava que poderia aprontar e me incluir?

– Alex está viajando e nem sabe quando volta. E nós temos que festejar o fim da faculdade, mas de uma forma só nossa – piscou brincalhona.

– Sei não, Miranda!

– Você não vai me abandonar em uma hora como esta, não é?

Aquele olhar pidão, associado à umidade do choro recente, além do sorriso que eu sabia não ser tão verdadeiro, conseguiu me desarmar. Eu não tinha como negar qualquer ajuda a minha amiga.

– Tá legal, mas só depois da última prova.

– Combinado.

E ela se atirou em meus braços como uma criança feliz.

ALEX

Eu apenas sorria quando alguém falava comigo, mas a verdade era que estar em um local público, ao lado de Tiffany, estava me deixando cada vez mais incomodado. Catarina ficou meio surpresa com o anúncio do meu noivado. Eu não pretendia abrir a minha vida, porém me vi obrigado a exaltar a minha noiva, como uma forma de desestimular qualquer uma das mulheres presentes.

– E estamos fechando um contrato para publicar o livro dela – finalizei a minha explicação em inglês para que Ammy conseguisse acompanhar a conversa.

– Ela é uma novata? – a surpresa na voz da minha funcionária não passou despercebida. Tiffany sorriu e disfarçou levando a sua taça à boca.

– Sim, apesar de ser estreante, seu material é fabuloso. Posso dizer que teremos um livro com qualidade suficiente para disputar mercado com autores internacionais – olhei para Ammy e ela fez uma careta em tom de brincadeira. – Vamos ter duas estrelas de romances eróticos em nossa editora – simulei um brinde com a minha escritora estrangeira e ela sorriu satisfeita.

– Então Charlotte escreve romances eróticos? Hum! Alex Frankli seduzido por textos mais “calientes” – Catarina brincou, mas eu pude perceber a sua decepção.

– Não pelo texto e sim pela escritora. Charlotte é uma mulher incrível.

– Ele é professor dela. A típica fantasia de romance entre professor e aluna – Tiffany falou tentando parecer divertida e provocante, no entanto eu fiquei muito aborrecido com tal comentário.

– Amor. Não fantasia – corrigi sem deixar que os demais percebessem o meu aborrecimento. – Eu me apaixonei e estou certo de que este é um feito que todos deveriam ter direito. Nunca estive tão seguro a respeito de uma escolha.

– E quando teremos o casório? – Catarina voltou para a conversa recuperando o ânimo de antes.

– Em breve. Pode ficar tranquila que você será convidada – pisquei brincando e Tiffany se mexeu incomodada.

– Será uma grande festa? – Tiffany perguntou com interesse, como se quisesse ganhar a minha

atenção.

– Ainda não conversamos sobre isso, mas, a julgar pelos meus futuros sogros, não acredito que seja um evento que passará despercebido.

– Outro detalhe importante – Tiffany falou ganhando a atenção dos demais ocupantes da mesa. – A garota é milionária – outra vez usou um tom sarcástico, fazendo com que todos rissem e brincassem com a situação.

– Isso ajuda realmente – Catarina piscou para mim e sorriu ao beber o seu vinho.

Eu não poderia deixar Tiffany estragar a minha noite. Não seria nada legal ser indelicado com os outros apenas porque ela resolveu destilar o seu veneno, então optei por encarar tudo como uma brincadeira.

– Como eu disse: Charlotte é uma mulher incrível! – levantei minha taça propondo um brinde. – E se for para eu casar, que seja com a melhor.

E assim consegui a tacada certa no ego da Tiffany. Não fazia parte da minha personalidade atitudes como esta, no entanto ela pediu por isso.

Após o jantar, enquanto me despedia de todos e auxiliava as mulheres nos devidos transportes para os hotéis em que estavam hospedadas, não me importei com o fato de Tiffany ter saído um pouco antes, peguei-me ansioso para saber o que aquele final de noite me traria de novidade com a minha menina.

Mesmo estando uma noite agradável e as ruas movimentadas, preferi acionar um táxi, afinal de contas nunca era bom facilitar em São Paulo, apesar de muitos casais caminharem tranquilamente sem se preocuparem com as estatísticas. Segui o caminho curto pensando no saldo da noite, satisfeito por não ter deixado Tiffany estragá-la, e com muito do que foi o evento da tarde na cabeça. Estávamos no topo do mundo literário, com os melhores autores, com grandes promessas e tudo parecia caminhar na direção de dias ainda melhores.

E eu não via a hora de me lançar neste meio como autor, não mais como editor-chefe. Se é que meus textos tinham qualidade o suficiente para serem inseridos no meio de tantas promessas. A julgar pelo meu entusiasmo, daria certo. Naquele exato momento eu tinha muita vontade de escrever, de contar de uma maneira íntima, típica dos autores, os segredos que permeavam a minha mente, o amor que

circulava em minhas veias e a forma magnífica como tudo se transformava a minha frente.

Entrei no hotel sem me importar muito em observar o local. Estava ansioso. Precisava saber como estava Charlotte, decidir até quando aquela tortura seria necessária, e passar uma boa parte da noite debruçado sobre o notebook escrevendo a minha trama.

Só não contava com aquele problema à minha porta. Encostada como se soubesse que logo me encontraria, segurando uma garrafa de champanhe e duas taças, estava Tiffany. Descalça, cabelos soltos e um vestido casual lhe davam uma imagem sedutora. Eu fiquei imediatamente tenso.

O que ela fazia ali?

E mais importante: o que pretendia me aguardando?

Como não havia uma forma diferente de descobrir caminhei lentamente em sua direção, preparado para qualquer batalha que tivesse que travar, mesmo que fosse contra mim mesmo.

CAPÍTULO 17

“Se amor é cego, nunca acerta o alvo.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

– Tiffany? Como...

– Também estou hospedada aqui. Uma feliz coincidência, não?

Ela sorria e me olhava com malícia.

– Posso ganhar dois minutos da atenção do meu melhor editor?

– Com champanhe? Acho melhor não.

Tiffany fez biquinho e depois sorriu debochada.

– Não vou atacá-lo, Alex, apesar de achar que você muitas vezes pede por isso. Será apenas uma conversa informal sobre negócios.

– Lamara conversa sobre negócios com você, eu apenas...

– Dois minutos, Alex. Juro que não vou tentar nada. Não mereço a sua confiança?

Respirei fundo. Não. Definitivamente Tiffany não merecia a minha confiança, mas o que eu poderia fazer? Olhei para os lados com medo de estarmos sendo observados.

Este era o grande problema em estar apaixonado. Você nunca se sente seguro o suficiente para fazer coisas que sabe que não prejudicarão em nada o relacionamento, mas que, com certeza, caso se tornem de conhecimento público, podem se transformar num problema de grandes proporções. Aquele era um caso típico. Eu saberia conduzir Tiffany perfeitamente bem. Poderia recebê-la em meu quarto e, caso ela passasse dos limites, poderia facilmente repreendê-la e me livrar dela.

Mas, se por um acaso Charlotte imaginasse que Tiffany teve acesso ao meu quarto... se sonhasse que eu havia permitido que ela entrasse com champanhe e taças na mão, meu Deus! Seria o fim do mundo. A terceira guerra mundial.

– Por que não vamos ao bar? – ela riu da minha precaução.

– Alex, olha só no que você se tornou. Vamos lá, estou te dando a minha palavra de que não vou tentar nada.

– Essa situação não é legal, Tiffany. Pense bem: você gostaria que seu noivo soubesse que você

recebeu outro homem em seu quarto de hotel?

– Sinceramente? Acho que você está muito cheio de dedos, preocupando-se com situações que não querem dizer nada. Além do mais, considerando-se o fato de Charlotte não ter como saber que eu estive por alguns minutos em seu quarto, ela mesma não está tendo o mesmo cuidado que você.

– Como assim?

Tiffany recuou ligeiramente evitando me olhar. Vi o seu rosto ficando vermelho e me perguntei se aquilo não era mais uma das suas armações para me ter de volta.

– Deixe pra lá. Eu queria conversar sobre uma proposta nova que recebi hoje. Seria uma conversa informal, apenas debater o assunto com alguém em quem eu confio, mas vamos deixar para outro momento.

Bastou sua maneira de se justificar para que eu entendesse que realmente havia algo para ser dito. Poderia até ser mais uma das suas tramoias, no entanto eu conhecia Tiffany o suficiente para saber que ela não estava jogando.

– O que foi, Tiffany?

Segurei em seu braço impedindo-a de evitar os meus olhos. Ela ficou assustada. Por um segundo pensei que se negaria a continuar, então Tiffany baixou os olhos e concordou, suspirando forte.

– Não faz o meu estilo esse tipo de situação, Alex. Fica parecendo que estou desesperada para arrumar uma encrenca entre você e Charlotte e não é nada disso, apesar de ainda ter esperança de que um dia você caia em si.

– Fale logo – rosnei.

– Podemos entrar agora? Não estou muito confortável conversando aqui na porta.

Não tive outra escolha. Era pegar ou largar, e eu queria realmente saber o que Tiffany tinha para me contar. Por isso abri a porta e deixei que ela entrasse. Não consegui ignorar a apreensão que se estabeleceu em meu corpo, mesmo assim dei andamento ao que já havia começado.

Tiffany entrou e não perdeu tempo admirando o quarto. Ela deixou a garrafa e as taças sobre a pequena mesa que ficava em frente ao móvel onde eu tinha deixado o meu computador, andou até a janela e espiou a paisagem do lado de fora. Eu queria ficar mais relaxado, mas não conseguia.

– O que você quer me dizer?

– Certo, Alex. Antes quero dizer que apenas ouvi o que Patrício contou a Lana ontem, quando eu passei na editora para conversar sobre um novo livro. Por isso não tenho como afirmar nada e nem acusar Charlotte.

– Tudo bem, Tiffany. Conte logo.

– Pelo que entendi Patrício estava fazendo chacota, entrou na sala contando que encontrou com Charlotte na faculdade e que ela estava acompanhada de um rapaz.

– E o que há de tão absurdo nisso? Charlotte é jovem, está em uma faculdade, tem amigos e...

– De uma maneira muito íntima – seus olhos atentos estavam fixos nos meus. – De uma maneira que te tiraria do foco, segundo Patrício fez questão de salientar.

De maneira muito íntima.

Eu não deveria me importar. Como homem maduro, vivido e experiente, saber que minha noiva tinha uma amizade com um outro garoto não deveria me deixar tão temeroso, até porque eu mesmo me dava o direito de ter amigas. Mesmo assim... porra! Eu estava muito puto.

Não queria dominar a vida de Charlotte, muito menos controlar os seus passos e amizades. Não era a favor de um relacionamento sem confiança e, com certeza, eu não era o tipo de cara que se consumia por causa de uma fofoca contada em segunda via, no entanto não tenho como negar que fiquei muito abalado. O que era uma grande merda!

Respirei fundo disposto a não levar aquilo adiante. Se eu tivesse que dizer qualquer coisa seria a Charlotte e não a Tiffany. Aliás, eu não precisava ter nenhuma reação que demonstrasse a minha insegurança infantil na frente da mulher cujo maior desejo era me ver longe da minha noiva.

Mesmo abalado e me sentindo estranhamente confuso, sorri e tentei parecer não me importar com o que ela tinha acabado de dizer.

– Tenho certeza de que não deve ser nem setenta por cento do que Patrício disse. Meu irmão tende a aumentar a proporção dos fatos, colocando sempre mais tempero do que deve em cada situação.

– Com certeza – ela continuou me olhando atentamente.

Decidido a colocar uma pedra no assunto, abri o champanhe e servi as nossas taças levando uma

até Tiffany. Vi seus olhos brilharem.

– E, então, o que pretendia me contar quando a encontrei na porta do meu quarto?

E com isso consegui desviar a sua atenção, e qualquer tentativa de me fazer afundar ainda mais naquele sentimento pobre de posse que tentava me consumir, porém, mesmo mudando o assunto e o clima ao nosso redor, por dentro eu estava cada vez mais agitado, ansioso para descobrir com quem Charlotte estava e averiguar mais a fundo aquela fofoca.

CHARLOTTE

– Então podemos entender Platão, quando ele diz que o amor é a busca da beleza, uma vez que o mesmo ressalta que a matéria seria apenas o primeiro patamar. Desta forma, o amor não se torna prisioneiro do físico, e volto a dizer que o filósofo não excluiu, em suas conclusões, o amor carnal, apenas que ele afirmou que este nos leva a patamares mais elevados.

O *slide* finalizou a apresentação, e todos aplaudiram. Quando as luzes do auditório acenderam, o meu rosto estava tão quente que pensei que a última pessoa da última fileira poderia constatar o meu embaraço por falar em público.

Tirei os óculos, limpei as lentes na camisa e recoloquei no rosto, sem me esforçar para focar em nada.

A apresentação foi interessante. Discutimos diversos pontos filosóficos sobre o amor, implementamos com literaturas atuais, mesclamos com as descrições mais antigas e discutimos a banalização do amor nos tempos modernos. Eu me sentia pronta para debater por horas a fio, no entanto a vergonha jamais permitiria que eu defendesse todos os meus pontos de vista com pessoas que não faziam parte do meu meio social, que por sinal era bastante restrito.

Johnny estava na primeira fileira, apesar de não ser uma matéria do curso dele. O meu amigo adorava presenciar meus desastres e embaraços nas apresentações e ria sem demonstrar nenhum dó de mim.

– Muito bem, Srta. Middleton – o professor Tavares conferiu suas anotações sem me olhar diretamente. – Ficou bastante interessante. Toda a equipe está de parabéns – Miranda deu um pulinho de alegria. Aquela era a matéria que ela precisava de mais pontos. – Poderíamos discutir alguns detalhes, infelizmente... – ele conferiu o horário – ... preciso atravessar o campus para outra aula, então... – ele levantou fazendo com que muitos o imitassem – ... na próxima semana entrego o resultado final. Parabéns mais uma vez.

Recolhi meu material e tratei de descer os cinco degraus correndo e, para variar, tropecei. Se não

fosse pelo colega da frente, com certeza, eu teria me esparramado todinha no chão. Johnny correu para me acudir e imediatamente começou a rir.

– Ajudaria se você amarrasse os cadarços – repreendeu-me tomando para si meus livros.

– Não vi que estavam desamarrados.

– Claro! Você sempre tenta justificar o fato de não saber amarrar os próprios cadarços – ele me provocou e eu tive vontade de arrebentar aquela boca grande com um soco.

– Eu sei amarrar meus cadarços – Miranda riu e me auxiliou enquanto eu me embaralhava ao tentar fazer um laço decente. – E vá a merda!

– Com certeza seu noivo adoraria conhecer esse seu lado desbocado.

– Ele conhece – encarei o meu amigo e abri um sorriso amplo. – E adora!

Ele riu alto, abraçando-me para sair do auditório.

– Ele já deixou de ser professor? – Johnny perguntou enquanto caminhávamos em direção à lanchonete.

– Ainda não. Conversamos pouco desde que voltamos do rancho.

– E... – ele desconversou tirando as mãos de mim e colocando-as no bolso da calça. Aquele não era o jeito do meu amigo. – Aquelas duas loucas continuam tentando atrapalhar vocês?

– A professora Bezerra provavelmente vai tentar nos prejudicar de alguma forma e Tiffany só apareceria se Alex estivesse na cidade, afinal de contas a ligação dela é com ele e não comigo.

– Eu teria medo dessas duas tão quietinhas – Miranda disse se aproximando mais de nós dois. – Pelo que já demonstraram, o silêncio é sempre suspeito.

– Para com isso, Miranda! Não fica colocando mais minhocas na cabeça da Charlotte – Johnny repreendeu minha amiga de uma forma estranha, o que despertou imediatamente a minha atenção.

– Não estou envenenando o relacionamento dela e sim estou alertando-a para o que pode vir daquelas duas. Eu, sinceramente, não me surpreenderia com mais nada.

Estremeci. Eu já tinha vivido experiências suficientes tanto com Anita quanto com Tiffany para saber que não estávamos em um momento de paz. Depois de elas terem coragem de invadir o quarto do Alex, eu poderia esperar por qualquer coisa.

Era uma droga que Alex estivesse tão longe.

– Não quero pensar nisso. Quero estar bem e feliz quando Alex voltar, e nós estaremos fortes quando qualquer uma delas resolver aprontar outra vez.

– É assim que se fala, gatinha! – Johnny beliscou a minha cintura e voltou a me abraçar.

– Pois eu pensaria. Sabe Deus que tipo de loucura elas estão aprontando.

– Miranda! – Johnny a repreendeu pela segunda vez, o que me deixou um pouco mais cismada.

– Vocês estão escondendo alguma coisa de mim? – Miranda riu, mas Johnny ficou sério.

– Não! Está louca? – minha amiga respondeu rapidamente e, pela forma como o fez, tive certeza de que ela não me escondia nada. Já Johnny...

Olhei para o meu amigo aguardando sua resposta. Ele puxou o ar com força, coçou a cabeça e depois riu sem graça.

– Não seria propriamente esconder, uma vez que tentei te contar e você se recusou a ouvir, então... – deu de ombros.

– Você está sabendo de alguma coisa? Está sabendo de algo que elas aprontaram e não me contou nada?

– Não é nada disso, Charlotte. Foi só uma coisa que aconteceu que não envolve nem você nem Alex.

– Não estou entendendo – rebati confusa.

– Claro que não está entendendo. Onde já viu Jonathan falar algo que faça sentido? Se não envolve nem Alex nem Charlotte por que puxou essa conversa seu idiota? Não está vendo que deixou a garota agitada?

Ele riu alto, desdenhando do aborrecimento de Miranda, que ficou ainda mais indignada.

– Vamos, Charlotte. Johnny quer apenas te aborrecer.

– Não é nada disso – ele continuou rindo. – Vamos deixar este assunto para depois. O que vamos fazer amanhã?

– Amanhã? – fiquei confusa com a mudança de tópico tão subitamente.

– Última prova, Charlotte! – meu amigo brincou animado. – Temos que festejar. É a formatura das

minhas duas garotas.

– Primeiro: não somos as suas garotas – corrigi-o enquanto sentávamos à mesa disposta na área da lanchonete. Mirada riu da minha coragem. – Segundo: ainda estaremos em avaliação na próxima semana.

– Um trabalho para ser entregue, apenas isso – Miranda me corrigiu acomodando a bolsa ao seu lado. – E ele já está pronto, precisamos somente imprimir, encadernar e entregar.

– Antes de tudo precisamos do aval dos demais membros da equipe.

– Que nem vão cogitar ir contra qualquer coisa que você tenha feito – ela foi firme.

Era verdade, eu fiz o trabalho, com pouca participação dos demais, que fique esclarecida a minha situação, e era certo que ninguém ousaria contestar uma vírgula daquele texto. Também era verdade que eu não estava muito animada para baladas, mesmo sabendo que a minha melhor amiga precisava disso. Não era muito animador ficar tanto tempo sem Alex e ter que aturar dois loucos que nem Miranda e Johnny.

– Vamos, Charlotte! – ela me olhou daquela forma que sempre me olhava quando queria me convencer a fazer algo. Ou seja, eu estava ferrada.

– Vou pensar – mas eu já não tinha mais como fugir. – Eu quero um suco de laranja, Johnny.

– Eu quero uma Coca-Cola – Miranda falou já completamente animada.

Saquei meu *iPhone*, disposta a checar as minhas mensagens, mas não havia nada importante. Era frustrante! Mesmo assim era melhor dar atenção à internet do que começar a me massacrar com a ideia de enfrentar uma noitada como a que eu sabia que Johnny e Miranda desejavam. Por isso abri um site de notícias e comecei a ler algumas aleatoriamente.

– Acho que vou querer uma fatia de torta de chocolate – minha amiga falou tentando ganhar a minha atenção. – Quer dividir comigo?

– Não – nem me dei ao trabalho de olhar para ela.

– Charlotte! Amigas unidas engordam unidas, esqueceu? – ri. Miranda era mesmo muito louca.

– Tudo bem, escolha um prestígio, ou casadinho. Nada de chocolate puro – ela revirou os olhos e levantou para avisar a Johnny o nosso acréscimo ao pedido.

E foi quando eu vi a manchete.

“Alex Frankli, figura de destaque no meio literário, curte a noite paulista ao lado de importante autora nacional”.

Que porra era aquela?!

Minhas mãos tremeram e suaram, minha cabeça deu um nó, minha garganta ficou seca e minha barriga doeu. Puta merda! Mesmo sofrendo todos os tipos de reações negativas, meus dedos clicaram na notícia e rapidamente eu estava com uma foto imensa onde podia ver perfeitamente bem o meu noivo em um restaurante, com várias pessoas, dentre elas, Tiffany, sentada ao seu lado.

Ao lado de Tiffany.

Putá. Que. Pariu.

– Pedi casadinho. Hum! Está com uma cara maravilhosa. É bem como a madrinha diz: nada como um pouco de chocolate para alegrar a vida.

Miranda sentou agitado do meu lado, no entanto meus olhos não deixaram aquela matéria. Eu olhava e olhava a foto tentando entender. O que Tiffany fazia lá? Por que Alex não me contou que ela também estaria naquela viagem? E por que ele sorria para ela daquela forma?

– Porra! A noite paulista, apesar de não estar quente, teve muitos momentos interessantes, como o grande evento literário com a escritora internacional Ammy Stuart, que obteve tanto sucesso que mereceu uma estirada em um dos melhores restaurantes da região. Pelo visto, Alex Frankli, um dos solteiros mais cobiçados do país, festejou de várias maneiras o sucesso cada vez mais ascendente da sua editora. Ele não apenas estava bastante animado durante o jantar, mas testemunhas afirmam que o editor foi visto entrando no mesmo hotel em que a sua escritora Tiffany estava hospedada. Há quem diga que a noite foi longa para os dois...

Só então me dei conta de que as palavras não estavam apenas em minha mente, mas também na voz da minha amiga, que lia espantada ao meu lado. Fechei os olhos sentindo meu corpo inteiro tremer.

– O que foi? – Johnny se aproximou, sentando de frente para mim.

– Eu sabia que aquela cretina não ficaria tão quietinha – resmungou Miranda.

– Do que estão falando? – meu amigo insistiu.

– Pelo que dizem Alex passou a noite com Tiffany – ela falou sem se importar comigo.

- Ele o quê? – a voz dele saiu um pouco mais alta.
- Eu preciso ir – levantei decidida a sair dali de qualquer jeito.
- Espere! – Johnny levantou tentando me impedir. – Para onde você vai? O que vai fazer?
- Não sei.

E eu não sabia mesmo, só não podia ficar ali ouvindo eles discutirem o assunto como se eu não estivesse presente. Não podia decidir sobre o que pensar quando duas pessoas faziam todo o tipo de julgamento. Eu precisava ficar sozinha e só assim poderia tomar uma decisão.

ALEX

Um dia eu cheguei a acreditar que a minha vida seguiria o curso normal. Que manteria a minha posição social e financeira, que um dia decidiria que alguma pessoa seria a mais correta para estar ao meu lado, que teríamos filhos e que eu nunca ficaria insatisfeito com a rotina. Seria uma vida tranquila, segura e correta.

Ledo engano.

Eu aprendi com uma pirralha que não havia como ter o controle de tudo. Charlotte me mostrou que nunca haveria uma rotina, que eu nunca saberia o que esperar, que eu não escolheria uma pessoa, eu seria simplesmente intimado pelo meu coração e que as palavras tranquilidade e segurança não fariam mais parte do meu dicionário.

Eu ainda estava puto da vida com aquela história e foi justamente por isso que evitei ligar para ela naquela manhã, tão pouco me atrevi a tentar contato durante a madrugada. Era necessário digerir a notícia para que esta não nos causasse um problema maior do que deveria.

E eu ainda me sentia um miserável por estar com ciúmes.

– E o garoto não era estranho. Eu tenho certeza de que já o vi antes.

Lógico que abordei Patrício. Eu sabia que não precisaria nem perguntar sobre o assunto, bastava uma ligação com qualquer desculpa e ele me contaria tudo. Foi o que aconteceu.

– Se ele estuda na faculdade e você namora com uma garota que também estuda lá, não seria nada estranho se já o tivesse visto antes – ele ficou quieto, acho que pensando no que eu tinha falado.

– Eu... – pigarreou, demonstrando insegurança, o que ganhou rapidamente a minha atenção. – Pode ser – que estranho. – E Charlotte ficou toda desconfiada. Eu sempre achei que aquela diabinha não era fácil.

– Não fale besteira, Paty!

– Paty é o caralho!

– Idiota! Charlotte pode ter quantos amigos quiser – e eu não estava tão seguro sobre isso. – Ela

tinha uma vida antes de mim.

– Tinha? Eu pensei que a diaba tivesse fugido de um convento.

– Quer deixar de ser imbecil?

– Você enganou todo mundo com aquela conversa de virgindade? Calma, calma! Não me diga que ela te enganou com essa história? – e ele deu uma risada estrondosa que me deixou ainda mais irritado.

– Você tem ou não a programação oficial de lançamentos para a bienal de São Paulo?

– Eu tenho, seu idiota. Deixamos alguns espaços para encaixar os nossos principais autores, mas só vamos poder encaixá-los quando estivermos mais próximos da data.

– Certo. Eu quero apenas dar uma olhada para ter uma ideia do que posso conversar com a Cibebe.

– E a conversa com a Charlotte. Vai deixar a garota dando mole por aí?

– Por que você não cuida da sua vida com Miranda? Aliás, é com ela realmente que você tem que se preocupar, afinal de contas, todo mundo sabe que Miranda não é nada fácil de conter.

Outra vez ele fez silêncio, por tempo até demais. Era a segunda vez que eu tocava no nome de Miranda e ele simplesmente se calava. Alguma coisa estava errada. Ele levou mais algum tempo em silêncio e eu não sei por que, não quis falar, nem desligar, apenas aguardei por Patrício.

– Nós demos um tempo – baixou o tom de voz.

Levei alguns segundos para assimilar o que ele dizia e de que forma aquilo poderia refletir em mim. Que droga! Mais um problema para a minha já nada calma vida ao lado de Charlotte.

– O que aconteceu? – tentei não sair acusando meu irmão de ser um irresponsável nem nada parecido.

– Não sei, Alex.

– Mas você...

– Eu sei! Droga, eu sei! Acho que surtei com essa história de compromisso. Você me conhece. Sabe que moro com nossos pais até hoje simplesmente porque não quero ter mais obrigações do que já tenho no trabalho. Eu sou um cara da vida, Alex. Não estou pronto para casar, ter filhos, mulher cobrando a cada segundo.

– Você é um imbecil – falei sem demonstrar a minha frustração. – E quem disse que você tinha que

se casar com ela?

– E não era onde íamos parar? Miranda queria me ver todos os dias, queria saber o que eu tinha feito e o que pretendia fazer.

– É o que todos os namorados fazem, Patrício. Não é possível que depois de tantas namoradas você ainda não tenha aprendido.

– Não eram bem namoradas, Alex. Eram... amigas mais íntimas.

– Ah, claro! – revirei os olhos e respirei profundamente para não ser a minha vez de surtar. – Eu pensei que você gostasse dela, mas, já que não é bem assim, eu só vou pedir para conversar com Peter e...

– Eu gosto dela. Quer dizer... gosto, mas não para casar. Quer dizer... não sei. Porra, eu não sei. Miranda é uma mulher que consegue me enlouquecer. Quando estamos juntos é sempre muito bom. Muito bom! Mas ela nunca demonstra o que está sentindo, parece que é apenas uma diversão, sei lá. Eu pensei que assim seria ótimo, já que eu também não queria me amarrar, então ela começou a ficar na minha cola e, quando eu pensava que estava bom, ela se afastava, não se importava.

– Se você não quer compromisso, por que quer que ela se importe?

– Ah, droga! Eu não sei! Não sei! Só sei dizer que me incomoda quando ela está demais em minha vida, por outro lado, me incomoda quando está de menos também.

– Demais, de menos, é tudo muito confuso, Patrício.

– Se é. Decidimos dar um tempo e você precisava ver a banca que ela colocou. Disse que não era para eu me preocupar com Peter porque ela sempre sabia como esclarecer dúvidas sobre os namorados. Dá para acreditar? Como se fosse uma rotina ela apresentar namorados para o padrinho.

Dei uma risada curta. Patrício não fazia ideia do que Miranda era capaz de fazer, e Peter definitivamente não conhecia a afilhada.

Meu celular vibrou avisando a chegada de um e-mail. Olhei para o visor e vi que era de Charlotte. Eu não sabia se ficava feliz ou não. Ainda não tinha digerido a ideia de ela cheia de intimidades com outro cara.

– Preciso desligar. Não esqueça de me mandar a programação.

– Já vou providenciar.

Desliguei rapidamente e abri minha conta para verificar o e-mail da minha noiva. E perdi o chão quando cliquei no link que constava solitário na mensagem.

– Alex Frankli, figura de destaque no meio literário, curte a noite paulista ao lado de importante autora nacional – li alto o título da matéria. – Puta que pariu! Como... merda!

Disquei o número dela na esperança de que, pelo menos, ainda quisesse conversar comigo. Ela não atendeu, e eu fui interrompido por Catarina, que entrava na sala de reuniões do nosso pequeno escritório em São Paulo.

– Cibeles ligou. Parece que está presa no trânsito – ela parou tão logo notou a minha cara. – Algum problema?

– Você viu isso? – mostrei a matéria.

– Oh, droga! Eles estão te ligando a quem: Tiffany ou Ammy?

– Tiffany. E agora eu estou com um problema sem tamanho.

– Isso é muito ruim, Alex. O que podemos fazer? Será que eles vão importunar a sua noiva? Coitada!

– Não. Nós nem tivemos tempo de tornar o relacionamento público. Ficamos noivos no feriado e eu tive que viajar.

– Menos mal – ela pareceu aliviada.

– Não é não. Charlotte e Tiffany possuem uma espécie de... disputa. Sei lá. Mais da parte de Tiffany do que de Charlotte.

E me perguntei se o meu desespero estava tão grande a ponto de me fazer desabafar com uma funcionária, que dias antes flertava livremente comigo.

E Charlotte não atendeu a ligação.

– Vou precisar da sua ajuda.

Ela me olhou com um misto de atenção e traquinagem, e sorriu de uma forma esplêndida.

CHARLOTTE

Abri a porta de casa sentindo ainda todo o meu corpo tremer. Minha pele estava úmida, muito provavelmente efeito da adrenalina. Meus óculos estavam com as extremidades embaçadas. Respirei fundo, rezando para que meus pais não estivessem em casa.

Para meu infortúnio, eles estavam.

A sala vazia não era nenhum indício de que eu estava sozinha, pois a música clássica, baixa e suave, preenchia o silêncio. Era uma música triste e me lembrava alguma situação angustiante, da qual eu não conseguia me recordar. Ou era o meu estado de espírito que dificultava tudo.

Precisei pôr meu celular no silencioso para não cair na tentação de atender as chamadas insistentes do meu noivo. Não que eu não quisesse falar com ele, eu era infantil, mas não chegava a este ponto, sabia que a conversa seria inevitável. Como eu estava muito nervosa e aborrecida, atendê-lo no ápice da minha irritação não me ajudaria em nada.

Por isso optei por enviar a matéria, só para que ele soubesse que eu já sabia. Sim, eu fiz de propósito. E sim, eu quis torturar Alex. Ele merecia sentir um pouco do que eu sentia naquele momento.

Comecei a subir as escadas. Minha intenção era me trancar no quarto e resolver o mais rápido possível aquela situação. Meus planos foram interrompidos quando captei uma conversa. Era a voz do meu pai e vinha do escritório dele, que fica logo após a escada que levava ao andar superior.

Claro que era normal meu pai trabalhar em casa, especialmente depois da promessa dele de que não facilitaria o meu relacionamento. O que chamou a minha atenção foi o tom de voz que ele usava. Parecia sofrer, ou implorar.

Por instinto desci os poucos degraus que já tinha subido e tomando o cuidado de manter os passos leves, fui até a porta. Ele estava sem a gravata, a camisa social estava aberta e desabotoada nos pulsos. Meu pai caminhava de um lado para o outro com o celular na mão. Não olhava para nada especificamente e para tudo ao mesmo tempo.

– É o que estou te falando, não há nada que possamos fazer. Já tentamos de tudo – passou a mão

livre na testa e fechou os olhos. – Sim, nós testamos. É justamente por isso que preciso da sua ajuda. Não, ela não sabe – falou com um pouco mais de impaciência. – Eu até estou disposto a tentar, mas ela não quer mais, disse que precisávamos aceitar e... – foi quando ele me viu parada à porta.

Por alguns segundos meu pai pareceu uma criança pega pelos pais durante uma traquinagem. Ele me olhou assustado, sem saber o que deveria fazer, então voltou a caminhar pelo escritório falando rápido demais.

– Falo com você mais tarde, agora preciso atender uma pessoa. Certo. Obrigado.

Ele desligou e me encarou, depois, como se estivesse recompondo a máscara, sorriu. Meu pai escondia alguma coisa e eu precisava saber o que era.

– Como foi hoje?

– Com quem estava falando? – ele suspirou e sentou no sofá.

– Quer dizer que agora nossos papéis se inverteram? Eu tenho que te dar satisfações, Charlotte?

Cruzou os braços na frente do peito e me encarou. Lógico que fiquei sem graça, era o meu pai falando comigo como se eu fosse uma criança ainda. Meu celular voltou a vibrar lembrando-me de um problema maior.

– Que seja, pai! Eu tenho mesmo que subir.

– Problemas?

Ele ficou alerta, voltando seu foco para mim. Eu estava ciente desta façanha, no entanto estava mais focada em conversar com Alex. Eu poderia sondar sobre aquela conversa depois.

– Não, só preciso revisar um trabalho que tenho que entregar amanhã.

– Último dia?

– Sim – respondi já saindo do escritório e voltando para a escada.

– Tem alguma programação para amanhã? – ele me acompanhou até a porta, sem deixar o escritório.

– Tenho. Parece que Miranda e Johnny querem sair para dançar – ele me encarou sem nada dizer. – Preciso... – indiquei o andar de cima e, com um gesto de mão, meu pai me liberou.

Subi os degraus correndo e, assim que cheguei ao meu quarto, tranquei a porta, joguei os livros na

cama, liguei o som e iniciei uma chamada pelo *FaceTime*. Não sem antes pensar uma última vez na conversa do meu pai. Tinha algo de muito errado naquilo tudo.

CAPÍTULO 18

“Oh, tende cuidado com o ciúme. É um monstro de olhos verdes, que zomba da carne de que se alimenta”.

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

– Charlotte? – A voz exasperada de Alex não deveria ser uma surpresa para mim, mas foi.

– Oi – não havia como ser calorosa. Eu estava triste e decepcionada com ele. – Desculpe não atender, eu estava dirigindo, e... – puxei o ar desviando os olhos da tela. Se precisávamos ter aquela conversa, era imprescindível que eu fosse madura. – Também precisava esfriar a cabeça antes de falar com você.

– Droga, Charlotte! Tem noção de como me deixou?

– Faço uma ideia. Deve ter sido algo bem parecido com a forma como eu fiquei.

– Não aconteceu nada – respondeu de imediato e exaurido. – Que merda!

A imagem de Alex na minha pequena tela era a de um homem cansado e confuso. Ele estava realmente nervoso e tentava se conter, o que me fazia sentir mais raiva. Ok, pode ser infantil da minha parte, só que o fato de ele estar nervoso me parecia culpa e mais nada. E, se ele se sentia culpado, era porque algo havia acontecido.

– Por que não me disse que ela estaria aí? Por que mentiu?

– Primeiro: eu não menti. Não tenho motivos para fazer isso e você sabe muito bem – recuei com a sua postura firme e raivosa. – Segundo: eu não sabia que Tiffany estaria aqui em São Paulo. Ontem, depois do evento, fui informado de que ela participaria do jantar. Ela veio a trabalho. Eu não sabia.

– Como o editor-chefe não sabe que a sua autora preferida está na mesma cidade que ele e, ainda por cima, a trabalho? – Alex limpou o suor da testa com a mão livre e me encarou com firmeza.

– Foi um convite de última hora, para cobrir um buraco em uma pauta. Provavelmente Lana ou Patrício ficaram sabendo a tempo.

– Lana ou Patrício? E não te falaram nada?

– Não. Eu estava ocupado, Charlotte. Não imaginei que uma fofoca de tabloide poderia me gerar tantos problemas – sua paciência, pelo visto, já tinha ido embora.

– Fofoca de tabloide? É isso mesmo o que você acha que é?

– É o que eu sei que é. Tiffany pode ter armado para ficar no mesmo hotel que eu, ou pode ter ficado lá por ser o seu hotel preferido. Eu não sei, e realmente não me importa. Não acha que já sou crescidinho demais para ficar neste joguinho? Se eu tivesse interesse em Tiffany, ou em qualquer outra mulher, não estaria me desdobrando para te convencer a casar comigo.

Certo. Esse foi o seu tiro certo. Alex poderia ter razão, mas o meu lado infantil me fazia querer confrontá-lo, afinal de contas, por que justamente Tiffany estava do seu lado no restaurante? E como ela poderia saber o hotel em que ele estava se ele mesmo não fornecesse a informação?

Merda! Eu estava parecendo uma maluca vivendo a teoria da conspiração. Claro que eu deveria confiar nele, Alex era o homem da minha vida, mas... droga! Qual mulher seria capaz de me julgar pela minha insegurança? É difícil ser jovem, inexperiente, apaixonada e noiva de um homem como o meu professor.

Sentir ciúme me deixava raivosa e, ao mesmo tempo, envergonhada. Uma coisa era defender o meu território, ou ter provas de que não havia fidelidade por parte do companheiro, e outra é simplesmente surtar ao extremo todas as vezes que há uma sutil possibilidade de que alguma coisa tenha acontecido. No entanto, serei franca, apesar de tudo, não havia motivos para duvidar de Alex, e, se um dia eu o tivesse, seria a minha maior decepção.

– Eu fiquei desesperado quando não consegui falar com você, Charlotte – acusou sem me deixar reagir. – Você não pode simplesmente atirar este problema em meu colo e desaparecer.

– Eu estava dirigindo. Acredite em mim: foi melhor assim.

– Não, não foi. Deveria ter colocado seus pensamentos em ordem primeiro para depois podermos conversar civilizadamente, não deveria ter simplesmente jogado a bomba para cima de mim e desaparecido, eu estou trabalhando! Não posso ser atropelado dessa forma, eu...

Merda!

– Olha, Alex...

– E ainda tem o problema do garoto da sua faculdade, Patrício me enchendo a paciência com esta história.

Merda dez mil vezes.

Retirei os óculos, passei as costas da mão no rosto e recoloquei a armação, desejando morrer em vez de ter que me desdobrar em explicações.

– Era o Henrique.

Vi o rosto lindo do meu noivo se contorcer de raiva e angústia.

– Claro! Como poderia ser outro que não o Henrique?

– Alex...

– O garotinho que é simplesmente a sua cara metade.

– O quê?

– Sim, Charlotte. Ele é o cara correto para você. É tão rico quanto você, tem a mesma idade, vive as mesmas coisas e ganhou o aval dos seus pais sem precisar de nenhum esforço.

Revirei os olhos. Quem estava sendo infantil agora?

– Você está sendo absurdo, Alex!

– Eu sei – rosnou e desviou o olhar. – É uma merda estar longe e saber que outro cara fica te rodeando, levando os seus livros, acompanhando você até o carro...

Arqueei uma sobrancelha, encarando-o. Era exatamente como eu me sentia, não falei em voz alta. Alex entendeu o que estava implícito na minha expressão.

– Porra! Desculpe, Charlotte! Não tenho este direito. Estamos os dois na mesma situação e eu não tenho o direito de fazer você entender os meus medos quando eles refletem os seus.

– Isso tudo é uma droga – suspirei resignada. – Eu sinto a sua falta, Alex.

E todo o gelo e tensão se desfez em segundos. Pensar na falta que ele me fazia me desarmou completamente, deixando-me melosa e com vontade de chorar. Alex me olhou com carinho, demonstrando o mesmo sentimento. Como eu queria tocá-lo naquele momento! Como eu precisava sentir os seus braços em minha volta me devolvendo a segurança que havia se perdido!

– Menina! Como consegue fazer isso?

– Isso o quê?

Alex mordeu o lábio e sorriu torto. Um calor latejante começou a se instalar em meu corpo, subindo pelo meu pescoço e se alojando em minhas bochechas. Meus pensamentos não eram nada

decentes, então me vi arfando, e não sabia explicar tal reação.

– Você faz o meu mundo ficar de cabeça para baixo, Charlotte. Bagunça a minha vida, tira toda a minha paciência, me deixa louco, sem saber o que posso fazer e então, de repente, com poucas palavras me devolve a calma, muda o rumo dos meus pensamentos.

– Eu pensei que você fizesse isso comigo.

Direcionei meus olhos para os meus pés. Eu não sabia muito bem como reagir quando Alex ficava daquele jeito meloso. Era gostoso, mas me desconcertava.

– Alex?

Uma voz feminina me alertou, fazendo com que minha atenção voltasse para a minúscula tela do celular. Alex estava acompanhado? Meu coração acelerou e minhas mãos ficaram suadas. Respirei fundo tentando manter o equilíbrio.

– Sim, Catarina?

– Consegui a...

– Um minuto – ele a interrompeu, voltando a olhar para mim. – Venha conhecer Charlotte.

Não sei por quê, mas, quando ele chamou a tal mulher para me conhecer, minha primeira preocupação foi o meu cabelo. Arrumei-o rapidamente, ajeitei os óculos, limpei meu rosto com a mão sentindo-me mais nervosa do que deveria.

Quando a mulher entrou em meu campo de visão, linda e sorridente, demonstrando uma elegância que eu com certeza não tinha, senti tudo em mim desanimar. Seu sorriso perfeito, com dentes retos e proporcionais em lábios carnudos, fez-me esmaecer. Por que tinha que ser tão bonita?

– Charlotte! Alex só fala de você.

Ela disse animada. Até demais para o meu gosto. Alex sorriu e seu sorriso chegava aos olhos, brilhantes e honestos. Relaxei um pouco e sorri de volta.

– Oi.

– Vou tentar liberá-lo o mais rápido possível, porque este chefe aqui está insuportável longe da noiva – gracejou fazendo-me rir um pouco. – Seja bem-vinda a esta casa, Charlotte! Será um prazer trabalhar com os seus livros.

– Obrigada, Catarina!

Ela saiu do meu campo de visão e Alex voltou a me olhar sorrindo. Ele era tão lindo!

– Vejo você em breve, amor – praticamente sussurrou, como uma promessa que jamais seria levada pelo vento.

– Ansiosa.

– Eu também. Preciso ir.

– Certo – ele deixou a tela descer como se fosse desligar. – Alex?

Chamei mais alto e ele retornou ao celular. As sobancelhas unidas como se tivesse medo do que viria daquela vez. Quase ri do seu desespero, no entanto consegui apenas sorrir docemente.

– Eu amo você!

Ele sorriu esplendorosamente e amoleceu o meu coração.

– E então ele se recusou a fazer qualquer comentário a respeito da prova.

Johnny conversava com meu pai enquanto eu, Miranda e minha mãe, apenas acompanhávamos a conversa, rindo discretamente das bobagens que ele dizia e das caretas do Peter, quando meu amigo passava dos limites. Às vezes, Miranda trocava um olhar cúmplice comigo, principalmente quando a conversa era sobre algum garoto que ela achava interessante, mas nada falava.

– Afinal de contas, ele tinha ou não passado o assunto para a turma?

Minha mãe se intrometeu como se estivesse realmente interessada. Acho que fez isso porque eu e Miranda rimos da cara do Johnny quando percebemos que realmente não fazia ideia do que cairia naquela prova.

– Claro que não, madrinha! Se ele tivesse dado o assunto, com certeza eu saberia.

Foi aí que rimos mais ainda. Claro que ele não saberia, a menos que a sua turma fosse formada apenas por freiras idosas, no mais, ele conseguiria desviar a atenção por qualquer outro motivo, e o professor levaria todo o período falando para o nada.

– Então por que não leva o caso para a coordenação? – sugeri apenas para provocá-lo um pouco e

Miranda riu empolgada.

– Você sabe que não posso sofrer uma perseguição faltando um semestre para terminar o meu curso.

– Mas... – meu pai tentou argumentar.

– Ele ainda será meu professor por um semestre inteiro, padrinho. Não posso arriscar.

– Tudo bem!

Meu pai deu de ombro, levando um pouco de comida à boca. Foi neste momento que meu celular vibrou entre as minhas pernas. Eu não desgrudava dele desde o dia anterior, quando Alex e eu quase brigamos, o que graças a Deus não aconteceu, e, fora uma mensagem dizendo que ele estava pensando em mim, eu não sabia mais nada dele desde então.

Peguei o aparelho e não consegui disfarçar minha decepção assim que meus olhos avistaram o indicador de mensagem. Era de Miranda.

“Sabia que abriram um motel aqui bem pertinho de casa? ”

Tive vontade de rir alto. Miranda ou estava louca ou brincando. Para que porcaria eu precisava de um motel perto de casa? Eu nunca nem tinha colocado os pés em um motel, então aquela informação era desnecessária e sem cabimento. Se bem que, levando-se em conta o estado de espírito da minha amiga desde que ela e Patrício resolveram terminar, eu poderia pensar que era o caso da primeira opção: ela definitivamente estava louca.

Só poderia estar, não havia outra explicação. No auge de uma decepção amorosa, ela conseguia pensar em motel, apesar de ainda não ter surgido um novo cara, nem o desejo, mas o motel ela já sabia qual seria? Revirei os olhos teatralmente, pois queria que ela entendesse o que eu estava pensando. Minha amiga riu.

– Para onde vocês pretendem ir mesmo?

Meu pai já havia feito aquela pergunta pelo menos umas mil vezes, provavelmente querendo ter a certeza de que estávamos falando a verdade. O que ele imaginava eu não fazia a menor ideia, mas me perguntei se ele acreditava que Johnny seria capaz de nos levar para uma orgia, ou para um clube de mulheres, e este último pensamento quase me fez gargalhar.

– Uma boate nova. Não fica muito longe – Johnny se apressou a responder como se fosse a primeira vez que estivesse fazendo isso.

– E o senhor provavelmente sabe o endereço, já contratou um segurança e até instruiu o garçom para não nos fornecer bebidas livremente.

– Charlotte! – minha mãe me repreendeu enquanto eu sustentava o olhar do meu pai.

– Eu posso impedi-la de sair, mocinha.

– Não, não pode. Eu tenho vinte e um anos, estou prestes a completar vinte e dois. Sou maior de idade e, de acordo com o saldo das minhas contas bancárias, posso me considerar independente financeiramente.

– Charlotte! – minha mãe tentou pela segunda vez, sem conseguir muito.

– O que está pensando...

– A ideia de me presentear com ações das suas empresas, com certeza não partiu de mim, no entanto, já que aconteceu, elas me pertencem, então, sou legalmente independente.

– Não me desafie, Charlotte!

Meu pai estava passando do estágio vermelho para roxo e eu podia jurar que dali para um infarto era questão de tempo, por isso recuei. Na verdade, desafiar o meu pai não era a minha intenção, só não consegui aguentar a minha indignação pelo fato de ele continuar controlando tudo ao nosso redor.

– Pelo amor de Deus, é só uma saída! O que há de mau ou errado nisso? Não pode confiar na gente uma única noite?

– Escuta aqui, mocinha...

– Pai! Eu não o estou desafiando, estou apenas pedindo para você relaxar, o senhor vai acabar morrendo antes do tempo e sabe Deus o que será da sua família se isso acontecer.

Foi aí que aconteceu.

Ele mudou do roxo para o branco pálido em poucos segundos. Seus olhos, antes quase fechados em fendas, abriram-se em uma surpresa nada agradável. E então ele trocou um olhar cheio de significados com a minha mãe, que, mesmo tentando disfarçar, estava com as mãos trêmulas e os lábios roxos. Aquilo tudo era estranho demais, e ficou ainda pior quando ele tentou dizer algo e nada saía.

O desconforto na mesa foi sentido por todos, que sustentavam o silêncio, quebrado apenas pela campainha. Odete, uma das funcionárias que serviam exclusivamente aos meus pais sempre que eles estavam em casa, apressou-se a atender a porta. E qual não foi a minha surpresa ao ver o meu noivo entrando e ocupando cada espaço da minha mente, ofuscando qualquer problema ou sentimento.

Ele entrou um pouco sem graça, seus olhos logo alcançaram a mesa, mas não se demoraram, pois, quando encontraram os meus, foi como se uma faísca acendesse todo o fogo reprimido.

– Alex!

Levantei sem me preocupar em ser educada e corri para os braços daquele que eu desejava durante dias a fio. A saudade rasgava a minha carne e me torturava. Ele deixou o paletó que segurava nos braços cair no chão e me alcançou logo em seguida. Não houve tempo para pensar em pudor ou em qualquer regra descabida do meu pai. Nós nos beijamos. Sim, nós nos beijamos longa, demorada e apaixonadamente.

Suas mãos se apossaram das minhas costas e me colaram a ele, deixando-me sentir toda a extensão da sua saudade. Gemi baixinho, não me importando se aquilo agrediria os valores morais do meu pai.

Para minha tristeza não estava nos planos do meu noivo ultrapassar os limites impostos por Peter e, tão logo ele percebeu que estávamos em uma zona perigosa, tratou de desfazer o beijo e se afastar, mantendo uma distância aceitável. Seus olhos continuaram presos aos meus e ele sorriu. Ah, ele sorriu! Aquele puxar lateral dos lábios, que fazia o meu mundo girar em outro eixo. Tive vontade de beijá-lo outra vez, porém suas mãos firmes me mantiveram no lugar.

– Saudade de você! – sussurrou, ainda sem quebrar o encanto. Tentei avançar e fui impedida novamente por braços que nos separavam.

– Eu... – olhei para suas mãos me segurando de forma a me impedir de distraí-lo um pouco mais. – Eu também, Alex. Nem acredito que está aqui.

– Alex! – meu pai chamou já de pé ao lado da mesa de jantar. – Enfim você voltou! Venha, junte-se a nós. Sra. Odete, por favor, traga mais um...

– Não será necessário – Alex o interrompeu. Ele colocou uma mão em minha cintura e me conduziu de volta para o interior do apartamento, juntando-se aos demais. – Eu jantei no aeroporto. Como vai

Peter? Mary, Miranda, Johnny...

Minha mãe sorriu amplamente para o meu noivo e o meu pai parecia mais aliviado com a sua chegada, o que me deixou profundamente irritada. Miranda sorriu para mim, e havia um certo desapontamento em seu olhar. E Johnny, bom... Johnny sempre seria Johnny.

– Sentiu o cheiro da fuga? – meu amigo brincou ao apertar a mão do meu noivo, que não entendeu nada. – Charlotte estava esperançosa com o vale *night*, agora você chegou e...

– Ah! – Alex levou a mão ao cabelo, passando os dedos pelos fios lisos e macios. Senti minha própria mão coçar de ansiedade, eu queria poder acariciá-lo daquela forma. – Vocês iam sair? – Ele me olhou rapidamente e depois para Peter, que deu de ombros e sorriu, como se quisesse dizer “a noiva é sua, o problema é seu”. Tive vontade de mostrar a língua para ele.

– Nós só íamos festejar o fim da faculdade – comecei timidamente.

– Sim, íamos nos acabar na pista de dança. Curtir as loucuras da noite – Johnny atçou e Miranda deu uma risada alta.

– Pare de provocar o Alex – minha mãe saiu em meu socorro impedindo meus amigos de continuarem com a brincadeira. – Eles só pretendiam conhecer uma boate nova. Peter já verificou o local e não é nada que possa nos assustar.

Porra! Por que meus pais sempre faziam questão de demonstrar para as pessoas mais importantes da minha vida o quanto eu era uma menina mimada e controlada por eles? Dava para ser menos humilhante?

– E o que será que não passa pelo controle do Dr. Peter? – ironizei fazendo o meu pai se incomodar.

– Sente-se, Alex. Coma pelo menos a sobremesa, um sorvete de coco queimado que vai te deixar maravilhado – minha mãe tentou suavizar a situação.

Alex me conduziu até a minha cadeira e sentou-se ao meu lado. Era estranho como ele ficava esquisito ali. Não sei dizer ao certo o que estava me incomodando. Podia ser o fato de eu nunca ter precisado vivenciar algo do tipo, nunca apresentei ninguém ao meu pai, nem sequer tive um namorado para poder pensar neste assunto. O fato era que Alex estava lá, sentado ao meu lado, participando das

loucuras da minha família e completamente destoadado dela.

– Como foi a viagem, Alex? – meu pai puxou conversa enquanto Odete retirava os pratos.

– Cansativa, mas interessante.

– Sim, nós vimos as fotos do jantar – Miranda provocou e recebeu um olhar meu que poderia fuzilá-la.

– Como vai Patrício, Miranda? – a forma ácida como Alex a abordou me fez estremecer. Parecia que ele queria realmente feri-la, o que me deixou muito incomodada.

– Ele é seu irmão, então você deveria saber – ela rebateu na defensiva.

– Estávamos pensando em uma boate aqui perto, mas se você estiver cansado... – comecei, porém Johnny me interrompeu.

– Ah, não, Charlotte! Estava tudo certo para irmos. Alex não vai se importar se você for, não é mesmo, professor?

– Bom, eu...

– Que bobagem, Jonathan! Alex é o noivo da Charlotte, e tem o direito de não querer sua noiva se divertindo sozinha em boates – meu pai e toda a sua antiguidade resolveu me ferrar ainda mais. – Você e esses pensamentos modernos. Onde já se viu uma moça noiva saindo sozinha para se divertir?

– Tudo bem, eu não havia programado nada para esta noite – Alex respondeu meio pensativo.

Odete se aproximou, colocando a sobremesa na frente de cada um dos ocupantes daquela mesa.

– Alex, de verdade, se você estiver cansado eu posso ficar. Não precisa me acompanhar só porque Johnny é um idiota e o meu pai um ultrapassado.

– Charlotte! – minha mãe me repreendeu novamente, mas Alex sorriu lindamente para mim.

– Não tem problema, Charlotte. Você terminou a faculdade, precisamos mesmo comemorar.

– E é mais um para fazer todas as vontades dela – Johnny brincou, meu pai riu e eu fiquei furiosa.

– Que droga! Por que não vai encher o saco de outro? – explodi e ele riu ainda mais alto.

– Tudo bem, Charlotte! – mais uma vez Alex se manteve tranquilo demonstrando maturidade suficiente para conviver com Johnny. – Johnny só está tentando te irritar – sem que eu esperasse, ele segurou meu rosto e me deu um beijo doce nos lábios. Toda a minha atenção se voltou para aquele beijo.

– Então a que horas pretendem sair? – pegou um pouco do seu sorvete e o levou a boca. Um espetáculo digno de aplausos. Como eu sentia falta daqueles lábios!

Fiquei perdida em meus próprios pensamentos. Eu queria sair para dançar? Bom... até meia hora atrás, sim. Eu queria qualquer coisa que pudesse alegrar a noite dos meus amigos, mas naquele momento, com Alex do meu lado, sentindo a saudade que me machucava, a vontade imensa de tocá-lo, de sentir as suas mãos e de ser dele mais uma vez, minha vontade de sair com os meus amigos havia evaporado.

– Charlotte? – Alex pegou em meu ombro, fazendo-me piscar atordoada. – O que foi? – riu baixinho.

– Nada – olhei ao redor e vi que meu pai e Johnny conversavam enquanto Miranda tomava o seu sorvete, tão perdida em pensamentos quanto eu. Minha mãe olhava todos e ninguém ao mesmo tempo.

– Não vai tomar o seu sorvete?

– Não – voltei a encarar os seus lábios bem na hora em que meu noivo limpava uma sobra de sorvete com a língua. Uma delícia! – Estou sem fome – sentia-me completamente sem ânimo.

– De quanto tempo você precisa, Charlotte? – Johnny me chamou e eu me senti ainda mais atordoada.

– Eu só vou trocar de roupa e me maquiar – Miranda respondeu já levantando.

– Hum! Eu só vou trocar de roupa.

– Não vai se maquiar? – minha mãe se intrometeu. – Nada disso. Não pode sair para um encontro com o rosto lavado. Vamos, eu vou te ajudar – ela disse cheia de entusiasmo e eu revirei os olhos. Minha mãe adorava me fazer de Barbie.

ALEX

Charlotte subiu e eu permaneci com Johnny e Peter. Eles continuaram com a sobremesa, jogando conversa fora. Tudo parecia acontecer dentro da normalidade, Johnny implicava com Charlotte, e Miranda comigo. Que cretina!

– Aceita um café? – a empregada me perguntou após oferecer aos outros dois.

– Não, obrigado!

– Sair para dançar com esta meninada não deve ser uma tarefa fácil – Peter disse chamando a minha atenção. – Se você não fosse dirigir, eu lhe ofereceria uma bebida, como vai conduzir o carro, prefiro não incentivar – ele riu de leve e eu o acompanhei.

– Eu costumava frequentar umas boates. Existem algumas ótimas aqui no Rio de Janeiro – Johnny arqueou uma sobrancelha, como se fosse esquisito eu gostar do mesmo ambiente que ele. Nós não já havíamos nos encontrado algumas vezes? Então por que a surpresa?

– Charlotte nunca me pareceu uma garota que gostasse deste tipo de agitação. Eu sempre achei que ela simplesmente seguia os outros dois – Peter afirmou pensativo.

– E é exatamente o que ela faz, padrinho. Não é muito a *vibe* da Charlotte frequentar uma boate – Peter sorriu satisfeito. – Ela não gosta muito de lugares públicos. Um restaurante ainda é aceitável, mas bares, boates, shows, nada disso enche os olhos da pequena Charlotte.

– Ela é mais velha do que você – rebati sem me importar com Peter. Johnny realmente extrapolava os limites com a proteção que tinha pela amiga. Peter riu alto e deu um tapinha nas costas dele.

– Jonathan sempre esquece este detalhe. Eu gosto, isso me ajuda a cuidar melhor das meninas – e ele nem fazia ideia do que estava falando.

– Exatamente – Johnny respondeu levantando. – Eu preciso fazer algumas ligações. Com licença.

Acompanhamos o garoto saindo da sala, já falando com algum amigo ao celular. Assim que ele sumiu de vista, Peter se voltou para mim. Sua expressão séria me fez ter medo do que diria.

– Algum avanço? – ele foi direto. Eu neguei com a cabeça. – Estamos em uma situação crítica.

– Ela piorou?

– Consideravelmente – suspirou deixando-se abater. – O tempo está cada vez mais curto.

Encostei-me na cadeira sentindo o peso do problema que ele atirava em meu colo. O que mais eu poderia fazer? Até então eu sabia apenas que era da minha vontade que o casamento ocorresse logo. Aliás, se Peter não fosse tão antiquado, eu poderia facilmente convencer Charlotte a morar comigo. Faríamos uma cerimônia pequena, sem precisar de papéis ou compromissos que colocariam mais peso do que o necessário naquela relação.

No entanto não era o que poderíamos fazer, e eu não tinha outra saída a não ser encontrar uma forma de convencê-la a se casar imediatamente. Claro que eu poderia simplesmente deixar acontecer, esperar que ela se sentisse segura ou mesmo aceitar que ela ainda não estava pronta, infelizmente eu me conhecia muito bem e tinha a certeza de que, quando tudo acontecesse, eu me consumiria em culpa por ter deixado de lutar para dar a Mary a felicidade de vê-la casada e feliz.

– Eu não sei o que fazer, Peter. Tenho conversado com ela, estou apostando todas as minhas fichas neste plano, mas Charlotte teima em continuar com esta postura, como uma birra. Como se precisasse manter a sua posição apenas para mostrar que está no controle da própria vida – ele fez uma careta e concordou.

– Provavelmente trata-se disso mesmo. Eu sempre fui rígido demais, o que nunca a impediu de fazer o que queria, você deve saber disso – sorri um pouco, concordando com o meu futuro sogro. – Droga, Alex! Não posso passar por cima do juramento que fiz a Mary. Não posso contar a Charlotte o que está realmente acontecendo. Também não acho justo que ela se case apenas por isso. Teria que ser pela sua própria vontade.

– E será, só que talvez não tão rápido quanto você precisa.

– Ou no tempo que ainda nos resta – ele completou pensativo. – Aí não faria mais sentido – mais uma vez concordei e um nó se formou em minha garganta.

Eu queria tanto que fosse mais fácil. Mais simples, pelo menos.

– Acho que preciso de uma bebida – ele disse levantando. Eu também precisava, mas não podia. – Não pode ser mais uma disputa de ego, Alex. Charlotte não pode mais acreditar que o casamento é uma

imposição minha. Ela tem que acreditar que a urgência é uma necessidade sua.

Porra!

Olhei para Peter ciente de que meus olhos estavam esbugalhados. Eu não podia fazer aquilo. Não podia forçar Charlotte a fazer a minha vontade, a seguir os meus comandos. Porém entendi o que ele queria dizer. Enquanto minha noiva acreditasse que eu queria casar por causa da exigência de Peter, ela reagiria contra, por outro lado, se ela acreditasse que a urgência era uma necessidade minha, talvez assim acabasse concordando. O que não deixava de ser uma grande merda.

Ele caminhou até o bar, do outro lado da sala, e se serviu de um pouco de uísque. Depois fez um gesto para que eu o seguisse. Sentamos no sofá que ficava próximo à entrada para a varanda. Apesar do ambiente climatizado, estava quente, ou eu estava sufocando com a pressão em minha mente.

– Eu posso ser mais liberal com ela – ele começou.

– E eu vou fazer o quê? Todos os meus argumentos são baseados na sua perseguição, Peter. O que vou dizer a Charlotte? Não podemos inverter os papéis justo agora – ele olhou para fora do apartamento e depois voltou a me olhar.

– Minha filha gosta de você, Alex. Se ela acreditar que está sendo infantil e que pode te perder por causa disso, talvez concorde mais rápido.

– Eu não vou fazer isso. Não vou forçar a barra demais com ela. Já pensou se a corda arrebenta para o meu lado? Se ela resolve pôr um fim à nossa relação por não aguentar a perseguição? Ela não precisa de outro Peter em sua vida.

Certo. Desta vez peguei pesado e vi isso muito bem refletido no olhar que ele me lançou.

– São palavras dela, acredite... quando tentei pagar pelos óculos novos – ele relaxou e o efeito foi o mesmo em meu corpo.

– Tudo bem. Não sei mais o que tentar. Posso trancafiá-la em casa, proibir o namoro, impor o casamento...

– Vamos esperar mais um pouco, Peter. Só mais um pouco.

– Mais um pouco para o quê? – Johnny entrou na sala sem se importar em seu educado.

– Vocês não estão atrasados? – Peter o questionou sem se abalar ou perder a postura superior. –

Não acho que sair a uma hora destas seja adequado para...

– Estamos prontas – Miranda desceu rapidamente as escadas com um sorriso imenso nos lábios.

– Imaginamos que aprontaria algo do tipo, Peter – a voz da minha noiva capturou toda a minha atenção.

Olhei para as escadas e a vi. Linda! Usava um vestido claro. A parte de cima parecia um corpete e este detalhe desenhava a sua cintura e empinava os seus seios de uma forma apetitosa. Da cintura descia uma saia solta que acabava cedo demais e dançava de acordo com os movimentos daquele corpo esplêndido. Ela usava uma espécie de casaco, mas que parecia ser apenas mangas soltas, presas às costas. Eu já tinha visto peças como aquela, no entanto nunca me dei ao trabalho de entendê-las melhor. O fato era que ficava deslumbrante em Charlotte, e os cabelos presos em um rabo de cavalo apumado, deixando seu pescoço exposto estavam me tentando de uma maneira absurda.

Ela me olhou e sorriu delicadamente, desviando os olhos e se permitindo corar, o que mexeu diretamente com a minha libido. Seus passos lentos e calculados foram uma tortura para a urgência que se apossou de mim. Sem que pudesse me controlar, levantei-me para aguardá-la no pé da escada. Ela voltou a me olhar e, sorrindo, saltou os três últimos degraus, atirando-se diretamente em meus braços. Rimos juntos.

– Você nunca vai deixar de ser uma menina, Charlotte – brinquei ao levantá-la para beijar seus lábios.

– Nunca. É assim que você me ama.

E era assim que eu sempre a amaria.

CAPÍTULO 19

“Não chame o meu amor de Idolatria. Nem de Ídolo realce a quem eu amo. Pois todo o meu cantar a um só se alia. E de uma só maneira eu o proclamo.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Não precisei nem pensar no assunto para entender que Miranda e Johnny iriam juntos no carro dele, enquanto eu e Charlotte partiríamos, muito provavelmente segundo os planos dela, em meu carro, para outro destino.

Precisei de todo o meu autocontrole para não ceder antes mesmo de ser tentado.

Charlotte estava linda. Deslumbrante. Ela sorria e, vez ou outra, olhava-me com aquele encanto que sugava de mim toda a minha vontade. Quando ela me dominava daquela forma eu sabia que a seguiria para qualquer lugar, quebraria qualquer regra, apenas para satisfazê-la.

Abri a porta do carro dando-lhe passagem. Ela sorriu docemente, permitindo que seu rosto corasse e acentuasse suas pintinhas maravilhosas. Sua franja, até então arrumada para o lado desceu em seu rosto, no mesmo instante em que minha noiva baixava o olhar como uma submissão, eu instantaneamente senti algo latejando em minha virilha.

Eu estava sedento dela.

Fechei a porta e rapidamente entrei no carro, deixando antes o paletó no banco de trás. Na ânsia de vê-la, nem mesmo a minha mala eu havia deixado em casa. Paguei o táxi já com a chave do carro na mão. Nem entrei em casa, apenas peguei meu carro e fui encontrá-la.

– Alex...

Ela começou e eu já sabia o que seria. Olhei pelo retrovisor vendo Johnny e Miranda sumirem de vista. Respirei fundo buscando forças para negar.

– Vai ser uma noite interessante – interrompi-a, precisava arrumar uma forma de fazê-la desistir. – Eu estou mesmo precisando relaxar um pouco, conversar sobre assuntos não relacionados ao trabalho.

– Então... – ela virou um pouco para mim. – Eu estava pensando em não irmos à boate. É muito barulhento, você não vai conseguir descansar.

– E o que quer fazer? Miranda e Johnny já foram – dei partida decidido a segui-los.

– Pensei em ficarmos um pouco na sua casa – mordi o lábio contendo a vontade de acatar sua

sugestão.

– Minha casa está uma bagunça, amor. Ficou muitos dias fechada sem contar que, quando estou fora, a faxineira não vai – era a desculpa perfeita.

– Eu não me importo – ela disse calmamente embora eu soubesse que Charlotte explodiria a qualquer momento.

– Mas eu me importo – peguei sua mão levando-a aos lábios para depositar um beijo leve. – E ficar em casa não será uma comemoração. Precisamos festejar. Aliás, teremos um mês de festa – ela revirou os olhos já incomodada.

– Se formos para a sua casa, faremos a maior e melhor comemoração de todas.

Ok, ela me ganhou com esta. As palavras de Charlotte fizeram meu pau vibrar. Minha ereção começava a me incomodar.

– Não posso nem imaginar você deitada em lençóis sujos – dei mais um beijo em sua mão e a deixei sobre a coxa roliça e maravilhosa da minha noiva.

– Podemos trocá-los – suspirei.

– Minha casa não, Charlotte. Miranda e Johnny estão esperando por nós dois.

– Na verdade, não estão – ela sorriu travessa. Minha noiva era uma diabinha.

– Então você tramou pelas minhas costas? E Johnny aceitou? Ele tinha ficado todo ofendido porque eu cheguei.

– Pode deixar que com ele eu me resolvo depois.

– Charlotte, seu pai confiou que eu...

– Nem quero ouvir o que você vai dizer, Alex. Eu estou morta de saudade. Não posso acreditar que você vai continuar justificando a perseguição do meu pai com a sua necessidade em fazer as vontades dele, e...

– Ei! – segurei outra vez a sua mão apertando levemente os seus dedos. – Eu também estou com saudade, mas minha casa está suja. Não posso te levar para lá. Eu não me sentiria bem. Além do mais, eu quero realmente festejar esta noite com você. Gostei da ideia. Vamos ficar um pouco com os seus amigos. Imagino que Miranda esteja precisando de você.

– Patrício te contou? – imediatamente ela esqueceu o nosso impasse, voltando-se para o problema da amiga.

– Ele conversou comigo. Terminaram, não foi? Eu nunca levei muita fé neste relacionamento.

– Por quê? O que Patrício fazia de tão ruim assim para que você não acreditasse neles dois?

– A questão não é o que Patrício fazia e sim o que Miranda consegue ser.

– Alex!

Droga!

– Não sei, Charlotte.

Gemi sabendo que meu problema agora era maior do que o anterior. Estava quase concordando em irmos para a minha casa, pelo menos assim eu conseguiria fazer minha noiva esquecer meu comentário infeliz.

– Você não pode falar assim da minha amiga. O que aconteceu para que você tenha esta restrição em relação a ela?

– Nada. Eu apenas nunca achei que eles dariam certo. Como se não houvesse química, sei lá.

– Pois eu não acho. Muito pelo contrário. Patrício agiu como um idiota com toda aquela declaração de amor, aquela história de mulher da vida dele.

– Amor, eu realmente não quero brigar por causa dos dois. Patrício está confuso e Miranda... Bom... não sei como Miranda está. Ela me pareceu um pouco perdida, então imaginei que você quisesse ficar ao lado dela.

– E quero mesmo – ela se voltou para a frente pensativa, não aborrecida.

– Então? Vamos encontrá-los. Vai ser divertido!

– Tudo bem, Alex – suspirou resignada.

Seria um problema conseguir manter Charlotte distante o suficiente para convencê-la.

CHARLOTTE

Como previsto, a boate estava lotada, barulhenta, fervilhando hormônios que impulsionavam as pessoas umas para as outras como se o mundo fosse acabar no dia seguinte. Alex não parecia confortável, mesmo assim ele dançou e se esforçou bastante, sem reclamar em momento algum.

Johnny e Miranda facilitaram bastante, dando-nos espaço. Com isso ganhamos um tempo para nós dois e namoramos muito, matamos saudades dos beijos e carinhos, além de curtir a noite de forma diferente da que estávamos acostumados.

– Vamos ficar lá no fundo – ele sussurrou em meu ouvido. O corpo todo colado ao meu em uma dança sensual e discreta ao mesmo tempo. – Tem uma área reservada, uma parte mais escura – e eu me peguei imaginando se tinha como ficar mais escuro, ou se havia realmente algum lugar reservado naquele calabouço lotado de pessoas que dançavam e paqueravam na mesma medida.

– Um lugar onde poderei conseguir mais do que alguns beijos e esfregar de corpos? – ele riu buscando meus lábios.

– Vamos.

Começou a me guiar, abrindo espaço entre pessoas coladas. Imaginei se Miranda e Johnny conseguiriam nos encontrar naquele “mar de corpos suados” e quase tive certeza de que não. Minha amiga devia estar dando a si mesma a oportunidade de ser feliz, buscando em outros lábios o sabor que tinha perdido. Miranda nunca se entregaria. Sorri satisfeita.

Alex me levou para uma área realmente mais reservada e, pelo que vi, apenas pessoas com pulseiras como as nossas, que até o momento eu acreditava ser somente mais um acessório colorido e brilhante daquela festa louca, poderiam ficar naquele espaço. O local era mais refrigerado, tinha sofás, mesas e garçons, apesar de lotado, estava menos do que na pista.

– Miranda e Johnny vão saber que estamos aqui?

– Muito provavelmente – ele disse ainda grudado as minhas costas. – Eles devem imaginar que eu não suportaria muito tempo naquela confusão – e riu de uma maneira deliciosa. – O que gostaria de fazer?

– Você não vai querer satisfazer o meu desejo – ele gemeu e mordeu meu lóbulo.

– Eu quero. E muito! – salientou sem deixar de me provocar. – Mas por ora vamos aproveitar para namorar.

– Namorar?

Virei em sua direção quando chegamos ao fundo do espaço, ele me encostou na parede. O ambiente escuro não me permitia enxergar seus olhos, mas eu podia jurar que estavam intensos e profundos, em seu azul perfeito. Alex colou o corpo ao meu, sem buscar pelos meus lábios. Senti que estava esquentando, apesar da refrigeração reforçada.

Meus saltos altos ajudavam a diminuir a diferença de altura entre nós dois, mas principalmente, permitiam que nossos corpos se encaixassem quase perfeitamente. Sim, eu podia senti-lo, e posso dizer com precisão que Alex estava com tanta saudade quanto eu.

– Namorar, Charlotte! – sussurrou em meu ouvido, mantendo os lábios em minha pele. Sua respiração fazia meus pelos arrepiarem. – Dar uns amassos sem avançar muito –imprensou-me contra a parede sem se importar se estávamos sendo observados. E quem se importava?

Muito lentamente ele roçou o corpo no meu. Suavemente, como uma dança lenta e sensual. Um braço estava apoiado na parede atrás de mim e o outro acariciava o contorno do meu corpo, subindo e descendo a mão pela minha silhueta, atizando fogo por onde passava.

Levei minhas mãos aos seus cabelos e, saudosamente, enrosquei os dedos nos fios lisos e sedosos. Por que eu adorava tanto tê-lo em minhas mãos? Não importava. O fato era que ter Alex junto a mim, da forma que fosse, era uma sensação impossível de ser descrita.

Suas mãos subiram dos meus quadris até meus braços e depois, lentamente, enquanto ele ainda brincava em meu pescoço com seus lábios e língua, senti seus dedos longos tocarem, discretamente, é válido ressaltar, a lateral do meu seio.

Porra!

Depois de passar por experiências, mesmo que poucas, nunca antes imaginadas, para depois sofrer com a ausência dos seus toques, tê-lo tão próximo, e tão longe ao mesmo tempo, fazia o meu corpo entrar em ebulição. A mínima sugestão de toque, a leve lembrança do que ele poderia fazer comigo, povoou

minha mente de imagens e desejos indecorosos. Meu coração acelerou, minha respiração ficou pesada, minha cabeça completamente atordoada, minha boca seca e minha calcinha... dá para imaginar.

– Alex! – estremeci.

Ele sabia exatamente o que estava fazendo comigo e gostava de me deixar daquele jeito. As pernas bambas imploravam por atenção. Mais precisamente, o centro entre elas. Infelizmente não havia o que ser feito. Estávamos em público, seria abusar demais.

– Sinto sua falta, minha menina – ele gemeu e arrastou os lábios até encontrarem os meus.

Nossa!

Aqueles lábios...

Beijar Alex não era apenas sentir o sabor dos seus lábios, a doce sensação de ter a sua língua buscando pela minha, muito menos a reconfortante ideia de que aquele beijo era o símbolo do nosso amor. Beijar Alex era uma experiência à parte. Era algo que conseguia mexer com todos os meus nervos, causava um carnaval entre as minhas células e, com outras ações do corpo dele, como aquele roçar constante e lento, seguindo o ritmo que dominava o ambiente, geralmente causava uma explosão, ou, falando em uma linguagem mais popular, levava-me a um orgasmo fulminante.

Quando eu estava presa pelos lábios do Alex, nada mais contava, apenas eu, ele e o nosso desejo, ou o meu, que sempre falava mais alto. Por isso mesmo, sem pensar no assunto, suspendi a perna na dele, roçando o calcanhar, até que minha coxa estivesse em sua cintura. Ah, Alex gostou daquilo! Sim, ele gostou.

Em poucos segundos sua mão estava em minha coxa, a leve pressão da sua ereção entre as minhas pernas roubaram de mim qualquer resquício de juízo, então, sem conseguir controlar qualquer reação, deixei que minhas mãos o puxassem para mais perto, se é que era possível, e me agarrei àquele homem desfrutando de cada investida.

E, como não podia deixar de ser, Alex retribuiu. Seu beijo ficou mais intenso, suas mãos mais urgentes, suas roçadas mais fortes e eu me vi mergulhando naquele mundo tão nosso, em uma viagem sem volta. Foi quando ele se afastou.

O ar faltou, minha cabeça girou, minhas pernas fraquejaram e eu fui tomada por um frio decidido a

gelar o meu corpo todo.

– Alex?!

– Ah, menina! – ele gemeu pouco antes de se afastar mais.

– Não faça isso comigo – supliquei. Eu precisava de mais. Muito mais.

– Não faça você isso comigo – replicou sorrindo e, apesar da escuridão, eu pude ver a amplidão do seu sorriso maroto. – Eu estou morto de saudade, Charlotte.

– Uma pena a sua casa estar suja – ele grunhiu e se afastou entrando em um fecho de luz que coloria a boate.

– Vou buscar alguma coisa para beber.

Mesmo cambaleando e com o corpo formigando de desejo, consegui dar alguns passos e sentar na poltrona mais próxima. Olhei ao redor e muitos casais estavam em situações parecidas com a nossa, segundos antes. Sorri. Se eu estava incomodada com a calcinha molhada imagine Alex com aquela calça que mal conseguia conter a sua ereção.

Ele voltou com duas bebidas, uma colorida, ou eram os flashes de luz que dançavam pelo salão, e outra que parecia ser uísque. A colorida era para mim!

– Coquetel – disse ao segurar minha mão e me levantar.

– Pensei que você não iria beber.

– Preciso de alguma coisa para distrair a minha mente.

Ele sentou onde eu estava e me colocou em seu colo. A mão livre brincou discretamente com as minhas coxas. Senti minha pele arrepiando. Aquela noite seria uma tortura. Não havia maneira de convencer Alex a me levar para a sua casa, por mais que eu o estivesse tentando, mas eu precisava dele como nunca havia precisado antes. Depois de tantos dias separados, de toda aquela tensão por causa da manchete nos jornais, de Tiffany fazendo de tudo para conseguir nos separar, eu queria apenas ser amada por aquele homem para me certificar de que tudo ficaria bem.

– E então, como está se sentindo agora que é uma mulher formada?

Foi então que uma ideia me ocorreu. Eu nem imaginava como conseguiria fazer aquela proposta, porém não via outra alternativa, era isso ou ter que esperar até que Alex não tivesse mais desculpas. Meu

rosto esquentou consideravelmente. Puxei o ar. O ambiente escuro seria meu aliado.

Inclinei-me em sua direção e beijei seus lábios, utilizando a outra mão para acariciar seu peito. Alex aceitou o beijo lento e tornou tudo muito mais luxurioso. Ele apertou minhas coxas, depois deixou que a mão adentrasse entre as pernas, roçando a ponta dos dedos em minha pele e me deixando ainda mais ansiosa.

– Eu tive uma ideia – falei o mais baixo que pude, tentando fazê-lo me escutar no meio de tanto barulho.

– E não respondeu a minha pergunta – ele brincou apoiando meu corpo com a mão que ainda segurava o copo. – Que ideia teve?

Aproveitei o interesse do meu noivo para utilizar tudo o que tinha para persuadi-lo. Ainda não estava certa se eu faria uma proposta decente, ou... sei lá, se era correto eu ser a pessoa a convidá-lo. Estava ciente de que minha mente estava funcionando de acordo com a do meu pai, com pensamentos retrógrados e machistas, mas, verdade seja dita, eu não era uma pessoa “para frente” como Miranda.

Aliás, eu não era tipo nenhum de pessoa quando o assunto era namoro, ou relacionamento. Não conhecia as regras da vida real, não sabia o que valia e não valia no jogo da sedução. Apenas fantasiava com situações românticas em que o parceiro, sempre apaixonado, compreendia tudo e achava incrível. Bom, aquele poderia não ser o caso do Alex.

Mais um ponto negativo. Pensar sobre isso me fez enxergar, mais uma vez, que mal nos conhecíamos, como podíamos desejar o casamento?

– E então? – ele se afastou, buscando meus olhos. – Qual foi a sua ideia, maluquinha? – a mão que estava entre minhas pernas, em uma carícia sensual e ousada, foi para o meu cabelo, ajeitando os fios que se soltaram enquanto dançávamos.

– Eu pensei... – pisquei algumas vezes. Se não estivesse tão escuro, com certeza, os olhos dele me hipnotizariam e impediriam de falar. – Pensei em... um... motel?

Ok! Minha insegurança e nervosismo fizeram eu me sentir tão infantil e ridícula que quase retirei o convite, mas não o fiz, simplesmente porque notei a expressão séria do meu noivo. Ele me encarou de um jeito diferente, estranho, ousei dizer, depois bebeu mais um pouco do seu uísque, desviando o olhar.

Eu não sabia o que fazer ou dizer. Não conseguia tomar uma atitude, levantar, beber o meu coquetel... nada. Eu, sentada no colo do Alex, aguardei. E cada segundo era como uma faca cortando o meu coração.

– Um motel? – seu jeito ainda frio me deixava tensa.

– Sim... – comecei. – Sua casa está suja e você não quer me levar para lá, então... Miranda me contou que inauguraram um motel perto da minha casa.

– Miranda? – e riu sem vontade alguma. – Eu deveria imaginar.

– Alex, qual é o problema! É só um motel. Todos os casais vão a motéis.

– Nem todos.

– Posso apostar que você conhece vários motéis da cidade.

Não sei por que senti tanta raiva. Alex adorava culpar Miranda por todos os males que atingiam a sociedade, e aquilo me incomodava profundamente. Somado a tudo havia a sua visível recusa de me levar para um motel. O que havia de errado nisso? E era verdade que ele, com certeza, conhecia os principais motéis do Rio de Janeiro.

Indignada, tentei levantar do seu colo, no entanto, como era de imaginar, ele me deteve, segurando-me até que eu entendesse que não poderia sair de lá.

– Nunca associei motéis a amor, Charlotte. Este é o problema – tentei me acalmar para escutá-lo. – Sim, eu conheço muitos motéis, já fui com algumas mulheres, mas normalmente, quando havia intimidade, ou um pouco mais de amizade, eu preferia a minha casa. Motel sempre foi a minha falta de opção.

– O que não quer dizer nada para mim. E daí se você não pensa que pode levar a pessoa que ama a um motel? Este é um pensamento machista e absurdo, Alex Frankli! Todos os casais vão a motéis, os que se amam e os que não se amam, porque a ideia não é o amor e sim transar, entendeu? – ele apertou os lábios com força, o que me fez acreditar que era para se impedir de rir da minha cara.

– Você é muito persuasiva, Charlotte – aquele sorriso debochado brincou em seus lábios. – Eu... não me sentiria bem levando você para uma cama de motel.

– Que não seja em uma cama. Droga! Qual é o seu problema? Você...

E então me dei conta. Alex havia me pedido em casamento depois de ter tirado a minha virgindade,

tinha sofrido a pressão do meu pai e então caiu na real. Ele não queria aquilo. Não queria namorar uma garotinha, não queria casar nem se prender a ninguém, apenas estava se sentindo obrigado a agir assim e, sendo ele um homem com tanto caráter, jamais fugiria do seu compromisso.

Aquele era o Alex que eu conhecia. E aquele era o momento mais doloroso do meu dia.

Ele não me queria.

Não era porque tinha trabalho para fazer, nem porque precisava viajar, não porque estava com a casa suja e muito menos porque não concordava em me levar a um motel... ele não me queria. Não a ponto de fazer aquilo por mim.

Envergonhada, deixei meu olhar cair para minhas mãos. Droga! Eu era uma garota que poderia encantar um homem como Alex, só que era apenas encanto. Não era um amor capaz de fazê-lo aceitar, de maneira satisfatória e feliz, mudar tudo a seu redor. E o que eu poderia cobrar dele? Nada. Desde o início, eu forcei a barra, eu criei as situações e fui fundo em minhas ideias. Eu fiz as coisas acontecerem e era a única culpada por tudo estar como estava.

– Charlotte?

Ouvi alguém me chamando. A voz estava muito próxima e não foi fácil reconhecê-la, por causa do barulho. Olhei para trás e dei de cara com Patrício. Ele caminhava em minha direção e me olhava como se quisesse dizer “peguei você!”. Não entendi de imediato o que ele pretendia com aquilo tudo e piorou quando percebi que estava de mãos dadas com uma garota tão magra e alta que me fez imaginar como seria possível. Ela estava incrivelmente maquiada, os cabelos jogados para o lado e modelados para permanecerem assim, e vestia uma roupa que mais parecia ter saído de uma revista de modas.

Patrício. Garota nova. Miranda. Todos no mesmo ambiente. Puta que pariu!

– Alex! – ele exclamou surpreso ao se aproximar da gente. – Não sabia que tinha voltado – e me lançou um olhar estranho. Um pouco de decepção e um pouco de alívio. Sei lá!

– Cheguei faz poucas horas. E aí, tudo bem? – meu noivo apertou a mão do irmão e aguardou que ele apresentasse a garota. Meu futuro cunhado nem se deu ao trabalho.

– Deu tudo certo? Como foi...

– Amanhã conversamos sobre trabalho, Patrício – Alex o cortou passando uma mão em minha

cintura para me puxar para mais perto. Meu coração afundou.

Ele não me desejava. Merda! Por que não? Antes não podíamos encostar um no outro e agora ele buscava desculpas para não precisar transar comigo. Desviei o olhar novamente e foi neste momento que vi Miranda entrando na ala em que estávamos.

Put. Merda!

ALEX

Charlotte se movimentou, incomodada, e precisei segurá-la mais firme para que a maluca não tentasse fugir de mim mais uma vez. Eu não queria magoá-la, mas pensar em levá-la a um motel me incomodava. Não como eu tinha dito. Claro que se não houvesse opção eu levaria minha noiva para onde quer que fosse, desde que pudesse ficar com ela.

Porém a ideia era não deixar Charlotte acreditar que teríamos um namoro normal, no qual tudo seria fácil de conseguir, então levá-la para um motel seria ceder e permitir que ela continuasse se negando a casar. Eu precisava disso e Peter mais do que nunca.

– Lana sabe que você voltou? – Patrício continuou conversando sem se preocupar com a garota que estava com ele. Mais um problema.

Eu tinha certeza de que meu irmão não ficaria sozinho, e, principalmente, que voltaria a sua vida sem regras e sem compromissos, só não pensei que seria naquela noite e na mesma boate que Miranda. Além do mais, Charlotte estava incomodada com a presença da garota.

– Não. Tínhamos combinado que eu voltaria amanhã, mas consegui resolver tudo e adiantei minha volta – Charlotte virou em minha direção e me encarou. Ela estava realmente incomodada. – O que foi?

– Solte-me – disse sem pestanejar.

– Charlotte...

– Alex, por favor! – e olhou discretamente para o local onde os seguranças faziam o controle das pessoas que entravam.

Miranda estava conversando com um rapaz e era só o que eu conseguia ver, pois uma nuvem de fumaça ocupou o espaço que nos separava. Respirei fundo analisando todas as possibilidades. Patrício não seria problema, afinal de contas foi ele quem colocou um fim no relacionamento, já a amiga da minha noiva... Eu podia ter uma ideia do que Miranda seria capaz de fazer caso encontrasse meu irmão com uma garota. Pensando nisso, soltei Charlotte.

Ela levantou, ajeitando o vestido e procurando pela amiga através da cortina de fumaça.

– E você, Charlotte? Pensei que estivesse com seus amigos. Ou “amigo” – Patrício provocou.

– Não devo satisfações a você, Patrício – minha noiva rebateu pegando-nos de surpresa. Meu irmão riu alto e abraçou a garota que estava com ele.

Ela era tão magra!

– E da próxima vez que quiser criar problemas no meu relacionamento com o seu irmão, encontre alguém mais interessante do que o Henrique. Ele sequer faz sombra a alguém como Alex – falou olhando diretamente para o meu irmão que parou de rir ficando sem graça. – E não me compare a você. Eu sou leal.

Tive que sorrir. Charlotte era mesmo incrível!

No entanto, não tive tempo de acrescentar nada. No momento que Patrício encarou minha noiva, a nuvem de fumaça se dispersou revelando Miranda e o rapaz em um beijo tão escandaloso que foi capaz de nos roubar a fala.

– Mas que porra! – Patrício grunhiu sem desgrudar os olhos do casal. Charlotte estremeceu intuindo o que havia acontecido, virando-se para constatar.

– Oh, merda! – ela disse assim que Patrício passou por ela como um raio.

– Patrício?

Gritei, mas meu irmão continuou marchando em direção a Miranda. A garota, a magricela, o seguiu de perto, sem entender o que estava acontecendo. Eu e Charlotte tivemos que fazer a mesma coisa.

– Patrício, espere! – tentei contê-lo, mas foi em vão. Ele já estava perto demais.

– Sua cretina!

Ele gritou a plenos pulmões, despertando a atenção de muitos que estavam por ali. Coloquei-me entre ele e Miranda, que assustada desfez o beijo e tentava entender o que acontecia. O rapaz, obviamente, colocou Miranda atrás dele, protegendo-a.

– Então era isso que você queria? Ficar livre para poder “galinhar” por aí? Eu deveria suspeitar – ele bradou descontrolado.

– Ei! Não fale assim com ela. Você também não ficou para trás – Charlotte se meteu com tanta fúria que me espantou.

– Patrício, o quê... – Miranda tentou, mas foi impedida.

– Qual é o seu problema? – o rapaz que estava com ela se meteu para defendê-la.

– Cale a boca, seu idiota! Que o assunto aqui não é com você.

– O quê? – Miranda gritou se colocando na frente. – O que você quer, Patrício?

– O que eu quero? Eu quero é me certificar de que fiz a coisa certa. Descartei o que só me traria

desgosto – e ele foi acertado por um tapa tão forte, que nem mesmo o barulho da briga e da música impediram que todos ouvissem.

Só que quem deu o tapa não foi Miranda, apesar de ela estar realmente predisposta a fazê-lo. Quem bateu em meu irmão foi Charlotte. Puta que pariu!

– Charlotte! – gritei puxando-a para mim. Era melhor afastá-la, antes que Patrício revidasse e eu fosse forçado a dar uma surra em meu irmão.

– Seu imbecil! – Miranda gritou sendo puxada para trás pelo rapaz que estava com ela.

– Qual é o problema aqui, Patrício? – a magrela finalmente reagiu. Ela parecia mais estar entediada do que aborrecida pelo que presenciava.

– O problema é essa... vagabunda.

– O quê? – Charlotte gritou ao mesmo tempo que Miranda.

Então toda confusão começou.

Porra! Eu consegui segurar minha noiva, mas não a tempo de ver o rapaz que estava com Miranda acertar um soco em meu irmão, enquanto a amiga da minha noiva avançava para acertá-lo ela mesma. A magricela, que estava no meio de tudo, não conseguiu evitar as porradas que levou e logo a briga era, de um lado, a troca de socos entre Patrício e o rapaz, do outro, uma chuva de tapas e puxões de cabelos entre Miranda e a garota que estava com o meu irmão.

Um verdadeiro inferno!

CAPÍTULO 20

“Quando não houver nada a perder, arrisque tudo.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

– Você é uma cretina!

Patrício gritou, já do lado de fora da **boate**, com a camisa enrolada em pedaços de gelo que Johnny conseguiu para ajudá-lo.

Lógico que fomos todos expulsos. Exceto Johnny, que só soube o que aconteceu porque viu Miranda ser arrastada para fora enquanto ainda gritava e tentava atingir Patrício. Uma cena patética.

– E você um palhaço! – ela grunhiu enquanto Charlotte a ajudava a arrumar o cabelo que estava pior do que um ninho de gato. – Idiota! – sua voz chorosa indicava que a briga seguia outro rumo. – Um troglodita! Eu agradeço por ter me livrado de você.

– Calma, Miranda – minha noiva tentava consolar a amiga. Ela também estava magoada com o meu irmão e não conseguia nem olhá-lo.

Só quando fomos para o estacionamento é que nos demos conta de que a magricela havia desaparecido. Graças a Deus! Miranda tinha praticamente destruído a garota. Já o rapaz que estava com a amiga da minha noiva ainda queria briga, porém foi contido pelos seguranças e mandado embora com os amigos, que se juntaram para alimentar a confusão.

– Ai! – Miranda gemeu quando Charlotte tentou limpar suas lágrimas. – Aquela coisinha me infectou com suas unhas postiças – Charlotte riu e Miranda também, apesar do choro.

– Deixa eu ver – examinou com cuidado. – Ela te arranhou aqui.

– Ai! Vou morrer. Com certeza aquela cadela me transmitiu raiva – Miranda choramingou e Charlotte riu novamente.

Olhei para Patrício verificando como ele estava. Não tão mal quanto o outro cara, um olho estava inchado e o lábio partido. Ele não conseguiria voltar sozinho para casa. Olhei rapidamente para Charlotte ciente de que o fato de levar meu irmão não iria deixá-la nada satisfeita.

– Se você não tivesse agindo como...

– Cale a boca, Patrício! – Charlotte grunhiu e eu tive que me colocar entre os dois.

– Já chega! Fique calado, Patrício. Miranda estava seguindo com a vida dela, assim como você com a sua, agora chega de confusão. Vamos! Eu vou te levar para casa – Charlotte me encarou e rapidamente desviou o olhar, desgostosa com a minha sugestão.

– Vou pegar um táxi. Não vim de carro porque queria beber.

– Certo. Johnny pode levar as meninas?

– Claro! – imediatamente ele começou a conduzir Miranda para o carro.

– Babaca! – ela jogou os cabelos para trás, ao passar pelo meu irmão, que apenas a olhou sem revidar.

Charlotte hesitou um pouco, em seguida começou a acompanhar os amigos.

– O carro está ali. Vá abrindo – dei a ordem a meu irmão e corri atrás da minha noiva. – Charlotte?

Ela virou sem muita vontade me encarando sem aquele brilho de mais cedo. Charlotte estava realmente aborrecida com aquela confusão. Assim que a encontrei, abracei-a tentando demonstrar que também não estava feliz com aquele desfecho.

– Desculpe por isso. Não foi assim que imaginei a nossa noite – beijei o alto da sua cabeça e me dei conta de que ela não retribuía ao abraço. – Não fique aborrecida comigo – supliquei segurando seu queixo e levantando seu rosto para encontrar o seu olhar.

– É melhor você cuidar do seu irmão antes que ele crie mais confusão – continuou fria, sem muita emoção.

– Charlotte, eu não tenho culpa das babaquices do Patrício – ela piscou algumas vezes se dando conta do que estava fazendo.

– Eu sei – desviou o olhar e se afastou um pouco. – Na verdade, você não tem culpa de nada, Alex, e é horrível saber que está se cobrando tanto.

O quê? Do que ela estava falando?

– Não estou entendendo – passei a mão no cabelo cansado de toda aquela confusão.

– Olha, está tarde e eu preciso cuidar de Miranda, então vá para casa e leve Patrício. Depois conversaremos melhor – ela estava mesmo me dispensando?

– Amor – diminuí a distância entre nós e a segurei rapidamente antes que ela recuasse. – Eu te amo!

Porque eu sabia que era isso o que ela precisava ouvir. Charlotte era insegura demais para aceitar qualquer situação sem questionar o real motivo do meu interesse por ela, e tudo o que eu menos precisava naquele momento era da sua insegurança.

Busquei seus lábios e ela não me impediu, apenas se entregou, deixando-me saboreá-la de acordo com a minha fome. E eu não poderia aplacá-la, porque a minha necessidade daquela menina ia muito além da vontade de beijá-la, para minha tristeza não poderíamos ir tão longe.

Ela se afastou, ofegando, e descansou a cabeça em meu peito. Ah, eu adorava aquela garota! Afaguei seus cabelos, bagunçando seu rabo de cavalo, ela não se importou.

– Vejo você amanhã.

Afirmei antes que ela começasse a imaginar coisas demais, como eu sabia que ela era capaz, e me afastei para finalmente poder dar o sermão que estava contido em minha garganta para o meu irmão.

Ele teria muito o que ouvir.

CHARLOTTE

Eu estava sentada em minha cama, as pernas cruzadas, pés descalços, usando um short jeans curto e solto e uma regata rosa. Não estava com vontade de arrumar o cabelo, mas me dei ao trabalho de fazer uma trança deixando-a caída de lado. Pelo menos assim minha mãe não reclamaria do meu desleixo com a minha aparência.

Eu não queria sair. Não queria sequer levantar daquela cama e já era quase hora do almoço. Claro que Miranda já havia feito a sua visita habitual, tinha chorado e se lamentado pela noite anterior, e não deixou de falar do Patrício. Falar muito dele. Ela estava em uma fase onde o amor e o ódio lutavam entre si com as mesmas armas e forças. Complicado!

Assim que cansou, minha amiga decidiu que merecia uma aula de pilates e, mesmo sendo sábado, foi em busca do que queria.

Eu queria fazer o mesmo. Não o pilates, mas ter a coragem de sair em busca do que eu queria. Só que não era tão fácil. Alex precisava de espaço, e eu de entender aquela confusão toda que se formava em minha cabeça.

Ele não tinha ligado, nem enviado nenhuma mensagem. Eu também não, mas esta é só mais uma parte das minhas birras infantis. Ele não procura, eu não procuro. Quanta maturidade!

Conferi mais uma vez o celular apenas para me sentir ainda mais frustrada.

Na noite anterior, quando chegamos, não percebemos que meus pais não estavam em casa. Na verdade, eu só descobri quando estranhei minha mãe me deixar dormir até tão tarde, então saí em busca deles.

– Resolveram adiantar a viagem, Srta. Charlotte – Odete me avisou assim que cruzei a sala em busca de informações. – Recebi o recado na portaria e logo cedo o Sr. Middleton ligou querendo notícias de vocês. Ele avisou que voltarão hoje.

– E viajaram assim? Não avisaram antes, não estavam planejando...

– O seu pai disse que teriam que viajar hoje pela manhã, mas preferiram sair mais cedo para voltar

o quanto antes.

Dei de ombros resolvendo voltar à minha cama. E desde então eu estava lá. Já tinha tomado banho, ouvido música, comido besteira e ficado um bom tempo olhando para as paredes. Nem um bom livro me animava.

Uma batida na porta despertou a minha atenção. Provavelmente Odete fora me avisar que o almoço seria servido. Era o que ela fazia quando os meus pais estavam em casa e, como ninguém sabia que eles não estariam, ela ficou e fez o seu serviço.

– Já estou descendo, Odete – minha voz não saiu forte nem animada.

– Posso entrar – a porta abriu minimamente, dando passagem para aquela voz melosa que sempre me dominava e me levava para a direção que quisesse.

– Alex! – o nome dele escapou de minha boca em um misto de animação, surpresa e espanto. – Entre, claro!

Imediatamente passei as mãos nos cabelos, desejando ter tido mais vontade para me arrumar naquela manhã. Tirei e coloquei meus óculos, indecisa sobre usá-los ou não. Lógico que usaria, ou eu estava cogitando não enxergar cada detalhe daquele lindo rosto?

Ele abriu a porta, mas não entrou. Seus olhos vasculharam o quarto primeiro, conferindo o seu conteúdo, até que me avistaram e se demoraram em mim. Droga! Eu estava horrorosa, desleixada... a Sra. Middleton jamais aprovaria aquela forma de me apresentar ao meu noivo. Não, minha mãe nunca me perdoaria.

Alex me olhou fixamente. A princípio apenas encarava meus olhos, em seguida conferiu meu corpo, meu traje, meu cabelo... Que meleca! Então ele sorriu. Sim, foi um daqueles sorrisos que ele sabia que me dominavam e mesmo assim ele sorriu. E o brilho de admiração e amor que iluminou cada traço daquele rosto perfeito afastou de mim todas as inseguranças e medos da noite anterior.

Putá merda! Como ele conseguia?

– Oi! – deu o primeiro passo em minha direção.

– Oi.

Tentei parecer normal, mas me senti uma idiota com aquele sorriso imenso e bobo no rosto, e a

pele do rosto quente, certamente rosada, entregando a reação do meu corpo, o que era, no mínimo, humilhante.

Ele se aproximou da cama e hesitou, mordendo o lábio de forma a me tirar o juízo. Nossa! Eu o queria.

– Seu pai ligou – avisou com certo receio.

– Ligou?

– Disse que precisou viajar mais cedo e me convidou para almoçar aqui... – olhou-me com mais atenção. – Com você – completou.

Ah, claro! Lógico que meu pai utilizaria Alex para ampliar a sua rede de domínio sobre a minha vida, e era mais lógico ainda entender que meu noivo não se fez de rogado ao aceitar tal condição. Estreitei os olhos enquanto tudo passava a fazer mais sentido para mim.

– Então ele resolve viajar mais cedo e, ao invés de me avisar, pessoalmente, por telefone ou até mesmo mensagem, ele prefere ligar para você e pedir que venha almoçar comigo?

– Charlotte! – Alex gemeu fazendo uma careta de desagrado. Ele parecia cansado.

– Não é estranho que o meu pai, que até poucos dias atrás, não queria nem pensar em me ver com um homem, qualquer que fosse o homem, agora seja completamente a favor do nosso casamento e até mesmo confia a minha “pureza” – acrescentei as aspas com as mãos – a você? – ele riu me encarando. – Não é estranho que não se dê ao trabalho de me avisar, mas...

– Não. Não é estranho – sua firmeza me calou. – Peter sabe que eu sou confiável.

E sorriu com aquela safadeza que quase me tomou o ar. Minha pele toda ficou arrepiada, principalmente porque ele desceu os olhos até encontrar minhas pernas expostas dobradas sobre a cama.

– É. Você parece ser – tentei ser sarcástica e desafiadora, embora tudo em mim já ansiasse por ele.

– E eu sou.

Alex se inclinou sobre mim, as mãos espalmadas em meu colchão, um joelho apoiado na cama e os lábios bem próximos dos meus. Oh, Deus! Ele me calou sem ao menos tapar a minha boca. Eu não tinha respostas, nem perguntas, nem questionamentos, nem nada. Em um segundo, todos os meus pensamentos se evaporaram e eu me tornei uma garota totalmente entregue.

Seus dentes capturaram meu lábio inferior. Uma leve pressão que conseguia repercutir no centro entre as minhas pernas. Quando ele puxou, bem devagar, meu lábio, eu... puta merda! O estremecimento chegou muito perto de me atirar naquele poço sem fim. Porque naquele instante, como se houvesse uma ligação direta entre meus lábios, minha mente e meu centro de prazer, eu senti o repuxar bem ali, naquele pontinho, exatamente na linha tênue que decidiria se eu cairia ou não no precipício.

Arfei!

– Puta que pariu!

Ele proferiu baixinho, e foi como se estivesse se libertando das amarras que o impediam de satisfazer as suas necessidades. No instante seguinte, ele me beijava e havia tanta paixão em seus lábios que eu me entreguei sem medo.

Alex me empurrou de encontro a cama, imediatamente minhas pernas estavam descruzadas e ele estava entre elas. Uma ferocidade nos consumia fazendo com que cada toque aumentasse a nossa ansiedade. Seu corpo colado ao meu se esfregava em mim como se implorasse para que nossas roupas se pulverizassem, para que assim então, finalmente, ele pudesse estar onde sempre desejou estar, dentro de mim.

Eu ouvia seus gemidos e o farfalhar dos lençóis protestando sob nossos corpos, assim como sentia a sua mão invadir minha camisa, apertar minha carne, buscando pelos meus seios. Porra, sentir sua mão em minha pele nua era como encontrar água depois de uma longa caminhada pelo deserto. Meu corpo todo vibrava, acelerado em uma corrida desenfreada na busca pela satisfação.

Ele levantou minha camisa até que o sutiã ficasse à mostra e, em seguida, com dedos afoitos, puxou-o para o lado e me apertou em sua mão. Meu corpo inteiro arqueou com o contato. Ele aprofundou o beijo, ainda gemendo e me apertou com mais vontade, encostando a palma no bico rijo. Uma sensação maravilhosa!

– Alex! – gemi baixinho. Era um pedido, uma súplica. Eu queria mais, queria tudo.

Seus dedos brincaram com o bico do meu seio enquanto ele desfazia o beijo e atacava com a mesma fome meu pescoço, ombros e colo, até que encontrou meu seio e o colocou na boca, chupando-o com ferocidade.

– Ah, Deus! Alex!

Eu não sabia se alguém conseguiria ouvir meus gemidos. Havia o risco, porém minha mente não encontrava nenhum motivo para parar.

Minhas mãos já estavam dentro da camisa dele, vasculhando aqueles músculos perfeitos, sentindo o contato pele com pele que tanto me satisfazia. Eu queria mais, então, forçando meu corpo contra o dele em um roçar delicioso, segurei o cós da sua calça jeans e a forcei para baixo, indicando o que queria e a minha urgência.

Ele se esfregou com mais força e correu a mão até sua calça para abrir o botão e libertar seu corpo também sedento de desejo. Mas em vez de forçar sua calça, ele correu a mão até o meu short e, afoitamente, lutou contra o botão duplo e praticamente escondido.

Que merda!

Era um daqueles shorts que possuía uma tira com dois botões que praticamente prendiam o short do lado do corpo e, depois de abertos, ainda havia mais dois botões escondidos que liberavam o zíper. Ou seja, era um verdadeiro cinturão de castidade.

Ele forçou, esticou, puxou, mas estávamos muito afoitos. Ele não queria desistir do que já tínhamos conseguido, como libertar meus seios para o seu bel prazer, então, enquanto lutava contra o meu short, ele mordiscava, chupava desajeitadamente, levando-me quase ao êxtase.

Em contrapartida, eu já estava bem avançada. Com a calça aberta, enfiei a mão por dentro da sua cueca e segurei seu pau sentindo-o latejar em minha mão. Quanta saudade daquela sensação!

– Ah, Charlotte! – ele rosnou em meu seio, mordendo-o com mais força.

Aquilo seria rápido. Nós sabíamos que depois de tanto tempo apenas desejando e imaginando, brincando com nossa sanidade mental, quando conseguíssemos ficar juntos seria realmente de enlouquecer.

Seu membro já estava molhado, liberando aos poucos seu sêmen e tornando o meu trabalho mais fácil. Massageei-o como pude, tendo em vista que nossos corpos não se desgrudavam e que ele não parava de se roçar em mim, cada vez com mais intensidade e rapidez.

Então ele desistiu de lutar contra a peça que se recusava a cooperar. Havia tanto fogo em cada

gesto seu, tanta urgência que entendi o que ele queria sem que precisasse me dizer. Não dava para fazer como queríamos, mas também não era possível voltar atrás.

Assim, sua mão escorregou para dentro do meu short, lutando contra o espaço limitado, a posição que não favorecia sua própria necessidade, até que encontrou meu sexo, já absurdamente molhado e pronto para explodir. Seus dedos rapidamente agiram.

Dar uns amassos em Alex enquanto eu ainda era virgem era uma coisa. Dar uns amassos em Alex não sendo mais virgem, sem a necessidade de alguns cuidados, era algo extraordinário.

Eu senti seu dedo do meio afundar em mim com tanta vontade que quase gritei de prazer. Minha cabeça foi jogada para trás à medida que eu o sentia se afundando em minha carne e ao mesmo tempo esfregando a palma em meu clitóris. Meu corpo inteiro enlouqueceu, entrou em combustão, evaporou e se espalhou pelo universo.

Eu me tornei cada estrelinha existente no céu. Eu era todos os pontos e, ao mesmo tempo, era um único corpo. E o orgasmo me levou ao limite da existência roubando de mim cada sopro, cada sonho, necessidade e ansiedade. Eu não era mais nada e era tudo.

Com a mente voltando aos poucos, senti o pulsar forte do sexo de Alex que ainda estava em minha mão. Com o prazer eu o havia apertado com mais força, levando-o ao êxtase sem ao menos ter tido intenção. Bom... pelo menos não conscientemente.

Alex gemeu com o rosto entre os meus seios e se contorceu permitindo-se gozar. O líquido quente e espesso lambuzou minha mão e escorreu para a minha barriga. Eu não me importei. Alex respirava com dificuldade e gemia com a mão ainda enfiada entre as minhas pernas, então... do que eu poderia reclamar?

Ele foi relaxando e desfazendo a carícia. Seu dedo abandonou minha carne, a pressão da palma da sua mão desapareceu, sua respiração começou a normalizar e seu corpo afastou um pouco do meu. Sem conseguir conter a falta que tudo isso me fazia, aconcheguei-me a ele, que me recebeu com carinho, abraçando-me e se posicionando melhor na cama, deitando-se de costas.

– Precisamos arrumar essa bagunça – olhou preocupado para a porta. Imediatamente começou a se recompor, sem abandonar a cama ou a mim.

– Você fez a bagunça. Você limpa.

Ele sorriu e beijou de leve meus lábios. Pelo ardor que eu sentia no rosto e a barba por fazer de Alex, eu pude constatar que tínhamos feito um estrago bem maior do que o meu corpo melado pelo prazer do meu noivo. Com certeza meus lábios estavam inchados e vermelhos, assim como uma boa parte do contorno da minha boca. Provavelmente meu pescoço e busto estariam repletos de manchas vermelhas que demorariam algum tempo para desaparecer o que nos entregaria certamente, caso alguém resolvesse aparecer.

– Vou buscar papel no banheiro.

Ele pulou da cama e entrou em meu banheiro com tanta familiaridade que eu me perguntei se seria tão ruim dividir a minha vida com aquele homem.

Não. Não seria.

Alex voltou para o quarto quando eu estava justamente organizando tais pensamentos, e sonhando com momentos melhores do que aquele, sem o medo de sermos flagrados ou a necessidade tão urgente que sentimos por estarmos há tantos dias um sem o outro.

Pensando por este lado não estarmos casados também tinha a sua vantagem. Era gostoso o medo de sermos descobertos. Mordi o lábio e me espreguicei na cama, **deliciada** com a sensação de termos feito algo tão **g**ostoso. A urgência de minutos antes também não existiria, já que casados, e com toda a liberdade de um casal que mora na mesma casa, teríamos sexo sempre que quiséssemos.

– O que está pensando? – Alex sentou na cama e começou a limpar a minha barriga. – Às vezes, você me deixa confuso, Charlotte – riu.

– Por que confuso?

– Porque eu deixo você no quarto, com cara de quem foi muito bem fodida, demoro dois segundos e a encontro com cara de quem esperava mais – foi a minha vez de sorrir.

– Primeiro: teoricamente eu não fui fodida, professor Frankli – vi a boca do meu noivo abrir levemente em um protesto mudo. – Segundo: sim, eu adorei. Foi maravilhoso! – ele tentou falar, mas o impedi. – Terceiro: apesar de ter sido maravilhoso, eu quero mais, sim. Sempre vou querer mais – brinquei ganhando aquele sorriso que esticava seus lábios apenas para um lado e deixava o meu

professor ainda mais sexy. – Só que agora eu quero de verdade. Quero sentir você dentro de mim, Alex.

Meu rosto já estava vermelho e quente, então corar um pouco mais pela minha ousadia não seria tão desvantajoso. Os olhos de Alex se inflamaram e ele mais uma vez se inclinou sobre mim, buscando meus lábios.

– Primeiro – brincou mordiscando minha boca. – Você foi fodida, Charlotte, e não importa se pelos meus dedos ou por meu pau – porra! Alex sendo tão safado acabava comigo. Tive vontade de me contorcer. – Segundo: eu também adorei, porque gosto da sua mão quente, afobada e ousada em meu pau – nossa! Tudo começava a esquentar em mim. – Terceiro: eu também quero estar dentro de você. A intenção era esta, infelizmente sua roupa não ajudou muito – ele se afastou, voltando a deitar na cama.

– Se eu soubesse que receberia uma visita tão ilustre, teria providenciado algo mais fácil, como um lençol apenas – ele riu me puxando para perto e capturando meus lábios.

Foi um beijo mais calmo. Ainda existia desejo, saudade, tesão, tudo mais contido, sem pressa, sem urgência, apenas provando e saboreando o roçar de nossas línguas. E foi tão gostoso!

– Quero fazer amor com você – sussurrei assim que ele afastou a boca da minha.

– Tenho certeza de que quer – brincou apertando minha cintura e voltando a unir nossos lábios.

– Então... – avancei deixando subentendido o meu convite.

– Aqui? Agora?

– A ideia não era essa? – permaneci avançando, tocando-o, atíçando a sua pele.

– Não – riu se afastando. – A ideia era almoçarmos juntos, passar a tarde namorando no sofá e depois receber seus pais como eles merecem. Eu jamais planejava desrespeitar a casa dos seus pais.

– Alex, você não cansa de ser frouxo? – riu com vontade. – Que droga! Esquece meu pai e toda a pressão que ele faz e apenas me tome. Porque é isso o que eu quero. Quero ser fodida. Aqui. Nesta cama. Agora. E que se foda o restante.

– Que boca suja, Charlotte!

Ele não estava aborrecido. Nem podia. Vários palavrões e palavras impróprias escaparam dos seus lábios enquanto seu dedo se afundava em mim e sua língua brincava com meus seios. Alex era um falso puritano.

- Você pode falar essas coisas, mas eu não?
- Exatamente – o azul dos seus olhos fixou nos meus.
- Por quê?
- Porque eu sou homem.

Por um instante acreditei naquela idiotice. Por um segundo me senti espantada por Alex ser um machista, um conservador. Logo em seguida, eu me dei conta de que só podia ser uma brincadeira, e ele riu, debochando de mim, fazendo com que eu me sentisse envergonhada por ter pensado tais coisas, mesmo sem verbalizá-las.

- Vá se foder, Alex – empurrei-o enquanto ele me abraçava e ria.
- Não, Charlotte! – repreendeu-me. – Palavrões só quando eu estiver te fodendo.

Seus dedos se afundaram em minha nuca, segurando meus cabelos com força, puxando-me para um beijo cheio de paixão e luxúria. Senti meu corpo inteiro reagir. O fogo voltando às veias, o latejar no centro das pernas, a respiração que parecia querer explodir os pulmões.

Foi quando ele desacelerou e se afastou. Eu avancei e ele me impediu de continuar.

- O que foi?
- É melhor não arriscarmos – a voz rouca e a pupila dilatada denunciavam o quanto ele também queria continuar.
- Alex...
- Não vamos arriscar, Charlotte. Seu pai pode chegar, a empregada pode nos entregar...
- Que se dane!

Eu sabia que não avançaríamos e senti raiva. Chegava a ser ultrajante ficar na abstinência de sexo depois de finalmente ter perdido a virgindade. A frustração me invadiu de maneira avassaladora.

- Merda! – dei um soco na cama, demonstrando a minha indignação.
- Calma, menina estressada – brincou tentando me animar. – Vamos ter todo o tempo do mundo. Logo, logo seu pai viaja outra vez e eu sequestro você por um final de semana inteiro.

– Você quer mesmo me alegrar com apenas uma suposição? – ele revirou os olhos. – Ele está viajando agora. Nós podemos ir para a sua casa e depois inventamos uma desculpa. Podemos dizer que

resolvemos tomar sorvete depois do almoço ou caminhar na praia.

Pela cara de Alex, eu sabia que nada do que eu sugerisse seria levado a sério. Era mesmo uma droga! Por que ele estava tão decidido a não transar comigo? Por que Alex arrumava desculpas sempre que avançávamos mais um pouco. Meu Deus, eu nem virgem era mais! Por que aquele celibato fora de hora?

– Vamos almoçar, eu estou com fome – levantou da cama. Olhei para Alex sem acreditar. – É sério, amor! Hoje acordei muito cedo depois de passar boa parte da noite conversando com Patrício. Tive duas reuniões cansativas e acabei de gastar o que restava da minha energia. Preciso comer.

– Tá. Vamos comer.

Levantei sem muita empolgação. Eu queria ficar na cama e tentar ao máximo persuadi-lo. Transar com Alex tinha se tornado uma obsessão. Principalmente quando todas aquelas ideias ganhavam força em minha mente, ultrapassando todos os obstáculos que ele erguia quando estávamos juntos, certificando-me de que seu amor era real.

Eu me sentia frustrada.

Calcei as sandálias que estavam ao lado da cama, arrumei minhas roupas e passei as mãos nos cabelos, desfazendo a trança apenas para refazê-la outra vez.

– E Miranda, como está? – perguntou ao me dar passagem na porta.

– Um pouco abalada – meus pensamentos se voltaram para a minha amiga e o seu problema. – Eu não entendo o Patrício.

– Eu também não. Só sei dizer que ontem ele ficou mortificado quando viu Miranda com outro homem. Meu irmão nunca foi ciumento, nem gostou de cenas, muito menos se deu ao trabalho de se expor por causa de uma mulher.

– Ele é um cretino machista.

Descemos as escadas, Alex um pouco atrás e eu evitando olhá-lo diretamente.

– Não, ele não é. Patrício está apaixonado – não sei por que, mas me pareceu que Alex não gostou de admitir aquela parte.

– Não parece. Nunca vi um homem apaixonado acabar com uma relação que tinha tudo para dar

certo.

– Eu não sei, Charlotte. Não me sinto confortável para conversar sobre a vida do meu irmão. Não que eu não confie em você, mas veja a nossa situação, ele é meu irmão e Miranda é com uma irmã para você. Nós dois temos lados para defender, então seria melhor não conversarmos ou nos envolvermos tanto.

– Eu já estou completamente envolvida – chegamos à sala e Odete estava terminando de colocar a mesa. – Não ignoro os problemas dos meus amigos – Alex me segurou pelo cotovelo, girando-me até que ficássemos de frente um para o outro.

– Não é disso que estou falando. Eu admiro a sua lealdade, a forma como você luta pelos que ama. Só que eu também sou assim, se ficarmos discutindo para provar os nossos **pontos de vista**, vamos acabar brigando e essa briga não é nossa.

Entendi o que ele havia falado, apesar de achar que seria impossível não estarmos outra vez em situações como a da noite anterior. Alex estava sério, encarando-me, aguardando meu sinal de que adotaríamos aquela postura. Tudo bem. Eu tinha mesmo que concordar.

– Certo. Não vamos conversar sobre esse assunto.

Ele me beijou com candura e brincou com minha trança.

– Tenho uma proposta para você – sua voz voltou a assumir um tom mais divertido.

– Uma proposta? – seu sorriso ficou imenso ao entender o caminho que meus pensamentos me levavam.

Uma proposta poderia ser um monte de coisa, mas algo dentro de mim só conseguia pensar nas mais libidinosas, impróprias e indecorosas.

– Sim. Antes desfaça esta cara de frustração e vamos almoçar.

– Isso não é justo – protestei. – Você sabe o quanto sou ansiosa. Vou morrer até o fim do almoço se precisar aguardar tanto para saber – ele me abraçou, rindo e me conduzindo para a sala de jantar.

– Vai ter que esperar. Seja uma boa moça e não coma demais por causa da ansiedade, isso pode se tornar um transtorno.

– Alex! Eu vou engolir o almoço. E nada de sobremesa – meu noivo riu ainda mais e o som do seu

riso era música para os meus ouvidos.

– Posso repetir pelo menos?

– Não! – bradei sentando em uma das cadeiras e já começando a me servir.

A porta da sala abriu revelando Miranda e Johnny. Não sei se fiquei animada ou decepcionada com a chegada dos dois. A presença deles poderia atrapalhar a proposta que Alex queria me fazer.

– Ninguém espera mais os donos da casa – Johnny brincou correndo para o lavabo.

Miranda jogou a mochila no sofá e deu uma olhada estranha para Alex, depois foi também para o lavabo. Eu não sabia o que poderia esperar daquele almoço.

CAPÍTULO 21

“Amor não teme o tempo, muito embora seu alfanje não poupe a mocidade; Amor não se transforma de hora em hora, antes se afirma para a eternidade. Se isso é falso, e que é falso alguém provou, eu não sou poeta, e ninguém nunca amou.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Almoçar naquele clima foi quase insuportável. Johnny, por incrível que pareça, não tornou tudo mais difícil. Ele conversou com Alex, sem perguntar por Patrício ou fazer qualquer comentário sobre a noite anterior. Imaginei que entendeu o quanto magoaria Miranda e, como um bom amigo, preferiu não tocar no assunto.

Alex se mostrou mais acessível para com o meu amigo, respondendo cada vez que questionado e debatendo livremente sobre times de futebol, jogos olímpicos ou qualquer outro assunto levantado. De tempos em tempos, ele segurava a minha mão ou acariciava o meu rosto, o que me acalmava.

O que me incomodava mesmo e, pelo visto fazia com que todos sentados à mesa agissem como se estivessem pisando em ovos, era o fato de Miranda ter permanecido calada, remexendo na comida sem real interesse. Ela havia lançado um olhar de fúria para Alex, quando se sentou à mesa, e ignorou deliberadamente seu cumprimento, mas isso foi tudo. Minha amiga estava triste, o que me entristecia também, além de aumentar a raiva que eu sentia pelo meu futuro cunhado.

Contudo, Alex tinha razão. Não poderíamos deixar que aquela confusão nos afetasse. Eu amava a minha amiga, queria o melhor para ela, só não destruiria meu relacionamento porque ela e Patrício destruíram o deles.

– Todos os sábados eu encontro alguns amigos no fim da tarde para uma partida de futebol. É em um campo alugado, na altura da Penha. Não é nada profissional e é bem divertido, apesar de que eu sou um verdadeiro jogador – revirei os olhos enquanto meu amigo ria. – É sério! Charlotte sabe que eu jogo bem – Johnny brincou. – Quando quiser aparecer, vai ser bem bacana.

– Legal! – Alex respondeu de maneira jovial demais, o que me fez rir. – Eu encontro um grupo de amigos uma vez por mês para jogarmos basquete. Você curte?

– Não – Johnny fez uma careta. – Não entendo nada de basquete, mas valeu mesmo assim.

Miranda permanecia calada e parecia não ouvir nada do que dizíamos. Eu queria encontrar um assunto que pudesse interessá-la, mas nada me vinha à cabeça. Além do mais, ela começou a receber

mensagens, e toda a sua atenção, que antes não estava em nada, voltou-se para o celular.

Ela parecia enfurecida, indignada, como se as mensagens a aborrecessem mais do que qualquer outra coisa naquela mesa. Eu não tive tempo de perguntar o que estava ocorrendo, pois quando pensei em arrumar algum jeito de ganhar a sua atenção sem que os outros percebessem, a porta de casa se abriu e meu pai entrou segurando minha mãe pela cintura.

Eles levavam apenas uma pequena mala de mão e vestiam roupas informais, o que não era habitual, já que viajaram a trabalho. Minha mãe parecia cansada. Esgotada para ser mais precisa. E meu pai a segurava como se ela precisasse do seu apoio para se manter de pé. Porém, ao notar a nossa presença, ela sorriu e pareceu ganhar mais energia.

– Vamos, Peter! Eu já estou melhor. Deixe-me abraçar as minhas meninas – reclamou, mesmo assim meu pai não a deixou, acompanhando-a até que estivesse próxima o suficiente para nos abraçar.

Só então notei que Alex havia levantado, parecia preocupado e se postou ao lado deles dois como se estivesse pronto para socorrer a minha mãe a qualquer momento. Não deveria ser estranho, uma vez que eu sabia que meu noivo era realmente um cavalheiro. Ele nunca permaneceria sentado apenas vendo uma situação como aquela, no entanto me pareceu estranho que ele tivesse percebido o mesmo que eu tendo tão pouco tempo de convivência com aqueles dois.

Minha mãe me abraçou com força. Ela estava fria, apesar de o dia estar quente.

– Que roupas são essas, Charlotte? Meu Deus! Será que não aprendeu nada do que eu te ensinei? E esses cabelos? – largou-me para abraçar Miranda, que ficou extremamente inquieta. – Como foi ontem, minha querida? Pelo visto nenhuma das duas aprendeu a se vestir adequadamente à mesa. Veja só você ainda trajando roupas de ginástica – minha amiga sorriu desanimada e nada respondeu. – Johnny, espero que tenha cuidado bem dessas meninas.

– Claro que sim, madrinha! – meu amigo abraçou minha mãe com delicadeza, o que também era estranho.

– Alex, como está? – deu dois beijos no rosto do meu noivo, que a amparou como se ela precisasse disso. – E seus pais?

– Estamos todos bem, Mary. Como foi de viagem? – ele olhou para meu pai como se dividissem um

segredo.

– Deu tudo certo. Peter nunca erra – ela disse um pouco sem graça, mas sem perder a postura.

– E exatamente o que vocês foram fazer? Aliás, para onde mesmo vocês foram? – comecei a perguntar achando tudo muito estranho.

– São Paulo – meu pai respondeu. – E fomos tratar de negócios. Assuntos entediante e complicados até mesmo para uma cabeça cheia de engrenagens como a sua, Charlotte – estreitei os olhos. Por que meu pai me achava tão incapaz? – Como foi ontem? Cuidou bem da minha filha? – deu um tapinha no ombro do meu noivo que sorriu sem graça.

– Foi uma noite tranquila – e foi a sua vez de trocar um olhar confiante comigo.

– Terminem de almoçar – minha mãe os cortou. – Eu e Peter já comemos no jatinho. Vou subir e descansar um pouco, vejo vocês mais tarde.

– Eu vou te acompanhar – meu pai segurou novamente na cintura da minha mãe, auxiliando-a.

– Eles estão estranhos – pensei alto demais e notei o olhar de Alex em mim.

– Saíram bem cedo e Mary deve estar esgotada.

– Deve ser isso mesmo – concordei voltando a sentar para finalizar o almoço.

– Com licença, já terminei, eu não estou com fome. Vou para o meu quarto.

Miranda simplesmente se retirou sem se importar com qualquer questionamento meu. Ela subiu as escadas tão rápido que ultrapassou os meus pais. Consegui ouvir um resmungo de Peter e uma das suas desculpas esfarrapadas.

– Essa sim está estranha – Johnny falou assim que nossa amiga sumiu das nossas vistas.

– É um momento complicado. Talvez se Patrício tivesse sumido da vida dela, a esta altura Miranda já estivesse refeita. Enquanto ele continuar achando que tem direito de cobrar alguma coisa, a situação só vai piorar – expliquei.

– Ele não vai mais aparecer – Alex se manifestou. – Quer dizer... vai ser complicado impedir que eles se encontrem, pois é inevitável que as nossas famílias se reúnam, mas Patrício vai deixar Miranda em paz.

– Seria ótimo se fosse verdade – quase rosnei com meus argumentos formados. – Quem você acha

que estava enviando aquelas mensagens? Viu como Miranda ficou aborrecida? Tenho certeza de que seu irmão está aprontando outra vez.

Alex soltou o ar dos pulmões e se encostou na cadeira, os olhos grandes, fixos em mim, como se não acreditasse em minha teoria.

– Se for verdade, eu lavo as minhas mãos. Eles dois são maiores de idade, não posso ficar pajeando meu irmão, tenho coisas mais importantes para fazer.

– Pois eu não lavo as minhas. Não quero Patrício rondando a minha amiga, fazendo um escândalo em cada lugar que se encontrarem...

– Charlotte, nós já conversamos sobre isso.

– Não tem nada a ver com nós dois, Alex, e sim com a minha lealdade à minha amiga.

– Bom, eu vou embora – Johnny levantou. No rosto tinha uma expressão divertida. – O que posso dizer é que esses dois ainda vão dar muito o que falar, então economizem nas brigas. Já fui! Diga ao padrinho que encontro vocês amanhã na igreja.

Droga! Igreja significa ouvir sermão, comungar e, conseqüentemente, confessar-me, coisa que eu evitava a todo custo.

ALEX

Conversar com Charlotte sobre os problemas do meu irmão com a amiga dela se tornou um campo minado, por isso mesmo seria melhor evitar a todo custo. Graças a Deus eu tinha planos que atrairiam a sua atenção com muita facilidade, inclusive evitando que minha noiva continuasse pensando na situação da mãe dela, como eu havia percebido.

Charlotte não era tão boba a ponto de ver tantos indícios e deixar passar. Certamente ela já imaginava que alguma coisa estava errada com a mãe dela. Seria muita ingenuidade acreditar que um problema como aquele passaria despercebido aos olhos da minha noiva. Quando Charlotte juntasse dois mais dois, não haveria mais nada a esconder.

– Ainda quer saber qual será a minha proposta?

Rapidamente suas feições mudaram de aborrecida para ansiosa. Os olhos dela brilharam e seus lábios rosados se abriram levemente em expectativa.

– Porque eu estava pensando em qual será a sobremesa.

– Sem sobremesa – levantou rapidamente segurando a minha mão. – Vamos. Onde quer me contar? Podemos ir ao meu quarto e...

– Aqui na sala mesmo. Preciso do seu *notebook* – suas sobrancelhas se uniram enquanto ela me observava sem entender. Vamos sentar bem ali, naquele sofá – e ela não conseguiu esconder o seu desânimo.

– Vou buscar o *notebook*.

Fui para a sala e estudei o melhor ângulo para fazermos aquilo. Precisávamos de uma visão mais ampla do ambiente, principalmente das escadas, mas que também nos deixasse confortáveis.

Charlotte desceu pouco tempo depois. Segurava o computador, mas parecia absorta em sua conversa com o pai, que a acompanhava. Peter estava tranquilo, tinha trocado de roupa e parecia se divertir com o que a filha dizia, já ela aparentava estranhar alguma coisa e argumentava enquanto ele só sorria e afagava suas costas.

– Vou verificar algumas coisas no escritório – falou um pouco mais alto e diretamente para mim. – Preciso ler alguns contratos e avaliações. Deixei algumas planilhas acumuladas, pretendo passar boa parte da tarde trabalhando. Se precisarem de mim, estarei logo aqui.

Concordei com um aceno de mão e o vi entrar no local que deduzi ser o seu escritório. Charlotte veio em minha direção, estava perdida em pensamentos e parecia tentar entender alguma coisa. Era isso, ela começava a juntar os pontos. Eu precisava agir.

– Venha aqui.

Segurei em sua mão e sentei no sofá puxando-a para que sentasse de costas para mim, de forma que eu pudesse abraçá-la pelas costas e visualizar a tela do computador.

– Vamos fazer uma pesquisa

– A sua proposta é essa? Pesquisar na internet? – ri da sua ansiedade. Seria bom deixá-la ainda mais ansiosa.

– Tenha calma, Charlotte. Deixe eu digitar o endereço do site.

Sem nada acrescentar, comecei a digitar o endereço da loja que eu costumava comprar alguns “acessórios” para as minhas brincadeiras. Fiz questão de fazer tudo sem muita pressa, deixando Charlotte absorver cada informação fornecida e, à medida que a imagem abria na tela, eu a sentia enrijecer.

– Pronto. Vamos fazer compras.

– Com... compras? Mas isso é...

– Uma loja, amor. Tenha em mente que não podemos chamar atenção. Assim... – movi o computador em seu colo deixando a tela o mais protegida possível. – Pronto, agora podemos começar a comprar.

– Mas... – ela virou um pouco para me olhar. Tentei ficar o mais sereno possível, embora a minha vontade fosse de rir da cara dela. Charlotte ficava realmente deliciosa quando seu corpo lutava entre a surpresa e a excitação. – O que você... – engoliu em seco. – O que você está planejando?

– Vamos olhar as novidades – dei um beijo rápido em seus lábios. – Preciso repor alguns produtos que gosto muito.

– Repor? E de que forma eles acabaram? – ri. Ela era muito engraçada com toda aquela confusão.

– Alguns perderam a validade – pisquei ainda sorrindo. Ela pareceu ficar perdida enquanto me olhava, depois puxou o ar com força e virou para frente. – E alguns eu quero testar com você – sussurrei em sua orelha sentindo seu corpo retesar.

– O que tem em mente, professor Frankli?

– Hum! Veja isso – aponte para a tela mantendo minha voz baixa. – Um vibrador para uso do casal.

Uso simultâneo? Interessante – e era mesmo.

Nunca tinha visto um daqueles. As imagens, desenhos na verdade, deixavam o produto ainda mais instigante. Encaixava na mulher, estimulando seus pontos internos, ao mesmo tempo uma parte ficava fora, estimulando o seu clitóris e, convenientemente, estimulando o pênis durante a penetração.

A reação de Charlotte foi a melhor parte. Senti seu maxilar travar, enquanto ela engolia ruidosamente. Pelo contato entre nossos rostos eu podia jurar que ela corava deliciosamente e, por Deus, eu mataria para ter acesso a seus pensamentos. Daria o mundo para assistir de camarote tudo o que aquela cabeça engenhosa, capaz de imaginar as cenas mais quentes possíveis, estava projetando.

Sem conseguir me conter, beijei seu rosto e aspirei seu cheiro. Porra, eu estava morto de saudade daquela garota.

– Vamos comprar? – não ignorei minha voz rouca de desejo, nem quis disfarçá-la.

– Mas... olha só o preço, Alex? Não é muito caro para um... – ela se deteve, sem coragem para pronunciar a palavra.

– Vibrador – sussurrei, mordendo sua orelha. Charlotte estremeceu. Ótimo! – Você vai gostar – segurei a sua mão fazendo-a clicar no botão para comprar. – O que me faz pensar se não seria bom comprar para você outra coisinha que vende neste site.

Ela hesitou ainda com a mão sob a minha. Eu podia sentir a tensão e o tesão que minha noiva emanava e estava adorando tudo aquilo. Levei sua mão até o botão que eu precisava e aguardei enquanto a página abria. Charlotte respirou alto e depois prendeu a respiração.

– E então, o que me diz?

– Mas isso é... – sua cabeça pendeu para o lado enquanto ela analisava as imagens diante dela. –

Tem certeza que... mas... – ri me deliciando com a sua confusão.

– Isso é um consolo, ou vibrador, ou pênis de borracha – e pude vislumbrar sua orelha ficando vermelha com tanta intensidade que quase ri.

– Mas é para...

– Exatamente.

– Sozinha? Quer dizer... quando eu estiver praticando os meus exercícios de casa... porra, Alex! – ela retirou a mão e se abraçou.

– Sozinha, se você quiser, desde que não escolha algo que desvalorize o meu material.

Ri um pouco pensando se Charlotte escolheria um estilo não tão normal para os nossos padrões, algo mais longo e grosso, ou até mesmo se ela teria coragem de escolher alguma coisa. E foi então que me vi ansiando para que ela escolhesse, para que ela me mostrasse até onde iria a sua ousadia.

– Escolha. Tem vários tipos, tamanhos, cores...

– Alex! – ela suspirou desviando o rosto.

– É definitivamente melhor do que o dedo, Charlotte.

– Porra! – rosnou ao sentir meu braço segurando-a pela cintura, puxando-a para mais perto. – Eu não... não sei qual escolher.

– O que você quiser, continue olhando para a tela ou alguém pode aparecer e desconfiar – ela, muito vagarosamente virou o rosto de volta para a tela. – Agora escolha o que mais te agrada. O que prefere, algo mais realista ou esses mais fininhos que possuem esta parte estimulante – ri sentindo-me um bobo. – Realmente não estou muito familiarizado com esses artefatos, mas estou curioso. O que você deseja, meu amor?

– Eu desejo você. O corpo inteiro e não apenas uma parte, apesar desta ser muito importante e fundamental – ela olhava a tela atentamente. Muitos pênis, de diversas cores e tamanhos se exibiam na tela do computador. – Eu desejo sentir o seu corpo sobre o meu enquanto esta parte mais importante faz o trabalho dela.

Beijei seu pescoço e ela se encolheu, gemendo baixinho.

– Eu também prefiro estar em cima de você, enquanto a minha parte mais importante faz o trabalho dela, embora no momento esteja ansioso só de imaginar você com um desses.

– Você quer me ver usando... – engoliu com dificuldade – ... isso?

– Eu posso usar isso em você.

– Alex...

– Posso usar isso e o meu pau, é só você deixar – mordeu o lábio desejando ver a expressão no rosto

da minha noiva com uma sugestão tão picante.

– Estamos falando de anal?

– Fale baixo, Charlotte – ela riu.

– Não estou muito certa sobre este ponto – conteve um pouco mais a voz.

– Comprar um consolo?

– Não – e ficou em silêncio enquanto aguardava que eu entendesse o seu recado. E eu entendi.

– Primeiro: eu sei que você quer. Segundo: eu sei que você vai adorar. Terceiro: eu sei que eu vou adorar.

– Mas eu não...

– Você. Vai. Adorar – beijei seu pescoço enquanto dividia as palavras com bastante ênfase.

– Deus! – ela estremeceu e eu tive vontade de tomá-la ali mesmo, naquele sofá, e que Peter, Mary e Miranda fossem às favas.

– Amor, vamos fazer assim – forcei um pouco o meu corpo para frente e pedi para abrir mais uma aba, digitando o site de uma grande livraria.

– Vamos comprar livros?

– Não. Vamos criar um alibi. Caso alguém chegue podemos fechar rapidamente a aba do *sex shop* e fingir estarmos olhando as novidades no mundo literário.

– Ah! – outra vez sua cabeça pendeu para o lado. – Você é um estrategista, Alex.

– Sou precavido, apenas isso. Agora... – voltei à página inicial. – Vamos escolher logo qual vai ser.

– Escolha um para mim.

Não era o que eu queria, porém seria exigir demais dela aquela decisão, então, talvez como uma forma inconsciente de defender a minha dignidade, escolhi um que em nada se parecia com um pênis,

rosa, longo e fino, que vibrava e girava para atingir todos os pontos sensíveis daquela vagina maravilhosa. Porra! Como eu queria poder assistir Charlotte usando um daqueles.

– Rosa?

Foi a minha vez de ficar sem graça, pois a semelhança da cor realmente influenciou na minha escolha, além de despertar o que havia de mais feroz em mim.

– Para uma garotinha travessa – brinquei segurando o seu rosto para um beijo rápido. – Vamos olhar mais algumas coisas.

– Aquele gel que esquenta tudo – ela disse um pouco mais animada. – E o que esfria.

– Certo. Vamos para esta seção. E depois vamos dar uma olhada nos anéis penianos.

– Anéis penianos?

– Ah, amor, você vai adorar os anéis penianos!

CHARLOTTE

– Alex, eu estava pensando em...

Meu pai entrou na sala nos pegando de surpresa. Lógico que eu fiquei exaltada imediatamente, mas Alex... Alex nem parecia que estava comprando putaria com a filhinha do papai. Jesus Cristo! Minha mão tremia tanto que precisei da ajuda do meu namorado para trocar as abas.

– Estou interrompendo alguma coisa?

– Não – Alex falou naturalmente. – Estamos olhando livros. Eu estava sugerindo alguns para Charlotte.

– Ah, sim. Se existe uma coisa neste mundo que Charlotte gosta, é comprar livros. Temos inúmeros em todas as nossas casas.

– Pai!

Tentei fazê-lo parar de falar de mim e dizer logo o que estava querendo, afinal de contas, era uma droga estar com a calcinha molhada, excitada, com o meu pai sorrindo como se eu ainda fosse a sua garotinha.

– O que o senhor queria dizer mesmo?

– Bom, eu estava pensando que seria ótimo se nos acompanhasse à missa dominical, amanhã bem cedo, assim conheceria o padre Messias. Ele nos acompanha desde que chegamos ao Brasil, e é o conselheiro de Charlotte. Eu faço questão que ele realize a cerimônia de casamento de vocês dois.

– Pai! – realmente fiquei irritada. – Nós ainda não decidimos nada. Por favor, não faça esta pressão.

– Que pressão? Cedo ou tarde Alex vai precisar conhecer o padre Messias, então por que não amanhã? Tem algum problema para você, Alex?

– Tem – respondi antes que meu namorado aceitasse a proposta do meu pai. – Ele joga basquete com alguns amigos aos domingos, pai.

– Charlotte... – Alex me interrompeu. – Vai ser ótimo acompanhá-los à missa.

– Não, não vai – ele retirou o computador do meu colo e fechou a tela. – Você pode conhecer o padre Messias em outro momento.

– Vai ser bom se ele tiver tempo para conhecê-lo, Charlotte.

– Alex, você não precisa fazer isso.

– Mas eu quero – meu namorado rebateu, e alisando uma mecha de cabelo meu, sorriu daquela forma desconcertante. – E o basquete é na próxima semana – piscou fazendo-me sorrir também.

– Então nos encontramos amanhã. Eu vou verificar como Mary está, comportem-se.

– Acho que não estou convidado para o jantar – Alex brincou em minha orelha assim que meu pai subiu as escadas.

– Não seja tolo!

Mas eu sabia que ele tinha razão. Meu pai jamais aprovaria que meu namorado ficasse em minha casa por tanto tempo, principalmente sem a sua supervisão. Era de se esperar, mesmo assim fiquei decepcionada.

– Nós poderíamos ir ao cinema e depois jantar fora – Alex respirou fundo e se endireitou no sofá, foi o suficiente para eu saber que ele recusaria o convite.

– Tenho muito trabalho hoje, Charlotte.

– Vai ser assim? – virei para encará-lo.

– Assim como?

– Você. Vai ficar se esquivando de mim o tempo todo. Vai fazer isso por um ano inteiro? – ele sorriu sem graça e me beijou rapidamente.

– Deixe de bobagens. É invenção da sua cabeça, amor.

Cruzei os braços, estreitando os olhos sem acreditar no tamanho da sua cara de pau. Será que Alex achava que eu era tão idiota? Foram muitas desculpas, muitos momentos perdidos e eu tinha certeza de que não seria desse jeito se eu tivesse aceitado o casamento.

– O que foi? – voltou a se encostar ao sofá, olhando-me com receio.

– Fico imaginando o que passa em sua cabeça para estar com uma menina tão burra! Uma idiota que cai em todas as suas desculpas esfarrapadas. Eu sei o que está fazendo, então por que não abre logo o

jogo comigo, Alex?

Meu namorado levantou o corpo, apoiando os cotovelos nos joelhos e, após passar longos minutos encarando as próprias mãos, o que parecia uma eternidade, voltou-se para mim e começou.

– Tudo bem, Charlotte. Você não é burra nem idiota e eu sei muito bem disso – coçou a cabeça e fez uma careta. – Eu não me sinto confortável. É isso o que está acontecendo.

– Como assim? O que está tentando dizer? Somos namorados!

– Noivos.

– Noivos. Certo. Melhor ainda. Somos noivos! O que mais você queria? Todos os casais transam e, pelo que me lembro, isso não foi problema quando você me comeu no chão daquela cabana.

– Deus, Charlotte! – seu tom de censura fez meu rosto arder, mesmo assim não recuei.

– O que mudou? Só porque meu pai está na jogada agora?

– É. Porque o seu pai está na jogada agora. Merda, Charlotte! Você não sabe como eu me sinto.

– Mas eu sei como eu me sinto sendo rejeitada pelo homem que há poucos dias não tinha hora nem momento para me levar para cama. Se eu soubesse que seria assim após perder a virgindade, teria me mantido virgem, pelo menos eu teria muito mais de você.

Ele riu, balançando a cabeça, bagunçando o cabelo com ambas as mãos. Eu adorava aquilo.

– Eu não poderia manter você virgem por muito mais tempo. Costumo perder a cabeça quando estamos sozinhos – seus olhos de um azul profundo me prenderam no lugar, sugando-me para dentro do seu mundo. E havia fogo ali. Muito fogo.

– Estamos sozinhos agora – desafiei, mas ele me respondeu com uma careta de desagrado.

– O problema é esse, amor. Nunca estamos sozinhos. Eu sinto os olhos do seu pai em mim a cada instante que toco em você, e isso é... frustrante! É péssimo! Pesa em minha consciência.

– Por quê?

– Ora, Charlotte, você sabe muito bem por quê. Ele quer que você case virgem. Eu fui a pessoa que ganhou a confiança dele, e já entrei nessa mentindo. Nem quero imaginar como seria se ele... se ele desconfiasse de algo.

– Você. É. Frouxo! – quase gritei. Eu estava com tanta raiva. – E se é para pensar assim então

vamos pôr um ponto final em tudo.

Os olhos de Alex ficaram imensos. Ele me encarou sem acreditar no que eu tinha acabado de dizer. Eu mesma não conseguia acreditar. Nem era o que eu queria. Nunca foi.

– Vamos voltar a ficar escondidos – tentei corrigir, apesar de a merda já ter sido feita. – Droga, Alex! Não entende o quanto é frustrante para mim também?

– Não sou eu quem está se negando a resolver a situação.

– E quem está? Eu?

Merda! Eu estava. Eu estava porque a solução era o casamento. Pelo menos na cabeça louca dele e do meu pai.

– Não é justo usar o sexo para me convencer, Alex. Eu não vou casar apenas para conseguir transar com você.

– Não é justo comigo também – ele rebateu com fúria, porém contida, o que me fez recuar. – Droga! – rosnou levantando para encarar o lado de fora através da varanda.

– Desculpe! – tentei evitar o pior. – Eu já disse tudo o que pensava e não sei mais o que dizer para te convencer de que me casaria com você quantas vezes fossem possíveis, só que não assim, não sob pressão e não tão rápido.

– Eu acho... – virou em minha direção. As mãos nos bolsos e os olhos sem o brilho habitual – ... eu acho que o que sinto por você supera qualquer coisa. O amor que eu sinto faz com que qualquer outra coisa seja apenas um detalhe. Eu quero você como minha esposa! Quero não me sentir cobrado todas as vezes que dormirmos juntos, não me sentir pressionado. Sabe o que eu penso quando você age assim? Eu penso que não sou quem você quer. Porque eu tenho certeza, e você tem tantos “mas” que coloca a certeza em último lugar.

– Você não pode dizer isso – minhas palavras quase não saíram. Estavam presas pelo choro contido. Eu não queria machucá-lo. – Eu te amo, Alex! Não agora, não porque quase te perdi, nem porque ficamos em uma situação que me forçou a entender o que eu sentia. Eu te amei primeiro, lembra? Antes de tudo acontecer. Antes de entender ou aceitar que existiria um “depois”. Eu já te amava!

– Eu também. Eu te amei quando você me forçou a levá-la para a minha casa, bêbada, e me pediu

para fazer amor com você. Eu já te amava, só não sabia como fazer o “depois” acontecer.

Mordi o lábio contendo as lágrimas. Eu não sabia mais se eram de emoção ou de arrependimento por não conseguir dar aquele passo.

– Eu espero um ano, Charlotte, só que, assim como eu, você também vai precisar ter paciência – gemi baixinho. Era a declaração de que não teríamos os nossos momentos.

– Você não vai transar comigo, não é? Não até me convencer a fazer como você quer.

– Por Deus, Charlotte! Eu... eu não sei como será, só não quero que seja com o seu pai nos observando por cima dos nossos próprios ombros. Vamos respeitar a vontade dele e fazer do seu jeito.

– O jeito dele é sem sexo – minha amargura estava presente em minhas palavras.

– Então que seja – sua expressão dura e carrancuda deixava claro que o assunto estava encerrado.

Escondi o rosto entre as mãos e respirei repetidas vezes até que toda a minha raiva estivesse contida. Então levantei e ajustei o short e a camiseta. Depois dei as costas e fui em direção à escada.

– O que vai fazer? – ele disse entre assustado e surpreso.

– Vou buscar o xadrez, já passou da hora de entender como aquilo funciona.

Alex riu baixinho, e eu não evitei bater o pé nos degraus a cada passada.

CAPÍTULO 22

“Aprendi que não posso exigir o amor de ninguém... Posso apenas dar boas razões para que gostem de mim... E ter paciência para que a vida faça o resto...”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Muitos fiéis já estavam do lado de fora da igreja. Eu tinha ido até a imagem de Nossa Senhora, fiz ali uma oração sincera, pedindo pelo meu relacionamento, atestando a veracidade dos meus sentimentos e confessando meus medos e infantilidades. Não me confessaria. Ainda não tinha coragem para mentir diante de um padre, mas não seria ridícula a ponto de negar qualquer pecado diante da mãe de Jesus, afinal de contas, se for como eles ensinam, Deus já sabia de tudo mesmo, não?

Meu coração estava apertado e pequeno. Antes de sairmos para a missa dominical, tradição familiar que meu pai fazia questão de manter, eu tive uma conversa com Miranda. Precisava entender como ela estava se sentindo. Arditamente minha amiga inverteu nossos papéis e acabou sendo ela a me dar conselhos e a se preocupar com o meu relacionamento com Alex.

“– Case logo de uma vez. Que mal há? Vocês nasceram um para o outro, Charlotte, e eu sei que o casamento vai te fazer bem. Além do mais, nenhum homem aguenta esta pressão por tanto tempo. Todo mundo cansa um dia e Alex não me parece ser o tipo de homem que tem toda a paciência do mundo. Pense nisso. Ele quer se casar? Então aproveite. Poucos caras querem tanto um casamento.”

Ela disse antes de sermos interrompidas e forçadas a fingir que tudo estava maravilhosamente bem. Meu pai não aceitava mau humor, ou má vontade quando o assunto era a nossa missa dominical. Eu não entendia muito bem como aquilo funcionava na cabeça dele. Peter era anglicano desde que nasceu, assim como os seus ancestrais, mas no Brasil, ele era católico. Lógico que como uma derivava da outra, as diferenças eram poucas, e ele não seguia tudo o que a igreja católica determinava, era mais como um substituto, ou uma forma de estar na presença de Deus, como ele mesmo dizia.

Eu agradecia por isso. Era muito melhor ter um pai católico. Se ele já tinha uma obsessão pela minha virgindade sendo católico, imagine como seria se ele escolhesse ser evangélico, por exemplo? Não. Católico estava de bom tamanho.

Respirei fundo finalizando minha oração e só então me dei conta da presença de Alex do meu lado. Ele tinha chegado cedo à missa, o que agradou muito a meu pai e me deu vontade de revirar os olhos.

Trocamos poucas palavras, apesar do seu carinho presente em cada toque discreto.

Alex me olhou e sorriu. Seus olhos estavam cheios de admiração e amor. Eles percorreram meu rosto, atentos e perscrutadores. Atentos até demais, para o meu gosto, o que me deixou envergonhada.

– O que foi? – desviei o olhar, encarando o chão enquanto escondia as mãos na saia cintada e cheia de pregas.

– Você fica muito misteriosa quando está na igreja – havia certo divertimento em suas palavras.

– Misteriosa? Eu fico silenciosa, isso se chama respeito. A igreja não é lugar para bate-papo – seu sorriso se ampliou.

– Em que estava pensando quando foi comungar? – engoli em seco e fingi não entender do que ele falava. – Vamos, Charlotte! Você ficou torcendo as mãos, mordendo o lábio e suas bochechas estavam com um rosado maravilhoso. Em que estava pensando?

– Em como não era nada louvável ter pensamentos impuros durante a missa e depois aceitar o corpo de Cristo como se eu não fosse uma grande pecadora – meu rosto esquentou significativamente.

– Eu deveria imaginar – ele riu discretamente.

– E pensei se seria verdade uma história que contavam na escola dominical. Eles diziam que, quando o pecador comungava, a hóstia virava sangue no contato com a língua – ele riu ainda mais alto, chamando a atenção dos meus pais, que estavam afastados, aguardando pelo padre Messias.

– Confirmou? – revirei os olhos e ele voltou a rir.

– Posso perguntar quais pensamentos seriam estes que poderiam fazer a hóstia virar sangue?

– Não – afastei-me um pouco evitando que meus pais prestassem atenção em nós dois. – É melhor não entrarmos neste assunto outra vez. Você não vai gostar.

Ele acariciou meu rosto, demorando-se em minha bochecha, sem perder o brilho dos olhos, nem deixar aquele amor latente se desfazer.

– Eu não me importo, pode falar – sua voz baixa e segura era um incentivo.

– Pensei no quanto eu realmente gostaria de conhecer um motel.

Ao invés de se mostrar aborrecido, ele sorriu. Aquele sorriso torto que virava o meu mundo de cabeça para baixo. Mas ele não disse nada, apenas continuou acariciando meu rosto e me mantendo presa

àqueles olhos incríveis.

– Você também estava muito pensativo, apesar de ter participado ativamente.

O que foi uma grande surpresa. Alex conhecia a hora certa e o que falar em cada parte da missa, ganhando assim a admiração do meu pai. Eu nunca imaginei meu namorado um católico praticante, nem um religioso ativo.

– Eu já fui a algumas missas, casamentos, batizados, missas de sétimo dia – riu divertido. – Fui batizado – deu de ombros enquanto eu estreitava os olhos. – Eu realmente fiquei muito pensativo.

– E eu posso saber no que tanto pensava, professor? – ele umedeceu o lábio inferior e sorriu sem graça.

– No quanto seria lindo ver você entrando em uma igreja como esta, usando um vestido branco, segurando flores e caminhando em minha direção – seus olhos se fixaram em mim, cheios de súplicas.

Sem perceber, dei um passo em sua direção, diminuindo a distância entre nós. A promessa dos seus olhos quase me fez aceitar todas as suas condições.

– Eu não me vejo casando em uma igreja – seu sorriso se desfez enquanto ele ainda me encarava. – Quero casar em um lugar aberto – e voltou a se abrir, deixando-me ainda mais deslumbrada. – Quero um casamento todo branco.

– Todo branco? – eu podia sentir a emoção em suas palavras.

– Deixo a cor por conta das flores e do verde da grama, das árvores – seus olhos brilharam com mais intensidade. – Se eu pudesse, faria com que seus olhos fossem o destaque.

– Meus olhos?

– Sim – toquei seu rosto e sorri. – Amo o azul dos seus olhos – Alex inclinou o rosto na direção da minha mão, aproveitando o carinho.

– Fale mais sobre como quer o nosso casamento – sentindo o amor transbordar diminuí ainda mais a distância entre nós e sua mão quente envolveu a minha cintura.

– Quero uma cerimônia pequena, discreta – e eu sabia que jamais conseguiria que fosse assim. – Quero poder curtir a festa sem ficar presa a ela.

– Poucos convidados?

– Você se importaria? – Alex deu de ombros. – Eu entenderia.

– Claro que eu teria muitas pessoas para convidar por obrigação, no entanto não me sinto em dívida com nenhum deles e posso muito bem ter um casamento apenas com as pessoas que amo.

– Seria ótimo.

– Seria sim – seus olhos brilhavam de emoção e expectativa. – Vai ser tudo como você quiser,

Charlotte. – Ele acariciou meu rosto com a mesma devoção de antes.

– Quero uma lua de mel em uma praia, dessas de surfista, para que eu possa ficar na areia olhando o meu marido exibir suas habilidades.

– Vamos ter que providenciar um arsenal de protetor solar, guarda-sol, chapéu... tudo para que você não tenha queimaduras que me impeçam de colocar minhas mãos em seu corpo.

– Eu gostei desta parte.

– E eu de saber que você pensa em nosso casamento – era a hora de recuar. Uma boa estratégia para não causar o problema do dia anterior.

– Ontem você não fez a sua proposta.

– Ah sim. Eu vou fazer, na hora certa.

– Mas...

– Charlotte, Alex? – papai, para variar, interrompeu-nos, deixando-me enfurecida.

Olhei para o grupo que se aproximava. Meu pai, minha mãe, padre Messias e Dona Carmelita, uma carola que achava que trabalhava para a igreja e tomava conta da vida de todo mundo.

– Alex, este é Padre Messias, ele cuida de Charlotte desde a nossa vinda para o Brasil, com pulso forte para mantê-la no caminho certo – todos me olhavam como se eu fosse uma criança. Que raiva! – Padre Messias, este é Alex Frankli, noivo de Charlotte. Ele fez questão de estar aqui hoje para conhecê-lo, já que deixamos clara nossa escolha do senhor para celebrar o casamento.

– Oh, que maravilha! A menina Charlotte é uma garota especial – o velhinho gordo, com cabelos alvos e rosto completamente enrugado, sorria com uma jovialidade invejável. – Apesar de não a ver mais por aqui, não é mesmo, Lottie?

– Final de faculdade, acabou consumindo todo o meu tempo – dei a minha desculpa sentindo meu

rosto esquentar consideravelmente. Se ele soubesse o que eu andava fazendo...

– Para Deus sempre devemos ter tempo – advertiu padre Messias, com os olhos bem atentos em mim.

– Eu e Dandara, mãe do Alex, vamos procurar uma data para nos reunirmos e ajustar os detalhes desta união – minha mãe disse com orgulho, como se estivessem fazendo um grande investimento.

– Tenho certeza de que será uma festa linda. Dessas de passar mais de um mês sendo assunto em todas as revistas – Dona Carmelita se intrometeu deixando-me incomodada.

– Na verdade, não conversamos sobre o assunto ainda – revelei tentando me safar daquela conversa constrangedora. – Ainda teremos tempo.

– Não decidiram a data? – Padre Messias fez uma careta, como se fosse um sacrilégio não termos escolhido a data para o casamento.

– Ainda temos tempo – salientei reforçando a minha opinião.

– Claro que a nossa igreja é uma das mais solicitadas por todas as jovens moças da alta sociedade. Temos uma acústica perfeita, espaço considerável, decoração inspiradora – Dona Carmelita continuou tagarelando e eu só queria fugir dali. Droga! Eles conseguiam estragar todo o momento. – Estamos com a agenda lotada, mas lógico que conseguiremos uma brecha entre tantas datas, não é mesmo, Padre Messias? – O bom velhinho concordou com a cabeça sem deixar de avaliar Alex. – Temos quase um mês inteiro, deixe-me ver – ela sacou uma agenda da sua bolsa. – Claro! Vamos ficar sem grandes celebrações durante o próximo mês por causa de uma pequena reforma, não seria nada de mais se não tivéssemos poucos recursos, o que só atrasa a obra, porém se vocês querem tempo, deixa eu verificar aqui... hum! Não, realmente só teremos um ou outro fim de semana do próximo ano, mais para o final, entre outubro e novembro. Sim, é isso o que temos.

E eu podia imaginar o quanto uma igreja daquele porte, repleta de fiéis do mais alto nível, conseguia arrecadar de doações, sem contar que padre Messias era muito bem relacionado, era o bom pastor de grandes empresários, então custear uma obra, por maior que fosse, jamais deveria ser um problema financeiro.

Bom, eu não pretendia casar na igreja, então a falta de espaço em sua agenda pouco me importava.

O problema seria a falta de disponibilidade do padre Messias, isso sim irritaria meu pai.

– Uma reforma demanda tempo – a mulher salientou olhando indiscretamente para o meu pai.

– De quanto estamos falando? Acredito que uma doação poderia adiantar qualquer obra, abrindo espaço para uma data mais próxima.

Lógico que Dona Carmelita olharia para a minha barriga, e ela não fez nenhuma cerimônia em me olhar com bastante atenção. Tal atitude não passou despercebida pela minha mãe, que ficou nitidamente irritada.

– Bom, eu não sabia que havia certa urgência então... vamos ver como poderíamos fazer. Uma doação vinda de um Middleton é sempre uma glória, não é mesmo padre Messias? Sim, claro que é.

Ela mesma respondeu, não dando a chance do pobre velhinho responder. Se bem que ele também olhou, de maneira mais discreta, é verdade, seus olhos foram da minha barriga para meu rosto, com uma expressão de pena, e depois se voltaram para Alex, com uma cobrança tão concreta que me assustou.

– Poderemos sim organizar uma data mais próxima, uma que atenda à necessidade de vocês – padre Messias falou finalmente.

Se ser vista como uma patricinha, adolescente, rica e infantil já era ruim, passar a ser a patricinha, adolescente, rica, infantil e que engravidou antes do casamento era muito pior.

– Como eu disse: não estamos com pressa. Eu e Alex concordamos que poderemos esperar um ano ou mais.

– Ou mais? – meu pai esqueceu a postura e me encarou como se quisesse me fuzilar.

– Ou menos – Alex rebateu apertando meus dedos como uma advertência.

– Que seja. Acontece que não pensamos ainda em uma data. Assim que decidirmos, começamos a organizar o evento – tentei encerrar a confusão.

– De qualquer forma, padre Messias, fazemos questão que a cerimônia seja realizada pelo senhor – minha mãe, assumindo uma postura superior, ignorou a outra mulher e tratou diretamente com o padre. – Quanto à data, Charlotte logo decidirá, eu tenho certeza disso. Caso seja em um ano, ou mais – ela me olhou e sorriu –, ou menos – falou para Alex também sorrindo –, não importa. A festa será linda de qualquer jeito.

Porra, eu amo a minha mãe!

– Com licença – ela me pegou pelo braço e saiu caminhando comigo pela igreja como se estivéssemos em um passeio turístico.

ALEX

Charlotte se afastou com a mãe, enquanto Peter finalizava a conversa com o Padre e a beata indiscreta. Aguardei um tanto ansioso. Charlotte parecia mais disposta a ceder e isso me trazia um grande alívio. Depois do que aconteceu um dia antes, quando Mary teve um mal-estar que a levou para o hospital, eu constatei que não poderia falhar naquela missão.

Seria insuportável saber que permiti que a mulher que eu amo não tivesse a mãe dela em seu casamento. Eu sabia, tinha certeza, de que Charlotte sofreria, então por que não lutar? Por que não fazer dar certo?

– Aguardarei o seu retorno, Alex – Padre Messias disse me olhando com atenção. – Existem muitos pontos que cabem apenas ao noivo e eu estarei à sua disposição.

– Grato. Com certeza participarei de todos os processos. Logo definiremos uma data.

– Assim eu espero – seu olhar severo me fez prender a respiração. Mais uma pressão. – Vejo vocês no próximo domingo, Peter?

– Se for a vontade de Deus – e havia mais verdade naquelas palavras do meu futuro sogro do que o pobre padre poderia imaginar.

– E então. Você foi embora cedo ontem. Charlotte não parecia muito satisfeita – Peter disse quando ficamos sozinhos.

– Eu tinha trabalho para fazer, ela não aceitou muito bem a minha desculpa – ele sorriu sabendo muito bem como a filha dele ficava quando contrariada. – E Mary?

– Bem melhor agora. Parece que estar em casa, ao lado das crianças, faz bem a ela.

Crianças? Peter realmente não via a realidade ao seu redor.

– Vi o xadrez sobre a mesa, vocês jogaram?

– Um pouco. Ensinei as regras a Charlotte, ela desistiu depois de eu ter vencido três partidas seguidas – meu futuro sogro fez uma careta, encarando-me com curiosidade.

– Ensinou as regras a Charlotte? E ainda conseguiu vencer três partidas seguidas?

– Sim, ela não parecia estar realmente interessada.

– Só se o motivo for realmente esse – fiquei intrigado. O que Peter estava querendo dizer?

– Como assim?

– Charlotte é uma ótima jogadora de xadrez. É uma estrategista. Ganha de todos que eu já vi jogar com ela. Muito me espanta te ouvir dizer que lhe ensinou as regras, e mais ainda que venceu três partidas, seguidas.

Olhei para minha noiva sem conseguir associar o que Peter me dizia. Em nada batia com a garota que sentou diante de mim no dia anterior e se deixou ensinar a jogar. E ela era péssima estrategista.

– Charlotte te pregou uma peça – Peter riu, parecendo orgulhoso da filha. – Minha garota é inacreditável!

– Você nem imagina o quanto – rosnei tentando conter a minha indignação.

Charlotte estava do lado de fora, conversando com Miranda. Johnny não estava em nenhum lugar, o que me levava a acreditar que tinha dado um jeito de escapar. Realmente não parecia muito a cara dele passar as manhãs de domingo em uma igreja. O que ele não fazia para agradar o padrinho?!

Mary conversava com mais duas mulheres, alguns degraus abaixo das meninas. Ela parecia frágil, o corpo mais magro do que quando a conheci, e fazia bem pouco tempo. Estremeci imaginando o quão rápido seu quadro evoluía e por quanto tempo a teríamos. Peter seguiu em direção à esposa, enquanto eu parei ao lado de Charlotte. Miranda se calou imediatamente, sem me olhar daquela forma acusadora, como vinha fazendo sempre que podia.

– Vocês vão à praia? – Miranda perguntou diretamente a mim.

– Agora? – fiquei confuso. Ela nunca falava comigo se não fosse para me agredir com suas palavras de duplo sentido.

– Hum, sim. Você não é surfista? Um dia como o de hoje é um convite para a praia.

– Na verdade não gosto de surfar em horários muito movimentados, pensei em fazer isso no final da tarde. Por quê? – ela ficou vermelha e desviou o olhar.

Miranda constrangida, incapaz de me encarar e visivelmente escondendo alguma coisa era algo novo. Custei a acreditar.

– Por nada. Eu vou encontrar duas amigas que estão me aguardando, então pensei que vocês tivessem planos – olhei para Charlotte, que negou com a cabeça.

– Nós vamos no fim da tarde.

Primeiro: ela estava nos convidando para passar o domingo ao seu lado ou sondando o que pretendíamos fazer para estar bem distante disso? Segundo: eu ainda tinha minhas restrições em relação a Miranda, e passar qualquer punhado de horas ao seu lado era um sacrifício. Graças a Deus Charlotte não tinha gostado da ideia.

– Vejo vocês depois – ela desceu as escadas, parando um pouco para falar com os padrinhos, depois se despediu saindo em direção à rua, provavelmente para pegar um táxi.

– Miranda não tem carro?

– Ela não gosta de dirigir – Charlotte virou em minha direção demonstrando falta de interesse na amiga. – O que vamos fazer hoje? Jogar xadrez, damas, cartas... o que vai ser?

Estreitei os olhos sem acreditar que ela conseguia fazer aquela cara de anjo inocente enquanto continuava tentando me enganar. Eu poderia bolar uma boa forma de fazê-la se arrepender, ou até mesmo colocá-la sobre os joelhos e lhe aplicar um belo corretivo, mas no momento eu queria apenas deixar claro que sabia a verdade e que estava aborrecido.

– Por que não me contou que sabia jogar?

Mantive os olhos bem atentos a sua reação. Charlotte corou, a vermelhidão descendo até o pescoço e alcançando as orelhas. Ela engoliu em seco e olhou para o pai, imaginando que ele a havia dedurado.

– Eu estava aborrecida e não queria continuar conversando sobre aquele assunto – revelou baixinho, não parecia nem um pouco arrependida de ter brincado comigo.

– Aí escolheu mentir para mim? Me fazer de idiota?

– Não – seus olhos alcançaram os meus e eles eram francos, tão transparentes quanto uma fonte pura de água. – Eu... – fez um gesto vago com as mãos – ... eu não sabia o que poderia fazer para acabar com aquele incômodo, e ganhar de você no xadrez não pareceu muito honesto, já que eu estava com raiva e com vontade de te socar, então preferi deixar você falar sobre as regras, as jogadas e tudo o que eu já conhecia. Pelo menos eu ficaria calada e você falaria até que todo o desconforto deixasse de existir.

– Permitindo que eu ganhasse?

– Ganhar foi uma consequência. Eu não conseguia me concentrar em mais nada, nem sabia o que estava fazendo quando mexia as peças.

– Por quê? – Charlotte mordeu o lábio inferior e rodou um pé, como uma criança insegura.

– Por um segundo eu desejei que você voltasse a ser o meu professor. Que fosse aquele homem que eu conheci e que apenas me guiava, mostrando-me o que eu podia ou não fazer.

– Charlotte!

– Deus! Eu sinto tanto falta disso, Alex! Sinto falta de poder passar as tardes com você, de sentir o seu desejo, de só ter um único medo, o de não ser aprovada. As coisas ficaram meio loucas entre a gente e eu sinto que estamos deixando escapar o que realmente somos, o que queríamos para nós dois.

– Isso porque você está baseando o nosso atual relacionamento no que tínhamos de sexo – falei mais baixinho, para que ninguém conseguisse nos ouvir.

– Era tudo o que tínhamos. Ficamos horas juntos em um mundo só nosso e era mágico – seus olhos ficaram úmidos e meu coração apertado.

– Você ouviu o que acabou de falar? – ela recuou como um gatinho assustado. – Sexo, o que fazíamos como preparação para o sexo, era tudo o que tínhamos. Eu quero mais, Charlotte! Quero muito mais do que horas de prazer. Quero mais do que o medo de sermos descobertos, mais do que sermos constantemente interrompidos, que sermos vigiados a cada segundo, que viver angustiado por não querer fazer nada errado e mesmo assim saber que está errando a cada passo. Eu não quero que sexo seja tudo o que nós temos. Foi o que nos uniu, mas agora precisa se expandir e se tornar muito mais do que isso. É o que eu quero, porém talvez não seja o que você quer.

– Não, Alex – implorou chorosa, com medo de qualquer decisão minha.

No entanto, eu já estava decidido. Eu entendia e aceitava os motivos de Peter. Eram nobres. Por outro lado, não dava para forçar tanto uma menina que nunca tinha vivido nada, que estava cheia de vida e ânsia para viver, a simplesmente esquecer os seus temores e se tornar a minha mulher.

Não dava para forçá-la. Eu não a forçaria. Não mais.

– Nós não vamos mais casar – afirmei sentindo meu coração partir. – Peter vai ter que entender, e...

– droga! Aquilo seria o inferno – ... ele terá que aceitar, assim como eu terei que aceitar. Vamos adiar por tempo indeterminado.

– Não! – ela continuou em seu desespero juvenil, que eu sabia ser apenas medo de desafiar o pai.

– Charlotte! – segurei suas mãos quando ela tentou me abraçar. – Você não está pronta. Vamos zerar esta história e começar de novo. Vamos dar um passo de cada vez, está bom assim?

– Merda, Alex! – duas lágrimas caíram e muitas outras caíam. Eu precisava dar um jeito de impedi-las ou então seria uma confusão dos infernos.

– Não chore. Vamos sair daqui. Vamos conversar em algum lugar. Eu vou falar com Peter.

– Ele não vai deixar – soluçou enquanto limpava as lágrimas, sem conseguir impedir que mais duas descessem.

– Eu já volto. Tente se recompor.

Saí de perto dela chegando rapidamente ao local em que Peter estava. Ele e Mary conversavam sozinhos e pareciam aguardar por nós dois. Seu olhar questionador deixava claro que sabia que algo estava errado.

– Nós vamos dar uma volta, tudo bem para você? – fui direto. Eu estava tão confuso e cansado quanto Charlotte, ou qualquer outro envolvido naquela história.

– Algum problema?

– Apenas precisamos conversar e definir alguns pontos – ele concordou com a cabeça. – Deixo ela em casa assim que terminarmos.

– Tudo bem – Peter apertou minha mão com força.

– Até mais tarde, querido – Mary se despediu me dando um beijo no rosto. Ambos acenaram para Charlotte, que preferiu ficar distante.

– Vamos.

Com a mão na cintura da minha noiva, ou ex-noiva, eu já não sabia mais, eu a conduzi até onde o meu carro estava. Ela, de cabeça baixa, as mãos unidas diante do corpo e com os cabelos escondendo as lágrimas que continuavam caindo, apenas caminhou e entrou no carro tão logo lhe dei passagem.

– Para onde vamos? – sua voz abatida e estrangulada pelo choro fez eu me odiar.

– Para a minha casa, Charlotte.

Ela me olhou surpresa, sem nada acrescentar e eu dirigi pensando na melhor maneira de fazer aquilo sem precisar esmagar o meu coração.

CHARLOTTE

Minha cabeça estava tão confusa que eu não conseguia organizar as ideias. Alex estava terminando comigo ou apenas não queria mais casar? Ele havia cansado? O que pretendia me levando para a sua casa?

Assim que entramos, eu tive dois pensamentos: a casa estava extremamente limpa e organizada, ou seja, ele havia mentido, provavelmente para evitar toda aquela conversa sobre sexo, ou falta de sexo; e, Deus, eu senti tanta falta daquele lugar!

Ele, segurando em minha mão, conduziu-me até a cozinha, alojou-me em um dos bancos altos, deu a volta, pegou duas taças em um dos armários, da adega retirou um vinho branco e serviu as taças levando-as para o balcão. Uma delas foi deixada diante de mim, assim como a garrafa, que ficou de lado sem nenhuma cerimônia.

Alex me encarou com uma expressão estranha e depois virou todo o conteúdo da taça em um só gole. Merda! Aquilo não era nada bom. Nada bom. Voltou a encher a taça e aguardou por mim. Dei um pequeno gole, sendo a covarde que naturalmente eu era. Ele terminaria comigo.

Droga! Droga! Droga!

Bebi outro gole, um pouco maior, procurando coragem para aquela conversa. O silêncio era aterrorizante! Angustiava e me sufocava.

– Você está terminando comigo?

Tomei coragem e falei logo de uma vez. Não dava para ficar aguardando Alex se embriagar para conseguir falar o que já estava nítido. Ele deu um sorriso triste e balançou a cabeça, negando as minhas palavras, em seguida bebeu um grande gole do vinho e voltou a me encarar.

– Não – disse por fim. – Mas estou dando a você a chance de fazer isso.

O quê? Como assim?

– Vai jogar a responsabilidade para mim? – meus olhos arderam e novas lágrimas se formaram. – O que... o que pretende com essa atitude? É por causa do meu pai? Não sabe como dizer a ele, então ser

chutado será mais fácil do que chutar?

– Não seja infantil, Charlotte.

– Pelo visto é só o que eu sei ser. Só como você e todos os outros me veem – minha voz falhou. O desespero era tão grande que escondi minhas mãos embaixo do balcão para não revelar o quanto eu tremia.

– Você não quer ser minha namorada. Não quer viver o tipo de namoro que seus pais suportam aceitar. Não quer casar... – ele me encarou com amargura e recuou quando entendeu que exigia demais de mim. – Você quer o que tínhamos antes.

– Alex...

O choro me impedia de falar. Era tão ridículo e humilhante chorar daquele jeito na frente de uma pessoa que estava me dispensando! Era injusto. Não porque eu não devesse chorar, era impossível evitar, e sim porque seria muito mais digno se eu pudesse chorar em minha casa, longe do seu olhar piedoso. Seria muito mais digno se eu não estivesse a ponto de implorar, se conseguisse achar forças para ir embora quando meu único pensamento era o de que eu não poderia perder aquele homem.

– Você quer o que tínhamos antes, Charlotte. Sem compromisso, sem segurança, sem qualquer responsabilidade um pelo outro. Eram apenas algumas brincadeiras, claro que, por causa das atuais circunstâncias, vamos ter uma evolução daquele quadro. Vamos transar de verdade. Para valer. Não é o que você quer?

Não consegui responder. Alex estava tão magoado, tão cheio de raiva, mesmo tentando bravamente esconder seus sentimentos de mim. Suas palavras eram agressivas e, mesmo assim, dava para perceber o quanto ele lutava contra elas para não me magoar.

Alex levantou, deixando a taça sobre o balcão e deu a volta. Eu o encarava sem conseguir me movimentar. O que ele faria? Para onde iria? O que pretendia?

– Para onde você...

Ele me tomou em seus braços, impedindo-me de falar. Seus lábios se apossaram dos meus, sua língua pedindo passagem, suas mãos me mantendo presa, cativa, submissa. Estremeci. Eu conhecia aquela urgência, aquele pedido silencioso, aquela ânsia. Estranhamente, temi tudo aquilo.

Mesmo assim retribuí. Eu não tinha força para impedir o seu beijo, muito menos vontade. Era como se Alex fosse o controle, ele dizia como e eu apenas o seguia, completamente entregue. Havia dentro de mim um desconforto com a ideia e ao mesmo tempo, o desejo latente que me impulsionava a continuar.

Ele me levantou do banco, mantendo-me colada ao seu corpo, cheio de posse e fome. Minhas costas colidiram com a parede, enquanto nossos lábios não se desgrudaram. Suas mãos me exploraram, uma adentrando minha saia e se apossando da minha bunda, ousada o suficiente para ultrapassar minha calcinha e me tocar sem nenhum pudor. Gememos juntos.

A outra subiu pela lateral do meu corpo, buscando meus seios, apertando e afastando como podia a camisa para que o contato fosse mais legítimo. Ao mesmo tempo, seu corpo se esfregava no meu, buscando alívio e prazer, mostrando o que queria e me prometendo o mundo.

Deus, eu o queria! Eu queria tanto Alex que o sentimento parecia que explodiria dentro de mim a qualquer instante. Porém o desespero em suas atitudes ecoava com o do meu coração. Alex estava ultrapassando seus limites, abrindo mão do seu desejo e se sacrificando para me dar o que eu queria.

De repente eu já não sabia mais o que eu queria.

Senti meu coração acelerar à medida que suas investidas aumentavam. Um sentimento amargo me impedia de tocá-lo, de participar, e, aos poucos, meu corpo foi parando. Havia o desejo, evidente que havia, mas não daquela forma, não quando eu sabia que se aceitasse estaria permitindo que tudo mudasse, que nosso amor ficaria em segundo plano, que deixaria Alex acreditar que era apenas sexo o que eu queria dele.

– Alex, pare – tentei dizer, mas ele parecia não me ouvir.

Suas mãos insistentes continuavam me buscando, apertando lugares que me faziam estremecer e que repercutiam no centro entre as minhas pernas. Porra! Eu estava ávida de tesão. Louca para ser tomada e possuída por aquele homem que eu tanto amava.

Isso! Eu o amava. Eu. O. Amava. E justamente por isso não poderia ceder.

– Alex, chega. Pare!

Empurrei meu noivo que resistiu, afastando-se apenas alguns centímetros. Ele respirava com dificuldade. Uma mão apoiou o peso do corpo na parede e a outra foi para o meu pescoço, mantendo-me

ali. Fechei os olhos com medo do que poderia encontrar quando os abrisse.

– Porra, Charlotte! O que você quer, pelo amor de Deus!

As palavras estranguladas não demonstravam raiva, apenas frustração e confusão. Abri os olhos e encontrei os dele fechados. O maxilar trincado impedia que mais palavras escapassem, as veias alteradas deixavam claro o esforço que fazia, apesar disso seus dedos em meu pescoço eram delicados, acariciando minha nuca e me tranquilizando.

Ele abriu os olhos, sorvendo minha alma para si. Alex era tão lindo! Mesmo triste como estava, mesmo com raiva, mesmo quando lutava contra o tesão que o impelia a continuar com o que fazíamos. Ele era lindo! E incrível!

– O que você quer?

O que eu queria? Meu Deus, o que eu queria?

Eu queria tudo. Queria uma vida em que eu não precisasse dizer adeus ao único homem que eu quis. Queria liberdade para amá-lo da minha forma. Queria estar em seus braços sem medo de que ele pensasse que sexo era a única coisa que importava naquele relacionamento. Eu sabia o que queria.

– Eu quero me casar com você.

Ele me encarou inexpressivo. Nenhum músculo respondeu aos meus temores, apenas o ar suspenso e a tensão da sua falta de resposta zumbiam em meu ouvido acompanhando o martelar do meu coração. E eu nunca tive tanta certeza das minhas palavras como tive das que tinha acabado de dizer.

CAPÍTULO 23

“E nesse momento de saudade, quando penso em você, quando tudo está machucando o meu coração e acho que não tenho mais forças para continuar; eis que surge tua doce presença, com o esplendor de um anjo; e me envolvendo como uma suave brisa aconchegante... tudo isso acontece porque amo e penso em você...”

[William Shakespeare](#)

Não sei por que meu coração insistia em bater descompassado.

Estávamos deitados no sofá. A porta que dava para o jardim estava aberta, deixando uma brisa nos alcançar. Charlotte estava em silêncio, deitada em meu peito. O único indicador de que não dormia era o roçar suave dos seus dedos em minha camisa.

Eu recordava cada palavra trocada, cada estupidez dita e que no final serviu apenas para que fizesse tudo dar certo. Então por que eu estava com tanto medo?

A quem eu queria enganar? Não ia ser menos humilhante tentar esconder de mim mesmo o motivo do meu temor. Eu não tinha mais certeza se Charlotte queria mesmo casar ou se tinha aceitado as minhas condições por não conseguir me perder. Mas ela me perderia?

Não. Isso nunca passou pela minha cabeça. Eu queria apenas transar de uma vez com aquela garota e acabar com aquele plano ridículo de tentar convencê-la. Eu queria dar a ela o que tanto queria e me pedia. Faria migalhas do meu coração, mas voltaria a ser apenas o professor que divertia a aluna durante algumas horas, que no final do dia voltava para uma casa vazia, tentando sufocar o seu sentimento.

Era isso o que eu faria.

No entanto, Charlotte confundia tudo. Ela virava o mundo de cabeça pra baixo e, quando você começava a se acostumar com o que seria, ela voltava e girava tudo outra vez. Era como se eu fosse um globo nas mãos de uma menina curiosa. E era frustrante. Suspirei pesadamente.

Ela levantou o rosto e me encarou. Seus olhos azuis, claros como a tarde do lado de fora, estavam levemente vermelhos, por causa do choro, assim como a ponta do seu nariz. Não resisti e toquei aquela região, brincando com a pequena bolinha rubra que entregava a sua tristeza.

– Por que está tão calado? – sua voz estava fraca, temerosa.

Droga! Era horrível saber que ambos estávamos pisando em ovos. Respirei fundo e estreitei meus braços em sua volta.

Eu fiquei feliz ao ouvir que ela concordava com o casamento. Que faria como eu tanto queria. E, ao

mesmo tempo, senti-me péssimo por ter alcançado meu objetivo depois de fazê-la temer me perder. Independentemente de mim, quando Charlotte disse sim, meu corpo reagiu por vontade própria e eu quis continuar de onde paramos.

Que todo o plano que tracei fosse para o inferno. Era muita infantilidade não transar com a mulher com quem eu ansiava casar. Mas ela recuou e me impediu. E isso me deixou ainda mais fodido.

Como entender o que Charlotte queria se quando eu estava disposto a lhe dar ela recuava? A história parecia se repetir a cada capítulo vencido.

“Eu não quero agora.” Ela disse quando questioneei a sua recusa. Eu entendi, mas meu corpo não. Minha mente gritava que eu tinha estragado tudo e que agora ela seria infeliz para me fazer feliz. Como conviver com isso?

– Alex?

– Estou pensando no quanto tudo é confuso – evitei seus olhos, mesmo sabendo que seria a única maneira de conseguir resposta para todas as minhas dúvidas. – Não quero que você case por sentir medo, Charlotte – confessei. – Eu quero que seja feliz e se viver o que vivíamos é a sua vontade, a sua ideia de felicidade, de mágica, como você disse, então é o que vou lhe dar.

– Eu entendi – disse baixinho, voltando a deitar a cabeça em meu peito.

– Eu não estava terminando com você – meus dedos se afundaram em seus cabelos, acariciando seu couro cabeludo. – Estava te dizendo que tudo bem.

– Eu não quero apenas sexo, Alex. Eu quero mais. É tolice bater o pé como uma criança birrenta e não aceitar o óbvio: nós só vamos ter paz quando casarmos. Meu pai já deixou bem claro.

– Eu não quero mais seguir as regras do seu pai. Não quando elas te fazem infeliz.

– E eu não quero que o laço que você conseguiu criar com ele seja desfeito apenas por causa da minha insistência em desafiá-lo.

Voltei a ficar em silêncio. Não era um “sim, eu não vejo a hora de dividir a minha vida com você”, mas, porra! O que eu esperava? Há quanto tempo estávamos juntos? Quanto tempo era necessário para adquirir confiança e certezas? A única coisa que sabíamos era que nos amávamos e estávamos apostando todas as nossas fichas nisso.

Eu era maduro e experiente. Conhecia meus sentimentos de maneira firme e consciente, sem dúvidas, mas não para não temer, podia compreender o quanto era difícil para Charlotte. Apesar disso, almejava, com todas as minhas forças, que pudéssemos sair dali direto para a igreja, e depois voltaríamos para casa para darmos início àquela nova vida que eu tanto ansiava.

Eu era um filho da puta egoísta e podia estar jogando Charlotte em seu maior inferno.

O que eu estava fazendo?

– Você não acredita mais em mim, não é? – eu sabia que naquele instante Charlotte sofria tanto quanto eu, e me amaldiçoava por isso. Beije o topo da sua cabeça e acaricie seu braço.

– Eu não acredito que seja esta realmente a sua vontade – ela me abraçou forte e depois levantou o rosto para me olhar.

– Eu tenho medo, Alex, por outro lado, sinceramente, quando eu não terei? Quando vai ser possível, para alguém como eu, sentir-se segura em um relacionamento com alguém como você.

– Isso porque você me supervaloriza.

– Na verdade não, eu simplesmente enxergo quem você é e, por mais que eu tente me fazer de burra, sei muito bem quem eu sou.

– Realmente você se faz de burra – ela sorriu sem ser realmente um sorriso de felicidade. – Eu posso ser tudo o que você acredita, ou posso não ser, mas o que vai contar em uma situação como esta é o que sentimos e o que queremos. Você precisa ter certeza.

– Eu nunca tive dúvidas, Alex. Não hesitei nem por um segundo quando você me pediu em casamento. Não existe outra pessoa com quem eu queira dividir a vida. Você é tudo o que eu sempre quis, mesmo quando eu não fazia ideia do que desejava. Eu só não entendo o porquê da urgência.

E eu entendia os motivos dela. Charlotte deveria ter o direito de saber. Ela sim deveria ter o direito de decidir. O problema era: como fazer isso sem criar um pânico capaz de paralisá-la? Como contar toda a verdade à minha noiva sem que ela se desesperasse a ponto de se perder?

Para ser honesto, eu não conseguia enxergar uma outra saída. Havia uma enorme chance de Charlotte parar sua própria vida, esquecer-se de si mesma e simplesmente perder o interesse por nossos planos.

Era um problema que eu não tinha ideia de como resolver. Por mais cruel que fosse, eu ainda acreditava que desviar sua atenção para o casamento, a formatura, ou qualquer evento importante era o melhor a fazer para evitar que ela paralisasse sua vida e deixasse de viver seus sonhos.

A ideia surgiu sem que eu tivesse a chance de pensar sobre ela ou descartá-la e, de repente, era o mais correto a ser feito.

– Tudo bem – tive o cuidado de não interromper o carinho em seu braço. – Eu vou te dar um motivo, só não vai ser agora.

– Ultimamente você anda protelando demais o que tem para me dizer – não entendi e o meu silêncio a fez continuar. – A proposta. Você ainda não fez.

– Ah! Sinto dizer que eu vou precisar desta proposta para fundamentar o meu motivo principal.

– Isso é chato – ela voltou a se deitar, mantendo seus braços em mim, segurando-me com força. – Por que não agora?

– Porque nós precisamos almoçar – ela fez um muxoxo, voltando a ser a Charlotte que eu conhecia. – E também porque acabei de me lembrar que Lana pediu que você fosse até a editora amanhã pela manhã.

– Amanhã? O que ela quer? E por que não me ligou?

– Porque eu quis te dar esta notícia, mas acabei esquecendo por causa dos últimos acontecimentos.

– Que notícia? Não vá me dizer que não pode falar agora também – ri sentindo que meus pés tocavam outra vez o chão.

– Amanhã você assinará o contrato.

Ela levantou a cabeça para me encarar e finalmente eu vi aquele brilho ansioso de volta aos seus olhos e um sorriso genuíno. Sim, estávamos voltando ao nosso eixo.

CHARLOTTE

Olhei uma última vez para o espelho, conferindo meu vestido cinza, nem tão justo nem tão largo, um pouco mais para executivo do que para estudante recém-formada. O cabelo estava preso em um coque, insistência de minha mãe, e a maquiagem era discreta e bem feita, cortesia de Miranda, que por sinal estava com um ótimo humor.

Os óculos... Bom, era ainda a mesma armação, que combinou perfeitamente bem com o restante da produção. E o conjunto, no geral, estava perfeito. Eu até parecia mais velha! Pensando bem, para que parecer mais velha? Passei a mão no cabelo desfazendo o coque e deixando os fios lisos descerem até moldarem meu rosto.

Minha mãe não ficaria nada satisfeita. Nada mesmo.

– Pronta?

Meu pai surgiu na porta do quarto olhando para dentro. Ele tinha insistido em me levar à editora. Queria verificar o contrato, certificar-se de que era algo realmente vantajoso. Eu suspeitava que, depois de eu ter sumido durante a tarde inteirinha e início da noite do dia anterior, ele estivesse disposto a me vigiar mais de perto.

Principalmente porque, segundo ele, eu havia voltado com atitudes estranhas, o que na verdade se tratava de um cansaço extremo e um enorme desgaste psicológico, fruto de toda a apreensão por causa da minha briga com Alex.

Alex!

Era impossível não suspirar quando pensava nos acontecimentos das últimas horas. Foi estranho, doloroso, desesperador, mas no fim, e por fim, acabou me fazendo entender que ele tinha razão e que eu poderia sentir medo, era natural, também era preciso sentir as certezas e colocar os pés no chão.

Não importava se tínhamos um dia, um ano, um século... nada disso era importante, apenas o que sentíamos e o que queríamos. Porque eu estava certa de que queria me casar e dividir a minha vida com ele, não fazia diferença se o casamento acontecesse em dois dias ou dois anos.

– Lottie? Está pronta?

Saí do meu devaneio e encarei o meu pai. Ele queria tanto aquele casamento que, às vezes, dava vontade de rir. Por que era tão importante me ver casada?

– Prontíssima!

– Vamos? – ele me ofereceu o braço e eu aceitei, voltando a me sentir a garotinha do papai.

Fizemos o percurso até a editora em um agradável silêncio. Eu não me permitia pensar muito em tudo o que havia acontecido, ou minha mente daria um nó, então procurei focar no contrato e na felicidade que era o fato daquele meu sonho estar se concretizando, tornando-se algo real, e o mais gratificante, por meus próprios méritos.

Sim, meus próprios méritos. Seria muito fácil conseguir que qualquer editora me publicasse, sendo eu filha de quem era, tendo uma renda capaz de abrir qualquer porta. Obviamente eu não queria que fosse assim. Eu queria ser reconhecida como escritora, que lessem o meu texto e gostassem, e foi o que Alex fez. Ele acreditou em mim, mesmo quando me fez acreditar que tudo estava perdido.

Senti a emoção umedecer meus olhos quando estacionamos em frente ao prédio já familiar. Eu tinha ótimas lembranças daquele lugar, daquela sala, daquele sofá... ah, Alex! Eu queria tanto que pudéssemos viver aquela liberdade.

Pensar assim me fez recordar o dia anterior, quando Alex pensou que o que importava para mim era apenas sexo. Que tolo! Ele não entendia que eu sentia falta de estarmos juntos livremente, já que ele mesmo colocava meu pai entre a gente, até quando Peter não estava presente.

– E agora?

– Vamos até a recepção. Alguém deve estar nos aguardando.

– E Alex? – dei de ombros.

– Não tenho ideia de como funciona, mas acredito que ele deva aparecer em algum momento – sorri confiante.

– Então vamos.

Conferi novamente meu cabelo e a maquiagem. Depois, passei as mãos no vestido, desfazendo as pregas amassadas por causa da posição no carro. Os saltos não eram tão agradáveis, mas eu gostava de

me sentir vestida apropriadamente para eventuais olhares desagradáveis, como o da garota da recepção.

Sim, eu não havia esquecido.

Fabiana era o seu nome. Ela era loira, não natural, obviamente, e não era tão magra nem tão elegante. Era uma figura que, sem maquiagem ou o elegante vestido que servia de uniforme, seria apenas mais uma à espera do metrô. Ok! Eu sou má! Talvez ela fosse mais magra do que eu me permitia admitir e muito provavelmente ficaria atraente em um jeans e salto alto. Isso eu nunca admitiria em voz alta.

– Bom dia! – cumprimentou sorridente, mas suas feições mudaram assim que me reconheceu.

– Charlotte Middleton, Alex Frankli está me aguardando – ela piscou se afastando da tela do computador. – Sou a noiva dele.

Nossa! Eu podia me abraçar. Os olhos da mulher ficaram imensos e ela apenas se deu ao trabalho de interfonar avisando a minha chegada.

– A noiva do Sr. Frankli encontra-se aqui e... ah! Claro. Sim. Agora mesmo.

Lógico que a forma irônica como ela anunciou a “noiva” do chefe a colocou em uma situação constrangedora, e certamente confirmou a minha posição. Mais um ponto para mim. Fabiana seria apenas uma garota do meu passado.

– A sra. Lamara irá aguardá-los na saída do elevador.

– Obrigada – sorri educadamente me sentindo tão bem que poderia até mandar um beijo para a garota.

– O local é bom – meu pai falou com admiração ao entrarmos no imenso elevador.

– Estamos na melhor e maior editora do Brasil, pai – eu me orgulhava de ser noiva do homem que construiu tudo aquilo.

Assim que as portas se abriram, demos de cara com João Pedro. Ele sorria, estava com o cabelo molhado e a pele bronzeada, como se tivesse acabado de chegar da praia. Talvez tivesse mesmo, quem sabe com Alex... droga! Só de imaginar Alex e aquele corpo maravilhoso, equilibrando-se sobre uma prancha, a pele bronzeada coberta por gotículas, o cabelo molhado descendo em seu rosto, aqueles olhos azuis que se confundiam com o mar...

– E Lana pediu para que eu apresentasse a editora a vocês enquanto ela e Alex finalizam uma

reunião.

Pisquei algumas vezes me dando conta de que divaguei perdendo os cumprimentos e parte do que era do meu interesse naquela história. Por isso apenas concordei e deixei que João nos guiasse na direção contrária à da sala do meu noivo.

– Então vamos assinar, Charlotte? Que bom! Lana não fala de outra coisa. Ela realmente gostou do seu livro, disse que será um sucesso de vendas. Pelo que fiquei sabendo todos os três avaliadores deram parecer positivo.

– Que bom – respondi meio sem graça. Receber elogios em público, mesmo sendo este bem reduzido, sempre foi um embaraço para mim.

– Uma pena Alex estar deixando o cargo agora. Lana vai precisar de um bom tempo para se adaptar à carga de trabalho de um editor-chefe, se bem que ela está otimista.

– Alex não precisava abandonar o cargo – meu pai disse com aquela postura superior, como se entendesse de todo e qualquer assunto, para ser sincera, ele era bastante convincente. – Charlotte está começando, então não há razão para temer tanto uma repercussão negativa.

– Ele tem outros projetos em mente, vai precisar de maior disponibilidade de tempo. Além do mais, apesar de Alex ser realmente um puta profissional... – ele olhou de soslaio para meu pai, fazendo uma careta por ter usado um palavrão. Acabei rindo baixinho – Apesar de ser um excelente editor-chefe – corrigiu-se rapidamente –, já fazia um tempo que pensava em mudanças. Alex não nasceu para ficar trancado em um escritório.

– Qualquer pessoa em seu perfeito juízo não teria problemas em estar trancado em um escritório que lhe pertence. É assim que tem que ser. O homem precisa trabalhar, proporcionar um porto seguro à família... – blábláblá. Meu pai e todo o seu discurso machista.

João Pedro riu, colocando a mão no ombro de meu pai com muita intimidade.

– Peter, um homem como Alex pode dar conta das suas finanças trabalhando na praia. Ele tem capacidade para isso, só que, assim como eu, não gosta da rotina, das obrigações de uma gravata – e folgou a própria como se estivesse sufocando. – Ele realmente vai render muito mais se estiver em um computador na sua varanda, tomando uma cerveja gelada e colocando para fora tudo o que aquela mente

brilhante é capaz de criar. Alex é um filho da puta de sorte – outra careta que me fez rir novamente. – Desculpe, mas é o que ele é. Ele tem o dedo de ouro, sabe? Se disser que um original tem potencial, com certeza ele tem, e vai vender. Você vai ver só se não vai ser assim com o livro da Charlotte. Foi assim com a Tiffany, ele recebeu o material e apostou. Foi o primeiro a dizer que ela seria campeã de vendas, e não foi o que ela se tornou? Alex sabe o que faz.

Quando trouxe o nome da Tiffany para dentro da conversa, todo o brilho do momento se perdeu. Eu não entendia como ela ainda conseguia ser o meu calcanhar de Aquiles. Quantas vezes Alex já havia me dado provas de que Tiffany nada mais era do que uma autora de sucesso com a qual ele era obrigado a conviver? E quantas vezes ele já havia provado o que sentia por mim? Então por que só ouvir o nome daquela mulher já me fazia tremer e sentir raiva? Eu não sabia dizer, mas era exatamente o que acontecia.

– Aqui fica a nossa equipe de edição – ele abriu a porta revelando cinco pessoas em frente aos seus respectivos computadores, todos com trabalhos em andamento. – Oi, pessoal! Essa é Charlotte Middleton, nossa mais nova autora e este é o seu pai, Peter Middleton.

Todos me cumprimentaram e ao meu pai. Pareciam satisfeitos, apesar de eu ter notado um ou outro com expressões mais cansadas.

– Eu estou mostrando a editora, então finjam que estão trabalhando para que ela não desista de publicar com a gente – eles riram e fizeram brincadeiras com João, que pelo visto era muito querido ali. – Vamos, quero mostrar onde a sua capa será feita.

Menos de quatro passos e estávamos em frente a outra porta. João a abriu, revelando uma sala um pouco menor com apenas duas pessoas. Um som pesado, mas baixo, criava um clima especial para o ambiente. Dois homens, com aparência estranha, devo revelar, pois um tinha uma trança longa no lugar da barba e o outro estava com metade do cabelo pintada de roxo. Eles sorriram assim que João entrou e também foram amáveis.

Ainda conhecemos o setor de publicidade e marketing, que era imenso e com muitas mulheres trabalhando, e vários outros que se confundiram em minha cabeça e eu já não sabia mais quem era quem e o que faziam. A editora era bem grande, com muitos funcionários, havia uma área na qual João disse gostar de ficar, onde os funcionários podiam jogar, relaxar, divertir-se, assistir à televisão, dentre outras

coisas. Também uma lanchonete grande e uma biblioteca. Resumindo: era um lugar bom de trabalhar.

Encontramos alguns autores caminhando pelos corredores. Eles estavam acompanhando o processo dos respectivos livros, segundo informação do João, que frisou não achar isso muito saudável e completou dizendo que tirava um pouco a concentração do seu pessoal.

Passamos em frente à sala do Patrício, que estava abarrotada de papéis, e ele, vestido como um executivo, falava ao telefone, nervoso, como se alguma coisa tivesse dado errado. João acenou e Patrício ficou sem graça quando nos viu.

– Peter, Charlotte, como vão? – apertou a mão do meu pai enquanto eu tentava ignorá-lo sem chamar a atenção de Peter.

– Nunca mais vimos você – papai falou sem desfazer o aperto de mão.

– Bom... – Patrício pareceu enrubescer e me olhou rapidamente, provavelmente com medo do que eu poderia dizer. – Como está vendo, o trabalho tem consumido o que pode de mim.

– É o que podemos ver – não escondi a má vontade.

– Então, hoje você vai assinar o contrato? – ele desconversou, tentando ser gentil. Estreitei os olhos sem acreditar que aquele imbecil tentava puxar conversa comigo depois de tudo.

– É o que parece – Patrício recuou percebendo que eu não estava para muita conversa. – Será que Alex já terminou a reunião? – perguntei para João, virando de costas para o meu futuro cunhado.

– Hum! – João olhou de mim para Patrício e deu para perceber que ele sabia que eu não queria estar ali. – Vamos voltar para verificar. Vejo você no almoço, Paty? – Patrício ia responder, porém mordeu os lábios, furioso.

– Claro, Joãozinho! Por que não? – João sorriu cinicamente e abriu a porta para que passássemos.

– Vejo você em breve? – meu pai perguntou para Patrício que ficou ainda mais vermelho e engoliu com dificuldade.

– É provável.

Filho da puta! Por que não tinha coragem de dizer que tinha partido o coração da minha amiga? Por que não assumia que caiu fora porque era um covarde, idiota, imbecil...

– Vamos – João me pegou pelo cotovelo, levando-me em direção à porta e só então percebi que

olhava para Patrício de uma forma assassina.

Caminhávamos em um silêncio desconfortável quando meu pai resolveu ser o inconveniente da vez.

– Não se incomoda que a sua esposa trabalhe mais do que você? – soltou para João assim que entramos outra vez no elevador. – Por que se ela vai assumir tudo isso certamente não poderá te acompanhar à praia, ou cuidar da casa, como deveria, ou até mesmo te dar filhos...

– Pai! – eu mal conseguia acreditar no que ele tinha acabado de falar. Olhei para João, desculpando-me quando vi que ele ria.

– Lamara nunca gostou de me acompanhar à praia. Eu trabalho fora da editora também e para fazer filhos só precisamos de alguns minutos – piscou para meu pai que ficou mudo imediatamente. Quase abracei João. – Lana gosta dessa vida, trabalhar até a exaustão, saber que produz, e eu fico feliz por ela poder se realizar seja da forma que for.

Sáímos do elevador e voltamos para o andar onde ficava a sala do meu noivo.

– Eu sei que os tempos mudaram, as mulheres conseguiram o seu espaço no mundo e tudo mais que a modernidade nos trouxe, porém continuo acreditando que alguns pontos não podem ser negligenciados.

– Pai, ninguém mais pensa desta forma no mundo. Hoje você planeja ter filhos, planeja seu casamento, sua carreira, nada mais é feito apenas seguindo o curso da vida.

– Tudo bem, Charlotte – ele abriu um sorriso encantador. – Se vocês crianças gostam de pensar assim, então que seja. Só posso afirmar uma coisa, você segue o curso da vida, querendo ou não. Porque quando ela quer, não há como fazê-la alterar nada, acredite em mim.

– Eu acredito – João falou divertido, então tudo perdeu a importância para mim.

Ao fundo do corredor, um pouco à frente da sala que eu sabia ser do meu noivo, uma porta se abriu e revelou aquele homem espetacular. Alex estava maravilhoso, usando uma camisa social, gravata e calça. Sua pele bronzeada contrastava com a camisa branca, enquanto a gravata azul realçava seus olhos.

E foram seus olhos que me fizeram esquecer o mundo ao redor. Quando Alex me olhou, nada mais tinha importância. Havia tanto sentimento naquele olhar que eu senti o ar escapar de mim. Ele sorriu. Um sorriso largo, que começou no canto da sua boca, expandindo-se completamente, atraindo todo o meu foco.

Alex se adiantou, despedindo-se rapidamente dos três homens com quem estava reunido. Lana ainda não tinha saído da sala, mas o meu noivo já estava caminhando em minha direção.

Ele se deteve quando já estava perto o suficiente para fazer com que todo o meu corpo reagisse. Então parou, com o mesmo brilho no olhar, o mesmo sorriso largo e a ansiedade que não conseguia esconder, no entanto, não me tocou.

– Peter – ofereceu a mão a meu pai, o que me frustrou, apesar de saber da sua imensa necessidade de agradar. – Charlotte – e me deu um beijo no rosto.

No rosto?

Putá merda!

Eu queria ser tocada, sentir aqueles lábios quentes e sedentos nos meus. Sentir cada músculo do seu corpo encostado ao meu... Respirei fundo incapaz de esconder a minha decepção. Alex, obviamente, notou, porém nada disse, apenas bateu com alguns papéis no braço do João, que riu se esquivando.

– O contrato já está em minha mesa. Lana está em uma ligação, ela logo se unirá a nós – ele disse de maneira formal. – Conheceram a editora?

– Sim. É uma ótima empresa. Muito bem estruturada – meu pai bajulou meu noivo e eu me limitei a concordar, pois a comichão ainda me incomodava por ter recebido apenas um beijo no rosto.

– Conheceram a gráfica? – Alex parecia animado.

– Não. Charlotte estava muito ansiosa – João revelou.

– Vocês têm uma gráfica aqui no prédio? – fiquei curiosa. Não sabia que era vantajoso para as editoras terem a sua própria gráfica.

– Na verdade não é nossa. É uma parceria. Instalamos uma pequena parte da gráfica com quem trabalhamos aqui para atender às nossas necessidades. Como nossa demanda é grande, precisávamos de um atendimento mais personalizado, então propusemos que se instalassem em nosso prédio, o que reduziu um pouco os nossos gastos, além de ser vantajoso para eles também. Assim ficou muito mais fácil garantir os prazos.

– Brilhante! – Peter falou enchendo Alex de orgulho. – A ideia foi sua? – meu noivo sorriu sem graça.

– Não. A ideia, assim como todo o projeto, partiu de Lamara, e João foi um dos responsáveis pela viabilização.

– Hum! – meu pai olhou desconfiado para João Pedro. – Muito bom!

– Obrigado! – João fez uma reverência bem-humorada. – Eu cumpro as ordens da minha querida esposa.

– Ele sabe com quem está mexendo – Lana se juntou ao grupo, pendurando-se no ombro do marido.

– Aqui eu mando e ele executa.

– Com o maior prazer, chefinha – João gracejou e Lana sorriu apaixonada.

Se Lana e João podiam agir assim, por que eu teria que me contentar com apenas um beijo no rosto? Que droga!

– Vamos? O contrato já está prontinho. Foi revisado pelo nosso setor jurídico e aprovado por Alex

– Lana desatou a falar, conduzindo-nos para a sala do meu futuro marido. – Acredito que você veio conferir no que a sua filha está se metendo, não, Peter? – papai sorriu com satisfação para Lana.

– Sim. Não que eu não confie em vocês, mas um olhar de fora pode ajudar.

– Sempre – ela rebateu, acenando para a secretária impecável de Alex.

Entramos e minha mente rapidamente se encheu de lembranças. Ah, aquela sala! Se eu fechasse os olhos poderia até sentir as emoções daquele dia. Eu estava com tanto medo e tão decidida a seguir em frente com o plano. E Alex? Porra, ele foi incrível! Aquele homem tinha o dom de me ensandecer, levando-me a cometer as maiores loucuras.

Olhei para o sofá com saudade. Eu podia determinar o exato lugar onde estávamos e até podia visualizar a cena toda. O que eu não daria para ter apenas mais uma oportunidade?

– O que quer beber? Café, chá, refrigerante, água... – Lana continuava exercendo seu papel de boa anfitriã, enquanto eu ainda olhava para o sofá com ternura.

– Água, por favor – Peter respondeu.

Desviei os olhos do sofá e encontrei os de Alex, atentos a tudo o que eu fazia. Claro que meu rosto esquentou consideravelmente. Ele sabia o que eu estava pensando. Podia imaginar o meu nível de envolvimento e o quanto aquilo tudo me deixava excitada. E a forma como ele estava me olhando... Santo

Deus! Alex parecia estar tão saudoso e excitado quanto eu.

Ele poderia facilmente me convencer a tirar a roupa se continuasse me olhando daquele jeito.

– Charlotte? – Lana falou do meu lado, fazendo-me estremecer. – Não sei como você consegue ficar tão aérea – e riu puxando-me pela cintura para sentar em uma das poltronas de frente para o sofá. – O que quer beber? – pensei em pedir uma tequila, mas desisti.

– Nada no momento, obrigada!

– Eu vou embora – João anunciou. – Tenho alguns assuntos para resolver e esse lance aqui não é muito a minha praia. Vejo você mais tarde, Lana – eles trocaram um olhar apaixonado e João, após se despedir de todos os presentes, saiu deixando a reunião um pouco mais séria.

– Vamos ao que importa – disse Lana ao entregar um copo com água ao meu pai. – Aqui está uma cópia, Charlotte. Peter pode analisar a nossa enquanto você fica ciente de como vai funcionar. O contrato é o padrão. Alex não queria te favorecer em nada – Lana foi firme ao falar, como se aquela fosse a sua vontade também.

– Acho justo – afirmei sentindo-me estranha.

Não seria agradável receber favorecimentos porque sou noiva do editor-chefe. Seria vergonhoso. Meu pai me deu um olhar de aprovação e continuou analisando o contrato. Ajustei os óculos, ainda incomodada com o sentimento, e procurei me ater ao que dizia o papel em minha mão.

– Certamente foi impossível não conceder alguns benefícios descritos em seu contrato, embora tudo o que foi colocado esteja diretamente ligado à qualidade e importância do seu material, Charlotte – Alex falou usando o seu tom profissional, sem tirar os olhos de mim. – Apesar de ser uma autora iniciante, nós tivemos ótimas avaliações e, como já havia dito, estamos apostando em seu livro.

– Livros – completou Lana sorridente. – Afinal, será uma trilogia – Alex também sorriu orgulhoso.

– E, por falar nisso... – ela se levantou dando a volta no sofá e parando para se apoiar logo atrás de onde meu pai estava – ... trate de trabalhar. Nós temos prazos estabelecidos para a entrega do próximo volume.

– Farei o possível.

A conversa seguiu em torno do contrato e de como eles pretendiam fazer a divulgação. Eu prestei bastante atenção, afinal de contas era do meu interesse tudo o que aconteceria ali. No entanto, existia uma

parte de mim que ainda se perguntava por que mereci apenas um beijo no rosto. E outra bastante significativa que insistia em repassar as imagens de tudo o que eu já havia feito naquela sala com o meu futuro marido.

Inferno!

Se já não era bom ficar excitada tendo Alex fugindo de mim como o diabo foge da cruz, ficar excitada sabendo que seria rejeitada, e ainda precisar fazer cara de filha santinha para o meu pai, era o fim do mundo.

ALEX

Por fim, Peter aprovou o contrato, todo sorridente com o charme que só Lamara conseguia lançar sobre seus clientes para conseguir o que desejava. Ela tinha este dom. Simplesmente encantava as pessoas que, instantaneamente, passavam a fazer tudo o que ela queria. Não fora o que aconteceu comigo e Patrício? Não era desta forma que ela mantinha João Pedro sob o seu comando? E por que seria diferente com qualquer outra pessoa?

Charlotte permaneceu calada, não demonstrando o menor entusiasmo, o que para mim era estranho, já que se tornar uma escritora de sucesso era o seu maior objetivo de vida, capaz de fazê-la cometer todas as loucuras possíveis.

Mordi o lábio evitando o sorriso que insistia em se expandir. Eu bem sabia tudo o que aquela menina fora capaz de fazer e a maneira astuta como me envolveu em seu plano diabólico.

Ah, Charlotte! E você nem faz ideia do quanto eu venero esta sua determinação!

Por fim, ela assinou e, no final de tudo, eu pude até notar um brilho especial em seus olhos e a maneira deliciosa como ela corou ao me olhar, provavelmente ecoando os meus pensamentos. Porque naquela hora eu apenas pensava: valeu a pena cada aula.

E se valeu!

– Agora um agrado especial – Lana disse com animação. – Eu, como nova editora-chefe desta casa, tomei a liberdade de providenciar a nossa comemoração – ela abriu a porta e falou alguma coisa com a minha secretária, depois voltou de lá com uma bandeja contendo algumas taças e um balde com gelo e champanhe. – Um brinde todo especial à minha futura cunhada.

Lana me passou a garrafa, dando-me a honra de estourá-la, o que fiz sem poupar floreios. Charlotte voltou a sorrir e seu sorriso me fez ganhar o dia. Ela era linda! Servi as taças e, após entregar cada uma delas, fizemos um brinde.

– À Charlotte – falei tomando a liberdade de fazer aquele discurso. – Pela menina insistente e determinada – ela sorriu com doçura. – E principalmente pela mulher incrível, inteligente, criativa –

sorri, fazendo-a entender que eu também lembrava. – À nossa mais nova escritora *best-seller*.

– Posso colocar uma pontinha de discurso de pai? – Peter me interrompeu gracejando. – À filha mais teimosa e decidida que um pai antiquado poderia ter. Que o seu sonho se torne realidade, Lottie, e que as suas escolhas revelem sempre um caminho de felicidade e satisfação. Não foi o que eu planejei, no entanto, eu não poderia estar mais orgulhoso.

Até eu fiquei emocionado. Peter fazia o tipo figurão, o pai durão que jogava duro e de acordo com as suas regras. No fundo, ele era um homem com medo de perder o controle, de errar com as crianças que foram deixadas sob seus cuidados e que as amava acima de tudo, até dele mesmo. Ele era um bom pai e disso Charlotte não tinha dúvida.

E Charlotte? Ela olhou para cima, para os lados, respirou um pouco mais rápido e até mordeu o lábio inferior, tudo para tentar disfarçar a emoção que por pouco não escorreu pela sua face. A mania de ajeitar a armação dos óculos sob o nariz serviu apenas para me certificar do esforço que ela fazia para não chorar e, quando bebeu metade do conteúdo de sua taça de uma vez, usou como desculpa para os olhos úmidos.

Essa era a minha garota!

– Não vamos atrapalhá-los mais – Peter começou depositando a taça sobre a minha mesa. Disfarcei, circulando a sala, e acenei para Lana, que rapidamente entendeu o que eu queria. – Eu ainda tenho que trabalhar e Mary vai precisar de companhia para um jantar de arrecadação de fundos para uma de suas causas – sorriu como um bobo apaixonado. – Ela parece querer salvar o mundo.

– É sempre bom estarmos engajados em campanhas como as que Mary tanto se compromete – Lana cruzou o braço com o de Peter, levando-o para fora da sala. Eu e Charlotte saímos atrás dos dois.

– Sim, sim. E eu confesso que adoro saber que casei com uma mulher tão generosa. Mary sempre foi assim.. – eles continuaram a conversa enquanto Charlotte atrasou mais um passo.

– Feliz? – ela me olhou como se eu tivesse falado a maior besteira do ano.

– Por que me deu só um beijo no rosto?

O quê? Precisei parar para pensar no que ela tinha acabado de dizer. Eu realmente ficava muito confuso com as maluquices da minha noiva. Havia imaginado um milhão de sentimentos partindo daquela

garota, menos aquele, nunca. Nunca mesmo! Poderia até jurar que naquele momento Charlotte estaria leve como uma pluma. Realizada.

– Do que você está falando? – retardei mais um pouco os nossos passos, sem deixar que Peter percebesse.

– Você! – ela parou um pouco mais exaltada. – Por que me deu um beijo no rosto?

Olhei para Charlotte sem acreditar, então dei risada. Ela conseguia ser adulta e infantil ao extremo e com segundos de diferença.

– Amor, aqui é o meu trabalho – continuei sorrindo.

Tenho que admitir, eu ficava louco da vida com as infantilidades da minha noiva, porém amava cada uma delas. Era como se, de repente, Charlotte se transformasse em uma garota perdida, confusa e sem rumo.

– Lana e João Pedro não se preocuparam com isso – o vermelho suave que estava em suas bochechas ganhou um tom mais forte. – E você já fez muito mais do que me beijar naquela sala, Alex Frankli – falou baixinho me encarando com olhar desafiador.

Mordi o lábio olhando rapidamente para os dois que seguiam, Lana fazendo de tudo para que Peter se esquecesse de nós dois. Voltei a olhar Charlotte, o nariz empinado, o queixo projetado para cima, os olhos estreitos e aquele vermelho... Eu podia fazê-lo se expandir ainda mais.

Aproximei-me cuidadosamente, saboreando a reação dela, que aos poucos foi perdendo a postura desafiadora e assumindo uma de expectativa, mais submissa do que rebelde. Porra, eu amava aquela menina! Sem precisar pensar duas vezes, segurei em seu rosto e coleí meus lábios aos dela. O sabor cítrico do champanhe, misturado ao doce do seu batom tornou o beijo mais prazeroso.

Ela abriu os lábios, permitindo que minha língua brincasse com a dela. Uma delícia. Mas eu precisava ser breve, até porque eu tinha planos e nada do que eu havia imaginado poderia acontecer ali.

Desfiz o beijo, ainda segurando o seu rosto e rocei a ponta do nariz até sua orelha. Antes, olhei para Peter, certificando-me de que estávamos seguros, então me volvei outra vez para Charlotte.

– Quer passar a tarde comigo? – vi quando os pelos do seu braço se eriçaram. Não resisti e deslizei meus lábios até seu pescoço e desci minha mão para sua pele arrepiada.

– Aqui? – aquela voz doce e fraca, carregada de tesão me deixou louco.

– Em um motel – sussurrei em sua pele, rezando para que apenas Charlotte fosse capaz de ouvir a minha proposta.

Ela se afastou me encarando com os olhos arregalados. O rosto afogueado, a respiração acelerada. Charlotte estava excitada, e eu estava adorando.

– Tenho uma proposta para te fazer.

CAPÍTULO 24

“O amor é dos suspiros a fumaça; puro, é fogo que os olhos ameaça; revoltado, um mar de lágrimas de amantes... que mais será? Loucura temperada, fel ingrato, doçura refinada.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Ainda atônita, vi Alex se afastar, indo em direção ao meu pai. O que ele faria? O que diria? Porra, claro que Alex jamais pediria permissão a meu pai para me levar a um motel. Lógico que ele não teria coragem!

E o que eu faria? Ora, eu o acompanharia a qualquer lugar que ele quisesse me levar. Eu sempre seguiria Alex Frankli. Sempre.

Meu coração acelerado não dava trégua e eu assistia em câmera lenta Alex se aproximar do meu pai ao mesmo tempo que sentia cada partícula do meu corpo guerreando entre si, minhas células, alucinadas e em alvoroço, ansiosas demais pelo próximo passo.

Ainda existia uma parte de mim que tinha outro tipo de preocupação: a calcinha. Quando Alex me perguntou se eu queria passar o dia no motel com ele, minha cabeça deu um nó, e a minha calcinha tornou-se um problema inesperado.

Era mesmo uma merda que eu estivesse sempre preparada para ele, que desde quando surgiu a possibilidade de transarmos eu tivesse pensado em calcinhas, sutiãs, depilação e tudo o que uma garota normal precisa cuidar para estar sempre apresentável. Para meu azar naquele dia, talvez por ter a certeza de que nada aconteceria, ou pela frequente recusa de Alex, eu tenha pensado em uma calcinha mais confortável, que não marcasse o vestido, deixando o lado de fora mais apresentável do que o de dentro.

Merda!

Eu estava com uma calcinha imensa, daquelas que cobrem todo o bumbum e sobem quase até o umbigo. E para agravar o problema, ela era bege. Bege! Dá para acreditar?

E, como se a minha mente fosse realmente algo complicado demais para ser entendido, eu ainda conseguia me questionar sobre a razão para aquilo tudo. Não era possível ignorar a reação do meu namorado quando eu lhe fiz a mesma proposta. Ele havia sido categórico ao afirmar que não se sentiria à vontade em um lugar como aquele comigo.

Então, o que mudou? E o que me levar a um motel tinha a ver com a proposta que ele tanto insistia

em fazer?

Eu não conseguia entender. Não conseguia. Mesmo assim, faria o que fosse possível para que Alex não voltasse atrás.

– Peter, eu gostaria que Charlotte ficasse – ele me olhou rapidamente mantendo uma postura tranquila. – Passasse a tarde aqui comigo.

– Aqui? – meu pai olhou de um para o outro com desconfiança. – No seu trabalho?

– Sim – Alex deu de ombros, colocando as mãos nos bolsos. – Eu não tenho mais nenhuma reunião agendada para hoje, apenas alguns assuntos para resolver.

– Ela não vai te atrapalhar?

– Pai! – quase gritei exasperada. – Não sou mais nenhuma criança, está legal?! Não preciso de autorização para passar a tarde com o meu noivo, nem de recomendações para não atrapalhar o trabalho dele. Que droga!

– Mocinha! – ele me ameaçou com o olhar, mas eu não senti medo.

– Ela não vai me atrapalhar, Peter – Alex afirmou divertido, puxando pela cintura para perto dele.

– E eu quero conversar com ela sobre o casamento. Definir algumas coisas – sorriu confiante.

Não sei por quê, mas Alex conseguiu fazer meu pai recuar. Como se a palavra “casamento” fosse mágica e abrisse todas as portas. Pelo menos para mim. Não dava para acreditar que meu pai estava cedendo porque queria me ver casada com Alex. O que estava acontecendo com aquela família? Quer dizer que, se eu aceitasse casar sob os termos dele, estava liberada para transar?

Inacreditável!

Obviamente não rebati, nem argumentei. Era muito mais importante ir ao motel com Alex do que entrar em uma discussão com o meu pai sobre o meu “em breve”, ou não, casamento.

– Tudo bem – meu pai disse por fim. – Se não vai te atrapalhar... – ele me deu um olhar cheio de significados, o mais importante era: eu sei o que você vai fazer e não estou nada satisfeito. Então, por que aceitou, oras?

Revirei os olhos e cruzei os braços. Alex estreitou o braço em minha cintura como um alerta para que eu ficasse calada.

– Vejo você mais tarde.

– Combinado – Alex estendeu a mão para apertar a do meu pai. Aquele aperto demorou mais do que o necessário. – Ah, Alex? Charlotte está sem carro. Você deve levá-la para casa. Nada de táxi. O mundo está muito louco.

– O quê? – quis argumentar, mas Alex praticamente me jogou para trás me impedindo de falar.

– Claro, Peter! Até mais tarde.

E assim meu pai entrou no elevador nos olhando com desconfiança até a porta se fechar.

ALEX

Pronto. Estava feito. Tudo arrumado conforme o planejado e não havia mais como voltar atrás. Eu não voltaria, já Charlotte...

– Ok! Agora comece a se explicar – minha noiva, de braços cruzados, encarou-me aguardando por respostas.

– Eu acabei de dizer a seu pai que você não me daria nenhum trabalho – brinquei vendo-a ficar ainda mais irritada.

– Eu vou embora, tá? – Lana falou, ganhando a nossa atenção. Ela já estava afastada de nós. – Espero que o que quer que esteja passando pela cabeça de vocês dois, não aconteça no corredor – ela nos olhou séria e depois riu dando mais alguns passos para trás. – Ao trabalho, Alex. Ainda há muita coisa para fazer por aqui.

Lana se afastou, indo em direção às escadas, só que eu ainda precisava da minha irmã.

– Lana! – corri para encontrá-la. – Preciso que faça algo por mim.

– Agora?

– Hum! Não, mas em alguns minutos. Primeiro eu tenho que responder alguns e-mails e assinar alguns documentos, depois disso... – passei a mão no cabelo retirando os fios longos que caíam pela testa. Estava na hora de cortá-los – ... preciso de um tempo com Charlotte – e fiquei constrangido por conversar sobre esse assunto com a minha irmã, se bem que não era a primeira vez que ela me ajudava a conseguir algumas horas com a minha noiva.

– Você precisa começar a aprender a se virar sozinho, irmãozinho. Não me lembro de ter a sua ajuda quando precisei de tempo e espaço com o João.

– É completamente diferente.

– Ah, é?

– E eu fazia vista grossa quando você passava do horário. Dava um tempo ouvindo música no carro quando você fingia ter se perdido da gente nos shows, só para que Patrício não enlouquecesse te vendo

entrar sozinha em casa.

– Droga! Você sabe mesmo como chantagear uma irmã caçula.

– É. Eu sei.

– O que quer que eu faça?

Ela ainda me encarava, sentada na cadeira em frente à minha. Eu fingia trabalhar, mas não havia como me concentrar no que eu precisava fazer. Lana cuidaria de tudo. No momento, eu precisava de duas coisas: resolver o problema e ter Charlotte em meus braços.

– Então? – Charlotte tentou mais uma vez.

– Então o que, amor?

– Não vai me dizer o que o fez mudar de ideia?

– Fora o fato de estar morto de saudade de você? – ela estreitou os olhos e sua boca se abriu um pouco, deixando-a ainda mais bonita. – Eu vou te dizer. Vou dizer tudo o que você quer ouvir, mas não aqui.

– A proposta.

– Isso. A proposta.

– Vamos logo então – esbravejou e eu ri.

– Preciso resolver algumas coisas – tentei voltar minha atenção para uma avaliação que Lana tinha me enviado há mais de uma semana e que eu ainda não havia conseguido verificar.

– Isso é uma droga – cruzou os braços novamente e se encostou na cadeira. – Só falta você me dizer que antes vamos almoçar – ri. Charlotte parecia uma criança fazendo birra.

– Assim eu vou me sentir culpado por levar uma garotinha birrenta a um motel – ela me mostrou a língua e depois começou a rir.

– Você é um idiota.

– Que falta de respeito.

Desliguei o computador sem voltar a olhar para ela. Depois levantei, organizei os papéis sobre a mesa, peguei minha carteira e a chave do carro, coloquei a cadeira no lugar e peguei meu paletó. Charlotte me observava com atenção.

– Já vamos?

– Não é o que você queria?

– E você não? – abracei minha noiva pela cintura e beijei seu pescoço, desarmando-a por completo.

– Não vejo a hora de tirar este vestido – revelei me dando conta do quanto eu realmente queria aquilo.

Charlotte me deu um sorriso sem graça e se afastou, torcendo os dedos uns nos outros. Eu, de verdade, não entendia aquela garota. Uma hora, ela me seduzia e me implorava para comê-la e, na outra, ficava envergonhada ao extremo porque eu disse que queria tirar a sua roupa.

Vá entender!

– Vamos antes que você desista – segurei em sua mão e a conduzi para fora.

– E o almoço? – corou timidamente.

– Pensei que estivesse com pressa – ela corou mais uma vez e baixou os olhos. – Eles servem almoço lá. Eu já estou com tudo pronto – puxei Charlotte de encontro a mim, deixando que ela sentisse a minha ereção. – Tudo pronto – sussurrei em seu ouvido fazendo-a estremecer.

CHARLOTTE

Tudo bem, eu poderia me livrar da calcinha em dois tempos, mas o que diria a Alex quando ele percebesse que eu estava sem ela? Uma coisa era eu tirar a calcinha para impressioná-lo antes de uma aula, outra era sair para assinar um contrato, sem nenhuma promessa feita, e me apresentar sem calcinha.

Para piorar tudo, Alex constantemente tentava me tocar. Não tocar de uma maneira normal, mas ele estava dirigindo, com uma mão em meu joelho que subia entre as minhas coxas tentando chegar ao local proibido.

Não consegui. Eu queria, porém não conseguia deixá-lo me tocar, não enquanto estivesse usando aquela calcinha horrorosa que provavelmente o faria rir de mim e perder metade do desejo que demonstrava sentir.

Não. Eu teria que dar um jeito. Qualquer coisa que impedisse Alex de me ver com aquela coisa ridícula que eu inventei de usar naquela manhã.

Ele estava achando divertido me aticar enquanto dirigia. Talvez este fosse o fetiche de muitos homens, sentir o controle da máquina enquanto controlava o próprio corpo apenas estimulando, dando doses homeopáticas do que viria a seguir. É... este poderia ser um desejo dele. Um que eu teria o maior prazer em satisfazer, no entanto, não ali e, definitivamente, não com aquela calcinha.

Alex entrou em uma rua mais tranquila, com pouco movimento de carros, o que me deixou mais relaxada, porém nada menos apreensiva. Ele parou em frente a um portão que impedia que enxergássemos qualquer coisa além dele. Ao seu lado, uma cabine com vidros fumê e um microfone direcionado para o motorista.

Atrás daquele vidro havia uma pessoa. Provavelmente um homem, e ele, com certeza, estava naquele momento enxergando as minhas pernas, por causa da altura da cabine em relação ao carro, e sorria ironicamente pensando um monte de sacanagem. Claro que ele pensava assim, afinal de contas, todos os clientes daquele local estavam ali com a mesma finalidade: transar. E transar de todas as formas sacanas possíveis.

Merda! Por que eu tinha aqueles pensamentos? A pessoa que estava atrás do vidro poderia ser uma senhora, uma mãe de família, uma religiosa... não, aí seria demais. Mas poderia ser uma pessoa comum em um trabalho comum, que pouco se importava se a dona daquelas pernas iria abri-las de tal ou tal maneira. Ela podia simplesmente não se importar, ou estar ocupada com um problema de família, ou até mesmo finalizando um trabalho de faculdade, quem poderia saber?

A voz feminina que nos cumprimentou me deu um pouco mais de alívio. Não que eu quisesse continuar pensando que um homem certamente estaria sorrindo com pensamentos impróprios, o fato de saber que outra mulher estava do outro lado me deixava mais à vontade. Só um pouco.

– Fiz uma reserva. Suíte presidencial. Está em nome de Alex Frankli.

– Você deu o seu nome de verdade? – sussurrei sentindo meu rosto esquentar e meu coração acelerar.

Meu Deus! Qualquer pessoa poderia conseguir uma cópia daquela reserva e vender a informação. No dia seguinte, estaríamos estampados em todas as revistas de fofoca sob o título “O editor Alex Frankli passou uma tarde agradável até demais ao lado de uma garota misteriosa”. Puta merda! Meu pai me mataria. Eu tinha certeza! Alex riu e me encarou com diversão enquanto a mulher solicitava a identidade da acompanhante.

A minha identidade. Não, não, não.

– Charlotte? – ele estava com a mão estendida, aguardando o meu documento.

– Não vou entregar a minha identidade – segurei a minha bolsa com força.

– O quê?

– Você enlouqueceu? Ela pode vender esta informação para qualquer revista de fofoca. Não preciso do meu nome estampado embaixo de uma foto do seu carro entrando em um motel – tentei manter a voz baixa, mas o meu desespero era perceptível.

Alex me encarou sem acreditar em minhas palavras. Sua boca levemente aberta parecia querer dizer muitas coisas, mas ele apenas balançou a cabeça, passou a mão pelo cabelo, respirou fundo e voltou a me olhar.

– Amor, existem muitos pontos para serem explicados, mas não podemos discutir este assunto aqui,

na portaria. Apenas me entregue a identidade e conversaremos lá dentro.

– Para quê? Por que ela precisa da minha identidade?

– Porque menores não podem entrar em motéis, Charlotte – havia certo divertimento em seu tom de voz, o que me irritava um pouco.

– Eu não sou menor de idade – rosnei mantendo a voz baixa.

– Ela não sabe disso – e me encarou com a confiança de um vencedor.

– E se ela vender a informação? E se algum *paparazzi* idiota oferecer dinheiro para saber com quem você entrou no motel? E se...

– Charlotte! – disse com a voz firme. – A identidade – e voltou a estender a mão. – Ou desistimos da nossa tarde.

Muito cautelosamente abri a bolsa e procurei pelo documento. Respirei fundo, fiz uma oração internamente e entreguei a Alex a minha vida, porque certamente eu a perderia se meu pai descobrisse onde passei a tarde.

Ele retirou o documento da minha mão e o passou por uma pequena fenda logo abaixo do vidro, quase imperceptível. Depois me olhou como se estivesse procurando alguma coisa em meu rosto, e começou a rir.

– Qual a graça?

– Você é... inacreditável.

– Sou?

– É sim.

Com a mão ele acariciou meu rosto, contornando minha bochecha com o polegar e depois os meus lábios. O tempo inteiro me manteve cativa dos seus olhos, azuis brilhantes, escuros e profundos. Uma perdição. Então a mulher anunciou que a suíte estava pronta e que poderíamos seguir para a cabine dezoito, logo em seguida devolveu o meu documento, e o portão começou a se abrir.

Alex ainda sorria do que quer que fosse que ele tivesse achado graça naquela situação e eu voltei a me preocupar com meus outros temores. A maldita calcinha que parecia pertencer à minha avó.

Pela forma como ele dirigia, percebi que aquele era um local familiar para Alex, e logicamente,

senti raiva. Era frustrante ele ter uma vida sexual antes de mim enquanto, até pouco tempo, eu não sabia nem como me masturbar.

Assim que encontrou a cabine dezoito, um pouco mais afastada das outras, e também maior, ali cabiam três carros sem problemas... por que três carros? Oh, merda! Meu rosto esquentou e depois esquentou mais ainda quando imaginei se Alex já tinha feito algo desse tipo.

– Você já esteve aqui – afirmei para não lhe dar a chance de mentir.

– Ah... não neste quarto – desligou o carro e aguardou.

Continuei encarando o meu noivo ciente de que ter um ataque de ciúmes naquele momento não seria nada conveniente, afinal de contas, eu sabia que ele tinha um passado, assim como ele sabia que eu nunca havia estado em um local como aquele, nem em nada parecido acompanhada de um homem... Bom, sempre é bom frisar que nem de mulher.

– Isso é um problema para você? – senti a cautela em sua voz e me perguntei se eu tinha sido sempre um problema quando o assunto era as mulheres com quem ele já havia transado.

– O quê? O fato de você ter comido metade da cidade antes de me conhecer? – dei de ombros tentando parecer indiferente. – Não.

– Metade da cidade? – ele riu balançando a cabeça. – Nunca tive todo este tempo disponível, Charlotte.

– Ok! Você disse que tinha uma proposta – Alex parou de rir, e o clima mudou automaticamente.

– Direto ao assunto – resmungou apreensivo.

Se ele não queria fazer a tal proposta então por que ficou me tentando com a ideia durante tanto tempo?

– Nós podemos conversar sobre a possibilidade de amanhã estarmos em apuros, por causa da informação que, com certeza, aquela mulher vai vender ao primeiro que aparecer, ou quem sabe podemos passar uma boa parte desta tarde discutindo sobre o fato de eu ter sido recebida com um beijo no rosto para logo em seguida ser convidada para passar o dia em um motel, ou até mesmo sobre as mulheres que você trouxe aqui, em um passado não tão remoto.

Ele riu, mantendo um pouco do seu nervosismo e batucou no volante do carro.

– Prefiro passar o mínimo do nosso tempo conversando e o máximo te comendo.

Porra!

Engoli com dificuldade, sem conseguir me concentrar em mais nada. Por mim acabávamos a parte da conversa e partíamos para a segunda etapa. Aliás... sim, eu daria um jeito naquela calcinha.

– Imagino que seja algo ligado ao nosso casamento – arrisquei já sentindo o familiar desconforto que o assunto me causava e eu ainda não conseguia entender o motivo.

– Exatamente.

– Não podemos conversar lá dentro? Tem que ser aqui, no carro?

Alex se ajeitou no banco, virando-se em minha direção. Suas mãos caíram, juntas, dedos cruzados entre as pernas. Ele respirou fundo, tomando coragem para começar. Eu bem sabia o que viria, então me preparei para não pôr tudo a perder. Nós não precisávamos de mais mágoas, e eu já tinha aceitado diminuir aquele prazo, então...

– Eu quero lhe fazer uma proposta – ele começou. Concordei sem nada dizer, para que ele continuasse sem perder tempo. – Você sabe como eu me sinto estando em um motel com você – eu queria responder, no entanto Alex levantou uma mão me impedindo. – Eu amo você, Charlotte. Morro de tesão por você. Mas estar em um motel me faz pensar que isso tudo que construímos não tem valor. Eu sei que é uma babaquice e que vários casais costumam quebrar a rotina em lugares como este, porém, durante toda a minha vida sexual, eu utilizei estes lugares para estar com mulheres que acreditava não merecerem estar em minha casa, em minha cama. Era pura e unicamente satisfação física, nada mais que isso. Nunca estive em um quarto de motel com alguém por quem eu tivesse sequer um carinho especial. Isso pode ser uma questão de ponto de vista e, como não sou muito de sustentar uma idiotice como esta, resolvi que valia a pena tentar. Para mim, estar com você é sempre especial, mesmo achando não ser este um lugar para ficarmos juntos – sorriu sem graça.

– Você tem razão, isso tudo é uma bobagem, embora eu esteja muito feliz que tenha decidido me dar mais esta experiência.

– Mesmo você achando que alguém pode colocar nos jornais? – aquele sorriso foi realmente muito escroto. Alex estava desdenhando de mim?

– Isso pode acontecer.

– Não pode. E eu acredito que realmente não exista ninguém interessado em minhas idas ao motel.

– Idas?

– Você entendeu. Voltando ao assunto... – ele ficou sério de novo. – Eu quero realmente ter mais esta experiência com você, só quero que você saiba que, mais uma vez, estou passando por cima de algo em que acredito para satisfazer a uma vontade sua. Não que seja um sacrifício, não é. Preciso frisar que estou cedendo mais uma vez, Charlotte. Eu estou sempre cedendo – e me encarou com uma intensidade que me constrangeu.

Era verdade o que Alex dizia, e eu seria muito injusta se resolvesse ser a mimada da vez para desafiá-lo. Alex não apenas cedia, ele era sempre compreensivo e disposto a satisfazer as minhas vontades. Ele era o homem perfeito.

– Isso tudo tem um preço, não é mesmo? – vi quando ele recuou um pouco. Seus dedos se fecharam e abriram e seus olhos se desviaram dos meus. – É uma troca?

– Eu quero... eu preciso, Charlotte, que você acabe de uma vez por todas com esta angústia que me apavora todos os dias.

Meu coração acelerou. Eu não queria que Alex vivesse atormentado. Não queria que sofresse.

– E o que posso fazer?

Tive medo de perguntar, apesar de saber que não havia mais como fugir. A decisão precisava ser tomada. Mesmo assim minhas mãos tremeram e eu senti frio, apesar de o local estar relativamente quente. Por que era tão difícil dar aquele passo?

– Você sabe o que eu quero, Charlotte.

– Pensei que eu já tivesse concordado em revermos o prazo.

– Eu não quero somente rever o prazo. Eu quero casar o mais rápido possível – engoli em seco.

– E quando seria isso? – mais uma vez Alex puxou o ar com força e voltou a colocar as mãos no volante.

– A minha proposta é: eu fico aqui com você, passo por cima dos meus princípios, enfrento as regras do seu pai, faço mais uma vez a sua vontade e, em troca, você deixa que eu escolha a data do

nosso casamento – sorri. Que importância tinha ele ou eu escolher uma data? Dei de ombros.

– Escolha a data então – Alex umedeceu os lábios. Ele estava nervoso. Muito nervoso! Seus dedos se fecharam no volante, deixando as juntas brancas. Havia muito mais do que uma simples escolha de data.

– Tem ideia do que está dizendo?

Pensei em tudo o que ele tinha dito até aquele momento. Era muito além do que eu poderia imaginar. Não dava para evitar o tremor do meu corpo, nem o incômodo em meu estômago. Levei a mão aos óculos e os retirei para limpar a lente no tecido do vestido.

– Não dá mais para esperar, Charlotte. Eu tentei de todas as formas aceitar as suas condições, tentei ser forte para as regras do seu pai, e realmente entendo o fato de ele ser assim, mas existe muito mais em jogo do que o seu medo de assumir algo mais sério comigo.

– Você tentou terminar e agora está me dando um ultimato? – Alex rosnou baixinho encostando-se no banco do carro.

– Não posso mais esperar. Eu te amo! Não quero precisar pedir permissão a seu pai sempre que quiser te tocar. Estou me consumindo em angústia e desespero.

– Alex! – parei a conversa antes que ficasse pior. – Por que não me diz o que está acontecendo? Por que não me conta o motivo real disso tudo? Você me disse que tinha um motivo, então qual é?

Ele me avaliou com olhos sofridos. Realmente ali na minha frente estava um homem consumido em angústia, e eu sabia como acabar com tudo aquilo.

– Vamos conversar lá dentro.

Alex desceu do carro sem aguardar por mim. Eu fiz o mesmo, saindo e observando cada passo dele. Droga! Era para ser um dia maravilhoso envoltos em lençóis e sem a calcinha da minha avó para atrapalhar. Como aquele se transformou no menor dos meus problemas de uma hora para outra?

Ele abriu a porta que dava passagem para o quarto, mas parou me permitindo entrar primeiro, como um perfeito cavalheiro. Eu estava confusa. Não sabia o que pensar diante da situação. Tínhamos conversado e ele parecia ter compreendido a minha posição em relação ao casamento precipitado. Agora estávamos ali, com a permissão do meu pai, o que era muito estranho, e Alex tentando a qualquer custo

me convencer a casar o mais rápido possível.

Lógico que eu preferia esperar e, com o tempo, exorcizar todos os meus demônios tornando-me mais segura e confiante, sabendo ao certo como agir para não acabar estragando tudo, além de conhecer melhor o meu futuro marido. Por outro lado, ao ouvir os argumentos de Alex, era impossível não me sentir ansiosa. Eu o amava e gostaria de atender a todos os seus desejos, realizar os seus sonhos, como ele tinha dito que faria por mim. Será que essa seria a decisão correta?

Sem dizer nada, meu namorado começou a acender as luzes, revelando um espaço amplo, muito maior do que eu poderia imaginar. Logo ao lado da porta havia um sofá longo, daqueles que acolhe uma família inteira e mais alguns amigos. Meu pensamento voltou aos três carros que cabiam na garagem e em quantas vezes aquele mesmo quarto teria recebido grupos de pessoas para uma brincadeira mais ousada.

Nossa! Eu entendia por que Alex relutou tanto em me levar a um motel.

Por outro lado, eu nunca havia visto nada tão extraordinário e estimulante quanto aquele quarto. Tudo ali era apropriado. Apesar de dar uma ideia de ambiente normal, como a imensa porta que abria para os dois lados ao mesmo tempo girando sobre o próprio eixo e revelando um quarto grande com uma cama imensa, digna de grandes filmes de amor. Até então era uma mistura de moderno e *clean*.

Alex retornou e nas suas mãos, duas taças contendo o que deduzi ser vinho. Levantei imediatamente, recebendo a que ele estendeu em minha direção. Meu noivo ainda estava nervoso, eu podia jurar.

– Quer conhecer o restante do quarto? – concordei, aceitando a sua mão.

Passamos direto sem entrar no reservado para a cama. De frente para a parede que nos separava do quarto, estavam duas poltronas bem confortáveis e largas e na outra parede um telão. Notei óculos 3D sobre a mesa de centro e imaginei se alguém realmente ocuparia aquele quarto para ver filmes. Bom, alguns filmes talvez sim. E em 3D...

– Aqui.

Alex me fez continuar andando até darmos de cara com uma piscina maravilhosa. O teto solar permitia que o ambiente ficasse claro com a luz do dia e reservado como o ambiente pedia. O ar-condicionado mantinha a temperatura agradável. Uma pequena escada revelava um andar superior.

– O que tem lá em cima?

Alex se postou às minhas costas e alisou meus braços. Estremeci. O gelado da sua taça roçando um dos meus braços ajudava a me deixar naquele estado. Aquilo tudo só para nós dois era estimulante demais. Conseguia até se sobrepor à angústia que eu sentia por causa da conversa.

– Um balanço.

– Balanço? – ele riu.

– Um balanço erótico – e beijou meu ombro fazendo minha pele ficar arrepiada. – Um jardim de ambiente fechado – outro beijo e mais firmeza dos seus dedos em meus braços. – Um divã. Você gosta de divãs?

– Hum! – gemi ao sentir seus lábios subindo pelo meu pescoço. – Não sei dizer, mas posso descobrir.

– Tenho certeza de que sim. Também tem uma sala para refeições, um chuveiro grande e uma hidro.

– Legal – sussurrei.

– Tudo isso para apenas um dia?

– Normalmente, uma noite inteira, mas nós só temos algumas horas – ele se afastou um pouco, fazendo-me virar em sua direção. – Pensou na minha proposta?

– Isso é chantagem – tentei brincar sentindo o clima começar a se modificar. Alex levou uma mão à boca e apertou o lábio inferior. – Precisamos realmente voltar hoje?

– Não se esta for a sua vontade, Charlotte.

– A minha vontade não tem valido muita coisa nos últimos dias – rebati.

Certo! Fui infantil. Não era muito justo confrontar o homem que eu amava, especialmente quando estava implorando para que me casasse com ele. Tudo bem que este fato apenas me deixava ainda mais insegura, também não podia deixar de pensar que a maioria das mulheres gostaria de ter um homem como Alex em sua vida.

– A sua vontade é tudo o que está prevalecendo até agora – ele voltou a se aproximar, desta vez me encarando firmemente. – Aliás, a sua vontade é só o que tenho feito desde que tive a ideia maluca de ameaçar o seu projeto.

Engoli em seco. Alex estava com raiva? Será que o que eu mais temia tinha vindo ao meu encontro? Porque, desde que me permiti amar aquele homem, sabia que chegaria o momento em que ele me acharia infantil demais, jovem demais, inexperiente demais. Deixaria de curtir a ideia das aulas particulares ou qualquer coisa do tipo. Só não imaginava que seria tão cedo.

– Desculpe! – passou a mão pela testa tentando recuperar o controle. – O que você quer fazer? Quer voltar?

– É o que você quer? – encolhi-me com medo da sua resposta.

– Por que acha que eu viria até aqui com você para voltar logo em seguida?

– Não sei – dei de ombros temerosa. Ele tinha dito que me amava, então por que meu coração não parava de acelerar? – Pensei que você não quisesse desafiar o meu pai – arrisquei.

– Não estou desafiando. Você sabe que Peter imagina onde estamos.

– É. Eu sei. O que eu não consigo entender até agora é o que você fez para que ele concordasse tão prontamente com isso tudo, porque é inacreditável que uma pessoa com tantas regras e controle não faça vista grossa para o fato de que eu possa passar o dia no motel com o meu namorado. Isso não é estranho?

– Disse que casaríamos em quinze dias... – não desfez o nosso olhar, nem mesmo quando viu a minha cara de espanto. – Que eu conseguiria convencê-la – acrescentou sem demonstrar nenhum abalo.

– O quê? – as palavras quase não saíram. O ar estava preso em meu peito.

– Posso ligar para ele agora mesmo e falar que você não está de acordo. Neste caso, acredito que vai nos mandar retornar imediatamente. Volto a afirmar que a sua vontade prevalecerá.

Ele estava sério e me encarava com bastante segurança. Porém não demonstrava muita paciência, ou dava qualquer indício de que estava brincando. Minha cabeça girou e meus pulmões queimaram. Não percebi que lágrimas caíram. O que Alex tinha feito?

– Não precisa encarar isso como um pesadelo, Charlotte. Eu posso desfazer tudo com apenas uma ligação, basta me dizer o que deseja.

– Por que está fazendo isso comigo? – foi só o que consegui dizer.

Alex continuou parado onde estava. Ele não conseguia entender a minha reação e se dividia entre perder a paciência com a minha infantilidade e ceder mais uma vez e tentar me consolar.

– Ok! Vou ligar para Peter e dizer que estamos voltando.

– Não! – o desespero prestes a me dominar poderia estragar tudo.

– Charlotte, esqueça isso, certo? Vou encontrar uma maneira de convivermos com as nossas diferenças. Vamos embora.

Sem conseguir me conter me joguei em seus braços. Alex ficou imóvel, surpreso demais para me acolher, ou cansado demais para continuar? Eu não sabia. A cada segundo que ele demorava para reagir, meu peito afundava entregando-se a uma dor insuportável.

– Calma! – finalmente ele fechou os braços em volta de mim me abraçando com força, como se quisesse apaziguar os meus conflitos. – Está tudo bem, amor! Desculpe! – chorei copiosamente, permitindo que todos os meus temores saíssem em forma de lágrimas.

Alex me carregou em seus braços, levando-me para o quarto reservado. Com o rosto afundado em sua camisa, eu não prestei atenção em nada que havia lá dentro, até que ele me deitou na cama, com cuidado e carinho, sentando-se ao meu lado, acariciou meu rosto.

– Não chore mais – sussurrou. Eu estava estranha, encarava o homem que eu amava sentindo meu corpo inteiro tremer.

– Você está de saco cheio de mim, não é? – ele sorriu, mas havia tristeza em seu sorriso. Eu não aguentava mais vê-lo tão triste.

– Não. Eu te entendo. Você é mulher, consegue formular um milhão de teorias, sem nunca conseguir chegar à resposta mais correta, quando na realidade ela é sempre a mais fácil, simples e, naturalmente, a mais óbvia.

– Que absurdo! – tentei compactuar com sua brincadeira, porém as lágrimas ainda caíam e meu coração continuava oprimido, necessitando dele para voltar ao normal. – Então por que isso tudo? Por que este desespero, esta pressão?

– Vou precisar explicar novamente?

– Alex! Quinze dias? Isso é loucura! Casar em seis meses já seria estranho, imagine em quinze dias!

– Estranho para quem?

– Meu pai não pode ter concordado com essa loucura. Ele quer uma cerimônia inesquecível, cheia de pompa e circunstância... Ninguém vai conseguir fazer algo assim em tão pouco tempo. Sem contar que existem as fuxiqueiras que certamente vão dizer que eu estou grávida. Claro que todos vão achar isso. Você lembra como aquela mulher detestável lá na igreja reagiu quando entendeu que nosso casamento seria o mais breve possível?

– Charlotte, calma! Primeiro: o que seu pai quer não importa. É o nosso casamento e vai ser como você quiser. Pompa, pessoas importantes, câmeras para todos os lados, não é o que você quer. E quanto a acharem que você está grávida, quem está se importando?

– Eu estou – rebati sentindo um pavor absurdo se instalar em meu peito.

Merda! Eu estragaria tudo. Eu sabia que aquela era a minha última chance. Seria a última vez que Alex tentaria e depois disso, depois da minha recusa, eu o perderia. Não teria mais volta.

– Você tem certeza?

– Nunca estive tão certa em toda a minha vida – mordi os lábios sem saber o que responder.

Corria um sério risco de perder Alex caso recusasse, ou de ter um problema imenso com meu pai, esta parte era a que menos me preocupava. Como simplesmente concordar e receber imediatamente tudo o que combinamos que teríamos em um ano? Se não me sentia preparada nem para o plano anterior, imagine para o que ele estava me apresentando agora?

– Aparentemente você não está, então acho que devo colocar um freio em meus planos e aguardar até que você decida me fazer o homem mais feliz deste mundo.

Seus olhos estavam tristes, eu pressentia que Alex continuava tentando esconder seus reais sentimentos. Como colocar meus medos à frente dos sonhos do homem que eu amava? Como dizer não diante de tal apelo?

– Eu só queria entender. Não consigo assimilar o que está por trás de tudo. Nós conversamos e você aceitou que esperaríamos um ano. Concordamos que faríamos tudo conforme o figurino. Aí meu pai faz um escândalo, tem uma conversa suspeita com a minha mãe, você fica todo estranho, cheio de regras e desculpas, some e, quando aparece, resolve passar o dia em um motel comigo, com a permissão do meu pai e me informa que pretende antecipar o casamento para quinze dias. Quinze dias! Alex, eu estou com

medo!

– Certo. Deixa eu tentar melhorar as coisas para você – ele levantou e passou as mãos pelos cabelos. Respirou fundo e me encarou. – Eu sei de todos os seus medos e já lhe disse que não têm o menor fundamento. Eu te amo e você pode ficar chata, insuportável, mais louca do que já é, gorda, neurótica...

– Gorda? – ele sorriu daquela maneira única.

– Sim. Gorda. Muito gorda.

– E se eu resolver ficar careca?

– Tudo bem, Charlotte!

– E se eu achar que devo fazer mestrado na China? Se eu cismar com isso e ninguém conseguir me convencer do contrário?

– Eu adoro comida chinesa.

– E se eu for para o Alasca?

– Bom... Eu duvido que você vá para o Alasca – seu sorriso se abriu ainda mais.

– Por quê?

– Porque você não gosta de frio – emudeci sem ter como argumentar. Como ele descobriu que eu não gosto de frio? – De qualquer forma eu iria com você até para Marte se fosse necessário. Pare de arranjar desculpas, Charlotte! Eu te amo e isso nunca vai mudar.

– Como pode estar tão certo? Casamentos terminam, e o amor se transforma em mágoas.

– Por vários motivos. Meus pais se amam até hoje. Os seus também. Eles são alguns exemplos. Eu não tenho como transformar em palavras a intensidade do meu amor, apenas posso te mostrar a cada dia o quanto desejo estar ao seu lado até o último segundo da minha vida. Não é assim para você?

Eu o amava. Tanto que doía. Deixava-me insegura. Desfazia qualquer plano. Não havia mais certeza. Aliás, havia. Porque eu seguiria Alex até a China, apesar de não ser muito fã de comida chinesa. E suportaria o frio do Alasca. Enfrentaria Tiffany, Anita e qualquer outra mulher. Enfrentaria meu pai, como enfrentei. Abriria mão da minha formatura, de publicar o meu livro... Eu deixaria tudo apenas para segui-lo. Meu Deus! Eu não tinha mais dúvidas.

– Funciona. Funciona exatamente assim, ou talvez de maneira ainda mais intensa.

– Então por que esperar? – seus olhos assumiram um brilho que o devolviam à vida. Oh, Deus! Ele me amava e só estava me pedindo em casamento e não para eu matar alguém. – Nos últimos dias, eu vivi as mais inusitadas experiências. Senti medo de perder você, precisei passar por cima dos meus desejos, voltei a ser um adolescente imaturo e inseguro, além disso, ouvi uma história que me tirou o chão. Minha alma está mortalmente ferida, Charlotte – toquei seu rosto desejando desfazer a sua dor. – Durante anos eu quis apenas ser um homem correto, seguro e independente. Investi tudo o que eu tinha para conseguir estabilidade para mim e minha família. Dediquei todo o meu tempo para garantir que nada saísse dos trilhos. Hoje eu vi que não posso mais agir assim. Um amigo...

Parou e fechou os olhos. Engoliu com dificuldade provavelmente procurando a melhor maneira de me contar o que realmente se passava em sua cabeça. Quando os abriu, eu percebi que estavam úmidos.

– Eu encontrei um amigo. Eu o julgava a pessoa mais complicada e difícil que já tinha conhecido... – fez uma pausa breve. – Por muitos motivos que não pretendo justificar agora – concordei com a cabeça para que ele pudesse continuar –, ele me contou que a esposa, a mulher que ele ama e amou a vida inteira, com quem sonhou ter filhos e embalar os netos, está morrendo sem que ele nada possa fazer para evitar. – Alex me olhou de uma maneira estranha, como se buscasse em mim uma resposta. – Eles escolheram viver seus últimos momentos da melhor maneira possível. Optaram por continuar suas vidas e tornar cada dia melhor do que o outro. Ele está tentando de todas as formas fazer com que ela possa ter um pouco de tudo, porque não quer que ela se vá antes de ter realizado todos os seus sonhos. Está tentando fazer com que ela não perca nada. Infelizmente o tempo deles é curto demais.

– Por que você está me contando tudo isso? – não sei dizer ao certo o porquê, mas eu me sentia especialmente envolvida com aquela história.

– Porque ela me fez perceber o quanto a vida é curta. É apenas um sopro. Uma brisa. Você fecha os olhos e, quando os abre novamente, tudo pode ter mudado. As pessoas morrem todos os dias, pelos mais diversos motivos, e esta é a nossa única certeza. Apesar disso, continuamos adiando as coisas. Adiamos o perdão, o amor, as alegrias, os prazeres... tudo. Eu não quero acordar um dia e descobrir que te perdi. Você pode virar uma esquina e não voltar mais.

– Alex!

Involuntariamente uma lágrima rolou pelo meu rosto em resposta a que descia pelo canto dos olhos do meu namorado. Dava para sentir todo o seu medo, porque naquele momento era o meu também.

– Eu sei que não posso impedir a morte, mas posso aproveitar o que ainda temos de vida. É por causa disso que quero me casar o quanto antes. Casaria hoje, se fosse possível, porque é com você que eu quero passar o resto dos meus dias. E quero poder realizar nossos sonhos enquanto ainda estamos aqui. Não quero mais seguir uma linha, um plano. Quero poder tirar os pés do chão, aventurar-me, arriscar tudo o que tenho... Quero fugir do padrão, ir contra todas as expectativas. Quero me casar com você apesar dos meus medos e inseguranças. Quero caminhar de mãos dadas sem medo de quem vamos encontrar. Quero poder ter apresentar como minha esposa. Quero ter nossa primeira briga por causa de um móvel fora do lugar, ou da minha mania de deixar as roupas espalhadas, ou por não respeitar seu espaço na prateleira do banheiro, quero poder te conhecer, te descobrir. Não quero ter medo, Charlotte. Nem pensar demais.

– Eu aceito – ele parou me olhando como se não entendesse o que eu havia acabado de dizer. Então sorriu. E aquele sorriso tirou o meu chão.

Sim, eu também queria aquilo tudo. Por que esperar? Por que desperdiçar nosso tempo juntos? A vida é fugaz. Alex tinha razão. Não precisávamos de mais nada se tínhamos um ao outro. Eu seria a sua esposa. Em quinze dias ou naquele mesmo instante.

Eu não tinha mais medo.

CAPÍTULO 25

“Quando fala o amor, a voz de todos os deuses deixa o céu embriagado de harmonia.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Curvando-se em minha direção, ele beijou meus lábios. Meus dedos percorreram seus cabelos sedosos. A sensação era maravilhosa. Sua língua pediu passagem, e minha boca imediatamente a recebeu. O seu sabor não poderia ser comparado a nada.

Alex acariciou meus ombros, deixando que seus dedos brincassem em meu pescoço. Com a outra mão, desceu até a curva dos meus seios, onde apenas os tocou levemente, deixando que um gemido baixinho escapasse dos seus lábios. Era incrível a forma como meu ventre se contorcia ao ouvir seus gemidos.

Puxei-o mais para mim sem quebrar o nosso beijo. Alex gemeu novamente, como se estivesse protestando, não como se aprovasse a minha atitude.

Tive medo do que ele faria. Na verdade, tive medo de tudo. Depois que eu finalmente disse sim, que finalmente aceitei e encarei aquela loucura, porque lógico, casar em quinze dias é uma loucura, eu não conseguia mais me ver longe de tudo aquilo. Passei a ansiar pelo casamento, pelos momentos em que poderíamos ficar juntos, apenas nós dois, sem regras, sem ninguém para nos interromper, fazendo apenas o que tínhamos vontade, vivendo uma vida a dois, nós dois... Meu bom Deus, eu queria tanto aquilo que doía. Então eu temi.

– Charlotte? – ele gemeu ainda em meus lábios.

Segurei em seu pescoço e o impedi de continuar. Naquele instante, eu queria apenas que Alex cumprisse com a sua promessa, que me levasse de volta para a nossa bolha, que esquecesse as diferenças dos últimos dias, as minhas infantilidades, a minha recusa... Eu queria que ele me fizesse a sua mulher, que me tomasse de maneira possessiva, que me dominasse e arrancasse de mim qualquer necessidade de escolha ou de decisão.

– Espere.

Tentou mais uma vez se afastar. Sem contar conversa e decidida a terminar de uma vez por todas com aquele assunto, afinal de contas eu disse “sim”, então era assunto encerrado, sentei em seu colo,

enlaçando seu tronco com minhas pernas e me prendendo completamente a ele.

– Charlotte, calma! – Alex me segurou com força e me afastou de maneira a conseguir olhar em meus olhos.

– Alex! – protestei.

Meu corpo inteiro ardia e se contorcia pela urgência em ser dele e apenas dele. Eu precisava senti-lo, não somente me tocando, mas dentro de mim, alcançando o mais longe possível, atingindo não unicamente a minha carne, mas a minha alma. Só assim, só naquele momento, eu teria certeza de que todos os medos acabariam e que não havia um caminho onde eu quisesse mais estar.

– Charlotte, eu preciso... – escrutinou meu rosto procurando por sinais. – É o que você quer? Quer dizer... Eu quero me casar com você o quanto antes, hoje se for possível, mas não posso e não quero te forçar a nada – havia um sofrimento em seu olhar que me entristeceu. – Eu sei. Eu sei! Estou fazendo isso e fiz desde que entendi que não podia mais ficar sem você, mas por mais que eu queira e que seja egoísta para tentar me convencer de que é o que você quer também, eu preciso... eu só preciso...

– É o que eu quero. Eu não sabia disso até quinze minutos atrás, mas agora que sei, não há nada que eu queira mais nesta vida.

Ele acariciou meu rosto, deixando que um sorriso lindo se abrisse, alcançando os olhos. Seus dedos longos, capazes dos toques mais delicados com que uma garota podia sonhar, enroscaram-se na mecha de cabelo que insistia em escorrer para o meu rosto, e a puxou para trás, acomodando os fios em minhas costas. Em nenhum momento seus olhos deixaram os meus.

– Às vezes, eu fico me perguntando por que demorei tanto para entender que te amava – ele falava em um tom baixo, em confiança. – Se eu amo tudo em você. Desde o primeiro momento, quando coloquei meus olhos em você pela primeira vez, eu me vi pensando em como aquela garota era linda e singular e no quanto a sua timidez a valorizava. E, quando finalmente tomou coragem e me olhou nos olhos, eu fiquei confuso e admirado com a beleza deles. Existia uma personalidade forte, muito bem escondida por trás da máscara de uma boa menina de igreja – riu baixinho. – Eu te amei no primeiro encontro, Charlotte, mas não sabia disso.

Eu tentei segurar a emoção e ouvi-lo se confessar daquela maneira, em um momento tão

apropriado, porém era impossível conter as lágrimas. O amor de Alex não deveria mais ser uma novidade para mim, mas ainda era. Cada vez que ele revelava um pouco como se sentia em relação a mim, eu me perguntava como poderia merecer um amor como aquele e o quanto Deus era bom e misericordioso comigo, porque um homem como Alex jamais teria a paciência de que eu precisava para entender a vida, no entanto ele tinha, até mais do que eu poderia esperar, e eu era tão grata por poder me sentir confusa, por ter o seu respeito pelos meus momentos, por saber que ele entendia as minhas inseguranças e que permanecia forte ao meu lado enquanto eu digeriria os meus conflitos.

Sim, ele me amava. Provavelmente muito mais do que tinha se dado conta e eu tinha que fazer por merecer aquele amor.

– Alex? – sussurrei limpando as lágrimas e evitando fungar para não estragar o clima. – Faça amor comigo.

Supliquei e, como resposta, vi seus olhos ficarem mais escuros, sua boca abrir um pouco dando passagem para o ar, sua respiração ficar mais intensa e tudo em Alex ficar mais felino.

Sentada em seu colo, com as pernas cruzadas em seus quadris, eu poderia ser facilmente a pessoa que conduziria aquele momento. Mas não havia forma de superar toda a força de Alex em mim quando ele me olhava daquele jeito. Eu simplesmente aguardava e correspondia aos seus comandos, e me sentia incrivelmente livre assim.

Ele alinhou a coluna e, no instante em que suas mãos tocaram as minhas costas, eu já estava entregue. Senti seus dedos me buscando com posse, com a segurança dos grandes mestres. Ele me cercou, puxando-me para perto. Perto o suficiente para que nossos lábios estivessem separados pelo mínimo de espaço possível. Eu sentia a expectativa do beijo, a ansiedade que crescia e se avolumava em meu ventre e a necessidade que latejava entre as minhas pernas.

Uma mão subiu até minha nuca, prendendo-me para o seu bel prazer, mas Alex não me beijava. Ele respirava bem pertinho, eu sentia o seu hálito quente e cheio de promessas, enquanto ele roçava minimamente os lábios contornando os meus. Céus, eu tinha uma urgência que não se conformava com aquela brincadeira, e ao mesmo tempo, dentro de mim, a expectativa era o que alimentava o fogo que queimava as minhas veias e lambia minha pele em uma dança luxuriosa.

Eu estava ávida de desejo.

Sentada em seu colo, era certa a percepção do seu membro rígido entre as minhas pernas, provocando-me sem grandes atitudes de fato que pudessem me enlouquecer, era apenas a promessa do que seria e as lembranças.

Com uma mão pressionando a base da minha coluna, na junção com os quadris, e a outra na minha nuca, eu ficava presa, sem capacidade para me movimentar, roçar nem que fosse minimamente o meu corpo ao dele, e assim Alex me torturava, tornando um segundo a mesma extensão que uma hora, enquanto minhas células guerrilhavam, chocando-se umas contra as outras, meu sangue borbulhava, minha mente entrava em colapso, minha boca secava... Eu só tinha um único pensamento: me beije, me beije!

Seus grandes olhos azul turquesa, donos de um brilho inigualável e possuidor de uma força magnética capaz de atrair e dominar até os mais fortes dos seres, analisou com aprovação todo o meu rosto, para que, por fim, seus lábios finalmente colassem aos meus.

Porra! Eu estava tão ansiosa para beijá-lo que, no instante em que sua boca encostou na minha e sua língua tocou meus lábios, pensei que seria atingida por um orgasmo, tamanho o prazer que senti com o contato. Foi delicioso!

E não foi apenas o beijo. Como se tudo em mim estivesse apenas aguardando pelo comando inicial, uma sucessão de fatores atingiu meu corpo me fazendo estremecer. No mesmo instante em que Alex me tomou com seus lábios, suas mãos iniciaram os movimentos certos para me enlouquecer, puxando-me para perto, apertando e explorando o que encontravam.

E foi apenas isso? Claro que não! Alex nunca seria tão simplório. Seu quadril iniciou uma dança sensual em conjunto com as mãos, roçando-se em mim e me deixando roçar nele todas as vezes que suas mãos me puxavam. Senti seus dedos se fechando em meus cabelos, tornando tudo mais urgente.

Eu não sabia o que queria primeiro, se era acompanhar a sua língua, dando-lhe conforme me era solicitado, ou me apertar em seu corpo até que meu desejo encontrasse o alívio que tanto implorava, ou até mesmo se arrancava as nossas roupas e o forçava a me tomar sem nenhuma prévia. Eu queria tanto e tudo ao mesmo tempo que não conseguia fazer nada direito.

Ao perceber que ele começava a abandonar minhas costas para iniciar sua exploração pelas minhas

pernas eu lembrei do que havia me feito temer aquele encontro: a maldita calcinha bege e imensa que eu tinha feito a loucura de usar.

Merda! Estava tão gostoso, tão perfeito! Doía só de pensar que teria que parar e encontrar logo uma solução para aquela peça. Logo mesmo, ou eu teria que simplesmente aceitar que Alex me veria, no dia em que finalmente aceitei casar o mais breve possível, e que era para ser o mais especial, sensual e romântico, usando a calcinha da minha avó.

– Espera – segurei suas mãos, ambas, que teimavam em tentar subir o meu vestido. Alex forçou avançando em minha boca para tentar me persuadir. – Alex, espere!

– O que foi?

Porra, eu amava aquela voz rouca, cheia de necessidade, tão instinto que contorcia o meu ventre!

– Eu tenho que...

“Pensa, Charlotte! Pensa!”. Minha mente gritava enquanto meus olhos corriam o quarto procurando uma solução. Puta merda! Não dava para esperar tanto.

– O que foi, amor? – ele desceu os lábios para o meu pescoço me fazendo perder o foco.

Ai, Deus! Eu amava aquela boca em mim.

– Eu... – fiquei confusa. Meu sexo latejava, castigado por dias de espera e de saudade. – Eu...

– Eu o quê? – brincou se divertindo com a minha confusão. – Venha, vou ajustar a sua cabeça – sua língua entrou em minha boca fazendo-me sucumbir ao desejo.

O que eu queria mesmo? Por que sentir a mão de Alex acariciando minha bunda por cima do tecido do vestido estava me deixando apreensiva? Merda! Não!

– Alex! – quase gritei me afastando o quanto pude. – Calma!

Respirar era quase impossível quando eu sentia meu corpo inteiro protestar por mais um pouco. Mas eu precisava. Nem havíamos casado e eu já começava a estragar tudo usando peças íntimas nada sensuais. Porra, isso é importante, não é? Não dava para encarar um relacionamento tão recente como o nosso, com uma calcinha como aquela. Para falar bem a verdade, eu não sabia se, mesmo depois de anos de casado, eu acharia normal estar tão pouco apresentável.

– Charlotte, você vai me enlouquecer com tantos “para”, “calma”, “espere” – ele se afastou

contrariado retirando a gravata e abrindo alguns botões da camisa enquanto me observava.

Olhei para o peitoral bronzeado daquele homem que conseguia mexer comigo de todas as formas. Como eu amava tocá-lo, sentir seus músculos bem definidos, seus braços trabalhados, sua pele quente e deliciosa quando ficava sobre mim e...

– Charlotte? – pisquei confusa voltando ao meu dilema.

– É que eu...

– O quê? Você está tão vermelha que estou até com medo de saber o que está te incomodando tanto assim – e riu brincando com a alça do meu vestido. – É alguma coisa que quer que eu faça? – aproximou-se beijando meu ombro, a pele quente da sua mão tocando fogo na minha já fervente. – Ou algo que queira fazer?

– Ah, Alex! – gemi querendo que minha calcinha fosse abduzida e acabasse com aquele incômodo.

Sem conseguir me conter, deixei que minhas mãos desfizessem os outros botões da camisa dele e a puxei até que estivesse presa em seu punho. Alex se afastou levantando as mãos para que eu finalizasse o serviço. Assim que o vi sem a camisa, corri meus dedos pelo seu peitoral. A pele estava quente e o coração acelerado, tanto quanto o meu. E ele ficou arrepiado com o contato.

Porra, como resistir quando um homem como Alex estremece com o seu toque e se entrega ao ponto de deixar a pele ficar toda arrepiada? E eu só fiz deixar que meus dedos deslumbrados idolatrassem aquele corpo.

Ele chupou meu pescoço com mais força. Eu sabia que ficaria vermelho, que provavelmente deixaria uma marca que me faria ficar de cabelos soltos por mais de uma semana, porém não protestei, a pressão da sua boca vibrou em meu ponto mais sensível, deixando-me rapidamente lubrificada.

Depois ele roçou os dentes, descendo até o ombro e levando a alça para baixo, pronto para revelar meus seios. Seria um caminho sem volta. Não!

– Pare! – ele gemeu em protesto.

– É algum tipo de joguinho? – resmungou dando beijos leves em meu busto e cercando meu seio com a mão ainda por cima do vestido. Oh, Deus!

– Ah! – gemi e mordi os lábios para me impedir de me entregar. – Deus, Alex! Eu não posso...

– Não pode? – ele se afastou de mim para me olhar. – O que não pode?

– É que... – merda! – Eu estou com calor – ele estreitou os olhos se me encarou com divertimento.

– Vamos tirar sua roupa, amor.

– Não – impedi que Alex alcançasse a barra do meu vestido.

– Vou diminuir a temperatura, deixa só eu ver onde fica o comando e...

– Um banho – falei rápido demais.

Nossa, eu era um gênio!

– Eu preciso de um banho.

Alex deixou que aquele sorriso preguiçoso e indecente se puxasse em seus lábios. Eu tinha vontade de ter um orgasmo todas as vezes que ele sorria daquela maneira para mim. Seria fantástico! Ele sorria e eu gozava vendo o quanto ele ficava maravilhoso assim.

Foco, Charlotte!

– Um banho de banheira... – voltou a percorrer meu corpo com as mãos e a me beijar de leve. – De chuveiro, ou... – droga! Como ele conseguia tirar as minhas forças quando eu mais precisava delas? – Naquela piscina deliciosa lá fora?

Lá fora. Era tudo o de que eu precisava.

– Piscina – sussurrei presa aos encantos daquelas palavras que me prendiam a promessa de prazer que eu tanto sonhava.

– Então, vamos!

Rapidamente Alex me tirou do seu colo, colocando-me de pé, e, logo em seguida, já estava todo preso a mim, explorando-me e buscando-me de todas as formas que podia. Seus passos começaram a me conduzir para fora do quarto, mas eu ainda não havia conseguido me livrar daquela calcinha medonha.

– Não – desfiz o beijo e o afastei mantendo uma distância segura.

– O que foi, Charlotte?

Alex passou a mão pelo cabelo em uma atitude um pouco sem paciência. Pudera. Pela potência da sua ereção, eu podia entender o que tanto o angustiava. Seu peito subia e descia em uma respiração acelerada. E então ele tirou os sapatos e desafivelou o cinto. Meus olhos acompanharam quando ele

desfez o botão da calça, revelando pelos baixinhos e escuros que eu sabia muito bem aonde poderiam me levar.

E como eu queria chegar lá!

– Qual é o problema, amor? – ele voltou a sorrir ao entender a minha cobiça.

– É que... – desviei os olhos daquele maldito botão que estava quase me fazendo cair de joelhos. –

Eu preciso... – mordi os lábios. O que eu poderia dizer? Preciso tirar a calcinha antes porque ela é absurdamente mata tesão? Não. Eu não poderia dizer aquilo.

– Ah, tá! – ele me encarou com divertimento. – Você precisa de um pouco de privacidade?

Alex estava com uma expressão divertida e ao mesmo tempo sem graça. Como se ele estivesse invadindo um espaço que deveria ser só meu. Mesmo agradecendo por conseguir finalmente a desculpa perfeita para me livrar a peça, eu não conseguia me sentir confortável.

– Hum... sim!

– Tá! Tudo bem. Eu te espero na... – seu rosto ficou levemente vermelho, um tom quase imperceptível – ... piscina.

– Ok!

– Ah, é... o banheiro é ali.

Oh, droga!

Alex estava pensando que eu estava com dor de barriga? O que poderia ser pior, ser vista com uma calcinha que o faria broxar ou deixar que ele acreditasse que eu precisava fazer... hum... o número dois?

Isso sim era broxante! Porra! Quando você possui intimidade com o seu companheiro para situações como esta, eu acredito que seja desagradável estar em um motel e precisar usar o banheiro para essa finalidade, imagine quando você não possui a intimidade correta e ainda por cima acabou de aceitar casar-se em quinze dias. Meu rosto esquentou, e depois pegou fogo.

Merda, merda, merda!

– Eu preciso fazer xixi – falei bem rápido e isso deixou Alex ainda mais constrangido. – Apenas isso. Eu vou... Em dois minutos. Menos do que isso. Quem leva dois minutos para fazer xixi? – e ri nervosa deixando a situação ainda mais embaraçosa.

– Tudo bem – ele riu sem graça. – Espero você em dois minutos. Menos do que dois minutos – corrigiu-se rapidamente e saiu fechando a porta.

Puta merda!

ALEX

Certo.

Andei até a piscina, mas quando cheguei lá não sabia o que deveria fazer. Era irritante ser um cara experiente, ser o maduro da relação e me sentir tão perdido e confuso quanto como eu estava naquele momento. Isso tudo porque Charlotte me deixava louco. Em qualquer situação, ele sempre conseguia me deixar louco.

Eu não queria insinuar nada, não queria dizer que ela estava com dor de barriga, apenas quis deixá-la confortável para o que estivesse precisando fazer. Até porque aquele esquentar e esfriar que ela estava me conduzindo era de deixar qualquer um alucinado. E se eu não podia tirar a sua roupa ou fazer amor com ela como a própria Charlotte tinha me pedido, então havia um motivo real.

E este podia ser ou não uma dor de barriga.

Caralho! Eu estava com vontade de rir da cara de Charlotte quando entendeu o meu embaraço. Ela ficou tão vermelha que seu rosto parecia um tomate. Ri baixinho sentando em uma das espreguiçadeiras, mas levantei rapidamente. Eu precisava fazer alguma coisa que não fosse esperar por ela, ou então a situação ficaria cada vez mais embaraçosa.

Retirei as meias e levei alguns segundos me perguntando se deveria ou não tirar a calça também. Não sei se Charlotte encararia numa boa eu já estar completamente à vontade, ou talvez estar completamente à vontade e deixasse da mesma forma.

Que merda! Eu parecia um adolescente que nunca tinha estado em um motel antes. Ali dentro só existia uma finalidade e esta foi a mesma que nos moveu para lá, independente se desta vez eu amava ou não a garota. O objetivo era único.

Tirei a calça, deixando-a sobre a espreguiçadeira, mas conservei a cueca. Respirei fundo sentindo raiva daquele nervosismo todo. Droga, era Charlotte! A mulher que eu amava e com quem eu queria passar o resto da minha vida, e que estava me deixando com um puta tesão, então por que não conseguia relaxar?

Caminhei até o bar e me servi de uma dose dupla de uísque, a qual entornei de uma vez só. Depois de algumas horas de atividade física, o álcool deixaria de fazer efeito e eu poderia dirigir sem me sentir culpado por isso. Ri sozinho. Até pouco tempo atrás esta era a menor das minhas preocupações.

Servi outra dose, decidido a voltar para a piscina, ligar a TV que ficava em frente, escolher um canal de música, porque eu nunca escolheria um canal de sacanagem para assistir com a minha noiva, e aguardar por ela para iniciarmos a nossa tarde.

Mas assim que cheguei, encontrei Charlotte dentro da piscina, a água cobrindo seus seios e os cabelos molhados. Ela estava apoiada em uma das bases e olhava fixamente para a TV, sem se dar conta de que eu tinha chegado. Seus olhos às vezes se estreitavam e ela entortava um pouco a cabeça, observando com atenção o que via, e parecia intrigada.

Aproximei-me devagar para saber o que tanto roubava a sua atenção e... puta que pariu! Charlotte estava assistindo um daqueles filmes que eu nunca me imaginei assistir com ela. Não sei explicar a razão, mas eu fiquei sem graça, como se fosse eu o inexperiente ali.

Bebi um longo gole do uísque, ainda sem tirar os olhos da TV. Uma mulher loira, dona de um corpo incrível, com algumas tatuagens, estava de quatro, gemendo de maneira muito artificial, mas que mesmo assim mexia com a imaginação dos homens, enquanto um homem grande a comia por trás sem nenhum cuidado.

Não havia nenhum tipo de envolvimento nesses filmes, apenas duas pessoas cumprindo com uma finalidade, que normalmente era fazer o homem gozar. No geral, eram filmes que davam tesão, uma vez que relações nada pessoais com o único objetivo de conseguir o prazer desejado foi a minha realidade por muito tempo. No entanto, filmes pornô não conseguiram representar a realidade, pelo menos nunca a minha.

Eu nunca havia conhecido uma mulher que chegasse sem calcinha em minha sala e sem mais nem menos se abria para mim com toda a facilidade do mundo. Conheci sim, garotas que foram fáceis, que não me custaram nada além de um ou dois drinks e alguns amassos no carro, mas nada se comparava a aquilo. A mulher se deixava usar com o único intuito de satisfazer.

– Você gosta?

A voz de Charlotte me tirou do meu devaneio e então me dei conta de que estava encarando a tela com muita atenção, enquanto o homem continuava fazendo o que bem queria da garota. Fiquei outra vez sem graça, até porque eu estava com tesão. Não apenas pelas imagens, mas pelo fato de Charlotte estar nua, em uma piscina, aguardando por mim e pronta para ser minha. O filme era só um aperitivo, mesmo assim, não estava em meus planos.

Não soube o que responder. Sim, eu gostava de filmes pornográficos. Homens eram atiçados mais pelo visual do que pelos outros sentidos, não precisávamos de estímulos constantes para alcançar um orgasmo, já as mulheres... Lógico que um ato de sexo explícito me fazia sentir tesão. O que me afligia era confessar a Charlotte que eu sentia tesão vendo uma mulher ser fodida incontáveis vezes sem que isso a deixasse desconfortável ou segura.

Desviei meus olhos da TV e caminhei até a espreguiçadeira, ciente de que ela me observava com atenção. Bebi o resto do uísque de uma só vez, sentindo-o queimar minha garganta e depois deixei o copo sobre a mesinha pequena ao lado. Tirei a cueca, mesmo com uma puta ereção, estimulada também pelas imagens que tinha acabado de ver, e, sem parecer incomodado por isso, mesmo estando, descii os degraus da piscina para encontrá-la.

Charlotte me olhou, depois desceu seus lindos olhos até encontrar o meu pau. Vi quando ela corou e engoliu com certa dificuldade para logo em seguida voltar a olhar a TV. O que tanto a deixava curiosa naquela porcaria de filme? Percebi que aquilo estava me deixando mais inquieto do que deveria. Eu nunca me preocupei com o interesse ou falta de interesse das garotas por aqueles filmes, contudo saber que Charlotte preferiu olhar para a tela, enquanto o cara exibia seu pau, roçando-o na bunda da mulher antes de voltar a comê-la, deixava-me frustrado.

Será que todas as mulheres com quem eu já tinha ido para a cama se sentiam assim quando eu me interessava por estes filmes?

Merda! Eu não disse que Charlotte me enlouquecia, independentemente da situação?

Fui até ela abraçando-a pelas costas. Confesso que roçar meu pau em sua bunda, deixando-a sentir toda a minha ereção, foi uma forma de roubá-la só para mim, e também de ter logo buscado seus seios, fechando-os em minhas mãos, foi uma tentativa de colaborar com o meu plano.

Charlotte gemeu, jogou a cabeça um pouco para o lado, fechou os olhos aproveitando a sensação, mas logo em seguida os abriu, voltando a prestar atenção no filme. Droga!

– Vai ficar assistindo? – sussurrei em seu ouvido, deixando meus lábios roçarem em sua orelha. Eu sabia o quanto ela gostava daquilo.

– Você não gosta?

– Gosto mais de você – porque eu não poderia mentir afirmando não gostar. Ela riu.

– Tenho certeza disso.

– Mas você parece gostar mais do filme – arrisquei brincando com a sua atenção exagerada, porém Charlotte não se abalou e continuou encarando a TV.

– Esses filmes são curiosos – e se calou encostando o queixo nos braços para se acomodar melhor para assistir ao espetáculo.

Enquanto isso os gemidos da mulher ecoavam pelo cômodo, fazendo a minha imaginação brincar comigo. Deixei seus seios e desci minhas mãos pela sua cintura, acariciando sua pele arrepiada por dentro d'água. Toquei seu quadril, contornei sua bunda e deixei, propositalmente, que minha ereção se encaixasse entre as suas pernas. O movimento causava uma fricção gostosa.

– Você gosta? – repeti a sua pergunta para desviar um pouco a sua atenção. Charlotte ficou em silêncio por um tempo. Parecia debater sobre o que poderia responder.

– Eles são todos iguais – ela disse por fim.

A voz baixa e rouca revelava a sua excitação e eu não sabia se isso me deixava bem ou não. Mesmo assim ela empenhou a bunda e contribuiu com a minha brincadeira, deixando-me preso entre as suas pernas, roçando em sua entrada sem conseguir alcançá-la.

Porra, eu lembrava da minha adolescência, quando as garotas ainda virgens não permitiam nada além de uma boa gozada entre as suas coxas. Charlotte lembrava aquelas garotas. Ela ainda parecia uma menina, o corpo frágil, apesar das curvas aparentes, os seios pequenos e duros, atitudes inocentes e excitada o suficiente para se deixar levar pelo carinha mais esperto e cheio de malícia. Ainda bem que aquele cara era eu, do contrário...

Era melhor não pensar mais sobre isso.

– Mas este...

Roubou a minha atenção com esta última frase. O que havia de especial naquele filme além de um homem exibindo um pau que nem era esse espetáculo todo. Eu era muito mais eu. Parei de roçar nela e esperei pelo que viria.

– Assisti alguns filmes para me ajudar com o livro. Você sabe, eu não tinha nenhuma experiência concreta para escrever sobre sexo e precisava entender. Poucas vezes um filme deste tipo me ajudou com o que eu precisava.

– Porque eles são apenas sexo e geralmente para a satisfação dos homens. Os seus livros pedem muito mais do que isso – e eu estava mesmo incomodado com aquela conversa.

Charlotte, percebendo que eu havia parado, levantou o corpo da borda e colocou as costas em meu peito. Suas pernas se fecharam ainda mais, prendendo-me de uma maneira deliciosa. Involuntariamente minha mão correu pelo seu ventre, forçando-a para trás e meus quadris reiniciaram o movimento.

Subi uma mão até seu seio, brincando com o bico rígido e o apertei com vontade. Ela gemeu se entregando, ao mesmo tempo em que desci a outra até seu sexo e sem delicadeza apertei seu clitóris exigindo que ela fosse toda minha e apenas minha. Mais uma vez seu gemido, genuíno, superou o da mulher do filme.

– A vida real é muito mais gostosa – falei enquanto lambia seu pescoço.

– Eu gosto do filme – ela soltou sem perceber que aquilo me tiraria do eixo. Eu estava pronto para protestar, para me rebelar e desligar a TV quando ela disse: – Gosto de observar e saber que somos bem melhores. Aquele homem... – gemeu um pouco mais sentindo meu dedo procurar a sua entrada – ... aquele homem jamais conseguiria ser como você.

– E mesmo assim você está excitada vendo eles dois – e eu não sabia se começava a me sentir assim também pela revelação dela, ou se sentia raiva por não conseguir fazer Charlotte esquecer aquele filme de uma vez.

– Estou – revelou mordendo os lábios.

– Ah, Charlotte! – rosnei mordendo seu ombro. – Por quê?

– Porque fiquei aqui assistindo enquanto você não chegava e me vi querendo ser fodida enquanto

observo eles dois.

Porra!

Um milésimo de segundo se passou antes que eu reagisse, contudo foi o suficiente para que eu sentisse toda a resposta do meu corpo. O que significava aquilo? Charlotte gostava de observar casais transando? Na vida real ou apenas em filmes? E eu? Eu gostava da ideia? Puta que pariu! Eu gostava sim! Desde que não estivesse expondo a minha mulher, desde que não fossemos nós a sermos os observados, eu gostava da ideia, apenas nunca tinha me imaginado em uma situação como aquela com a minha noiva.

Caralho! Charlotte era a mulher com quem eu me casaria e ela era pura, inocente, desprovida de experiências mais fortes e significativas, mas, mesmo assim, ela foi capaz de me pedir para gozar em sua boca quando ainda nem tínhamos transado, foi decidida o suficiente para me dizer que queria me tocar e me ver gozando, e me pediu inúmeras vezes para comê-la.

Sim, Charlotte era aquela mulher, mesmo sendo uma casca de menina inocente, de garota nova demais. Se ela não hesitou quando a pedi para se masturbar para mim, e nós nem tínhamos intimidade para isso, por que ela esconderia aquela vontade? E não era o que eu queria fazer por ela? Satisfazer todas as suas vontades?

Era só um filme e nós dois e... porra! Eu estava fodido de tesão por aquela pirralha cheia de vontades e coragem. Charlotte era incrível.

Sem esperar por mais nada, e mesmo sabendo que sexo na água dificultava a lubrificação das mulheres, abri as pernas de Charlotte e me enterrei nela com vontade.

E por alguns segundos eu não conseguia pensar em mais nada. Fechei os olhos segurando minha noiva com força e fiquei parado apenas sentindo o prazer em estar dentro dela mais uma vez. O calor da sua carne, o pulsar involuntário, o aperto já esperado, tudo isso ecoado pelo seu gemido de prazer e o acelerar da sua respiração me fez esquecer o restante do mundo.

Charlotte esperou por mim. Ela se apoiava na borda da piscina, mantendo o corpo firme. Abri os olhos encontrando seu ombro com algumas pintinhas que me faziam ter vontade de beijá-las. E então voltei a ouvir os gemidos da atriz e o som oco da batida das enterradas do cara. Olhei para a tela e vi a mulher com as mãos espalmadas na parede, ainda de quatro, a bunda completamente empinada e uma das

pernas segurada pelo homem que se enterrava nela com força.

Percebi que Charlotte prestava atenção no filme e aguardava por qualquer atitude minha. E aquilo me deixou louco.

Testei nossos corpos e a sua elasticidade estando dentro de uma piscina. Entrei e sai com cuidado, sentindo seu corpo me puxar de volta para o conforto do seu sexo. As paredes apertadas ofereciam resistência, o que só aumentava o meu prazer. Entrei todo de uma vez e ela gemeu tão gostoso que precisei morder os lábios para não perder o foco.

– Ah, Alex!

Porra! Charlotte gemendo era mesmo algo que me fazia perder o juízo, mas Charlotte falando o meu nome enquanto sentia prazer era o acionar de todas as minhas válvulas. Eu estava tão excitado que não conseguiria esperar tanto.

Nos meus planos, eu faria amor com ela, como havia me pedido. Teria calma e aproveitaria cada segundo, mas pelo visto nada sai como planejado com aquela garota. Eu estava naquela piscina, observando um casal foder com vontade, sabendo que aquilo a excitava e ficando cada vez mais excitado com tudo o que estava acontecendo.

Eu poderia fazer amor com ela depois daquilo, afinal de contas, tínhamos a tarde toda.

Então dei um passo mínimo para trás e dois para o lado, puxando Charlotte para que ela ficasse inclinada o suficiente para me receber e fora da água o suficiente para que eu pudesse ver toda a nossa ação. A tela da TV continuava à nossa frente, ela era imensa, e isso facilitaria a imaginação da minha noiva e conduziria a minha.

Passei a mão em seus cabelos, ajustando-os para trás e juntando-os em uma única mão, onde segurei forte, prendendo-a igual a como estava a cena do filme. Ela gemeu, claro! Era o que Charlotte queria. Testei mais uma vez nossos corpos, entrando e saindo devagar, sem forçar muito a barra, mas segurando-a pelos cabelos com uma mão, o que a mantinha inclinada para mim, e em seu quadril com a outra, para facilitar os meus movimentos.

E estava muito, muito gostoso!

Charlotte não tirava os olhos da tela, ela via e sentia e eu, por incrível que pareça, comecei a

gostar muito da situação. Era estimulante, olhar a minha noiva na posição em que estava, vendo meu pau entrar e sair dela enquanto lutava contra suas paredes apertadas, e, ao mesmo tempo, poder assistir ao filme que nada era além de ilustrativo. Um homem fodendo uma mulher sem nenhum constrangimento, explícito e carnal.

E eu podia ver tudo. Podia ver a bunda deliciosa de Charlotte, a água ultrapassando suas coxas, meu pau entrando e saindo conforme fosse a minha vontade, suas costas com gotículas escorrendo e a cabeça inclinada para trás, enquanto isso, outra bunda, só que bronzeada, com uma marca indecente de biquíni fio-dental, completamente depilada, e este era um ponto que eu realmente gostava, toda aberta sendo penetrada por trás, era exibida na tela da TV.

Tenho que admitir que foi excitante. Duplamente excitante.

Sem conseguir desgrudar os olhos das imagens à minha frente, soltei os cabelos de Charlotte e meus dedos se espalharam em seu pescoço, como uma coleira, segurando-a com firmeza a fiz se encaixar em mim com mais vontade e aumentei o ritmo das minhas estocadas. Ela gemeu com força, seus dedos se firmando sobre a borda, os braços absorvendo o impacto.

Os gemidos de Charlotte se misturavam aos da atriz, ao passo que os meus foram impossíveis de serem sufocados. Como eu sentia falta de estar dentro dela, de me sentir livre para brincar com aquele corpo que eu tanto amava, para tocá-la sem medo, com gosto.

Movido pela urgência dos nossos corpos, passei um braço por baixo da perna de Charlotte, levantando-a, como acontecia no filme, e esta posição quase me fez gozar de imediato. Eu consegui ir tão fundo e foi tão apertado que grunhi palavras desconexas, porque eu queria dizer muito e pouco conseguia sair pelos meus lábios naquele momento.

Ela deu um gritinho de satisfação que me fez estreitar meus dedos em seu pescoço e me curvar sobre seu corpo, tornando as estocadas menos longas, porém infinitamente mais gostosa.

Charlotte estava com os olhos semicerrados, dividida entre acompanhar o vídeo ou se entregar ao prazer que eu lhe proporcionava. E eu simplesmente me perdia naquele corpo maravilhoso, quente, pronto para mim, pulsando a cada entrada e me prendendo a cada saída.

– Alex! – ela gemeu forte me causando comichão. Eu me enterrei fundo em Charlotte fazendo-a

gritar e parei dentro dela, aproveitando o pulsar forte da sua vagina.

– É assim que você quer?

– Oh, Deus! – ela levantou a cabeça e olhou para a tela. A mesma posição, o mesmo embalo. – Sim, é assim que eu quero – sussurrou com a voz fraca e carregada de tesão.

– Comigo ou com ele – provoqueei saindo e entrando com mais força ainda.

– Porra! – ela gritou enquanto eu a levantava pelo rosto para trazê-la para mim.

– Esse tesão todo é por mim? – estendi sua perna até que o joelho estivesse sobre a borda, libertando o meu braço. Rapidamente minha mão foi para o seu sexo, todos os dedos roçando seu clitóris.

– Ah! – grunhiu com força deixando-me ansioso. – Por você. Sempre por você. Só você.

Caralho! Eu adorei ouvir aquilo.

– E você? – ela disse determinada. – É por mim ou por ela?

Beijei seu ombro e apertei seu sexo sentindo sua perna tremer quando reiniciei as estocadas, cada vez mais forte.

– Não existe boceta como a sua, Charlotte!

Nunca me imaginei sendo tão pouco romântico ou ousado com a mulher que eu amava, mas aquela ocasião pedia. João tinha razão, eu era um falso puritano de merda, eu me reprimia para não a assustar, ou, sendo mais idiota ainda, tinha medo de apresentá-la à vulgaridade, ao lado mais pesado do sexo, aos instintos mais animais. Simplesmente porque a amava e queria dar a Charlotte o que ela escrevia em seus contos de fadas. Eu queria ser o seu príncipe em um cavalo branco.

– Porra! – gemi me perdendo nela. – Vem cá, menina.

Saí de dentro da minha noiva virando-a com determinação para mim. Charlotte me encarou assustada, sem entender o que havia me feito parar e mudar o roteiro. Simples: não podia haver um roteiro para nós dois.

– Eu amo você!

Falei com fúria, com a certeza de que aquele filme era nosso e não de dois atores que nada sentiam um pelo outro. Nem tesão. Encostei Charlotte no azulejo molhado, imprensando-me nela com vontade e explorando o seu corpo com uma necessidade absurda, incapaz de ser controlada ou saciada.

O bico do seu seio provocava a palma da minha mão enquanto eu a apalpava e analisava as suas reações. Charlotte estava rendida.

– Olhe para mim –enterrei-me nela quando seus olhos encontraram os meus. Ela gemeu baixinho, fechando outra vez os olhos em prazer. – Abra os olhos, Charlotte – fui atendido prontamente. – Não há outra mulher que eu queira nesta vida – a necessidade só crescia e eu me afundava naquele corpo como se ele fosse a minha religião. – Não há outro corpo em que eu queria me enterrar, então não importa qual merda de filme eu esteja vendo, é sempre você quem eu vou querer comer, entendeu?

Charlotte acenou rapidamente com a cabeça.

– Então me tome para você – puxando o ar com força ela me enlaçou pelo pescoço e cruzou as pernas em minha cintura, abrindo-se para mim em uma oferta irrecusável. Minhas mãos correram soltas pelo seu corpo, eu me enfiava nela com tanta vontade que estava prestes a explodir.

Segurei seu seio e o beijei, chupando a pele saborosa e curtindo cada gemido que ela emitia. Seu sexo pulsou com mais força quando mordisquei o mamilo rosado. Ela se movimentava ao meu encontro, chocando nossos sexos. Porra, não existia filme mais sexy do que aquele que fazíamos.

O movimento da água revelava o acelerar dos nossos corpos, eu estava pronto para gozar. Fechei minha mão no cabelo de Charlotte, puxando-o para trás para que ela me encarasse.

– Eu vou gozar – revelei já no limite. – E quero que você goze assim, me olhando, me entregando o seu prazer – acelerei sem acreditar que seria possível. – Por mim, Charlotte, e para mim.

Ela gritou naquele instante, e como uma aluna fiel, não fechou os olhos nem por um segundo, gozando abertamente. Seu sexo pulsou e se contraiu, e foi forte, pois eu vi estrelas nos olhos da minha noiva, ou elas estavam nos meus? Não sei. Mas posso dizer que gozei de uma maneira esplendorosa, como há muitos dias eu precisava fazer.

Charlotte me abraçou, sem descruzar as pernas dos meus quadris e buscou pelos meus lábios em um beijo cheio de entrega e amor. Eu correspondi, porque não havia maneira melhor de expressar o quanto eu havia gostado e estava grato pela sua entrega.

CAPÍTULO 26

“Oh amor poderoso! Que às vezes faz de uma besta um homem, e outras, de um homem uma besta.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Estávamos nus, deitados na espreguiçadeira, abraçados e namorando sem nada dizer, apenas deixando que os lábios aproveitassem o momento e nossas mãos fizessem o reconhecimento dos corpos.

Charlotte deitou a cabeça em meu corpo e, em silêncio, brincou com meus pelos com as pontas dos dedos. Acariciei seus cabelos molhados, ainda absorto em pensamentos que me intrigavam e, ao mesmo tempo, deixavam-me bem. Foi uma novidade tudo o que vivi com Charlotte, mas foi uma deliciosa novidade, que deixava a porta aberta para muito mais.

No entanto, era importante pegar leve, até porque nem eu mesmo sabia até onde queria chegar com ela, o que me excitaria estando com Charlotte e o que deixaria de ser bom por estar justamente com ela. Era melhor esperar, tínhamos tempo para alcançar todos os passos.

– Nosso almoço deve chegar a qualquer momento – falei me dando conta de que eu estava faminto. Charlotte levantou o rosto para mim, mas nada disse – Com fome? – ela negou com a cabeça, sem sorrir ou me olhar com aquela habitual devoção. – O que foi?

– Nada – respondeu baixinho e deixou o olhar cair.

– Está aborrecida? Eu fiz alguma coisa? – Charlotte voltou a me olhar e sorriu.

– Não. Eu só estava aqui intrigada com uma coisa – acariciei seu rosto com a ponta dos dedos e enrolei uma mecha do seu cabelo no indicador.

– Ultimamente você anda sempre intrigada com alguma coisa.

– É? – concordei com um aceno de cabeça. – Eu não havia percebido.

– Eu posso dizer que só nas duas últimas horas isso aconteceu três vezes.

– Sério?

– Sério. O que está te intrigando agora? – seu rosto começou a ganhar um tom rosado adorável. Sorri satisfeito.

– Eu estava pensando se eles esvaziam, limpam e tornam a encher a piscina sempre que o cliente sai e um novo entra – fiz uma careta. Eu sabia muito bem aonde ela queria chegar. – Mas pensando bem

no assunto, é impraticável, não? – mordi o lábio evitando o riso e o nojo por chegarmos àquele ponto, mas voltei a concordar com a cabeça. – Então, se outros casais transaram sem camisinha, como nós dois...

– Exatamente por isso que eu relutei tanto em te trazer para um lugar como este, amor – foi a vez dela de fazer uma careta e eu ri.

– Mas eles limpam os móveis? Quer dizer...

– Eu acredito que sim – ri da careta que ela fazia. – Por um preço como o que estou pagando, seria mais do que justo – Charlotte levantou o corpo olhando tudo com mais atenção. – Não pensar sobre isso ajuda.

– Eu acho que não. Eles trocam os lençóis?

– Claro que sim – não conseguia parar de rir.

– Graças a Deus! Pelo menos isso.

– Banheiras e piscinas de motel não são muito recomendáveis – revelei.

– Então por que... – ela parou no meio, detendo-se e estreitando os olhos sem terminar a frase.

– Vamos falar sobre os seus dois outros momentos – mudei rapidamente de assunto.

– Que momentos? – sentada ao meu lado, com o corpo virado em minha direção e os seios à mostra, Charlotte era o desenho perfeito da luxúria. Ainda mais me olhando de maneira tão desafiadora.

– Hum! O filme – mais uma vez ela corou me deleitando.

– Qual o problema com o filme? Mulheres não podem gostar?

– Podem sim, mas você... – levantei o corpo ficando apoiado em uma das mãos. – Você parecia estar mais do que gostando.

– Alex, às vezes você não tem vontade de deixar ser apenas só sexo? Não te excita a ideia de algo casual, apenas pelo prazer, mesmo que seja uma fantasia com a mulher com quem você vai casar?

Sentei me acomodando melhor para aquela conversa. A forma como Charlotte colocou o assunto me deixou intrigado e constrangido por ser exatamente o que eu fazia antes dela.

– Você tem esta vontade? – acariciei seu cabelo para que ela não pensasse que eu a estava intimidando. – Sexo casual, sem envolvimento...

– Bom, eu acho que é assim que tudo começa. Nós dois, por exemplo, eram apenas aulas, sem envolvimento, não?

– Muito diferente, Charlotte.

– Para você sempre é – rebateu sentando sobre os joelhos. – Mas foi exatamente o que fizemos.

– Ok, vamos pular esta parte. Eu já disse que te amava, só não sabia – ela riu baixinho. – Mas eu não penso em sexo casual desde que te conheci. Tudo se tornou diferente, então alguns costumes de antes ficaram estranhos agora.

– Como assistir filmes pornográficos.

– Ou ir a um motel – completei. – E é onde estamos – ela fez aquela cara de intrigada novamente, por isso resolvi me explicar de uma vez. – São conceitos ultrapassados e machistas, Charlotte. Eu já percebi isso e estou tentando me habituar, aceitando a mudança.

– Não foi bom lá na piscina? Nós... – desviou os olhos deixando o rosto voltar a ficar corado.

– Foi ótimo! Nunca imaginei que seria, apesar de preferir você prestando atenção em mim – ela mordeu o lábio inferior, colocando uma mecha atrás da orelha.

– Mas eu estava.

– Tudo bem. Próximo tópico. Você estava estranha lá no quarto, aliás, desde o carro, quando eu tentava te tocar e eu sei que não foi a sua extrema vontade de fazer xixi em menos de dois minutos.

Desta vez Charlotte corou pra valer. Ela respirou fundo, abaixou a cabeça e olhava para qualquer lado que não fosse para mim. Vi sua mão ir para o rosto, um gesto impensado, como se quisesse ajustar os óculos que não estavam lá. Uma demonstração típica de nervosismo.

– Não quer me dizer? Assim eu vou imaginar um monte de coisas.

– Certo. Eu vou dizer, mas você vai jurar que não vai rir de mim.

– Eu juro.

E esta era uma batalha perdida, pois eu já sabia que, com certeza, riria dela.

CHERLOTTE

Não seria muito legal depois de tudo o que fizemos eu deixar Alex imaginar que eu estava mesmo com dor de barriga, ou que eu estava suja ou qualquer outra coisa nojenta que um homem pode pensar de uma mulher que se recusa a deixá-lo tocá-la mesmo quando ela já está mortinha de desejo.

Então eu contaria sobre a calcinha da minha avó e enterraria aquele assunto com os outros três. Pronto. Problema resolvido.

– É... bom... eu...

Ele riu sem me deixar falar.

– Você prometeu.

– Mas você está engraçada gaguejando desta forma – e continuou rindo. Cruzei os braços e aguardei até que ele parasse, ou se esforçasse para falar. – Desculpe!

– Todos os dias eu me vestia e me preparava para um possível momento mais íntimo com você, mas nunca acontecia, pela sua insistência em manter as regras do meu pai – Alex fez uma cara engraçada, mas não riu. – Hoje, por ser um dia em que estaríamos na sua empresa, e por eu ter certeza de que meu pai me acompanharia até mesmo ao banheiro, não me preocupei em estar sexualmente apresentável para você e sim em estar vestida adequadamente para o momento.

– Ainda não consegui chegar no ponto do problema – revirei os olhos. Lógico que ele não entenderia, ele era homem!

– Eu estava com uma calcinha imensa, daquelas que usamos para não deixar marca no vestido – Alex me encarou, as sobrancelhas franzidas, sem entender o motivo da minha apreensão. – Bege – completei e ele entortou a boca. – Era imensa e bege, parecendo com as que minha avó usava, Alex! Você broxaria se me visse usando aquilo.

Meu noivo então explodiu em uma gargalhada que ecoou por todo imenso apartamento. Eu fiquei sem graça e depois com raiva. Droga! Nunca deveria ter revelado a existência daquela calcinha. Todas as vezes que Alex lembrasse da nossa primeira vez em um motel lembraria dela e isso seria um motivo

de constrangimento eterno.

Ele continuou rindo e eu me enfurecendo cada vez mais, até que não aguentei e acertei um tapa em seu braço, e depois outro e outro até que o senti se agarrar a mim, ainda rindo, sem me deixar continuar de extravasar toda a minha frustração.

– Calma, amor! – Ficou com a voz cansada de tanto rir. – Calma! Não me bata – foi se deixando acalmar, mas ainda havia divertimento em sua voz. – Foi engraçado, Charlotte, admita.

– Não. Foi aterrorizante – ele riu mais um pouco e eu tive vontade de acertá-lo com mais uns tapas.

– Amor, tem noção de como a situação ficou engraçada para mim? Você estava toda entregue em meus braços e em seguida se retraía, e depois voltava atrás só para depois ficar tensa outra vez, e tudo isso por causa de uma calcinha?

– De uma calçola. E pare de rir.

– Está bem! Por causa de uma calcinha grande, fica melhor assim? – não ficava, mas eu concordei apenas para não alimentar a ideia. – Eu dava tudo para ver esta calcinha, Charlotte!

– Não! – meus olhos quase saltaram da órbita e meu coração acelerou.

– Você não pode ficar sem calcinha o dia todo – provocou.

– Eu vou vesti-la assim que você pagar a conta e não tiver mais chance de tentar tirar a minha roupa.

– Isso está ficando instigante – provocou me puxando para si e me mordiscando no ombro.

– Para, Alex!

– Quero te ver com aquela calcinha. Só eu posso dizer se ela é ou não broxante.

– Jamais. Eu toco fogo na peça antes que seus olhos consigam repousar sobre ela.

– Vamos fazer um acordo então – colocou um dos braços atrás da cabeça, revelando músculos perfeitos e um corpo muito bem definido. – Eu faço alguma coisa que você queira muito e você veste a calcinha para mim.

– Você já fez o que eu queria muito. Sem barganhas – acariciei seu braço com a ponta dos dedos, admirando o meu noivo. – E eu já fiz concessões demais por hoje – ele piscou e ficou sério, me encarando.

– Tem razão – e se acomodou melhor na espreguiçadeira. – Por falar nisso... – Alex levantou, nu, o corpo bronzeado e completamente hipnótico, uma bunda linda...– Você cobiça demais, Charlotte. Isso é pecado – brincou sem se dar ao trabalho de me olhar, saindo da área da piscina, mas ainda gritou do lado de fora. – Talvez uma conversa com o padre Messias resolva o seu problema.

– Eu não tenho problemas – resmunguei baixinho, sentindo-me uma idiota por isso.

Pouco tempo depois voltou com o celular na mão e usava um roupão branco com o nome do motel bordado em bordô, logo acima do peito. Levava outro na mão livre, que logo deduzi ser para mim.

– Vista. Logo alguém aparece com o almoço. Vou ligar para Lana. Ela tem que começar a organizar este casamento.

– Um cerimonial não seria mais adequado?

– Seria, e vamos ter um, mas esta parte vai ficar com você, sua mãe, a minha e Lana, claro!

– E Miranda – ele revirou os olhos.

– Sim, e Miranda.

– Eu não entendo. O que você tem contra ela?

– Nada – ele me olhou decidido a encerrar o assunto e se sentou ao meu lado. – Só não acredito que Miranda se empolgue muito com a organização de um casamento. E Lana jamais vai admitir que outra pessoa organize o meu casamento. Tem que ser tudo com a supervisão dela – eu me remexi incomodada. Não gostava da forma como Alex falava da minha melhor amiga.

– Quinze dias é pouco tempo, até mesmo para alguém como Lana. Sem contar que agora ela está mais do que ocupada com a transição dentro da editora. Não me parece muito justo.

– Ela jamais me perdoaria se não fosse assim. E não te perdoaria também, acredite em mim.

Alex começou a buscar o número da irmã e eu me acomodei na espreguiçadeira pensando em como seria aquele casamento. Eu sabia que queria e que Alex era o homem da minha vida, e nem estava mais incomodada com a brevidade dos fatos, só não conseguia me imaginar entrando em uma igreja lotada, em um cortejo enorme, sendo observada e parabenizada por pessoas que eu não tinha nenhuma familiaridade e depois ainda aguentar uma superfesta, que com certeza Lana não deixaria passar, sendo agradável com um monte de bajuladores.

Definitivamente não era o que eu queria.

Enquanto Alex aguardava Lana atender a ligação, brincou com os meus cabelos e meu rosto, fazendo carícias que provocavam cócegas. Ri colocando minhas pernas por cima do seu colo e ele imediatamente iniciou uma massagem deliciosa em meus pés.

Ah, as vantagens de se ter um homem apaixonado e apaixonante!

– Lana? – Alex tirou rapidamente o celular da orelha, com cara de espanto fazendo uma careta.

Ainda consegui ouvir o grito da minha cunhada do outro lado da linha. – Ok. Ok. Dá para parar? – ele mantinha o aparelho afastado. Comecei a rir. – Certo... mesmo? Hummmmm! Ok! Pode ser. É? – Olhou para mim rapidamente e sorriu. – Seria ótimo! Claro, claro... – revirou os olhos. – Não, Lana! Eu disse que Charlotte precisa estar presente para aprovar qualquer detalhe... Sim, eu tenho certeza. Está aqui ansiosa para falar com você. Só um minuto.

Olhei para meu noivo sem acreditar que ele tinha feito aquilo. Quem disse que eu estava disposta a aguentar o entusiasmo da minha futura cunhada? Ele passou o telefone para mim fazendo cara de cansaço. Realmente, enfrentar a euforia de Lana era um trabalho árduo. Alex parecia satisfeito em poder me passar o aparelho e se livrar logo da irmã.

– Oi, Lana...

– Charlotteee! – gritou fazendo-me pular. O que era tudo aquilo? –

Não se preocupe, estou com tudo organizado. Não sei se consigo fazer tudo o que tenho pensado desde que vocês apareceram com a ideia do casamento, mas vai dar tudo certo e você vai amar...

– Mas...

– Já sei onde encomendar as flores. Eu sei que o cerimonial vai oferecer a floricultura deles, mas não podemos aceitar, eu sei onde encontrar as flores perfeitas para vocês... Já tenho uma ideia de onde poderemos fazer a cerimônia. Tem ideia de quantos convidados serão? Bom, acho que Mary e Peter vão precisar fazer uma lista... Pode deixar que eu resolvo esta parte. Agora o bolo. Precisamos decidir o bolo, sim, porque não é fácil encontrar um bolo bonito e gostoso, já que ele será servido, lógico que será, mas as encomendas nunca são aceitas em tão pouco tempo, então...

– Bolo?

– Não existe casamento sem bolo de casamento – riu sozinha. – Eu achei um perfeito, mas vai dar trabalho conseguir alguém, e...

– Lana...

– Estamos aguardando por Paulo, o advogado da família, ele vai providenciar toda a papelada. Não seria fácil, se não tivéssemos o seu sobrenome contando, e toda a influência do seu pai. O padre não é problema, Alex me disse que será o da sua família.

– Lana, eu...

– Seu vestido tem que ser lindo! Épico! Acho que vou começar a ligar para alguns estilistas e... claro que amanhã bem cedo as costureiras estarão em sua casa, afinal de contas cada segundo conta, mas ele será simplesmente maravilhoso. Lógico que não será nenhum...

– Mas, Lana...

– Miranda ficou de pesquisar o modelo ideal para cada madrinha. Tem ideia de quantas serão?

– Lana, por favor...

– Não se preocupe. O modelo não vai ofuscar o seu. Será o casamento do ano, mas você ainda será a noiva do século... Ai, meu Deus! Nem acredito que vamos fazer isso tudo em quinze dias...

– LANA! – tentei impedir minha cunhada de continuar.

– Oi! Caramba, precisa gritar assim? Era só falar. Vou te contar, você e Alex formam um casal perfeito...

– Preciso de sua ajuda, Lana. Dá para me ouvir?

– Claro! Do que você precisa?

Olhei para meu noivo meio apreensiva. Como dizer a Lana que eu precisava de um conjunto de lingerie supersexy para a minha noite de núpcias? Ele sorriu, acariciando meus cabelos. Virei um pouco o rosto para o lado, como se assim pudesse evitar que ele me ouvisse.

– Eu preciso que você me ajude com... Bem... – Alex me fitava atentamente. Droga! Será que eu não podia ter um pouco da minha intimidade preservada? – O casamento é em quinze dias e... você sabe... tem coisas que não posso contar com minha mãe... – ele riu entendendo a minha apreensão.

– Não precisa de nada cobrindo este lindo corpinho para o que eu pretendo fazer com você –

sussurrou em meu ouvido me fazendo corar completamente, além, é óbvio, de ficar excitada.

– Entendi – Lana riu do outro lado da linha, desviando minha atenção. – Pode deixar comigo vou providenciar tudo. Alex nunca mais vai esquecer esta data. Conheço a loja perfeita e você nem precisa ir lá. Podemos marcar um dia em minha casa e a *personal* vai comparecer para nos mostrar o que tem de melhor para a noite de núpcias – e riu de maneira infantil.

Não era para ser, porém o fato de termos aquela conversa tão íntima, mesmo sendo quase nada, deixou-me incrivelmente envergonhada.

– Ok, Lana! Obrigada! Falo com você depois – devolvi o celular a Alex que desligou imediatamente.

– Preocupada em agradar o marido?

– Sempre.

ALEX

Mais um espasmo e eu jorrei para dentro dela todo o meu prazer.

Charlotte estava linda, deitada naquela cama imensa, os cabelos espalhados pelo travesseiro com franhas brancas, o rosto naturalmente corado, cheios de pintinhas, os olhos fechados e a boca levemente aberta, enquanto gemidos dengosos escapavam de seus lábios.

E ela estava embaixo de mim, recebendo-me entre as suas pernas, os seios subiam e desciam conforme o nosso movimento, as mãos em minhas costas, puxando-me cada vez mais ao seu encontro, enquanto eu me afundava em sua carne, idolatrando seu calor.

Porra! Eu adorava transar com Charlotte, amava a sua ousadia, delirava com as loucuras que ela aceitava fazer, mas nada se igualava ao prazer que eu sentia quando fazíamos amor. Nada como ter a mulher que você ama em seus braços, entregue, sem grandes malabarismos, apenas se entregando, namorando, curtindo um ao outro.

Era maravilhoso!

Mas precisávamos ir embora. Eu estava esgotado e Charlotte também. Havíamos passado a tarde inteira naquele quarto de motel e a noite já cobria o céu do Rio de Janeiro. Segundo Lana, todos se reuniriam na casa da minha noiva naquela noite para discutir e festejar o noivado. Eu ainda não tinha tomado coragem para contar a ela o que a aguardava.

– Hum!

Ela se espreguiçou ainda embaixo de mim, estirando as pernas e os braços. Encarei seu colo cheio de pintinhas, soltei um pouco do meu peso sobre ela e acariciei uma vez mais as suas curvas, enquanto ainda podia sentir o calor da sua intimidade úmida em um último momento de prazer.

Depois puxei seu rosto para mim e beijei seus lábios, fechando aquele dia com chave de ouro. Fora uma grande e deliciosa ideia ceder à vontade dela de conhecer um motel. Nada como não ser atrapalhado e poder se aventurar em tudo o que quiser.

– Acho que esta é a hora de eu te ver com aquela calcinha – ela riu me deixando sair do meio das

suas pernas e rolar para o seu lado. – Hora de ir para casa, amor.

– Já? – ri acolhendo seu corpo quente em meus braços.

– Não podemos brincar com a paciência do Peter.

– Nós vamos nos casar em quinze dias, como ele queria, então mereço qualquer concessão.

– Você merece tudo – beijei seus lábios com carinho e acariciei seu rosto. – Mas Peter não vai aceitar, então...

– Merda! – ela se soltou dos meus braços, enrolando o lençol no corpo. – Sinto falta de passar uma noite inteira com você.

– Em quinze dias vamos passar todas as noites juntos.

Por um segundo eu pensei que Charlotte estivesse passando mal. Ela ficou pálida, seus olhos perderam o foco e não houve nenhuma expressão de humor ou de satisfação pelo que eu havia dito.

– É verdade – e desviou o olhar se preparando para levantar.

– Espere – segurei em seu braço, ainda sem saber como reagir àquilo tudo. – O que foi? – Charlotte não voltou a olhar para mim. – A ideia do casamento ainda te atormenta?

– Não a ideia de casar, mas do que será um casamento – seus olhos fixos demonstravam que ela ainda debatia internamente sobre o assunto. – Mas eu acho que toda noiva deve se sentir assim, não? – e como num passe de mágica tudo voltou ao normal. Ainda demorei um pouco para reagir à sua mudança súbita e ao sorriso encantador que ela me lançou. Por fim, sem querer me aprofundar no assunto, acariciei seu rosto e concordei.

– Deve ser assim mesmo.

– Bom... acho que vou procurar por aquela calcinha – inclinou-se rapidamente e acertou um beijo em minha boca antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Depois levantou indo em direção ao banheiro.

Levantei, fui buscar minhas roupas na área da piscina, vesti a cueca, a calça, as meias e peguei o celular. Muitas mensagens. Cinco apenas de Lana e duas de Patrício. Como bem conhecia a minha irmã, abri primeiro as do meu irmão.

“Mano, então é verdade mesmo? Quinze dias? Tem certeza disso?”

Revirei os olhos decidindo se deveria ou não ignorar a outra mensagem. Mas preferi saber logo de

uma vez o que ele queria.

“Porra, Alex! Você é um filho da puta corajoso! Dei valor. Queria eu ter metade desta determinação.”

Respirei fundo e escrevi:

“Eu amo a Charlotte! Infelizmente, ou felizmente, você ainda não se deu conta de que ama a Miranda também.”

E me perguntei mil vezes se deveria mesmo ter escrito aquilo. Eu queria que Miranda e Patrício ficassem juntos? Não, claro que não. Miranda era dor de cabeça na certa. Mas contava a minha vontade ou tudo o que eu sabia da garota? Bom, deveria contar, uma vez que Patrício é meu irmão, mas, porra, se eu não queria revelar o que sabia então não podia exigir nada dele. E talvez, por um milagre da vida, Miranda tenha criado juízo. Sem contar que ela gostava mesmo do meu irmão.

Tomei coragem para conferir as mensagens de Lana. Duas perguntando onde estavam os documentos que ela precisava para dar seguimento aos nossos assuntos profissionais, uma para dizer que já tinha encontrado e que eu era um filho da puta imprestável, ri sozinho, mais uma para confirmar o jantar na casa de Charlotte, o que ainda era um problema, e a última para dizer que todos já tinham chegado menos nós dois. Porra!

Voltei para o quarto e Charlotte ainda estava no banheiro. O barulho do chuveiro chegou a ser estimulante. Um banho seria ótimo, mas eu não podia entrar naquele banheiro com a minha noiva ou nos atrasaríamos ainda mais.

– Charlotte, precisamos ir – falei aproximado à porta e voltei para ligar avisando que poderiam fechar a conta.

A porta se abriu e ela apareceu só de toalha. O corpo e cabelo molhados deixando uma poça sob seus pés, mas Charlotte não se importou. Ela me olhou e sorriu mordendo o lábio inferior. Muito sabiamente, porque minha noiva sabia o que fazer para me seduzir, deixou o olhar cair para os seus pés.

– Não vai entrar? – pensei duas vezes, com o interfone ainda na mão.

– Pois não? – a voz da atendente chamou a minha atenção. Voltei a olhar para Charlotte e outra vez para o interfone, então decidi.

– Poderia fechar a conta em trinta minutos, por favor? – Charlotte sorriu e voltou para dentro do banheiro. – Obrigado! – e desliguei antes que pudesse ouvir a resposta deles.

CHARLOTTE

Só quando deixamos o motel que eu percebi o quanto estava tarde. Peguei meu celular esperando um mundo de ligações perdidas e mensagens, apenas para me dar conta de que estava sem bateria. Merda! Como explicar ao meu pai?

– Como está se sentindo? – Alex segurou minha mão e a levou aos lábios.

– Ótima! – não entendi muito bem o porquê da pergunta. Ele sorriu de maneira cafajeste e aquilo mexia realmente comigo.

– Não abusei de você?

A voz cheia de orgulho indicava o motivo daquela demonstração de ego. Revirei os olhos, mas sorri sentindo o leve ardor em meu sexo, indicando o quanto ele de fato havia abusado de mim.

Meu Deus! Desde que tínhamos iniciados as nossas aulas de sexo nunca havíamos ficado tanto tempo nos dedicando apenas a isso. Tivemos a nossa primeira noite e esta também foi, como podemos dizer... abusiva, porém nada como aquele dia, horas inteiras de prazer em que Alex tinha demonstrado o quanto era capaz de me fazer enlouquecer. E eu enlouqueci, inúmeras vezes.

– Se você chegar em casa com este sorrisinho no rosto todo mundo vai entender o que aconteceu – provocou.

– E eu estou pouco me importando. Tenho vinte e um anos, sou independente, logo em breve serei uma mulher casada, tenho direito de transar quando e quantas vezes quiser – ele me olhou rapidamente e sorriu. Lindo! – Além do mais, é melhor para os meus pais saberem que você me satisfaz sexualmente do que passarem anos imaginando se eu não sou feliz no casamento.

– Existe muito mais em um casamento pleno do que a satisfação sexual – repreendeu-me fazendo uma careta de desgosto. – E você faz parecer que tudo gira em torno do sexo.

– Alex, acabei de descobrir o quanto sexo é bom, então me deixe curtir enquanto ainda tenho energia para isso. Terei muito tempo para descobri todos os outros sabores de uma vida a dois – ele voltou a sorrir e mais uma vez segurou minha mão, acariciando meus dedos com o polegar.

– É justo – e seu sorriso ficou imenso. – Por falar em sabores de uma vida a dois... – soltou minha mão e segurou com força no volante. – Por favor não faça disso um problema.

– O que, os sabores de uma vida a dois?

– Não. O que uma futura vida em conjunto exige.

– Mal aceitei o casamento e já vou ter que conviver com regras – resmunguei para diverti-lo, mas

Alex ficou sério. – Manda.

– Nossas famílias estão reunidas em sua casa. Eles querem definir o casamento e organizar o quanto antes, então...

Alex me olhou e eu não consegui esconder minha boca aberta, os olhos imensos, assustados, a cor pálida... Droga!

– Você conhece meus pais, meus irmãos, por que isso é um problema? – engoli em seco tentando não ser mais infantil do que já tinha conseguido ser.

– Não é – respondi baixinho. – É só que...

– Charlotte!

– Pensei que conseguiria pelo menos esta noite para me adaptar a ideia. Também não pensei que enfrentaria todos de uma só vez e... meu Deus, Alex! – suspirei derrotada. – Não sei o que pensar. Não sei nem o que dizer.

– O que está te afligindo?

– A ideia... todos eles juntos, definindo tudo, falando e falando e...

– Calma!

Ele me calou segurando em minha mão e apertando-a. Olhei nossos dedos entrelaçados. Não. Eu não estava com medo do casamento, apenas da ideia de uma festa imensa, cheia de pompas e acontecimentos. Não. Eu não tinha dúvidas quanto a entregar a minha vida àquele homem.

– Tenha em mente que é o nosso casamento. Eles querem ajudar e vão, mas será como a gente quiser. Não tenha medo. Eu estarei lá e vou apoiar toda e qualquer decisão sua.

– Jura? – porra, eu amava aquele homem!

– Juro! – ele sorriu. – Tem que ser como você sonha. Eu quero que seja exatamente assim.

– Certo.

Ele não soltou mais a minha mão e eu não voltei a sentir medo.

CAPÍTULO 27

“Amor é um marco eterno, dominante, que encara a tempestade com bravura. É astro que norteia a vela errante, cujo valor se ignora lá na altura.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Antes de abrirmos a porta eu já podia ouvir a conversa do lado de dentro. Aquilo não era uma reunião para discutirmos os detalhes do casamento, era simplesmente um acontecimento. Ao fundo, pude ouvir o som de um dos clássicos do meu pai, Frank Sinatra, misturado a risadas e vozes animadas.

Céus!

Alex, ciente do meu desconforto, colocou as mãos em meus ombros, apertando-os levemente. Sorri tentando ser corajosa. Só que eu não era.

Ao colocar a chave no segredo da porta suspirei lentamente. Não precisava mais afirmar para mim mesma que era o que eu queria, porque era realmente o que eu queria, mas será que era mesmo?

Definitivamente não.

Quando em minha vida eu poderia decidir qualquer que fosse o evento que dissesse respeito apenas a mim? Era difícil para quem estava de fora compreender, só quem teve a vida controlada, detalhada, esmiuçada e desenhada, como eu tive, compreenderia o meu desânimo por ter a minha festa de casamento definida e decidida por outras pessoas.

Lógico que eu poderia dizer não a tudo, que poderia simplesmente me negar a discutir as minhas vontades. Era o meu casamento, oras! Contudo, quando se tem pais como os meus, ver a decepção em seus olhos por causa de um capricho poderia ser sufocante.

E como eu me sentia? Bom, eu me sentia partida ao meio. Uma parte me dizia para aceitar, afinal de contas era apenas uma festa e, se Deus quisesse, aquele seria o meu único casamento, então por que não agradar a todos e abdicar da minha vontade mais uma vez? A outra parte, a rebelde, dizia que eu deveria gritar, ignorar os olhares reprovadores, subir ao meu quarto, fazer um planejamento de como deveria ser e depois simplesmente comunicar a todos.

– Não vai abrir? – Alex apertou mais uma vez meus ombros.

– Alex?

– Sim?

– Como você quer que seja?

– O casamento? – sacudi a cabeça para que ele entendesse a minha intenção. Não tive coragem de me virar para encará-lo.

– Bom... – suas mãos deixaram meus ombros. Mordi os lábios em expectativa. – Eu não sei, Charlotte. Nunca me imaginei casando e, para ser franco, nunca acreditei que este seria um papel meu. Digo, pensar nos pormenores. Eu quero me casar com você e como vai ser, não importa.

Foi o suficiente para mim. Girei a chave e abri a porta, mas voltei para olhá-lo antes de encarar os demais. Sorri para o meu futuro marido, deixando claro que estava satisfeita. Ele sorriu de volta, cheio de uma expectativa e alegria que eu não sabia se conseguiria corresponder, eu tentaria com afinco.

– Finalmente! – Lana gritou de dentro do apartamento. – Não sabíamos mais o que fazer.

– Vocês demoraram – meu pai deu um passo à frente, uma mão no bolso da calça e outra segurando um copo. Seu olhar era pura acusação, o que me deixou imediatamente corada.

Olhei para a sala, todos estavam lá: Lana, João Pedro, meu pai, minha mãe, Dana, Adriano, Johnny, Miranda e... Patrício? Mas o que ele fazia lá? Senti a mão de Alex na minha. Claro! Ele era irmão do meu noivo e eu teria que me acostumar com aquilo. Voltei a olhar para a minha amiga, sentada distante dele, no sofá menor, fingindo indiferença.

– Fomos almoçar – Alex disse meio inseguro. – E saímos para conversar sobre o casamento.

– E fomos ao cinema – completei como a covarde que sempre seria. Eu não precisava de um pouco mais daquele olhar acusador. Além do mais, já havia concordado em casar tão rápido quanto a fofoca corre na língua dos desocupados.

– Ao cinema?

Ele olhou para Alex cobrando uma resposta. Lógico que meu pai duvidaria de qualquer coisa que eu dissesse. Ele desconfiava onde estávamos e imaginava o que fazíamos. Meu rosto esquentou significativamente e tive medo de que Alex negasse.

– Foram ao cinema? Não me diga que você assistiu “Quando acabar”! – Miranda falou alto, ganhando a atenção do meu pai. – Charlotte?! Nós tínhamos combinado de assistir juntas.

Porra, eu amava a minha amiga! Tínhamos assistido ao filme alguns dias antes, quando ela estava

curtindo a fossa por causa do fora do Patrício. Miranda foi espetacular em pensar naquele filme, assim eu teria o que contar a respeito dele, caso a curiosidade do meu pai, ou de qualquer outro, falasse mais alto.

– Desculpa! – sorri envergonhada. – Nós queríamos fazer um programa de namorados, então convenci Alex a entrar no cinema. Podemos marcar outro dia, eu não me importo em assistir de novo, você sabe.

– Deus me livre! Você comenta sobre o que vai acontecer e isso mata a expectativa. Vou arrumar uma colega para ir comigo.

Naquele momento notei o olhar do Patrício em direção à minha amiga. Ele fingia não se importar, não prestar atenção nela, mas falhava, como naquele momento, quando ela mencionou “a colega” e deu para notar que ele pensou que seria “um colega”. Tive vontade de rir.

– Venha, Charlotte – minha mãe chamou estendendo uma mão para mim. – Sente-se aqui. Estávamos pensando no local ideal para a festa. Lana nos trouxe algumas opções interessantes – caminhei lentamente ao lado da minha mãe sem saber o que esperar, nem como começar a dizer o que eu pensava.

– Temos primeiro que definir o número de convidados. Posso ter uma vaga ideia de quantos serão da nossa parte da família. Conheço todos os amigos do Alex, as pessoas que são do interesse dos nossos pais, só precisamos resolver do lado profissional, quais são os que ele deseja que compareçam.

– Nossa lista é longa, apesar de não termos familiares no país – meu pai se aproximou introduzindo-se na conversa.

– Temos a sua tia – disse minha mãe.

– Tia-avó, como vocês dizem aqui. Sim, temos alguns poucos parentes distantes. Vamos enviar os convites, porém não acredito na presença deles.

– Thomas pode querer comparecer. Ele e Charlotte eram muito ligados – minha mãe sorriu com inocência e Alex imediatamente se interessou.

– Thomas?

– Ele é um dos primos distantes. Quando crianças, eles não se desgrudavam quando estávamos na Inglaterra. E ainda se divertem bastante quando Charlotte resolve aparecer. Ela não gosta muito de voltar às origens – minha mãe falou para Dana, que sorriu gentilmente.

– Thomas é um ótimo rapaz – colaborou meu pai. – Inteligente, assumiu o negócio da família quando ainda fazia faculdade. Dizem que ele é promissor, que vai ainda mais longe que o pai e eu acredito nisso. Um garoto de punho forte.

Alex estava incomodado com o assunto, apesar de não demonstrar. Só que eu o conhecia o suficiente para saber que qualquer conversa sobre um homem promissor, interessante e que vivia grudado em mim, o tiraria do sério.

O que ele não sabia era que Thomas nunca passou de um garoto idiota, cheio de si, completamente engomado, que vivia tentando me impressionar, sem nunca conseguir. Eu o aceitava, até porque Johnny gostava do cara, e em uma vida onde os homens não são bem-vindos, conseguir a permissão para ter um amigo era algo realmente revigorante. Às vezes, eu me divertia com as conversas dele, as bobagens que valorizava e me lembravam o tempo todo de que aquele era o tipo de pessoa com quem eu não queria me casar.

– Eu penso em poucos convidados – comecei e ninguém pareceu se importar comigo.

– A igreja tem um bom tamanho – Lana continuou. – Também temos a opção de fazer a cerimônia para um grupo restrito e a festa para os demais convidados.

– Não deveria ser o contrário? – João brincou se servindo de mais bebida.

– Deveria ser uma coisa só – Dana buscou a aprovação da minha mãe, que concordou.

– Neste caso, teremos uma lista reduzida. Quantas pessoas cabem naquela igreja? Trezentas, quatrocentas...

– Podemos obter esta informação – minha mãe disse sem se preocupar com a minha opinião.

– Ótimo! Vamos ao *buffet* – Lana trocou de assunto com ânimo. – Eu tenho uma sugestão. É o melhor que temos no Rio de Janeiro, mas é claro que se vocês já trabalham com algum podemos ficar com o que escolherem.

– A “Motivo” é um excelente *buffet*, Lana – Dana acrescentou assegurando minha mãe de que elas tinham o melhor.

– Não fazemos muitas festas pessoais aqui no Brasil, porém a “Motivo” é a empresa responsável por todos os eventos dos hospitais, não é mesmo, Peter? – meu pai deu de ombros.

– Não costumo me inteirar destes detalhes, querida – Dr. Frankli concordou com meu pai, sem nada acrescentar.

– Podemos verificar a disponibilidade deles – Dana deu continuidade ao assunto.

– Já verifiquei e, sendo um casamento de uma família tão especial, eles aceitam o desafio – Lana disse orgulhosa de si mesma.

– Ótimo! Então precisamos marcar uma reunião... – minha mãe tentou falar e mais uma vez Lana falou cheia de si.

– Amanhã pela manhã. Teremos um dia cheio. Graças a Deus ainda não assumi o cargo do Alex. Não ficaria nada contente se não pudesse acompanhar este casamento de perto.

– Quanta eficiência – Miranda disse admirada e também para fingir não estar atenta a Patrício.

– Eu sempre perguntei se ela não estava no ramo errado – Adriano brincou, fazendo Dana rir.

– Lana seria ótima em qualquer profissão que escolhesse – disse uma mãe coruja, que ganhou um sorriso carinhoso da filha.

Olhei para Alex pela primeira vez desde que sentei naquele sofá ao lado da minha mãe. Ele estava próximo do meu pai, segurava um copo de uísque e me encarava sem se manifestar. Ele estava atento ao que eu faria e parecia me pedir para interferir, para que eu não deixasse que decidissem tudo sem sequer me consultar.

– A lua de mel será um presente nosso, querida – Dana falou pegando em minha mão. – Adriano e eu fazemos questão. Vocês só precisam definir o roteiro.

– Paris – Lana quase gritou eufórica.

– Algo mais pitoresco. Quem sabe um tour pela África? – Miranda falou entrando no clima da conversa. – Charlotte já conhece a Europa toda e as praias da África são as mais bonitas.

– Se fosse o meu casamento, eu escolheria Las Vegas – Johnny falou sem vontade e me olhou como se quisesse me socorrer. – Ou Caribe.

– Tão original – Miranda debochou. – Não poderíamos esperar mais nada desta cabecinha.

– Então por que vocês não perguntam a Charlotte o que ela quer? – meu amigo replicou.

Todos se calaram e olharam para mim. Senti o ar preso nos pulmões. Uma reação normal para

alguém que até um segundo atrás era invisível. Olhei para Alex e ele me lançou um olhar cheio de confiança, um incentivo para que eu fizesse como havia dito que queria.

– É o meu casamento, e... – olhei para meus pais, mas voltei a atenção para Alex – ... espero que seja o único – ele sorriu aprovando o que eu dizia. Ouvi o risinho baixo de Lana e senti a mão da minha mãe na minha. – Eu quero um casamento simples, muito íntimo, sem convidados por conveniência – olhei diretamente para o meu pai. – Eu sei o quanto vocês estão felizes, mas eu gostaria de fazer do meu jeito, como eu sou e como o Alex é.

– E como seria este casamento? – a voz doce da minha mãe me incentivou a continuar. Olhei para a minha futura sogra e continuei.

– Uma vez você me perguntou como eu sonhava que seria o meu casamento e eu respondi que não sonhava com isso. Mas, desde que Alex apareceu com a ideia e, quando finalmente aceitei que poderia ser o mais breve possível, tudo se arrumou em minha cabeça – Dana sorriu entendendo as minhas palavras. – Não existe outro lugar que fale tanto de mim e do Alex quanto Petrópolis.

– O lugar onde ele te pediu em casamento – Miranda falou com voz apaixonada.

– O lugar onde descobrimos que não dava mais para esperar o tempo confirmar o que sentíamos – Alex completou e a emoção em sua voz aqueceu o meu coração.

– Se não for incômodo para vocês, eu gostaria de casar no rancho – houve um momento de silêncio que me deixou constrangida.

– Ficaremos bastante limitados – Dana começou a falar. – Não temos espaço para tantos carros e a área aberta não comporta muito mais do que setenta pessoas, então...

– Não quero convidados – eu disse rápido com medo do que eles diriam. – Não quero convidados, por favor! – encarei minha mãe, segurando sua mão em súplica.

– Mas, Charlotte... – ela começou a falar.

– Mãe, eu não quero um grande acontecimento. Todas as pessoas que eu amo estão aqui nesta sala, não preciso de mais ninguém para compartilhar a minha felicidade. Eu sei o que a senhora está pensando, no entanto, um casamento pode ser lindo e perfeito apenas com a presença de nossos familiares, e ele será. Eu deveria ter casado naquele feriado, só que fui pega de surpresa e tive medo. Agora não tenho

mais. Eu sei o que quero mãe. Para que seja uma festa perfeita, uma em que eu realmente me sinta feliz e realizada, tem que ser assim. Apenas com todos que estavam lá quando tomamos a decisão.

– Tiffany e Anita também? – Patrício perguntou com voz debochada.

Meu sangue ferveu na veia. Ele nunca tinha nada de interessante para falar? Olhei para Alex que sorria amplamente, divertindo-se com o comentário infeliz do irmão. Claro que ele se divertiria.

– Sem Anita e, principalmente, sem Tiffany.

– Anotado – Lana fingiu tomar nota da minha exigência.

– E então... – olhei para meu pai que me encarava sem acreditar em minhas palavras. – Alguns dias depois teremos a formatura. Aí vocês poderão fazer a festa da forma como quiserem, eu não vou me importar. Juro! – ele suspirou e colocou o copo sobre a mesa.

– A festa de formatura será à fantasia, Charlotte – eu sabia que não era como ele sonhava, no entanto o que deveria contar mais, o que eu queria como festa de casamento ou o que ele desejava?

– Eu gostei da ideia – minha mãe falou saindo em minha defesa. – Uma festa íntima, o que não será nem um pouco menos importante ou sem o brilho que um casamento exige. E o rancho é realmente maravilhoso, será tão romântico. Tenho certeza de que Lana conseguirá organizar a festa perfeita – e havia tanta emoção em seus olhos, um brilho que me impulsionava a desejar abraçá-la.

– Obrigada, Mãe!

– Que seja! – ouvi meu pai reclamar. – Ela sempre consegue tudo do jeito que quer mesmo. Eu estou te falando, Alex, não será nada fácil.

– Vai ser uma festa incrível – meu noivo respondeu alegremente.

– Certo – Dana falou chamando a nossa atenção. – O rancho é um lindo lugar e uma festa para poucos convidados pode ser até mesmo uma desculpa romântica, só acho que alguns convidados sejam inevitáveis.

– Um número reduzido – Lana completou. – Juro que será um número bastante reduzido, Charlotte. Apenas alguns amigos mais próximos que se sentirão ofendidos caso não sejam convidados.

– Tudo bem – tive que ser complacente, não dava para ser tudo como eu queria.

– Neste caso... – meu pai voltou a se interessar. – Acredito que também teremos direito a alguns

convidados.

– Uma lista bem reduzida, Peter – minha mãe rebateu com voz firme. – Bem. Reduzida – eu tinha certeza de que ele havia entendido o recado.

– Vou repensar o vestido. Quer ver os modelos?

Lana se aproximou com um *tablet* e toda a noite girou apenas em torno do meu casamento perfeito.

ALEX

Foram os dias mais felizes e tranquilos da minha vida. Depois que finalmente Charlotte disse sim, que conseguiu encontrar um equilíbrio para a cerimônia do casamento, que convenceu nossas famílias a fazerem como ela desejava, minha vida tinha assumido uma calmaria deliciosa.

Em cinco dias, conseguimos avanços que até então nem acreditávamos. Charlotte resolveu caminhar com Miranda todas as manhãs e, às vezes, nós nos encontrávamos na praia. Todas as noites jantávamos juntos, na casa dela, sob a supervisão de Peter, que estava tão satisfeito com o nosso progresso que fazia vistas grossas.

Namorávamos no sofá, fazíamos planos, conversávamos e resolvíamos juntos qualquer problema.

Lana não dava sossego à minha noiva durante o dia inteiro. Era prova do vestido, escolha da comida, das flores, das músicas... Enquanto eu precisava resolver todas as pendências para conseguir me ausentar por alguns dias.

Tínhamos decidido que chegaríamos um dia antes ao rancho, para organizar tudo a tempo, e a família ficaria lá até um dia após o casamento, Charlotte e eu voltaríamos logo após a cerimônia e só viajaríamos em lua de mel depois da formatura.

Ainda havia o problema da faculdade. Tínhamos uma reunião agendada para dois dias após o meu casamento, em que ficaria decidido o futuro da minha noiva. Este era o ponto que mais me atormentava.

Naquela noite, cinco dias após termos passado uma tarde deliciosa no motel, Charlotte resolveu que era hora de termos um pouco mais de privacidade, e decidiu jantar em minha casa. Só nós dois. Um sonho para qualquer casal que só conseguiu alguns amassos nos últimos dias.

Ela havia ligado pela manhã para me avisar e disse que eu não precisaria me preocupar com Peter. Bom, eu realmente não me preocupei. Lana me fez passar parte da manhã experimentando *smoking*, em minha sala, entre uma papelada e outra. Descartei de imediato o azul e ela ficou indecisa entre o creme e o preto. Eu ficaria com o preto, mas era melhor deixar a decisão para a minha irmã caçula, ou não teria paz até o dia do casamento.

No período da tarde, após ela enfrentar duas reuniões, avisou-me que precisava ir para casa pois era necessário tratar de alguns detalhes do casamento com Charlotte. Para tanto, levou alguns documentos para analisar no período da noite.

Eu trabalhei o quanto pude, mas no horário apropriado para não me atrasar para o jantar, deixei a editora e enfrentei o congestionamento até chegar em casa. Ainda tive tempo de escolher o que comeríamos, retirar do congelador, decidir um vinho e tomar um banho. Quando desci de volta para a cozinha, ouvi o barulho do carro dela.

Eu ainda não entendia como Charlotte preferia andar com aquela coisa tendo dinheiro para comprar o carro mais caro e mais moderno fabricado no país, ou até fora dele. Deixei a vasilha sobre a bancada e larguei o pano de prato decidido a receber a minha noiva no meu melhor estilo.

Abri a porta quando ela bateu a do carro. Assim que Charlotte deu a volta e caminhou em direção à casa, eu notei que alguma coisa estava errada. Primeiro, ela estava apática, não sorriu, como costumava fazer. Segundo, a expressão de cansaço e dor a cada passada me deixou seriamente preocupado, a ponto de me adiantar alguns passos para pegar a bolsa da sua mão e auxiliá-la. Terceiro, assim que me aproximei percebi o quanto estava pálida, os lábios, sem batom, exibiam um tom levemente arroxeadado, dispensando o rosa convidativo que sempre esteve lá.

– O que houve? – fui incisivo, mas ela apenas gemeu e se deixou abraçar. – Charlotte, o que aconteceu? Você está pálida.

– Eu estou bem – forçou os passos para que entrássemos em casa.

– Por que não me ligou para buscá-la? Por que dirigiu até aqui não se sentindo bem?

– Eu estou bem, Alex. Só preciso sentar.

Caminhamos para dentro de casa, no entanto eu não conseguia deixar de ficar inquieto. Charlotte sentou no sofá e encostou a cabeça, fechando os olhos.

– O que está sentindo?

– Cólica – revelou por fim. Levei um longo segundo para compreender o sentido total daquela palavra.

– Ah! – foi só o que consegui dizer.

Eu ainda estava preocupado. Claro que estava! Não gostava da aparência doentia que ela exibia, nem da falta de cor do seu rosto, mas tenho que ser honesto, cólica era algo que poderia ser resolvido com um comprimido, assim o que passou a ocupar minha mente era a frustração da nossa noite, que não aconteceria, óbvio!

– Desculpe! Eu fiquei menstruada no início da noite – revelou abrindo os olhos. Eu tive que sorrir. Por que ela se desculpava por menstruar? Tudo bem que tínhamos planos e eu estava mesmo frustrado. Fazer o quê... era a natureza.

– Tudo bem. Está tão ruim assim? Por que não ficou em casa, Charlotte? – vi quando seu olhar endureceu e ela tentou disfarçar. Ok, foi uma bola fora. – Eu iria até lá, ficar com você – contornei a tempo. – Não foi nada inteligente dirigir até aqui sentindo dor.

– Eu não sabia que ficaria menstruada hoje. Chegou adiantada. Acho que toda esta loucura de casamento em tão pouco tempo me deixou mais tensa do que eu imaginei e esta foi a consequência – suspirou se movendo no sofá para melhor se acomodar. – Eu não estava esperando. Então quando consegui sair da casa da Lana e tomar um banho para vir te encontrar, percebi que tinha menstruado. Eu estava com pressa, não queria pegar trânsito ruim, assim, acredito, acabei ignorando os sintomas, que se agravaram no caminho.

– O que quer tomar? – levantei para pegar um pouco de água.

– Preciso de leite, por favor. Não gosto de tomar comprimido com água – ela abriu a bolsa procurando provavelmente pelo remédio.

– Nem todos os comprimidos podem ser ingeridos com leite, Charlotte. Não sei como você consegue ser tão desatenta tendo um pai como Peter – ri sentindo meu corpo relaxar.

– Eu só tomo com leite – rebateu com teimosia e sem um pinga de divertimento. TPM. Só podia ser.

– Eu vou buscar.

Saí da sala pensando no quanto eu precisaria ser cuidadoso naquela noite. Era melhor não brincar quando Charlotte estava aborrecida, piorava quando ela estava de TPM. Quando voltei, ela segurava o comprimido em uma das mãos e permanecia de olhos fechados, com a cabeça apoiada no sofá.

– Por que não descansa um pouco? – sugeri ao lhe entregar o copo com leite. Charlotte ingeriu o remédio imediatamente. – Quantos comprimidos engoliu?

– Dois.

– Dois? Meu Deus, Charlotte! Por que não entendo logo de uma vez que preciso fiscalizar os seus atos?

– Porque eu não tenho dois anos. Sei o que estou fazendo – olhei para ela percebendo o quanto aquela situação a aborrecia.

– É sempre assim? – Charlotte me lançou um olhar fulminante. – Essa cólica, a dor, o mal-estar... Todos os meses você passa por isso?

– Oh, sim. E agora ainda terei que conviver com a angústia de tomar uma injeção todos os meses bem nesta época – mais uma vez me peguei pensando sobre o que ela estava falando, até que entendi, e gostei. Mordi o lábio, sentando-me ao seu lado. Segurei os pés de Charlotte para retirar suas sapatilhas.

– O que está fazendo?

– Cuidando de você – fiz com que ela deitasse e seus pés estivessem sobre meus joelhos. Charlotte me encarava com os olhos bem abertos, como se eu estivesse fazendo algo de errado.

– Não está aborrecido?

– Por quê?

– Porque eu fiquei menstruada – ri baixinho.

– Não. Só fico preocupado com esta reação todos os meses.

– Não se preocupe. Normalmente eu tomo remédios e durmo durante quase três dias inteiros.

– Que péssimo, Charlotte! Por que não faz algo a respeito?

– Porque até então eu não podia tomar anticoncepcional. Meu pai morreria do coração só de imaginar.

– Que absurdo!

– E eu nunca fiquei muito à vontade na presença de uma agulha.

– Não precisa ser assim. Existem outros métodos. Um DIU, um implante, por exemplo.

– Implante?

– Nunca ouviu falar? – massageei seus pés com carinho. – Bom, é um implante na parte interna do braço, aqui – levantei o braço mostrando o bíceps, ela sorriu de leve. Sempre Charlotte! – Um dispositivo pequeno e fininho que coloca embaixo da pele e que dispara a quantidade certa de hormônio para te proteger de engravidar e não permite que a mulher menstrue por até dois anos.

– Que sonho! – voltei a massagear os pés dela. – Mas se eu tiver que perder essa massagem todos os meses, prefiro arriscar a sentir dor – beijei seus pés e levantei.

– Eu tinha escolhido um lombo para o jantar, nas circunstâncias atuais acho melhor trocarmos por uma sopa, o que acha? – Charlotte fez cara de desagrado.

– Não quero comer.

– Mas precisa e a sopa é a melhor pedida.

Saí para trocar os pratos, deixando-a no sofá. Vasculhei o congelador encontrando uma sopa de abóbora com carne seca que era perfeita. Coloquei o lombo de volta e liguei o micro-ondas para aquecer o jantar.

Voltei para sala e encontrei Charlotte quase adormecida. Linda, apesar da palidez. A calça jeans colada ao corpo me fez imaginar se não estaria apertando o seu corpo a ponto de aumentar a cólica.

– Alex? – ela me pegou de surpresa observando o seu corpo.

– Não prefere tirá-la? – Charlotte fez cara de surpresa, sem acreditar em minha proposta. – Não está apertando?

– Não – sua voz fraca entregava o quanto aquela pergunta mexeu com ela. – Pelo contrário. Eu me sinto mais... – desviou o olhar, um leve rubor alcançando sua face e me deixando maravilhado – ... segura.

– Segura? – ri sem graça. – Segura em relação a mim?

– Não! – o rubor se intensificou. – Em relação a mim – ela se movimentou para sentar, mas desistiu e se acomodou no sofá.

– E o que você pode temer?

– Deus, Alex! Não vê que é um assunto constrangedor? – não entendi o que ela dizia. – Céus! – Charlotte cobriu o rosto com um braço. – Tenho medo que o absorvente não seja suficiente para conter o

fluxo, caso a calcinha não consiga mantê-lo no lugar, então as roupas mais justas ajudam um pouco.

– Ah! – foi a minha vez de ficar sem graça. – Não gosta de absorventes internos?

– Jesus Cristo! Você é mesmo bem entendido dessas coisas, não? – ela me encarou com reprovação. Dei de ombros.

– Vou olhar a sopa – saí da sala voltando à cozinha no momento em que ouvi o apito do micro-ondas.

Retirei a vasilha, despejei o líquido, ainda gelado, na panela e levei ao fogo, mexendo aos poucos para não grudar no fundo. Enquanto cuidava do jantar, tentei ouvir qualquer movimento na sala, mas o silêncio era soberano. Charlotte com certeza estava sonolenta e poderia facilmente ter pegado no sono.

Servi dois pratos, coloquei-os em uma bandeja grande, acrescentei dois copos com água, uma pequena vasilha com torradas e equilibrei tudo até a sala. Charlotte estava com os olhos fechados, os abriu lentamente quando me ouviu chegar. Coloquei a bandeja sobre a mesinha, enquanto ela sentava no sofá.

– É abóbora?

– Sim. Gosta?

– Gosto – ajustou os óculos. – Estou mesmo sem fome, Alex.

– Tome pelo menos um pouco. O calor vai ajudar com a cólica.

Ela me lançou um olhar estranho, como se eu tivesse falando algo indevido. Mesmo assim, estendeu um guardanapo nos joelhos e segurou o seu prato, levando uma colher à boca. Fiz o mesmo observando tudo o que ela fazia.

– Eu estava aqui pensando... – começou e eu não consegui conter o girar dos meus olhos.

– Eu deveria imaginar – ri e ela outra vez ficou de cara fechada. – Fale, amor. – Charlotte engoliu um pouco mais da sopa, e desviou o olhar.

– Isso é um problema para você? – eu me perguntei se o vermelho em seu rosto era por causa da quentura da sopa ou do que ela estava pensando.

– Isso o quê?

– A mulher estar... – brincou com a colher no prato. – Você sabe... quando a mulher está

menstruada... você...

– Se eu me importo em transar? – o vermelho se expandiu até suas orelhas. Sorri largamente. – Nunca aconteceu. Normalmente eu respeito o momento. As mulheres se sentem incomodadas, então esta é uma experiência que eu ainda não tive.

Ela me observava sem se mover um centímetro. Seus olhos não deixaram os meus, e sua boca estava levemente aberta. Quando terminei de falar, ela engoliu com dificuldade e voltou a brincar com a colher.

– E você...

– Charlotte, eu... – pensei no que poderia dizer a ela sem aborrecê-la ainda mais. – Eu nunca pensei no assunto, mas, para ser sincero, não consigo enxergar uma situação em que eu não queira transar com você. Imagino que com você neste estado não seja nada confortável, se não fosse a dor... sei lá. Talvez se estivéssemos no banho – ela mordeu levemente o lábio inferior, o que reverberou em minha virilha. – Não que eu me importe com a cama – um sorrisinho brincou em seus lábios. – E você só pensa em sexo, meu Deus! – Charlotte riu. Foi a primeira vez naquela noite e significou muito para mim. – Eu transaria com você até mesmo se estivesse em coma.

– Porra! – ela gargalhou e eu ganhei a noite. – Seu doente!

– Você é a minha doença – ela continuou rindo e voltou a tomar a sopa, desta vez com mais vontade.

– Como aprendeu tanto sobre essas coisas? – ela mudou o tom de voz, voltando a ficar mais dura. – São muitos detalhes para uma pessoa que não menstrua.

Olhei fixamente para a minha noiva. Eu não estava disposto a perder aquela noite e uma briga não poderia ter espaço entre nós dois.

– Andei pesquisando – continuei com o olhar fixo no dela. Charlotte estreitou os olhos, sem acreditar. – Você começou a usar anticoncepcional então achei que poderia ajudar me informando sobre o assunto – ela continuou não acreditando. – E ter uma irmã caçula ajuda um pouco – ela riu balançando a cabeça e colocou o prato quase vazio sobre a mesa, depois voltou a se deitar.

– Você é um grande mentiroso, Alex – suspirou fechando os olhos. A voz ainda era divertida e com

um leve tom de cansaço.

– É. Às vezes, eu sou. Mas só um pouquinho – fui cauteloso. Ela ficou em silêncio por tempo demais. Quase acreditei que estava dormindo quando ela suspirou forte e falou.

– Alex? – a voz carregada de sono me surpreendeu.

– Sim.

– Eu não queria que você mentisse. Nunca.

Fiquei gelado. O que eu poderia dizer?

– Mentir é algo relativo, Charlotte – mantive a voz baixa. – Às vezes, é por uma causa nobre, outras é por necessidade e pode também ser essencial – ouvi sua respiração baixa. Coloquei o prato sobre a mesa e me aproximei dela. Charlotte dormia.

Encostei-me no sofá e fiquei incontáveis minutos pensando no quanto aquela mentira poderia me prejudicar. Era a segunda vez que ela me dizia que não queria que eu mentisse. Eu mentia? Não. Eu queria aquele casamento tanto quanto os pais dela. Era por amor e este motivo deveria ser o único a contar.

Voltei a olhar para Charlotte. Eu não queria acordá-la, nem deixá-la aquela noite, por isso tomei a decisão. Peguei o celular e liguei para Peter, que atendeu no segundo toque.

– Alex, aconteceu alguma coisa?

– Não – levantei me afastando para não acordá-la. – Na verdade, estou ligando para avisar que Charlotte pegou no sono. Eu poderia colocá-la no carro e levá-la para casa, mas prefiro deixá-la dormir – ele ficou em silêncio, depois soltou o ar com força.

– Você sabe que eu tenho vontade de socá-lo todas as vezes que me faz uma proposta como esta, não sabe? – recuei me afastando do telefone e olhando para o visor.

– Bom, ajudaria se eu te dissesse que ela apagou porque precisou tomar um remédio forte para cólica? Cólica menstrual – acrescentei rapidamente.

“Eles vão se casar em alguns dias, Peter!”

A voz de Mary chegou aos meus ouvidos, o que facilitava um pouco as coisas.

– Hum! – ele pareceu pensar no assunto. – Não é o que eu gostaria, neste caso, vou abrir uma

exceção tendo conhecimento de como é este período para Charlotte, eu estou de acordo, mas quero minha filha em casa amanhã cedo.

– Pode deixar, Peter. Boa noite.

– Boa noite.

Ele desligou deixando-me surpreso. Voltei à sala, levei os pratos de volta para a cozinha, deixando tudo na máquina de lavar pratos e voltei para pegar minha noiva nos braços e levá-la ao nosso quarto.

Enquanto subia os degraus no escuro, peguei-me pensando no quanto estar ali com ela me agradava, mesmo que não fosse para fins sexuais.

CAPÍTULO 28

“Se ele é tolo ao amar o olhar dela. Ao amá-lo, eu caí numa esparrela. Às coisas vis, que não têm qualidade. O amor empresta forma e dignidade. Porque não vê com os olhos nem com a mente. Cupido é alado e cego, à nossa frente. Amor não tem nem gosto nem razão, asas sem olhos dão sofreguidão. Se cupido é criança, a causa é certa...”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Encontrei o pequeno pacote na poltrona que ficava ao lado da cama. Quando acordei nem imaginei onde estava, o que tinha acontecido. Precisei me mover na cama espaçosa para perceber que estava sem a calça, o sutiã e os sapatos, usava apenas a camiseta que havia escolhido para o jantar com Alex.

O incômodo logo me lembrou do motivo para que eu não tivesse lembranças do que aconteceu depois do jantar, e a sensação molhada me fez ter vontade de tomar banho o quanto antes.

Foi por isso que o pacotinho chamou tanto a minha atenção. Levantei, certificando-me de que a cama continuava incólume, caminhei até o embrulho onde havia um cartão escrito “Charlotte”. Peguei-o e desfiz o laço. Dentro da caixa havia uma calcinha, bege, relativamente grande, com aparência de confortável e adequada. Sorri largamente.

“Acredito que esteja sentindo falta da calcinha da sua avó.” Estava escrito no cartão de dentro. Alex era incrível!

Minha bolsa estava no mesmo local, então procurei o pacote de absorventes que eu havia colocado lá quando saí de casa e fui para o banheiro. Era delicioso poder me sentir limpa e pronta para o mundo.

Após o banho desci as escadas, sem ouvir qualquer indício da presença do meu noivo pela casa. Fui até a cozinha, onde encontrei outro cartão, sobre a bancada. “Tem suco na geladeira e bolo. Os pães e as cápsulas de café estão no armário. Espero que consiga achar tudo. Fui surfar. Te amo! Alex”. Lindo! Dava para ser menos apaixonante?

Abri a geladeira e retirei de lá a jarra de suco de laranja e o bolo. Escolhi o sabor do café e preparei a cafeteira. Sentei no balcão, reli o bilhete enquanto comia o bolo delicioso de milho, depois desfrutei de uma xícara fervente de café forte. Eu estava pronta para qualquer batalha.

Foi quando Alex chegou. Ele entrou sem a prancha, a roupa colada ao corpo e molhada indicava que ele realmente esteve surfando. Levava uma caixa nas mãos que parecia ter sido entregue pelos correios. Deixou a sandália ao lado da porta e me procurou com os olhos, encontrando-me sentada em um dos bancos altos, no balcão da cozinha.

Alex sorriu. Não um sorriso qualquer. Foi aquele sacana, cheio de promessas e expectativas, aquele que roubava despidoradamente todo o meu raciocínio, a minha decência. Era aquele sorriso que me despia sem sequer me tocar e me deixava úmida sem precisar de uma palavra.

E então, sentindo meu útero se contrair em espasmos nada agradáveis, dei-me conta de que nenhuma daquelas promessas poderia ser concretizada e, por alguns segundos, odiei a natureza feminina. Era tão desnecessário menstruar quando se tinha um noivo, futuro marido, lindo, dono de um corpo perfeito e totalmente disposto a realizar todas as suas fantasias sexuais!

Talvez eu pensasse mais seriamente sobre o implante.

Ele caminhou na minha direção, o corpo felino com movimentos decididos, transpirando sensualidade, a pele molhada e, com certeza, salgada, os músculos tonificados pelo esforço do surf, os olhos azuis que me sugavam para um mundo só nosso, o sorriso perfeito, safado, descarado, esticado para um dos lados do seu rosto... Menstruação, como eu te odeio!

– Bom dia! – inclinou-se beijando meus lábios e depois meu pescoço. Porra!

– Bom dia!

– Chegou isso para você – deixou a caixa sobre o balcão.

– Para mim? – Alex manteve o sorriso, deu a volta buscando por um copo ao lado da pia e voltou para se servir de suco de laranja. – O que poderia chegar na sua casa para mim?

– É só abrir, amor – sentou-se e me observou. Dei de ombros e comecei a abrir a caixa.

Ela era amarela, típica dos correios e constava o nome de uma empresa que eu não consegui identificar. Dentro dela um saco preto, sem nenhuma identificação. Olhei para Alex, que bebia o seu suco e me observava com divertimento.

– O que será? – ele riu baixinho.

– Pelo visto nunca viu nada parecido, não é mesmo?

Tentei entender o motivo daquele comentário, pois ele estava se divertindo enquanto eu não fazia ideia do que se tratava. Forcei o saco preto. Era forte e resistente, difícil de rasgar.

– Vou precisar de ajuda.

– Um minuto – ele levantou, abriu uma gaveta, retirou de lá uma tesoura e a colocou sobre o

balcão. Depois me olhou, sugerindo que eu desse continuidade ao processo.

Retirei o saco de dentro da caixa. Ele era grande e relativamente pesado. Testei o meu tato, tentando identificar o que havia dentro dele. Eram vários objetos. Alex riu outra vez, o que me deixou irritada. Peguei a tesoura e abri pela ponta. Alex me assustou tamborilando no balcão como se estivesse rufando os tambores para acentuar a expectativa.

Revirei os olhos e meti a mão no saco para pegar qualquer um dos objetos que estava lá dentro e o que retirei de lá me deixou tão constrangida que senti a pele do meu rosto queimando.

– Isso é... – Alex riu alto e eu não tive coragem de olhá-lo nos olhos.

Bom... em minhas mãos estava uma embalagem quase anatômica, contendo o que parecia ser um pênis, só que moderno e rosa, sem contar que a inclinação não era muito adequada, além do pequeno gancho do lado. Rapidamente me lembrei da tarde em que Alex me fez escolher produtos em um site de artigos para adultos, e lembrei exatamente da sua sugestão sobre eu ter um vibrador.

Porra, eu tinha em mãos um vibrador. Um que foi escolhido pelo meu noivo, sugerido por ele e que além de me deixar ainda mais envergonhada, conseguia me deixar excitada.

– Uma pena não ser o período adequado – ele disse como se estivesse me falando sobre as ondas do mar naquela manhã. Engoli em seco. – Eu realmente gosto quando você cora deste jeito, Charlotte. Isso me leva a pensar se você está se recriando ou fantasiando. Eu aposto no fantasiando.

– Você me conhece muito bem – falei baixinho, deixando um sorriso inocente se estender em meus lábios. Alex ficou sério e, por Deus, suas pupilas começaram a se dilatar. – Refresque a minha memória, professor – mantendo os cílios baixos, consegui olhar para ele, afastando a minha timidez. – Eu devo usar este acessório sozinha ou o senhor vai querer me ensinar?

Ele respirou fundo, afastou a cadeira e levantou-se, contornando o balcão. Alex me abraçou pelas costas, a pele quente dos braços aquecendo a minha. Seus lábios foram para o meu pescoço.

– Faço questão de te guiar, Charlotte – sussurrou rouco em minha orelha. – Vamos ver o que temos aqui.

Ele enfiou a mão no saco e retirou de lá um saquinho com um objeto de borracha, de um azul forte, em formato oval e com um furo no meio. Parecia um anel. Um anel peniano.

– Você vai gostar disso. Esta parte aqui de cima vibra, bem aqui – sua mão foi para o meio da minha perna, pressionando o meu centro de prazer.

– Alex! – gemi um misto de susto e desejo.

– E esta parte aqui vai fazer pressão bem aqui.

Porra! A outra mão de Alex se enfiou por baixo da cadeira, cercado-se da minha bunda e pressionando bem no meio, lá, naquele lugar tão proibido. Porra, um milhão de vezes. Sim, eu ainda lembrava do quase beijo, e de tudo o que eu senti apenas com a insinuação de que poderia acontecer.

Para piorar a minha situação, ele pressionou os dois dedos, nos dois pontos. Mesmo por cima do absorvente eu senti o que aqueles dois lugares estimulados ao mesmo tempo poderia fazer com o meu equilíbrio mental.

Então suas mãos deixaram meu corpo, não sem que Alex fizesse questão de se aproximar ainda mais, deixando seu sexo duro se esfregar em minha bunda, apenas para atizar a minha imaginação. Eu nem vi quando ele retirou uma caixa de dentro do saco, apenas notei o seu gemido.

– Hum! Isso aqui eu realmente estava ansioso para experimentar.

Reconheci o vibrador que ele havia insistido para comprarmos, afirmando que estimularia nós dois ao mesmo tempo durante o ato sexual. O objeto me deixou insegura. Se eu era mesmo apertada como Alex afirmava todas as vezes que se enfiava em mim, como caberia aquilo e o seu... o seu membro, de uma vez só?

– Vai ser gostoso, amor – beijou meu ombro, segurando minha barriga para puxar-me ainda mais de encontro ao seu pau. – Pena que este vai esperar até depois do casamento.

– Como assim? – ele riu, abafando o som em minha pele.

– O melhor vem depois. Deixa eu ver o que mais temos aqui – ele pegou o saco e o virou de encontro ao balcão, deixando mais algumas caixinhas caírem. – Isso! Esse aqui também vai ser muito bem-vindo.

– O que é isso?

Peguei a embalagem da mão dele e virei a caixinha para todos os lados tentando entender. Era uma circunferência, parecendo-se com o anel peniano e que me fez deduzir que ele ficaria realmente no sexo

do meu noivo, só não entendi por que acoplado a ele tinha um pênis de borracha, pequeno, um pouco longo, e fino.

– Pelo que tenho percebido este acessório vai ser interessante – outra vez sua mão me puxou de encontro ao seu sexo e seus lábios alcançaram meu pescoço. Mordi o lábio.

– Para que serve isso? Eu não consigo... – revirei a caixa outra vez na mão tentando encontrar o ângulo certo.

– É assim – ele abriu retirando o objeto lá de dentro. – Aqui – indicou o buraco –, eu entro.

– Você entra? E isso aqui? – segurei o pequeno pênis percebendo como ele era maleável.

– Isso... entra em você.

Puta merda!

– Em... mim? – minha voz quase não saiu.

– Sim.

– Co-co-como? – ele riu retirando meu cabelo do ombro.

– Eu estarei aqui em você – outra vez desceu a mão até o meio da minha perna. – E ao mesmo tempo ele vai...

– Ai, meu Deus!

– Você vai gostar – abraçou-me com força. – E eu também.

– Puta merda, Alex!

– Você vai gostar, amor!

– Eu sei – puxei o ar com força. – Eu sei.

– Então?

– Eu só quero entender... isso...

– Hum? – começou a deixar um rastro de beijos em meus ombros, pescoço, e tudo em mim acendeu.

– Alex?

– Diga, amor.

– Isso aqui vai entrar em meu... em minha... – ele riu.

– Vai.

- Enquanto você vai estar em minha...
- Exatamente.
- E a ideia é?
- Te proporcionar mais prazer.
- Apenas isso?
- Te deixar mais à vontade com a situação.
- Ah!
- Te mostrar que não tem por que temer. Que vai ser bom.
- Oh, droga!

Gemi sem saber se de medo ou de ansiedade. Claro que a ideia me atraía, afinal de contas, eu já tinha tido algumas demonstrações e em todas tive a certeza de que não recusaria um pedido dele. No entanto, pensar no assunto sem estar no ato de fato, era muito mais aterrorizante.

Porra, aquilo devia doer, ser desconfortável... sei lá! Deveria ser um monte de coisas, e mesmo assim, eu sabia que não conseguiria me negar.

- Deixa acontecer. Na hora, você decide.
- Você fala assim porque sabe que quando está com as mãos em mim, trabalhando junto com os lábios, em completa harmonia com a língua e todos eles juntos estão em perfeita sincronia com seu pau, eu não consigo ter um pensamento coerente.

Alex gargalhou.

- Vou tomar um banho e sair em vinte minutos. Você precisa voltar para casa ou seu pai me mata antes do casamento.
- Meu pai. Merda! O que você falou para ele? Merda!
- Eu falei que você se sentiu mal com cólica menstrual e acabou apagando por causa do remédio – foi inevitável sorrir. Meu pai conhecia o meu estado quando eu menstruava e saber que ele conhecia o fato me ajudaria a entrar em casa sem precisar responder a um questionário.
- Perfeito! Bom, vou andando – levantei-me afastando-me de Alex para não me sentir mais tentada.
- Vejo você à noite? – ele diminuiu a distância entre nós dois, atordoando-me.

– Hum! Claro! Vamos passar mais uma noite em que eu apago no sofá.

– Falta pouco agora.

– Nove dias – seu olhar se tornou tão intenso que me hipnotizou.

– Nove extensos dias – seus dedos longos tocaram meu rosto esquentando minha pele como fogo.

Então ele se curvou e me beijou.

Ah, Deus! Eu adorava os beijos de Alex. Eram tão quentes, saborosos, apaixonados, intensos... e tudo aquilo era o que Alex era e ponto final.

Senti que estava perdendo a batalha contra o equilíbrio, quando minhas mãos agarraram a camisa úmida e colada ao corpo, subiram explorando cada músculo bem talhado, quando minhas pernas diminuíram a distância entre nós dois e fazendo meu corpo colar ao dele, aprofundando o beijo.

Santo Deus, o que eu não daria para estar na cama daquele homem naquele momento, sendo amada por ele?

– É melhor não nos empolgarmos, Charlotte – ele disse se afastando e mantendo a um braço de distância.

– Merda! – Alex riu.

– Uma grande merda!

ALEX

– Não!

Abri a porta da sala procurando Simone, mas ela não estava, então deixei a papelada sobre a mesa com um bilhete avisando para entregar ao pessoal da diagramação. Voltei para a sala encontrando um João Pedro ansioso.

– Lana vai matar você – avisei antes de voltar a sentar para conferir o arquivo que tinha acabado de receber.

– Lana não precisa saber dos detalhes. Só se você for muito filho da puta para contar.

– Você é um filho da puta por estar me fazendo esta proposta. Lana é minha irmã.

– Todos os homens merecem uma despedida de solteiro, Alex. Você está todo relutante porque só tem poucos dias com a menina. Vou esperar passar dez anos para ouvir a sua lamentação por ter recusado uma última trepada com estilo.

– Por que você é tão idiota? Aliás, como conseguiu me convencer a deixá-lo casar-se com a minha irmã? – Desisti do arquivo. João não me deixaria trabalhar mesmo.

– Porra, Alex! Só você vai foder nesta noite. Quer dizer, Patrício agora é solteiro e tal... mas eu prometo que não vou encostar um dedo em nenhuma das garotas. Juro! Se isso acontecer pode contar para a Lana.

– João, se eu vou estar trepando, quem vai ficar de olho em você? – ele me encarou sem saber o que responder, depois riu.

– Sabe o que está acontecendo? Você está dominado. Sua recusa é nada menos do que medo. Está morrendo de medo que Charlotte descubra e te abandone. Você é um cretino, Alex!

Ri. João era muito sem noção. Completamente sem noção.

– Existem dois pontos neste problema, João: primeiro, eu realmente não penso em transar com nenhuma outra mulher – ele ia protestar e eu o impedi. – Por mais gostosa que ela seja e, mesmo sendo apenas para fazer uma farra de despedida, uma última trepada antes do casamento. Não! Eu não quero

nenhuma outra mulher. É uma pena perceber que para você funciona de forma diferente. Segundo, sim, eu estou com medo de Charlotte. Na sua despedida você quase surtou quando a garota sentou nua em seu colo e Patrício tirou uma foto.

– Patrício é um filho da puta de último escalão. Porra, ele ameaçou contar a Lana. Ele me mostrou a merda da foto no altar. Sabe o que é isso? Tem noção de como eu fiquei?

– Tenho. Eu estava lá para ver você quase se cagar todo no altar de tanto medo – comecei a rir lembrando-me daquele dia.

Claro que Patrício nunca mostraria a foto a Lana, por dois motivos: ele havia organizado a despedida de solteiro de João Pedro e, apesar de ter prometido que seriam somente alguns amigos, muita bebida e nada de mulheres, conseguiu fazer com que várias garotas que conhecia, todas lindas, é bem verdade, estivessem presentes. Aquela noite foi uma loucura, e era exatamente por isso que eu não podia permitir que o mesmo acontecesse comigo. Até hoje ninguém conseguiu descobrir se João transou ou não com a garota, de tão bêbados que ficamos.

Eu só sei que acordei nu, com três garotas nuas ao meu lado, e João agarrado às costas de uma delas, completamente desprovido de roupas. Um pouco mais distante estava Patrício, da forma como veio ao mundo, sentado na poltrona com duas garotas dormindo sentadas no chão e as cabeças nas pernas dele.

O motivo para isso era que Patrício preferia que João comesse qualquer outra garota a Lana. Pelo menos não antes do casamento. E como nossa irmã casaria virgem, ele ofereceu uma última noite de farra ao homem que se comprometeria a ter apenas a nossa irmã pelo resto da vida.

Eu não precisava de uma despedida de solteiro.

– Vamos lá, Alex! Ninguém precisa saber o que vamos fazer. Podemos dizer que vamos apenas nos reunir e beber. O local que fomos daquela vez seria perfeito. Ninguém descobriria.

– Não vou passar meus últimos momentos de solteiro na cama com uma puta, João. Charlotte não merece isso.

– Tudo bem então, nada de putas. Quem precisa de putas quando existem várias gostosas loucas para tirarem a roupa para você, hum? Vamos a um bar, usamos a técnica de sempre e depois terminamos em um hotel discreto, em uma farra particular.

– Eu tenho quase certeza de que comi a sua bunda na sua despedida de solteiro.

– Vá de foder! – ri e ele ficou irritado.

Eu e Patrício nos aproveitamos da amnésia do nosso amigo durante muito tempo, fazendo piadas sobre a virgindade anal dele, e de lembranças que fingíamos ter. João normalmente ficava desesperado, apesar de fingir saber que brincávamos.

– Não combinem nada, está legal? Nada! Não quero uma despedida de solteiro e, conhecendo Charlotte como conheço, isso vai virar um inferno se ela descobrir.

– Ok, idiota! Mas fique logo sabendo que Lana já fechou com um “clube das mulheres”. Ela vai oferecer a despedida de solteira da sua noiva, e eu espero mesmo que Charlotte encontre um dançarino bem-dotado em quem ela possa colocar uma nota de cem reais.

– Lana o quê?

CHARLOTTE

Era muito ruim ficar menstruada, piorava quando vinha acompanhada por cólicas, e fica ainda pior quando eu precisava sair de casa. Dois dias depois de ter passado a noite na casa de Alex, eu ainda penava com a minha situação. O fluxo havia diminuído, as dores não eram tão degradantes, no entanto o incômodo continuava.

Eu precisei passar na faculdade para confirmar as minhas notas e dar entrada no pedido do diploma. Miranda só poderia ir pela tarde, como eu tinha mais uma prova do vestido de noiva, precisei fazer pela manhã.

Naquele dia, em especial, eu estava muito irritada. Não apenas por estar menstruada, ou por ainda sofrer com as cólicas, nem mesmo por este fato me impedir de ter qualquer momento mais íntimo com o meu noivo, ou por não conseguir nenhuma hora livre do meu dia que não fosse para resolver coisas do casamento ou da formatura. Eu estava especialmente irritada por meu carro ter se recusado a pegar naquela manhã.

Tudo bem que ele era velho e que já vinha apresentando problemas há algum tempo, mas eu não o deixava se acabar, fazia de tudo para mantê-lo funcionando, cuidando das revisões, trocando sempre as peças por originais, mesmo quando eram absurdamente caras por serem difíceis de se encontrar. Não havia motivo para ele ter me deixado na mão.

– Eu não entendo como você prefere andar por aí com essa lata velha quando eu já lhe presenteei duas vezes com carros novos, muito mais adequados à sua posição – meu pai falou quando precisei lhe pedir carona.

Revirei os olhos segurando a língua para não fazer o meu discurso habitual. Ele não entendia.

De fato, quando eu fiz dezoito anos, fui presenteada com um carro lindo, que deixou Miranda e Johnny boquiabertos, mas eu já tinha metade do dinheiro para comprar meu carro e não queria ceder a mais aquela investida do meu pai. Então o carro ficou na garagem até que ele se irritasse e o vendesse.

Quando fiz vinte anos, ele tentou a mesma abordagem. E o resultado foi o mesmo. Há quase dois

anos ele não trazia de volta o assunto, o que era um grande alívio para mim.

– Graças ao meu carro velho eu nunca fui assaltada nem sofri uma tentativa de sequestro – ele riu.

– Com certeza, não é graças ao seu carro velho.

E a antiga desconfiança de que eu era seguida por seguranças veio à tona. Um saco! Além de me deixar apreensiva, afinal de contas, eu havia me encontrado com Alex diversas vezes para aulas nada decorosas. Céus!

E foi com este pensamento que ele me deixou em frente à faculdade. Eu ainda precisaria ligar para Johnny e pedir para ele me buscar.

Fui até a secretaria para solicitar o diploma, o que levou quase uma hora do meu dia, por causa da uma nota que ainda não estava no sistema. Aguardava pacientemente quando encontrei quem menos desejava: a professora Anita.

Com seus saltos absurdamente altos, uma calça jeans colada ao corpo deixando-o escultural, e uma camisa que nada condizia com a sua posição profissional, já que era de costas nuas e deixava os seios, siliconados, com toda certeza, soltos no tecido pendurado a frente.

Uma vaca!

– Rafaela, avise, por favor, a Susana que estou com todas as notas liberadas no sistema – ela me olhou rapidamente, virou em direção à secretária e se voltou para mim com cara de desgosto. – Charlotte Middleton!

– Como vai, Anita?

– Pensei que não a veria mais por aqui.

– Ainda faltam algumas burocracias antes da formatura.

– Isso se você se formar, não é? – como assim? O que ela queria dizer com aquilo?

– Seria impossível isso acontecer, já que as minhas notas são magníficas – estremeci com o sorriso diabólico que ela me lançou. Anita se aproximou de mim.

– Alex não te contou? O conselho está avaliando a sua situação. Você sabe, um envolvimento entre aluna e professor não pode ser ignorado – respirei fundo sem saber como reagir.

– O conselho não pode me reprovar. As minhas notas...

– Alex aprovou o seu projeto, quer dizer... antes de passar a responsabilidade para João Pedro, o que pode ser facilmente comprovado. Sem contar que por serem cunhados, a atitude do professor João torna-se suspeita. Os dois tinham interesse em aprová-la.

– O conselho vai ler o meu projeto e perceber que em nada fui favorecida por Alex ou qualquer outro professor.

– Será? – ela sorriu outra vez e se afastou.

Vaca, invejosa, maldita, mal-amada, puta siliconada dos infernos!

Afastei-me sem querer continuar no mesmo ambiente que aquela vadia, sem pensar duas vezes, peguei o celular e liguei para Alex.

– Oi! – sua voz não estava muito boa, provavelmente seria um dia cheio para ele também.

– Oi! Você nem vai acreditar no que aquela maluca da Anita me disse – Alex suspirou.

– Um minuto, Charlotte – ouvi barulhos do outro lado, passos e som de porta batendo. Arrependi-me imediatamente de ter ligado para enchê-lo logo cedo com os meus problemas. – Pronto, pode falar.

– Deixa para lá! Estou esperando concluir o meu pedido para o diploma, aqui na faculdade.

– O que aconteceu?

– Nada demais. Outra hora eu te conto. Acredita que meu carro quebrou? Johnny disse que só vai conseguir acompanhar o conserto amanhã.

– E como você foi para a faculdade?

– Meu pai me deu uma carona e provavelmente Johnny vem me buscar.

– Eu vou te buscar. Preciso mesmo conversar com você.

– Mas não vai te atrapalhar?

– Não – foi categórico.

O que havia acontecido? Alex não estava diferente do habitual. Ele não foi grosseiro, de maneira alguma! Mas foi frio e estranho. Algo estava muito errado.

– Tudo bem. Eu preciso pegar um trabalho na sala com o professor e depois disso acredito que estarei livre.

– Quanto tempo?

– Quarenta minutos, eu acho.

– Vejo você em breve.

– Ok!

Ele desligou sem dizer mais nada. Nada, nem um “eu te amo”, nem “beijo”, nada!

Com um suspiro me virei para a secretária, percebendo que Anita não estava mais ali. A secretária me aguardava com um papel na mão. Aproximei-me, notando o seu olhar que indicava que ela estava sem jeito para me falar o que quer que fosse.

– Tudo resolvido?

– Ah, Charlotte. Eu recebi uma ordem para te passasse este documento. É um pedido provisório, até que resolvam sobre o seu projeto.

– O meu projeto já foi aprovado!

– Desculpe, querida! Esta foi a ordem que recebi.

Merda! Mas ela nada poderia fazer. Eu tinha apenas que agendar um encontro com o reitor, exigir os meus direitos e tudo estaria resolvido. Puta que pariu! Mais e mais problemas.

– Posso solicitar um horário com o reitor? – ela me olhou surpresa e piscou muitas vezes.

– Sim, claro. Um instante.

Resolvido temporariamente o problema com o meu projeto, subi as escadas para encontrar a turma que receberia de volta o trabalho final com as observações do professor. Eu já esperava pelo que encontraria, por isso não demorei nem quinze minutos para me despedir da turma e do professor, levando comigo a nota máxima que apenas comprovava a minha capacidade.

Eu esfregaria na cara daquela Anita a minha aprovação. Faria ela, a vaca siliconada, comer o meu diploma.

Desci as escadas apressadamente, ciente de que ainda faltava muito para Alex chegar, contudo, já que sofreria uma avaliação acadêmica a respeito da minha capacidade como aluna, manter meu relacionamento em segredo, mesmo que temporariamente, poderia ser uma boa forma de me defender.

Além disso, eu precisava comprar uma Coca-Cola, o que ocuparia o meu tempo ocioso. Parei na lanchonete, fiz o meu pedido, aproveitando para conferir minhas mensagens, quando fui abordada outra

vez.

– Charlotte!

A voz do Henrique quase me fez revirar os olhos. Por que ele sempre precisava demonstrar tanto entusiasmo quando me via? Será que aquele encanto nunca passaria? Que ele nunca desistiria?

– Oi, Henrique! Matando a saudade da faculdade? – peguei a Coca e comecei a me retirar do local sem a menor intenção de que ele me seguisse.

– Vim dar entrada em meu diploma, e você?

Droga!

– Vim fazer a mesma coisa. Eu tenho que ir agora...

– Já sabe o que vai fazer daqui para frente?

Ele continuou me acompanhando sem perceber que eu não tinha a menor vontade de tê-lo como companhia. Até porque Alex chegaria a qualquer momento e seria uma situação bastante embaraçosa.

– Não quero pensar nisso agora.

Eu já tinha muito no que pensar: casamento; me formar... ou não; se sim, baile de formatura; lua de mel... lua de mel, céus!

– Eu vou fazer uma especialização. Ficarei quatro meses em Chicago.

– Chicago? Que fantástico! Bom, neste caso...

– Por isso andei pensando em...

Paramos no estacionamento próximo à entrada da faculdade e a despedida seria inevitável. Não que eu quisesse me livrar do coitado, apesar de desejar que ele fosse logo embora. Henrique era uma boa pessoa, meio atrapalhado, isso lhe dava até um charme à parte. O problema era Alex, o seu ciúme e a bobagem de pensar que ele não era adequado para mim.

– Henrique, eu tenho mesmo que ir. Meu pai vai aparecer a qualquer momento para me buscar e...

– Desculpe, Charlotte, não temos mais muito tempo e eu não vejo como fazer isso de outra forma.

– O que...

Ele simplesmente avançou sobre mim e me beijou. Henrique me beijou com tanto ímpeto que eu não tive reação a não ser paralisar. Senti minhas costas se chocando contra um carro e o corpo do meu

colega me imprensar, forçando o beijo.

Puta que pariu!

Com as mãos empurrei Henrique o máximo que pude, porém, meu corpo não correspondia adequadamente. Quanto tentei avisá-lo de que eu não queria aquele beijo, sua língua entrou em minha boca tornando tudo mais íntimo. Porra! Fechei os olhos e empurrei Henrique com toda a minha força. Foi quando ele se afastou.

Demorei poucos segundos para entender que o seu afastamento súbito não foi por causa da minha força arrasadora e sim a de Alex. Puta que pariu um milhão de vezes! A cena toda parecia coisa de filme de Hollywood. Alex segurando Henrique pela camisa e chocando-o contra o carro, os olhos arregalados do meu colega que não tinha ainda entendido o que estava acontecendo, olhares curiosos em nossa direção e...

Caralho!

Alex viu aquele beijo. Ele viu o Henrique me beijando e como a minha sorte do dia não me ajudaria de forma alguma, com certeza meu noivo devia ter imaginado que eu estava correspondendo. Ah, ele acreditaria nisso. Que merda!

– Alex! Alex!

Meu noivo socaria Henrique até que não restasse mais nada do garoto. Em seu olhar havia apenas fúria e até eu fiquei com medo de me aproximar.

– Alex, pelo amor de Deus! Está todo mundo olhando. Não bata nele. Pelo amor de Deus!

Minhas súplicas surtiram efeito, pois meu professor largou Henrique, claro que não de forma gentil. Ele simplesmente empurrou o garoto com toda força contra o carro e se afastou apenas o suficiente para evitar os olhares curiosos. Contudo sua postura felina permaneceu e ele encarava meu colega com uma fúria assassina.

– O que estava fazendo, seu idiota?

– Professor Frankli, eu... – Henrique olhava para mim e olhava para Alex sem entender por que ele agia assim. Senti meu rosto esquentar à medida que a acusação surgia em seus olhos.

– Alex, Henrique não sabia... – meu noivo me olhou com tanta raiva que me fez recuar. – Ele não

sabia.

– Vai defendê-lo? Vai tentar me convencer de que tudo não passou de um engano. Que esse *nerd* filho de uma puta não estava te beijando? – gritou fazendo-me estremecer.

– Ele estava me beijando – pensei que conseguiria amenizar a situação se encarasse os fatos de frente, mas a fúria de Alex apenas aumentou. Mais uma vez ele agarrou Henrique pela camisa fazendo-me ficar entre eles para conseguir separá-los.

– Sai do caminho, Charlotte – ameaçou sem se importar com a pequena plateia.

– Professor Frankli, eu não estou entendendo – Henrique, coitado, estava tão assustado que parecia querer chorar.

– Não está entendendo o quê, seu filho de uma puta?

– Alex, não...

– Então eu vou acabar com você para que aprenda a não sair por aí beijando a mulher dos outros – ele realmente socaria Henrique, graças a Deus Johnny conseguiu segurar sua mão a tempo.

– Vamos acalmar os ânimos por aqui – ele afastou Alex conseguindo o seu objetivo com alguma dificuldade.

– Eu vou matar este babaca – Alex rosnou, mas se deixou levar.

– Ninguém vai matar ninguém hoje, professor – Johnny enfatizou o “professor” para que Alex entendesse a situação.

Meu noivo se soltou e, com passos rápidos, afastou-se para que toda aquela loucura não provocasse danos maiores.

– Charlotte – Henrique me chamou e Alex me olhou reprovando.

– Desculpe, Henrique!

Caminhei até o meu noivo, sentindo todo o peso da sua acusação em cima de mim. Eu não tinha culpa, mas Alex não sabia disso e até conseguir dissipar toda aquela raiva e fazê-lo entender como tudo aconteceu, eu teria muito trabalho.

– Entre no carro.

O tom baixo, ameaçador e completamente raivoso deixava claro que não seria fácil. Mesmo assim,

obedeci. O que mais eu poderia fazer? Precisava explicar a Alex o que realmente aconteceu, e, para tanto, eu teria que primeiro vencer a tempestade.

CAPÍTULO 29

“O amor é suspiros e lágrimas... fé e fervidão... fantasia, paixões e desejos; adoração, aceitação e reverência; pureza, aflição e obediência.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Eu não conseguia pensar em mais nada. O simples ato de dirigir estava no automático, e eu nem fazia ideia de para onde estávamos indo. Tantas coisas se passavam em minha cabeça, a porra da despedida de solteira, o filho da... aquela merda de beijo que eu tive o desprazer de presenciar. Uma veia pulsava em minha cabeça fazendo tudo doer.

Mesmo assim minhas mãos estavam fixas no volante e meu pé se afundava cada vez mais no acelerador. Aquela menina, a maldita garota que fez meu mundo virar uma loucura, permanecia calada. Eu podia sentir seus olhos em mim, pelo canto dos meus podia ver suas mãos presas ao banco, o medo da velocidade e do que eu poderia fazer com nós dois.

E eu poderia matá-la. Sim, eu poderia matar Charlotte Middleton. Poderia enforcá-la até que não restasse nem mais um pingo de vida em seu corpo. A mínima ideia me deixava alarmado. A maldita tinha me dominado a tal ponto que eu não conseguia conceber uma vida sem olhá-la, sem senti-la, sem tocá-la.

Porra!

– Alex?

– Fique calada, Charlotte, pelo amor de Deus!

Eu não queria a sua voz de sereia me cercando, dominando meus pensamentos e atitudes. Eu queria a raiva que estava sentindo para poder extravasá-la quando chegasse a hora.

– Mas, Alex...

– Porra, Charlotte, fique calada!

Tinha certeza de que minhas palavras a assustariam. Que meu tom de voz conseguiria feri-la tanto quanto aquele beijo dos infernos havia me ferido.

– Mas...

Freei o carro imediatamente me dando conta da distância que tínhamos percorrido. A estrada vazia me favoreceu, já que uma parada tão brusca resultaria em um desastre. Charlotte gritou e segurou no painel com força. Sua respiração acelerada chegou aos meus ouvidos.

– Você quer falar? Então comece me explicando o motivo de ter beijado aquele garoto.

– Eu não beijei o Henrique, ele me beijou – o olhar que lancei a ela deixava claro que não funcionaria. – Alex, o Henrique não sabia que nós dois estávamos juntos.

– E por isso você o beijou.

– Não!

– Meu Deus, Charlotte! Tem ideia da vontade que eu estou de te matar?

– Vou fingir que não ouvi isso

– Pois não deveria – Charlotte se remexeu inconformada.

– Não vou deixar que me intimide com ameaças, Alex. Eu entendo a sua raiva, entendo a sua dúvida, aconteceria o mesmo se fosse eu a encontrá-lo beijando outra mulher.

– Não tente me dizer que não é o que eu estou pensando.

– Mas não é o que você está pensando. Lembra no seu aniversário quando eu cheguei e encontrei Tiffany saindo da sua casa? Eu vi quando ela te beijou, lembra disso?

Recuei. Eu lembrava daquele inferno que passei para tentar convencê-la de que não foi nada do que ela tinha visto. Pelo menos não para mim.

– Henrique sempre demonstrou interesse por mim, e você sabe. Porém eu nunca dei esperanças, nunca alimentei nenhum sentimento. Foi inesperado. Ele surgiu e me acompanhou, como sempre fez, e quando eu comecei a me esquivar, justamente para evitar este encontro, ele me agarrou.

– E você retribuiu.

– Não! Eu jamais beijaria o Henrique – estreitei os olhos para aquela afirmação. – Jamais beijaria qualquer outro homem, satisfeito? Se você não estivesse tão furioso, teria visto que eu tentava impedi-lo. Eu estava empurrando ele.

– Merda, Charlotte! – joguei a cabeça para trás, fechei os olhos e cobri o rosto com as mãos. – Eu vi – comecei com raiva. – A língua daquele desgraçado na sua boca – era impossível falar sobre o assunto sem parecer uma fera.

– Deus! – ela suspirou se encostando também e deixando as mãos sobre o colo. – O que eu posso te dizer?

– Quanto mais tenta dizer alguma coisa, mais aumenta a minha raiva – revelei cansado demais para continuar brigando.

– E o que quer que eu faça? Eu não tive como evitar, fui pega de surpresa, não esperava que o Henrique tivesse tamanha ousadia...

– Você sempre arranja um jeito de foder com a minha cabeça.

Charlotte arfou. Ela não esperava que a minha fúria fosse capaz de atingi-la tão profundamente. Para mim era inevitável. Foram tantos problemas, tantos medos, tantas dúvidas, que me controlar estava fora de cogitação. Eu estava ofendido, magoado, humilhado, mesmo sabendo, lá no fundo, que ela não tinha beijado o Henrique. Pelo menos não de livre e espontânea vontade.

O que eu esperava menos ainda foi a reação dela. De olhos fechados não vi quando Charlotte abriu a porta do carro e saiu.

– Charlotte?

Ela caminhou pela estrada vazia, sem olhar para trás. Os passos decididos revelavam que eu tinha ido longe demais e que ela não voltaria a entrar no carro. Eu não poderia deixá-la ali sozinha. Estávamos longe demais de casa e a probabilidade de Charlotte arrumar mais problemas chegava a ser maior do que a de qualquer outro ser humano na face da Terra.

Liguei o carro manobrando para tirá-lo do meio da estrada. Ela continuou andando, sem se dar ao trabalho de olhar para trás. Desci e corri até ela.

– Quer parar de me causar mais problemas? – gritei antes de alcançá-la. – Entre no carro, Charlotte!

– Graças a Deus você percebeu a tempo – ela riu sem vontade. A voz esganiçada de quem segurava o choro. – Não vamos precisar de todo o processo cansativo e desgastante do divórcio.

– Do que você está falando?

– Não quero mais foder a sua cabeça, Alex. Foi um erro! Já passamos por isso antes, então já sabemos que não vai funcionar.

– Você arruma o problema e agora quer se fazer de vítima? – estourei.

– Eu não arrumei um problema, aquele imbecil me agarrou e me beijou. Se você não quer entender

isso, não é mais problema meu. Aprenda a conviver com a ideia.

Porra! Por que ela tinha que ser tão cabeça-dura?

– Eu estou puto da vida, Charlotte! Você nem imagina o que é descobrir por um amigo que você concordou com uma despedida de solteira em uma casa onde homens tiram a roupa e depois, quando chega para tentar conversar sobre o assunto, encontrar a noiva beijando outro cara.

– Eu passei por isso, esqueceu?

– Não. Como também não esqueci o quanto você me massacrou aquela noite. Nem o quanto me cobrou no dia seguinte. Não foi fácil para você, então não é fácil para mim também.

– Pelo visto você resolveu se vingar me ofendendo. Deixando claro o quanto eu sou ruim para você. Olha, Alex, ainda dá tempo. Vamos terminar tudo por aqui. Você com certeza vai encontrar alguma mulher que não lhe cause problemas. Que não precise te tirar do trabalho no meio do expediente, para provocá-lo beijando um colega que ela já poderia ter beijado há muito tempo, mas que nunca teve vontade de fazer.

– Você está louca? Nós vamos nos casar em oito dias.

– Já vi casamentos acabarem no altar – ela me deu as costas e continuou andando. Senti uma fúria capaz de destruir o mundo. Segurei Charlotte pelo braço disposto a fazê-la engolir cada palavra.

– Eu não sou um idiota, Charlotte Middleton, para aceitar que você termine comigo quando o erro é todo seu e depois me dê as costas como se a nossa história não tivesse valor nenhum.

– Pelo visto não tem, já que você está se agarrando ao que não foi verdade para justificar toda a sua raiva.

– Porque você está sempre arrumando uma forma de me enlouquecer! – gritei. Charlotte se debateu para se livrar de minhas mãos.

– Vá se foder, Alex Frankli!

– O quê?

O que aquela fedelha estava me dizendo? Como ela podia agir de forma tão infantil, tão desrespeitosa? Como ela podia falar daquela maneira comigo?

– Vá. Se. Foder! – repetiu com raiva.

– Eu vou te mostrar o que acontece com garotinhas da boca suja, como você – meus dedos se fecharam em seus braços com mais força do que pretendia.

– O que vai fazer? Vai me colocar no colo e me dar umas palmadas? – ela sorriu em desafio tomada pela mesma raiva que eu.

– Seria mais do que justo.

– E eu te jogaria na cadeia, professor – cuspiu as palavras, como se eu fosse realmente capaz de lhe fazer algum mal.

Encarei Charlotte por um tempo. O que estava acontecendo? Onde acabaríamos com aquilo tudo? Eu não fazia a menor ideia, só tinha uma certeza: havíamos passado de todos os limites.

Com este pensamento larguei os braços de Charlotte, que imediatamente deixou as lágrimas caírem. Ela as enxugou com raiva, provavelmente se recriminando por chorar. Afastei-me o suficiente para me conter. Não valia a pena continuar brigando.

– Vou levá-la para casa.

– Não preciso de você – dei um passo em sua direção e ela recuou assustada.

– Não me provoque mais, Charlotte, ou eu juro por tudo que é sagrado que vou preferir passar alguns dias na cadeia, pois vou te amarrar e jogar na mala, mas vou te entregar a seu pai, seja esta a sua vontade ou não.

– Você não faria isso – e havia mais medo do que desafio em sua voz.

– Tente me dar as costas novamente – ameacei.

Ela me olhou com raiva e, de queixo em pé, caminhou até o carro. Não me dei ao trabalho de ser educado, abrindo a porta para que ela pudesse entrar. Não. A minha raiva ainda estava forte, então apenas parei aguardando que ela entrasse e, assim que o fez, entrei e dei partida.

Nada mais conversamos.

CHARLOTTE

Alex não voltou a falar comigo durante o caminho de casa. Nem para me comunicar se havíamos realmente terminado ou não. Ficou tudo suspenso no ar. E já fazia mais de vinte e quatro horas desde que tudo aconteceu.

Nenhuma mensagem, nenhuma ligação, nenhum recado enviado pela irmã. Nada. Ele simplesmente desapareceu.

Eu sei que não era o melhor momento para ser orgulhosa, mas eu fui. Passei cada segundo conferindo o celular para saber se ele se redimiria e sofri amargamente todas as vezes que confirmei a sua indiferença.

Não tive coragem de comentar com ninguém sobre o ocorrido. Lógico que Johnny contou a Miranda sobre a briga e eu menti que estava tudo bem. Eu simplesmente não queria admitir que acabou, que Alex aceitou a minha ideia de que era melhor terminar antes de casar, assim teríamos menos trabalho.

Então menti. Menti para não precisar passar pela prova do vestido e encarar Lana, usei como justificativa a cólica, que nem existia mais. Menti para não precisar encontrar Dana na escolha dos doces que seriam servidos, incumbi minha mãe desta missão. Menti para Miranda, fingindo estar em um surto literário, o que me mantinha a maior parte do tempo trancada no quarto. E menti para meu pai, mas deste eu fugi o máximo que pude, pois bastaria me olhar para saber que não estava tudo bem.

Foi no fim do dia que chegou a mensagem. No primeiro instante, não acreditei. A mensagem dizia: “Precisamos conversar. Desça, estou te aguardando no fim da rua”. Meu coração acelerou e meu olhos ficaram úmidos. Alex tinha finalmente rompido com aquela distância. Logo em seguida, meu cérebro me mostrou que não estava tudo bem.

Primeiro: a mensagem era um convite para conversarmos, o que não queria dizer que ele estava disposto a esquecer aquela briga terrível e dar continuidade ao nosso relacionamento. Lógico que eu não esperava que ele chegasse todo amoroso, com saudade e disposto a esquecer, porém, pensar que a conversa poderia ser um ponto final me deixou arrasada.

Segundo: ele não foi até o meu apartamento, o que demonstrava que não queria encontrar meus pais nem meus amigos. Ele me esperava no fim da rua, um lugar onde poderia me dizer o que pensava e ir embora sem precisar se justificar com ninguém.

Era o fim.

Merda!

Sentei em minha cama sentindo o corpo todo tremer. Realmente havíamos passado do limite com aquela briga. Onde eu estava com a cabeça? Por que não fiquei calada e apenas tentei explicar que foi tudo um mal-entendido? Por que eu tinha que desafiá-lo e levá-lo ao limite?

Não me controlei e chorei. Era melhor que eu chorasse no quarto do que na frente dele. Pelo menos eu teria um pouco de dignidade naquele fim de relacionamento.

Troquei de roupa, lavei o rosto, constatando a vermelhidão na ponta do nariz e nos olhos, preferi deixar os cabelos soltos, assim disfarçaria a minha cara de choro, peguei o celular, a chave de casa e saí tão silenciosamente que ninguém notou.

– Boa tarde, Srta. Charlotte – Vitor me abordou na entrada do prédio. – Quer que mande buscar o seu carro?

– Boa tarde, Vitor. Não. Meu carro está na oficina – ele fez uma cara de quem lamentava.

– Deseja um táxi?

– Não. Eu vou caminhar um pouco – ele me avaliou, certo de que algo estava errado.

– Não é perigoso, senhorita? O Rio anda impraticável ultimamente.

– Não vou muito longe. Pode ficar tranquilo. Obrigada!

Desci a rua sentindo que a cada passo eu ficava mais covarde. Não estava pronta para aquela conversa e não queria chorar na frente de Alex, como se ele fosse o responsável pelo nosso fracasso.

O carro dele estava estacionado logo depois do semáforo, quase virando a outra rua. Alex estava do lado de fora, com roupas de trabalho. Mantinha o paletó e a gravata, o que me deixava ainda mais apreensiva. Não seria uma conversa demorada.

Assim que me viu, afastou-se do carro e tirou as mãos dos bolsos. Os óculos escuros me impediam de saber como ele reagia à minha presença, o que me colocava na defensiva. Desacelerei meus passos

pensando se não seria melhor correr e voltar para casa. Droga! Eu não queria que acabasse.

– Oi! – ele disse educadamente. Tive que pigarrear para conseguir fazer a voz sair.

– Oi – não consegui colocar nenhuma emoção na voz.

Ele ficou calado e parecia estar me avaliando, o que era impossível de confirmar com aqueles óculos escuros. Abaixei a cabeça e aguardei pelo que viria.

– Desculpe demorar tanto para te procurar – ele se encostou outra vez no carro e voltou a colocar as mãos nos bolsos. – Lana me disse que você não estava cumprindo seus compromissos, que alegou não estar se sentindo bem.

Mordi o lábio sem saber o que responder. O que eu poderia dizer? Que deixei as pessoas acreditarem que o casamento aconteceria? Que eu não tinha pensado bem quando sugeri o fim do relacionamento?

– Ainda com cólica? – neguei com a cabeça e ele umedeceu o lábio inferior. Nossa! Por que eu conseguia pensar naqueles lábios quando o cara estava ali pronto para me dar um fora? – Você está bem? – outra vez não soube como responder, então dei de ombros.

Alex passou a mão pelos cabelos, retirou os óculos escuros e me encarou. Acanhada e perdida sobre o que dizer ou fazer, arrumei meus óculos e depois alisei meu cabelo colocando todo o volume sobre um ombro.

– Está legal, Charlotte! Vamos ter esta conversa logo de uma vez – puxou o ar com força ao mesmo passo que eu sentia as lágrimas se formarem. Merda! Eu não queria chorar! – Você tem alguma coisa para me dizer?

Durante um segundo nossos olhos se encontraram. Alex estava ansioso, como se estar ali comigo fosse um sacrifício. Meu coração afundou imediatamente e, sem conseguir me controlar, chorei. E me odiei por chorar.

– Deus, Charlotte!

Ele disse desarmado e me puxou para os seus braços. Não consegui abraçá-lo. Não consegui falar, nem fazer nada. Apenas chorei toda a tristeza e angústia que aquelas horas de apreensão tinham me custado. Eu apenas chorei.

Seus dedos adentraram meus cabelos, acariciando meu couro cabeludo. Chorei ainda mais e já não sabia mais o motivo do meu choro. Eram tantos!

– Ei, calma! – ele sussurrou, as palavras se perdendo no barulho do trânsito.

– Eu não beijei o Henrique – eu me vi falando, a voz fanhosa, o nariz entupido e as lágrimas me sufocando. – Não beijei – minhas mãos se fecharam com força na camisa dele.

– Tudo bem, Charlotte – ele disse com cuidado.

– Não! Não está tudo bem! Você pensou que eu estava beijando o idiota do Henrique e simplesmente falou um monte de merda. Eu também falei, porque estava com raiva e magoada, mas eu não queria... eu não queria que chegasse a este ponto.

– Eu sei – Alex continuava calmo, seus dedos massageando minha cabeça e a voz cheia de resignação.

– E agora eu estou perdendo você e não sei o que fazer, porque também falei tanta merda que você tem todo o direito de ir embora – ele riu baixinho e me abraçou com força.

– Senti falta desta sua mente confusa – brincou levantando meu rosto para me olhar. – Senti falta de você.

Deus! E quanta falta eu senti dele! Aqueles olhos intensos me deixaram rendida. Alex retirou meus óculos e limpou minhas lágrimas com devoção.

– Me perdoe por ontem – ele falou com um sorriso sem graça. – Eu não sei o que me deu. Eu fiquei tão puto que... – respirou fundo e acariciou meu rosto. – Perco a cabeça com você, Charlotte. Senti tanto ódio quando vi aquele... *nerd* te beijando.

– Você não deveria falar dos *nerds* com tanto desprezo – funguei sem nenhuma educação. – Eles estão na moda.

– Ah, cala a boca, Charlotte! – rosnou com raiva e me puxou em direção aos seus lábios.

Havia muito naquele beijo. Saudade, amor, raiva, posse, mágoa... O salgado das lágrimas se misturava com o doce dos nossos lábios. Minha mão se afundou em seus cabelos, fechando os dedos na textura macia dos seus fios prendendo sua boca na minha para recepcionar a sua língua. A outra acariciou seu peitoral, apossando-se daquele corpo que era só meu. Nossos corpos se colaram instintivamente, o

fogo percorrendo cada centímetro nosso.

Alex gemeu espalmando suas mãos em minhas costas e me puxando pela cintura, para que não restasse mais nenhum espaço entre nós dois. Senti suas palmas quentes escorrendo pelas laterais do meu corpo, alcançando a barra do meu vestido e se aventurando em minhas coxas. Outro gemido dele e eu sabia que a umidade no centro entre as minhas pernas não era apenas pelo meu período menstrual.

– Que saudade de você!

Ronronou em meus lábios, escorrendo-os pelo meu rosto até alcançar meu pescoço. As mãos subiram outra vez para a minha cintura e o tecido fino do vestido me permitia sentir o seu calor.

– Prometa que não vamos mais brigar – implorei e ele riu.

– No que se refere a você, Charlotte, esta é uma missão impossível – fiz muxoxo e ele riu um pouco mais. – Eu não quero brigar. Não sou de brigas, mas você realmente parece ter alguma coisa que ativa isso em mim.

– O que não é nada bom – resmunguei. Não era um elogio saber que ele ficava com tanta raiva a ponto de agir de forma tão irracional.

– Vai ficar tudo bem – ele ficou sério, como se minhas palavras o levassem a entender o quão ruim era aquela situação. – Nós vamos encontrar um equilíbrio – encostei em seu peito, deixando-o me abraçar.

– Ainda está menstruada? – fiz que sim com a cabeça, sem coragem para encará-lo. Eu não devia, mas fiquei envergonhada. Alex estalou a língua e me prendeu em seus braços com força.

– Então vamos subir e jantar.

– Hum!

– Eu também, amor – ri sentindo meu mundo voltar ao eixo.

ALEX

E mais uma vez Charlotte Middleton conseguiu me desarmar.

Eu fiquei tão rendido que, em pouco tempo, toda a mágoa e tristeza desapareceram, dando lugar à saudade miserável que eu sentia dela. E como eu senti!

Estacionei na vaga livre do seu apartamento, já que seu carro estava na oficina, e subimos como um casal apaixonado. Mais até do que isso. Eu estava ávido por aquela menina.

– Para, Alex! As câmeras – ela me alertou quando, embalado pelo beijo, subi minhas mãos em suas coxas roliças.

– Vamos alegrar a noite do pessoal – provoquei aprofundando o nosso beijo, só não me atrevi a continuar com a mão boba. Charlotte riu, corando significativamente.

– Seu bobo!

– É o que você faz de mim – ela passou as mãos em meus cabelos, uma segurou a franja que já descia atrapalhando a minha visão, e a outra parou em meu pescoço. Charlotte me olhou com um amor profundo e sólido.

– Amo seus olhos –encarou-me. – São lindos!

Fiquei sem palavras para aquela demonstração tão clara de amor. Meus olhos chamavam atenção, e eu não era mais nenhum menino para fingir não saber disso, no entanto havia algo a mais na forma como Charlotte falou, como se ela me venerasse.

O tempo inteiro acreditei que aquele amor velado, aquela devoção, pertencia apenas a mim. Que eu lhe tinha uma adoração que me faria permanecer a seu lado independentemente dos pecados que aquela menina fosse capaz de cometer. E então ela estava ali, olhando-me com simplicidade, com carinho, e com um amor tão puro que me impediu de articular qualquer palavra.

A porta do elevador abriu e nossa bolha foi rompida.

– Eu amo você, menina – sussurrei beijando mais uma vez seus lábios. – Vamos!

Assim que entramos, demos de cara com Peter e Mary na sala. Eles estavam sentados, uma música

romântica tocava ao fundo, e, pela posição que estavam, percebi que ali estava um casal de apaixonados.

Olhei para Charlotte ciente de que aquela era a forma como as pessoas nos viam, e sorri.

– Alex! Charlotte, não a vi saindo – Peter se levantou para apertar a minha mão.

– Mary – beijei a mão da minha futura sogra.

– Fui buscar Alex lá embaixo – Charlotte respondeu baixinho, mantendo os olhos baixos.

– Esteve chorando? – Peter se aproximou levantando o rosto da filha. – Sim, você estava chorando.

O que houve? – a pergunta foi feita diretamente para mim.

– Eu não estava...

– Ela estava chorando, sim – interrompi Charlotte antes que ela inventasse uma mentira absurda.

Qualquer idiota saberia que aquele nariz e olhos vermelhos não poderiam ser por outro motivo.

– Filha, o que houve? – Charlotte me olhou receosa do que poderia contar.

– Eu estive muito ocupado ontem e hoje e Charlotte pensou que eu estava desistindo do casamento

– abracei minha noiva, rindo e beijando o alto da sua cabeça. Senti seus dedos se fechando em meus braços.

– Que bobagem – Peter riu afagando as costas da filha.

– Foi o que eu disse a ela.

– Oh, filha! Por que não me procurou? Eu conseguiria tirar esta ideia da sua cabeça em dois tempos

– Mary brincou mimando Charlotte.

– E eu mandaria quebrar as duas pernas dele – minha noiva encarou o pai, surpresa com aquela

afirmação. – Caso ele realmente tivesse desistido, claro!

– Pai! – Peter riu e me deu um tapinha no braço.

– Vai ficar para o jantar?

– Vou sim.

– Eu vou avisar a Odete que temos mais um à mesa – Mary se levantou, e, como a incrível dama

que era, assumiu as tarefas da sua casa.

– O que quer beber? Vinho, uísque...

– Nada. Trabalhei muito, estou casado, misturar bebida e desgaste não vai me ajudar a chegar em

casa.

– Você está certo. Por falar em trabalho... tenho algumas coisas para resolver. Vólto logo.

Peter saiu e a porta da casa se abriu, revelando uma Miranda desconfiada. Ela tentou ser silenciosa, e, assim que percebeu a nossa presença, ficou tão sem graça que me fez estranhar.

– Ah... oi!

– Você saiu? Que horas que eu não vi? – Charlotte a acusou sem nenhum receio.

– Eu fui dar uma volta, tomar uma água de coco em Copacabana – e era claro que ela mentia, mas por quê?

– Sozinha? – Charlotte continuou. Ela também desconfiava.

– Sim!

A resposta chegou alta demais e rápida demais, o que só me fez ter certeza de que Miranda estava mentindo. O que ela estava aprontando?

– Vou tomar um banho e já desço para o jantar.

– Você parece limpa demais para quem estava caminhando em Copacabana. E com esses saltos?

– Charlotte!

Apertei a cintura da minha noiva. Um pedido de trégua, pelo menos enquanto eu estivesse por ali. Era nítido que Miranda não queria que eu soubesse o que ela estava aprontando, e eu também não queria participar de nada a respeito daquela garota.

– Eu estava em um bar... climatizado. Vou tomar banho, com licença.

Miranda subiu rapidamente as escadas e Charlotte se afastou de mim enquanto analisava a amiga.

– Não é estranho?

– Não.

– Claro que é estranho – ela começou, mas eu não queria entrar naquela conversa.

– Eu queria conversar sobre outro assunto com você – segurei a mão da minha noiva e a levei até o sofá.

– O que eu fiz desta vez? – Ri.

– Nada. Você ainda não fez nada.

– Ainda?

– Exatamente – ela mordeu o lábio, apreensiva. – Eu não quero ter que dizer a Lana que não estou de acordo com o clube das mulheres – fui direto ao assunto.

– Ah!

– Também não quero te forçar a nada. A ideia de uma despedida de solteira não me deixa confortável. A imagem do Henrique te beijando ainda é um pesadelo para mim, então não quero ter que povoar minha mente com outros rostos.

– Mas Lana estará lá.

Sim, e ela não acharia ruim a minha noiva colocar dinheiro na cueca de um monte de marmanjos, depois de eles terem se esfregado nelas e rebolado seus... acessórios, na sua frente.

– Eu disse a João que não queria uma despedida de solteiro. No máximo beber um pouco com ele e o Paty, quem sabe o Johnny, mas nada de mulheres, dançarinas, prostitutas... – deixei a sugestão no ar e vi o rosto de Charlotte mudar de tom.

– Ele quer contratar dançarinas? Prostitutas? – concordei sem nada dizer e suas feições endureceram. – Lana, sabe disso?

– Bom... para todo caso eu estarei lá, e o Patrício também.

– E você quer isso? – Charlotte levantou o queixo em desafio. Sorri acariciando seu rosto.

– Não. Prefiro ficar com você – beijei seu rosto. – Mas se você vai sair para se divertir com as meninas, que mal há em eu aceitar a oferta do meu amigo?

– Ai! – Charlotte acertou um tapa em meu braço. Ri da sua cara de brava. – O que foi que conversamos sobre equilíbrio, menina? Você não pode me bater todas as vezes que ficar nervosa – provoquei e recebi outro tapa no braço.

– Eu vou contar a Lana sobre a brilhante ideia do João Pedro. Quero só ver a cara dele depois que ela pegar ele de jeito.

– Ele sabe dos planos dela, então eu acredito que ela também saiba dos dele. Quer dizer... talvez não exatamente de tudo o que ele planeja para a nossa noite – recebi outro tapa.

– Não terá “nossa noite”, Alex Frankli – ameaçou e eu a agarrei com força fazendo-a sentar em meu

colo.

– Pare de me bater, menina levada – acertei um tapa em sua bunda e Charlotte soltou um gritinho.

– Alex!

– Se bater outra vez vai levar um bem mais forte – passei minha mão por dentro do vestido e acariciei o local do tapa.

– Puta merda! – Charlotte gemeu baixinho e fechou os olhos.

– Vem cá!

Colei nossos lábios em um beijo cheio de luxúria. Eu queria muito mais do que alisar aquela bunda deliciosa, ou senti-la sentada sobre o meu pau duro e ter ciência de que apenas alguns pedaços de pano nos separavam. Porra, depois de uma briga como a nossa, de horas infernais em que eu questionei tudo o que vivi até ali, meu único desejo era me afundar em sua bocetinha até ela gritar meu nome. Mostrando para o mundo a quem pertencia.

Porra, era isso o que eu queria!

Charlotte lentamente rebolou em meu colo, sentindo e testando a minha ereção. Apertei sua bunda com força, fazendo-a parar.

– Se continuar rebolando assim, vamos ter um sério problema em explicar a Peter a imensa mancha em minha calça – seu sorrisinho infantil e inocente era apenas mais um estímulo.

– Mais um dia e essa tortura acaba – sussurrou saindo do meu colo.

– Coloca tortura nisso – reclamei, sentindo o aperto em minha virilha.

– Vou conversar com Lana. Acho que não precisamos de uma despedida de solteira.

– Boa menina – acariciei seu rosto e arrumei seu cabelo atrás da orelha.

– Você também não vai ter uma despedida de solteiro – desafiou-me.

– Vou ter sim, senhora – provoquei. Charlotte levantou a mão para me acertar um tapa, mas desistiu com um sorriso travesso. – Eu estava ansioso por este tapa, Charlotte.

– Eu sei, por isso vou guardá-lo para outro momento – piscou, fazendo uma parte de mim corresponder diretamente. Era realmente uma grande tortura. – Então... nada de despedida de solteiro, professor Frankli.

– Eu vou ter uma memorável – ela me olhou com indignação. – Com você – beijei seu pescoço. –

Nossa última trepada de solteiros – sussurrei em seus lábios, deixando uma Charlotte deliciosamente desarmada.

CAPÍTULO 30

“Os botões fragrantes às vezes dão abrigo a lagartas; o amor devorador, de igual maneira, demora nos espíritos sublimes.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Faltavam cinco dias para o casamento e não havia mais nada que eu tivesse que fazer que não fosse experimentar o vestido dois dias antes, quando finalmente partiríamos para o rancho.

Alex havia prometido que teríamos a nossa despedida de solteiro, porém não marcou nada, nem deu a entender que aconteceria em breve, e nós tínhamos somente cinco dias para ter nossa última trepada de solteiros.

Lana não gostou muito da ideia de desistirmos do clube das mulheres, mas aceitou cancelar o evento tão logo soube que João Pedro pretendia dar alguns “presentes” a Alex. Canceladas as duas despedidas, minha futura cunhada marcou um jantar em sua casa, uma coisa íntima, para poucos, para “celebrarmos o amor”. Eu sabia que Johnny e Miranda foram convidados, com um acréscimo de qualquer garota que meu amigo quisesse levar e que, com certeza, Patrício estaria presente, e quem mais? Seria uma situação um pouco constrangedora.

Miranda se recusou a aceitar a carona do Alex, preferindo a do Johnny e de quem quer que fosse a sua acompanhante. Se é que ele teria a cara de pau de levar alguém. Alex me pegou antes do horário combinado, alegando que o meu endereço primeiro e depois a sua casa ajudaria a evitar um trânsito infernal.

Imaginei que ali começaria a nossa despedida. Eu me enganei.

– Vamos nos atrasar – resmungou ainda com as mãos dentro do meu vestido, acariciando minha bunda e confirmando a ausência de um absorvente. Seus lábios não deixavam meu colo, demorando-se em meu decote. – Você está tão cheirosa!

– Gostou? – eu estava tão quente que parecia estar com febre.

– Muito! Ficou ótimo em sua pele – levantou o rosto beijando meus lábios de leve.

– Em toda a sua extensão – sussurrei provocando-o.

– É? – Alex entendeu o meu recado. – Acho que vou precisar conferir de perto.

– Estou à sua inteira disposição.

– Charlotte! Eles estão nos esperando – mas ele não deixava de me alisar e beijar... que inferno!

– Você está me agarrando desde a hora em que saiu do banho, professor – passei minha mão em sua bunda e Alex riu.

– Eu mandei você me esperar lá embaixo, aluna. E esse vestido é provocante demais. Nunca mais deite em minha cama usando-o – mordeu meu pescoço.

– Então devo tirá-lo? – Alex gemeu, esfregando-se em mim e me deixando sentir a sua ereção.

– Não. Eu quero você com ele a noite toda – e se afastou indo em direção ao *closet*.

– Nós poderíamos aproveitar... – provoquei parando na porta do *closet* para observá-lo colocar a cueca, sem conseguir esconder a ereção fabulosa.

– E nós vamos aproveitar, amor. Teremos a noite inteirinha.

– Você acha mesmo que eu vou conseguir entrar naquele apartamento, conversar animadamente com todos, enquanto não penso em outra coisa que não seja ser comida pelo meu noivo? – Alex riu. – Isso é sacanagem.

– Não. Não é. Como diz João Pedro: sacanagem são duas minhocas de pau duro – ri daquele absurdo, quebrando todo o clima entre a gente. – E sacanagem é o que eu bem sei que você quer, Charlotte.

Alex se aproximou usando apenas a camisa social preta, ainda aberta, e a cueca branca. O peitoral exposto era de dar água na boca. Ele se encaixou em mim, prendendo-me à parede e me devorou com um beijo de tirar o fôlego. Suspendeu uma coxa minha e roçou em meu sexo sem nenhuma decência. Caralho!

– Eu quero fazer muitas sacanagens com você esta noite – rosnou ao me largar e procurar pela calça jeans.

Encostei na parede resignada. Eu conhecia aquele jogo. Alex me provocaria e me deixaria até que não restasse mais nada de mim além de desejo e um tesão avassalador. Aí, sim, eu faria qualquer coisa que ele me pedisse.

E foi exatamente o que aconteceu. Durante muitos momentos, eu fui levada ao limite pelo meu noivo. Carícias infindáveis, provocações que atormentavam, uma necessidade que apenas crescia, prometendo estourar em um festival de luzes. Eu implorei, briguei, ameacei, fiz o que estava a meu

alcançe, mas Alex não cedeu, nem mesmo quando estávamos na reserva, em meio àquela escuridão da estrada e eu sugeri que ele parasse o carro.

Quando chegamos ao prédio de Lana, na Barra da Tijuca, eu já não tinha mais esperança. Qualquer coisa que fosse acontecer seria depois daquele jantar. E eu teria que sorrir, ser agradável e disfarçar a minha calcinha molhada incomodando o meu sexo.

Passamos pelo porteiro e Alex o cumprimentou, sem precisar ser anunciado. Entramos no elevador e o máximo que tive dele foram seus dedos brincando com as minhas costas, mesmo assim me senti quente outra vez. Suspirei resignada quando o elevador parou e Alex me arrastou para fora dele.

O som do apartamento nos alcançava do lado de fora. Muitas conversas, músicas e pessoas rindo. Provavelmente Lana convidou alguns amigos que eu nem fazia ideia de quem eram, o que me desanimou completamente.

– Por aqui – Alex me puxou para uma porta pesada de ferro, contendo a placa de saída de emergência e o aviso para mantê-la fechada.

– Mas... Alex... – ele colocou um dedo em meus lábios, calando-me.

– Aqui não tem câmera de segurança. Uma deliciosa falha deles.

O local estava escuro e silencioso. Era para ter medo, no entanto, involuntariamente senti meus músculos vaginais se contraírem com a expectativa. Porra, o que Alex estava fazendo comigo?

– Alex, alguém pode nos pegar aqui – mais uma vez ele me calou, desta vez com a própria boca.

Foi um beijo com direito a tudo, mãos, lábios, língua, corpo, roçadas... Alex tinha atingido o seu objetivo. Tinha me provocado e me deixado sem escapatória, atizado-me a tal ponto que meu corpo passou a agir por vontade própria. Eu precisava de alívio, precisava dele e não importava se seria naquela escada escura ou em sua cama, eu o queria.

– Vamos começar aqui a nossa despedida de solteiro, amor. Eu vou me despedir de todas as loucuras que já fiz por você e você vai se despedir do medo de arriscar – sua mão foi para o meio das minhas pernas, acariciando meu sexo molhado. Gemi sem conseguir me conter.

– Alex!

– Ah, Charlotte! Eu queria você assim. Tão ávida por meu pau que vai fazer desta a rapidinha mais

gostosa que já dei em toda a minha vida – ele sussurrava em um tom feroz, cheio de segurança e completamente excitado. – Vai ter que ser rápido, meu bem.

– Oh, Deus! Eu vou ser rápida – ele riu baixinho, afundando um dedo em mim. Mordi o lábio sufocando o gemido.

– Você vai, meu amor. Eu tenho certeza disso.

Sua mão subiu ao meu colo e puxou as alças do vestido até que meus seios estivessem de fora. Sem deixar de me masturbar com dedos hábeis, Alex apalpou e chupou meus seios com sofreguidão e eu pensei que gozaria assim, tamanha a minha necessidade.

Mas ele não queria que fosse desta forma. Alex se afastou apenas para libertar seu membro rígido, afastando as roupas minimamente e puxando a minha calcinha para o lado. Em um movimento rápido, ele se enfiou em mim, todo, de uma vez só, preenchendo-me com tanta propriedade que me fez morder o seu ombro para não gemer alto demais.

Ele também gemeu, parado dentro de mim, saboreando aqueles segundos mínimos do encontro entre as nossas carnes, recebendo o calor que emanava de mim e o envolvia totalmente. Suas mãos firmes seguraram minha bunda e levantaram minhas pernas, para que eu ficasse em sua cintura, as pernas abertas para recebê-lo sem demora.

E então Alex começou a se movimentar. Seu sexo tocava todos os meus pontos, preenchendo cada milímetro dentro de mim e me fazendo senti-lo por completo, grande, grosso e maravilhoso. Sim, aquele pênis era fabuloso, acariciando meu interior como se tivesse um mapa de cada ponto de prazer.

Ele se empurrava para o fundo, entrando e saindo em estocadas rápidas. Nossos gemidos podiam ser ouvidos, mas quem estava se importando? Eu me sentia alcançando as estrelas, recebendo-o entre as minhas pernas, sentindo os seus avanços enquanto sua boca beijava e chupava meus seios, distribuindo beijos quentes em meu torso, arrepiando toda a minha pele.

Podíamos ouvir também o som dos nossos corpos se chocando, das suas estocadas certeiras e rápidas, do meu sexo recebendo-o sem hesitar. Nossa! Eu podia ouvir o som do meu corpo correspondendo, do crepitar do fogo que se espalhava em minhas veias, do calor que corria tão rápido, acionando tudo dentro de mim e então...

– Oh, Alex!

– Assim. Assim, amor!

Sua voz urgente me levou ao delírio e eu gozei recepcionando um Alex entregue, que se espremia em mim com gemidos deliciosos, enquanto também gozava entre as minhas pernas.

Permanecemos assim, diminuindo o movimento, respirando com dificuldade, roçando um no outro de maneira a sentir cada espasmo ofertado, até que ele sentou em um degrau e me levou junto, sentada em seu colo com seu membro ainda dentro de mim.

Nossos olhos já estavam acostumados com a escuridão, então podíamos reconhecer nossos corpos, o meu parcialmente exposto, o rosto dele sustentando um sorriso sem tamanho. Nós nos encaramos e começamos a rir, beijando-nos e nos permitindo um pouco mais.

ALEX

Conseguimos sobreviver ao jantar.

Lana estava eufórica por poder reunir os amigos e havia explicado que faríamos uma cerimônia íntima, por isso preferimos nos reunir ali, como se estivéssemos celebrando o casamento.

Charlotte, apesar de não conhecer boa parte dos convidados, que eram poucos, não ficou tão retraída, como eu achei que ficaria, e, muitas vezes, participou de conversas animadas, sem precisar do apoio dos amigos, que estavam dispostos a salvá-la de qualquer situação mais embaraçosa.

Miranda e Patrício foram uma preocupação à parte. Meu irmão, às vezes, empolgava-se em uma ou outra conversa com uma de nossas amigas, aí bastava Miranda passar perto para que ele se ouriçasse e deixasse a conversa de lado. Da mesma forma acontecia com a melhor amiga da minha noiva. Miranda era uma morena bonita e ousada. Sabia o corpo que tinha e abusava dele, sem ser brega ou oferecida, pelo menos aparentemente. Muitos colegas nossos se interessaram por ela, cercando-a constantemente. Mas bastava um olhar mais duro do Paty para que ela desfizesse qualquer conversa mais animada.

Contudo, em nenhum instante, eles se aproximaram ou conversaram. Uma situação um tanto estranha, não?

No final da noite eu estava animado, ansioso para dar prosseguimento ao meu plano. Charlotte parecia cansada quando deixamos o apartamento da minha irmã, porém logo seu interesse em nossa noite se apresentou.

Estacionei o carro em minha garagem. Estava escuro, favorecendo meus planos. Charlotte pegou a bolsa e intencionou sair, lancei minha mão em sua coxa, pressionando-a com cuidado.

– Lembra quando demos uns amassos aqui no carro? – ela sorriu delicadamente, deixando o olhar cair, como sempre fazia. Deixei meus dedos vagarem adentrando suas coxas. – Lembra o quanto você queria que eu finalizasse tudo aqui mesmo.

– E você não fez – disse baixinho.

– Não. Mas posso fazer agora – afundei minha mão procurando a sua calcinha para retirá-la, e não

a encontrei. – Charlotte...

– Precisei tirá-la, Alex. Eu estava mais do que constrangida com aquela calcinha completamente molhada.

– E achou melhor tirá-la e passar a noite com este vestido curto, sem calcinha? – meu sangue começou a ferver.

– Você gozou dentro de mim, ou seja, minha calcinha ficou inutilizável.

– Porra, Charlotte! – levei a mão ao rosto controlando a minha fúria. – E eu fiquei te puxando para todos os lados. Se eu soubesse... – ela riu, fazendo-me olhá-la sem acreditar que ela estava mesmo rindo.

– Deu tudo certo, Alex – Charlotte movimentou-se e sentou-se em meu colo. – Ninguém percebeu que eu estava sem a calcinha e agora ganhamos um bônus.

– Que bônus? – ela se abaixou e sussurrou em meu ouvido.

– Não vamos ter nada entre nós.

– Você é louca, menina!

Sim, ela era louca e realmente fodia com o meu juízo, porque naquele momento eu só conseguia pensar em abrir minha calça e fazê-la gritar de prazer.

– Não faça mais isso – rosnei forçando-a a me olhar.

– Prometo. Vou andar com uma calcinha reserva na bolsa – lentamente, beijou-me com safadeza. – Agora... – começou a abrir minha camisa – ... vamos fazer amor.

Rosnei sentindo meu pau vibrar. Beijei sua boca deixando minha língua se apossar daquela menina. Puxei seu vestido para baixo, libertando seus seios maravilhosos e imediatamente brinquei com eles em minhas mãos. Charlotte gemeu e rebolou em meu pau ainda dentro da calça, deixando-se ser acariciada.

Suas mãos afastaram o tecido da minha camisa e suas unhas roçaram meu peito. Porra, eu adorava aquilo! Segurei Charlotte pela cintura, descendo uma mão até a sua bunda, subindo a saia até que estivéssemos pele com pele. Apalpei sua carne puxando-a para que roçasse com mais firmeza em meu pau. Ela atendeu ao meu desejo, rebolando mais gostoso.

Senti suas mãos afoitas descerem até meu cinto, atrapalhando-se no processo. Não seria Charlotte se fosse diferente. Decidi ajudá-la. Sabe Deus os perigos que poderiam envolver Charlotte, uma

braguilha e um pau duro.

Abri a calça deixando o trabalho mais fácil para ela. Abaixei um pouco o jeans, apenas para que a cueca aparecesse e para que tivéssemos mais liberdade de movimento. Ela acariciou meu pau enquanto eu beijava seus seios já durinhos. Eu queria que fosse uma foda rápida, aliás, era importante que fosse, afinal de contas estávamos dentro do carro, em uma área relativamente aberta, apesar de escuro, então, quanto antes terminássemos, mais seguros estaríamos.

Meu pau já estava melado, liberando um pré-goço, estimulado pela fantasia e pela delícia que era ver Charlotte parcialmente vestida, pronta para me receber, disposta a qualquer coisa para conseguir aquele orgasmo.

– Coloque-me dentro de você – pedi sem deixar de estimulá-la.

Charlotte obedeceu, segurando meu pau sem qualquer resquício de inexperiência, levantou o corpo e me posicionou em sua entrada. Depois, fechando os olhos, começou a descer. Senti a cabeça do meu pau vencendo sua carne aos poucos. Ela se agarrou a mim, deixando-me de frente para seus seios, que foram devidamente atacados.

Seu sexo quente e apertado cedia ao meu corpo duro e ansioso, enquanto ela testava, subindo e descendo, rebolando lentamente para me receber por completo. Porra, se Charlotte havia se excitado com aquela porcaria de filme pornô, ficaria deslumbrada se pudesse assistir àquela cena da forma como eu podia assistir.

Ela era tão sensual, tão entregue! Perdia completamente a decência quando eu estava dentro dela. Charlotte simplesmente se permitia e desfrutava. E foi assim que ela conseguiu me colocar completamente para dentro, com um gemido de satisfação e orgulho que quase me fez gozar.

Eu estava no ponto. Prontinho para ela. Minha noiva recomeçou as reboladas, subindo e descendo, sugando-me com sua vagina úmida, que se arrastava em minha pele me dando o máximo de prazer, mas ela ainda não estava pronta e eu não queria cometer a gafe de gozar antes dela.

Pensando em acelerar as coisas, segurei sua bunda e fiz com que Charlotte se curvasse sobre mim. Esta posição faria com que seus movimentos fossem mais curtos e a fricção do seu clitóris aceleraria o processo. O que antes eram estocadas se transformou em roçadas com pequenas e rápidas penetradas,

todas controladas por ela e completamente aprovadas por mim.

Mais uma vez nos beijamos e eu percebi que aquela posição realmente havia surtido o efeito desejado para a minha noiva, pois seus beijos se tornaram menos técnicos e ela passou a se deixar ser fodida pelos meus lábios. Eram coisas completamente diferentes. Uma coisa era beijar, juntar os lábios e deixar as línguas se encontrarem, outra era quando ela ficava tão entregue que simplesmente me sentia, seus lábios se demoravam mais nos meus, sem movimentos mecânicos, como se estivéssemos nos degustando, como se cada junção fosse a própria junção dos nossos sexos.

Os gemidos eram ainda mais intensos. Sem o medo de sermos descobertos ela se permitiu sentir, conduzindo-me, mostrando-me o que era bom e o que era maravilhoso para o seu corpo. Tal quando deixei meu dedo brincar em sua bunda. Charlotte foi acometida por um espasmo no instante em que meu dedo tocou o seu ânus.

Porra, eu confesso que fiquei por um fio! Só de imaginar tudo o que poderíamos fazer apenas com aquela possibilidade já me fazia não querer mais nada da vida. Completamente entregue, segurei Charlotte pela nuca e rocei meus dentes em seu pescoço e, sem nenhum pudor, afundei meu dedo nela.

– Alex! – ela gemeu alto e as estocadas ficaram mais intensas. Eu quase gritei de prazer, entregue, satisfeito demais para parar.

Vi Charlotte jogar a cabeça para trás e, de olhos fechados, movimentar a bunda em direção ao meu dedo, deixando-me penetrá-la e depois recuar afundando meu pau em sua outra entrada. E assim, em poucos segundos, ela gozou.

Fiz o maior esforço para assisti-la sem me libertar também, contudo perdia a batalha no último segundo, quando senti suas duas entradas se fechando em mim com espasmos de gozo. Foi demais para um pobre homem como eu.

Então gozei me afundando nela, nos dois pontos, e tendo a certeza de que não haveria jamais outra mulher para mim.

CHARLOTTE

Eu queria dormir na casa dele, mas Alex não deixou. Porém, assim como eu, meu noivo também não queria me deixar partir.

Depois de nossa peripécia no carro, entramos e fomos direto para o banho. Alex estava todo atencioso, prendeu meu cabelo, alegando ser importante para não chamar atenção de Peter. Bom, depois de tudo o que fizemos aquela noite, eu não contestaria nenhuma vírgula do que ele determinasse.

Tive meu corpo ensaboado e hidratado, mesmo sendo a porcaria do sabonete de morango e hidratante da mesma fragrância, que um dia nos levou a uma briga com um final delicioso. Rimos ao nos lembrarmos deste episódio.

– Vou comprar um com outra fragrância para você, amor – beijou meu pescoço, fechando o roupão em meu corpo.

– Não precisa, vou trazer o meu em poucos dias.

– Bem lembrado – deu-me um beijo delicado nos lábios. – Já arrumou tudo? – fiz uma careta.

– Não. Não tive tempo e nem tenho pressa – Alex suspirou, de costas para mim, enquanto colocava o seu desodorante. – Tem cheiro de homem.

– Por que será?

– Bobo!

– Linda!

Terminamos na cama. Alex disse que depois de tantas aventuras, como as que tivemos naquela noite, era imprescindível fazermos amor, lentamente, sem pressa alguma, para não esquecermos nunca o que nos unia. Eu achei que era apenas mais uma desculpa para transar comigo, mas é claro que aceitei de bom grado a sua oferta, sem nada dizer para desestimulá-lo.

Quando penso naquela noite, nós dois em sua cama, ele sobre mim, parcialmente cobertos por um fino lençol, suas entradas lentas, seus beijos carinhosos, seus toques que eram pura devoção, a forma como ele me olhava, como dizia que me amava, como me buscava e me sentia, fazendo-me senti-lo com a

mesma intensidade, eu não consigo ter outra definição de amor.

Deitada em sua cama, com ele entre as minhas pernas, o tronco suspenso não só para não me sufocar com o seu peso, como também para que ele pudesse ter uma visão melhor do que fazíamos, seus movimentos calculados, todos com a finalidade de me dar prazer e de se proporcionar prazer, um vaivém delicado, calmo e que, aos poucos e sem pressa, levou-nos ao êxtase.

Com direito a tê-lo deitado em meu busto enquanto eu acariciava seu cabelo e apenas me permitia sentir. Alex, depois de um tempo em silêncio, levantou o rosto e distribuiu beijos por minha pele, demorando longamente em meus seios. Espreguicei percebendo as consequências de noites como aquela.

– Preciso te levar para casa – sussurrou quebrando o nosso encanto.

– Eu gosto de fazer amor quando acordo – provoquei.

– Eu também – ele levantou deixando a coberta revelar seu corpo. – Mas seu pai ainda quer acreditar que a filha é virgem.

– Só se ele for muito idiota – ele riu e saiu da cama.

– Vamos. Está bem tarde e eu vou trabalhar amanhã cedo.

– Não vai surfar?

– Não. Eu ia correr, mas, pelo visto, vou mesmo é aproveitar até o último minuto para descansar – espreguiçou-se bocejando. – Vamos, Charlotte, ou seu pai manda quebrar as minhas pernas.

– Droga!

Ele me deixou em casa pouco tempo depois. Durante o trajeto senti o quanto eu estava cansada e o sono quase me pegou. Na porta, Alex me beijou delicadamente, com amor, e foi embora. Eu estava tão feliz que adormeci no mesmo instante em que deitei em minha cama.

Na manhã seguinte, acordei bem tarde e já havia uma mensagem dele me aguardando no celular. Alex me desejava bom dia e me lembrava que eu só tinha três dias para ter tudo pronto para a mudança. Olhei para o meu quarto sem ânimo para começar a arrumar nada. Bom... eu poderia fazer isso aos poucos, conforme fosse a minha adaptação, ou a minha necessidade.

Já havia passado da hora do café quando desci faminta. Minha mãe estava ao telefone e, pela conversa, percebi ser com Dana e era sobre o casamento. Fui até a cozinha, surpreendendo Odete.

– Qualquer coisa que mate a minha fome, Odete – ela fez uma bandeja com ovos, pão quentinho, suco de umbu e uma xícara de café. Vóltei à sala e comecei a devorar tudo.

Johnny chegou quando eu estava terminando de comer. Ele beijou minha mãe no rosto e sentou ao meu lado.

– Preparada?

– Não – rimos, mas eu senti o quanto a proximidade me deixava apreensiva.

– E Miranda? A maluca sumiu ontem e só enviou uma mensagem avisando que tinha conseguido uma carona.

– Miranda anda muito estranha ultimamente.

– Nem me fale – ele roubou umas migalhas do meu prato sem se dar conta do que estava fazendo. – Eu vim lhe entregar a sua carruagem. Opa! Carroça – colocou a chave do meu carro sobre a mesa. Acertei um soco em seu braço.

– Ai!

– Não fale assim do meu carro. Ele é um senhor de idade.

– É bom pensar assim mesmo. O Pedro falou que da próxima vez vai ser complicado salvá-lo. Até agora ninguém conseguiu a peça de um milhão de dólares.

– Idiota!

– É sério, Charlotte! Sem a peça não há mais nada que possa ser feito. Por que você não compra outro carro da mesma marca e pega a peça – acertei outro soco em seu braço.

– Quer deixar de ser idiota?

– Já sei. Podemos mandar roubarem um do mesmo modelo e ano, ficamos com a peça e abandonamos o carro... Não me bata. Não me bata – começou a rir quando ameacei socá-lo mais uma vez.

– Mané!

– Onde está o padrinho? – dei de ombros. – O professor João Pedro me ligou. Disse que ele e Patrício vão tomar umas na casa do Alex hoje, já que amanhã vamos todos para o rancho. Disse que Alex fez questão que eu estivesse presente, acho que é para garantir a você que não vai ter nada de mais.

- Uma reunião?
- Uma despedida, Charlotte, só que sem as mulheres.
- Acho bom mesmo que seja assim.

Ele riu e minha mãe chegou contando que as flores tinham chegado e que estariam no rancho no horário combinado. Mostrou as fotos que Dana tinha enviado e comentou sobre a felicidade de conseguir uma festa tão linda em tão pouco tempo. Ela estava mais animada do que eu.

Evitei qualquer pensamento que me levasse à pequena reunião do Alex naquela noite. No dia seguinte, partiríamos em direção ao rancho, o meu lugar naquele mundo, e eu seria inteiramente do homem com quem escolhi viver.

CAPÍTULO 31

“No entanto, para dizer a verdade, hoje em dia a razão e o amor quase não andam juntos.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Conseguir dar conta de tudo era quase impossível. A sorte era que não sairíamos em lua de mel logo em seguida, o que me daria mais alguns dias até conseguir fazer Lana caminhar sozinha como editora-chefe. Lógico que ela poderia contar comigo e eu faria questão de acompanhar tudo de perto, mas era importante deixá-la à frente, fazê-la ganhar confiança até que minha presença não fosse mais tão necessária.

Cedo recebi uma ligação do professor Carvalho, reitor da faculdade, informando que Charlotte tinha agendado um encontro e que ele precisava mesmo conversar comigo para resolvermos a questão da minha aluna. Por ora estávamos aguardando uma posição do grupo de professores que estava avaliando o material dela.

Combinamos que nos encontraríamos logo após o casamento, mas esta informação eu não forneceria à minha noiva, pelo menos não enquanto não tivesse passado boa parte dos problemas que ela estava enfrentando.

Também cedo João apareceu na minha sala me informando que, eu querendo ou não, ele e Patrício passariam em minha casa à noite para uma reunião entre amigos, regada a algumas bebidas. Eu tinha certeza de que eles aprontariam alguma coisa, então tive a genial ideia de convidar Johnny, assim Charlotte se sentiria segura e eu teria alguém que impediria aqueles dois de fazerem alguma bobagem.

No final da tarde, liguei para ela. Até então tínhamos trocado algumas mensagens, todas com brincadeiras de duplo sentido, que nos remetia à noite anterior e todas as coisas gostosas que fizemos. Charlotte sabia como entreter um homem.

- Charlotte! – minha voz saiu como um alívio em poder falar com a minha noiva.
- Professor Alex – e eu sabia muito bem o que aquela entonação significava. – Como vai?
- Ansioso... e cansado. E você?
- Ansiosa, mas não tão cansada. Lana implicou que eu precisava relaxar então hoje não tive nenhuma atividade referente ao casamento.

– E o que fez?

– Escrevi.

– Hum!

Era sempre assim, nós transávamos e ela escrevia. Realmente eu tinha acertado no diagnóstico daquela menina.

– E você? Muitos contratos novos?

– Não. Já fechamos a agenda, mas tivemos dois pedidos de material por duas editoras importantes na Alemanha.

– Uau! Deixe-me adivinhar: Tiffany – ela desdenhou o nome da autora.

– Não. Mas eu devo dizer que Tiffany já possui contrato com uma grande editora de lá.

– E bem que eles poderiam levá-la para uma longa temporada.

– Não sei por que você ainda a vê como uma ameaça, Charlotte.

– Eu também não sei. Alguma coisa me faz querer ela bem longe de nós dois – ri. Até nisso minha noiva era absurda.

– Certo, vamos esquecer Tiffany.

– Vamos esquecer Tiffany, por ora.

– Combinado – meu sorriso estava imenso. Eu adorava conversar com Charlotte e ter que lidar com toda a sua teimosia e infantilidade. – João Pedro quer passar lá em casa hoje, junto com Patrício. Eu convidei Johnny, não sei se ele já te contou.

– Ele contou que João avisou que você mandou convidar.

– Isso.

– Vai ser uma reunião entre amigos?

– Vai ser uma forma de satisfazer o ego do João Pedro.

– Sei.

Quando uma mulher diz “sei”, ela quer dizer muito mais do que isso. Juntei os pedaços: o tom irônico e desconfiado com que Charlotte estava me tratando desde o começo, o “sei” que mais parecia um “mentiroso”, e concluí que ela não estava nada satisfeita com aquela reunião.

– Você pode comparecer. Vamos ser apenas nós quatro... eu acho.

– Acha?

– Sim, provavelmente seja isso mesmo. Mas você pode ir, amor. É só aparecer.

– Em uma reunião só de rapazes?

– Garanto que com você vai ser bem mais interessante – ela riu e eu senti que havia relaxado um pouco mais.

– Não. Eu vou deixá-los com o clube do Bolinha.

– Tem certeza?

– Tenho sim. Vou ver com Miranda se ela quer assistir algum filme ou bater perna no shopping.

– Tudo bem. Vejo você amanhã?

– Eu não perco nossa ida ao rancho por nada neste mundo.

– Saudades do chalé?

– Saudades de você, eu e o chalé.

– Vou ver o que posso fazer.

– Combinado. Bom encontro, comporte-se, amo você – falou tudo de uma vez só.

– Também amo você.

Desliguei e me dediquei ao trabalho até não restar mais nada para resolver. João passou em minha sala no final da tarde. Ele queria a chave reserva da minha casa, alegando que queria deixar o barril de chope pronto para quando eu chegasse. Também disse que passaria na *delicatessen* próxima para providenciar alguns petiscos.

Só consegui sair da editora bem tarde, depois de receber muitas mensagens do Patrício e do João me perguntando se eu não apareceria. Ainda deixei alguns assuntos pendentes que eu poderia tratar no dia seguinte com Lana, lá no rancho.

Peguei o caminho livre, por causa do horário. Eu estava bastante cansado, ansioso para sentar, tomar um chope gelado e jogar conversa fora até tarde da noite. Em dois dias, eu estaria casado e feliz, sem nada nem ninguém que pudesse arrancar Charlotte dos meus braços.

Foi com este pensamento que entrei em meu condomínio e tudo o que estava em minha mente sumiu

no momento em que encostei o carro em frente à minha casa. Meu. Deus.

Aquilo não era uma simples reunião entre amigos. Aquilo era uma festa. Uma imensa festa.

Todas as luzes estavam acesas, inclusive as do jardim, que eu raramente utilizava. Os portões, a garagem e a porta de casa estavam abertos. Do lado de fora, muitas pessoas conversavam, a maioria mulheres em roupas provocantes. Do lado de dentro, com certeza, havia muito mais. Desliguei o carro sem me importar em estacioná-lo da forma correta e desci disposto a matar João Pedro.

– Alex!

Olhei para o lado e fui abraçado por uma mulher muito animada. Só quando ela me largou, eu pude identificá-la. Era Marcela, uma garota com quem eu saí algumas vezes. Ela usava um vestido justo, prata e com um decote generoso. Porra!

– Quer dizer então que o gato mais cobiçado da cidade vai se casar? Quase entrei em depressão quando o Patrício me ligou. Pelo menos teremos uma noite de despedida – e me segurou pelo pescoço colando os lábios aos meus.

Putá que pariu!

– Hum! Marcela... – afastei a garota mantendo-a longe. – Desculpe, sabe me dizer onde o João Pedro está?

– João Pedro? Seu cunhado, não é isso? Ele estava logo na entrada, mas...

– Com licença.

Saí de perto dela e limpei os lábios discretamente com a mão. Identifiquei várias garotas que conheci nas noites cariocas, além de alguns amigos do futebol, conhecidos de balada, colegas de longo tempo. Porra, Charlotte me mataria.

João estava realmente na entrada, usando roupas casuais e um colar de neon, verde limão, enquanto segurava um coquetel com direito a guarda-chuva e duas cores na bebida. Eu o pegaria pelo braço, o faria tirar todas aquelas pessoas da casa o quanto antes e depois o mataria. Ah, eu o mataria. Antes que eu pudesse alcançá-lo, Patrício apareceu com duas mulheres, uma de cada lado, abraçadas a ele, chamou-me tão alto que alertou nosso amigo.

– Alex! Finalmente apareceu a margarida. Venha, esta é Letícia e esta Lorena.

Olhei as garotas, gêmeas, lindas, seios firmes em um decote solto, barriga de fora extremamente trabalhada, pele bronzeada, saia curta e solta que dava mais o que pensar do que censurar. As duas morenas eram idênticas, maravilhosas. O que ele estava aprontando?

– Alex! – João se aproximou colocando a bebida em minha mão. – Tire este paletó, cara! Vai estragar o clima da festa. E beba.

– João, eu...

– Não vai dizer um oi para as meninas? – Patrício me interrompeu outra vez. Evitei olhar diretamente para as garotas. Era melhor prevenir do que remediar.

– Oi, meninas. Com licença! – rosnei segurando João pelo braço e levando-o para dentro.

– Ei, ei, calma aí – ele se soltou rindo para algumas garotas que estavam no corredor. – Garotas, o Alex chegou.

Os gritinhos quase me tiraram do sério. Porra, João acabaria com a minha vida.

– É melhor você conversar comigo ou vou te estrangular aqui na frente de todo mundo.

– Você está muito estressado, Alex. Por que não relaxa? – começamos a caminhar em direção à cozinha.

– O que significa isso tudo?

– A sua despedida de solteiro, cara!

– Porra, João, eu falei...

– Porque é um mariquinhas. Vai se casar em dois dias com uma garota que ainda está aprendendo o que é sexo, então precisa de algo que o faça ter paciência para aguardar até Charlotte pegar o jeito.

– Vá se foder! Não fale de Charlotte assim.

– Calma Alex! Não sabe brincar, então não desça para o play – e riui como se aquilo fosse mesmo divertido.

– Vou acabar com essa festa agora mesmo.

– Você é um maricas, Alex! – Patrício nos alcançou. – É só uma festa. Ninguém está colocando uma mulher em sua cama. Apenas relaxe e se divirta.

– Eu disse que não queria esta festa.

– São nossos amigos e eles não foram convidados para o casamento porque a sua noiva não quer estranhos na cerimônia. Como acha que eles se sentiram?

– Eu não estou vendo apenas os nossos amigos aqui, Paty.

– Paty é a puta que te pariu – revidou com raiva. – E eu não tenho culpa se você é gay e só conhece homens. Eu tenho muito mais amigas do que amigos em minha lista telefônica.

– E você deve ter bastante consciência de que Charlotte vai descobrir o que está acontecendo aqui, então Miranda também vai ter este conhecimento, não é?

Patrício recuou e João riu.

– Miranda? Mas vocês não...

– Acha mesmo que sou tão idiota assim, Patrício? Charlotte não sacou o que está acontecendo, mas eu já entendi que você voltou atrás e agora está se desdobrando para fazer Miranda te aceitar de volta.

– Isso é um assunto só meu.

– Claro. Mas pode ter certeza de que esta festa é o seu tiro de misericórdia – ele ficou sem reação por um tempo, João começou a fazer gracinhas, então ele deu de ombros.

– Que assim seja – levantou a garrafa de cerveja que segurava em um brinde e virou o conteúdo todo de uma vez, para logo em seguida dar um grito animado. – Vamos farrear que a festa é para os solteiros.

– Puta que pariu! – rosnei sem saber como desfazer toda aquela confusão.

– Alex, seu cretino – vi Roberto antes que ele acertasse um soco em meu braço. – Vai se amarrar e não contou nada para ninguém? Filho da puta! Deu sorte que fez esta festa incrível, do contrário nunca te perdoaria.

– Onde está Milena? – perguntei pela esposa dele. Eles eram recém-casados e o natural era que Roberto levasse a esposa para todos os lugares.

– Milena? Hoje a noite é dos solteiros, meu amigo.

Mais um idiota no mundo. Onde aquelas pessoas haviam deixado as suas cabeças?

– Curta, Alex – João indicou o copo em minha mão.

– Eu mandei Charlotte vir – ele arregalou os olhos e depois começou a rir.

– Vai se foder então! – e gargalhou. – Que idiota! Como pode ter sugerido que ela aparecesse? Era uma noite entre amigos.

– Porque ela ficou cismada e eu não queria problemas, agora... – olhei a festa repleta de mulheres, o som alto, corpos balançando para todos os lados, pessoas se pegando sem nenhum pudor. Era o meu fim. – Vou ligar para Charlotte e explicar esta bagunça – peguei o celular, mas ele foi retirado rapidamente das minhas mãos.

– Epa, epa, epa – João escondeu o celular atrás do corpo. – Artigo proibido nesta festa. Sinto muito, Alex, mas a regra vale para todos.

– João eu... – pensei que mataria o meu amigo quando Johnny surgiu do nada e segurou meu braço.

– Sei como é isso, Alex – ele me puxou para trás. – Também fui pego de surpresa e tive o meu celular apreendido.

– Porra, Johnny! Faça alguma coisa. Você sabe como a Charlotte é e ela não vai procurar saber o que de fato aconteceu – ele sorriu largamente. – Merda! Eu vou casar em dois dias – e quando dei por mim João já havia desaparecido com o meu celular.

– Tenha calma. Primeiro de tudo: Charlotte não vai aparecer. Eu estava com ela há pouco tempo e sei que Miranda a arrastou para o cinema e depois vão sair para jantar.

– Mesmo assim.

– Segundo: eu estou aqui e Charlotte vai levar em conta o que eu disser, pode acreditar nisso.

– E você está de acordo com tudo isso?

– Não! Quer dizer... a festa está maneira, mas você terá que ficar na linha e eu estarei aqui para garantir que seja assim – respirei fundo.

– Você nem precisava estar aqui para garantir isso. Eu não vou trair a Charlotte.

– Eu sei que não. Me dê isso aqui – ele pegou o copo da minha mão, foi até um freezer que de alguma forma João conseguiu colocar em minha cozinha e pegou uma cerveja de lá. – Beba isso. Vai garantir que esteja de pé até o final. Agora vamos relaxar e ver algumas garotas tirarem a roupa.

Sem saída, acompanhei Johnny até a sala. Aquilo estava realmente fugindo do controle. João conversava com dois amigos nossos, todos casados, mas, pelo menos, não estava com nenhuma garota, ou

eu seria forçado a realmente bater nele. Já Patrício... bom, esse já tinha tomado a sua decisão, então que continuasse se divertindo com as gêmeas.

Eu e Johnny ficamos em silêncio, bebendo nossas cervejas e observando as pessoas que pareciam enlouquecidas. Algumas situações eram tão constrangedoras que eu preferia desviar o olhar, como quando bolinhas de sabão saíram não sei de onde, aumentando o nível de empolgação dos participantes da festa e uma garota, que eu não fazia ideia de quem era, subiu na mesinha de centro, porra ela estragaria o móvel com aquele salto fino, e começou a tirar a roupa.

Foi demais para a minha cabeça.

– Deus ajude que Charlotte realmente não apareça – resmunguei e Johnny riu tirando a cerveja da minha mão e colocando outra logo em seguida.

Algumas garçonetes, vestidas apenas com biquínis quase inexistentes, diga-se de passagem, espremiavam-se entre os convidados com variados tipos de bebidas. Aquela seria a festa dos sonhos de qualquer homem, por incrível que pareça, era o meu inferno. Impossível não olhar para a bunda de algumas delas, mesmo com a minha consciência me dizendo que melhor seria se eu ficasse cego.

– Você está muito desanimado para um homem que vai casar com a mulher que ama – aquela voz me fez estremecer.

Olhei para trás e vi Tiffany. Pisquei algumas vezes sem acreditar. O que João Pedro tinha na cabeça quando convidou a Tiffany? Provavelmente estava ansioso para me jogar no inferno.

– Surpreso?

Ela estava linda, com uma maquiagem que valorizava a sua beleza, deixando-a mais sexy. Conferi o resto. Claro que eu faria isso, afinal de contas nunca fui um santo, e... Caralho! Tiffany estava com um vestido colado ao corpo, destacando todas as suas curvas. Era preto e brilhava e o cabelo loiro em um penteado mais rebelde a deixava realmente desejável.

– Estou – foi só o que consegui dizer.

– E com a minha presença?

Anita apareceu do outro lado. Pensei em correr. Sério! Se eu conseguisse sair dali correndo, talvez, muito provavelmente, conseguisse me livrar dos problemas que aquelas duas me trariam. Anita estava

mais bonita ainda, de uma maneira mais provocante do que Tiffany, que era mais clássica, menos atirada. Se eu prestasse mais atenção ao vestido dela, conseguiria constatar a ausência da calcinha.

– Com toda certeza. Nunca imaginei que João seria capaz de convidar vocês duas – e eu precisava sair dali o quanto antes.

– Ora, Alex! E quem disse que fomos convidadas? – Anita provocou. – Pelo que parece é uma festa aberta. Não tem ninguém impedindo as pessoas de entrarem.

E eu seria condenado por aquilo.

– Já que não fomos convidadas para o casamento – Tiffany sorriu sem nenhuma amargura. – Resolvemos aparecer para lhe desejar sorte.

– Charlotte preferiria morrer a ter vocês duas em nossa festa – revelei sem medo. Elas precisavam entender que não podiam agir como queriam.

– Ah, sim! Charlotte é mesmo uma menina cheia de vontades – Anita pegou minha cerveja e entornou. – Precisamos de algo mais forte – colocou a garrafa em uma bandeja que uma das garçonetes inclinou em sua direção e retirou de lá três copos de bebidas coloridas e enfeitadas.

– E Alex é o tipo de cara disposto a atender a todas as vontades da sua menininha – Tiffany continuou e aceitou a bebida que a prima lhe oferecia.

– Alex é o tipo de homem disposto a atender as necessidades de qualquer mulher – Anita brincou e me entregou um dos copos.

– Está enganada – tentei argumentar quando Tiffany me interrompeu.

– Ele está apaixonado, Anita. Agora só existe Charlotte.

– Exatamente – sem querer continuar a conversa, bebi um longo gole da bebida que elas me deram, constatando o quanto era forte. O que tinha ali, vodca, tequila, cachaça? Não consegui identificar, pois o leite condensado atrapalhava o sabor.

– Não parece. Olha só esta festa – Anita indicou a garota seminua que ainda dançava sobre a mesa de centro.

– Coisas do João Pedro.

– Você deve estar bem incomodado, não – Tiffany colocou a mão em meu ombro. Olhei para

Johnny, que acompanhava tudo afastado.

– Bastante. Por falar nisso. Vou trocar esta roupa. Aqui está quente demais. Aproveitem a festa.

Com licença.

– Pode deixar. Vamos aproveitar bastante a festa – o sorriso de Anita me fez estremecer, mas ignorei.

Saí de perto delas e, ainda bebendo aquela porcaria de coquetel, segui até as escadas, decidido a me trancar no quarto por um bom tempo. Charlotte não saía da minha cabeça, mas também toda a tentação das mulheres gostosas dispostas a tudo naquela noite. Eu era mesmo um filho da puta!

Fechei a porta, tirei a roupa e segui para o chuveiro. O coquetel me deixou um pouco mais disperso. Era muito forte e eu tinha bebido cerveja o tempo todo, então a mistura não tinha sido uma boa ideia.

Depois do banho frio, segui para o closet e assim que coloquei a cueca ouvi a porta do quarto se fechando. Estranhei, apesar de saber que uma festa tão liberal como aquela daria às pessoas o direito de acharem que poderiam usar os quartos também. Uma grande merda.

Saí do closet decidido a acabar com aquela palhaçada, mas estanquei quando vi as duas mulheres que estavam ali. Tiffany e Anita. A primeira só de calcinha e meias sete oitavos. A segunda sem nada, só com os saltos altos. Puta que pariu! Puta que pariu! Puta que pariu!

– Despedida de solteiro, Alex! – Anita anunciou. – Somos o seu presente.

Eu estava só de cueca e tenho que confessar, não foi fácil impedir meu pau de subir. Primeiro porque eu realmente gostava da ideia de duas mulheres em minha cama, apesar de ter a certeza de que nunca sugeriria a Charlotte algo como aquilo. Não, eu nunca dividiria Charlotte com mais ninguém, mesmo que fosse uma mulher. Segundo porque Anita e Tiffany eram o que existia de mais perfeito no mercado, apesar dos seios artificiais de Anita, e que agora eu podia comprovar esta verdade. Elas eram lindas e estavam dispostas a tudo aquela noite.

Fiquei surpreso em ver Tiffany topar algo daquele tipo. Ela era muito clássica, apesar de nunca se negar a nada na cama. Já Anita... eu nunca conseguiria saber o que esperar dela.

Desviei os olhos das duas pensando se deveria ou não buscar alguma roupa para vestir.

– Não sei o que vocês pretendem, mas já adianto que para evitarmos confusão...

– De que tipo de confusão está falando? – Anita se aproximou, tocando meu peito. Afastei-me imediatamente. Ela era louca. Só podia ser.

– Anita, é melhor... – dei um passo para trás quando Tiffany também se aproximou e senti a borda da cama na dobra dos meus joelhos.

– Calma, Alex! Ninguém sabe que estamos aqui. E ninguém precisa saber – disse já passando a mão em mim.

Putá merda!

– Tiffany, você sempre foi a mais sensata, então...

– Ela é a sensata e eu sou o quê? – Anita riu e me empurrou sobre a cama.

Nem tive tempo de reagir, pois as malucas subiram em mim. Tentei afastá-las, ainda abismado por tamanha ousadia e não consegui ser rápido, ou forte o suficiente para evitar que elas prendessem meus punhos com algemas na cabeceira da cama.

Era surreal demais para ser verdade. Aquilo parecia cena de um filme. Como eu não consegui impedi-las de me prender? Como deixei que elas estivessem sobre mim naquele momento, alisando meu corpo como se eu fosse um brinquedo?

– Vocês estão loucas! – gritei enfurecido. – Vou dar parte na polícia das duas, entendeu?

– Com uma festa como esta, Alex? Acha mesmo que alguém vai pensar que um homem como você foi forçado a fazer sexo com duas mulheres enlouquecidas?

– Pare com isso agora, Anita! Tiffany, por favor, pense bem no que está fazendo, pense em sua carreira.

– Ora, Alex! Se você não quisesse isso, não estaria tão animadinho – e ela segurou meu pau com vontade. Claro que ele estava duro. Que cacete de homem não ficaria de pau duro em uma situação como aquela? Mas eu não queria. Não queria e ponto final.

– Porra! – debati-me, dificultando o trabalho delas.

– Se continuar gritando, vamos te amordaçar – Anita ameaçou e Tiffany riu histericamente. Ela não estava em seu estado normal. – Feche os olhos e aproveite, Alex – passou a mão pelo meu peitoral e,

afastando Tiffany, subiu no meu corpo, rebolando em meu pau, ainda dentro da cueca e beijando meu abdome.

Eu não queria. Não queria! Só não conseguia fazer meu pau deixar de querer. Que inferno! Pensei em Charlotte, em nosso casamento, em como me sentiria um merda se alguma coisa acontecesse ali.

– Johnny! – gritei o mais alto que pude, ciente de que o som estava alto demais para que alguém me escutasse. – Seu filho da puta, onde está quando preciso de você – elas riram.

Anita levantou, sem descolar nossos sexos e rebolou para que eu pudesse ver, além de sentir, o quanto ela entendia do assunto. Porra, eu não podia deixar aquilo acontecer. Então, Tiffany se aproximou e beijou a prima. Um beijo carnal, puramente sexual, o que se comprovou quando elas começaram a se tocar.

Não, não, não!

Anita se afastou, mas Tiffany continuou tocando o corpo da prima, enquanto a maluca descia os lábios até a borda da minha cueca. Deus, por favor, não!

– Eu sempre quis saber como era você, Alex – disse ao puxar minha cueca e liberar a minha ereção.

– Anita, eu juro que te mato se...

Então a porta abriu e o que eu vi me fez desejar que o mundo explodisse.

Charlotte estava lá.

CHARLOTTE

O que eu vi estava fora de qualquer fantasia sugestionada por minha mente astuta. Eu havia passado uma noite estranha, inquieta, como se realmente estivesse avisada de alguma forma, que eu precisava estar com ele.

Tentei me entreter, no entanto Miranda estava tão introspectiva quanto eu e, em alguns momentos, perguntei-me se ela ainda sofria por Patrício, já que nunca mais tivemos tempo para uma conversa entre amigas. Jantamos como se estivéssemos pisando em ovos, com conversas que nunca nos direcionavam a Alex, Patrício, casamento ou qualquer outra coisa do tipo. Estranhamente, falávamos sobre o filme que assistiríamos, o fim da faculdade, os planos profissionais, os possíveis cursos e todas as viagens que fingíamos que ainda faríamos juntas, como se eu não estivesse prestes a me casar.

Definitivamente, foi uma noite estranha.

Provavelmente por causa disso eu não tenha conseguido me concentrar nem um segundo no filme. Estava agindo tão mecanicamente que me peguei pensando em como mesmo tínhamos chegado ali e escolhido a sessão.

Então, com a trama já avançada, Miranda, de uma forma inexplicável, virou-se para mim e disse:

– Acha mesmo que eles estão apenas conversando e tomando algumas cervejas?

No escuro do cinema, encarei minha amiga tendo consciência de cada palavra implícita naquela frase. Levei algum tempo, que eu não conseguiria nunca estimar, para tomar a decisão e responder.

– Não.

Levantamos sem precisar explicar a decisão e saímos prontas para acabar de uma vez por todas com aquelas dúvidas. Entramos no carro em silêncio e a única frase dita foi exatamente o incentivo de que eu precisava, proferida por minha amiga.

– Você é a noiva dele, tem o direito de aparecer quando e como quiser.

E por isso segui decidida até o condomínio onde Alex morava. Por alguns minutos, perguntei a mim mesma se era o certo a ser feito. Não que eu não quisesse exterminar de vez a minha insegurança e aquela

angústia que me consumia desde o momento em que meu noivo desligou o telefone.

Pensei em passar por lá para averiguar se estava tudo bem. Não precisava entrar nem deixá-lo saber da minha presença, apenas chegar perto o suficiente para me certificar de que eu era mesmo louca e infantil.

Só que eu não era nem louca, nem infantil. Eu era uma garota com sexto sentido aguçado. Tive esta certeza quando não consegui sequer estacionar próximo a casa. O som alto e as luzes chamativas chegaram até mim antes mesmo que eu conseguisse ver a frente da casa. Pessoas bebiam e conversavam no jardim, mulheres de todos os tipos, vestidas como se aquela fosse a sua única chance de conquistar um cara como Alex. E era mesmo.

“Respire, Charlotte!” Eu pensava. “Apenas respire! ”

– Que merda é essa? – Miranda esbravejou passando por mim com passos decididos e me levando para dentro pela mão.

Por um mísero segundo pensei no quanto eu estava mal vestida, com meu jeans justo e batinha de renda, enquanto as outras mulheres estavam incrivelmente bem maquiadas e com vestidos arrasadores, mas meus pensamentos se dissiparam quando vi Johnny conversando com uma ruiva de tirar o fôlego.

Ele estava todo derretido, cheio de charme para a garota, que parecia se divertir com o universitário metido a garanhão. Nós nos aproximamos dele sem que percebesse.

– Cai fora! – Miranda gritou para que não restassem dúvidas de que a garota não tinha mais nada a fazer ali.

– Ei! Charlotte! O que faz aqui? – o rosto assustado do meu amigo tirou o meu chão.

– Você sabia desta merda toda? – Miranda continuou, seus olhos percorrendo todo o espaço a nosso redor.

– Não, eu... o que vocês fazem aqui?

– Onde está Alex? – perguntei já desesperada. Johnny olhou para mim apreensivo.

– Eu acho que ele foi trocar de roupa. Charlotte, Alex não...

Dei as costas decidida a acabar de uma vez por todas com aquela agonia. Passei pela sala onde vi uma garota com os seios de fora, bêbada, dançando sobre a mesa de centro. Os saltos finos, com certeza,

estragariam o móvel. Aquilo era o mínimo que Alex merecia. Subi correndo as escadas, deparando-me com a porta do quarto fechada.

– Charlotte, espere... – Johnny estava logo atrás de mim.

– Abra logo a merda da porta – Miranda gritou praticamente me forçando a entrar.

Então eu abri, e... porra!

– Alex! – o nome dele saiu dos meus lábios sem que eu tivesse a intenção.

Perdi o meu chão, o ar, a coragem e capacidade de agir. Eu apenas fiquei ali, vendo Alex na cama com duas mulheres nuas. E eu não queria acreditar no que via. Não podia acreditar.

– O que... – Miranda entrou daquele jeito só dela. – Ah, não! – gemeu revoltada.

– Porra! – Johnny entrou logo em seguida e parou bem atrás de mim.

E eu? Bom, eu podia fazer um monte de coisas naquele momento. Eu podia gritar e me atirar contra aquele trio até que não restasse mais nada de humanidade em mim. Eu poderia enxugar as lágrimas que estavam prestes a cair e demonstrar maturidade para não sofrer por um filho da puta como Alex, ou eu podia simplesmente chorar e deixar tudo para trás.

Mas eu não consegui fazer nada. Meus olhos presos aos de Alex apenas me faziam repetir incontáveis vezes em minha mente que aquilo tudo era um pesadelo e que eu acordaria em breve, com minha vida toda nos trilhos, prestes a me casar e ser feliz. Sim, era apenas um pesadelo.

– Charlotte, não... merda! Alguém me tire daqui – Alex se debateu. Ele estava assustado demais, mas as duas mulheres...

Deus!

Eu estava tão assustada com o que vi que minha mente me traía me fazendo não reconhecer aquelas duas. Como? Por quê?

Senti o sangue fervendo, a humilhação me atingindo com um tapa forte no rosto, a raiva me consumindo mais rápido do que eu poderia imaginar. Desviei os olhos daquela cena horripilante e dei as costas para deixá-los. Alex poderia ter feito aquilo com qualquer outra mulher, nunca com aquelas duas. Nunca.

– Charlotte! – ele gritou.

– Ah, não! Você não vai sair assim – ouvi Miranda gritar e me puxar pelos braços, mantendo-me dentro do quarto. – Não antes de tirar estas duas vacas de cima do seu homem.

E minha amiga partiu para cima daquelas duas como se estivesse se atirando em uma guerra.

CAPÍTULO 32

“Contudo, o amor é cego, e os namorados nunca veem as tolices impagáveis que eles próprios praticam, porque, se vissem, até mesmo o amor ficaria enrubescido.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Eu vi tudo em câmera lenta. Charlotte indo embora, Anita sorrindo vitoriosa, Tiffany se encolhendo assustada com o flagrante, como se estivesse acordando de um transe e Miranda furiosa avançando para a cama.

Puta que pariu!

A amiga da minha noiva agarrou Anita pelos cabelos sem lhe dar chance de revidar, talvez porque Anita era segura demais para acreditar que alguém como Miranda seria capaz de fazê-la recuar, ou talvez porque estivesse tão louca que não tinha nenhuma noção do perigo.

O fato é que Miranda tirou Anita de cima de mim tão rápido que até eu fiquei atordoado. Com um movimento certo a arremessou no chão, para segurá-la em seguida pelos cabelos e por um braço até conseguir jogá-la para fora do quarto.

– Uma vadia a menos – ela gritou enquanto Charlotte, assustada, estava em um canto, assistindo tudo como se não conseguisse assimilar nada.

Tiffany estava encolhida, escondendo o corpo e com a mão estendida, como um pedido de clemência. Eu podia ver em seu rosto a vergonha sentida e o quanto ela estava confusa com aquilo tudo. Era a segunda vez que eu via Tiffany recuar como se estivesse acordando de um ataque de sonambulismo.

Miranda parou diante dela, que se abaixou buscando o lençol que estava debaixo de mim, sem conseguir sucesso. Eu estava preso, não apenas pelas algemas, mas também pelo desespero, pelas consequências que aquela merda traria para minha vida.

– Saia rastejando, sua cadela no cio – rosnou uma Miranda furiosa. Tiffany, nitidamente aterrorizada, saiu do quarto o mais rápido que pôde. – E acho bom as duas estarem bem longe daqui em alguns segundos ou não serei tão generosa.

Antes que Tiffany conseguisse passar pela porta, eu vi Charlotte olhá-la com tanto desprezo que temi pelo que faria. Ela se aproximou, fazendo Tiffany recuar, mediu-a de cima a baixo e simplesmente cuspiu nela. Sim, Charlotte cuspiu em Tiffany e depois lhe deu as costas, como se lhe causasse nojo olhá-

la.

Voltei minha atenção para Miranda, que me olhou com raiva, não sem antes dar uma bela conferida em meu corpo e deixar um sorriso perverso escapar. Remexi-me incomodado. Não era para ela me olhar daquela maneira. Não enquanto meu pau estivesse exposto.

– Alguém solte este idiota, por favor! – rosnou com maldade. – Venha, Charlotte, vamos acabar com esta maldita festa.

Sem aguardar por mim, segurou minha noiva pelo braço e a arrastou porta afora. Fiquei desesperado.

– Charlotte! – debati-me sentindo as algemas machucarem meus punhos. Ela não se virou, nem hesitou. Simplesmente me deu as costas e partiu. – Faça alguma coisa, Johnny. Não a deixe ir embora – debati-me desesperado.

– Antes eu tenho que te tirar desta cama – ele fez uma careta, puxando o lençol embaixo de mim e jogando a parte puxada sobre meu corpo. – Pelo amor de Deus! Ninguém precisa terminar a noite com uma visão horrenda como esta – brincou enquanto olhava pelo quarto para descobrir como fazer para me soltar. – Onde elas enfiaram a chave?

– Aquelas duas apareceram aqui e eu nem vi como conseguiram me prender – ele me olhou e sorriu, como se não estivesse acreditando em mim. – É verdade. Solte logo minhas mãos porque eu preciso fazer com que Charlotte...

– Ela vai entender.

– Porra, ela não vai! Ela não vai Johnny! Você conhece Charlotte.

– Conheço, mas Miranda é muito mais racional do que ela e tenho certeza de que conseguiu entender toda a ação aqui em cima, mais rápido até mesmo do que você foi capaz de entender. Vamos nos concentrar em encontrar alguma coisa que possa te libertar.

O som alto parou como mágica e gritinhos de insatisfação puderam ser ouvidos. Miranda estava cumprindo com o que tinha dito.

CHARLOTTE

Eu estava tão em choque que apenas ouvia Miranda gritando sem me dar conta do que ela de fato fazia. A movimentação em massa, as vaías que se afastavam aos poucos, as reclamações confusas e então minha amiga outra vez em meu foco.

– É isso mesmo. Vão ciscar em outro galinheiro. A festa acabou. Todos fora ou chamo a polícia, aí eu quero ver só a cara desses palhaços quando as esposas descobrirem o que eles estavam fazendo aqui. Graças a Deus, filmei tudinho.

Ela gritava enquanto João Pedro, um pouco mais afastado, conduzia as pessoas e pedia desculpas. Eu ainda lembrava da cara dele quando me viu descendo as escadas e do sangue que praticamente fugiu do seu rosto ao empalidecer assustado.

– Vadias, par de jarro também não são bem-vindas – gritou para as gêmeas que encontramos em uma situação um tanto quanto escandalosa com Patrício.

– Miranda... – ele ainda tentava fazê-la parar para ouvi-lo, sem sucesso.

– Não toque em mim – esbravejou minha amiga, afastando-se rapidamente para continuar mandando as pessoas embora como quem conduzia um gado.

Quando a última pessoa saiu, sentei no sofá e escondi o rosto entre as mãos. Eu me sentia exausta, como se tudo o que tinha visto tivesse exaurido todas as minhas forças. Deus, como eu conseguiria conviver com aquilo tudo?

– Charlotte, eu não... merda! Olha, foi tudo ideia minha. – João começou a se explicar. A raiva que eu senti foi tão grande que levantei como uma bala.

– Vamos embora – disparei em direção à porta. – Eu não tenho mais nada para fazer aqui.

– Charlotte, pare e pense – Miranda me segurou me impedindo de fugir.

Foi quando ouvimos passos rápidos nas escadas. Meu sangue gelou e comecei a me sentir realmente mal. Eu não queria passar por aquilo. Não precisava. Alex não tinha o que me explicar, nada poderia ser perdoado e não havia forma de me fazer entender.

– Charlotte! – ele andou rápido em minha direção. Pensei em socá-lo, pois seria uma bela resposta, porém só consegui evitar que ele me pegasse.

– Fique longe de mim – e como eu era uma perfeita pateta, meus olhos se encheram de lágrimas, tornando-me mais fraca.

– Não foi o que você está pensando – ele tentou se explicar e eu ri sem vontade.

– Ah, claro que não! Claro que não!

– Porra, o que aconteceu? – João ficou entre nós dois, olhando diretamente para Alex.

– Charlotte, por favor! Apenas me escute. Johnny estava aqui o tempo todo ele sabe que eu não fiz nada.

– O que aconteceu? – Patrício ficou atento, aproveitando a situação para se aproximar de Miranda.

– Charlotte pegou Alex na cama com Tiffany e Anita – minha amiga explicou sem muita paciência.

– Porra! – João gritou.

– Puta que pariu! – Patrício também se expressou, porém parecia estar se divertindo.

– Não foi assim. Aquelas duas...

– Eu não quero ouvir! – tapei os ouvidos. – Eu quero ir embora!

– Lottie, calma! – Johnny se aproximou me tomando nos braços. Foi o suficiente para me fazer desabar.

Abraçada a meu amigo, eu me permiti chorar todas as dores que me assolavam. Eu estava tão fraca, tão triste, quebrada ao meio e pisoteada como se não tivesse nenhum valor. Não conseguia entender por que Alex permitiu que acontecesse. Onde estava o amor que dizia sentir por mim?

– Charlotte – Alex se aproximou. – Por favor, me escute!

Porra, eu não podia ficar ali ouvindo-o tentar me fazer acreditar que não estava naquela cama com aquelas duas vacas, como Miranda tinha acertadamente chamado, nuas, Anita quase enfiando o seu... quase com a boca... merda! Ela estava quase lá. Quase. Só não foi porque eu cheguei. Não. Ele jamais poderia me convencer de que eu não tinha visto aquilo.

– Não toque em mim – gritei enfurecida me atirando contra ele e batendo até que minhas mãos não aguentassem mais. – Seu cretino! Seu cretino! – eu falava e batia sem parar.

A imagem de Anita com a boca perto do... Céus! Eu jamais poderia esquecer daquilo.

– Charlotte! – Johnny tentava me impedir de continuar socando Alex. Ouvi a risada cínica de Patrício e o tapa estalado que Miranda acertou nele, então fui contida pelo próprio Alex, que me segurou com força, mantendo-me presa em seus braços.

– Merda, Charlotte! Eu não transei com elas.

– Não! Eu vi que não. Porque eu cheguei, não foi? Eu atrapalhei a sua festinha!

– Não. Elas me prenderam lá. Eu não queria – ele continuou tentando se justificar.

– Não tente me convencer que não queria, seu filho da puta! Eu vi o quanto você queria.

– Oh, sim! Ela viu. Todos vimos – Miranda foi cínica. O que me deixou ainda mais possessa.

– Calma, calma! – Johnny me tirou de Alex e me colocou do outro lado da sala. – Vamos conversar civilizadamente, ok? Patrício, João e Alex, é melhor vocês fiquem aqui. Nada do que disserem vai ajudar agora. Miranda, venha comigo. Nós dois precisamos conversar com Charlotte.

Miranda concordou com Johnny e, contra a minha vontade, levaram-me até o escritório de Alex, trancando-nos lá. Olhei para a mesa onde ele costumava trabalhar quando estava em casa. Eram tantas lembranças! A certeza que tivemos de que não podíamos mais brincar com a situação, a vontade de ficarmos juntos, mesmo que fosse apenas pelo sexo, e a interrupção de Anita. Merda, eu lembrava muito bem de como ela chegou naquele dia, cheia de intimidade, oferecida, será que... não. Eu não podia acreditar que ele mentia para mim desde aquele tempo.

Chorei ainda mais com as lembranças e a ideia que me machucava. Johnny e Miranda permaneceram em silêncio, aguardando que eu estivesse mais calma, enquanto eu acreditava que esta era uma missão impossível. Quando os soluços cessaram e apenas as lágrimas desciam, Johnny começou.

– Lottie, eu sei que agora vai ser difícil acreditar em todos os fatos que podemos trazer para você, mas tente manter a cabeça aberta, por favor!

– Não tente me convencer do contrário, Johnny. Vocês viram o que estava acontecendo lá no quarto.

– Você está na defensiva e eu entendo – ele continuou. – Mas seu choque não está permitindo que enxergue as coisas como elas realmente são.

– Pelo amor de Deus, Johnny! O que poderia ser diferente do que vimos?

– Eu cheguei aqui primeiro que Alex, e, assim como ele, fui surpreendido por esta festa que o João armou com o Patrício. Não sei se a intenção deles era fazer com que Alex se rendesse à ideia de uma despedida de solteiro, quero acreditar que não. Eles queriam apenas comemorar, se divertir.

– Espero que Lana esteja ciente do que o marido dela é capaz – Miranda esbravejou, impaciente. – Patrício é um babaca mesmo, não poderíamos esperar nada diferente dele.

– Eu posso dizer que, até onde pude observar, João Pedro não fez nada além de conversar com alguns amigos – Johnny tentou defender os outros.

– Ah, claro! Isso antes ou depois de você ficar todo encantado com aquela ruiva tingida? Acorda, Johnny, você não tem como dar conta de tanta informação.

– Eu sei, mas eu estava aqui quando Alex chegou. Vi o seu espanto e o desespero que tomaram conta dele quando entendeu o que era a festa. Ele tentou te ligar, Charlotte, no entanto, foi impedido por João, que determinou que nenhum celular poderia circular na festa.

– Provavelmente para que ninguém tivesse provas do que estavam fazendo – Miranda rebateu ofendida. Johnny deu de ombros.

– Charlotte, eu prometi a Alex que ficaria de olho nele e que seria a sua testemunha quando ele precisasse te contar sobre a festa, e era o que estávamos fazendo. Bebemos e observamos tudo o que aconteceu nesta casa durante boa parte da noite. Foi quando Tiffany e Anita chegaram.

– Deus! – sentia-me exausta. Eu não queria mais pensar naquele assunto.

– Lottie, confie em mim – Johnny pediu se abaixando à minha frente e capturando meus olhos. – Miranda está com raiva, mas vai confirmar tudo o que estou dizendo – minha amiga riu sarcástica. – Elas não foram convidadas, eu ouvi quando Anita revelou a Alex e ele ficou aborrecido com a presença delas. Alex as evitou o quanto pôde, até que resolveu se trancar no quarto para se livrar daquela confusão.

– Claro, no quarto não teria você como testemunha – rebati rebelde.

– Fiquei de olho nelas durante um tempo, até que deduzi que não fariam nada – ele continuou.

– Então a ruiva falsa chegou e você logo se esqueceu delas – Miranda cruzou os braços na frente do peito, desafiando-o.

– Não... quer dizer... elas estavam conversando com outros caras, não parecia que aprontariam

alguma coisa, então...

– Se você já me disse tudo o que sabe, então me deixe ir embora – levantei ansiosa para sair e nunca mais voltar.

– Eu te disse o que sei, agora Miranda vai dizer o que sabe – ele parou em minha frente sem me deixar passar.

– Eu? – minha amiga parecia surpresa. Johnny a olhou de uma forma que a fez recuar. – Johnny está certo, Charlotte. Elas armaram para o Alex, só não sei se a intenção era que alguém aparecesse e de alguma forma você ficasse sabendo, ou era apenas dar a ele uma despedida de fato.

– O quê? Miranda, você...

– Olha, não me agrada nada descobrir esta porcaria desta festa e ter presenciado aquela cena ridícula lá no quarto. Também não gosto de estar aqui em defesa do Alex, mas tenho que ser justa. Você nunca conseguiria ver o que eu vi porque estava muito abalada. Tudo naquele quarto indicava que elas armaram para Alex.

– Como assim? Você viu que ele estava excitado – rosnei me sentindo humilhada com esta parte. Miranda olhou para o chão, como se tal ponto a deixasse sem graça.

– Pare e pense. Se Alex tivesse levado aquelas duas para o quarto, como você imaginou, então por que não havia roupas espalhadas pelo chão? Quer dizer... é natural que no calor da safadeza eles tivessem se despido, deixando provas para todos os lados, mas o que vimos foi Alex de cueca, preso a cama, com duas mulheres praticamente nuas. Onde estavam as roupas?

– No banheiro, no closet, sei lá! Isso não quer dizer nada – e eu não perdoaria Alex só por causa deste detalhe.

– Certo. Eu coloquei aquelas duas putas para correr, nuas como estavam. Anita eu não posso duvidar de que fosse capaz de realmente descer nua, sem nenhum pudor, já Tiffany... – ela balançou a cabeça negando. – Esta tentaria recuperar suas roupas, eu posso apostar nisso.

– Isso não prova nada – rebati me sentindo menos estimulada a atacar.

– Temos também o fato de Alex, e apenas ele, estar com o cabelo molhado.

– O quê? – aquilo estava ficando confuso demais. Como Miranda conseguiu ver tanto em tão pouco

tempo?

– Se eles tivessem se divertido um pouco enquanto Johnny se deixava levar pelos encantos da ruiva, elas também deveriam estar com um aspecto mais limpo. Alex tinha realmente tomado um banho, mas elas estavam com os rostos impecavelmente maquiados, os cabelos não pareciam de duas mulheres prestes a transar a três. Sem contar que os corpos levemente suados correspondiam a corpos que estavam no ambiente de baixo um pouco antes e não de pessoas protegidas pelo frio do ar-condicionado.

– Suposições demais, Miranda – e minha voz não continha mais a certeza de antes.

– Ok! O próximo ponto é o fato de Alex estar algemado, enquanto as duas o atacavam.

– E daí?

– Não me parece ser típico dele se deixar ser conduzido – ela me encarou, e eu lembrei da vez em que eu fui algemada naquela cama e, quando quis fazer o mesmo, ele não permitiu. Não, eu não podia me render a argumentos tão frágeis. – Você sabe que Alex temia aquelas duas. Que ele sabia que, se cedesse, teria que ser muito bem feito. Jamais permitiria que elas o deixassem tão vulnerável.

– Céus pare com isso! Pare de tentar me convencer do contrário. Nós vimos que ele estava excitado.

– Se fosse o idiota do Patrício, eu até acreditaria que ele tinha sido cretino a ponto de se deixar levar pela situação, Charlotte, mas... merda! Eu tenho que admitir que Alex jamais faria isso. Ele não faria algo desse tipo se não tivesse a certeza de que você jamais descobriria.

– Ela tem razão – Johnny voltou a falar. – Sem contar que ele estava desesperado quando chegamos.

– Eu o havia flagrado. O que vocês acham que ele faria?

– Charlotte, eu sei que é uma merda passar por isso, mas Alex tem mais chances de ser inocente do que culpado – Miranda falou com segurança, fazendo-me fraquejar.

Eu queria acreditar naquilo? Claro que queria. Nada mais no mundo me deixaria mais satisfeita do que saber que eu poderia acordar daquele pesadelo. Só não poderia ser assim, apenas me enganando, alimentando falsas esperanças.

– Deixe ele te contar o que aconteceu – Johnny sugeriu calmamente, ciente de como meu corpo

estava reagindo àquilo tudo. – Cada um aqui tem um pouco para te contar.

Concordei. Não sabia ao certo como reagir à presença de Alex depois de tudo o que Miranda conseguiu incutir em minha mente. Johnny abriu a porta e saiu. Miranda caminhou pelo escritório, sem conseguir se manter quieta.

– Charlotte, homens são assim – suspirei sentindo as lágrimas voltarem. – Alex não queria aquilo, eu pude ver, mesmo estando... você sabe. O corpo reage mesmo quando a mente diz não.

– Isso é absurdo, Miranda.

– Sim, é. Mas nós também ficamos excitadas com algumas situações embaraçosas ou erradas. A nossa sorte é que nosso corpo não muda de maneira perceptível, já os homens...

– Não posso aceitar este detalhe como um ponto positivo.

– Eu sei que você jamais vai aceitar, só tente entender, Alex ama você e isso não é mentira.

– Você perdoaria uma traição por causa do amor que sente? – ela me encarou confusa e minha pergunta pareceu magoá-la.

– Não! Alex não te traiu, ele foi lançado na fogueira por aquelas duas vadias. Não sei onde estava com a cabeça que não arranquei os olhos delas – e eu não sabia mais sobre quais vadias ela falava, se as de Alex ou as que estavam com Patrício.

Neste momento Johnny voltou, acompanhado por Alex, Patrício e João Pedro, que parecia mais constrangido do que todos os outros. Não tive condições de encarar Alex. Eu não podia. Por isso mantive os olhos baixos, concentrada em apenas ouvir.

ALEX

– Você não merece a minha consideração, João – esbravejei com o meu amigo que se mantinha nervoso.

– Lana vai me matar, cara! E eu não fiz nada. Todo mundo viu. Você viu, não viu, Patrício?

– Eu não vi nada – meu irmão rebateu indiferente. Ele não deixava de olhar para a porta do escritório.

– E amanhã eu ainda terei que dar conta de um milhão de aparelhos celular. Eu estou fodido, e divorciado – andou de um lado para o outro. – E a partir de amanhã vou dormir na casinha do cachorro.

– Você não tem cachorro – lembrei a ele sem me comover com o seu drama.

– Que seja! E você, Paty, também é culpado. Você convidou toda essa gente, era para ser algo mais discreto.

– Eu não convidei. Um falou para o outro e, quando eu vi, a casa estava lotada. E se me chamar de Paty outra vez eu vou agora mesmo contar a Lana o que você aprontou.

– Cara, Lana vai me matar!

– O que será ótimo! – eu sentia tanta raiva que poderia matá-lo. – Puta que pariu!

– O que você fazia lá em cima? – João perguntou nervoso. – Era para você ficar aqui, sob a nossa supervisão.

– Eu fui... – a porta do escritório se abriu e Johnny saiu de lá sozinho. – E aí? Eu quero falar com Charlotte – ele concordou, pegando-me pelo ombro, fazendo-me voltar dois passos.

– Ela está muito nervosa. Eu e Miranda tentamos fazê-la enxergar o que não conseguiu ver. Você deve o seu casamento a Miranda, ela foi brilhante. Charlotte está bem balanceada.

– Graças a Deus! – eu já estava me voltando para a direção do escritório quando Johnny me segurou novamente.

– Eu preciso te perguntar, Alex. Você estava pretendendo...

– Não!

Não permiti que ele completasse. Eu sabia que não pretendia transar com elas, que meu coração estava seguro disso, assim com a minha mente. Para minha desgraça, meu corpo não reagiu como eu esperava e, se eles não tivessem entrado naquela hora, só Deus poderia saber o que teria acontecido.

– Então é sua vez de convencê-la disso. E vocês terão que ajudar. Cada um vai dizer o que sabe para ajudar a deixar Charlotte mais segura, certo?

Eles concordaram, então entramos no escritório. Charlotte estava próxima à cadeira. Tive vontade de abraçá-la e implorar para que acreditasse em mim e senti raiva por ser tão fraco e ter reagido daquela forma às duas mulheres que invadiram o meu quarto.

Ela mantinha os olhos baixos, sem me deixar saber a melhor maneira de abordá-la. Enquanto pensava por onde começar a falar, João me interrompeu.

– Charlotte, eu sou o culpado. Foi tudo minha culpa – João começou. – Eu quis dar a Alex uma despedida como a que ele me deu e não obedeci quando ele me disse que não poderia ser desta forma. Se tem alguém aqui que deve pagar pelo que aconteceu, sou eu.

– E você vai, João. Lana vai fazer você pagar muito caro – Miranda falou e eu tive que me lembrar o quanto ela tinha sido decisiva no esclarecimento da minha situação. Por causa disso, não rebati o seu comentário.

– Miranda – Johnny a advertiu, fazendo-a calar.

– Eu combinei a festa com o Patrício. Deveria ser para poucas pessoas, porém tudo saiu do nosso controle. Alex não sabia de nada e não ficou nem um pouco satisfeito quando chegou. Como nós estávamos nos divertindo e Johnny estava aqui para garantir que nada aconteceria... – vi minha noiva respirar fundo, incomodada com os argumentos do meu amigo.

– Mesmo que ele não estivesse – eu falei tentando salvar o meu lado –, eu jamais permitiria... – ela limpou o rosto e se moveu, inquieta.

– Claro que ele não faria – João continuou. – Mas você acreditaria no Johnny e não no Alex. Nós não convidamos Tiffany e Anita. Podemos até ter sido escrotos por organizar a festa, mas jamais a este ponto. Eu sei que elas te aborrecem, então nunca admitiria a presença delas. Mesmo assim, não sei como, elas ficaram sabendo, e apareceram – ele deu um passo inseguro em direção a Charlotte, e me olhou com

cautela. – Eu não vi quando elas chegaram e não tenho como descrever a reação do Alex, só posso dizer que, um pouco antes de toda a confusão começar, fui abordado por Anita, e fiquei surpreso com a presença dela, apesar de não ter nem tempo de questionar. Ela me perguntou sobre o banheiro, disse que o de baixo estava entupido, o que me deixou bastante aborrecido, pois eu sabia que Alex me mataria por qualquer dano na casa, então disse a ela que tinha um social no andar de cima e fui para o outro pensando em resolver a situação sem precisar alertar ninguém.

– Puta merda, João! Você a mandou subir? – rosnei me controlando para não matar o marido da minha irmã.

– Como eu ia saber que você estava lá em cima?

– Isso confirma o meu argumento – Miranda disse para Charlotte. – Elas não tomaram banho com ele. Não daria tempo – vi minha noiva suspirar e balançar a cabeça.

– E eu acho que é tarde demais para tentar manter Lana longe disso tudo, não? – João falou aturdido, quase como se estivesse implorando. Charlotte o encarou.

– Ela vai saber, você é maduro o suficiente para entender que precisa arcar com o peso e as consequências das suas decisões – Charlotte falou, e João não se defendeu, apenas se encostou a parede e ficou pensativo.

– Eu também sou culpado, Charlotte – Patrício começou a falar. – Alex tentou me dissuadir de continuar com a festa, ele argumentou bastante, eu não concordei com seus argumentos. Se você quer achar um culpado, o filho da puta...

– Esse alguém é você, Patrício – Miranda o interrompeu, e meu irmão recuou imediatamente. Que patético! Se ele queria tanto a garota, então por que fazia uma merda atrás da outra? – Nós já sabemos disso.

– Miranda, você sabe que...

– Eu não sabia o que eles haviam aprontado – interrompi os dois antes que perdêssemos o foco da conversa. Charlotte virou o rosto, evitando me encarar. – Isso já ficou comprovado. Todos sabem como fiquei contrariado com a festa e Johnny viu como reagi à presença de Tiffany e Anita. Eu fui para o quarto, Charlotte, porque queria ficar longe de toda confusão, queria dar um tempo para a minha cabeça e

aguardar até que todos fossem embora para poder ter um pouco de paz.

– Você estava de cueca, ou quase, deitado na cama com as duas.

– Eu estava – não tentei me defender. Não adiantaria de nada. – Tinha acabado de sair do banho, fui ao closet para me vestir quando ouvi a porta do quarto. Jamais poderia imaginar que elas seriam capazes de ser tão ousadas. Pensei que era um casal ansioso demais por privacidade.

– Que merda! – ela resmungou e balançou a cabeça, como se quisesse ajustar os pensamentos.

– Você tem razão. Foi tudo uma grande merda, mas o que você acha que pode esperar desse tipo de festa? Justamente por isso eu não quis que acontecesse, nem para mim nem para você, Charlotte. Foi por isso que fui para o meu quarto, mas elas foram lá e não me deram chance de reagir.

– Ah, você reagiu – ela afirmou ofendida. – Eu vi a sua “grande” reação – fiquei furioso. Claro que ela viu minha ereção, afinal de contas era o que Anita tinha nas mãos.

– Charlotte... – comecei com fúria, depois parei me dando conta de que aquela conversa deveria ser entre nós dois apenas. – Vocês poderiam nos dar licença?

– Eu não vou ficar sozinha com você – ela rebateu alterada.

– Vai sim. Você vai ficar porque sabe que isso tudo foi armação, e que precisamos ter esta conversa.

E com isso eu sabia que Charlotte não se atreveria a sair daquele escritório. Os demais se olharam e aos poucos foram se retirando. Mantive os olhos fixos nela, sem querer perder a conexão entre nós dois. Quando Johnny saiu e bateu a porta, eu tomei coragem e fui em sua direção.

– Não! – ela deu um passo para trás e eu parei, sem deixar de olhá-la.

– Você sabe que aquilo não aconteceu. Pelo menos não como imagina.

– Eu vi.

– Você viu, Charlotte, nem por isso deixou de ser armação. Elas avançaram em mim, as duas, sem que eu pudesse impedi-las, então prenderam minhas mãos na cabeceira da cama.

– E você gostou disso – afirmou me desafiando.

– Claro que eu não gostei. Eu fiquei furioso. Ameacei-as de todas as formas, gritei por ajuda, o som alto impediu que alguém ouvisse.

– Que conveniente, não? – nós nos encaramos sem trégua.

– Porra, amor! Eu não sei o que posso te dizer. Você já sabe de tudo, sabe que foi uma puta sacanagem que aprontaram comigo. O que mais eu posso dizer? Eu te amo, Charlotte! Já provei o meu amor de inúmeras formas. Vamos nos casar em dois dias e você não tem dúvida a respeito da minha ansiedade.

Ela ficou calada me encarando, eu via a tensão na veia do seu pescoço, as lágrimas que marcaram seu rosto e as que ainda ameaçavam cair. Por que nada entre nós dois poderia ser simples e tranquilo? Por que sempre tinha que haver uma confusão?

– Charlotte, você sabe exatamente o que aconteceu, por que não confia em mim?

– Você estava excitado – jogou a verdade em minha cara deixando-me extremamente envergonhado. Engoli com força e não consegui manter meus olhos nos dela. – Você estava gostando, Alex. Como quer que eu releve e conviva com isso? – suspirei me afastando um pouco e limpei o suor da testa.

– É difícil de explicar – admiti com a voz baixa e ouvi o seu soluço. Merda! Eu me odiava! – Você não vai entender porque nossos corpos funcionam de forma diferente.

– Por favor, não faça isso! – ela disse chorando. – Não me diga que faz parte do instinto do homem. Não faça isso comigo, Alex.

– Droga, e o que eu posso te dizer? Se pensa que vou confirmar que senti tesão por aquelas duas, pode desistir porque não é verdade – um nó rasgava minhas palavras ainda em minha garganta. Charlotte não merecia aquele sofrimento. – Existe uma diferença entre seu pau reagir a um estímulo visual e você sentir tesão por alguém. Você pode achar absurdo, mas isso é instinto sim, não apenas do homem, é do corpo, Charlotte! Homens são visuais, nós olhamos e cobiçamos, não é como vocês que podem fechar os olhos e imaginar. Foi uma reação indesejada, que eu não consegui evitar, e sim, eu sou um canalha por causa disso, mas, se minhas mãos estivessem livres, elas nunca conseguiriam chegar tão perto, porque eu não tenho dúvida do que sinto, nem de quem eu quero – ela chorou mais. – Quer saber o que acontecia naquele momento? Eu tinha duas mulheres lindas em minha cama, decididas a fazerem o que quisessem comigo, e sim, meu pau ficou duro, ou você pensa que outro homem reagiria diferente? Pode ser assustador para você se imaginar presa por dois homens decididos a... Puta merda! – passei a mão pelo

cabelo. – Para mim não é – revelei sem medo. – Para nenhum homem seria, Charlotte. Mesmo assim, naquele momento eu só pensava em você. Eu estava desesperado porque sabia que elas conseguiriam, eu tinha certeza de que elas conseguiriam, e eu não queria... – dei um passo em sua direção. – Você estava na minha frente o tempo todo, exatamente assim, os olhos marejados, o sofrimento estampado... Juro que pedi para que qualquer merda acontecesse que pudesse impedir que elas continuassem.

Charlotte limpou o rosto e fungou. Depois se afastou, dando a volta na mesa, deixando-a entre nós. Meu coração acelerou. Era hora do meu veredito.

– É justo você querer que eu aceite este argumento?

– Não – e não era, então eu não poderia mentir.

– Então o que acha que eu deveria fazer?

Ela já tinha tomado uma decisão. Eu sabia. Podia ver em seus olhos decididos. Droga!

– Não aconteceu, Charlotte. Eu... eu não sei mais o que posso te dizer. Quer saber o que eu acho que deveria fazer, mas como eu posso te dizer se estou desesperado? Eu não quero te perder, não quero que tudo acabe agora, e... droga! Eu não tive culpa.

– Você sente tesão por elas?

– Não!

– Nunca? Em momento algum desde que estamos juntos, você se sentiu tentado a ficar com elas?

– Nunca. Você sabe quantas oportunidades eu tive. Anita chegou a fazer uma proposta, eu nunca aceitei. Deus! Eu não sei que tipo de monstro eu seria se tivesse te convidado para estar aqui esta noite e, mesmo assim, me permitisse transar com elas – vi que Charlotte se surpreendeu com a minha colocação. – Eu te convidei, lembra? Eu disse que você poderia aparecer. Você acredita que eu seria tão idiota a ponto de transar com as duas com a porta destrancada, mesmo sabendo que você poderia aparecer? Acha mesmo que, depois de todo trabalho que tive para que você concordasse com o casamento, eu estragaria tudo dois dias antes? Charlotte, você precisa me dar um voto de confiança. É só olhar tudo o que aconteceu até chegarmos aqui.

Ela mordeu o lábio, abaixou a cabeça e outra lágrima escorreu.

– Amor...

– Eu vou para casa – anunciou. – Por favor, me deixe ir!

– E nós dois?

– Não me peça nada agora, Alex. Eu não estou em condições de decidir nada.

– Mas nós vamos viajar amanhã... é o nosso casamento.

– Por favor! – seus olhos suplicantes me alertaram que Charlotte estava no limite. Eu teria que ceder.

– Tudo bem – ela relaxou os ombros e começou a dar a volta na mesa para sair quando a interceptei. – Charlotte... – levantei a mão para tocá-la e minha noiva desviou.

– Não. Eu não vou suportar. Por favor!

Merda!

– Eu vou para o rancho amanhã – anunciei sentindo meu coração afundar. – Eu estarei lá, Charlotte. Aguardarei por você – ela apenas concordou e, mantendo-se afastada de mim, saiu.

Porra! Eu estava fodido! Respirei fundo tentando afugentar da minha mente as mil formas de matar aquelas duas desgraçadas. Seria uma longa noite.

CAPÍTULO 33

“Pois mesmo na torrente, tempestade, eu diria até no torvelinho da paixão, é preciso conceber e exprimir sobriedade – o que engrandece a ação.”

[William Shakespeare](#)

ALEX

Estacionei o carro reconhecendo os do meu pai, Lana e Patrício. Nenhum indício da família da minha noiva. Respirei fundo me convencendo de que ela apareceria. Não poderia ser diferente.

Eu havia retardado o máximo que pude a minha saída, na esperança de que ela me procurasse, ou que mandasse alguma mensagem, qualquer coisa que me dissesse o que se passava na sua cabeça, até mesmo uma ligação do Peter, revoltado com o que havia acontecido, ou desesperado com o fato de a filha negar a se casar. Qualquer coisa.

Nenhuma palavra. Nada. Do lado dela havia apenas silêncio.

E eu, covarde, fiquei com tudo pronto no carro sem conseguir dar a partida. A limpeza da casa fora providenciada para que, quando voltássemos, nada mais restasse daquela fatídica noite. Se é que voltaríamos. Quem poderia saber?

Cansado de esperar e já bastante atrasado, liguei o carro e comecei a sair da garagem quando a vi parada na entrada. Tiffany estava lá. Desliguei rapidamente o motor e saí com muita raiva.

– Saia imediatamente daqui – rosnei enfurecido. – Eu vou processar você por assédio, Tiffany. Vou destruir a sua carreira. Vou conseguir na justiça que você não possa chegar perto de mim ou de Charlotte pelo resto das nossas vidas.

Ela retirou os óculos escuros, mostrando olhos vermelhos e inchados. As lágrimas caíam sem esforço. O que eu via em seu rosto era puro pavor.

– Alex, por favor, eu preciso só de um minuto para...

– Não! Saia da minha frente. Estou farto de você e da maluca da sua prima tentando acabar com a minha vida. Por que não entende de uma vez por todas que eu não quero nenhuma das duas, que eu amo Charlotte e não você, droga! – ela estremeceu, encolhendo-se levemente com o meu grito.

– Não sei o que me deu ontem, eu... Oh, Deus, Alex! Eu não sabia o que estava fazendo e então... Charlotte estava no quarto, você estava preso à cama e eu... Meu Deus! Não sei o que dizer, não sei!

Chorou copiosamente, irritando-me ainda mais.

– É melhor sair do meu caminho ou vou passar o carro por cima de você.

Voltei para meu carro, dei partida, e juro que dei a ré mais rápida da minha vida. Tiffany saiu da frente, assustada. Acionei o portão da garagem e aguardei que se fechasse, observando se aquela maluca aprontaria alguma coisa. Com a casa toda fechada, fui embora sem olhar para trás.

Peguei a estrada. Seria uma viagem longa, cansativa e silenciosa. Apenas eu, meus pensamentos, meus medos e todos os conflitos que minha mente podia produzir.

Droga!

Parado na garagem da casa do rancho, eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse o que tinha acontecido no nosso encontro anterior. A confusão que Charlotte criou fazendo-a fugir, a tempestade, o meu desespero, o resgate e como tudo acabou bem.

Porra! Eu precisava que tudo acabasse bem novamente. Precisava de Charlotte, daquele casamento, da nossa vida... Eu precisava dela.

– Por que nas últimas vezes que estive aqui, tem preferido passar um tempo admirando as paredes desta garagem velha?

Lana abriu a porta do carona me pegando de surpresa e entrou. Nossos olhos se encontraram. Ela não precisava me dizer muita coisa, boa parte estava estampada em seu rosto, na borda vermelha dos olhos, indicando o choro excessivo, nas olheiras e no tom abatido. Lamara sabia o que João havia aprontado. Peguei em sua mão com cuidado.

– Você está bem? – os lábios da minha irmã formaram uma linha fina e ela fez um esforço para sorrir.

– Vou ficar.

– Ajuda dizer que ele não fez nada? Que não teve a intenção de magoar ninguém?

– Não sei como você ainda consegue defendê-lo, Alex – cobriu minha mão com a dela. – João quase arruinou o seu casamento.

– Eu sei. Ele não seria o João Pedro que conhecemos se não fizesse alguma merda – ela sorriu e foi verdadeiro.

– Tem razão.

– Como ele está?

– Arrasado. Disse que, se Charlotte não estiver naquele altar amanhã, ele mesmo se daria uma surra.

– Merecida.

– Sim, merecida.

Voltamos a nos olhar em silêncio. Lana me observava com atenção, eu sabia que ela procurava uma forma melhor de me dizer a verdade.

– Ela não veio, não foi? – minha irmã suspirou pesadamente e meu coração acelerou. O que eu faria? – Droga!

– Ela está aqui – pego de surpresa, fiquei embasbacado com o que acabara de ouvir.

– Charlotte está aqui?

– Sim – Lana continuava cautelosa. – recusou-se a fazer a última prova do vestido. Está trancada no quarto desde que chegou e não quer receber ninguém.

– Merda! E Peter?

– Ele ainda não chegou. Parece que aconteceu algum imprevisto, por isso pediu para o motorista trazer Charlotte.

– Ela não veio dirigindo?

– Não. Alex, ela está arrasada. Eu não consigo acreditar que Tiffany teve tanta audácia.

– Tiffany está com problemas, Lana. É a segunda vez que ela age assim comigo e depois fica envergonhada, é como se estivesse possuída, sei lá. Já Anita... eu sempre soube que ela me daria trabalho.

– Você deveria dar queixa delas na polícia.

– E ver a situação se voltar contra mim? – encostei no banco do motorista. Eu tinha dormido pouco, estava cansado demais. – Prefiro usar isso contra elas para mantê-las bem afastadas.

– Se você acha que vai conseguir... – deu de ombros. – Bom, você tem um longo trabalho pela frente. Charlotte pode ter vindo, mas não creio que o perdoou. Pode ser que não tenha coragem de enfrentar o pai faltando um dia para o casamento.

– Eu sei. Vou tentar resolver. Obrigado!

CHARLOTTE

Alguns fatores me fizeram prosseguir com o casamento. O primeiro e mais importante foi a mensagem de Tiffany logo cedo, contando que elas realmente forçaram a barra e que Alex em nenhum instante deu a entender que queria ficar com elas. Dentre tantas coisas ditas, estavam as desculpas e a demonstração de arrependimento, assim como a confusão mental em que ela se encontrava.

O que não deixava de classificá-la como uma vaca em altíssimo grau.

O segundo era o fato de eu não saber como dizer aos meus pais que precisava de mais um tempo para digerir esta confusão. Eu estava triste, magoada e ofendida, porque, por mais que eu soubesse que ele não estava ali por livre e espontânea vontade, eu vi que Alex estava excitado, e não havia santo que me fizesse acreditar que era apenas uma reação do corpo ou qualquer outra baboseira que tenha tentado enfiar em minha cabeça.

Terceiro fator: a conversa que eu tive com Johnny, que dormiu comigo, em meu quarto, abrindo mão do conforto da sua cama, para me acalmar. Meu amigo era verdadeiro demais para tentar me iludir com falsos conceitos em torno da masculinidade. Ele me disse que o que Alex falou pode ser verdade, também que ele não acreditava que um homem ficasse muito tempo excitado tendo em mente o problema que se meteria. Não que Alex estivesse mentindo quando disse que pensava em mim, mas, de acordo com o meu amigo, talvez nem Alex soubesse o quanto a sensualidade de Tiffany e Anita o afetava, e lógico que seria muito difícil para ele admitir tal fraqueza.

Pensei mil vezes em desistir ao ouvir de meu amigo que meu noivo poderia sim se sentir atraído por aquelas duas. No meu coração, e na minha mente, não havia espaço para certezas como aquela, mas então ele falou uma coisa que me fez repensar. Ele disse:

“– Lottie, todo mundo está susceptível a isso. Você pode ter fantasias com um artista, um vizinho, pode se sentir encantada ou até mesmo sexualmente atraída por alguém, o que não muda o seu sentimento por Alex. Claro que existem limites. Alex não poderia achar que transar com elas era justificável, por isso ele não transou. Antes de ele decidir ficar com você, teve que fazer um balanço da vida, do que

queria e o que pretendia, no final de tudo, viu que os sentimentos por você iam muito além do desejo, era algo muito mais forte. Uma coisa não elimina a outra. Veja só: Alex já transou com Tiffany e ele pode ter boas lembranças de como era a relação sexual deles, não? Acontece que ter alguém que te satisfaça na cama não é o suficiente, e Tiffany falhou nos outros quesitos. Já Anita... ele teve todas as chances, mas preferiu nem arriscar, então não há por que ter medo. Talvez você não entenda por ser muito nova e sem experiência de vida. Nunca se permitiu gostar de alguém ou se sentiu atraída por outro homem, porém nunca é tarde para acontecer. Você vai amadurecer, vai conhecer novas pessoas e vai ter momentos em sua vida que alguém vai ser mais do que interessante e verá que, no final das contas, o seu amor por Alex vai falar mais alto.”

E foi nisso que eu amanheci pensando e o que me levou a pegar a mala e entrar no carro designado por meu pai. Ele teve um imprevisto e precisou sair logo cedo com a minha mãe. Agradei, pelo menos eu teria mais tempo comigo mesma para organizar a minha mente, sem precisar me justificar com mais ninguém.

E, desde então, eu estava trancada naquele quarto, olhando as paredes e o mundo lá fora pela janela. Vi flores sendo entregues, jardim sendo cuidado, aos poucos a movimentação da casa mudar e nem assim eu tive ânimo para reagir.

Lana sabia o que tinha acontecido. Lógico que João Pedro não deixaria que ela soubesse por outras pessoas, então ela entendia o meu lado, por isso eu estava conseguindo ficar sozinha, apesar de Miranda entrar e sair a cada meia hora apenas para verificar se estava tudo bem.

Uma batida na porta fez com que eu me afastasse da janela. Eu precisava fingir que era somente cansaço, no caso de serem os meus futuros sogros ou qualquer outra pessoa que não estivesse envolvida naquela confusão.

Era Alex e eu senti meu mundo girar.

– Posso entrar? – sua voz mansa deixava claro que ele não estava ali para me cobrar nada, só para se certificar de que estava tudo bem. Concordei e ele entrou, fechando a porta. – Você está bem? – soltei o ar preso nos pulmões.

– Não. Como poderia estar? – andei até a cama e sentei, colocando o rosto entre as mãos e

apoiando os cotovelos nos joelhos. O movimento do meu lado me mostrou que ele também havia sentado.

– Mas você está aqui – ri sarcástica.

– E o que você esperava, que eu dissesse a meu pai que não teria mais casamento?

– Conhecendo você como eu conheço, sim, era o que eu esperava – nós nos olhamos e vi que havia muita determinação em seu olhar. – Você pode enganar as pessoas com esse falso tom submisso, Charlotte, mas eu sei muito bem que nunca faz nada contra a sua vontade.

Parei boquiaberta. Eu deveria dar uma resposta rebelde, não deixá-lo tão seguro quanto à minha aceitação, porém Alex estava tão certo que foi impossível rebater.

– Tiffany mandou uma mensagem contando a verdade – Alex ficou surpreso, mas nada disse. – O que não muda em nada o fato de você ter ficado excitado.

– Charlotte...

– Eu não quero mais falar sobre esse assunto, Alex – levantei não lhe dando a chance de me tocar.

– Quanto mais eu penso mais magoada fico.

– Então não pense – ele levantou também, respeitando a minha distância. – O que eu sinto por você não conta? – aguardou pela resposta que não chegou. Eu não seria capaz de responder. – Tudo bem, o que quer que eu faça? Diga! Qualquer coisa, Charlotte, é só dizer. Precisamos colocar uma pedra sobre esta história. Você sabe que eu fui vítima daquelas duas, então vamos apenas tentar deixar passar.

Deixar passar.

Era o que eu queria? Simplesmente esquecer o assunto e fingir que nada aconteceu? Eu queria mentir para mim mesma todos os dias sobre o tesão do meu futuro marido por outras mulheres?

Merda!

Só que eu sabia que era algo incontrollável. Alex poderia nunca mais chegar perto daquelas duas, o que não significava que outras mulheres sexualmente atraentes não surgiriam na vida dele. Bastaria apenas que ele nunca me contasse e nunca me traísse e estaria tudo certo, não?

Eu não sabia.

– Amor... – ele se aproximou, ficando em minhas costas. Nossos corpos quase colados, centímetros nos separando. – Isso não importa. Eu te amo e estou aqui, louco para poder te abraçar, te beijar e sentir

que você é minha outra vez.

Fechei os olhos e mordi o lábio. Eu também sentia saudade, especialmente depois de tantos problemas. Alex me tocou e um calafrio percorreu a minha espinha. Um choque que misturava desejo, amor e medo.

– Diga o que eu posso fazer, Charlotte. Estou disposto a qualquer coisa.

– Eu não sei o que você pode fazer – admiti. – Eu quero ficar bem, infelizmente não consigo. Simplesmente não consigo – senti Alex respirar fundo, prender a respiração e depois soltá-la.

– Tiffany era o tipo de mulher que me atraía fisicamente – fiquei tensa imediatamente e suas mãos foram para os meus ombros. – Meu relacionamento com ela foi baseado apenas em sexo, apesar de mantermos uma amizade saudável. Eu não conseguia me ver em uma relação mais séria com ela, porque, ao mesmo tempo que me atraía fisicamente, repelia-me quando o assunto eram os nossos princípios e ideais, então eu sempre soube que nunca passaria de sexo. Eu tive muitas mulheres, Charlotte. O fato de não ter escolhido nenhuma delas para compartilhar a minha vida não impediu que eu as escolhesse para compartilhar a minha cama. Não me sinto atraído por Tiffany, pelo contrário. Apesar de ter boas lembranças do que éramos sexualmente, eu não me vejo vivendo outra vez nada disso com ela, e eu tive muitas chances, mesmo antes de você entrar em minha vida, antes de eu me sentir tão perdidamente apaixonado e decidido a ter você para mim. Então não existe motivo para ter medo da reação física que eu tive ontem. Não foi por Tiffany.

– Foi por Anita então?

Minha voz embargada demonstrava o quanto aquele assunto mexia comigo. E, apesar de me sentir triste, as palavras de Alex aliviaram um pouco mais a minha dor. Ele não desejava Tiffany. Pelo menos não conscientemente.

– Não. Anita, apesar de ser linda fisicamente, nunca foi o tipo de mulher que eu admitiria em minha vida, mesmo que fosse só sexualmente, nem por uma noite, nem por uma trepada rápida, nada. Ela sempre me fez repudiar a ideia, apesar de, volto a falar, ela ter um corpo lindo, que chama a atenção de qualquer homem e enaltece o ego.

– Tudo é corpo? – comentei magoada. Tiffany e Anita eram bem diferentes de mim.

– No primeiro instante, sim. É a primeira coisa que te atrai, que agrada seus olhos. Você se sentiu atraída por mim, mesmo tendo me achado um cara insuportável que descartaria o seu projeto. E tudo porque te encontrei na praia, ou acha que não notei como ficou mexida quando me viu só de calção? Infelizmente é isso, Charlotte! Você vê e cobiça, no entanto, basta uma palavra, um gesto menos conveniente para a atração esmaecer. Aos poucos, conhecendo a pessoa, a atração vai mudando de foco. Você, por exemplo, adorava o fato de eu ser mais maduro e de conversar diretamente sobre assuntos que a deixavam desconfortável. Eu, por outro lado, detestei de cara a forma como Anita falava e se exibia, e amei a maneira como você corava e olhava para as mãos. É assim que funciona.

– Eu não sou fisicamente parecida com elas – sussurrei envergonhada pelo meu comentário.

– É isso o que está te incomodando?

– Talvez.

– Hoje eu me sinto muito mais atraído pelo seu corpo do que pelo que me atraía antes. Amo a sua desenvoltura, a sua coragem, o fato de ser tão destemida e de saber o que quer quando o assunto é sexo. Você não espera que eu te guie, apesar de sempre dar esta ideia. Você simplesmente faz aquilo que não consegue evitar. Não se retrai, não se intimida, e eu adoro isso tudo em você. É muito mais do que o que eu tive com Tiffany e mais do que Anita seria capaz de me oferecer. Não se sinta tão diminuída, Charlotte. É você quem eu quero e isso não vai mudar se não estiver naquele altar amanhã. Eu vou continuar não querendo nada com aquelas duas.

Ele me virou lentamente. Mantive os olhos baixos com medo de me perder e não conseguir mais me encontrar. Fazia todo sentido o que ele me dizia. Eu não tinha parâmetros, não tinha como saber se comigo aconteceria assim. Se eu já tivesse me envolvido com alguém, se tivesse mais conhecimento sobre relacionamentos, talvez assim tivesse uma ideia melhor do que ele me dizia. Talvez assim eu conseguisse entender.

Se eu não sabia, se eu não tinha nenhuma noção, se era apenas uma garota assustada, inexperiente, que conhecia livros e sonhos, eu poderia dizer que ele estava errado? Se ele me dizia que era assim que funcionava, eu poderia afirmar que acontecia apenas com ele e ninguém mais? Que era apenas uma tentativa de se justificar e me ludibriar?

Não, eu não podia. E não tinha mais nada que eu pudesse fazer, porque sabia, no fundo do meu coração que era no que eu queria acreditar.

Alex levantou o meu rosto sem encontrar resistência da minha parte. Fui tragada pela sinceridade que seus olhos me passavam e não tive outra saída. Ele me beijou e eu aceitei ser beijada.

Foi rápido. Apenas um juntar de lábios, uma pequena demonstração do amor que sentíamos, então Alex interrompeu o beijo e me abraçou. Um abraçado que expressava o alívio que ele sentia por estarmos voltando à nossa bolha.

– Lana falou que você não quer fazer a última prova do vestido – disse sem me cobrar uma posição.

– Eu precisava de um tempo.

– E ainda precisa? – concordei com a cabeça. – De mim também? – neguei. Depois de tanto questionar eu não estava preparada para deixá-lo. – Quer dar uma volta?

– E Lana? E tudo o que precisamos fazer?

– Tudo pode esperar – beijou minha testa com carinho. – Nós não.

Alex me puxou para fora do quarto e, sem pressa, caminhou abraçado comigo até sairmos da casa. O sol já estava alto, o que me fez conferir as horas, verificando que já passava do meio-dia.

– Não vão almoçar? – Dana nos chamou pela janela. Alex me puxou para mais perto.

– Vamos dar uma volta – disse com voz firme.

Foi quando o carro do meu pai entrou na propriedade. Vi que Alex ficou tenso imediatamente e imaginei que fosse por causa da confusão do dia anterior. Ele tinha razão em ter medo de que meu pai ficasse sabendo, mas, pelo bem de todos e pela paz mundial, eu tinha evitado que ele soubesse.

Logo em seguida, Johnny entrou em sua moto recém-adquirida e pela qual ele nutria um grande amor. Lógico que ele não deixaria de pegar a estrada em cima daquele monstro barulhento. O que me surpreendia era meu pai ter permitido.

– Peter... – ele falou baixinho.

– Não sabe de nada – senti seus ombros relaxarem.

– Que bom – eu nada respondi.

Minha mãe desceu antes de meu pai levar o carro para a garagem. Ela parecia abatida, mas sorria quando Miranda a encontrou e a abraçou, para depois auxiliá-la com a bolsa. Ela estava pálida e naquele instante me dei conta do quanto estava magra.

– Minha mãe deveria desistir da dieta – comentei e Alex ficou calado, mas percebi que voltou a ficar tenso.

– Alegria encontrar o casal mais bonito do ano logo na minha chegada – ela falou com a jovialidade de sempre. – Deixe-me abraçá-los – ela nos envolveu em seus braços frágeis e nós retribuímos o abraço. – Vocês estão me fazendo a mulher mais feliz do mundo todo.

E, naquele momento, eu entendi que tinha tomado a decisão certa.

Minha mãe segurava a minha mão e sorria com uma alegria impossível de ser mensurada. Ela estava linda, apesar de mais magra do que eu gostava, depois de absorver o sol daquele fim de dia, sua cor estava muito melhor.

Tínhamos passado o dia juntas. Depois que ela chegou, eu me senti à vontade para encarar o casamento e tudo o que eu ainda precisava fazer, mesmo que sua chegada tenha frustrado os meus planos com Alex de passarmos um tempo juntos para consolidar a nossa relação.

Alex circulou de um lado para o outro, fazendo tudo o que Lana tinha designado para ele, sem se aproximar muito. Eu sentia sua falta e temia tê-lo magoado demais e causado seu afastamento, apesar de saber que ele foi a causa de tudo o que aconteceu.

Meu pai também estava estranho. Ele chegou carrancudo alegando que teve alguns problemas no trabalho. Só que ficou assim o dia inteiro, mesmo com Adriano tentando entretê-lo. Naquela tarde, ele me pareceu especialmente aborrecido, enquanto minha mãe continuava ao meu lado e sorria sempre que notava a apatia dos nossos amores.

Lana se aproximou quando a tarde estava chegando ao fim. Ela e Dana estavam compartilhando da mesma sensação agradável e preguiçosa que era receber os raios de sol após dias longos de frio. Ambas

pareciam satisfeitas com o corpo que a festa ganhava, apesar de sabermos que o grosso só seria feito no dia seguinte.

– Alex está armando alguma coisa – Lana deu um gole em sua vodca com Coca-Cola e gelo e olhou na direção da saída da casa.

Acompanhei o seu olhar e vi meu namorado indo em direção à garagem com uma pequena sacola de viagem na mão. Fiquei intrigada. Ele não passaria a noite ali? Para onde iria?

– Não coloque minhocas na cabeça dela, Lana – Dana ralhcou. Ela, que estava conversando com minha mãe sobre as lindas rosas que conseguiu plantar, também tinha notado o filho passando e em atitude suspeita.

– Tudo bem – sorri voltando a fechar os olhos para aproveitar o calor do sol em meu corpo.

– Vamos pensar na foto que colocaremos na orelha do livro. Sair um pouco da tensão do casamento e adiantar o meu trabalho.

Lana tagarelava falando sem parar sobre a edição do livro. Em alguma parte daquela conversa, eu voltei a abrir os olhos e me perdi na visão do meu professor andando em minha direção. Ele sorria, porém eu percebi que seu sorriso não chegava aos olhos.

Alex caminhou lentamente. À medida que se aproximava, eu tinha a impressão de que seus passos não eram tão seguros quanto costumavam ser e que seu semblante exibia uma confusão que me deixou imediatamente em estado de alerta.

– Posso roubar minha noiva? – ele olhou para a minha mãe e sorriu com carinho, depois para sua mãe e irmã. Elas se entreolharam com sorrisos conspiratórios.

Levantei limpando os restos de grama que pinicavam a minha perna. Alex, sem nenhum aviso prévio, tomou-me em seus braços para um abraço apertado e cheio de saudades. Fiquei sem entender, nem reagir, também não tive tempo de pensar sobre o assunto, pois, assim que ele afrouxou o abraço, seus lábios se juntaram aos meus e meu mundo saiu do eixo.

Foi um beijo que tirou o meu chão. Havia um pouco de tudo nele. Amor, paixão, desejo, desespero, urgência... urgência! O que estava acontecendo com o meu noivo? Não havíamos conversado e resolvido aquele problema? Não estávamos caminhando para restaurar a nossa bolha?

– Crianças! – Dana riu interrompendo o nosso momento.

Alex me largou. Meu corpo inteiro protestou. Merda! O que mais eu poderia fazer além de esperar até o casamento?

– Vamos dar uma volta? – seus olhos brilharam.

Puta que pariu! Por que eu me senti totalmente quente com seu pedido? Por que minha mente registrou um milhão de promessas naquelas palavras? E como podia pensar em sexo com o meu eterno professor depois de uma noite terrível, cheia de imagens horrorosas?

– Claro! – eu ainda estava presa naquele olhar que me transportava direto para o céu ou me atirava ao inferno.

– Com licença, senhoras – Alex fez uma reverência digna dos filmes de época. As mulheres sorriram encantadas com o gesto. Ele segurou a minha mão e me puxou na direção da garagem.

– Aonde vamos? – ele continuou andando sem olhar para trás, parou só para abrir a porta do carona. Não me atrevi a entrar. O encarei interrogativamente. Alex soltou o ar de maneira teatral.

– Posso sequestrar a minha noiva?

– Sequestrar?

– Bom... não sei se uma fuga com o consentimento do pai dela pode ser classificada como sequestro, mas...

– Com o consentimento do... – ele me interrompeu com um beijo que selou meus lábios.

– Entre – ordenou dando as costas.

Obedeci prontamente. Rapidamente meu noivo estava ao meu lado, colocando a chave na ignição e, antes de dar a partida, parou para me olhar. De novo, eu percebi que havia alguma coisa errada.

– O que foi?

– Nada. Só... – seus olhos varreram meu rosto demorando-se em meus lábios. Alex abandonou o volante e segurou meu rosto com as mãos. – Eu amo tanto você! Por que não percebi isso antes? – não era uma brincadeira ou um momento romântico do meu professor e sim um pouco mais do seu embate interno. O mesmo que o estava deixando estranho.

– Porque você é um idiota cabeça-dura – ele sorriu e beijou meus lábios com carinho e cuidado. –

Vai me dizer o que está acontecendo? – murmurei sem ter certeza de que queria realmente saber.

Alex me olhou por breves segundos, confirmando a minha suspeita, mas não respondeu. Deu partida e saímos da garagem rumo a “sabe Deus onde”. Meu coração estava apertado.

– Para onde vamos? – repeti a pergunta ao perceber que nos distanciávamos da casa.

– Para a cabana – sorriu maliciosamente e toda a região abaixo da minha cintura começou a formigar.

ALEX

Juro que quando Peter me chamou para conversar, acompanhado do meu pai, e ambos estavam com péssimas caras, eu pensei que Johnny tinha estragado tudo e contato a merda da noite anterior. Estremeci só de imaginar o sermão que aqueles dois me passariam, e isso seria o mínimo, ainda havia a possibilidade de cancelarem aquele casamento.

Mas o que ouvi me deixou muito mais atordoado do que se tivesse que me explicar para eles dois. Peter estava irritado porque Mary deveria passar a noite no hospital e ele não foi capaz de convencê-la a aceitar. Ela queria estar com Charlotte naquele momento.

Ver meu futuro sogro tão nervoso me deixou compadecido. Por alguns instantes, minhas incertezas e inseguranças em relação a Charlotte e tudo o que havia nos afastado nas últimas horas foram esquecidos.

– O que posso fazer, Peter? No que está pensando?

Confesso que acreditei que ele me pediria para cancelar o casamento, para inventar uma desculpa, qualquer que fosse, para que a cerimônia não acontecesse, e só a ideia me deixou apavorado. Meu pai me olhou com cautela, tomando fôlego para assumir a conversa.

– Conseguimos trazer a medicação e a equipe médica para Petrópolis. Eles estão instalados no hospital próximo daqui.

– Vocês querem que eu distraia Charlotte? E Mary? Não estou entendendo.

– Nós queremos que você tire Charlotte daqui – meu pai disse. – Passem a noite fora.

– O quê? – olhei para Peter, que estava vermelho e ansioso.

– Mary só vai aceitar passar a noite no hospital se Charlotte não estiver aqui. Se entender que ela está em um momento... – meu futuro sogro engoliu com dificuldade – ... um momento só dela.

– A ideia é que você a leve para a cabana – meu pai assumiu outra vez, tirando de Peter o peso daquela decisão. – Então Mary vai para o hospital e Charlotte não vai desconfiar de nada.

– Vou mentir outra vez para Charlotte? Droga!

Não era nada confortável a minha posição, infelizmente não havia outra saída. Eu não podia contar

à minha noiva, na véspera do nosso casamento, que a mãe dela estava morrendo e precisaria passar a noite no hospital. O casamento seria cancelado imediatamente.

– Tá, tudo bem! Eu só... preciso organizar as coisas para que a cabana esteja pronta para recebê-la.

– Nós já cuidamos de tudo, filho – meu pai revelou e, outra vez, o clima estranho e desconfortável dominou o escritório. – A Cabana está pronta.

– Certo – olhei para Peter, que evitava me olhar diretamente. – Vai ficar tudo bem, Peter – ele concordou com um movimento impaciente. – Vou buscar Charlotte.

Saí do escritório meio atordoado com tudo o que tinha acabado de acontecer. Respirei fundo. Realmente Mary não estava nada bem e eu precisava me preparar para consolar Charlotte quando ela descobrisse a verdade. Seria triste e doloroso.

Mesmo assim eu iria até o fim. Mentiria uma vez mais com o único intuito de fazê-la feliz, enquanto ainda podia ser.

CHARLOTTE

Alex estava muito estranho. Ele parecia pensativo, ficava sério encarando o nada e sempre que me flagrava olhando-o, simplesmente sorria e fingia que faltava fazer mais alguma coisa na cabana.

Eu estava perdida entre sonhos e fantasias. Olhar aquela cabana outra vez fazia as lembranças dançarem na minha frente. Eu estava completamente envolvida na atmosfera daquelas imagens, no amor que sentia e no desejo que nos assolou naquela noite.

Oh, Deus! Alex tinha dito que me amava, tinha feito amor comigo e foi maravilhoso! Tentei me concentrar no que acontecia ao nosso redor, a casa toda preparada, como se estivesse nos aguardando, Alex conferindo a lareira e nem estava frio, o sofá... Ah, aquele sofá!

Céus, Charlotte! Pense em qualquer coisa que não seja ceder tão fácil ao homem que na noite anterior estava algemado na cama com duas mulheres.

Só que eu não conseguia mais pensar neste assunto. Para mim, em meu coração, tudo o que tive de argumento e justificativa foi o suficiente para enterrar de uma vez por todas a minha dor. Alex não estaria com as duas vacas se não fosse forçado a isso e, sinceramente, é preciso muita falta de amor próprio para algemar um homem na cama e forçá-lo a transar.

Senti até pena delas.

– No que está pensando? – meu noivo se aproximou cautelosamente, os olhos escrutinando meu rosto. Eu pude ver em suas feições que ele temia que Tiffany e Anita ainda fossem motivos para eu me afastar.

– Não vamos voltar hoje, não é? – seus olhos se abriram surpresos e sua mão vagou pelos cabelos lisos e negros como a noite.

– Não. Precisamos de um tempo só nosso, então pensei em...

– Está louco? Meu pai vai nos matar antes de estarmos oficialmente casados – afastei-me tentando encontrar algum indício de que ele brincava, Alex ficou sério e mordeu o lábio.

– Na verdade... Peter não achou a ideia ruim.

– O quê? – não acreditei no que ele me dizia.

– Eu disse, Charlotte. O segredo estava no casamento. Peter relaxou e se conformou.

– Espere um pouco... – fiquei confusa. – Você disse ao meu pai que passaríamos a noite aqui, juntos, sabendo que ele conseguiria supor o que faríamos, e mesmo assim ele aceitou?

– Vamos nos casar amanhã.

– E daí? Estamos falando de Peter Middleton e não de qualquer outro pai normal da face da Terra.

Não sei dizer o que mais me atormentava, se a possibilidade de termos uma noite só nossa sem a pressão do casamento, ou a facilidade de Alex em conduzir o meu pai.

– Ele caiu, bateu a cabeça... sei lá, qualquer coisa que justifique este fato? – Alex riu e me abraçou.

– Eu disse a Peter que tivemos problemas ontem, que você estava bem aborrecida comigo e que, por causa dos compromissos com o casamento, não tivemos a chance de conversar, então deixei ele imaginar que você poderia desistir e não comparecer amanhã. Talvez, quem sabe, até fugisse no meio da noite. Sugeri que passássemos algum tempo sozinhos, para que eu te convencesse a não desistir.

– E ele acreditou?

– Tratando-se de você, Charlotte, qualquer coisa é possível – vi a frustração em seus olhos e entendi que Alex acreditava mesmo naquela asneira toda.

– Eu não fugiria – garanti. Ele entortou a boca e fez uma careta. – Alex, eu não vou desistir do casamento.

– Assim eu espero – disse por fim, levantando a mão para acariciar o meu rosto.

– Mas você não está tão certo de que será assim – mais uma careta e ele se afastou, indo sentar no sofá.

– Porque você é muito imprevisível. E depois de ontem eu não sei mais o que esperar da vida. É melhor que passemos a noite juntos, para garantir que nenhuma merda aconteça.

Suspirei e caminhei em sua direção, parando diante dele. Alex levantou os olhos e me encarou, aguardando pelo que eu faria. Passei os dedos pelos seus cabelos, adorando a textura dos seus fios. Ele fechou os olhos, aproveitando o carinho. Sem que minha mão o abandonasse, ajoelhei, ficando entre as suas pernas, e, inclinando o corpo para frente, beijei-o.

Alex correspondeu no mesmo instante. Seus lábios quentes se movimentavam nos meus, num ritmo calmo, aproveitando cada sensação gostosa que surgia em nossos corpos à medida que o beijo se aprofundava. Suas mãos se apossaram de mim, puxando-me pelas costas, levando-me para mais perto, meus seios colados ao seu peitoral, separados pelas roupas, mas ansiosos pelo contato. A língua atrevida assumiu o controle e eu me vi rendida.

Como eu o queria!

Mãos quentes e possessivas me tomavam, apalpando meu corpo, acariciando as laterais das minhas pernas, dominando minha bunda e subindo pelas minhas costas para fazerem de mim o que bem quisessem. Gemi deliciada e levantei para sentar em seu colo.

Alex se encostou no sofá, recebendo-me em seu colo, ficando entre as minhas pernas. Apesar do jeans grosso, senti a sua ereção, um corpo desperto e pronto para mim. Afundei os dedos em seus cabelos e rebolei lentamente em seu sexo, deleitando-me com a fricção fabulosa.

– Não, amor! – sussurrou em meus lábios, mas me puxou para o lado deitando-se sobre mim.

Intensificamos o beijo. Abri minhas pernas recebendo-o no meio delas. Alex apertou minha cintura com força e se movimentou roçando seu sexo no meu. Passei minha língua em seus lábios, de maneira insinuante. Meu noivo, quase marido, esfregou-se em mim com mais intensidade, desviando os lábios dos meus para beijar meu pescoço.

– Linda, hoje não – e se afastou com um sorriso debochado.

– Não? – perguntei atordoada, sem entender o que ele queria dizer.

– Não. Vamos nos casar amanhã, quero manter a tradição.

– O quê? – quase gritei em resposta. Alex riu. – É brincadeira, não é?

– Não. Não é – levantou-se do sofá. – Tenho que alimentar a lareira ou vamos congelar.

– Está quente até demais aqui – sentei no sofá vendo Alex se movimentar sem esconder seu pau firme e duro, seguro pelo jeans.

– Mas vai esfriar e eu não quero que você fique doente no dia do nosso casamento. Comporte-se e tudo vai terminar bem – minha mente estava uma confusão só. Como assim ele não queria transar? E como assim manter a tradição? Que diabo de tradição ainda existia no século vinte e um?

– E aquele papo de não querer perder nem um segundo? De não deixar nada para depois, de viver o agora? Foi somente para me convencer a aceitar este casamento a jato?

– Vamos fazer assim. Você quer namorar, então vamos namorar pelo tempo que ainda tem como solteira. Amanhã estaremos casados e o sexo passará a ser uma obrigação do matrimônio. Podemos esperar – ele sorria como se estivesse aprontando alguma travessura.

– Obrigação? Que absurdo! – joguei o corpo no encosto do sofá, fazendo ruído. Todas as minhas células gritavam em protesto.

– Claro que sim. Você será “minha esposa” e por este pequeno fato, terá obrigações a cumprir, Sra. Frankli – passei a mão no rosto me negando a acreditar naquela conversa.

– Inacreditável!

– Vou alimentar a lareira – e disparou porta afora.

Fiquei paralisada no sofá, incapaz de reagir. Alex com certeza tentava me distrair para que eu não desistisse do casamento. Droga! Não seria tão fácil. Levantei decidida a ir a seu encontro quando ele voltou com toras nos braços.

– Pode parar com isso, professor Alex Frankli! – ele olhou em minha direção e sorriu. – Estou falando sério. Volte agora mesmo para aquele sofá e cumpra com sua obrigação de professor particular – ele deu uma risada alta e gostosa enquanto jogava a madeira no fogo.

Eu me sentia como aquelas toras, queimando e sendo consumida pelas chamas. Toda aquela história de morte, de desejos realizados e amores perdidos, de mulheres nuas algemando meu noivo a uma cama, de ele deixar claro que desejava o meu tipo físico e não o delas, tinha me deixado tensa. Precisava, ou melhor, necessitava de Alex para voltar a me sentir segura.

– Em menos de vinte e quatro horas, Charlotte – caminhou em minha direção tomando-me em seus braços. – Agora seja uma boa garota e curta um pouco do seu namorado, e à noite seremos marido e mulher.

– Ah, claro! Isso se eu não entrar em combustão até lá.

– Eu amo esta sua... disposição.

– Disposição? Sei! – cruzei os braços e saí batendo os pés até o sofá. – Se não vamos fazer nada,

podemos voltar para casa – empinei o nariz e encarei meu namorado. Ele ainda sorria lindamente.

– Claro que vamos fazer alguma coisa – sentou do meu lado virando-se para mim. – Vamos conversar... – beijou o canto dos meus lábios. – Vamos namorar bastante... – roçou os lábios em meu pescoço puxando o ar com força. – E vamos dormir abraçados como um casal apaixonado – passou a ponta do nariz por minha clavícula. – Você está especialmente cheirosa hoje, Charlotte.

– Eu já te disse antes: isso se chama banho, professor Frankli.

Ele riu e eu não consegui ficar séria, apesar de continuar ansiosa, quente e nervosa. Não era justo não ter direito a uma despedida de solteira.

– Vai ficar resmungando a noite toda ou vamos desfrutar do nosso tempo? – Alex estava carinhoso, cheio de charme, tentando me enlouquecer de uma vez por todas.

– Antes tivéssemos a nossa despedida de solteiros, quer dizer... sem Tiffany, Anita e todas aquelas mulheres exibidas que só o seu irmão é capaz de conhecer – ele riu, mas ficou tenso com a minha menção à noite anterior. – Seria melhor do que ficarmos aqui brincando de casinha – um sorriso torto se projetou em seus lábios me fazendo perder o foco. Ah, como eu amava aquele sorriso!

– Eu não preciso de uma despedida de solteiro. Já tenho tudo o que quero. Estou ansioso para me tornar um homem casado e ter a mulher da minha vida como esposa. Não tenho motivos para me despedir com pesar da minha solteirice – passou os dedos em meus cabelos colocando uma mecha atrás da orelha.

– Eu gostaria de ter uma despedida de solteira – revelei e ri quando ele soltou o ar com força. – Qualquer coisa que conseguisse bater naquela sua festa horrorosa.

– Amor...

– Qualquer coisa que me desse o direito de pagar na mesma moeda.

– Charlotte...

– Ao menos de ter um chá-bar ou algo parecido.

– Cala a boca – puxou-me em sua direção.

Alex me beijou com ternura, depois o beijo evoluiu para o carinho entre dois adolescentes e, logo em seguida, éramos um casal fogo e apaixonado. Não sei bem em que parte eu sentei em seu colo, nem quando suas mãos começaram a acariciar minhas costas por dentro da camisa, ou até mesmo quando foi

que eu decidi que poderia desabotoar a calça dele, só sei que exatamente nesta hora ele acabou com o meu divertimento.

– Nada disso, mocinha. Seja uma menina comportada e aguarde até a hora do sim – afastou-me com as mãos, tentando me tirar do seu colo. Fui mais agressiva. Forcei o meu corpo contra o dele, roçando seu membro tentando atiçá-lo. – Charlotte! Não faça isso – sua voz era puro desejo.

– Alex, não faça isso! – repeti suas palavras como uma súplica.

– Não, amor! – segurou em meu punho com força para me deter exatamente quando eu alcançava seu sexo.

– Por favor! – gemi esfregando-me nele, implorando para que ele desistisse daquela loucura.

– Não!

– Que droga! – explodi. – Eu tenho que concordar com um casamento feito às pressas, para atender aos seus anseios – levantei-me de seu colo sem lhe dar a chance de me impedir. – Nem bem comecei uma vida sexual de solteira e já tenho que me acostumar com a de casada e, para piorar, você ainda quer que eu espere até depois do casamento... E as minhas necessidades?

– Deixe de ser criança, Charlotte. É apenas uma noite. Se você esperar, nós teremos uma noite de núpcias inesquecível.

– Eu posso desistir, Alex. Posso me negar a aparecer naquele altar amanhã.

Encaramo-nos mantendo o clima tenso que se instalou. Merda! Eu só queria um pouco de sexo com o homem que eu amava. Se eu tinha concordado com tudo o que ele sonhava, então por que ele não podia fazer o mesmo comigo? Principalmente depois de ter me feito sofrer tanto, de me deixar insegura e tão necessitada dos seus carinhos, da confirmação do seu amor.

– É o que você quer?

Alex me olhava com temor. Pensei em Lana e toda a sua empolgação. No vestido que ela tinha conseguido, no bolo de casamento, em minha mãe plena como se não houvesse mais problemas no mundo, no sorriso bobo do meu namorado quando eu disse sim, na possibilidade de uma vida a dois repleta de realizações... Em Alex... apenas em Alex. Claro que eu não desistiria.

– Não. Mas não pense que vou ficar me agarrando com você a noite toda deixando meu corpo

queimar sem fazer nada para aplacar o fogo – o alívio expresso em seus olhos era quase palpável.

– Ah, não? – sorrii daquela forma que tirava o meu juízo.

– Não! – cruzei os braços e o encarei como uma criança. O sorriso de Alex ficou ainda maior.

– E o que pretende fazer? – arqueou uma sobrancelha. Arqueei a minha também como resposta. –

Nada disso, Charlotte Middleton. Você não vai furar o meu cerco. Nenhum alívio sexual até eu ouvir o sim.

– Sim – disse um pouco mais alto. Alex riu. – Então é isso? Você está me comprando com sexo, ou a falta dele, para que eu não desista? Tudo isso apenas para que eu não fuja antes de chegar ao altar? – pela forma como ele me olhou, eu tive a confirmação de seu plano absurdo. – Prometo que caso. Juro! Assino os documentos antes...

– Nem pensar. Só voltarei a tocar em você quando for minha esposa. É pegar ou largar.

– Merda!

Diante de tal situação, minha única opção era dormir. Saí batendo os pés em direção ao quarto.

Se ele queria assim, tudo bem. Mas eu também tinha um plano. Estava começando a esfriar realmente, sobretudo no quarto, mais distante da lareira. Apesar do frio, tirei toda a roupa e deitei de bruços sem me cobrir. Alex demorou a aparecer, mas eu senti no mesmo instante que surgiu. Seu suspiro foi audível e o meu sorriso imenso.

– Charlotte? Vai fazer frio. Seria melhor você vestir alguma coisa.

– Vou sabotar a sua lua de mel – não me dei ao trabalho de abrir os olhos para responder à sua passividade. Alex riu baixinho.

– Duvido muito.

– Eu não. Pode esperar. Você só vai conseguir transar comigo depois de um mês – apesar de meus olhos fechados, eu senti que ele hesitava.

– Não. Não vai conseguir me convencer, Charlotte. Desista!

– Tudo bem. É o senhor quem sabe, professor Frankli – virei sensualmente fornecendo ao meu futuro marido uma visão mais ampla da minha bunda. – Boa noite!

Ele não se deitou imediatamente, depois de algum tempo senti a cama afundando, o lençol em

minha pele e seu corpo colado ao meu. Alex correu os dedos em minhas costas, causando um calafrio em minha espinha. Toda a minha pele arrepiou.

– Durma bem, meu amor.

Abri os olhos e encontrei os dele. Havia muito amor naquele olhar. Tão grande, tão puro e verdadeiro que me senti em paz. Naquele momento, mais uma vez, tive certeza de que havia feito a escolha certa. Casar-me com Alex seria a minha felicidade, o meu caminho. Aconcheguei-me a ele, e, embora ainda sentisse o calor do desejo, adormeci ouvindo as batidas do seu coração.

CAPÍTULO 34

“Porque todos os amantes se comportam como eu: Inconstantes e volúveis em todos os sentimentos.

Menos na imagem fixa de criatura que amam.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

O barulhinho dos pássaros me despertou. Por alguns segundos fiquei meio perdida sem saber ao certo onde estava, o que estava acontecendo ou até mesmo quem eu era. Então reconheci o braço forte de Alex segurando-me pela cintura, colando meu corpo ao seu. A temperatura estava meio fria e ele superquente. Excitado.

Hum!

Rocei minha bunda em sua ereção. Era a fórmula certa para persuadir meu professor a desistir daquela ideia estúpida de não transar antes do casamento. Onde já se viu uma coisa destas? Que absurdo! Falta de consideração.

Ele reagiu instantaneamente. Empurrei minha bunda contra ele, que se esfregou em mim, sonolento, ainda acordando, sem se dar conta de que aos poucos cedia ao meu desejo.

Sua mão grande e quente acariciou meus quadris, prendendo-me enquanto desfrutava de mim. Fiquei mais do que excitada. Alex gemeu manhosamente e alcançou meu pescoço com os lábios. O friozinho da manhã nos forçando a ficar ainda mais colados e o calor da nossa excitação nos impelindo a ir mais longe.

– Bom dia, futura esposa! – sussurrou com a voz rouca, típica de quem acaba de acordar e certa para quem está explodindo de tesão.

– Hum! – ronronei deixando que ele desfrutasse mais um pouco do meu corpo nu.

– Preparada para o sim?

– Sim! – ele riu e mordeu meu pescoço com a pressão certa para me fazer umedecer completamente. – Alex? – gemi.

– Hum! – sua língua percorreu minha orelha onde seu hálito quente fez minha pele arrepiar.

– Podemos pular para a lua de mel? – pedi rebolando minha bunda em sua ereção já totalmente acentuada. Ele riu e se afastou.

– Nem pensar, Charlotte Middleton! – mordeu minha orelha e levantou-se da cama. – Vamos logo,

Lana vai me matar se não te levar para o seu dia da noiva.

– O quê?

Ah, não! Eu já havia concordado com aquela maluquice toda, mas deixar Lana passar o dia tagarelando em meu ouvido, pintando-me, melecando-me e me massageando... Nunca!

– Vou ficar aqui. Mande alguém me buscar na hora do sim. Ou melhor, ligue para mim quando chegar a hora, eu digo ao padre que aceito, e tudo estará resolvido.

– Não me obrigue a tirá-la da cama, Charlotte. Seja uma boa menina que eu prometo recompensá-la depois.

– Quero antes. Muito antes. Você é muito mau. Nem acredito que vou casar com um homem tão malvado – ele riu inclinando-se sobre mim. Claro que meu corpo inteiro reagiu. – Estou com saudades – eu disse manhosamente. Alex me deu um beijo leve nos lábios.

– Muita? – desceu o nariz até a minha clavícula.

– Muita mesmo! – gemi dengosa.

Alex passou o braço por baixo de mim e, sem que eu esperasse, puxou-me com força, levantando-me presa a seu corpo. Gritei, rindo da situação e entrelacei minhas pernas nele. Então meu futuro marido acariciou minhas costas, alcançando minha bunda no mesmo instante em que me beijava intensamente.

– Hummmm! – gemi em seus lábios. – Faça amor comigo, Alex! – supliquei.

Ele caminhou em direção ao banheiro, sem interromper as carícias. Sorri vitoriosa, meus lábios ainda nos dele. Alex, sem me deixar perceber o que fazia, abriu o chuveiro nos enfiando debaixo dele. Gritei ao sentir a água gelada.

– O que você está fazendo? – ele gargalhava enquanto me segurava embaixo da água sem se importar em molhar suas roupas.

– Nada como um banho gelado para acalmar os ânimos, amor.

Bati em seu peito e o empurrei o máximo que pude. Ele continuava rindo, mantendo-me firme junto dele embaixo do chuveiro. Gritei o máximo que pude, tentando machucar meu noivo, então sua boca alcançou a minha e seu beijo foi forte e intenso. Apesar da raiva, foi impossível ficar indiferente a esse conjunto tão perfeito: Alex, lábios, língua e mãos. Tudo ao mesmo tempo e em todos os lugares. Arfei.

– Calma, menina fogosa. Agora falta pouco – roçou seus dentes em meu pescoço. A água estava muito fria e logo comecei a tremer.

– Eu odeio você! – esbravejei já completamente rendida. Ele riu.

– Mas vai casar comigo mesmo assim. Venha, não quero que fique doente logo na nossa lua de mel – desligou o chuveiro e me colocou no chão enquanto procurava pela toalha.

– Tomara que eu morra antes, aí você vai passar o resto da vida se lamentando por não ter me comido.

– Que termos horríveis, Srta. Middleton!

– Vá a merda! – Ele riu, passando a toalha sobre meus ombros e me abraçando com força.

– Quando chegarmos em casa, vou lavar sua boca com água sanitária – puxou meu cabelo inclinando minha cabeça em sua direção e beijou meus lábios.

– Você será meu marido, não meu pai. Nunca se esqueça disso! – arqueei uma sobrancelha.

– Não vou esquecer. Ser seu marido já está de muito bom tamanho – abriu um sorriso enorme. Ah, como eu gostava de ver Alex feliz daquele jeito, mesmo depois de um banho gelado.

ALEX

Quando chegamos à casa, Lana nos esperava do lado de fora, tínhamos ignorado suas trocentas ligações, já que ela ficaria com Charlotte até a hora do casamento, então aproveitei ao máximo o tempo que ainda me restava com a minha noiva. Só de pensar que no final daquele dia estaríamos casados, meu coração acelerava.

Tudo bem que não era mais nenhum garotinho, mas, para mim, casamento sempre foi um passo muito importante e casar com a mulher que eu amava, mesmo que sob pressão, era tudo o que eu poderia desejar. Depois daquela tarde não haveria mais Peter, editora nem faculdade que me impedissem de tocar minha linda esposa.

– Este sorriso está espetacular. Merece uma foto – brincou quando estávamos estacionando o carro. Imediatamente, ouvi o barulhinho do celular indicando que uma foto havia sido tirada.

– Para com isso! – fiquei sem graça instantaneamente.

Charlotte nunca havia me fotografado antes. Para dizer a verdade, eu também nunca havia feito isso com ela. Precisava mudar algumas coisas em minha vida. Nunca fotografava as mulheres com quem eu saía, nem permitia que me fotografassem. Uma parte por causa da minha vida profissional. Não queria ser o editor que estava sempre acompanhado de mulheres diferentes, a outra pelo fato de não querer vínculos com ninguém e uma foto no celular significava muita coisa e só piorava quando ia parar nas redes sociais. Porém com Charlotte me fotografando, senti-me especialmente satisfeito. Era um vínculo, uma ligação.

– Você é lindo, professor! Deveria ser sempre fotografado.

– Ok! – saquei o meu celular e posicionei para tirar uma foto dela. – Sorria, futura esposa! – Charlotte fez careta, ficando zarolha e esticando a boca. Ri alto. Meu humor estava excelente. – Sério, amor! Uma lembrança que ficará guardada eternamente – ela sorriu daquela sua maneira única. Meio sem jeito, corando um pouco e com os olhos baixos. Aproveitei o momento. Ficou perfeita!

– Agora nós dois – jogou-se para cima de mim levantando o aparelho. Juntamos os rostos e ela

clicou. – Agora com um beijo – disse carinhosamente. Sorri e a puxei para mim, posicionando o meu celular para foto.

– Agora separados – Lana abriu a porta com cara de poucos amigos. – Chega de brincadeiras, estamos atrasadas.

– Atrasadas? O casamento será no final do dia – Charlotte, meio tensa, repreendeu a Lana.

– Pois é e já estamos atrasadas – minha irmã puxou minha noiva pelo braço sem lhe dar chance de escapar. – Sabia que temos hora com uma maquiadora e um cabeleireiro? E ainda vamos cuidar de uma série de coisas antes de eles poderem colocar as mãos em você.

– Vejo você depois? – ela me olhou com olhinhos de súplica. Quase a arranquei dos braços da minha irmã, infelizmente sabia que era melhor não comprar aquela briga.

– Acho que sim. No fim do dia. No altar. Isso se você não desistir – brinquei, mas ela fez uma careta deixando-me inseguro. – Vejo você depois? – Devolvi a pergunta.

– Vou ver o que posso fazer – e Lana levou Charlotte.

Respirei fundo tentando me convencer de que não deveria me preocupar. Charlotte estaria lá e diria sim. E se ela desistisse? Droga! Seria melhor tê-la devolvido só depois do meio dia. Estava muito cedo ainda, haveria tempo de sobra para ela pensar. Mas que merda, Alex! Pare de ser infantil, inseguro e babaca. Ela vai estar. Não é nem louca de desistir. Se bem que Charlotte é louca para qualquer tipo de situação.

– Pelo visto deu tudo certo – Peter se materializou ao meu lado fazendo-me estremecer de susto. – Algum problema? – Olhei para meu futuro sogro em dúvida se ele seria a melhor pessoa para desabafar.

– Como está Mary? Conseguiu convencê-la?

– Sim e ela está ótima hoje. O casamento da filha tem sido o seu melhor remédio – havia uma tristeza em seu olhar que me comovia. – Você é que está muito tenso, Alex.

– Não é o que se espera de alguém que vai casar em algumas horas?

– Eu me senti assim também... no dia do meu casamento. Mary era tão imprevisível! – seus olhos se perderam na casa e em sua movimentação. – Mas ela estava lá, linda e sorridente, como se aquele fosse o dia mais feliz da sua vida.

– E não foi? – começava a me sentir melhor, mesmo sabendo do sofrimento que Peter tentava esconder.

– Graças a Deus, não – riu sozinho. – O casamento deve ser construído um passo a cada dia. Não é fácil, também não é tão complicado. Houve vários “o dia mais feliz da sua vida”. Eu fiz questão de proporcionar isso a ela. Mary é a mulher que eu amo, sempre amei e sempre vou amar, não teria como ser diferente.

– Eu vou fazer Charlotte feliz – foi fácil fazer aquela promessa. Peter, mesmo sofrendo tanto, conseguia me mostrar que era possível e que no final tudo valeria a pena.

– Não tenho dúvidas disso, rapaz. Charlotte já te dominou, basta olhar para vocês para saber. E ela te ama, então... – deu de ombros. – Vamos. Temos muitas coisas para fazer ainda.

– É? E o que seria? – Lana com certeza havia contratado todos os tipos de profissionais para cuidar de tudo. Então o que poderia estar reservado para mim?

– Sua despedida de solteiro – riu batendo em meu ombro.

CHARLOTTE

– Odeio máscara de proteína, vitamina, qualquer coisa terminada com “ina” – fiz uma careta enquanto Lana mexia na pasta que insistia em colocar no meu rosto.

– Deixe de besteira. Não pode estar com a pele ressecada em sua lua de mel. Já imaginou o que Alex vai pensar? Você tem que chegar arrasando e fazer com que ele se lembre desta noite como a melhor da sua vida – dei risada.

– Não consigo ficar calada, nem sem olhar para as pessoas ou me mexer. Essa gosma é muito nojenta, vou acabar vomitando.

– Meu Deus! Que noiva mais mala! – Miranda entrou no quarto da minha cunhada já demonstrando o quanto estava contrariada. Eu só não sabia o motivo daquela cara fechada.

– E que madrinha mais ranzinza – rebati. Miranda sorriu sentando do meu lado.

– Já fez a depilação?

– O quê? Não. Nada disso. Esse troço dói pra diabos! Deus me livre! – Lana me olhou como se quisesse dizer “fica calada que eu vou fazer e pronto”. Meu coração disparou.

– Vai querer abrir as pernas cheia de pelos?

– Que coisa horrível para se dizer no dia do meu casamento – reclamei cruzando os braços.

– Calada, Charlotte, vou aplicar a máscara – não aguardou pela minha permissão e já foi passando aquele troço nojento e melequento em meu rosto. – Quietinha, ou ficará cheia de rugas.

Pela risada de Miranda eu entendi que era só para me amedrontar, preferi não arriscar.

– Eles já foram? – ouvi Lana perguntando a Miranda.

– Já! – pelo tom da minha amiga, o que quer que estivesse acontecendo não a agradava.

– Conseguiu alguma pista? – pista? Do que elas estavam falando?

– Nada. Ninguém quis dizer nada.

– Isso não vai prestar.

– É. Mas eu já avisei que se desconfiar de algo... Qualquer coisa, um fio de cabelo, uma marca de

batom, um perfume vagabundo e acabo com ele... quer dizer... nós mulheres não vamos aceitar isso – Lana riu.

– E você quer esconder de quem que você e o Paty estavam na garagem no maior amasso.

– O quê? – falei imediatamente.

– Calada, Charlotte! – Lana esbravejou.

– Eu não estava agarrada com ele. O seu irmão que estava tentando me agarrar.

– Não sei qual foi o problema entre vocês dois, mas seja qual for é melhor definirem logo essa situação, ou Peter vai começar a se intrometer.

– Patrício não me merece e ponto final – Lana riu. – Depois de tudo o que aconteceu na casa do Alex, ele ainda acredita que pode me convencer do contrário.

– Ele é um idiota – falei sem conseguir me controlar.

– E eu vou colar a sua boca com fita crepe – Lana me deu um tapa de leve no braço. – João não é nem louco de aparecer com alguma novidade – ameaçou.

– Do que vocês estão falando? – não aguentei a curiosidade, abri os olhos e estraguei a máscara.

– Charlotte! Pelo amor de Deus! Será que não posso confiar em você? Fique calada! – Lana colocou mais uma camada daquela porcaria com cheiro de folhas molhadas na minha cara. – Agora fique bem quietinha.

– Eu não estou gostando nada disso – Miranda continuou, deixando-me intrigada. O que Patrício e João haviam aprontado para deixá-las tão aborrecidas? Além dos problemas óbvios.

– Eu também não, mas Peter vai junto, o que me deixa mais tranquila.

– Meu pai? – não resisti.

– Não é possível! – Lana esbravejou. Rapidamente voltei a deitar a cabeça no encosto da cadeira e petrifiquei o tosto. Confesso que minha vontade era de rir muito.

– Como estamos indo? – ouvi minha mãe em algum lugar atrás de mim. Não me atrevi a virar nem a falar nada. – Uau! O que é isso? – ela estava mais próxima agora.

– É para deixar a pele da nossa noivinha perfeita. Quer um pouco? – Lana voltou ao seu estado de empolgação.

– Não. Tenho que ajudar Dana com as flores – senti sua mão macia na minha. – Tudo bem com você? – balancei a cabeça indicando que sim e minha mãe riu. – Já vi que está seguindo as ordens da Lana. Muito bem. Quero você divina naquele altar.

– Pode deixar – respondi de maneira involuntária e me arrependi logo em seguida.

– CHARLOTTE MIDDLETON!

ALEX

– Era para ser divertido, parece que o noivo não está achando muita graça – encolhi-me em meu casaco enquanto João reclamava.

– Despedida de solteiro com meu pai e meu sogro. Era tudo o de que eu precisava – resmunguei lavando as mãos.

Estávamos no banheiro do bar mais badalado da região, exceto àquela hora da manhã. Era só o que me faltava. Uma despedida de solteiro em um bar vazio, acompanhado do meu pai e do meu futuro sogro. O que João tinha na cabeça?

– Lana nos colocou para fora de casa. A esta hora da manhã não há muito o que fazer por aqui. É a nossa primeira parada, mais tarde vamos caçar. E eu precisava me redimir de alguma forma, com você e com ela, então... – deu de ombros.

Revirei os olhos. Eu preferia estar na casa, vigiando Charlotte de perto para impedi-la de fugir. Era melhor não me torturar mais com aqueles pensamentos.

– Anime-se! Hoje à noite você vai poder comer sua esposa sem nenhum mala para atrapalhar ou interromper – ri sozinho.

– Dá para falar com mais respeito da minha vida sexual?

– Daria, se eu não soubesse que a sua futura esposa é tão ninfomaniaca ou pior do que a minha – foi a minha vez de rir.

– Charlotte me assusta.

– Sei bem o que é isso – nós nos olhamos pelo espelho. Pela primeira vez na vida me solidarizei com meu cunhado e amigo.

– Não é ruim, é só... assustador – ele sorriu amplamente.

– Claro que não é ruim. É sexo, e com a mulher que você ama.

– É amor, João!

– Sim, sim. É amor, que é diretamente ligado ao sexo – balancei a cabeça sem acreditar naquela

comparação.

– O que tem de errado com essas mulheres? Eu sempre li que com o tempo elas perdem o interesse, ou que nem sempre estão com vontade, que os hormônios não ajudam muito... Charlotte está sempre tão disposta. Não que eu esteja reclamando, mas... Ontem ela ficou louca porque eu disse que iríamos esperar até o casamento. Era só uma maneira de tornar tudo mais interessante. Ela se revoltou e exigiu que transássemos. Foi divertido vê-la tão irritada, só que ao mesmo tempo fiquei imaginando que se alguma coisa acontecesse de que forma ela reagiria.

– Alguma coisa? Como assim?

– Sei lá. Um dia que eu estiver muito cansado, ou que... não sei... Essas coisas acontecem... – João gargalhou.

– Você está com medo de broxar? – falou mais alto fazendo com que me arrependesse de ter começado aquela conversa.

– Não! Mas pode acontecer, não é?

– Claro que pode! Principalmente para um homem como você, já com a idade avançada, cansado e sem gás – ele ria sem parar.

– Vá se foder, João!

– Sério! Você está casando com uma menina cheia de energia e que, como num passe de mágica, por sugestão sua, descobriu que adora uma boa trepada. É, amigo, acho que você está em maus lençóis.

Será que eu estava mesmo?

CHARLOTTE

– Pelo amor de Deus, Lana, não puxe – meu grito agudo preencheu o quarto.

Ela tinha me ameaçado de todas as formas até que eu cedesse à depilação. De verdade, aquilo não foi criado por Deus. Primeiro ela colocava a cera quente, quente mesmo, aquela história de que era só um leve ardor era pura mentira. A porcaria queimava. Minha pele muito branca começou a ficar rosa, com certeza nunca mais eu teria sensibilidade naquela região.

Lógico que eu já fazia depilação, mas nas pernas e nas axilas, o que era até suportável. Ou quase. Ok! Doía muito também, mas nada se comparava àquela cera quente como o inferno na minha... bom, lá no lugar mais importante para a lua de mel.

– Estou acabada – choraminguei. – Não vou aguentar a minha própria lua de mel. Você acabou comigo, Lana. Nada que Alex fizer vai conseguir amenizar a ardência. Sem contar que nunca vou ter coragem de deixá-lo ver tudo tão... sem nada, e vermelho desse jeito – Miranda riu e Lana me encarou com certa piedade.

– É, Charlotte, pelo visto alguém deveria ter se encarregado da sua educação sexual – Miranda explodiu em risos e eu fiquei mais vermelha do que minha... Bom, do que aquele pequeno espaço superimportante do meu corpo.

– Alguém deveria me proteger de você, sua bruxa malvada!

– Larga de ser boba e vira logo essa bunda. Estamos perdendo tempo.

– O quê? Para que você quer que eu te mostre a minha bunda. Ela não tem pelos – Miranda não parava de rir.

– Claro, claro! Na bunda não, mas num lugarzinho bem no meio dela, com certeza tem – fez cara de poucos amigos. Eu já temia as loucuras de Lana e ali, naquele momento, eu demonstrei o quanto. – Anda logo com isso, Charlotte. A cera vai esfriar e aí você vai ver o que é dor.

Muito lentamente virei de costas, completamente apavorada. Não acreditava que estava fazendo aquilo, não naquele lugar. E para que inferno precisaria depilar o... o ponto proibido.

– Amiga, quando você ficar de quatro e Alex tiver a visão desta bunda lisinha, pode acreditar, vai ficar superagradecido – Miranda passou as mãos em minhas costas me confortando.

No meio daquela loucura toda, enquanto Lana me tocava daquela maneira tão embaraçosa e absurda, vasculhando o melhor ângulo para colocar a massa criada no inferno em meu... meu lugar que até pouco tempo era intocável e intocado, permiti-me imaginar o que seria eu, de quatro, com Alex. Puta merda! Imaginei a cara dele ao ver minha bunda empinada. Oh, droga! Imaginei ele me segurando pelos cabelos e arremetendo em mim sem piedade e...

– PUTA QUE PARIU! – Fui incapaz de me controlar. Aquela maldita meleca quente queimou minha pele para logo em seguida Lana puxá-la sem dó nem piedade. – NÃO TOQUE MAIS EM MIM! – Virei rapidamente impedindo que ela continuasse.

– Só falta mais um pedacinho, Charlotte – ela me encarava incrédula enquanto Miranda ria como se estivesse em um circo.

E realmente estava.

ALEX

– Já estamos andando há quase duas horas e nenhum animal apareceu. Nem mesmo um rato. Quem inventou esta maldita caçada? – Patrício reclamava a cada cinco minutos.

Meu pai, Johnny e Peter estavam concentrados. Eles adoravam caçar! João trocava mensagens pelo celular, Patrício não via graça em nada que o podia oferecer e eu estava com a cabeça em Charlotte.

Talvez tenha exagerado ao me negar a transar. Minha noiva só queria uma noite de amor, um pouco de prazer e carinho, mas eu fiquei firme e não concordei. Fui um idiota. Como a desejei a noite toda. Aquele corpo pequeno, quente, macio... Droga! Eu devia ter cedido. Minha cabeça fervilhava com imagens terríveis. Ela fugindo, recusando-se a casar, atacando-me após o casamento e, no fim, eu não conseguindo uma ereção por causa da ansiedade, ou estragando tudo com um orgasmo prematuro. Merda!

– Pare de pensar nisso. Eu estava só brincando – João parou do meu lado, murmurando para não chamar a atenção dos outros.

– Não estou pensando em nada – estava decidido a não conversar mais com meu amigo sobre aquele assunto.

– Claro que está! Fique frio cara. Você vai conseguir.

– Quer calar a merda da sua boca? – meu pai e Peter pigarrearam. Uma indicação clara de que deveríamos manter silêncio. Não sei qual de nós, já que Patrício se mexia o tempo todo e reclamava sem parar.

– Só estou tentando ajudar – ele sussurrou. – Já aconteceu antes?

– João, me deixe em paz! – Peter olhou para trás carrancudo. Suspirei e levantei, afastando-me do grupo. Meu cunhado não se deu por vencido e me seguiu. Seria o dia mais torturante da minha vida.

– Alex, pode se abrir comigo. Isso pode acontecer com qualquer um. É normal.

– Comigo nunca aconteceu – ele riu.

– Pelo amor de Deus, vamos arrumar alguma coisa mais legal para fazer – Patrício se juntou a nós sem perceber o quanto eu estava de saco cheio. – Vamos contratar umas dançarinas, dar umas roçadas em

algumas garotas. Isso sim é uma despedida de solteiro, merda!

– Como se não bastasse a merda da outra noite – resmunguei.

– E Miranda te mata. Aliás, você estava tentando agarrá-la na garagem hoje cedo? – João falou voltando a sua atenção para Patrício.

– Eu não! – ele me olhou de soslaio. João riu e então Paty deu as costas, fingindo desinteresse. –

Miranda está roubando o meu juízo.

– Porque você é um idiota – rebati despejando minha frustração no meu irmão.

– Porque não vou cair nessa armadinha de casamento, Mané! Este é o plano perfeito para você, nunca para mim.

– E quem disse que ela quer se casar com você? – vi o olhar do meu irmão mudar.

– Por que não? O que Charlotte te disse?

– Nada – respondi sarcasticamente, e cruzei os braços para encará-lo. Patrício ficou me encarando até que desistiu.

– O que vocês estavam cochichando aqui?

– Nada que seja da sua conta – fui rude e João riu, voltando sua atenção para mim.

– Pode assumir, Alex, ninguém aqui vai crucificar você por isso – revirei os olhos.

– Do que vocês estão falando? – Patrício se interessou pela conversa.

– De nada! João está maluco.

– Ah, qual é, Alex! Confesse cara. Você está entre amigos.

– Qual é o assunto? – Patrício insistiu.

– Nunca aconteceu. Eu já disse. Que porra!

– Alex está com medo de broxar – João largou a bomba.

– Eu não... – não deu tempo de desfazer a situação.

– Sério? – Patrício riu alto chamando a atenção de todos. Que droga! Minha vida se tornaria um inferno.

– Não! João está inventando e, se insistir em continuar, vai acabar perdendo todo os dentes – ameacei.

– Vem tentar – ele riu colocando-se em posição de luta. Minha paciência estava no limite. Sem pensar, peguei um punhado de terra molhada e atirei em meu amigo que me encarou assustado.

Patrício gritou, provocando João e rindo da minha reação. Pelo canto do olho pude ver meu pai, Johnny e Peter levantarem assustados vindo em nossa direção. João ainda me encarava aturdido, sem acreditar. Ele se abaixou. Pensei que avançaria em mim, então pegou mais terra e arremessou em minha direção e, em seguida, arremessou outra quantidade contra Patrício.

A terra atingiu meu pescoço. Ardeu um pouco pela força do arremesso, nada que pudesse me machucar. Patrício riu, abaixou e pegou terra com as duas mãos fazendo cara de malvado. Imediatamente começamos a correr.

Passamos por meu pai e Peter. Ainda consegui ouvir Johnny protestar pelo tanto de terra que tinha recebido no peito. Ele não perdeu muito tempo reclamando. Simplesmente pegou um tanto de terra e correu atrás de nós, entrando na guerra.

Ao final, estávamos completamente sujos, com exceção de meu pai e Peter, que permaneciam intocados e limpos, sem contar que nos olhavam espantados pela brincadeira infantil, apesar de incrivelmente engraçada.

CHARLOTTE

– Aí você pega o gelo, coloca na boca, espera um pouco para que ele deixe seus lábios e as paredes frias e depois...

– Posso entrar? – minha mãe interrompeu a conversa justamente na hora em que Lana revelaria o ponto crucial da brincadeira. Nem preciso dizer que fiquei incrivelmente vermelha.

Conversar sobre sexo com minhas amigas era um tanto quanto fácil, na presença da minha mãe era uma missão impossível. Ela entrou e sentou ao meu lado na cama. Eu estava deitada, de bruços, claro! Meu... minha região incrivelmente delicada não me permitia sentar ainda. Muito menos colocar uma calcinha. Graças a Deus Lana tinha um roupão prontinho para mim.

– Seu pai ainda não chegou. Dana quer estar à frente de tudo e eu estou muito cansada, então, vim te dar um beijinho e avisar que vou me deitar um pouco.

– Faça isso, Mary. Descanse e mantenha sua pele linda desse jeito – Lana não parava um só segundo. – Depois que o cabeleireiro arrumar os cabelos da Charlotte, vai ser a sua vez, depois Miranda. Eu e minha mãe vamos antes da noiva, que é para garantir que alguém da família esteja no salão quando os convidados chegarem. Está lembrada do penteado que sugeri, não é?

Minha mãe olhou para Lana com olhos arregalados e concordou. É. Eu bem sabia o que era contrariar aquela coisinha minúscula. Coitada da minha mãe. Será que ela também teve que depilar o... deixa pra lá. Melhor nem saber.

– Espera – segurei minha mãe pelo braço assim que ela ameaçou levantar. – Onde está o papai?

– Ora, Charlotte! Na despedida de solteiro do Alex – respondeu com naturalidade. Meu coração quase parou.

ALEX

Não dava para voltar para casa daquele jeito. Estávamos imundos! Decidimos que um banho de rio ajudaria. Pelo menos Lana não ficaria louca com nossas pegadas pela casa. Assim que chegamos, Patrício, que nunca tinha vergonha de nada, entrou no rio e começou a tirar suas roupas.

– Tem que tirar toda a terra e depois colocar para secar. Podemos pendurar em alguma árvore e enquanto seca aproveitamos a água.

– Eu estou com fome – João reclamou, mas não deixou de entrar no rio atrás do meu irmão.

– Bom... já que não pode lutar contra, junte-se a eles – Peter, que não estava sujo, tirou a roupa e entrou de cueca.

Pouco tempo depois estávamos todos lá, dentro do rio, apenas de cueca, observando nossas roupas penduradas nas árvores e jogando conversa fora.

– Nem consigo acreditar que estou dentro de um rio, com cinco homens de cueca, na despedida de solteiro do meu irmão – Patrício provocava e eu rezava para que ele não falasse nenhuma besteira na frente de Peter.

– Essa é a despedida de solteiro mais ridícula que tenho notícia – comentou Johnny. – Não tem nem umas garotas gostosas para animar.

– E você acha mesmo que, se estivéssemos com algumas garotas, nossas mulheres permitiriam que voltássemos para casa?

Peter me pegou de surpresa. Eu esperava que ele esbravejasse ou dissesse que jamais permitiria porque eu era noivo da filha dele, mas não. Ele apenas comentou que tinha medo da reação das nossas mulheres.

– É por isso que não vou casar. E, se Alex estivesse em seu perfeito juízo, fugiria agora mesmo – Johnny brincou e Peter jogou um punhado de água em seu afilhado.

– Vou contar a Charlotte sobre sua sugestão – brincou. Nunca tinha visto Peter tão à vontade. Ele estava completamente relaxado e se divertindo. – E Alex acaba de ganhar na loteria. Minha filha é um

tesouro.

– Concordo com você, Peter. Nada me faria desistir. Charlotte é tudo o que eu procurava.

– Ah, claro! Uma garota insistente, que não aceita um não como resposta, capaz de obrigar todo mundo a fazer as suas vontades e que consegue destruir os planos de qualquer pessoa. Com certeza foi a sua melhor pedida – Johnny revirou os olhos e recebeu de mim uma grande quantidade de água.

– É exatamente por isso que amo tanto a Charlotte. Ela nunca me deixou dizer não – todos riram e foi neste momento que ouvimos o barulho de pneus se aproximando. Ficamos em estado de alerta imediatamente.

Um jipe amarelo surgiu e, por mais incrível que pareça, havia cinco garotas nele. Peter olhou para meu pai, que olhou para Patrício, que levantou as mãos e olhou para João que sorriu e olhou sugestivamente para Johnny que sorria largamente olhando para mim.

Putá que pariu!

CAPÍTULO 35

“Em um minuto há muitos dias.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

– Charlotte, pare com isso! Charlotte? – Lana gritava do lado de fora.

Após saber que Alex, o filho de uma... não, Dana não merecia ser chamada assim só porque Alex resolveu ser um... escroto! Isso. Era o que ele era. Um escroto, sacana, miserável que se recusou a transar comigo, mas não tinha sequer questionado uma despedida de solteiro. Outra! Outra despedida de solteiro.

Depois daquela noite, eu não sobreviveria a mais esta.

– Charlotte, é sério! Você precisa fazer a maquiagem e colocar seu vestido.

– Não vou mais casar. Não insista, Lana! – enxuguei as lágrimas que insistiam em cair. Por que Alex era tão babaca?

– Pelo amor de Deus, Charlotte! Não invente uma merda dessas agora.

– Não caso! – gritei me encolhendo ainda mais no piso do banheiro do quarto de Lana.

Assim que minha mãe saiu do quarto, corri e me tranquei no banheiro, sem dar a Miranda e Lana a chance de me impedir. Não casaria. Não olharia mais na cara de Alex. Nunca mais.

– Charlotte, abra já esta porta! – Lana continuava nervosa do lado de fora. Nada nem ninguém me faria abrir aquela porta, a não ser que fosse para fugir.

– Vão embora! Deixem-me em paz! – puxei o roupão que cobria o meu corpo, sentia um frio incompreensível.

– Charlotte, por favor! – Miranda entrou na conversa, mais calma do que o normal. – Deixe ao menos eu entrar para conversar com você. Estou preocupada.

– Como você pôde concordar? Como pode deixar Patrício fazer parte desse... desse plano obsceno – ouvi o risinho da minha amiga do outro lado da porta e não fiquei nada satisfeita.

– Eu não tenho como controlar o irmão do seu noivo. Acredite, estou tão puta da vida quanto você.

– E eu também! – Lana gritou corroborando.

– Depois do que João fez... depois do que Patrício foi capaz de fazer... depois de eu flagrá-lo na cama com aquelas duas... Não acredito que Alex fez isso comigo. Não acredito que fui tola o suficiente

para aceitar os seus argumentos – soluzei sentindo-me uma imbecil.

– Deus, Lottie! – Miranda falou sentida. – Você sabe que eu acho o Alex um babaca, mas você não pode mais usar aquela noite como justificativa. Foi uma armação e você sabe disso.

– Mesmo assim. Ele sabia como eu estava me sentindo. Sabia o quanto aquilo tudo tinha me ferido e mesmo assim concordou com outra despedida de solteiro. OUTRA! – deixei o choro me dominar. – E ele se recusou a transar comigo ontem à noite – elas riram fazendo-me sentir uma idiota.

– Abra a porta, Lottie! – Miranda insistiu.

Fiquei calada. O que Alex estava pensando quando concordou com a despedida de solteiro? Que poderia sair e transar com qualquer vagabunda e depois voltar feliz e saltitante? Ah, não! Aquele imbecil conseguiu me convencer a casar, privou-me do prazer e agora estava se divertindo com alguma piranha?

Ele não perdia por esperar.

ALEX

Minha primeira reação foi tentar descobrir quem havia armado aquilo. A segunda foi assegurar a Peter que eu não tinha nada a ver com aquele absurdo. João, o filho da puta que se dizia “o cara”, deu alguns passos para trás assim que as garotas desceram do jipe, escondendo-se completamente atrás do Patrício.

Sim, ele estava em uma grande enrascada.

– Que porra é essa? – eu estava completamente inseguro em relação ao que poderia acontecer.

– Oh, cara! Lana vai me matar se descobrir uma merda dessas – meu cunhado continuava tentando se esconder.

– Elas devem estar procurando um pouco de diversão – Johnny sorria largamente, satisfeito com a nova vizinhança.

– Acho bom providenciarmos nossa volta para casa – meu pai, sensato como sempre, articulava uma maneira de contornar o problema. Enquanto isso as garotas caminhavam em nossa direção.

– Oi! – Johnny não desistiria facilmente.

– Johnny! – Peter o advertiu.

– Sou o único solteiro da turma, padrinho. Tenho o direito de me divertir um pouco.

– Oi!

Todas responderam ao mesmo tempo, cada uma em seu tom mais insinuante. Arrisquei um olhar na direção delas apenas para constatar que eram lindas. Lindas mesmo! Droga, Charlotte! Por que não concordei em transar enquanto ainda tinha tempo? Com certeza estaria bem mais confortável nesse momento.

– Dia lindo para um banho no rio, não é? – Johnny puxou conversa enquanto todos os outros aguardavam tensos.

– Com certeza. Podemos entrar?

A mais alta delas, uma morena que nem tive coragem de olhar por mais de um segundo, e também a

que parecia mais ousada, deu um passo à frente.

– Melhor não, moça – meu pai interrompeu os avanços do Johnny. – Na verdade estamos bastante à vontade e não seria muito apropriado...

– Você é o médico da propriedade ao lado, não é? – a loirinha, de short curto e top, sorriu largamente para o meu pai. Droga! Eu teria problemas com minha mãe também.

– Sim. Esses são meus filhos e amigos. Já estamos saindo.

– Estamos de cueca – Peter alertou num murmúrio. Foi quando meu pai se deu conta.

– Já de saída? Que pena!

Uma outra loira, de pernas longas e torneadas passou as mãos nos cabelos. Patrício soltou um palavrão, visivelmente abalado pela presença das garotas.

– Meninas, nós queremos sair da água e não dá para fazer isso com vocês olhando, então, se não for muito incômodo, vocês poderiam ir embora? – Peter se adiantou, porém, as garotas não pareceram muito satisfeitas.

– O rio não está na propriedade de vocês. Também temos direito a ele – a morena falou. Baixei a mão na água, capturando-a um pouco e joguei sobre meus cabelos. Era bom pensar em alguma coisa para escapar daquela loucura.

– Garotas, por favor, não vamos brigar. Com certeza há espaço para todo mundo. Estamos fazendo hora até o casamento do meu irmão aqui, por isso não podemos nos juntar a vocês, o que é uma grande pena.

Peter olhou para Patrício com repreensão. Bom... ele teria problemas com Miranda e com Peter. Eu só queria voltar para casa, pegar minha futura esposa nos braços e levá-la para a cama.

– Despedida de solteiro? – elas se animaram. Que merda!

– Não se empolguem. Nós não estamos interessados – Peter foi curto e grosso e elas o olharam com raiva.

Não quero ser machista, mas... o que estava acontecendo com as mulheres? Estavam todas doidas? A revolução sexual estava atingindo o discernimento delas? De repente, todas levantavam a bandeira da liberdade sexual, ficando mais atiradas... Tudo bem que era até interessante. Nunca gostei de mulher

retraída, no entanto, algumas como aquelas passavam do limite.

– Será? – uma das loiras desafiou. João riu um pouco animado, imediatamente se retraiu quando meu pai pigarreou. Bom... O problema dele não seria o sogro e sim Lana.

– Ok, meninas! Vocês são lindas e maravilhosas, mas estamos de saída. Quem sabe num outro momento... – Johnny tentou argumentar, mas a merda já havia sido feita.

– Quero só ver o que a noivinha vai dizer quando descobrir que o noivo voltou para casa apenas de cueca – elas correram.

Não deu tempo de reagir. Três pegaram nossas roupas enquanto duas pularam no jipe e deram partida. Ainda conseguimos sair da água, de cueca, é claro! Mas não conseguimos recuperar as peças. Então elas partiram levando tudo. Inclusive a minha paciência.

CHARLOTTE

– Eles chegaram – ouvi Miranda entrar no quarto. Seu tom de voz não era nada amistoso.

Lana continuava na porta do banheiro, usando todos os argumentos disponíveis para me convencer a casar. Lógico que nenhum funcionou. Não era justo ser forçada a aceitar um casamento às pressas, apenas para satisfazer o ego daquele... Idiota! E ainda aceitar uma despedida de solteiro? Não, duas! Ah, não! Alex não me conhecia. Nada me faria mudar de ideia.

– E por que você está com tanta raiva? – ela perguntou a Miranda. Agucei meus ouvidos. Não queria perder nenhum detalhe.

– Porque aqueles... aqueles... nem sei como chamá-los. Mas você precisava ver a cena, todos, todos mesmo, somente de cueca. Apenas isso. Saíram vestidos, afirmando que era só um momento entre amigos e voltam sujos e só de cuecas. Não quero mais ver a cara do Patrício. Aliás, eu quero, porque vou parti-la ao meio.

– Droga, Miranda! Você não está ajudando em nada.

– Não deixem ele vir até aqui, porque vou abrir esta porta e matar o seu irmão, Lana – gritei enfurecida.

Filho da puta, miserável, covarde, cretino... merda! Só de cueca? Como ele pôde? As lágrimas recomeçaram a cair. Meus olhos já estavam inchados e vermelhos. Nenhuma maquiagem seria capaz de disfarçar aquele desastre. Também quem estava pensando nisso? Eu não permitiria que ninguém me convencesse a aceitá-lo como marido.

– Eu vou te ajudar a fazer isso, antes saia daí e vamos conversar – ela tentava em vão me convencer a abrir a porta, eu não abriria.

– Não!

– Aqueles... babacas disseram que foram assaltados. Deve ter sido pelas mulheres com quem foram se divertir.

– Miranda, pelo amor de Deus, fique calada! Você sabe o trabalho que deu organizar este

casamento? – Lana estava mais do que nervosa e eu explodiria a qualquer momento.

– Para quê? Para que ele saísse atrás de vagabundas? – Miranda rebateu completamente irritada com a situação. Pelo menos a minha amiga estava do meu lado, dividindo a raiva comigo.

– Já chega! Fora do quarto. Deixa que eu resolvo essa merda – ouvi pés batendo forte no chão e deduzi que Miranda havia ido embora.

Tomara que ela acabe com a cara do Patrício!

– Charlotte, por favor! Vamos ser adultas e pensar de maneira sensata. Miranda falou que eles foram assaltados. Vamos ouvir o que Alex tem a dizer...

– Não quero ouvi-lo. Não quero nem ver a cara dele – sentei novamente no chão o mais distante possível da porta.

– Ok! Eu vou atrás do João para saber o que aconteceu. Quando se sentir melhor me procure.

Então o silêncio do quarto foi sepulcral. Pela primeira vez naquele dia, eu me senti completamente sozinha, e era sufocante.

ALEX

Voltar para casa foi humilhante! Eu não queria tocar no assunto. Queria esquecer o começo daquele dia e me concentrar no final dele, quando Charlotte seria minha esposa e todos os acontecimentos ficariam para trás. João, Patrício e Johnny estavam achando tudo muito divertido. Finalmente alguma coisa para animar a minha despedida de solteiro. Eu queria poder socá-los pelos seus entusiasmos.

– Vamos dar um jeito de entrar sem chamar a atenção de ninguém – meu pai falou antes de entrar no seu carro. Ele e Peter foram juntos, enquanto eu e os outros rapazes fomos no jipe do Patrício, o que piorava tudo, pois era aberto e nos deixava expostos.

– Duvido muito que você consiga, pai. A casa deve estar repleta de funcionários.

Ele suspirou sabendo que o que eu dizia era verdade. Meu pai e meu futuro sogro se olharam e depois riram. Por que só eu não conseguia achar graça naquela merda?

– O jeito vai ser encarar – comentou e entrou em seu carro.

– É, fale isso para Charlotte – resmunguei.

Os rapazes fizeram piadas de todos os tipos e não se preocuparam por chegar daquela forma tão... descabida. Eu estava com fome, com frio e nervoso. Completamente tenso.

– O que aconteceu? – minha mãe correu em nossa direção assim que nos viu chegar daquele jeito. Meu pai e Peter permaneceram dentro do carro, provavelmente sem querer envergonhar um ao outro.

– É uma longa história, mãe! Dá para trazer umas toalhas?

– Claro! – ela foi em direção à casa. – Miranda, preciso de você.

Tá! Estremeci só de imaginar qualquer mulher daquela casa me trazendo a toalha e Charlotte vendo a cena. Por outro lado, eu precisava entrar, não poderia recusar a ajuda de quem fosse. Poucos minutos depois, Miranda e minha mãe voltaram com roupões e toalhas. Fiquei muito sem graça com o olhar da melhor amiga da minha noiva sobre mim. Olhou-me de forma tão intensa que juro que tive medo de ela me agarrar naquele momento e naquele local. O que estava acontecendo com as mulheres?

– Obrigado – desviei o olhar e rapidamente vesti o roupão escondendo a minha quase nudez.

– O que significa isso? – Miranda não esperou para cobrar uma explicação do Patrício. Como ela podia me dar um olhar daquele e depois tirar satisfações com meu irmão?

– Você não vai nem acreditar – Patrício riu, mas levou um tapa no braço. Miranda não estava achando nada divertido vê-lo chegar só de cueca.

– Ai! – ele se encolheu teatralmente. Um tapa daqueles não o machucaria. – Miranda, o que...

– Cale a boca, Patrício! – repreendeu-o com voz chorosa. – Não quero ouvir a sua voz, e... deixe-me em paz! – e saiu em disparada para dentro da casa.

Eu, João e Johnny rimos da cara do Patrício, mesmo sabendo que em breve seria a nossa vez. Meu irmão correu atrás dela, enquanto Johnny levava toalhas para meu pai e Peter. Minha mãe nos olhava sem entender nada.

– Fomos assaltados – comecei as minhas desculpas para minha mãe, quando uma funcionária se aproximou com mais algumas toalhas. Elas pareceram não acreditar. – Paramos para tomar banho no rio e umas... levaram as nossas roupas.

– Assim, sem mais nem menos? E vocês não perceberam? – a funcionária perguntou, recebendo um olhar fulminante da minha mãe, o que a fez se encolher.

– Não. Não foi sem mais nem menos, agora não posso me explicar. Preciso comer alguma coisa, mãe – desviei minha atenção e fiz com que minha mãe voltasse a dela para mim.

– Eu também, sogra – João passou os braços pelos ombros dela fazendo-a voltar para a casa. – Pode acreditar que nada de ruim aconteceu com seu genro favorito, nem com seu marido. Estamos todos inteiros e famintos, só o Alex está um tanto quanto... – olhou para mim com ironia. – Tenso, inseguro e temeroso – riu.

Eu vou matar o João!

Mal consegui andar direito pela casa. Eu tinha dito a Lana que seria uma cerimônia simples, mas ela, como sempre, burlou todas as minhas regras e transformou a casa em um verdadeiro salão de festas. Minha mãe foi logo avisando que eu não poderia ver Charlotte, que minha irmã me mataria se eu tentasse e que o melhor a fazer era descansar um pouco em meu quarto. Obedeci já mais do que frustrado com tudo.

Comi a comida que minha mãe fez questão de levar ao meu quarto, tomei um banho quente e demorado, fiz a barba, cortei as unhas... Quando não havia mais nada para fazer, deitei tentando desligar meu cérebro. Era impossível! Pelo menos eu estava em casa, e Charlotte em algum lugar se preparando para ser minha esposa. Respirei aliviado.

Foi quando Lana irrompeu quarto adentro como um furacão.

– Charlotte desistiu do casamento.

– O quê?

CHARLOTTE

Deitei no chão e encarei o teto. Eu estava sendo muito infantil? Não. Ele que foi muito cafajeste isso sim! Mas e se foram realmente assaltados? E se Alex estivesse ferido? Claro que não! Se alguma coisa tivesse acontecido, com certeza, alguém já teria me avisado.

Então era isso? Eu tinha conseguido todas as minhas experiências, realizado alguns sonhos e agora voltaria para a realidade, sem Alex, sem casamento, sem... a dor em meu peito foi dilacerante. Deus! Eu o amava tanto! Como conseguiria simplesmente desistir desse amor?

Também não poderia começar um relacionamento aceitando uma traição. Não mesmo! Alex tinha obrigação de me respeitar. Afinal de contas, não fui eu que fiquei desesperada para casar. Aquele idiota, cretino... estragou o meu conto de fadas.

Um soluço me fez estremecer.

“Mas eu ainda o amo!”, eu pensava. Estava com raiva, muita raiva, ferida, sofrendo de amor e...

– Charlotte? – Alex me chamou. Sua voz estava calma e muito próxima da porta. Meu coração acelerou.

Como eu deveria reagir? Quem sabe bater nele. Não. Seria demais para as nossas famílias. Eu poderia esbofeteá-lo. Claro que poderia, ele havia me traído. No entanto, não era o que eu queria. Ouvir a sua voz, doce, tranquila e cheia de carinho me fazia apenas querer chorar. Foi o que fiz.

– Cubra este vestido rápido. Ele não pode ver antes da hora – Lana também estava lá, e provavelmente todos os outros.

“Que se dane o vestido, que se dane o casamento”, pensei com amargura.

– Charlotte, abra a porta. Vamos conversar – ele pedia, meu coração implorava, meu gênio me impedia.

– Vá embora, Alex. Não quero mais te ver – tentei manter a compostura, mas meu nariz escorria e as lágrimas não paravam, sem contar os soluços que me impediam de falar corretamente.

– Amor, abra a porta. Por favor!

Droga! Por que ele tinha aquela capacidade de fazer tudo mudar dentro de mim? A raiva começava a ser substituída pela vontade de atender a seus apelos.

– Não! Por que você não vai conversar com aquelas galinhas com quem foi fazer sua despedida de solteiro? – ele riu baixinho.

– Não sei do que você está falando – que ódio! Alex achava mesmo que eu era uma idiota. – Abra a porta, Charlotte.

– Volte para suas amiguinhas e me deixe em paz, Alex – eu já estava parada em frente à porta, com a testa encostada nela e ansiosa para vê-lo.

– Não existe nenhuma “amiguinha”, amor. Eu posso te explicar tudo, antes preciso que você saia.

– Não vou sair, não vou me casar e não quero ver a sua cara. Vá embora! – bati o pé no chão como uma criança mimada.

– Charlotte, eu não vou deixar você desistir. Abra a porta e converse comigo, ou vou arrombá-la, pegar você à força, enfiar naquele vestido e obrigá-la a assinar aqueles papéis.

– Quero só ver, Alex! – ri com ironia, afastando-me da porta. Se ele acreditava que poderia me forçar a fazer a sua vontade, estava completamente enganado. – Já que quer tanto se casar, por que não escolheu uma daquelas vacas?

– Porque eu amo você, droga! Minha manhã foi péssima e a única coisa que eu desejava era poder voltar e finalmente ter você como minha esposa, pelo visto, o mundo inteiro está conspirando contra o meu final feliz – ele explodiu fazendo-me recuar.

– Calma, Alex! – Dana falou, e eu corei. Merda! Por que todo mundo tinha que estar lá para assistir ao espetáculo?

– Afaste-se da porta porque vou arrombá-la – ameaçou. – Estou avisando, Charlotte. Um... Dois...

Corri para a porta destrancando-a. Seria demais deixá-lo destruir a casa por causa da nossa briga. Além do mais, Dana estava lá e eu não queria que pensasse que o filho estava se casando com uma garotinha mimada. Alex, percebendo o que eu havia feito, segurou a maçaneta girando-a. A porta se abriu, revelando o grupo do lado de fora. Cruzei os braços e aguardei.

ALEX

Charlotte estava parada, com os braços cruzados e os olhos vermelhos fixos em mim. Droga! Ela havia chorado, aparentemente muito. Tudo por causa das loucuras da vida. Quem poderia imaginar que aquilo tudo fosse acontecer? Bom... eu não.

Dei um passo na sua direção e ela recuou. Logo me dei conta de que havia gente demais naquele quarto, então entrei no banheiro, fechei a porta atrás de mim e a encarei. Era preciso calma. Minha noiva parecia um bichinho assustado e eu tive medo de forçar demais a barra. Mantendo uma distância segura, cruzei os braços, na mesma posição que ela, e aguardei.

Ela permaneceu calada.

– Eu não estava em uma despedida de solteiro. Não da maneira que você está pensando.

– Não existe forma diferente de pensar numa despedida de solteiro – rosnou, mantendo os braços presos no peito. Suspirei pesadamente. Aquela seria uma longa conversa.

– Não sei o que contaram a você, a verdade é que não poderia existir uma despedida de solteiro como você pensa quando o seu pai e o meu se juntaram ao grupo. Eu até entenderia o seu aborrecimento se fôssemos só eu e os rapazes, mas, francamente, Charlotte... Você se superou, conseguiu ir ainda mais longe do que eu poderia imaginar.

Ela recuou. De forma rude, eu conseguia desarmá-la. Charlotte descruzou os braços e andou até a pia encostando-se nela. Continuei encarando-a, com cara de quem não acreditava no que estava vendo. Ela começou a corar e toda a minha raiva foi sumindo. Céus! Como ela ficava linda tímida, envergonhada. Tudo o que eu mais queria em uma mulher. E na cama era tão... única!

– Meu pai pode muito bem acobertar suas traições. Homens são assim – ri. Charlotte sabia ser bem absurda quando queria.

Andei em sua direção, sem tocá-la. Ainda era cedo para considerar o jogo ganho. Parei diante dela, colocando uma mão em cada lado do seu corpo, apoiado à pia e a olhei fixamente.

– Você sabe que isso é impossível. Qual é o problema?

– Você... vocês chegaram de cueca, Alex. Que... vergonhoso, absurdo...

– Charlotte! Nós fomos roubados. Umas... – consegui evitar aquela informação a tempo. Não queria esconder a verdade dela, porém aquele não era o momento para dizer que algumas garotas apareceram e ficaram ofendidas com nossa recusa e por isso decidiram levar nossas roupas – ... pessoas, não sei ao certo... Estávamos no rio e, quando vimos, nossas roupas haviam desaparecido – ela estreitou os olhos como se soubesse que eu mentia. – Pode perguntar para o seu pai. Ele vai confirmar que eu nada fiz de errado – ela se remexeu inquieta. – Qual é o problema, Charlotte?

– Você!

– Eu?

– Sim! Você me jogou nesta loucura e me largou sozinha o dia inteiro para curtir sua despedida de solteiro. Não quis transar comigo, recusou-se terminantemente e aí vem esta notícia de vocês chegando de cueca e... e... eu sofri tanto, Alex! Lana me torturou de todas as formas. Ela me depilou completamente, você acredita nisso? – eu queria rir, mas preferi morder os lábios e ouvir seu desabafo. Charlotte era incrível! – Aquilo não é uma coisa que devemos fazer com os outros. Você tem noção da dor? E...

– Charlotte? Foco, amor! Você está confusa, eu te entendo. É muita pressão.

– Não! Você não entende. Eu te disse. Não sei fazer isso. Não estou preparada. Eu vou cair, vou rasgar o vestido, vou me machucar, vou te machucar! Eu vou ser uma péssima esposa, Alex! – as lágrimas rolaram por seus olhos. Charlotte estava em pânico. Eu sabia como resolver aquela situação.

– Amor, vem cá! – levantei seu corpo pequeno e a sentei sobre o mármore da pia. Abri suas pernas e me coloquei entre elas.

– O que você está fazendo?

– Estou aproveitando meus últimos momentos como solteiro – puxei Charlotte alcançando seus lábios. Ela não me recusou.

Era isso o que estava faltando. Sexo. Charlotte precisava relaxar e eu fui um idiota não percebendo que minha recusa a deixaria estressada num momento tão importante quanto aquele.

Corri minhas mãos por suas costas, puxando-a para mim e aproveitando o tecido delicioso em sua

pele macia. Charlotte gemeu em meus lábios e eu amava quando ela fazia aquilo. Ficava louco para arrancar mais e mais gemidos dela. Procurei pelo nó do roupão e ela me interrompeu.

– Alex, aqui não! Todo mundo está lá fora.

Sorri sabendo que não seríamos capazes de frear nossos impulsos. Inclinei a cabeça descendo em direção ao seu pescoço. Charlotte tinha um cheiro delicioso

– Alex! Não!

– Quero uma despedida de solteiro com o que tenho direito e nada melhor do que fazer isso com a mulher mais gostosa que já conheci – ela sorriu baixando seu olhar de maneira encantadora. Aproveitei e abocanhei sua orelha. Charlotte ofegou. Era exatamente o que eu queria.

– Eles vão ouvir – sussurrou se encolhendo com o meu contato.

– É só você continuar falando deste jeitinho delicioso – disse baixinho em seu ouvido. Ela estremeceu. – Você quer ser a personagem principal da minha despedida de solteiro? Quer fazer com que ela seja inesquecível? – Charlotte sorriu timidamente, fechou a mão em minha camisa e balançou a cabeça aceitando a minha proposta. – Depois subiremos naquele altar e consagraremos a nossa união, ok? – novamente ela concordou.

Corri meus dedos em seu pescoço, roçando sua pele clara e sedosa. Charlotte fechou os olhos se entregando. Ela mordida os lábios e eu queria desesperadamente estar dentro dela. Desci os dedos pela fenda do decote do roupão, afastando-o para que eu tivesse livre acesso a seus seios pequenos e rijos.

Circulei o bico suavemente. Charlotte se encostou no espelho, inclinando o corpo na direção da minha mão. Aproveitei e desatei o nó que prendia a peça. Enquanto isso descia minha outra mão, afastando o tecido e percorrendo sua pele até o umbigo.

Dei um beijo leve em minha noiva e depois fui até seu pescoço, deixando que meus lábios acariciassem aquele corpo perfeito. Logo minha boca estava em seus seios, onde eu brinquei com os dentes, a língua e os lábios, primeiro um, depois o outro. Suguei e beijei aquela parte sua que eu tanto admirava. Charlotte continuava inclinada, olhos fechados e lábios travados, evitando emitir qualquer som. Eu queria ouvi-la. Nada como os gemidos da mulher que eu amava para me dar mais prazer.

Cuidadosamente descia com a ponta da língua até alcançar seu umbigo. Charlotte correu as mãos por

meus cabelos, emaranhando seus dedos entre eles. Mordisquei a ponta da sua barriga. Minha noiva se movimentou em direção aos meus lábios. Eu sabia o que ela queria e eu satisfaria o seu desejo.

Tirei o tecido que cobria o restante do seu corpo, correndo os dedos pelo meio de suas pernas, acariciando aquelas coxas maravilhosas. Ao mesmo tempo, desci roçando minha língua do seu umbigo até quase alcançar o seu sexo. Olhei para aquela parte tão íntima da minha noiva e... puta que pariu! Ela estava toda depilada. Todinha mesmo. E só para mim.

Nunca havia sentido tanta vontade de colocar a minha boca em uma mulher quanto senti naquele momento. Charlotte é tão linda! Tudo do tamanho certo e no seu devido lugar. Parecia uma fruta, doce e succulenta, pronta para ser degustada.

Passei minha mão por debaixo de seus quadris e puxei-a para mim. No mesmo instante, meus lábios alcançaram a feminilidade da minha noiva, que ofegou, levantando o corpo em minha direção. Ela gemeu sensualmente, mantendo o tom baixo. “Isso, Charlotte! Geme para mim”, beijei aquela parte com desejo e intensidade. Deixei meus lábios massagearem o sexo da mulher que eu tanto amava e brinquei com os dentes em seus pontos mais sensíveis.

Não deixei de invadi-la com minha língua. Charlotte tinha um sabor sem igual. Era toda feita na medida certa para mim. Da forma como eu queria, desejava. E receber seu rebolado, suas mãos me puxando para perto enquanto trabalhava com os lábios nela, era sensacional. Principalmente ao perceber seus gemidos ficando cada vez mais intensos e descontrolados, apesar de ela estar lutando contra eles. Puta merda! Eu me acabava com aquela mulher.

Pela forma como rebolava, forçando seu sexo em minha boca, eu soube que logo gozaria, então a penetrei com meus dedos, tocando-a com cuidado, porém da maneira correta e completei sugando seu clitóris com meus lábios. Charlotte gemeu mais alto, sorri, pressionando a ponta da língua e depois fechando os lábios para sugá-la com mais força.

Ela arqueou o corpo, rebolou em minha boca e estremeceu. Em seguida senti o líquido delicioso do seu gozo na minha língua. Suguei uma última vez seu ponto de prazer, ainda com os dedos massageando-a e ela deu um último espasmo. Missão devidamente cumprida.

Suas pernas, antes dobradas para me receber melhor, relaxaram um pouco, entregues à saciedade.

Sem perder tempo, segurei Charlotte com força fazendo-a descer. Nossos olhos se encontraram, os dela sem entender o que eu pretendia, os meus cheios de desejo e tesão.

Não dava para ficar só nas preliminares. Eu tinha adorado a depilação da minha noiva e, conhecendo Lana como conhecia, com certeza, estaria impecável. Eu precisava conferir.

Girei Charlotte, deixando-a de costas para mim. Assim que ela virou aquela bunda deliciosa em minha direção, abri minhas calças deixando-a cair aos meus pés. Charlotte olhou para trás, seu rosto corado pelo esforço, sua pele levemente suada. Seus olhos foram direto para a minha ereção, o que me deixou ainda mais excitado.

– Mãos no espelho! – ordenei. Ela prontamente obedeceu, olhando sempre para trás, conferindo todos os meus movimentos. “Ok, Charlotte! Você quer me ver te comendo, então curta o espetáculo”.

Segurei forte em sua perna e, sem aviso, levantei uma delas apoiando-a no mármore da pia. Ah! A visão era perfeita, maravilhosa! Exatamente como eu queria. Estava tudo lisinho, como eu desejava. Puta que pariu!

– Alex! – ela murmurou assustada com a posição.

– Quero uma visão ampla da sua bunda, gostosa!

Segurei com uma mão a sua cintura e com a outra enrolei seus cabelos, puxando sua cabeça em minha direção. Antes de penetrá-la, mordi seu pescoço e Charlotte gemeu entregue. Como eu adorava a sua capacidade de recuperação.

Nem tive tempo de pensar em começar devagar. Eu a queria, firme e forte, sem muito cuidado. Queria a minha despedida de solteiro como ela deveria ser.

– Empine a bunda, Charlotte! Mostre para mim o quanto você é deliciosa – forcei seu corpo para frente, fazendo-a quase deitar sobre o mármore frio. Com isso sua bunda ficou no ângulo certo. E então a penetrei de uma vez só. Ela gemeu alto, esquecendo-se de qualquer pudor, ou da plateia lá fora.

Assim que cheguei ao seu limite, voltei e recomecei várias vezes. Charlotte gemia e empinava a bunda para mim. Espalmei minha mão em suas costas, mantendo-a naquela posição. Daquele jeito eu podia vê-la, comê-la e apreciá-la sem pudor e sem limites.

Era impossível não sentir uma enorme atração por aquele ponto ainda não explorado. O limite das

barreiras dela. Todo lisinho, sem nada que me impedisse de tocá-lo. E foi o que eu fiz. Enquanto entrava e saía, passei minhas mãos em sua bunda, massageando sua carne e, muito levemente, como se não houvesse planejado nada, deixei que meu dedo roçasse aquela entrada tão desejada.

Charlotte arqueou o corpo, pronta para me impedir, mas se deteve. Atento à sua reação, entrei com mais força, rebolando para tocá-la completamente, roçando suas paredes úmidas e quentes e, quando ela estava mais relaxada, deixei que meu dedo roçasse aquela região novamente, não me intimidei com a sua reação. Eu sabia que ela gostava.

Todas as mulheres se recusam a admitir o sexo anal, mas elas sabem que a sensação é deliciosa, pelo menos as que eu já havia experimentado rapidamente se renderam a esta prática, absorvendo o máximo que podiam. Era prazeroso para ambas as partes. Simplesmente uma questão de ceder, relaxar e se permitir.

Novamente a acariciei, dessa vez com mais segurança, deixando claro que era o que eu queria. Então Charlotte relaxou. De uma maneira que só ela era capaz de fazer, deitou o corpo e se permitiu ser tocada. Aquele foi o meu limite. Acariciei seu ânus com o polegar, sem deixar de estocá-la com força enquanto a assistia se entregar ao prazer. Então empurrei um pouco o dedo, a carne cedendo e me sugando.

Minha noiva gemeu, estremeceu e gozou.

– Puta que pariu! – acompanhei-a em seguida, colado ao seu corpo e me contorcendo de prazer.

CHARLOTTE

Alex saiu com os olhos brilhantes. Confesso que me senti muito envergonhada pelo ocorrido. Do lado de fora estavam Miranda, Dana, minha mãe e Lana, que batia o pé no chão, impaciente. Ele me beijou na testa e saiu sem dar nenhuma explicação.

– Puta que pariu! – Lana exclamou tão logo Alex bateu a porta. – Não podia esperar pela lua de mel?

– Lana!

Dana a repreendeu, mas a merda já estava feita. Eu fiquei mais vermelha do que tomate maduro. Miranda deu risada e minha mãe apenas sorriu, evitando entrar no clima delas.

– É verdade! Nem eu obriguei João a transar comigo, ameaçando desistir do casamento. Que absurdo!

– Lana, querida! – Dana levantou segurando a filha. – Charlotte não precisa destes pormenores. Faça apenas a sua parte, nós vamos nos arrumar. Vou mandar o pessoal entrar. Temos um casamento para assistir e eu não quero perdê-lo por nada.

Miranda acompanhou Dana, prometendo voltar logo para substituir Lana, enquanto esta se arrumava. Ficamos eu, minha cunhada e minha mãe, que acompanhava tudo de perto.

– Agora estamos todas atrasadas – ela me levou até a cadeira.

– O importante é que deu tudo certo. E ninguém precisa saber dos detalhes – minha mãe piscou para Lana, que segurou meu cabelo puxando-o para trás.

– É. Ainda bem que eu me viro bem com meu corpo espetacular – elas riram e eu ainda me sentia envergonhada, sem conseguir olhar diretamente para minha mãe. Esta, vendo como eu me sentia, segurou em minha mão e começou a falar.

– Quando eu e seu pai decidimos que queríamos passar o resto da vida juntos, éramos muito jovens ainda. Ele tinha acabado de entrar na faculdade de Medicina, já estava no exército e precisou ser transferido. Nós não queríamos nos separar e eu não poderia ir com ele, precisava completar meus

estudos. Um dia, ele bateu em minha janela, estava muito ansioso e falando sobre sua necessidade de garantir que estaríamos sempre juntos. Então me pediu em casamento. Eu achei uma loucura, mas, olhando em seus olhos, não tive como negar. Nós fugimos juntos naquela noite, procuramos o padre da igreja que ele frequentava e pedimos a bênção de Deus para o nosso amor. Não foi um casamento de verdade, afinal de contas não assinamos nenhum papel, porém, para nós dois, foi a certeza de que pertencíamos um ao outro e que, se Deus assim quis, nada poderia nos separar. Nem o tempo, nem a distância... Naquela noite, eu e seu pai tivemos nossa primeira noite de amor. Uma primeira lua de mel. E, no dia seguinte, ele foi embora. Eu nunca me arrependi do que fiz, mesmo que ele nunca tivesse voltado.

Ela estendeu a mão e capturou uma lágrima que descia em meu rosto. Eu nem havia percebido que chorava. Lana, às minhas costas, enrolava meus cabelos em cachos e prendia-os no alto da minha cabeça, testando penteados. Ela acompanhava em silêncio a linda história de amor dos meus pais.

– Eu sou muito feliz, filha. Seu pai me deu uma vida mágica. Nunca, nem por um minuto, eu repensei sobre nosso casamento e hoje, vendo você prestes a se casar, só consigo desejar que você tenha a mesma sorte – mordi os lábios reprimindo um soluço. – Alex é um bom homem, vai cuidar de você, fazê-la feliz. Seja mais flexível com ele. Ouça primeiro. Procure entendê-lo. Vocês formam um lindo casal e eu tenho orgulho de ter conseguido chegar até aqui.

– Ah, mãe! – ela me abraçou com força, transmitindo tanto amor que quase sufoquei. Minha mãe era uma pessoa incrível.

– Agora eu preciso ir – disse ao me soltar. – Tenho que me arrumar também, afinal de contas, a mãe da noiva é uma peça muito importante no casamento.

– A mais importante – eu disse entre lágrimas.

– Nada mais de choro. Teremos um trabalho árduo para disfarçar esta cara inchada – Lana esbravejou, mas ela também havia ficado emocionada com o relato que ouvimos.

– Vejo você mais tarde – minha mãe saiu no mesmo instante em que a equipe de maquiagem e cabeleireiro entraram. Voltei a fechar os olhos, relaxar e aguardar pela hora do sim.

CAPÍTULO 36

“O amor é fumaça formada pelos vapores dos suspiros. Purificado, é um fogo chispeante nos olhos dos amantes. Contrariado, um mar alimentado pelas lágrimas dos amantes. Que mais ainda? Loucura prudentíssima, fel que nos abafa, doçura que nos salva.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

– Respire fundo.

Repeti para mim inúmeras vezes de olhos fechados. Eu estava sozinha no quarto aguardando a chegada do meu pai. Lana finalmente tinha me deixado só para terminar a sua própria produção. Miranda provavelmente estava infernizando a vida do Patrício por causa da malfadada despedida de solteiro. Bom... eu entendia a minha amiga. Não era fácil engolir aquela história absurda, porém... eu precisava confiar em Alex, afinal de contas, estava prestes a me casar...

Puta que pariu! Eu ia me casar.

– Respire fundo, Charlotte. Você consegue!

Minhas pernas tremiam, as mãos suavam, a cabeça latejava e meu único pensamento era fugir.

– Puta que pariu! Puta que pariu! Eu não vou conseguir.

– O que você não vai conseguir?

Abri os olhos e vi meu pai parado diante de mim. Nossa! Ele estava incrivelmente lindo. Seus olhos, repletos de rugas de expressão que o deixavam mais adorável, brilhavam, e seu sorriso... ah, o sorriso do meu pai era de plenitude! Meu coração inflou e se iluminou.

– Estou com medo, pai – admiti.

– Ele é o homem que você ama – suas mãos para trás e sua postura completamente ereta denunciavam que também estava com medo.

– Eu o amo, apesar disso... Não é o medo de me casar com ele. É o medo de me casar! Medo de tudo estar acontecendo rápido demais, de eu estragar as coisas. Alex já é um homem. Viveu sozinho por muito tempo. E se ele não gostar de dividir sua vida, uma casa comigo? E se eu acabar atrapalhando mais do que ajudando? E se eu não gostar de ser esposa? Pai...

– Charlotte, eu compreendo todas as suas dúvidas, meu anjo! E não tenho como responder a tantos questionamentos. Só posso dizer que ser casado tem muitas vantagens. Eu gosto mais deste estado civil do que o de solteiro – e ele sorriu mais. Meu pai parecia brilhar quando falava do seu amor por minha

mãe. Ela era tudo para ele.

– Como o quê, por exemplo?

– Como não ter um pai chato determinando a hora de voltar para casa – deu de ombros e eu ri.

– Não tenho problema em continuar enfrentando o senhor até que consiga entender que eu cresci.

– Dormir todos os dias com a pessoa que você ama. Esta é a maior vantagem de todas – piscou

confidente. – Eu posso falar também da segurança que é voltar para casa e encontrar conforto em alguém em quem confiamos. A certeza de que, independentemente de qual seja a situação, ele estará lá sempre ao seu lado. A vontade de fazer coisas que surpreendam e satisfaçam, muitas vezes um gesto simples, como fazer a comida preferida.

– Eu nem sei qual é a comida preferida dele ou como gosta que a casa seja arrumada...

– Você terá tempo para descobrir.

– Pai, Alex só quer casar porque ele pensa que pode me perder de uma hora para a outra, eu não o entendo. Eu sei que o amor que eu sinto nunca vai acabar, eu nunca vou abandoná-lo. Não preciso casar para provar isso.

– Então você está no caminho certo. O casamento é uma mera formalidade, filha, o que conta é a sua vontade de unir sua alma a dele. Para você isso é o bastante, no entanto para ele é importante o “sim”, os papéis, e admito que para mim também – olhou-me com alegria e foi impossível não sorrir. – Alex a ama e precisa ter você ao alcance das mãos para se sentir seguro. Este é um pequeno gesto que você fará para deixar claro o seu amor, dando a ele o que ele precisa e ele retribuirá de maneira única, porque será verdadeira.

Meu pai tinha razão. Por que eu sentia medo? Eu estava simplesmente dizendo a Alex que o queria para a vida inteira, aliás, para a eternidade, o meu amor nunca teria fim. Andar aqueles poucos metros, dizer “sim”, assinar os papéis, apesar de mera formalidade era importante para dar segurança ao homem que eu amava. Eu precisava apenas que ele segurasse em minha mão, para mim era mais do que suficiente. Meu pai tinha razão. Se Alex precisava disso e, se não era nada que poderia me machucar ou me fazer infeliz, por que não?

– Está pronta?

Olhei minha imagem no espelho. O vestido branco gelo, repleto de renda, envolvendo meus ombros, descia por meu corpo, alargando-se um pouco abaixo dos quadris como uma tulipa invertida. Uma fileira de pérolas fechava a renda que revestia minhas costas, sem revelar muito, mas insinuando bastante. Meu rosto estava levemente corado, não só pela maquiagem, também pelo calor que sentia e a ansiedade que quase me dominava.

ALEX

Charlotte estava demorando demais. Meus olhos de tempos em tempos encontravam os de Lana e os dela refletiam a minha angústia. Charlotte desistiu. Droga! Eu não devia tê-la deixado sozinha. Droga! Johnny se aproximou e tocou meu ombro.

– Ela virá. Toda noiva atrasa. Com Charlotte não seria diferente. Fico me perguntando onde ela conseguiu esta veia artística para gostar tanto de dramas – olhei para o amigo da minha noiva, o mesmo que muitas vezes me despertou raiva e ciúmes, e ele sorriu. – Ela precisa chamar atenção – dei risada. Era engraçado e, apesar de ser injusto com Charlotte, um pouco verdadeiro. Tudo era um drama na vida dela. – Não se preocupe, ela te ama. Não vai perder a oportunidade de te amarrar para sempre.

– Tomara mesmo que isso seja verdade.

– Com certeza é – ele estreitou os olhos com desprezo. – Eu só não entendo o motivo de você querer tanto casar. Passar o resto da vida amarrado a alguém. Em breve, ela começará a ter filhos – sua expressão mudou para nojo. – Nunca mais vai ser a mesma. Vai começar a cobrar demais. As crianças vão chorar, vão bagunçar a casa, você não poderá sair com os amigos porque quando voltar para casa ela vai falar, falar e... – sorri largamente.

– Você vai entender quando encontrar alguém que ocupe todos os seus pensamentos. Que você deseje mais do que o próprio ar. Quando nada mais fizer sentido se ela não estiver com você. Ainda não se apaixonou, Johnny. Quando acontecer, não vai conseguir aguardar nem um segundo.

– Tomara que você esteja certo do que quer.

– Por quê?

– Porque ela acabou de chegar. É, meu amigo, agora é para valer – ele deu um tapa em meu ombro, e meu coração disparou varrendo o pequeno espaço da piscina a procura dela.

CHARLOTTE

Todos os nossos poucos convidados estavam lá, de costas para mim, sem perceberem que eu havia chegado para dar o passo mais importante da minha vida. O momento em que me uniria a Alex de corpo e alma. O momento em que Deus me diria que nada foi em vão. Que a loucura daquela proposta, que agora parecia ter sido há muito tempo, a insegurança, o medo, a descoberta do amor... Nada foi em vão. Lá estava eu, pronta para dizer “sim” e para pertencer a ele por toda a minha existência.

Foi naquele momento que Johnny capturou o meu olhar e sorriu. Meu amigo, com aquele simples gesto, abençoava a minha decisão. Ele tocou no ombro de Alex, e meu namorado, noivo... O homem da minha vida, e eu não tinha mais nenhuma dúvida sobre isso, olhou-me. Foi como se o tempo parasse.

O olhar de Alex me invadiu com uma força impossível de ser mensurada. Capaz de derreter qualquer geleira, acabar com qualquer guerra... Uma força que me envolvia e afugentava todos os medos e receios, deixando apenas certezas. O nome desta força é amor. Naquele instante apenas o amor seria capaz de guiar os meus passos e, ao mesmo tempo, desorganizar todo meu interior. Era o amor que me dizia naquela hora que nada poderia ter sido diferente. Eu passei a pertencer a Alex no momento em que aceitei ser sua aluna.

Não. Não foi em vão.

Um dos músicos detectou a minha presença e levantou dando a primeira nota para, em seguida, ser acompanhado dos outros quatro. Uma linda melodia preencheu o ambiente, e meus amigos se levantaram virando-se para me olhar. Eu não tinha como olhá-los. Não queria desviar os meus olhos da figura no centro do altar improvisado. Ele era perfeito demais para ser verdade e me amava como se eu fosse o ser mais incrível e maravilhoso do planeta.

Durante anos, eu apenas vivi. Nunca fui a garota que despertava paixões. Eu era tímida, solitária. Escondia-me atrás dos outros, deixava que todos brilhassem a meu redor tentando nunca ser o centro das atenções. Fingia satisfação em ser apenas a garota inteligente que sorria e ajudava os amigos, que era motivo de orgulho para os pais e se conformava com o pouco que vinha a suas mãos. No fundo, nunca fui

feliz. Não completamente. Eu me sentia vazia. Sozinha demais em um mundo cheio demais. Incapaz de fazer nada para modificar as coisas, deixando-me levar e aceitando o curso da vida. Apenas eu sabia o que realmente existia dentro de mim.

O jeito que encontrei de mudar qualquer coisa foi escrevendo. Como escritora, eu podia ser o que quisesse, onde quisesse e da maneira que quisesse. Simplesmente escrevia sobre as milhares de vidas que gostaria de ter, os milhares de amores que poderia vivenciar e que nunca permitia que me alcançassem. Desenvolvi os mais diversos conflitos, as mais desvairadas paixões, o desejo mais intenso e carnal. Escrevia, não vivia. Por causa disso, nunca fui uma pessoa completa.

Aí, Alex, como em um conto de fadas moderno, chegou e derrubou todas as minhas barreiras, virou meu mundo de cabeça para baixo. Ele não foi apenas o meu professor, o homem que me sacudiu e me fez acordar. Foi o meu príncipe encantado. Tudo bem que chegou em uma prancha de surf ao invés de um cavalo branco, e, que ironia, o dragão que precisou enfrentar e derrotar, por mais incrível que pareça, era a própria princesa que precisava resgatar.

Alex me fez escrever a minha própria história, fez-me ver que era possível, que o amor ia muito além do prazer e do desejo. Que sexo... sexo será sempre bom se você souber como desfrutá-lo. No entanto, o que é o sexo sem um amor verdadeiro? O que é o desejo sem o olhar de admiração? O que é o orgasmo sem a confiança da entrega? Nada! Eu nunca mais seria vazia. Nunca mais estaria sozinha, sempre teria Alex para segurar a minha mão e me dar a certeza de que eu jamais cairia ou, se porventura isso acontecesse, ele estaria lá para me levantar.

Meu pai avançava comigo, eu mal conseguia sentir os meus passos. Aquela foi a escolha mais certa da minha vida. Ao constatar tal verdade, passei a ansiar pelo momento em que nada mais nos separaria. Eu queria chegar lá e dizer sim bem alto, que eu aceitava e que seria, sem medos ou dúvidas, a esposa do professor Frankli.

Paramos a um passo um do outro. Um único passo me impedia de tocá-lo. De declarar a ele meu amor. De confirmar a minha vontade. Um único passo para enfim ser uma pessoa completa. Nossos olhos não se desgrudavam. Os dele repletos de amor e felicidade.

“Sim, Alex, eu estou aqui. Onde mais poderia estar? Eu te amo! Não posso fugir de um sentimento

tão forte, puro e verdadeiro” minha mente gritou, embora meus lábios permanecessem calados. Meu pai segurou minha mão, que estava enlaçada ao seu braço e a levou até a mão de Alex.

Aquele toque... Ah, aquele toque capaz de me fazer mudar qualquer coisa. Sem conseguir controlar deixei cair uma lágrima. Alex comprimiu os lábios e eu entendi que também segurava as suas, em nenhum momento deixamos de nos olhar. Éramos fortes assim, seguros um no outro. Eu chorava de felicidade e ele externava a dele com um sorriso sincero.

– Cuide bem dela – a voz do meu pai quebrou o nosso silêncio. Estava embargada pela emoção.

Este foi o momento em que me vi impelida a desviar minha atenção do homem que eu seguiria pela eternidade, para agradecer ao que havia me guiado até ali. Olhei para meu pai. Aquele homem forte que intimidava a todos segurando sua emoção como podia.

– Com a minha própria vida, Peter.

Alex enlaçou os dedos nos meus conectando-nos. Cada célula do meu corpo sabia que naquele momento nos uniríamos para sempre e nada seria capaz de quebrar nossa aliança.

– Eu te amo, princesa.

Era como ele me chamava quando eu ainda era uma criança. Quando ainda brincava em meu pequeno castelo de madeira, e ele era o meu cavaleiro fiel, o que lutava para proteger o reinado. Foi a forma que encontrou de me mostrar que finalmente havia entendido. A sua filhinha, a pequena princesa que precisava dele para proteger o reino, crescera e começava a andar com suas próprias pernas. Dominada pela emoção, joguei-me sobre ele e o abracei com força.

– Eu te amo, papai! – e soluzei, agradecendo internamente por ter usado maquiagem à prova d’água. Ele riu e meus amigos também.

– Eu sei. Eu sei. Mas agora precisamos realizar um casamento.

Soltei meu pai e voltei a entrelaçar meus dedos nos de Alex.

Padre Messias, que me olhava com carinho, começou o tradicional sermão utilizado em todas as cerimônias de casamento. Ele falava do amor, da importância da fidelidade e da construção da família em Deus. De vez em quando, eu olhava para Alex, que acariciava meus dedos com seu polegar. Quando nossos olhos se encontravam o resto do mundo deixava de existir. Padre Messias era apenas uma voz

distante, um ponto solto naquele universo que eram os olhos de Alex. Até que fomos forçados a dizer os votos.

Oh, droga! Os votos. Eu havia dito a Lana que tinha tudo pronto, mesmo com a implicância dela e todas as ameaças, consegui me esquivar de deixá-la ler. Na verdade, eu não escrevi nada. Contida pelo medo e incerteza, fui incapaz de escrever uma linha sequer. O que eu poderia dizer?

– Charlotte Middleton... Charlotte – ele sorriu, e o dia pareceu ficar mais claro, como se um raio de sol abençoasse as suas palavras e iluminasse o altar, especialmente para nós dois. – Votos são apenas promessas que, muitas vezes, não sabemos como nem se poderemos cumprir. Prometer qualquer coisa é ser injusto com o nosso amor. Você merece muito mais do que promessas. Eu quero apenas que saiba que, antes de você, eu não sabia o que era ser feliz. Mesmo quando tudo parecia uma imensa loucura, quando pensei que estava destruindo tudo o que havia lutado para construir, eu tinha a certeza de que valia a pena, porque era com você, e por você. Não posso dizer que não tive medo ou que não fiquei inseguro, mas quando você chegava e eu a olhava, tão decidida a mudar o curso da sua história, a realizar os seus sonhos... Você era muito mais do que a garota inocente que frequentava as aulas, era, e é, a mulher mais forte que já conheci. A mais decidida e determinada. E enxergá-la mudou o eixo do meu universo, deixei de ser o centro, de ser a estrada mais importante e passei a ser apenas um satélite em sua órbita. Incapaz de sair de perto de você, de não atender às suas vontades, disposto a tudo para agradá-la. Passei a ser o seu súdito e confesso que nunca fui tão feliz – mais uma vez, ele sorriu, e meu coração quase parou. Era tão lindo! – Case-se comigo hoje e também me deixe renovar estes votos todos os dias, horas, minutos e segundos. Porque eu nunca me cansarei de dizer o quanto te amo e de lutar para que sua vida seja muito mais do que um romance, um conto de fadas.

As lágrimas não paravam de cair enquanto ele falava, e meu coração martelava com a emoção. Alex havia encontrado as palavras perfeitas, enquanto eu não sabia o que dizer. Todos fizeram silêncio me aguardando.

– Não sei se é correto, sendo eu uma aspirante a escritora, falar que não sei o que dizer.

Todos riram e Alex me olhou com admiração. Ele me conhecia e compreendia como ninguém em toda a minha vida. Eu sabia que mesmo que encerrássemos ali, que nenhuma palavra fosse dita, ele se

sentiria feliz e realizado. Mas... Droga! Eu tinha tanto a dizer.

– Quando uma pessoa é apenas mais uma no universo, ela não é especial. Quando se alimenta apenas de sonhos, ela não vive. Quando o sol toca a sua pele e ela é incapaz de sentir mais do que uma leve ardência, ela não é feliz. Quando o dia vai embora e ela não consegue se emocionar com os seus últimos raios, ela não ama, nem é amada – o silêncio fazia com que minha voz ecoasse. – Alex Frankli... Professor Frankli – ele sorriu largamente. – Meu namorado, meu noivo, meu marido... minha vida... obrigada por, assim como nos contos de fadas, com um beijo, me fazer acordar – ele riu e eu sorri presa em seu olhar. – Com a sua capacidade de me entender e apoiar, me deu a mão e me fez ver que eu era única, mesmo que fosse apenas em seu universo. Você me fez compreender que sonhos são fundamentais, mas vivê-los é essencial e você foi o meu melhor sonho e a minha mais perfeita realidade. Você me trouxe muito mais do que o sol para esquentar o meu corpo, trouxe a felicidade a uma alma gelada, que sofria e ansiava pela sua chegada. Sempre foi você e sempre seria independentemente de quanto tempo eu precisasse esperar. Obrigada por me proporcionar os melhores finais de dia que uma garota poderia desejar, pelo simples fato de você me amar. Enxergou muito além do meu desespero para escrever o livro perfeito, enxergou a minha alma e, com isso, despertou em mim o que existia de melhor e me fez entender que você é a minha melhor história, a que eu posso e quero escrever a cada dia mais uma parte. Obrigada por ser você e me ajudar a ser eu mesma. Eu te amo!

Uma lágrima escorreu em seu rosto, ele sorriu e mordeu os lábios. Um menino lutando contra o homem que aparentava ser. Aquele era o meu Alex. O meu marido.

– Eu te amo! – ele me puxou para seus braços.

ALEX

Ela chorava enquanto falava e meu coração parecia querer explodir de tanto amor. Toda a minha vida passou diante de mim como um filme, mostrando-me o quanto, apesar de feliz, foi vazia. Charlotte era o meu sol. O que faltava para que eu me sentisse pleno. E ela estava lá, como havia prometido, dizendo que me amava também, comprometendo-se com uma vida ao meu lado. Eu estava feliz, orgulhoso e completo.

Beijamo-nos com paixão e emoção. Cheios de um amor sem tamanho, impossível de ser descrito. Um amor que eu nunca acreditei existir fora dos romances. No entanto, era real e eu o estava vivendo. Era impossível não chorar.

– Ninguém ouviu o tradicional “pode beijar a noiva” – Lana provocou e todos riram. Charlotte se afastou completamente vermelha. Como eu amava a maneira como ela corava.

– Bom... – o padre continuou rindo de nossa incapacidade de tirar as mãos um do outro. – As alianças.

Patrício se aproximou conduzindo Escuridão, meu cavalo, com uma almofada em seu lombo. Eu ri de uma piada apenas minha. Meu cavalo, que eu amava muito, tinha ciúmes da minha esposa e a derrubara na noite da tempestade. Charlotte olhou para mim e estreitou os olhos. Dei de ombros, afinal de contas, eu não planejei nada do casamento. Todos pareciam se divertir.

Assim que Escuridão chegou próximo da gente, Charlotte deu um passo para trás. Ri, passando à frente e desatando o laço da almofada que continha as alianças. Patrício piscou para Charlotte e saiu levando meu cavalo. Voltei a atenção para minha esposa. Entreguei em sua mão uma aliança e segurei a dela.

– Charlotte Middleton, com esta aliança eu te faço minha esposa. Prometo honrá-la, amá-la e respeitá-la. Ser seu amigo, marido e amante – ela sorriu e corou. – Sua felicidade será a minha felicidade e a sua vida a minha vida – a aliança deslizou em seu dedo. Charlotte tremia, não poderia ser diferente.

– Alex Frankli, com esta aliança eu te faço meu esposo. Prometo honrá-lo, amá-lo e respeitá-lo.

Ser sua amiga, mulher e... – mordeu os lábios – ... amante – um risinho fraco preencheu a plateia e o meu sorriso foi gigantesco. – Sua felicidade será a minha felicidade e a sua vida a minha vida.

– Agora sim, pode beijar a noiva – todos riram novamente.

Aproximei-me de Charlotte buscando por seus lábios, ela me segurou e beijou com entusiasmo.

Claro que correspondi com ímpeto, nada que desrespeitasse a minha esposa. Todos riram e aplaudiram.

Segurei Charlotte pela cintura e girei-a, deitando-a em meus braços como em uma cena de filme.

– Minha esposa! – ela me olhou com brilhos nos olhos.

– Meu marido! – e sorriu com orgulho. – Podemos ir direto para a lua de mel? – ri cheio de felicidade. Aquela sim era a minha Charlotte.

– Quanto a isso... – cocei a cabeça enquanto ela fazia cara de espanto.

– Não vamos ter lua de mel?

– Vamos. Claro que vamos! Você tem uma formatura para comparecer em alguns dias e eu tenho uma coisinha para resolver. Por isso adiaremos nossa viagem.

– E o que vamos fazer?

– Muitas coisas – sussurrei em seu ouvido. – Em nossa casa, por enquanto – e beijei um pontinho atrás da sua orelha vislumbrando sua pele arrepiada.

– O que precisa resolver que nos impede de viajar? – droga! Charlotte não deixava nada para depois.

– Tenho que comparecer à faculdade e resolver os trâmites da minha saída – ela me avaliou.

Merda! Porra de mulher difícil de esconder alguma coisa. Tentei parecer tranquilo. Ela não acreditou.

– O que está me escondendo? – seus olhos esquadrinharam meu rosto.

– Charlotte, vamos curtir no nosso casamento. Podemos conversar sobre qualquer coisa depois...

– Não. Eu quero saber agora. O que está acontecendo?

Eu precisava mudar o rumo daquela conversa ou ela ficaria muito irritada e tudo o que eu realmente não precisava era vê-la nervosa por mais um problema causado pelo nosso envolvimento.

Anita tinha prometido me prejudicar e, aparentemente, era o que estava fazendo. Quando o professor Carvalho ligou avisando que precisávamos conversar e que Anita havia feito uma denúncia

séria, eu tive a certeza de que seria um momento difícil. Tudo que Charlotte não precisava era começar a se preocupar com essa merda na nossa festa de casamento. Eu resolveria tudo depois.

– E eu estou louco para tirar este vestido de você – ela sorriu, relaxando e se entregando ao momento.

– Podemos abraçar os noivos?

Minha mãe apareceu por trás da minha mulher, tirando-a dos meus braços. Logo em seguida, meu pai me abraçou e nós fomos passando por diversos braços. Foi ótimo para ganhar tempo e fazer Charlotte esquecer aquele detalhe ruim.

Enquanto dois amigos do meu pai me cumprimentavam com tapinhas nas costas e abraçavam a minha esposa, senti meu celular vibrando. Por instinto, peguei o aparelho e, sem reconhecer o número, atendi.

– Alex? – era Tiffany. Sua voz frágil me fez ficar em alerta. – Por favor, não desligue.

– O que você quer? – tentei manter a calma para não alertar Charlotte. Afastei-me um pouco do grupo.

– Você foi até o final.

– Eu disse que iria.

– Você disse – ficou um pouco em silêncio. – Mas eu tinha esperança... você sabe...

– Tiffany...

– Eu estou feliz por você, Alex. De verdade. Posso não ser a melhor pessoa, porém não sou um monstro. Eu amo você! – sua voz indicava um sorriso, uma emoção que não conseguiu disfarçar. – Amo você e, por meu sentimento ser verdadeiro, sou obrigada a aceitar a sua escolha. Você ama Charlotte – depois de uma pequena pausa ela continuou. – Apesar de eu não conseguir entender bem o porquê... é ela quem você ama.

– É sim. Sinto muito.

– Não sinta – ouvi um riso amargurado. – Não sinta. Você deveria escolher alguém mais forte para ficar ao seu lado.

– Ela é forte...

– Até quando? Você acredita mesmo que essa garota não vai desabar quando souber o que Anita aprontou? Será que ela vai ser tão forte assim quando descobrir que o trabalho ao qual dedicou sua vida foi cancelado porque ela insistiu nesta loucura? – Engoli em seco.

– Ela não precisa saber agora – fiquei alerta. Não deixaria Tiffany destruir os sonhos de Charlotte. Não tão fácil nem tão cedo.

– E eu não vou contar – sua voz demonstrou amargura por eu ter pensado que ela poderia. – Mas ela vai saber. Eu espero que você consiga contornar mais este obstáculo. Eu te avisei, Alex.

– Nós vamos recorrer. Vamos lutar com todas as nossas forças...

– E quando as forças acabarem? O amor não pode tudo. Nem tudo o amor entende ou vence. Sinto muito. Por mais que este casamento me cause dor, eu não desejava isso para vocês, principalmente para ela – ela soluçou, mas se controlou. – Eu vou embora agora. Desejo-lhe felicidades. Adeus!

Ela desligou. Apesar de tudo, eu me sentia triste pelo amor que ela nutria por mim e desejei de verdade que ela fosse feliz.

– Tiffany? – Lana me segurou pelo braço entregando-me uma taça de champanhe.

– Sim.

– Acho que perdemos uma grande escritora.

– Deixe-a ir, Lana. Tiffany nunca será feliz se continuar esperando por mim. Quem sabe indo para outra editora ela encontre a paz de que necessita.

– Você tem razão – ela levantou a taça e brindou comigo.

– Um brinde? Posso saber o motivo? – Charlotte se juntou a nós dois com olhos curiosos.

– À nossa mais nova superescritora – Lana virou-se rapidamente capturando uma taça de champanhe que o garçom levava e a entregou a Charlotte. – E ao casamento mais bonito a que já tive o prazer de assistir. Com a minha superprodução é claro – piscou para minha esposa que sorriu e aceitou o brinde.

CAPÍTULO 37

“Se não fosse por meu amor, o dia seria noite.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

Alex tentava me fazer esquecer o que sem querer tinha deixado escapar. Eu fingia que ele havia conseguido me enganar, embora por dentro estivesse temerosa. O que diabos teria acontecido? O que Anita conseguira fazer de tão ruim para obrigá-lo a adiar nossa lua de mel? E a minha formatura? Será que ela conseguira invalidar o meu projeto? Merda! Dei um longo gole em meu champanhe e gostei do sabor.

O melhor a fazer, por ora, era tentar esquecer. Afinal de contas, era o meu casamento e seria a minha primeira noite com meu marido. Só de imaginar meu ventre começava a formigar.

– Precisamos começar a trabalhar nos detalhes do seu livro. Já conversei com a Paula hoje e ela vai iniciar a revisão. Precisamos de tudo pronto o mais rápido possível.

– Depois da lua de mel, Lana. Charlotte só vai pensar nisso quando voltarmos – Alex bebia tranquilamente sorrindo como um homem feliz.

– Vai demorar muito! Vocês nem escolheram para onde vão! Nada disso. Vou aproveitar esta semana que vocês ficarão em casa e vou iniciar o trabalho de marketing. Vamos fazer algumas fotos, gravar um *teaser*... O que acha? – bebi mais um longo gole.

– Acho que não sei fazer nada disso.

– Nem precisa. Só precisa ser diva, o resto pode deixar conosco que contamos com os melhores profissionais para fazê-la brilhar.

– Pensaremos nisso depois. Agora eu quero cortar o bolo e levar a minha esposa para casa – Oh, merda! Um milhão de borboletas levantaram voo no meu interior.

– Nada disso. Vocês ainda vão tirar fotos. O que seria de um casamento se não existissem fotos? E a dança dos noivos? Não, não. Vamos seguir o ritual completo.

Tomei mais um gole, terminando a bebida e olhei para os lados à procura de um garçom. Seria ótimo me desligar um pouco das aflições. Tiffany e Anita não estavam em nenhum lugar, o que me deixava muito tranquila. Depois do que aprontaram, confesso que tive medo de elas aparecerem para

estragar a festa, graças a Deus não fizeram isso e eu me senti aliviada.

Alex me escondia um segredo. Lana queria que eu virasse uma diva da literatura, justo eu que não conseguia nem coordenar direito meus passos, tive que apelar por aulas particulares de sexo com o meu professor para conseguir descrever corretamente uma cena de sexo. Puta que pariu! Eu precisava de mais uma dose.

– O que está procurando? – Alex se aproximou me abraçando pelas costas e encostando o rosto na curva do meu pescoço.

– O garçom – encolhi-me ao sentir seus lábios em minha pele.

– Nada de ficar bêbada, Sra. Frankli. Quero a minha esposa completamente sóbria.

– Vai demorar muito ainda para chegarmos em casa – protestei e me deixei afundar em seus braços.

– Uma eternidade levando-se em consideração a minha vontade de descobrir o que tem por baixo deste vestido.

– Alex! Lana...

– Lana foi chamar o fotógrafo. Vamos começar logo para acabar rápido.

– Para que você possa descobrir o que tem por baixo do meu vestido? – virei para o meu marido e o encontrei com um sorriso imenso, repleto de felicidade.

– Exatamente.

– Isso é interessante – afastei-me dele e sorri captando pela minha visão periférica Lana e o fotógrafo se aproximando. – Considerando que não estou usando nada por baixo – e fiz minha melhor cara de inocente.

Alex abriu a boca para responder, mas se deu conta de que Lana estava muito próxima. Seus olhos chamejavam e meu corpo inteiro ficou quente com aquela pequena mentira. Claro que eu estava usando um lindo conjunto de lingerie cheio de detalhes que só Lana seria capaz de me fazer comprar.

Fazer as fotos foi supertranquilo. Alex estava com as mãos em mim e eu resolvi virar uma taça de uma vez por todas para criar mais coragem. Assim, aceitei fazer a foto de nós dois cortando e depois comendo o bolo, e até me atrevi a pegar um pouco da cobertura e passar no rosto dele quando ele pensava que eu a colocaria em sua boca. Foi engraçado. A cara dele foi impagável. Também fiz a que

brincava de obrigá-lo a casar e adorei fazer as tradicionais e artísticas. Ficaria tudo lindo!

– Foi tudo perfeito! – minha mãe se aproximou de mim quando eu pegava a minha terceira ou quarta taça de champanhe. Sorri com uma alegria exagerada, provavelmente causada pelo álcool. – E você está radiante! – ela me envolveu com seus braços que me transmitiam muita segurança.

– Eu estou muito feliz, mãe! Tive medo de aceitar, mas Alex... – olhei para onde ele estava, conversando alegremente com o irmão, Johnny e o cunhado. Eles riam. – Ele é tão lindo! – minha mãe riu e eu fiquei sem graça ao perceber que estava suspirando pelo meu marido na frente da minha mãe.

– Sim, ele é lindo – passou a mão em meu rosto. Fechei os olhos absorvendo o máximo possível daquele carinho. – Obrigada! – abri os olhos sem entender o motivo de ela estar me agradecendo.

– Pelo que exatamente? – seus olhos encontraram os meus e então percebi que estavam cheios de lágrimas. – Mãe! – e as lágrimas caíram.

– Por ter aceitado se casar, oras! – ela riu e limpou o rosto, ironizando a própria fragilidade. – Você é minha única filha e assistir a seu casamento foi incrível, apesar de me sentir velha.

– Mãe! Se eu esperasse mais dez anos, você ainda estaria aqui – seu olhar foi estranho. Droga! O que estava errado? – Não estaria?

– Charlotte... – ela gaguejou e meu coração perdeu uma batida. – Claro que sim, querida! Eu não perderia por nada – e sorriu com mais lágrimas caindo.

– Mãe, o que está acontecendo? – ela me encarou por breves segundos.

– Você cresceu e de repente me dei conta de que a vida está passando. Você vai se sentir assim quando estiver no casamento dos seus filhos – riu e levantou sua taça que, com certeza, não era de champanhe. – E quando estiver bebendo um pouco – piscou tentando me enrolar.

– Isso é refrigerante.

– Não dietético. Você nem imagina o que o açúcar é capaz de fazer no corpo de uma mãe emocionada.

– Ah, mãe! Eu te amo!

– Podemos ir? – Alex apareceu e o simples som da sua voz me fez perder o foco.

– Já? Vocês... – minha mãe tentou protestar, Alex me enlaçou pelos ombros puxando-me para perto.

– Eu pretendo te dar netos, Mary – ela sorriu largamente e eu fiquei incrivelmente vermelha. – Para isso preciso... – bati no ombro dele fazendo-o rir.

– Pare com isso! Ela é minha mãe! – protestei, eles riram.

– Eu ia dizer que preciso...

– Nem uma palavra, Alex! – minha mãe gargalhou chamando a atenção de todos.

ALEX

Charlotte estava sentada ao meu lado, olhando pela janela do carro. Estávamos na estrada há menos de meia hora e ela, apesar de sorrir de tempos em tempos, nada dizia. Aquele silêncio começava a me incomodar.

– Como quer fazer? Podemos passar em sua casa antes para pegar algumas de suas coisas ou simplesmente seguimos para a nossa casa e deixamos esta parte para depois.

– Não acredito que eu vá precisar muito de roupas nos próximos dias – ela sorriu e continuou olhando para fora. A paisagem verde, gélida e molhada deixava o clima ainda mais estranho.

– A senhora só pensa em sexo Sra. Frankli?

– Aprendi com um professor tarado que eu tive na faculdade.

Finalmente, ela me olhou com aqueles olhos claros maravilhosos que esquentavam a minha alma. Eu sabia que Charlotte estava preocupada com alguma coisa, muito provavelmente com o problema da faculdade, porém não queria que ela começasse a se desesperar muito cedo.

– Seu professor não era tarado até te conhecer, ou até você fazer aquela proposta indecorosa.

– Que o senhor adorou, Professor Frankli. Não venha com esta desculpa. Aposto que sua vida sempre foi cheia de propostas indecorosas, não apenas recebidas, também as feitas por você mesmo, Alex. Pela experiência que tem, posso até imaginar a quantidade de loucuras que já fez – sua boca fez uma careta de reprovação.

– Não podemos conversar sobre a minha vida sexual passada. Eu nem tinha ideia de que a encontraria, nem que teríamos um relacionamento, muito menos que estaríamos casados e felizes – ela cruzou os braços no colo e voltou a olhar pela janela. O silêncio que se fez me deixou inquieto. – Qual é o problema, Charlotte? – tentei manter meu tom de voz baixo e calmo. Não queria intimidá-la, apenas confortá-la pelo que a estava incomodando.

– Você já transou com duas mulheres? – porra! Que merda de conversa era aquela? O que importava?

– Charlotte...

– Só responda, Alex. Eu quero saber mais sobre a vida sexual do meu marido.

– Para quê? No que vai mudar?

– Eu quero saber – desta vez, ela fez birra, bateu o pé e cruzou os braços. Merda! Não dava para simplesmente deixar que ela estragasse a nossa lua de mel, e mentir não era a melhor estratégia no que diz respeito a Charlotte Middleton.

– Sim. Satisfeita?

– Você transou com duas mulheres?! – seu tom de reprovação me deixou assustado.

– Charlotte, vamos parar por aqui, ok? Pelo visto esta conversa não será nada agradável. É a nossa lua de mel e esta não é a melhor forma de começar nosso casamento.

– Quem eram elas?

– Ah, eu não vou te contar. Pode parar por aí. Eu não sou nenhum moleque para ficar dando detalhes e nomes. Eu respeito as mulheres com quem fui para cama.

– As mulheres! Centenas delas, não é? – droga! Droga! Droga! Apertei as mãos no volante e acelerei o carro. Era melhor chegarmos logo em casa. – E você gostou? Foi algo que te agradou muito?

– Foi. Eu gostei. Na época, foi a realização de um sonho. Você como escritora de romances eróticos deve saber que todo homem tem este tipo de fantasia. Eu realizei a minha. Teve um começo, um meio e um fim. Nada que mereça maior atenção. Podemos mudar de assunto?

– O que você nunca fez?

– Muitas coisas, Charlotte. Nunca fui ao Japão, por exemplo – sorri ciente de que estava fugindo da pergunta. Charlotte me deu um tapa no braço, revoltada com a minha resposta. – Ai! Pare com isso!

– Eu quero saber, Alex!

– Ok. Eu nunca transei com um homem. Tá aí uma coisa que nunca fiz e pretendo nunca fazer – ri novamente e recebi outro tapa. – Charlotte! Que merda! Tá legal! Vamos conversar sobre isso, antes me diga o motivo real desta curiosidade súbita.

– Porque sou sua esposa e sou inexperiente, acabei de me casar com você mesmo sem entender o motivo da pressa, e não sei como me comportar como mulher no casamento. E o que eu sei sobre sexo

além do que você me ensinou? Além disso, transamos poucas vezes, e eu estou com a sensação ruim de nunca ter sido a primeira em nada para você. Eu não sou uma novidade. É isso!

Respirei fundo, diminuí a velocidade, entrei em uma estradinha de terra que não levava a lugar nenhum e desliguei o motor. Charlotte ficou parada, encarando-me sem entender o que eu estava fazendo. Tirei o cinto de segurança e virei de frente para a minha esposa.

– Certo. Para começar, você foi a minha primeira vez em um monte de coisas. Foi a primeira aluna com quem eu me relacionei. Foi a primeira pessoa para quem eu precisei ensinar, na prática, o que é sexo. Foi a primeira mulher de quem eu tirei a virgindade, este detalhe para mim foi incrível e inesquecível – sorri e ela corou. – Foi a primeira mulher que eu amei e a primeira com quem eu quis me casar, aliás, com quem eu fiquei desesperado para casar. Não seja tão insegura, eu te amo! Nada do que aconteceu em meu passado importa mais. É você quem eu quero, Charlotte!

– Eu só queria ser a primeira em alguma coisa – olhei para a minha esposa, ainda usando aquele lindo vestido de noiva, que ela lutou contra todos para não precisar tirá-lo, o que me agradou muito, e tive uma ideia.

– Bom... Eu nunca transei dentro do carro, em uma estrada deserta, com uma linda mulher vestida de noiva... – passei meus dedos por seu rosto e ela sorriu envergonhada.

– Aqui dentro do carro? E meu vestido?

– Daremos um jeito nele.

– E se aparecer alguém?

– Não vai. Se aparecer... deixarei o sensor ligado, seremos avisados se qualquer coisa chegar perto do carro. Além disso, estamos em um carro blindado, com vidros escurecidos até o limite, está chovendo, então é uma missão quase impossível alguém chegar até nós dois – Charlotte mordeu o lábio inferior e baixou os olhos. Ela ficava perfeita quando envergonhada. Eu a amava! Idolatrava! – Vem cá!

Puxei Charlotte para meu colo e imediatamente empurrei o banco para trás. Enquanto ela aguardava sem saber o que fazer, inclinei um pouco o assento para ficarmos mais confortáveis. Quando achei que estava bom, voltei minha atenção para a linda mulher diante de mim. Maravilhosamente corada e ofegante com a expectativa. Charlotte podia ser tímida, inexperiente, mas era fogosa e só imaginar o que

poderíamos fazer dentro daquele carro a deixava excitada.

Segurei a saia do vestido puxando-a para cima, correndo os dedos por suas pernas, sentindo a meia fina. Charlotte fechou os olhos e pendeu a cabeça para o lado, já entregue ao prazer. Beije seus lábios quentes e enfiei minha mão por seus cabelos, segurando na parte presa para ter mais firmeza. Com isso ela projetou o corpo mais para frente. Os seios arfantes escondidos pelo tecido do vestido de noiva me fazendo desejá-los em minha boca.

– Passe uma perna para o outro lado – imediatamente Charlotte sentou deixando-me entre suas pernas. O vestido impedia o contato entre nossos sexos. – Assim, Charlotte! – ela se encaixou sobre mim, aguardando meu próximo passo.

Puxei-a e mordi seu pescoço, arranhando sua pele. Charlotte gemeu baixinho. Subi a mão por sua coxa. Meias três oitavos! Ah, como eu gostava daquelas meias! A cinta segurando ao lado e minha imaginação trabalhando ferozmente. Por baixo do pano, subi um pouco mais em sua pele, indo de encontro a sua bunda quando encontrei a barreira que imaginava não estar lá. A calcinha.

– Acabo de descobrir que minha esposa mentiu – Charlotte sorriu e mordeu os lábios.

– Apenas brinquei com a sua imaginação. A ideia era tirar antes de você descobrir que eu havia mentido.

– É? Eu acho que isto merece uma punição – e dei um tapa em sua bunda. Charlotte gritou com o susto.

– Alex! – seus olhos imensos me encararam enquanto um misto de temor e desejo passava por seu rosto. Dei outro tapa fazendo-a gritar e depois rir. – Pare com isso!

– Você é uma garotinha muito má, Charlotte – puxei seu cabelo para trás fazendo seus seios empinarem. Na mesma hora meus dedos entraram em sua calcinha roçando levemente seu sexo já úmido. Inclinei a cabeça e mordi seu busto arfante. Charlotte gemeu descaradamente. Ela gostava daquilo e eu fiquei louco ao constatar. – Bom, agora você vai ter que me agradar. Muito! – ressalttei.

– Eu gosto de te agradar – ela me desafiou com um brilho nos olhos que eu conhecia muito bem. Charlotte estava excitada e permitia que o tesão assumisse o controle.

– Gosta, é? – rocei os dedos com mais firmeza e assisti a minha esposa fechar os olhos de prazer,

empinando a bunda ansiando por maior contato. Retirei a mão e dei outro tapa em sua bunda, com um pouco mais de força. – Então rebole, meu bem. Rebole para mim.

Desabotoei minhas calças, querendo me livrar logo do que me impedia de penetrá-la, Charlotte segurou minha mão, detendo-me. Ela sorriu e colocou a mão por dentro da minha cueca, encontrando meu pau enrijecido. Com malícia nos lábios, ela sorriu e o acariciou, subindo e descendo com seus dedos frágeis em uma masturbação lenta. Gemi involuntariamente.

Devo confessar que Charlotte conseguia me enlouquecer quando agia impulsivamente. Nada controlado demais ou seguindo um script, era muito legal quando o assunto era sexo. Deixei que ela brincasse, sentindo o calor de sua mão me manipular com prazer.

Aproveitei e puxei seu vestido para baixo. O tecido cedeu um pouco, mas quem estava preocupado com este detalhe? Eu queria colocar minha boca em seus seios. Assim que vi aqueles mamilos rosados e intumescidos apontando para mim, disparei em sua direção. Suguei-os avidamente. Charlotte gemeu alto e rebolou em meu colo, intensificando seu aperto em meu pau, subindo e descendo sua mão com mais velocidade.

Mordi um bico e passei a língua umedecendo-o enquanto brincava com meus dedos no outro, apalpando e sentindo o quanto aqueles seios pequenos e durinhos eram perfeitos. Segurando um seio com a boca, o outro com uma mão, desci a outra até colocá-la por baixo do tecido sedoso e novamente alcancei sua bunda, ultrapassando a calcinha e esfregando os dedos em seu sexo molhado até chegar ao clitóris. Minha mão inteira acariciava a intimidade dela, esfregando a palma nos lábios e forçando as pontas dos dedos em seus pontos de prazer. Charlotte rebolou deixando-me extasiado.

Masturbávamos um ao outro de uma maneira tão íntima que logo o mundo foi esquecido. Eu sentia sua mão em mim, proporcionando-me prazer e queria tocá-la de maneira a arrancar dela todos os seus gemidos.

– Quero você dentro de mim, Alex – ela gemeu delirante em seu momento.

Levantei um pouco o corpo, forçando minha calça mais para baixo liberando meu membro extremamente duro, ainda em sua mão. Voltei minhas mãos para dentro do seu vestido. Uma pela frente e a outra por trás, puxando sua calcinha para o lado.

– Coloque-me dentro de você, meu amor.

– Eu por cima? – ela pareceu espantada.

– E como seria? – Charlotte corou, mas se movimentou e puxou meu pênis em direção ao seu sexo.

Descendo devagar me encaixou em sua entrada, firmando-me no meio de suas pernas. Seu sexo quente já recepcionava o início do meu corpo, deixando-me ansioso para estar totalmente dentro dela.

– Alex eu... – Charlotte gaguejou insegura.

– O show é todo seu, amor. Aproveite! – puxei-a para um beijo apaixonado, sentindo sua língua macia me recepcionar. Seus lábios se moviam com desejo esquentando ainda mais o nosso momento. Segurei em sua cintura forçando-a para baixo, iniciando a penetração.

Meu pau abria espaço em sua carne molhada e apertada, proporcionando-me um êxtase inimaginável. Ela também gemeu e se permitiu ser preenchida por completo, lentamente. Quando eu já estava enterrado nela, Charlotte abriu os olhos e aguardou. Sorri e novamente dei um tapa forte em sua bunda.

– Rebole minha esposa! – ordenei com tom de brincadeira.

– Sim senhor, meu marido!

E ela subiu, testando a nossa posição e em seguida desceu colocando-me inteiro dentro dela. A sensação era deliciosa. A chuva batendo no para-brisa do carro, uma de minhas mãos em sua bunda, a outra em seus cabelos, seus seios arfantes saltitando conforme nos movimentávamos, seus lábios entreabertos absorvendo o prazer... Perfeito!

Charlotte subiu de novo e quando desceu empinou a bunda um pouco para trás. Ah! Eu amava aquela bunda e aquele delicioso pontinho de prazer recém-descoberto. Sem pensar duas vezes, levei meu dedo até lá e a acariciei timidamente. Ela gemeu e rebolou em meu dedo, recebendo o prazer de duas formas. Charlotte era incrível!

CHARLOTTE

Alex me tocou outra vez daquela maneira íntima que me dava tanto prazer. Eu não saberia responder se sexo anal estava em minha lista de desejos, porém, com certeza, ser tocada ali enquanto ele me possuía deixava um rastro de prazer e luxúria em meu corpo que eu não conseguia controlar.

Sem contar que seu sexo quente, duro e pulsante, dentro de mim, já era o suficiente para me enlouquecer, mais ainda quando ele me dava liberdade para comandar a situação. Com Alex entre minhas pernas, eu podia fazer como quisesse e na hora que desejasse.

O poder é algo realmente perigoso.

Espalmei minhas mãos em seu peitoral e comecei a subir, descer e rebolar, como ele havia pedido. O sabor especial estava no momento em que eu descia sentindo-o forçar passagem, roçando pontos que distribuíam choques por todo o meu corpo, com isso acabava empinando a bunda, acho que propositalmente, permitindo que ele tivesse maior acesso ao meu... bom, àquele lugar ainda inexplorado, capaz de proporcionar grande prazer.

Com a mão firme em meus cabelos, ele me conduzia, nada que tirasse de mim o poder de comandar o momento. Aquele homem incrível, maravilhoso, era meu, e gemia contemplando meus seios e se deleitando com as minhas investidas. Puta que pariu! Era prazeroso demais.

Senti a familiar movimentação das borboletas em meu estômago e o início de uma leve dormência. Era muito cedo. Eu queria que demorasse. Queria uma eternidade de prazer, sexo e luxúria. Queria um orgasmo que durasse horas, ou a capacidade de gozar várias vezes sem cessar. Eu queria Alex. Todo. Em mim e só para mim.

– Alex! – gemi manhosa enquanto meu marido se movimentava embaixo de mim, entrando em meu corpo e fechando os olhos para desfrutar do seu prazer. – Eu estou... eu não...

Ele avançou, levantando o corpo e me prendendo ainda mais junto de si, uma mão espalmou em minhas costas segurando-me e a outra, de uma forma extremamente ousada, permitiu que seu dedo do meio invadissem aquela parte do meu corpo até então proibida em minha mente. Não tive tempo de pensar

no assunto. Alex aproveitou o momento em que eu rebojava sentindo seu membro rígido penetrar meu corpo até o limite, já pronta para receber o orgasmo que eu sabia logo me dominaria e introduziu seu dedo lá... naquele lugar que não tenho coragem de proferir o nome por ser constrangedor e difícil de admitir, mas... Puta que pariu! Bastou isso. Uma leve pressão e um pouco mais do seu membro, para eu explodir de prazer.

Foi ousado, estranho, embaraçoso, maravilhoso. Nunca imaginei... Aliás, acredito que cheguei a imaginar, tendo em vista que muitas mulheres assumem gostar, mas... Puta que pariu um milhão de vezes! O que aconteceu? Ele colocou apenas a ponta do dedo e um dispositivo mágico foi acionado, levando-me ao espaço, desintegrando meu corpo por completo, criando imagens perfeitas de um céu estrelado onde tudo acontecia em câmera lenta. E eu gozei como nunca havia gozado.

ALEX

Puta merda! Charlotte me fazia perder o foco. Eu pensei que ela recuaria se fosse mais ousado e introduzisse o dedo mais profundamente nela, no entanto, ela simplesmente gemeu alto e gozou, estremecendo em meus braços. A ideia era fazer com que ficasse mais tensa e adiasse um pouco o orgasmo. Nós mal tínhamos começado a brincadeira.

No entanto, Charlotte... Ah, Charlotte! Ela era incrível! E me surpreendia de maneira inacreditável. Porra! Eu fiquei tão louco com aquilo tudo que minha vontade era forçar a barra e comer de uma vez aquela bunda incrivelmente empinada. Não podia. Não era a hora. Além do mais, ela tinha gozado. O encanto e o desejo desenfreado que a faziam permitir tudo haviam passado.

Eu ainda estava duro dentro dela. Latejando de desejo e disposto a fazer muito mais. Charlotte arfava em meu colo, parada, usufruindo o máximo do seu momento.

– Puta merda! O que foi isso? – ela falou com os cabelos desgrehados descendo em seu rosto e escondendo parcialmente seu rubor. Eu podia comê-la de mil maneiras. Amava a minha esposa e a desejava como nunca desejei ninguém.

– Isso é seu fogo, Sra. Frankli. Vem! – puxei minha esposa para cima. Ela estava manhosa, entregue ao seu momento, porém não protestou e obedeceu aos meus comandos.

Com a mão em suas pernas, girei-a deixando-a de costas para mim. Levantei seu vestido até conseguir uma visão ampla da sua bunda perfeita. Ah, era impossível resistir àquela bunda, infelizmente eu precisava de tempo para acostumá-la com a ideia. Se bem que, no que diz respeito a Charlotte, tudo era imprevisível.

– Apoie-se no volante, amor. Incline o corpo sobre ele – eu estava ansioso demais, louco para me enterrar nela e receber o meu alívio.

Charlotte obedeceu e sua bunda empinou em minha direção. Sem perder tempo, segurei meu pau e o coloquei em sua entrada. Puxei minha esposa para trás e gemi alto sentindo-a molhada, fazendo-me escorregar em sua carne. Ela gemeu também.

– Agora rebole, meu bem – encostei-me no banco do carro e curtindo a visão dela rebolando, subindo e descendo em meu pau como ninguém era capaz de fazer. – Isso, amor! Assim mesmo – merda! Ela era incrível e eu estava doido para gozar.

Levei minhas mãos para a frente do seu corpo, com uma agarrei firme em um dos seus seios enquanto a outra acariciava seu clitóris. O prazer não podia ser apenas meu. Charlotte gemeu mais alto e aumentou a intensidade de suas reboladas fantásticas.

Ah! Eu podia passar a eternidade assistindo-a movimentar-se daquele jeito. Vendo meu sexo desaparecer naquele corpo alvo, sentindo a textura de sua carne me engolindo, apertando e depois me deixando. Joguei a cabeça para trás sem conseguir conter o gozo que já me tirava da realidade.

Gritei enterrando-me nela com força e encontrando o alívio. Minhas mãos não saíram dela, mantendo-a firme enquanto eu sentia o seu limite.

– Oh, Alex! – Charlotte gemeu manhosa. Puta que pariu! Ela precisava de mais. Abri os olhos e me inclinei para beijar suas costas.

– Você vai gozar, amor? – ela sinalizou que sim, com o rosto apoiando no volante do carro.

Puxei-a para mim deitando seu corpo sobre o meu. Ainda dentro dela acariciei seu seio, apertando-o com prazer e voltei a manipular fortemente o clitóris da minha esposa. Beije seu pescoço, enquanto Charlotte ia se desmanchando, rebolando em meus dedos e se entregando ao prazer. Então ela arqueou o corpo para frente, eu apertei seu clitóris entre dois dedos, mordi seu pescoço, apertei seu seio em minha mão e ela gozou. Radiante! Linda! Perfeita!

– Alex! – ela dizia sem parar se entregando ao nosso mundo, onde só existia o nosso amor e o nosso prazer.

– Charlotte! Você ainda vai me matar com esse seu fogo – beije seu pescoço com carinho enquanto ela ofegava em meus braços. Ela sorriu.

– A culpa é sua, professor. Tudo o que sei, aprendi com o senhor.

– E é uma ótima aluna. A melhor – ela riu e se virou para me beijar.

Segurei seu rosto suado, tirei os cabelos da frente e beije seus lábios perfeitos. Foi um beijo leve, cheio de amor, cumplicidade, carinho...

– Obrigada! – ela sorriu e me beijou novamente.

– Pelo quê?

– Pela noite de núpcias mais inusitada que uma garota poderia ter – ri saboreando o sorriso lindo que ela exibia.

– Certo. Foi uma delícia, mas estou aflito para ter você em nossa cama, então vamos para casa, Sra. Frankli, não vejo a hora de tirar este seu vestido.

– Eu gosto dele – ela riu e sentou em seu banco colocando o cinto de segurança. – Posso listar diversas fantasias com ele.

– Tenho certeza de que sim. Você entende de culinária? – liguei o carro, manobrando rapidamente para voltar à estrada.

– Um pouco, por quê?

– Com tanto fogo vou precisar mudar a minha alimentação ou então vou pegar uma fraqueza – ela estreitou os olhos e cruzou os braços na frente do peito.

– Mal iniciamos nossa vida sexual e o senhor já está reclamando, professor?

– Não estou reclamando – gargalhei. – Só constatando fatos. Além disso – coloquei o carro na estrada e acelerei – ... adoro a ideia de poder comer você quando bem entender.

Charlotte corou, abriu a boca, mas nada disse. Seguimos rumo à nossa casa. Eu ansioso por ela e ela quase incendiando por mim.

A vida era mesmo perfeita.

AGRADECIMENTOS

Cheguei na parte mais difícil.

Lembrar-me de todos aqueles que estiveram ao meu lado até que eu conseguisse fechar mais este livro é uma aventura à parte. Escrever nunca depende só do escritor. Existe um mundo de profissionais e incentivadores que se tornam 80% da construção da obra, desta forma, eu devo tudo o que sou a estes amigos.

Vou começar agradecendo as minhas Maritacas, as melhores amigas que uma escritora iniciante poderia encontrar. Desde a primeira letra, elas estiveram comigo, fizeram o coro mais alto e forte que puderam e me mantiveram forte na estrada. Com este livro não foi diferente. Obrigada, mais uma vez, por aceitarem a minha ausência, por entenderem o meu momento e por continuarem comigo até aqui. Amo vocês.

Sou eternamente grata a Mariza Miranda e Janaina Rico, não apenas pelo esforço profissional que é betar um livro meu, e eu não sei realmente o que seria se meus textos não tivessem um dedinho de vocês, mas também pela amizade verdadeira. Vocês escrevem, sofrem, sorriem e choram comigo durante todo o processo, e sem desistir em nenhum momento. Este livro é nosso.

À minha família. Eu jamais poderia pedir pessoas melhores em minha vida. Deus foi muito bom comigo ao me escalar para esta vida ao lado de almas tão incríveis. Obrigada por sempre entenderem os meus sonhos, mesmo quando este era o de ser atriz, ou jogadora de vôlei, ou até mesmo advogada. Vocês nunca me disseram que eu não podia e é só por isso que hoje estou aqui.

Aos meus filhos, crianças lindas que entendem a mamãe e sempre dizem “você não tem nada para escrever hoje não?”. Amo vocês!

A toda equipe Pandorga, especialmente Silvia Vasconcelos e Petunia. Pela paciência sem fim. Por aguentar todas as minhas inseguranças e “chatices”, mas principalmente por acreditarem em mim e apostarem neste sonho. O trabalho de vocês deixa o meu mais bonito. Obrigada!

E, como não podia faltar, e por ser a parte mais importante de toda esta jornada, a vocês, meus leitores fiéis, que me acompanham curtindo comigo cada pedacinho dos livros, e que sempre fazem a parte mais brilhante deste mundo mágico que é o literário: vocês dão corpo, alma e vida a cada personagem. Obrigada por cada página lida, cada suspiro, cada lágrima, cada risada e cada “quando sai o próximo?”.

Obrigada! Obrigada! Obrigada!

O Professor – Livro III

Charlotte não quis passar na casa dela, ou na casa em que vivia antes de casarmos. Segundo ela, seu corpo implorava por um banho. Eu bem podia imaginar do que aquele corpo delicioso precisava para implorar tanto.

No entanto, para minha completa surpresa, ela insistiu em tomar aquele banho sozinha. Cacete! Eu fiz aquela viagem imaginando muitas coisas que gostaria de fazer com a minha esposa e agradecendo pelo seu fogo sempre crescente e... merda! Eu adorava tomar banho com aquela mulher. Fizemos isso até antes de transarmos realmente, então era meio que um padrão, ou uma necessidade do meu corpo. Mas ela simplesmente me colocou para fora do banheiro e se trancou lá dentro.

Passei um bom tempo encarando a porta do meu banheiro. Quer dizer... do nosso banheiro. Era melhor começar a me acostumar com a ideia. Quanto antes eu entendesse que tudo ali dentro, a partir daquele dia, seria nosso, mais rápido Charlotte ficaria à vontade.

Desisti de aguardar por ela. No fundo, eu queria acreditar que minha esposa abriria a porta dando risada, dizendo que estava brincando, e nós dois tomaríamos aquele banho tão desejado. Isso não aconteceu e eu acabei tomando um banho sozinho no quarto de hóspedes.

Quando saí, Charlotte continuava trancada lá dentro. Não havia nenhum som. Fiquei um pouco constrangido por estar encostado à porta, afinal de contas, não era porque éramos casados que eu tinha o direito de invadir a sua privacidade, mas eu estava encucado. O que tanto ela fazia?

O jeito foi começar a ajeitar as coisas no *closet*. Era importante arrumar minhas roupas de forma a ceder espaço para as da minha esposa. Eu nem sabia se Charlotte era o tipo de mulher que colecionava sapatos e roupas, se precisava de muito espaço. Droga! Eu ainda tinha tanta coisa para conhecer daquela mulher.

Consegui liberar uma parte consideravelmente grande, empurrando minhas roupas de uma forma não muito organizada. Talvez se eu eliminasse a parede que separava os dois quartos e tomasse uma parte

do outro *closet*... Por que Charlotte ainda estava no banho?

Voltei para o quarto e fui até a porta do banheiro. Nada. Pensei um milhão de vezes em chamar. Sabe-se lá o que pode acontecer dentro de um banheiro. E o silêncio total só fazia minha nuca pinicar com um monte de pensamentos tenebrosos.

Bati de leve na porta. Nada. Resolvi ser mais incisivo batendo um pouco mais forte. Silêncio absoluto. Meu coração acelerou tirando todo o meu controle. Decidi que chamar por ela não seria algo tão inadequado, afinal de contas Charlotte estava lá há mais de uma hora. Pensando bem, quase duas horas. Estava tarde e nós nem tínhamos jantado.

– Charlotte! – tentei não parecer desesperado, mas a verdade era que eu estava, e muito. Que coisa mais estranha!

Ela não respondeu. Aproximei-me colando o ouvido na porta. Silêncio. Merda!

– Charlotte? Está tudo bem? – mais silêncio. Bom eu arrombaria a porta se fosse o caso. – Meu amor, eu estou ficando preocupado. Dá para você...

Sem querer, e na ânsia de encontrar uma resposta, meu braço esbarrou na maçaneta e a porta abriu. Que imbecil eu era. Por que não testei a porcaria da maçaneta? Fiquei ainda alguns segundos olhando sem saber se deveria ou não entrar e acabar de uma vez por todas com aquela angústia. No entanto a minha boa educação me impedia de avançar.

– Lottie? – chamei carinhosamente. – Posso entrar? – Ela não respondeu, então achei que era melhor encarar o problema de frente. Eu havia feito a minha parte. Se Charlotte não estivesse com problemas, teria me ouvido.

Entrei com o coração acelerado. O que poderia ter acontecido? O primeiro lugar que meus olhos buscaram foi o boxe. Como eu havia pensado, ela não estava lá. Claro, o chuveiro nem estava ligado. O vaso também, lógico! Então corri meus olhos pelo ambiente e enxerguei apenas sua mão caída para fora da banheira.

Um segundo pareceu uma eternidade. Foi o suficiente para que meu coração parasse e acelerasse um milhão de vezes. Muitas teorias foram traçadas e desenhadas. Todas as tragédias possíveis desfilaram em minha mente. Minhas pernas vacilaram, meu corpo tremeu e meus pulmões buscaram pelo ar.

Dei um passo inseguro em direção à banheira que estava cheia, mas com pouca espuma, somente a água esbranquiçada que cobria o corpo pequeno da minha esposa, revelando apenas uma parte do seu joelho. Charlotte estava deitada, a cabeça apoiada no descanso, os olhos fechados, cabelos molhados e penteados para trás, a boca semiaberta e os lábios roxos.

Puta que pariu!